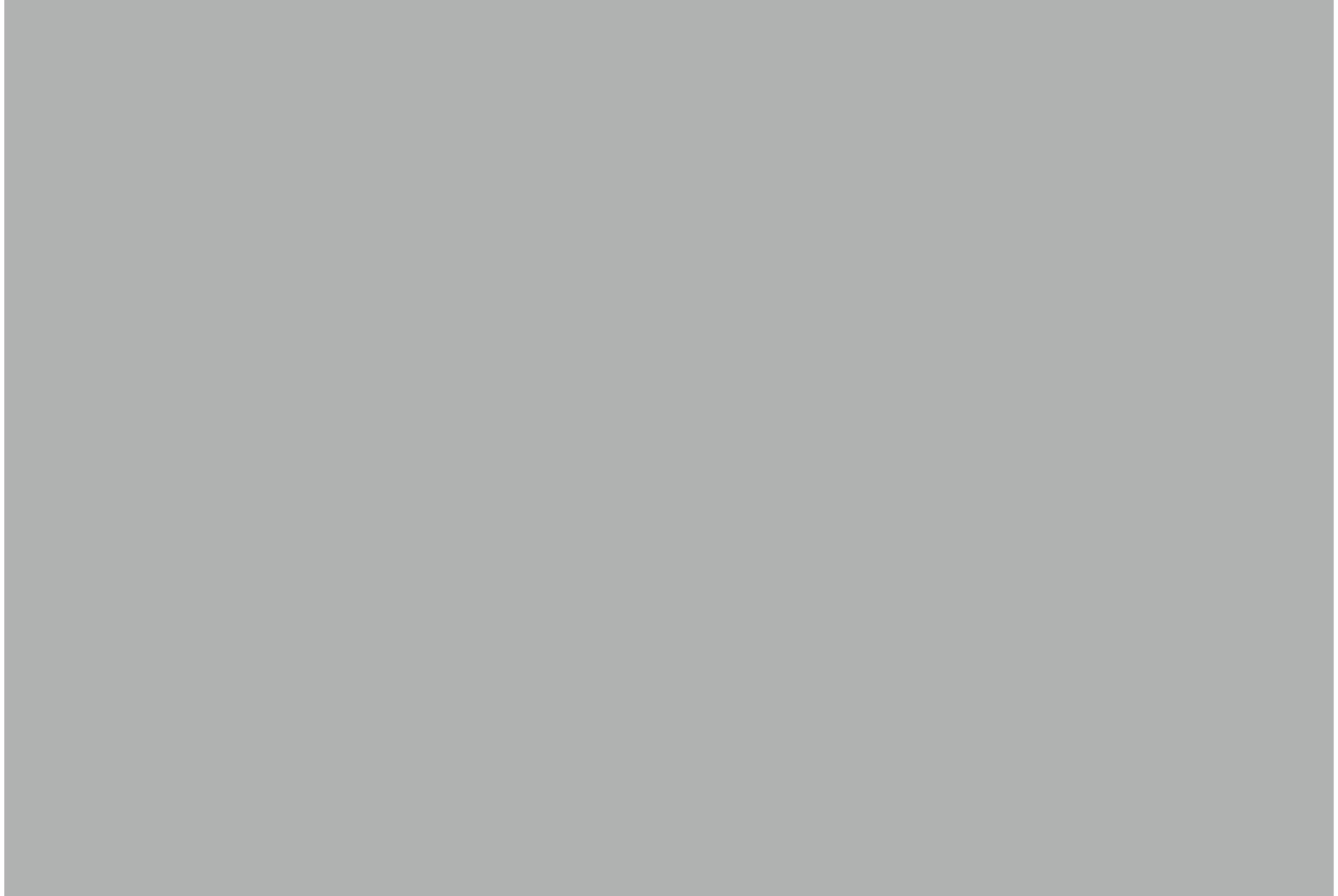




Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Catarina Encarnação Pereira

Comunidades dehonianas no Norte e Centro de Moçambique. Possibilidades turísticas





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Catarina Encarnação Pereira

**Comunidades dehonianas no Norte e Centro
de Moçambique. Possibilidades turísticas**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Património e Turismo Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Adérito Gomes Barbosa
e da
**Professora Doutora Ana Maria dos Santos
Bettencourt**

DECLARAÇÃO

Nome: Catarina Encarnação Pereira

Endereço eletrónico: catarinaper@sapo.pt Telefone:969992236

Número do Cartão do Cidadão: 13762370

Título dissertação: Comunidades dehonianas no Norte e Centro de Moçambique. Possibilidades turísticas.

Orientadores: Ana Maria dos Santos Bettencourt e Adérito Gomes Barbosa

Ano de conclusão: 2014

Designação do Mestrado: Património e Turismo Cultural

1. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 2014/01/31

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer aos meus orientadores, a Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt e ao Professor Doutor Adérito Gomes Barbosa, sem o qual esta ideia aventureira de partir para um país distante não se teria concretizado.

Ao Superior Provincial de Moçambique, padre Carlos Lobo, que me recebeu de braços abertos, abriu todas as portas das casas onde me acolheram e me levou nas viagens tão maçadoras e extenuantes que era necessário fazer. Para ele um grande bem-haja e ficará sempre na minha memória e no meu coração.

Em Nampula, às consagradas do Coração de Jesus, Martina Cecini, Helena e Gabriela, e ao resto da comunidade, agradeço que me tenham acolhido tão bem em vossa casa. Aos padres Ricardo Regonezzi e Elia Ciscato, pela paciência e hospitalidade. Ao Cecílio, que me acompanhou pelas ruas de Nampula. No Alto-Molocué, aos padres Onorio Matti, Carlos Nticua e Messias Alberto Lopes, pela hospitalidade amável, as minhas saudações. Em Quelimane, agradeço mais uma vez ao padre Carlos Lobo, mas também ao Francisco Bellini e Aldo Marchesini, o padre médico que me atendeu e medicou quando fiquei doente, agradeço por tão bom acolhimento. Em Milevane, aos padres Renato Comastri, Azevedo Saraiva, Augusto João Nicolau e Basílio António Uahica, pelo breve mas caloroso acolhimento. No Gurué, aos padres Marcos Paulo Lázaro, Claudino Afonso da Piedade e Ilário Verri, agradeço a disponibilidade e hospitalidade. Em Lichinga, ao bispo Elio Greselin pelo tempo que me concedeu e pela simpatia, e às irmãs teresianas, que me acolheram, as irmãs Maria José Ferreira, Tecla Ngueve, Carolina Natengo e Juliana Wandu, estão no meu coração por me receberem como em casa. Em Pemba, às irmãs salesianas Rosária e Amélia, por me terem acolhido na minha breve estadia aí.

Para todos os que deram o seu tempo e contributo às minhas entrevistas, entre religiosos, estudantes, professores, funcionários dos departamentos distritais e provinciais e outros funcionários, e os hóspedes das casas, o meu profundo agradecimento.

Aos padres dehonianos portugueses Luciano Vieira e Ricardo Freire, pela preciosa ajuda na preparação e orientação teórica sobre a congregação. Ao Miguel Silva, do Centro de Estudos Africanos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por todo o auxílio que me prestou no meu estudo inicial.

À família, pelo apoio emocional e financeiro a esta jornada de investigação. Ao meu segundo pai que foi o pilar deste empreendimento e sem ele esta jornada não teria sido possível.

RESUMO

Os dehonianos (nome porque são conhecidos os sacerdotes da Congregação do Coração de Jesus) instalaram-se no século passado entre os povos do norte e centro de Moçambique e ainda hoje subsistem, em missões abertas ao mundo, junto da população que guiam espiritualmente e ajudam comunitariamente. Mas os novos tempos trouxeram dificuldades financeiras, e os seus membros têm de encontrar formas de sustentar as suas atividades. O turismo pode ser a solução para as comunidades de Nampula, Alto-Molocué, Quelimane, Milevane e Gurué, nas províncias de Nampula e Zambézia.

O objetivo geral é concluir se existem possibilidades turísticas nas comunidades dehonianas presentes no centro e norte de Moçambique, através de uma análise SWOT.

Para a consecução deste trabalho deslocamo-nos a Moçambique, local onde entrevistámos sacerdotes, habitantes e autoridades locais e visitantes, durante três meses. Os dados das entrevistas foram completados com os resultantes da observação da autora.

Através de análises SWOT foi possível chegar à conclusão de que é viável desenvolver a atividade turística com base nas casas dehonianas, quer pelas atividades desenvolvidas em algumas delas, quer pelas potencialidades das regiões onde se inserem. Tal, no entanto, é uma solução que exige vontade e esforço financeiro por parte dos dehonianos e a atração do público-alvo adequado.

Palavras-chave: Comunidades do Sagrado Coração de Jesus - dehonianos, Moçambique, Turismo Cultural-Religioso, Possibilidades turísticas, análise SWOT

ABSTRACT

Dehonians (the other name for the Priests of the Sacred Heart) settled in the last century among the peoples of northern and central Mozambique and still remain, in missions open to the world, among the population that they spiritually guide and communally help. But changing times have brought financial difficulties, and its members must find ways to sustain their activity. Tourism can be the solution for the communities of Nampula, Alto-Molocué, Quelimane, Milevane and Gurué, in Nampula and Zambezia.

The overall objective is to establish whether there are possibilities for tourism in the dehonians communities in central and northern Mozambique, through a SWOT analysis.

To achieve this study, we traveled to Mozambique where we interviewed priests, residents, local authorities and visitors for three months. The interviews's data were supplemented with author's observation data.

Through SWOT analysis it was possible to conclude that it is conceivable to develop tourism based on dehonians homes, either by activities developed in some of them, either by the potential of the regions where they operate. This, however, is a solution that requires will and financial effort by the Priests of the Sacred Heart and the attraction of the appropriate target audience.

Keywords: Priests of the Sacred Heart – dehonians, Mozambique, Cultural-Religious Tourism, Tourist possibilities, SWOT analysis

ÍNDICE

ÍNDICE DE TABELAS	xiii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xiv
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	xvi
INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I – ESTADO DA ARTE	4
1. O fenómeno do turismo	4
1.1. Introdução.....	4
1.2. Emergência e evolução do turismo	10
1.3. O turismo como atividade sustentável	12
1.4. Os diferentes tipos de turismo	17
1.5. Empresas, organizações e instalações incluídas no turismo	23
2. O turismo em Moçambique	25
3. A congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus: breve historial.....	34
3.1. Dehon e os Dehonianos	34
3.2. Moçambique e os dehonianos.....	36
PARTE II – OBJETIVOS E METODOLOGIA.....	44
1. Objetivos.....	44
2. Metodologia.....	44
2.1. Trabalho inicial de gabinete	44
2.1.1. Paradigma metodológico.....	45
2.1.2. Técnicas e instrumentos de recolha e análise de dados.....	47
2.1.3. Preparação das entrevistas	49
2.1.4. Análise SWOT: algumas reflexões.....	50
2.2. Trabalho de campo	52

2.3. Trabalho avançado de gabinete	53
PARTE III – RESULTADOS.....	54
1. O universo dos entrevistados.....	54
1.1. Superiores das comunidades (S)	55
1.2. Habitantes locais (HL)	55
1.3. Visitantes – alojamento (VA)	60
1.4. Visitantes – turismo (VT).....	62
1.5. Comentário	65
2. As comunidades dehonianas de Moçambique	65
2.1. Comunidade dehoniana de Nampula	66
2.2. Comunidade dehoniana do Alto-Molocué	67
2.3. Comunidade dehoniana de Quelimane.....	68
2.4. Comunidade dehoniana de Milevane	70
2.5. Comunidade dehoniana do Gurué.....	72
3. Apresentação das categorias de análise: caracterização das casas dehonianas e da região onde se implantam.....	74
3.1. Caracterização das casas dehonianas.....	74
3.1.1. Identificação das casas	75
3.1.2. Possibilidade de reconversão turística das casas	76
3.1.3. Equipamentos das casas	78
3.1.4. Serviços de restauração.....	81
3.1.5. Outros serviços.....	83
3.1.6. Horários dos serviços.....	87
3.1.7. Preços do alojamento	88
3.1.8. Preços dos serviços	91
3.1.9. Tempo e motivação da estadia.....	92

3.1.10. Atividades turísticas internas	92
3.2. Caracterização da região estudada	95
3.2.1. Perfil económico-social da localidade	96
3.2.2. O desenvolvimento do sector turístico: estado da questão.....	99
3.2.3. Recetividade da população local aos turistas	104
3.2.4. Origem e motivações dos turistas.....	105
3.2.5. Tipologia do alojamento oferecido aos turistas ou outros visitantes	107
3.2.6. Restauração	110
3.2.7. Transportes	111
3.2.8. Serviços.....	116
3.2.9. Recursos turísticos.....	118
PARTE IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	134
1. Introdução	134
2. As casas dehonianas em Moçambique como potenciadores de turismo: análise SWOT.....	135
2.1. Comunidade dehoniana de Nampula	135
2.1.1. Comentários sobre a casa dehoniana de Nampula	139
2.2. Comunidade dehoniana do Alto-Molocué	140
2.2.1. Comentários sobre a casa dehoniana de Alto-Molocué.....	146
2.3. Comunidade dehoniana de Quelimane.....	146
2.3.1. Comentários sobre a casa dehoniana de Quelimane.....	150
2.4. Comunidade dehoniana de Milevane	152
2.4.1. Comentários sobre a casa dehoniana de Milevane.....	157
2.5. Comunidade dehoniana do Gurué.....	158
2.5.1. Comentários sobre a casa dehoniana do Gurué.....	164
2.6. Comentário final	164

3. As regiões de implantação das casas dehonianas em Moçambique e suas possibilidades turísticas: análise SWOT	166
3.1. Nampula, o distrito e a província	166
3.1.1. Comentários sobre Nampula, a cidade e a província	173
3.2. O distrito de Alto-Molocué	174
3.2.1. Comentários sobre o distrito de Alto-Molocué	178
3.3. Quelimane e a província da Zambézia.....	179
3.3.1. Comentários sobre Quelimane e a província da Zambézia	185
3.4. Localidade de Milevane	186
3.4.1. Comentários sobre a localidade de Milevane	189
3.5. Distrito do Gurué	189
3.5.1. Comentários sobre o distrito do Gurué	194
3.6. Comentário final.....	195
4. As possibilidades turísticas das casas dehonianas em Moçambique nos seus contextos geográficos e culturais	197
4.1. Análise SWOT final	202
5. Considerações finais.....	207
BIBLIOGRAFIA.....	208
Obras e artigos	208
Webgrafia	211
ANEXOS	214
Anexo 1	215
A. Inquérito por entrevista sobre as condições de alojamento e de serviços prestados nas Casas Dehonianas	215
B. Inquérito por entrevista sobre o interesse turístico da região	216
C. Inquérito por entrevista sobre o Grau de Satisfação do Visitante	219

D. Inquérito por entrevista sobre o Grau de Satisfação do Visitante (Turista e Excursionista) sobre a região.....	223
Anexo 2.....	228
Anexo 3.....	229

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Análise SWOT do Turismo Cultural de Moçambique	31
Tabela 2 - Género dos Habitantes locais.....	55
Tabela 3 - Profissão dos Habitantes locais.....	56
Tabela 4 - Idade dos Habitantes locais	57
Tabela 5 - Origem dos Habitantes locais	58
Tabela 6 - Residência e Local de Entrevista dos Habitantes locais.....	59
Tabela 7 - Género dos Visitantes - alojamento.....	60
Tabela 8 - Profissão dos Visitantes - alojamento.....	60
Tabela 9 - Motivo de Visita dos Visitantes - alojamento.....	61
Tabela 10 - Idade dos Visitantes - alojamento	61
Tabela 11 - Origem dos Visitantes - alojamento	62
Tabela 12 - Residência e Local de Entrevista dos Visitantes - alojamento.....	62
Tabela 13 - Género dos Visitantes - turismo.....	63
Tabela 14 - Profissão dos Visitantes - turismo.....	63
Tabela 15 - Motivo de Visita dos Visitantes - turismo	63
Tabela 16 - Idade dos Visitantes - turismo	64
Tabela 17 - Origem dos Visitantes - turismo.....	64
Tabela 18 - Residência e Local de Entrevista dos Visitantes - turismo.....	65
Tabela 19 - Análise SWOT da casa dehoniana de Nampula.....	138

Tabela 20 - Análise SWOT da casa dehoniana de Alto-Molocué	145
Tabela 21 - Análise SWOT da casa dehoniana de Quelimane	149
Tabela 22 - Análise SWOT da casa dehoniana de Milevane	156
Tabela 23 - Análise SWOT da casa dehoniana do Gurué	162
Tabela 24 - Análise SWOT ao distrito e província de Nampula	172
Tabela 25 - Análise SWOT ao distrito de Alto-Molocué	177
Tabela 26 - Análise SWOT do distrito de Quelimane e província da Zambézia	184
Tabela 27 - Análise SWOT da localidade de Milevane	188
Tabela 28 - Análise SWOT do distrito do Gurué	193
Tabela 29 - Análise SWOT das cinco casas e respetivos contextos regionais	202
Tabela 30 - Quadro sinóptico das entrevistas	229

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 - Mapa de Moçambique em África.	25
Fig. 2 - Áreas Prioritárias para Investimento em Turismo	29
Fig. 3 - Padre Dehon	34
Fig. 4 - Localização das casas dehonianas de Nampula e Zambézia.	43
Fig. 5 - Casa dehoniana de Napipine, Nampula	66
Fig. 6 - Casa de alojamento dehoniana do Alto-Molocué	67
Fig. 7 - Casa Provincial de Quelimane	69
Fig. 8 - Um dos edifícios principais do Seminário de Milevane	70
Fig. 9 - Antigo Noviciado do Gurué	72
Fig. 10 - Refeitório do Alto-Molocué	79
Fig. 11 - Sala de estar na casa de Alto-Molocué	80
Fig. 12 - Catedral de Nampula	118

Fig. 13 - Lago Vieira.....	119
Fig. 14 - Igreja da Nossa Senhora de Fátima, Alto-Molocué.....	124
Fig. 15 - Mercado Municipal, Alto-Molocué	125
Fig. 16 - Catedral antiga de Quelimane	126
Fig. 17 - Danças tradicionais no Festival de Zalala	127
Fig. 18 - Monte Namúli	129
Fig. 19 - Rio Licungo.....	130
Fig. 20 - Casa dehoniana de Nampula	135
Fig. 21 - Biblioteca universitária de Napipine e lugar do Rex	136
Fig. 22 - Igreja de Malua	140
Fig. 23 - Capela da casa de Alto-Molocué	141
Fig. 24 - Quarto duplo na casa do Alto-Molocué.....	141
Fig. 25 – No sentido dos ponteiros do relógio: biblioteca, retiro, escolinha e Centro Juvenil no Alto-Molocué.....	143
Fig. 26 - Igreja da Paróquia da Sagrada Família e uma das capelas da casa dehoniana de Quelimane.....	147
Fig. 27 - Quarto duplo na casa de Quelimane.....	147
Fig. 28 – Biblioteca do Centro Ponto de Encontro.....	148
Fig. 29 - Igreja da missão de Nauela	152
Fig. 30 - Capela maior e uma sala de reuniões em Milevane	152
Fig. 31 - Vista exterior da casa de Milevane	153
Fig. 32 - Quarto com casa de banho privativa em Milevane	154
Fig. 33 - Escola agrária das irmãs do Amor de Deus.....	155
Fig. 34 - Salão de reuniões no CPLD do Gurué	158
Fig. 35 - Recepção do CPLD do Gurué	159
Fig. 36 - Carpinteiro na oficina do CPLD do Gurué.....	161

Fig. 37 - Museu de Etnografia de Nampula.....	166
Fig. 38 - Paisagem natural dos arredores de Nampula.....	168
Fig. 39 - Feira no Alto-Molocué.....	175
Fig. 40 - Monte Rurupe.....	175
Fig. 41 - Escola colonial em Quelimane.....	179
Fig. 42 - Restaurante Bons Sinais em Quelimane.....	180
Fig. 43 - Paisagem de Milevane vista da casa dehoniana.....	187
Fig. 44 - Antiga fábrica e plantações de chá no Gurué.....	189
Fig. 45 - Paisagem verdejante em contraste com o vermelho da terra no Gurué.....	190
Fig. 46 - Casa dos Noivos (Gurué) em 2008 e 2013.....	191
Fig. 47 - Plano da casa de hospedagem do Alto-Molocué.....	228
Fig. 48 - Plano da casa de hospedagem do Gurué.....	229

SIGLAS E ABREVIATURAS

AC – Áreas de Conservação

ACT – Área de Conservação Transfronteira

APIT – Área Prioritária para Investimento em Turismo

CPLD – Centro Polivalente Leão Dehon

ECTWT – Ecumenical Coalition on Third World

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

HL – Habitante Local

OMT – Organização Mundial do Turismo

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PARPA – Plano de Ação do Governo para a Redução da Pobreza Absoluta

S – Superior da Casa

SaeR – Sociedade de Avaliação de Empresas e Risco

SWOT – Strengths (pontos fortes), Weaknesses (pontos fracos), Opportunities (oportunidades) and Threats (ameaças)

TEN – Third World Ecumenical European Network

UCM – Universidade Católica de Moçambique

UNAT – Union Nationale de Associations de Tourisme

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UP – Unidade de Produção

VA – Visitante – Alojamento

VT – Visitante – Turismo

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado no âmbito do mestrado em Património e Turismo Cultural, tendo como objetivo principal um tema na área de turismo cultural, nomeadamente o turismo religioso na sua perspetiva ampla onde se inclui o turismo solidário, embora em interação com o turismo de base natural.

Intitulamos este estudo de “Comunidades dehonianas no Norte e Centro de Moçambique. Possibilidades turísticas.”, por condensar e analisar as possibilidades turísticas que podem ser oferecidas pelas casas e pelas comunidades dehonianas localizadas nas províncias moçambicanas de Nampula (Norte) e Zambézia (Centro), naturalmente tendo em conta o meio natural e cultural em que se inserem.

Uma memorável estadia em voluntariado em algumas destas comunidades no decorrer do ano de 2008 motivou em muito o desejo de esboçar esta dissertação. A formação em património e turismo, ocorrida durante o curso de Mestrado em Património e Turismo Cultural, contribuiu, também, para o desejo de conhecer as possibilidades que o país oferece em termos do turismo cultural.

Moçambique é um jovem país da África subsariana rico em recursos patrimoniais e humanos. Porém, como em muitos países da mesma região, o seu aproveitamento turístico não está ainda suficientemente desenvolvido, e pretende-se que esta dissertação contribua para esse progresso.

Na primeira parte, intitulada “Estado da arte”, apresenta-se o quadro dos conhecimentos relativo ao tema em questão. Esta encontra-se dividida em três capítulos. O primeiro trata o turismo, através da apresentação de conceitos básicos. O segundo capítulo versa sobre o estado atual do turismo em Moçambique, seguindo principalmente os dados do governo moçambicano. O terceiro e último capítulo constitui uma breve apresentação dos dehonianos, o nome porque são comumente conhecidos os membros da congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, começando por uma breve biografia do fundador, Léon Dehon, passando pela evolução histórica global da congregação e culminando na história das missões dehonianas em Moçambique.

A segunda parte deste trabalho, designada “Objetivos e metodologia”, trata os objetivos principais e específicos, ou seja, como contribuir para o desenvolvimento do turismo cultural em Moçambique e se este pode ser desenvolvido com base nas infraestruturas e nas atividades das comunidades dehonianas do Centro e Norte do país. Segue-se a metodologia, no segundo

capítulo desta parte. Aqui explicam-se os passos dados nas três fases essenciais de trabalho. Numa primeira fase, de nome “Trabalho inicial de gabinete”, discute-se a consulta de bibliografia por forma a preparar o trabalho de campo, tanto na sua base teórica como nos instrumentos de recolha e de análise a utilizar. Na segunda fase, designada por “Trabalho de campo”, discorremos sobre a aplicação dos instrumentos de recolha elaborados na fase anterior, num período de três meses, em cinco localidades de duas províncias do Norte e Centro Norte de Moçambique (Nampula e Zambézia, respetivamente), correspondentes aos espaços de ação das comunidades dehonianas em foco neste trabalho. Na terceira fase, intitulada “Trabalho avançado de gabinete”, referimos como são tratados, analisados e interpretados os dados recolhidos no trabalho de campo, procedendo-se à escrita desta dissertação.

A terceira parte, de título “Resultados”, apresenta os resultados obtidos no decurso do trabalho de campo, após a transcrição das gravações e a categorização dos dados transcritos. Nesta parte, o primeiro capítulo, designado “O universo dos entrevistados”, retrata genericamente a principal fonte dos dados tratados no trabalho. O segundo capítulo apresenta “As comunidades dehonianas de Moçambique” de acordo com as entrevistas e os resultados da observação da autora e o terceiro, intitulado “Apresentação das categorias de análise: caracterização das casas dehonianas e da região onde se implantam” constitui um comentário à informação das entrevistas categorizada anteriormente.

A análise SWOT ocupa a quarta e última parte, de nome “Discussão dos resultados”, agregando em quatro categorias fundamentais – pontos fortes (Strengths), pontos fracos (Weaknesses), oportunidades (Opportunities) e ameaças (Threats) – as informações reunidas anteriormente, por casas e por regiões. Depois de um capítulo introdutório, a análise com base na metodologia SWOT encontra-se dividida entre um capítulo sobre as casas dehonianas que apelidamos de “As casas dehonianas em Moçambique como potenciadores de turismo: análise SWOT” e outro sobre as regiões em que se encontram as casas intitulado “As regiões de implantação das casas dehonianas em Moçambique e suas possibilidades turísticas: análise SWOT”. Em cada capítulo comentam-se as possibilidades turísticas de cada casa ou região analisada e do conjunto desses elementos. O quarto capítulo, “As possibilidades turística das casas dehonianas em Moçambique”, apresenta o comentário final em relação ao conjunto das casas e regiões em que estas se inserem. Terminamos esta dissertação com um quinto capítulo, “Considerações finais”, que inclui as principais considerações, as dificuldades da execução do projeto e uma perspetiva das questões a desenvolver de futuro.

PARTE I – ESTADO DA ARTE

1. O fenómeno do turismo

1.1. Introdução

A definição de **turismo** mais aceite globalmente é o da Organização Mundial do Turismo (OMT), decidida na Conferência Internacional das Estatísticas da Viagem e Turismo, ocorrida em Otava em 1991. Aqui, turismo define-se como um conjunto de:

“As atividades que uma pessoa efetua fora do seu ambiente habitual por menos de um período de tempo específico e tendo um propósito principal que não seja o exercício de uma atividade remunerada no local visitado.” (Pender, 2008:4, adaptado).

Neste contexto, surge toda uma série de questões sobre o que deve ou não ser incluído nas propriedades de turismo e aborda-se a necessidade de referir os impactos desta atividade no destino turístico na própria definição (Mason, 2009). Outros autores sugerem que depende da perspetiva, já que turismo pode ser visto do lado da procura e do lado da oferta (Pender, 2008). Neste caso, a oferta é comumente dividida em cinco fases, a saber: planeamento, viagem, destino, regresso e memória da experiência. Na fase do planeamento o turista escolhe o destino, o alojamento e o meio de transporte. É neste momento que as estratégias de venda do produto têm sucesso ou não. Esta fase é muito importante pois as expectativas criadas são tão significativas quanto o experienciar do produto turístico em si. Se forem demasiado altas, o que é normalmente causado por falsas *imagens* do destino, o turista ficará desiludido com a experiência. A fase da viagem é que tende a consumir uma parte significativa da despesa total, contribui para o grau de satisfação e para o divertimento do turista. Para alguns, a viagem é o objetivo, e as atrações são relegadas para segundo plano. O destino normalmente constitui o objetivo da experiência turística. É o momento em que se usufrui do produto turístico que o turista comprou. Assim, nos casos mais comuns, é aqui que o turista passa mais tempo, gasta mais dinheiro, realiza mais atividades, onde encontra mais estruturas da indústria turística e se dá a maior parte dos impactos. Nesta fase é importante suprir os desejos do turista e atingir as expectativas para aumentar as possibilidades de retorno e recomendação a outros turistas. A

quarta é a viagem de regresso, que difere da primeira viagem pelo estado de espírito do turista, que geralmente está cansado e apático pela perspectiva de voltar ao quotidiano. O seu estado pode ser agravado por uma má experiência e/ou expectativas goradas. A quinta e última fase é a memória da experiência turística quando o turista chega a casa. Para o turista representa o fim da experiência, mas é uma fase importante para o empresário, que espera receber mais visitantes graças ao retorno ou recomendação a outros turistas (Bennet, 1997b).

A Comissão de Estatística da ONU (1968, in Cunha, 2006) chegou a uma definição de **turista** para efeitos estatísticos, apontando como conceito básico de todo o sistema estatístico do turismo o termo *visitante*, do qual derivam os restantes. Visitante é “toda a pessoa que se desloca a um local situado fora do seu ambiente habitual durante um período inferior a doze meses consecutivos e cujo motivo principal da visita é outro que não seja o de exercer uma actividade remunerada no local visitado” (Cunha, 2006:24).

A partir daqui podemos dividir este conceito em duas situações diferentes: o turista e o excursionista. O turista é “todo o visitante que passa pelo menos uma noite num estabelecimento de alojamento coletivo ou num alojamento privado no local visitado”, enquanto o excursionista (ou visitante de dia) é “todo o visitante que não passa a noite no local visitado” (Cunha, 2006:25). Já a OMT define como turista “qualquer pessoa que passe, pelo menos, 24 horas fora da residência habitual ou pernoite noutra local, no próprio país ou no estrangeiro, num alojamento privado ou colectivo, por outros motivos que não o exercício de uma actividade remunerada permanente no destino visitado” (Barros, 2004:19).

A distinção entre turista e excursionista é importante na ótica do alojamento, mas não o é tanto quanto ao impacto do turismo em geral, já que o visitante, quer passe a noite ou não, empreende atividades com efeitos no destino enquanto dura a sua visita (Mason, 2009).

Exclui-se quem viaja para procurar emprego remunerado, e geralmente podemos dizer que a função económica do turista é a de movimentar rendimentos auferidos no seu local de residência para o destino turístico, e nunca o contrário (Bull, 1997).

Há ainda a distinção entre visitantes que se deslocam dentro e fora do país. O visitante doméstico é “toda a pessoa que viaja dentro do seu país de residência por um tempo inferior a um ano e cuja principal razão de visita não seja a procura de uma ocupação remunerada” (Bennet, 1997b: 5). Pode ser dividido entre turista doméstico e excursionista doméstico. O primeiro permanece no lugar visitado por pelo menos 24 horas usa instalações de acomodação e o segundo passa menos tempo e não usa essas instalações (Bennet, 1997b).

Já o visitante internacional é “toda a pessoa que visita um país que não o de sua residência por um tempo inferior a um ano e cuja principal razão de visita não seja a procura de uma ocupação remunerada nesse país que visita. Pode ser dividido entre turista internacional e excursionista internacional” (Bennet, 1997b: 4). O primeiro permanece no país visitado por pelo menos 24 horas e usa instalações de acomodação e o segundo por menos tempo e não usa essas instalações (Bennet, 1997b).

Os turistas não são iguais e vários autores identificaram as tipologias que os dividem. Tocquer (2004), no contexto de segmentação de *marketing* turístico, definiu alguns critérios mais comuns de segmentos: geográficos (mercados emissores consolidados e emergentes); demográficos (idade, género, dimensão da família, rendimentos familiares,...); psicográficos (traços da personalidade do consumidor e a sua natureza psicológica); o estilo de vida (os loucos pela natureza; os entusiastas da cultura; os viajantes prudentes; os amantes da descoberta e da variedade; os amantes da vida urbana; os viajantes organizados; os desportistas ativos); tipologia de turistas, que inclui cinco grandes mentalidades turísticas (os *globe-trotters*; os veraneantes; os sonhadores; os disciplinados; os caseiros); a atitude (a importância que os turistas dão ao produto); comportamento (hábitos dos consumidores e aos costumes e procedimentos que apresentam com regularidade no âmbito das viagens e do lazer).

Vaz (1999) aponta várias divisões segmentárias que partem das tipologias anteriores, como os segmentos de base demográfica pessoal (turismo infantil, juvenil, da terceira idade, *single*, romântico, familiar, saúde, para deficientes); segmentos de base demográfica sociocultural (turismo de estudos, cultural, religioso, de raízes); segmentos de base demográfica socioeconómica (turismo de eventos, de negócios – contactos - , comercial – compras - , de incentivo, social); segmentos de base comportamental (o turismo viário e o de época); segmentos de base psicográfica (o turismo surpresa, aventura, desportivo, gastronómico, ecológico, rural, praia e hidroviário).

Também de ordem psicológica, Cohen (in Mason, 2009) dividiu os turistas entre: turistas em massa organizados (viajam em grupos e optam pelos pacotes turísticos); turistas em massa individuais (usam as mesmas instalações e recursos do primeiro grupo, mas tomam decisões mais individuais); exploradores (organizam a sua própria viagem, preferem locais menos conhecidos e contactar com os locais, mas ainda assim utilizam as mesmas instalações que os turistas em massa); *drifter* (“que anda à deriva”, turistas que se diferenciam dos outros, ficam alojados juntos dos habitantes, mais tempo do que o normal e não se consideram turistas).

Por fim, pode-se delinear o processo motivacional dos turistas em sete componentes: identificação do turista; identificação das necessidades e desejos do turista; identificação dos benefícios do produto para o turista; identificação das atividades através das quais o turista obtém os benefícios procurados; identificação das localidades que podem oferecer os benefícios procurados; identificação dos períodos mais propícios para a viagem; identificação tanto do valor monetário (preço) como do valor percebido (o valor propriamente dito) e do tempo despendido (Vaz, 1999).

O **recurso turístico** pode ser simplisticamente definido como o elemento que gera atração turística, sendo ele de ordem natural, cultural, artística, histórica ou tecnológica (Cunha, 2006). O recurso em si não tem valor turístico, apenas quando integrado num produto turístico.

Segundo Vaz (1999: 56), o **produto turístico** “é um conjunto de benefícios que o consumidor busca em uma determinada localidade e que são usufruídos tendo como suporte estrutural um complexo de serviços oferecidos por diversas organizações”. Assim, o produto tem duas componentes gerais, que não se excluem, mas antes devem viver em articulação: o conjunto de atrações ou recursos turísticos procurados pelos consumidores e os serviços, equipamentos e infraestruturas que facilitam o acesso do turista aos recursos turísticos (Vaz, 1999).

O **destino** turístico é o lugar de eleição de visita ou permanência, “um lugar, em regra, predeterminado onde permanecerá até ao seu regresso e/ou vários lugares que vai percorrendo segundo um itinerário permanecendo neles um número variável de dias ou apenas algumas horas” (Cunha, 2006: 196).

O destino tem componentes básicas e essenciais: os recursos turísticos; infraestruturas (“conjunto de construções e equipamentos exigidos pelo desenvolvimento de actividades humanas dos residentes e visitantes no local bem como as que resultam das relações desse local com o exterior.”); equipamentos (“conjunto de facilidades necessárias para acomodar, manter e ocupar os tempos livres dos turistas”: alojamentos, restauração, animação, centros de congressos, etc.); acolhimento e cultura (“o espírito, as atitudes e os comportamentos existentes em relação aos visitantes bem como as manifestações culturais”); acessibilidades (“formadas pelos meios de transporte externos, incluindo os serviços e respetivas tarifas bem como a sua organização”) (Cunha, 2006: 198).

O destino pode ser um país, região ou cidade para onde os visitantes viajam como seu principal objetivo. Os visitantes podem visitar um único destino, ou partir numa viagem com múltiplos destinos. Podemos identificar ainda locais de trânsito ou escala, pontos que,

geralmente por razões de transporte ou conexão, são visitados, mas não como objetivo principal de viagem.

Em 1980, Butler (in Mason, 2009) construiu, com ideias de Christaller, Plog, Cohen e Doxey e alguma teoria de *marketing*, o modelo do ciclo de vida de um destino turístico. Esta é a teoria mais aceita no meio turístico, e consiste em 5 fases.

Inicialmente, o destino encontra-se numa fase que Butler apelidou de exploração, na qual o destino é visitado por poucos turistas, aventureiros, de um segmento muito específico. O espaço não possui ainda infraestruturas públicas e os visitantes são aliciados por uma atração natural. Segue-se o envolvimento, fase na qual são desenvolvidos serviços básicos através da interação limitada entre a comunidade local e a indústria turística em desenvolvimento. O aumento da publicidade induz um padrão delimitado de variação sazonal e começa a emergir um mercado definido. Depois vem o desenvolvimento, em que surgem novas infraestruturas turísticas e dá-se um incremento do esforço promocional e do controlo do turismo por agentes externos. Nas épocas altas, o número de turistas ultrapassa o da população local, aumentando o antagonismo destes em relação aos visitantes. Segue-se a consolidação, em que o turismo torna-se maioritário no contexto da economia local, mas a taxa de crescimento da atividade abranda. O espaço físico que a atividade tem na localidade ganha limites mais precisos e as infraestruturas mais antigas e mal conservadas são entendidas como de segundo nível. Além disso, realizam-se esforços locais para aumentar a época turística. Após esta fase, Butler prevê duas fases resultantes do desgaste do destino: estagnação e pós-estagnação. Na estagnação, a capacidade máxima turística e o número máximo de turistas são alcançados. O destino tem uma imagem bem estabelecida, mas já não está na moda. O *stock* de alojamento é gradualmente erodido e as taxas de rotatividade de propriedade são altas. A pós-estagnação traz, segundo Butler, cinco possibilidades para o destino, dependendo do sucesso e do esforço da gestão local. Nos extremos deste espectro temos o rejuvenescimento e o declínio do destino.

O próprio Butler (1980, in Mason, 2009) aponta as principais críticas do modelo, que vão das limitações conceptuais ao limitado uso prático do modelo.

O público-alvo de um destino é somente definido pelas características desse destino, desse produto. Mas não está limitado a essas características, já que a adição de uma nova atração turística significa a introdução de uma característica nova e a atração de um público diferente.

Se o público é definido pelo produto, a missão do *marketing* consiste na localização, identificação e conquista de clientes potenciais para o seu produto, ou seja, promoção do fluxo

turista-localidade. A iniciativa deve partir do poder público e da comunidade, os principais beneficiários deste fluxo. Os fatores a considerar neste caso são a localidade e a localização da organização dentro da mesma, tradição da organização, características diferenciadoras, preço, estrutura de atendimento (equipamentos, capacidade de visitantes e flexibilidade operacional) e posicionamento no mercado, entre outros. Um fator de atratividade turística distingue o destino dos outros e por isso é um elemento que influencia significativamente a decisão de um turista na escolha do destino e do roteiro. Para Vaz (1999) identificam-se entre eles componentes como construções ou equipamentos, personalidades famosas, factos históricos relevantes, objetos ou símbolos marcantes, núcleos típicos, música alusiva ou mesmo a posição destacada na região, no país ou mesmo ao nível internacional.

O alojamento é a opção de dormida para o viajante que se encontra fora do seu habitat natural. A comercialização dos produtos e pacotes turísticos deve assim equacionar essa opção. O alojamento pode ser apenas um local de passagem para descanso, uma demonstração de *status* ou ter sido escolhido por alguma razão mais específica, como um tratamento de saúde (spas e termas), algum festival gastronómico ou contactos comerciais.

A facilidade de acesso é um dos fatores que influenciam o sucesso no mercado turístico, determinando a maior ou menor competitividade. O acesso de qualidade compreende vias em boas condições de uso e meios de transporte adequados (Vaz, 1999).

A **comunidade local** é um elemento que funciona muitas vezes como um atrativo para a chegada de turistas e, para alguns turistas, pode ser o atrativo. Falar da comunidade local pode não ser correto, já que se trata normalmente de um conjunto heterogéneo, composto de pessoas que podem ser consideradas indígenas, de migrantes internos recentes e de imigrantes internacionais, de várias classes sociais, económicas e etárias, e de variadas crenças religiosas, etnias e valores políticos, sociais e culturais.

Swarbrooke (1999, in Mason, 2009) sugeriu que a comunidade local poderia ser dividida entre elites e o resto da população; indígenas residentes e imigrantes; os envolvidos diretamente no turismo e os que não têm esse tipo de envolvimento; os proprietários e os inquilinos; os mais novos e os mais velhos; empregadores, empregados e trabalhadores por conta própria; os que se deslocam em viatura própria e os que se deslocam nos transportes públicos; os residentes mais endinheirados e os menos endinheirados; as comunidades maioritárias e as minoritárias.

A heterogeneidade da comunidade nem sempre é reconhecida pelos turistas, que buscam uma imagem estática, homogénea e muitas vezes estereotipada da população local. A estadia

próxima da comunidade é uma das formas de dar a conhecer a diversidade e a riqueza cultural da comunidade. A aproximação à comunidade está ligada à visão mais sustentável do turismo (Mason, 2009).

1.2. Emergência e evolução do turismo

Na perspetiva ocidental, as viagens de carácter lúdico existem com pouca expressão até ao século XVIII. Até lá, apenas a elite tinha as possibilidades económicas e a disponibilidade para empreender viagens com frequência, enquanto as massas, presas às obrigações da terra, apenas podiam viajar em situações especiais, como as peregrinações, as guerras e viagens de comerciais, como no caso dos marinheiros ao serviço das armadas e das carreiras marítimas (Mason, 2009).

No século XVIII e XIX, o crescimento urbano e a industrialização introduzem horários de trabalho e salários, e um número crescente de trabalhadores tem mais tempo e dinheiro para as atividades de lazer (Mason, 2009).

No século XIX e inícios de XX, o aumento da procura e da oferta de experiências turísticas foi provocado por desenvolvimentos como o crescimento do nível de vida com o aumento da produtividade industrial associada à revolução industrial; a evolução das tecnologias de transporte (linhas ferroviárias e marítimas no século XIX e automóveis e aviões no século XX) que levaram a viagens mais baratas e acessíveis; a introdução de feriados nacionais e de dias de férias, já no final do século XIX; a mudança da perceção do ambiente, em que alguns locais deixaram de ser vistos como hostis para serem vistos como atraentes; e o aumento do desejo de viajar, ligado ao incremento da educação e das grandes viagens e à expansão das fronteiras da guerra e do comércio, que causou o crescimento do interesse pelas regiões estrangeiras e pelas oportunidades de negócio nesses locais (Mason, 2009).

Na segunda metade do século XX, estas evoluções aceleraram. Os salários subiam, tal como o tempo livre, graças à diminuição das horas de trabalho e ao aumento dos dias de férias. Maior capacidade económica significava mais proprietários de carros, e a rede viária também sofreu grandes melhoramentos. Isto traduz-se em maior facilidade de deslocação. As viagens aéreas tornaram-se mais confortáveis e acessíveis, e por isso, mais frequentes. Os transportes públicos sofreram evolução semelhante, permitindo o incremento de utilizadores.

E foi, precisamente, a partir dos anos 50 do século passado que o turismo se afirmou mais como indústria, e como indústria a relação entre oferta e procura baseia-se nas dinâmicas das percepções, expectativas, atitudes e valores dos consumidores, mudando constantemente, obedecendo a conceitos de estatuto e imagem (Mason, 2009).

Na década de 50, o movimento turístico fazia-se predominantemente entre e dentro de países desenvolvidos (Europa, América do Norte, Austrália e Nova Zelândia, e, mais tarde, o Japão, a Coreia do Sul, Taiwan, Singapura e Hong Kong). A partir dos anos 60, o movimento expandiu-se e aumentaram as viagens dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento. Mais tarde, assistiu-se à emergência da classe média em países menos desenvolvidos, o que levou ao acréscimo das ligações entre e dentro destes países, e também destes países para os mais desenvolvidos (Weaver, 2008).

Atualmente, o turismo é um dos setores económicos que maior crescimento sentiu nas últimas décadas. Segundo a Organização Mundial do Turismo (2013), as deslocações de turistas internacionais subiram de 677 milhões em 2000 para 949 milhões em 2010. Entre 2005 e 2012, estas subiram 3.6% anualmente, registando 4.8% de crescimento, entre 2010 e 2011, e 4.0%, entre 2011 e 2012. Podemos dizer que as crises económicas deste século aparentemente não afetaram a evolução do turismo mundial, prevendo-se que o crescimento anual das deslocações de turistas internacionais se mantenha nos 3.3%, atingindo 1.8 biliões de turistas em 2030 (World Tourism Organization, 2013).

Segundo a mesma organização, em 2012, 9% do Produto Interno Bruto mundial (impacto direto, indireto e induzido), 6% das exportações mundiais (cerca de 1.3 triliões de dólares, quase 960 biliões de euros) e igual percentagem das exportações nos países menos desenvolvidos devem-se ao turismo, setor que emprega uma em cada onze pessoas (World Tourism Organization, 2013).

A importância crescente do turismo na economia mundial e a sua permeabilidade às crises económico-financeiras são dois aspetos que fazem parte da visão do turismo como fator de desenvolvimento a nível mundial. O turismo, segundo a Organização Mundial do Turismo (1980, in Mihalič, 2007), pode ajudar a eliminar a distância crescente entre países e regiões desenvolvidos e em desenvolvimento e a assegurar a aceleração estável do desenvolvimento económico e social, em particular nos países em desenvolvimento.

A questão relativamente recente da sustentabilidade em turismo é um dos sinais de maturidade de um setor que sentiu necessidade de se transformar para sobreviver à sua ascensão apoteótica.

Para além do desgaste ambiental, social e cultural que o turismo enfrenta com o crescimento do setor, mas que é amenizado com a implementação de medidas sustentáveis, o turismo enfrenta outros desafios, como a elevação da competitividade à medida que novos destinos emergem, a entrada de novos consumidores no mercado, a complexificação dos desejos dos consumidores e, até, a ameaça do terrorismo.

1.3. O turismo como atividade sustentável

Um dos esquemas de sistema turístico mais simples e mais referido pela literatura da especialidade é o de Leiper (1990, in Pender, 2008). É constituído por três elementos básicos: os turistas; os elementos geográficos (locais de origem de turistas, destinos e o espaço da rota turística entre os dois) e a indústria do turismo. O sistema define-se pela interação e os impactos entre eles.

O turismo é muitas vezes visto como um agente para o desenvolvimento ou renascimento de regiões e países, principalmente por gerar emprego e injetar capital nos destinos.

Mas é preciso distinguir crescimento económico não planeado que pode levar a graves problemas ambientais, sociais e económicos e desenvolvimento económico-social sustentado e sustentável. Todos os intervenientes do sistema, os *key players*, influenciam o rumo tomado, e devem unir-se de forma a ultrapassar o objetivo primário do lucro (Telfer, 2008).

No destino, o turista contacta com o ambiente, a economia, a cultura e a sociedade locais, tendo a sua visita impacto nessas áreas, direta e indiretamente. Este impacto pode ser positivo e/ou negativo. Esses impactos são teoricamente delimitados entre socioculturais, económicos e ambientais, mas na prática a diferença é esbatida.

Mason (2009), adaptando o trabalho de Davison (1996) e Wall (1997), elenca as maiores influências nos impactos do turismo: as características do destino (litoral ou interior, desenvolvido ou em desenvolvimento, urbano ou rural); a escala do turismo (volume de turistas, entre outros); as características do turista; o impacto no ambiente, sociedade e economia das atividades em que o turista se envolve; as infraestruturas reservadas ao turismo (estradas,

sistema de esgoto, rede elétrica,...); a fase do ciclo de vida do destino; a época turística do destino (época do ano, condições climatéricas e ambientais nessa altura, ...).

Os impactos económicos são os mais estudados no turismo. Os governos dos vários países consideram mais os impactos positivos que os negativos e os países em desenvolvimento consideram o turismo o caminho mais adequado para o desenvolvimento. De facto, entre as consequências positivas podemos referir o contributo para o equilíbrio da balança financeira externa, para os rendimentos do Estado, para o desenvolvimento regional e a criação de empregos. Porém, os aspetos negativos são bem mais subvalorizados. Entre estes podemos enumerar a dependência do turismo, a inflação de preços e valores das propriedades, a apropriação de bens e poder capital na região por parte dos agentes externos e o aumento da despesa com infraestruturas, serviços e atrações turísticas (Bennet, 1997a; Mason, 2009).

Os impactos socioculturais referem-se àqueles que afetam não só os locais mas também os próprios visitantes. Quanto maior a diferença cultural entre visitante e visitado, maior o impacto. Os impactos negativos são os mais reconhecidos, sendo a aculturação o mais referido. Tendo em conta o caso de países em desenvolvimento, que são visitados por turistas de culturas frequentemente mais dominantes, os locais tendem a absorver a cultura do visitante, abandonando gradualmente os aspetos diferenciadores da sua cultura. Isto choca com a motivação do turista de experienciar o típico e o diferente, originando manifestações culturais falsas ou muito artificiais para serem vendidas aos turistas. Outros aspetos negativos dignos de nota são: o comportamento indevido do turista (que pode afetar as relações turista-local ou transformar os costumes e tradições dos segundos); o aumento do crime, do jogo e da prostituição (ou pelo menos, uma ligação mais estreita entre estes e o turismo); a inibição da modernização (quando o tradicional e o diferente são as atrações turísticas); a pressão na estrutura familiar pela mudança de poder de compra e encorajamento à migração; o congestionamento e competição entre turistas e habitantes pelos serviços locais; a perda de poder político por parte dos locais; a tensão racial entre comunidade e turistas; a uniformização através dos regulamentos para os trabalhadores turísticos e a atribuição dos empregos pior remunerados e menos especializados aos autóctones, enquanto elementos externos ficam com os melhores.

Ao mesmo tempo, podemos contar com impactos positivos como a criação de emprego, a regeneração de regiões pobres ou não industrializadas, o renascimento de artes locais e artesanais e de atividades culturais tradicionais, a revitalização da vida social e cultural da

população local, a renovação das tradições arquiteturais, a promoção da necessidade de conservação de áreas de grande beleza e valor cultural e estético e da evolução política e social de regimes mais autoritários a mais abertos. Nos países em desenvolvimento, em particular, o turismo pode promover maior mobilidade social graças às mudanças de empregabilidade da agricultura tradicional para os serviços, que pode resultar em salários mais altos e em melhores perspectivas de emprego (Bennet, 1997a; Mason, 2009).

O ambiente (tido como a junção do ambiente natural, da vida selvagem, do ambiente rural e do ambiente construído) é um dos maiores recursos do turismo, mas a relação entre os dois sempre foi complexa. Se há especialistas que a definem como simbiótica, com o turismo a contribuir para a defesa do ambiente, outros há que a assumem como desequilibrada e como uma das maiores causas de degradação do ambiente (Mason, 2009).

O turismo beneficia o ambiente quando estimula medidas de proteção, promove o estabelecimento de parques e reservas de conservação ambiental, a preservação de monumentos e conjuntos monumentais protegidos e paga, indiretamente, a manutenção de património edificado e natural (Mason, 2009).

Por outro lado, temos a probabilidade dos turistas deitarem lixo fora dos recipientes adequados, contribuírem para o congestionamento do tráfego e dos locais ou para a poluição e para a erosão, promoverem a construção indevida que afeta o equilíbrio da paisagem natural e humana autóctone e provocarem distúrbios e danos quer nos habitats da vida selvagem quer no património edificado (Bennet, 1997a; Mason, 2009).

Para colmatar os impactos negativos no ambiente, provocados pela indústria, surge, nos anos 80, a noção de desenvolvimento sustentável no contexto da preocupação pela exaustão dos recursos naturais, sendo o Relatório Brundtland¹ um marco nesse sentido. Nesse documento definiu-se desenvolvimento sustentável como “desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas necessidades”. (Weaver, 2008: 10) Um pouco mais tarde incluiu-se a preocupação pelas condições e relações com as comunidades locais, demonstrada na Agenda 21, um documento produzido na Cimeira da Terra de 1992 no Rio de Janeiro.

Não há um conceito único de desenvolvimento sustentável, tal como não há um conceito único de turismo sustentável. Assim, as soluções para a sustentabilidade variam também, desde a

¹ O nome com que ficou conhecido o relatório de 1987, intitulado “Our Common Future”, da Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento.

visão tecnológica à visão ecológica, e desde a preocupação menos radical com a conservação até à ideia de não permitir o turismo nos locais mais sensíveis. É preciso entender que cada destino tem a sua especificidade, e não há um só modelo de sustentabilidade aplicável a todos os casos. O turismo sustentável é também um turismo ético, em que os regulamentos são cumpridos e são assumidas as responsabilidades pelos impactos negativos da atividade, maximizando-se os protocolos que levam aos impactos positivos.

À medida que o tema se foi desenvolvendo, o conceito foi-se tornando mais total, englobando todas as dimensões, e não só a dimensão sociocultural e ambiental. Deste modo podemos dizer que o turismo sustentável deve, de forma ideal, cumprir certos requisitos: evitar o esgotamento dos recursos locais; promover a integração das suas estruturas físicas e não físicas com o meio local, físico, social, cultural e económico; atuar com o mínimo de manipulação no meio natural; estar mais focado na qualidade do produto do que no lucro imediato e nos aspetos qualitativos da experiência individual em vez dos quantitativos relacionados com o número de pessoas que teve acesso a um tipo de experiência; atribuir o poder à comunidade local, no sentido de ter voz na gestão e planeamento; ser gerido por uma mistura equilibrada de elementos do setor público e do setor privado mais bem-intencionados e informados (Mason, 2009; Weaver, 2008; Sharpley, 2008b; Goodwin e Pender, 2008).

Com vista a trazer mais benefícios para a comunidade local, torna-se necessário trazer a sua voz para a gestão turística. A falta de formação e educação adequada entre os membros de uma comunidade e a diversidade de visões e interesses afetam geralmente a eficácia e a velocidade do processo de planeamento. Ainda assim, pode-se dizer que não é coerente o planeamento sustentável sem o envolvimento da comunidade (Mason, 2009).

Segundo Mason, (2009) são vários os fatores que influenciam o envolvimento da comunidade local no planeamento e na gestão turísticas: a natureza do sistema político nacional e local; o grau de literacia, principalmente política, da população local; a natureza de uma questão turística em particular; a presença das questões turísticas na comunidade; a forma como o turismo é percebido pelos membros da comunidade; o historial do envolvimento (ou falta dele) em questões turísticas e as atitudes e comportamento dos *media* perante as mesmas.

Recentemente, as preocupações com o consumo dos recursos finitos deram origem a agências governamentais e a correntes de turismo amigas do ambiente, como o ecoturismo. Por outro lado, cresceu o desejo da parte do turista de conhecer as comunidades dos locais visitados, para além de contribuir para a economia local, procurando um turismo mais justo e equitativo que o

turismo convencional. As preocupações quanto à sustentabilidade do meio deram origem a códigos de conduta, com o objetivo de orientar as atitudes e o comportamento de quem reivindica essa preocupação. A criação desses códigos marcou os primeiros anos do turismo sustentável, em resposta ao apelo da Cimeira da Terra do Rio de Janeiro (1992) nesse sentido. Um estudo apresentado por Genot (1995, in Weaver, 2008) nesses anos iniciais esclareceu que estes códigos se orientam normalmente aos turistas, às comunidades locais ou à indústria turística. A criação de marcas ecológicas e a atribuição de prêmios de sustentabilidade promovem o cumprimento destas regras (Weaver, 2008).

O turismo sustentável observa essas vertentes, e a sustentabilidade é um objetivo presente na indústria turística atual. É principalmente uma exigência dos turistas, mas também dos governos e das comunidades locais, e uma mudança da política das organizações turísticas (Mason, 2009).

As agências governamentais são organismos públicos que representam geralmente os interesses da população no turismo, regulando a sua atividade. Segundo Mason (2009), o lucro não é o seu objetivo, nem dependem dele, já que sobrevivem das contribuições dos cidadãos ao estado. Assim, assumem-se como entidades imparciais e mais capazes de desenvolver um planeamento a longo prazo. Estas entidades desenvolvem também uma atividade de preservação das atrações naturais e humanas que, de outra forma, dificilmente seriam realizadas. Geralmente, estes organismos encontram-se limitados pela existência de poucos elementos regulamentadores do turismo na lei. Além disso, a sua ação aparenta ser maior nos países desenvolvidos do que nos países em desenvolvimento mas, nestes últimos, há alguns exemplos da ação determinante do governo na promoção do turismo, como o esforço do governo do Dubai em expandir a oferta turística como forma de limitar a dependência do petróleo e assegurar o desenvolvimento económico futuro (Mason, 2009).

Quanto à sustentabilidade podemos ainda acrescentar o papel fundamental dos grupos ecuménicos religiosos não apenas no apontar dos problemas do turismo de massas em países de terceiro mundo, como também, no desenvolvimento de soluções para os mais pobres. Esse esforço foi visível na International Workshop de 1980 em Manila, Filipinas, e levou à criação de organizações como a Ecumenical Coalition on Third World (ECTWT), que forjou redes entre *stakeholders* e criou projetos de raiz, e a Third World Ecumenical European Network (TEN), uma coligação de organizações de turismo alternativo (Weaver, 2008).

1.4. Os diferentes tipos de turismo

A presente dissertação de mestrado envolve várias tipologias do turismo, principalmente o que se designa por turismo cultural mas também o religioso, o solidário e o natural, pois estas poderão constituir fortes atrações para o desenvolvimento do turismo do Centro e Norte de Moçambique. Acrescenta-se, ainda, o turismo de negócios, que julgamos poder vir a ter alguma importância no contexto dos casos de estudo. Atendendo a estes motivos entendemos necessário dissertar sobre estas cinco tipologias em pormenor.

Turismo cultural tem sido definido como montra do que é único e especial em relação a um lugar numa forma que seja agradável aos residentes (Calwell, 1996).

Entende-se cultura aqui numa definição mais sociológica (práticas e estilos de vida) e mais etnológica (grupos étnicos e entidades coletivas), e menos clássica (Amirou, 2000, in Barros, 2004), e isso influenciou aquilo que as políticas de património e turismo focam. Assim, “a sensibilidade turística desloca-se cada vez mais para o interesse pelas culturas vernaculares, os modos de vida e as tradições locais” (Amirou, 2000, in Barros, 2004: 124). Desta forma, a proteção e atração patrimonial partiram da conservação dos monumentos históricos e culminaram na noção de património imaterial e sua preservação (Barros, 2004), pelo que o turismo arqueológico e patrimonial, a gastronomia e vinhos e o turismo religioso são encarados como subcategorias do turismo cultural.

As atrações patrimoniais em geral servem vários propósitos, podendo providenciar um conjunto de experiências de lazer agradáveis, um foco de identidade comunitária, fontes para educação e meios de geração económica. O interesse público em relação a estas atrações surge internacionalmente nos anos 60 do século XX associado ao interesse pelo passado; à consciencialização pública em relação à substituição do património antigo por novas infraestruturas; a consciência por parte das organizações privadas e públicas do valor e dos benefícios do património e ao desenvolvimento tecnológico que facilita a informação sobre o património (Drummond e Yeoman, 2001).

As atrações patrimoniais podem entreter, educar, ajudar a manter ou reintroduzir cultura e tradições, promover o orgulho de uma nação e conservar o ambiente, entre outros. As atrações podem fazer tudo isto coletivamente ou exclusivamente para uma variedade de segmentos de mercado e as oportunidades para o crescimento do turismo patrimonial são enormes. Onde este é rápido pode haver preocupações quanto à autenticidade e exploração do património mas, onde

a qualidade é a maior consideração no desenvolvimento e operação das atrações, há um maior cuidado com esses elementos (Drummond e Yeoman, 2001).

Silva (2011: 50) classifica o **turismo religioso** como “um fenómeno que concilia religião e a atividade turística, não se verificando diferenças na utilização do termo para as deslocações motivadas unicamente por motivos religiosos e aquelas que o não são em exclusivo.” Jackowski (2000, in Silva, 2011) refere que a origem do turismo religioso está na evolução da peregrinação e na mistura entre religiosos e seculares na procura de locais de peregrinação, provocada pela melhoria dos transportes e aumento das viagens organizadas.

Silva (2011) aborda as diferenças entre as definições de vários autores, que coincidem num ponto fundamental: a motivação religiosa, única ou não, é que define a deslocação turística como religiosa. Para autores como Vukonić (1996, in Silva, 2011), o turismo religioso e a peregrinação são separados pelo facto do primeiro ter mais do que uma motivação, enquanto o segundo não. Jackowski (2000, in Silva, 2011) enfatiza a ideia de que para ser considerada como turismo religioso, uma viagem deverá ter como objetivo principal a religiosidade ou a espiritualidade e ter como destino principal um local sagrado.

Outro ponto, evocado por Ostrowski (2000, in Silva, 2011), é de que o turismo religioso, apesar de conter motivações de índole religiosa, está associado aos conceitos de férias e de lazer. Aliás, segundo Rinshede (1999, in Silva, 2011), o turismo religioso apresenta as mesmas características em relação a outros tipos de turismo, diferenciando-se na motivação, o qual deverá ter por base a religiosidade. De destacar, ainda, a ligação deste tipo de turismo ao turismo cultural quando as deslocações se fazem a lugares religiosos, mas encontram-se integradas noutros tipos de turismo. É neste sentido que autores como Talec (1993, in Silva, 2011) e organizações como Officce de Nouvelles Internacionelles chamam a atenção para o facto de que na busca dos locais sagrados pode estar tanto a motivação espiritual e religiosa como a motivação cultural patrimonial.

Vukonić (1996, in Silva, 2011) considera, ainda, que o conceito de turismo religioso engloba as várias atividades turísticas que apresentam características religiosas, sejam peregrinações ou visitas a lugares religiosos. Cunha (1997, in Silva, 2011) divide estas manifestações turístico-religiosas entre o turismo pontual e disperso, associado a festas e romarias, e as correntes turísticas direcionadas para a peregrinação a lugares santos.

Com o aumento da oferta ligada aos locais religiosos e a crescente difusão da informação, emergem novos segmentos da procura rumo a novas fronteiras da espiritualidade, onde,

segundo Solla *et al.* (2008, in Silva, 2011), sobressai a *experiência* espiritual como resultado do desejo de novas sensações.

Por fim, pode-se apontar como é difícil definir o grau de motivação espiritual e religiosa no turismo religioso. Ainda assim, muitos produtos religiosos, como os caminhos de Santiago e os santuários de Fátima e de Santiago de Compostela, são produtos turísticos em crescimento, independentemente da motivação individual da viagem, e importantes como fatores de “desenvolvimento regional, promovendo a indústria turística e proporcionando um conjunto de oportunidades aos atores locais e regionais.” (Solla *et al.*, in Silva, 2011: 52)

Nas últimas décadas este turismo espiritual tem sido expandido numa gama de produtos e pacotes turísticos que envolvem espaços ideais para retiros e vigílias, alguns de luxo, outros nem tanto, privilegiando a concentração espiritual. No outro espectro está a transformação dos lugares religiosos em atrações vulgares, com a venda de acessórios e *tours*, concluindo-se ser necessário formar guias especializados e atender adequadamente os peregrinos (Ruschmann, 1997).

O conceito tradicional de **turismo de voluntariado ou de solidário** é marcado por um “certo paternalismo, característico da ajuda Norte-Sul”. Este define

“solidariedade do ponto de vista do viajante internacional que procura participar no desenvolvimento das comunidades que visita, seja através da colaboração direta em acções de desenvolvimento, seja através da canalização de uma parte do preço da viagem para o financiamento de um projeto.” (Marques, 2009: 85)

Aqui apresenta-se outra definição, difundida pela UNAT (Union Nationale de Associations de Tourisme):

“O turismo solidário agrupa todas as formas de turismo alternativo que colocam no centro da viagem o homem e o encontro e que se inscrevem numa lógica de desenvolvimento dos territórios. Os fundamentos deste tipo de turismo são: o envolvimento das populações locais nas diferentes fases do projecto turístico; o respeito pelas pessoas, pelas culturas e pela natureza; e uma distribuição mais justa dos recursos gerados.” (UNAT, 2002, in Marques, 2009: 85).

Um caso de estudo de turismo solidário é o apresentado por Nora Rizzo (2009) e realizado na Escola de Artes e Ofícios de Diogo Vaz, em São Tomé. Aqui, o turismo solidário define-se como:

“uma modalidade sem fins lucrativos em que o visitante se integra nas actividades quotidianas da Escola e combina o ócio criativo com as acções solidárias que podem ou não incorporar formação sistematizada, dependendo de alguns factores como as características do visitante, a língua, a idade, o tempo de permanência na Escola. Assim o visitante contribui com o seu esforço, as suas ideias e os seus conhecimentos, melhorando as condições de vida dos intervenientes neste processo. Esta participação

activa na Escola e na comunidade promove a solidariedade entre os alunos e os visitantes e favorece o seu intercâmbio cultural.” (Rizzo, 2009: 336 e 337).

O turismo de voluntariado abrange um conjunto diversificado de experiências e cenários que envolvem turistas que não recebem compensação financeira enquanto desempenham várias formas de trabalho organizado de cariz social e/ou ambiental no destino (Wearing, 2001, in Weaver, 2008). É explicitamente associado com o aumento da importância da sustentabilidade, não só da perspectiva do destino mas também quanto ao desenvolvimento pessoal do turista participante. Outra característica distintiva é a associação do turismo de voluntariado a instituições como as Organizações Não Governamentais (ONGs) sem fins lucrativos, com objetivos de carácter ambiental, religioso e social baseados nas necessidades das principais regiões onde operam.

Os benefícios do turismo convencional são normalmente quantificados quanto às receitas turísticas diretas que poderão levar ao desenvolvimento económico e social de um destino. Já o turismo de voluntariado define-se por uma ligação mais direta entre atividade turística (neste caso, trabalho voluntário) e benefícios tangíveis para a comunidade local (exemplo de melhoramento de habitações, da educação e dos cuidados médicos) ou para o ambiente (Weaver, 2008).

McGehee (2002 in Weaver, 2008) cita provas de uma amostra de voluntários do Earthwatch Institute envolvidos no estabelecimento de cinco áreas protegidas em todo o mundo. Segundo o autor, estes voluntários, ao participarem em atividades de proteção ambiental, estimularam a sua vontade de envolvimento social e ambiental e reforçaram as reivindicações por parte desta organização que fomenta o espírito de cidadania global entre os participantes.

Neste tipo de turismo há que salientar a existência de interesses egoístas por parte dos turistas que podem melindrar a atividade voluntária (como o desejo de aventura ou de melhoramento do currículo) ou até mesmo interesses e parcialidades velados por parte das organizações que organizam os projetos de voluntariado (Weaver, 2008). Existe ainda o problema relacionado com a noção de que as várias formas de turismo alternativo nos países de terceiro mundo podem ser mais uma expressão de elitismo eurocentrista ou ocidentalista ao poderem implicar imposições aos residentes locais de práticas contrárias à sua cultura e mentalidade (Weaver, 2008).

O **turismo de base natural** é uma das áreas de pesquisa em turismo mais significativas atualmente e inclui turismo em ambientes naturais (como o turismo de aventura), turismo que foca elementos específicos do ambiente natural (exemplo do safari, do turismo da vida selvagem,

turismo da natureza e turismo marinho), e o turismo desenvolvido para proteger e conservar áreas naturais (como o ecoturismo e o realizado em parques naturais) (Hall e Boyd, 2005).

O ambiente natural e o turismo são indissociáveis. Na última década do século XX, o ambiente era cada vez mais visto como o recurso chave do turismo. Assim, assegurar que o ambiente não é sobreexplorado, não sofre danos irreversíveis ou não se torna excessivamente poluído por causa do turismo constituirão algumas das maiores tarefas para planeadores e gestores de turismo no século XXI (Mason, 2009).

A consciência dos impactos ambientais negativos das ações da indústria do turismo e do turista sobre o meio levaram a várias mudanças no turismo. Uma delas é a adoção de regras e comportamentos mais adequados por parte dos dois elementos. Outra é o crescimento da busca pelo contacto responsável com a natureza. O turismo com esses objetivos é designado genericamente de ecoturismo.

Esta forma de turismo surgiu há relativamente pouco tempo, podendo ser datada nos finais de 1980, inícios da década seguinte, em que se deu a Cimeira da Terra do Rio de Janeiro (1992), que manifestamente apelava à sustentabilidade, incluindo no turismo. Ganhou importância rapidamente no meio do chamado turismo alternativo. É um turismo sustentável, na medida em que aposta no reduzido impacto sobre os recursos naturais do destino e contribui para a conservação das áreas naturais e para a manutenção dos modos de vida tradicional (Mason, 2009).

Segue-se uma súpula das principais vantagens do ecoturismo em relação aos outros tipos de turismo: cria mais empregos localmente; estimula a criação de mais *indústrias* domésticas, na área do alojamento, restauração, transportes, artesanato e serviços de guia; introduz mais capital na economia local; diversifica a economia local; promove a intervenção determinante da comunidade local no sistema turístico; privilegia o planeamento e a delimitação da ação turística, assegurando a sustentabilidade dos recursos; estimula o desenvolvimento das infraestruturas locais; promove a construção de espaços recreativos que podem ser usados tanto pelos locais como pelos visitantes; promove e investe na preservação dos espaços naturais e histórico-arqueológicos; gere e monitoriza os impactos negativos do turismo praticado, introduzindo fórmulas para contrabalançar com aspetos positivos.

A relativa falta de demarcação do conceito e a atratividade da *marca* ecoturismo leva ao seu uso indevido por parte de muitas entidades turísticas. Este é um dos maiores problemas que

acompanha o fenómeno. Além disso, os impactos negativos só são reduzidos mas nunca eliminados (Mason, 2009).

O **turismo de negócios** é um conceito pouco consensual, já que há autores (Barreto, 1999, in Almeida, 2011) que defendem que o turismo não deve incluir atividades lucrativas por parte do turista. Outros autores (Lage e Milone, 2000, in Almeida, 2011) defendem que basta que serviços como alojamento, restauração e entretenimento sejam usados para que se considere que o viajante é um turista. E é esse o foco que faz Andrade (2000, in Almeida, 2011) afirmar que o turismo de negócios compreende

“o conjunto de atividades de viagens, de hospedagem, de alimentação e de lazer praticado por quem viaja a negócios referentes aos diversos setores da atividade comercial ou industrial ou para conhecer mercados, estabelecer contactos, firmar convénios, treinar novas tecnologias, vender ou comprar bens e serviços”. (Almeida, 2011:65 e 66).

Já a Sociedade de Avaliação de Empresas e Risco (SaeR) (Confederação do Turismo Português, 2005, in Almeida, 2011) considera que abrange visitantes que se deslocam por razões profissionais ou motivo de negócios (numa permanência inferior a um ano), não exercendo qualquer atividade remunerada no local visitado e podendo compreender as atividades de *incentive travel* (visitas de familiarização, viagens de incentivo/prémio pagas parcial ou totalmente pelo empregador para compensação /prémio do nível de desempenho dos colaboradores), congressos e conferências, feiras e exposições para profissionais e negócios (em que negócios se deverá entender viagens de executivos/*executive travel*). Marques (s.d., in Almeida, 2011) inclui nesta tipologia de turismo todas as deslocações com o fim de trocar informações ou falar de negócios, sejam comerciais ou não (Almeida, 2011).

Podemos dizer que é um turismo relacionado com negócios, desenvolvido sobretudo em grandes cidades que o promovem e não se trata de um turismo de massas, apesar de estar em desenvolvimento. Em 2012, 14% das entradas turísticas mundiais tiveram motivos de negócios e profissionais (World Tourism Organization, 2013).

Entre as vantagens deste tipo de turismo está a

”sua contribuição para gerar emprego e receitas numa região; a criação de investimento na infraestrutura turística/recreativa; a criação de relações entre empresas; o favorecimento do interesse nacional na cooperação internacional; o apoio à formação e as oportunidades de educação; a facilitação do intercâmbio de novas ideias e tecnologia; o estabelecimento de contactos valiosos em termos científicos, negociais profissionais; e a promoção do país ou região para o turismo de lazer.” (Dwyer e Forsyth 1997, in Almeida, 2011:67 e 68).

1.5. Empresas, organizações e instalações incluídas no turismo

Leiper (1979, in Pender, 2008: 7) define a indústria do turismo como o conjunto de “todas as empresas, organizações e instalações que servem as necessidades e desejos específicos dos turistas”. Neste sentido, Henderson (1994, in Pender, 2008) sublinha que esta indústria inclui uma grande rede de organizações não só comerciais como não-comerciais ligadas pelo objetivo comum de servir as necessidades dos viajantes e turistas.

Apesar deste consenso quanto à definição de indústria turística, há menos acordo entre os especialistas em relação a que empresas, organizações e instalações estão incluídas no turismo.

O turismo é um fenómeno complexo. É multisectorial, incluindo diferentes vertentes industriais. Entre eles contam-se os setores do alojamento (que pode ser alargado e incluir a restauração), transporte, operadores de viagem, atrações (parques, museus, centros históricos, etc.) e organizações não-comerciais que monitorizam e apoiam o turismo. (Adaptado de Lavery, 1987, e de Middleton, 1994, in Mason, 2009). É multifacetado, já que ultrapassa os setores convencionais, requerendo contributos de natureza económica, social, cultural e ambiental. Falta-lhe uma estrutura comum representativa da indústria em cada país pelo que é difícil avaliar o impacto desta indústria com uma estrutura amorfa.

O turismo inclui setores que podem ser vistos como indústrias independentes, como o setor do transporte, ou mesmo o da aviação, ou do alojamento. Tem limites difíceis de traçar. É uma atividade coletiva que pode ser vista como uma indústria ou não e que consiste em vários subsectores que podem ser considerados indústrias por si só e que podem operar fora do turismo. O turismo consiste em atividades tanto sociais como económicas.

A visão sobre o turismo também depende da disciplina: a economia vê-o como indústria enquanto o *marketing* vê-o como serviço.

Em relação a esta dissertação, há dois subsectores que interessa esmiuçar. Trata-se do setor do alojamento e o dos recursos humanos.

O **alojamento** é um dos mais importantes subsectores do turismo, já que todos os turistas precisam de passar pelo menos uma noite num alojamento que não constitui a sua morada principal. Em todos os locais visitados por turistas há acomodações ao dispor dos turistas numa base comercial, para além da oferta particular *gratuita* constituída por segundas residências, *time sharing* e residências de amigos e família. Sobre este assunto, Sharpley (2008a) destaca três pontos importantes. O primeiro é que este é um subsector extremamente diverso e

fragmentado. Desde os hotéis (a face mais reconhecível) aos parques de campismo, passando também pelo alojamento em movimento, como alguns comboios e cruzeiros, cada um destes tipos de alojamento tem características e desafios próprios. O segundo ponto consiste no reconhecimento de que este é um subsetor da indústria da hospitalidade, a par da restauração. Em muitos casos, os dois estão unidos num só serviço, já que o hotel pode ser o local onde o turista faz as refeições. O terceiro e último ponto defende que o alojamento não é só parte do produto turístico, mas também da experiência turística. No geral, a qualidade e as características do alojamento representam um acréscimo à experiência. Em alguns casos, o alojamento é a experiência turística, como é o caso dos *resorts*.

A gestão hoteleira concentra-se na qualidade do serviço pelo aumento da importância do fator *qualidade* no seio da indústria turística, pelo seu destaque na experiência turística e pela possibilidade de controlo por parte da administração hoteleira face a tantos outros fatores de natureza externa.

Segundo Timothy e Teye (2009), o alojamento religioso tem uma longa tradição no contexto das peregrinações, uma das modalidades de viagem de longa distância mais antigas na existência humana, presentes desde as primeiras peregrinações budistas e hinduístas. A viagem não é feita por prazer, mas pelo esforço e sacrifício que representam a submissão às divindades ou divindade por parte do peregrino e o caminho para a absolvição dos seus pecados. Ao longo das rotas, e ao longo dos séculos, foram surgindo hospedarias, casas de repouso e outro tipo de alojamentos que recebiam os peregrinos gratuitamente em acomodações espartanas mas que supriam as necessidades básicas dos viajantes. Atualmente, peregrinos e viajantes sem intenções religiosas podem usar estas acomodações, que cobram uma taxa reduzida para o último grupo. A ligação entre alojamento e religião expandiu-se do mero apoio a rotas de peregrinação para o espectro dos retiros espirituais. Estes espaços oferecem as condições ideais para a focalização espiritual do visitante, com a beleza natural do lugar, meditação, conhecimentos nativos e exercícios religiosos.

Segundo um conjunto de autores (Mason, 2009; Pender, 2008; Baum e Kokkranikal, 2008) **os recursos humanos** são um dos componentes mais importantes de qualquer setor industrial. São um fator decisivo para o sucesso de um empreendimento turístico, explicando-se assim a aposta na formação e capacitação dos funcionários. Ao mesmo tempo, nesta indústria, tal como nas outras, cresce o número de soluções automatizadas, de forma a evitar os erros humanos. O serviço de qualidade, e o suporte humano que tal serviço necessita, podem ser vistos como uma

oportunidade competitiva e uma questão estratégica. Simultaneamente, a indústria turística é conhecida pelas atitudes ambíguas no investimento em capital humano, nas práticas inflexíveis de empregabilidade e na forma insustentável como lida com o desenvolvimento dos recursos humanos. A gestão desta área destaca-se pela falta de planeamento a longo prazo, as repercussões ultrapassam o domínio operacional das empresas e tem impactos claros na eficácia das estratégias financeiras e de *marketing*.

2. O turismo em Moçambique

Moçambique (Fig. 1) é um país do sudeste africano limitado nas suas fronteiras pelo oceano Índico, pela Tanzânia, Malawi, Zimbabué, África do Sul e Suazilândia. Tem uma área estimada em 799 380 km², o 35º país do mundo em dimensão, e uma linha de costa de 2 470 quilómetros. O país



Fig. 1 - Mapa de Moçambique em África.

Fonte:

http://www.mozambiqueembassy.ch/?Sobre_Mo%26%23231%3Bambique

Escala indeterminada.

pode ser dividido administrativamente em dez províncias (Cabo Delgado, Niassa, Nampula, Zambézia, Tete, Sofala, Manica, Inhambane, Gaza e Maputo) e 144 distritos. A população estima-se em 24 milhões de habitantes, de maioria negra e em que apenas 28% é católica, extremamente jovem (45,5% da população tem menos de 14 anos) e com uma das mais baixas esperanças médias de vida (52 anos, mais baixa que em 212 países mundiais). Economicamente falando, o produto interno bruto nacional *per capita* é dos mais baixos em todo o mundo (1200 dólares, 210º lugar entre os países mundiais), estimando-se que 52% da população esteja abaixo do limiar de pobreza (Central Intelligence Agency, 2013).

A pesquisa em relação ao turismo em Moçambique revelou existir uma lacuna na bibliografia convencional, pelo que houve necessidade de recorrer a webgrafia. A documentação não foi escolhida ao acaso, tendo havido cuidado com a origem da informação. Assim, os documentos encontrados tiveram origem em Universidades (nacionais, moçambicanas, suecas, brasileiras, sul-africanas), órgãos estatais e associações oficiais de Turismo de Moçambique, e outras organizações com atividade em Moçambique, como ONGs.

A maior parte dos textos encontrados referem-se a casos específicos, apenas alguns falam da totalidade da condição turística do país. Neste âmbito, destacam-se os planos estratégicos governamentais, essencialmente o “Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Moçambique” (2004-2013). Pode estar um pouco desatualizado, mas traça as tendências gerais do turismo no país e os principais objetivos de desenvolvimento no setor. O sumo das informações deste plano, com a vantagem de em parte serem atualizadas, pode ser lido num documento produzido no âmbito da “VII Reunião de Economistas da CPLP” (9 a 11 de abril de 2008), sob o nome de “Turismo em Moçambique e os desafios da Integração SADC”, da autoria do Ministro do Turismo à época, Fernando Sumbana. Por fim, o “Plano Quinquenal do Governo para 2010-2014”, criado pelo governo no ano 2010 e aprovado no mesmo ano pela Assembleia da República de Moçambique, confirma a persistência do mesmo caminho estratégico.

Antes de apresentar os dados que estes textos nos fornecem referimos os números atuais da OMT (World Tourism Organization, 2013): em 2002, registou-se a entrada de 33.8 milhões de turistas internacionais na África Subsariana, o que representa uma subida de 7.1% anuais, em relação a 2005. No entanto, a África Subsariana, em 2012, ainda só atingiu 3.3% de turistas em termos mundiais.

Deste total, a região sul de África recebeu 12.6 milhões de turistas internacionais e espera receber 20 milhões em 2020 e 29 milhões em 2030, com uma previsão de crescimento anual entre 2010 e 2030 de 4.3%, subindo a sua percentagem no mercado mundial de 1.3% para 1.6%. Quanto a Moçambique, os dados mais atualizados são os relativos às receitas do turismo internacional, que ascenderam entre 2010 e 2012, de 197 para 250 milhões de dólares, ou seja, 0.7% do total africano, segundo a OMT (World Tourism Organization, 2013).

A estratégia nacional apontada pelos autores do planeamento estratégico é de apostar num “turismo de alto rendimento e fraca densidade, o que significa que se privilegia a atracção do turismo de topo, onde os gastos *per capita* têm significado, não sendo o incremento de receitas apenas em função do volume” (Sumbana, 2008: 2).

O documento de 2008 apresenta ainda números da OMT (2003) para a África Sub-Sahariana (OMT Tendências do Mercado em África, Edição 2003), instituição que prevê que o turismo deverá gerar 4% do PIB da região até 2010. Na altura da publicação do documento, o turismo contribuía para 2.5% do PIB em Moçambique, e 8% na África do Sul. Com base no cenário previsto, Sumbana (2008:4) afirma que o “turismo deverá constituir uma alternativa certa para a redução da pobreza, criação de emprego, geração da moeda externa para além da sua contribuição para a balança de pagamentos”.

O turismo em Moçambique é dominado fortemente pelos países adjacentes: o mercado regional (África Austral) representa cerca de 86% dos turistas estrangeiros que entram no país. O problema deste tipo de turista é que produz pouca receita, entrando no país no seu meio de transporte, e muitas vezes carregando consigo o seu próprio meio de alojamento (tendas, barcos, caravanas) e até a sua alimentação (Sumbana, 2008). Portugal é apontado como um mercado emissor tradicional. Quanto a potenciais mercados, pretende-se apontar para mercados com sinergia cultural com Moçambique (Médio Oriente, América do Sul e Ásia), e não tanto para mercados saturados da Europa e América do Norte (Ministério do Turismo, 2004).

O papel turístico de Moçambique remonta ao tempo colonial, em que o país era considerado um dos destinos de primeira classe em África, em torno das praias, fauna e cosmopolitismo dos centros urbanos, principalmente no centro e sul do país. O volume de entradas baixou drasticamente com os problemas de segurança a partir de 1973, em que se atravessou os finais da guerra colonial e depois a guerra civil. Apenas em 1992 a paz foi retomada e o setor pôde renascer. Os parques naturais, que tinham sofrido a diminuição drástica da população animal, começaram a recuperar. O investimento voltou, concentrando-se na hotelaria nas estâncias balneares do sul, e mais recentemente, em pontos específicos do norte, como Pemba, Quirimbas e Nacala (Ministério do Turismo, 2004).

Moçambique pode ser dividido em três grandes regiões: norte (Cabo Delgado, Nampula e Niassa), centro (Sofala, Manica, Tete e Zambézia) e sul (Maputo-Cidade, Maputo, Gaza e Inhambane). A última região é onde se concentra mais o turismo, com 50% da capacidade total de estabelecimento registados e 65% do total das camas. Este domínio advém das estâncias balneares, do turismo de negócios em Maputo e do parque natural Transfronteiriço do Grande Limpopo, que liga o parque nacional do Limpopo ao Kruger (África do Sul) e Gonarezhou (Zimbabué). Além disso, Maputo é a grande porta de entrada do país.

A região centro tem a sua força em termos turísticos no parque nacional da Gorongosa e vive também do turismo de negócios e comércio, concentrado na Beira e nas fronteiras terrestres. A falta de equipamentos turísticos nas praias de Sofala desvia os turistas para o sul. O abastecimento de bens de consumo é custoso (especialmente em Tete e Zambézia) e os alojamentos são poucos, onerosos e longe dos padrões internacionais (Ministério do Turismo, 2004). No entanto, a região Norte, apesar de pouco desenvolvida em termos turísticos apresenta potencialidades dignas de nota pelo que é designada como a “joia do turismo” pelo potencial inexplorado:

“a rica história do passado da Ilha de Moçambique e do Ibo, a vida marinha e a beleza do que é provavelmente um dos mais lindos arquipélagos no mundo, o arquipélago das Quirimbas, a selva intacta e extensa da Reserva do Niassa e a biodiversidade única do Lago Niassa” (Ministério do Turismo, 2004: 21).

O turismo no norte encontra-se principalmente concentrado em Nampula, Nacala e Pemba, em redor da oferta balnear do litoral e do corredor de desenvolvimento de Nacala, que abrange Nacala, Nampula e Niassa, até à fronteira do Malawi, seguindo o transporte comercial originado em parte pela linha férrea que segue este mesmo corredor.

O “Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Moçambique” (2004-2013) giza a estratégia para promover o incremento sustentável do turismo no país, com os seguintes objetivos: desenvolver e posicionar Moçambique como um destino turístico de classe mundial; contribuir para a criação de emprego, crescimento económico e alívio da pobreza; desenvolver um turismo económico e ambientalmente sustentável; participar no desenvolvimento e proteção da biodiversidade; preservar os valores culturais e orgulho nacional (Sumbana, 2008).

A visão do turismo centra-se no desenvolvimento do ecoturismo, do turismo de mar e sol, do turismo cultural e da observação da fauna e da flora. Isto implica necessariamente a construção de várias infraestruturas, a capacitação de recursos humanos e a modificação de comportamentos. O Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo fixa o ano de 2025 como o ano de referência para Moçambique estar preparado para ser um destino turístico de excelência, prevendo que a partir dessa data o país seja o destino de cerca de 4 milhões de turistas por ano (Sumbana, 2008).

No plano estratégico de turismo, o papel do turismo na redução da pobreza é enfatizado, e incluído no Plano de Ação do Governo para a Redução da Pobreza Absoluta (PARPA) como um setor complementar, por se encontrar intrinsecamente ligado a muitas das prioridades primárias.

É feita uma referência particular no plano quanto ao papel do turismo “no estímulo da procura de bens localmente produzidos, contribuindo então para a criação de mais oportunidades de emprego e para a importância da criação de uma cultura de como estratégia do aumento das receitas globais do turismo” (Ministério do Turismo, 2004: 15).

O plano estratégico de turismo assenta em três processos fundamentais de implementação do turismo: planeamento integrado; desenvolvimento de produtos; *marketing* integrado. Contudo, considerando a escassez dos recursos, é necessária a concentração de esforços em torno de áreas ou zonas específicas, nomeadamente: Áreas Prioritárias para Investimento em Turismo (APITs); Áreas de Conservação Transfronteira (ACTFs) e as Áreas de Conservação (ACs); Rotas de Turismo. (Sumbana, 2008) (Fig. 2)

As APITs estão divididas entre destinos existentes (A) e emergentes (B), e no meio dos dois os destinos existentes com desenvolvimento limitado (A/B).

O estudo desenvolvido no âmbito desta dissertação precisa de focar somente três zonas: Ilha de Moçambique/Nacala, Gilé/Pebane e Turismo de Gurué, situadas nas províncias de Nampula e Zambézia. Apenas a primeira é

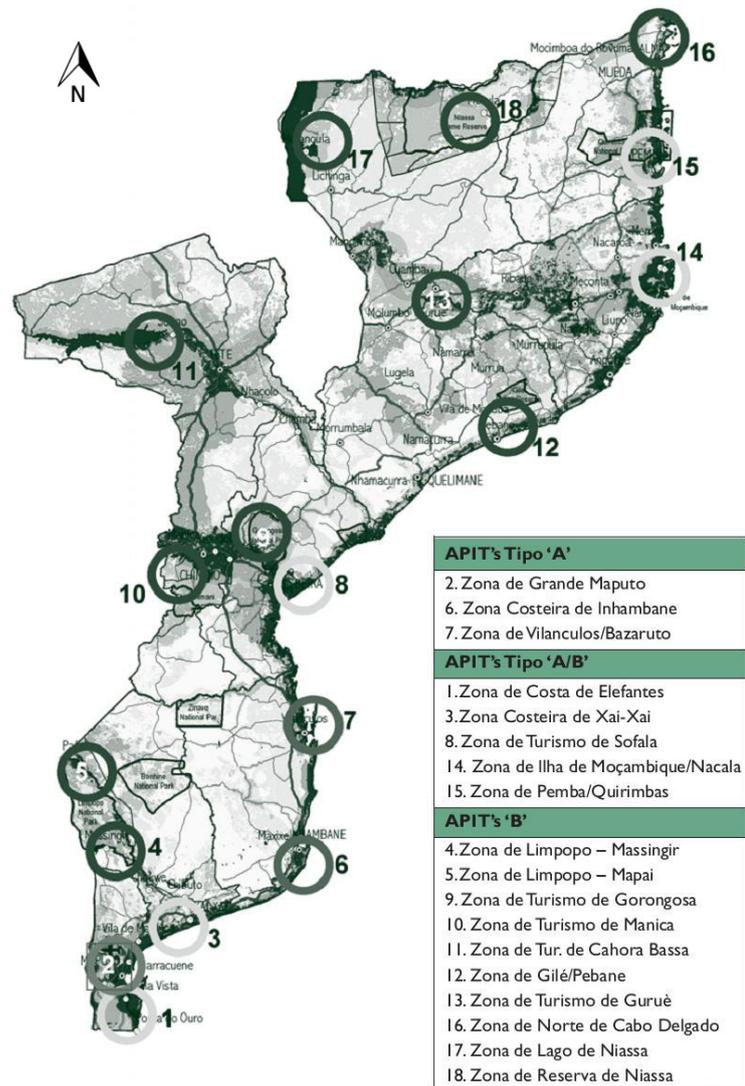


Fig. 2 - Áreas Prioritárias para Investimento em Turismo

Fonte: Ministério do Turismo, 2004: 67. Escala indeterminada.

considerada existente (mas de desenvolvimento limitado), enquanto as outras ainda são emergentes como Áreas Prioritárias para Investimento em Turismo (Sumbana, 2008).

A zona da Ilha de Moçambique/Nacala abrange a baía de Macambo no sul até à Baía de Momba, no norte da Província de Nampula. Tem como produtos chave a cultura, o sol, praia e mar e os desportos aquáticos, e tem como segmentos de mercado os nichos de lazer internacional e o lazer regional. A zona de Gilé/Pebane inclui a reserva de Gilé e a zona costeira de Pebane, na Província da Zambézia. Tem como produtos chave o ecoturismo, sol, praia e mar, cultura e interesses especiais, e tem como segmentos o mercado de lazer doméstico e os nichos internacionais. A zona de Turismo de Gurué abrange a região homónima na Província da Zambézia. Tem como produtos chave a aventura, o ecoturismo e a cultura, e tem como segmentos o lazer doméstico e os nichos internacional e regional. (Ministério do Turismo, 2004). Estas são zonas cuja proximidade permite uma ligação às casas dehonianas. A última zona, abrangida pelo trabalho de campo desta dissertação, tem indiscutivelmente as qualidades e potencialidades que lhe são atribuídas, mas não se pode dizer que seja visível um aproveitamento nesse sentido de momento.

Outro ponto a considerar é o das rotas de Turismo, desenhadas pelo Ministério do Turismo para promover certas regiões tanto aos turistas como a potenciais investidores. Aqui temos de considerar duas rotas Turísticas do Norte, a Rota de “Costa e Cultura” e a rota “Descoberta do Norte”. A primeira atravessa Nampula/Nacala - Ilha de Moçambique – Pemba – Quirimbas, e é descrita como “A única rota de curto prazo no norte que liga a Ilha de Moçambique, património mundial da UNESCO, com as praias tropicais, ilhas virgens, águas quentes e recursos marinhos ricos e vários”, passando pelo ecoturismo das Quirimbas e a experiência cultural da Ilha do Ibo. Pode constituir uma atração interessante nas imediações de Nampula.

A segunda rota liga Nacala/Ilha de Moçambique – Corredor de Nacala – Nampula – Gurué – Cuamba – Lichinga – Metangula – Reserva de Niassa – Palma – Quirimbas – Pemba – Nacala, e é descrita como “uma rota circular que liga todas as APITs do norte.” (Ministério do Turismo, 2004: 73). Porém exige ligações aéreas, pelas grandes distâncias e falta de infraestruturas. Ainda assim, permite a conjugação de cultura, praia e vida selvagem, e pode garantir pernoitagem em Nampula e Gurué, dois dos locais de comunidades dehonianas (Ministério do Turismo, 2004).

A Tabela 1 que se apresenta de seguida reproduz a análise SWOT efetuada para o plano estratégico nacional de Moçambique, na área do turismo, embora tenha sido adaptado para este

trabalho, pois considerámos apenas as temáticas que mais interessam no âmbito desta dissertação: o turismo cultural.

Tabela 1 - Análise SWOT do Turismo Cultural de Moçambique
(Ministério do Turismo, 2004: 43 e 44, adaptado)

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<p>Beleza cénica das rotas do turismo (como a costa do sul e as montanhas do norte);</p> <p>Ambiente tropical/exótico (diferente de outros países anglo-saxónicos na região), refletido através da língua, música, arte, arquitetura, gastronomia, etc;</p> <p>Cidades históricas (Inhambane, Ilha de Moçambique);</p> <p>Arquitetura especial e sem igual nas grandes cidades (principalmente Beira e Maputo).</p>	<p>Imagem (afetada pelo passado de Moçambique e assuntos relacionados com o continente africano como instabilidade política, minas, criminalidade, desastres naturais, pobreza, HIV/AIDS, malária e outras doenças, etc.);</p> <p>Nível global de instalações e serviços (água, serviço de saúde pública, esgoto, saúde);</p> <p>Falta de planeamento do uso da terra e outros recursos, bem como fraca interligação interinstitucional na história de desenvolvimento do turismo em Moçambique;</p> <p>Fraca capacidade institucional por parte do Governo para elaborar, controlar e monitorizar a planificação de Turismo;</p> <p>Fraco investimento e responsabilidades institucionais não claramente definidas e atribuídas;</p> <p>Níveis profissionais baixos no setor público e privado para a identificação de cenários de desenvolvimento adequados;</p> <p>Níveis altos de burocracia e processos complicados para atrair investimento;</p> <p>Relação preço/qualidade não equilibrada. Os preços praticados são demasiado elevados;</p> <p>Comunidades e empresários locais têm pouca experiência no turismo;</p> <p>Pouca diversidade na oferta de produtos utilizando-se o potencial das cidades;</p> <p>Serviço e qualidade de acomodação baixos, em geral;</p> <p>Vias de acesso e cuidados preventivos contra a Malária, cólera e outras doenças;</p> <p>Distâncias enormes e serviços de transporte limitados no país;</p> <p>Dificuldades em infraestruturas, acesso, recursos humanos, aspetos institucionais, <i>marketing</i>, ambiente, conservação, etc.</p>
Oportunidades	Ameaças
<p>Rotas turísticas e circuitos de turismo que liguem as</p>	<p>Impactos ambientais e perda de recursos marinhos pelo</p>

<p>principais atrações turísticas do país e da região;</p> <p> Mercado do ecoturismo;</p> <p> <i>Marketing</i> de Nicho. Nichos de alto potencial para Moçambique: observação de pássaros, caça, mergulho, pesca, turismo cultural, ecoturismo e aventura;</p> <p> <i>Marketing</i> das regiões de Moçambique (o norte, o centro e o sul têm perfis e oportunidades muito diferentes);</p> <p> Integração regional (África Austral) através da criação de ligações entre o interior e a costa, ACTFs, corredores e circuitos de turismo regional;</p> <p> Tendências de decréscimo do mercado doméstico da África do Sul e da região;</p> <p> O recente processo de descentralização de competências do governo prevê oportunidades para a planificação e desenvolvimento aos níveis Provincial e Distrital.</p>	<p>crescimento descontrolado de turismo e técnicas artesanais de pesca;</p> <p> Crescimento descontrolado do setor de turismo;</p> <p> Domínio de operadores e turistas de África de Sul e outros países da região ou de países com interesse complementar a Moçambique;</p> <p> Comunidades não participam efetivamente nos programas do turismo;</p> <p> Falta de incentivos governamentais e de alocação de recursos para a realização das atividades de <i>marketing</i> e de atração de investidores;</p> <p> Crescimento desequilibrado dos mercados regional/doméstico/internacional e de investidores;</p> <p> O clima de instabilidade em alguns países na África Austral ameaça toda a região, em geral, e o mercado moçambicano, em particular;</p> <p> A contínua fraca disponibilização de quadros qualificados para a conceção e implementação dos programas;</p> <p> Fracca disponibilidade de recursos técnicos e financeiros para a implementação de planos integrados e estratégicos para o desenvolvimento do turismo.</p>
--	---

Segundo o mesmo plano, Moçambique deve concentrar os seus esforços nas suas forças, que estão em três grupos de recursos turísticos: os recursos litorais e marinhos; os recursos da natureza e fauna bravia; e os recursos culturais e artificiais. Cada um desses grupos de recursos tem uma estratégia específica e uma zona a que está mais associada. Os recursos litorais e marinhos devem ser capitalizados, pela sua “qualidade excepcional e sem igual na África Austral”, tendo sempre como prioridade a conservação; encontram-se mais associados à zona sul. Os recursos da natureza e fauna bravia devem ser desenvolvidos, para poder competir no seio da África Austral, com a reabilitação e construção de infraestruturas, promoção de investimento nas zonas de conservação, desenvolvimento de recursos humanos e repovoação da fauna. Estão mais associados à zona centro. Os recursos culturais e artificiais, produto de uma identidade cultural única na região, devem ser usados em complemento com os outros recursos para os enriquecer e eles próprios desenvolvidos numa “linha específica de produtos culturais”. Estão mais associados à zona norte (Ministério do Turismo, 2004: 51).

Já se verificou que o governo privilegia a variedade turística, afastando-se da monotonia do sol, praia e mar. Nesse sentido, o plano estratégico aponta os mercados de nicho estratégicos para Moçambique: mergulho, pesca de alto mar, caça, observação de pássaros, ecoturismo, turismo de aventura, cruzeiro, mercado de luxo de alto rendimento e turismo cultural. (Ministério do Turismo: 2004). Entre estes, os nichos ligados ao ar livre, como a observação de pássaros, o ecoturismo e o turismo de aventura, e o turismo cultural são os nichos que podem ser ligados aos lugares estudados neste trabalho. No entanto, não há um foco nem referência ao potencial turístico das comunidades religiosas, dos santuários, dos locais de retiro e do passado e presente de missionação e evangelização de qualquer uma das religiões praticadas no país, pelo menos não de uma forma particular, já que estará integrado na categoria vasta do turismo cultural.

Como já foi dito, o Plano Quinquenal de 2010-2014 confirma muitas destas intenções, traçando como objetivos estratégicos a capacitação de técnicos turísticos e fiscais, a promoção do desenvolvimento das APITs através de parcerias público-privadas e das comunidades locais, a reabilitação das Áreas de Conservação, desenvolvimento de ações de promoção dos produtos turísticos no exterior através da marca Moçambique e construção de um Sistema de Gestão de Informação Turística como meio de quantificar o impacto económico do turismo (Ministério do Turismo, 2010).

A realidade é que pouco mais há que planos de intenções para as áreas geográficas que nos interessam. O papel do estado é o de moderador, regulador, promotor e capacitador, e não de investidor. Assim, o investimento depende do interesse de privados, que podem ser influenciados pelas áreas selecionadas pelo governo, em poucos casos (Gurué, Nampula/Nacala) coincidentes com as regiões alvo deste trabalho. Além disso, a prática é mais limitada do que a teoria planeada, verificando-se investimentos mas não à escala e com a qualidade pretendida.

Como o Plano Estratégico Nacional referia, uma parte importante da capacidade hoteleira está nas zonas costeiras do sul, com destaque para os *resorts* de praia. Para além de nichos específicos desenvolvidos, como estes *resorts* costeiros (de norte a sul, no litoral continental e nas ilhas) e alguns alojamentos especializados e de grande qualidade nas áreas de conservação e de caça (Gorongosa, Niassa, ...), o alojamento existe enquanto esforço privado de pequenos empresários, e o turismo enquanto curiosidade de viajantes aventureiros.

Quanto a turismo religioso, não há sinal da existência de um movimento motivado pela religião para além de algumas festas e pequenas peregrinações locais que, apesar de poderem ter a sua importância no meio local e até regional, não se destacam satisfatoriamente para serem referidas como potencialidade ou realidade turística. O maior movimento de visitantes com alguma relação com a religião é o do voluntariado junto de missões, mas trata-se, na maioria das vezes, de voluntariado puro, e não de turismo rentabilizado de voluntariado. O mesmo se passa nas comunidades dehonianas atuais, que não lucram nem com o turismo religioso nem com o de voluntariado.

3. A congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus: breve historial

3.1. Dehon e os Dehonianos

A congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus começa com a história de vida do fundador, o padre Léon-Jean Dehon (Fig. 3), a quem os seus padres devem o nome de dehonianos.

Almeida (2007) ocupa-se na sua tese de doutoramento das técnicas educacionais e pedagógicas defendidas pelo padre e apresenta as três biografias principais de Dehon: “Père Dehon e son œuvre” (A. Ducamp, 1936), “Vita e personalità do Pe. Dehon” (H. Dorresteyn, 1978) e “Leone Dehon e il suo messaggio” (G. Manzoni, 1989). Porém escolheu-se abordar a informação de um biógrafo português, o Padre Fernando Ribeiro, que escreveu em 1993 a obra “Padre Leão Dehon”. Assim se prossegue com a biografia resumida do fundador da congregação.

Dehon nasce em 1843 em La Capelle, França, na fronteira com a Bélgica. Este sente a vocação religiosa cedo, e por sua vontade teria ingressado num seminário. Mas, ao contrário da mãe, uma católica devota, o pai não era crente e tinha outros planos para o filho, pelo que Dehon segue os estudos de Direito. Nunca deixará de ser um homem das letras, tendo concluído



Fig. 3 - Padre Dehon.

Fonte:

<http://www.dehonbrasil.com/12deagosto/>

em toda a sua vida quatro doutoramentos (direito civil, direito canónico, teologia e filosofia). Uma viagem à Grécia e à Terra Santa, oferecida pelo pai para o dissuadir do sacerdócio, só serviu para reforçar a sua fé. Finalmente, o pai cede aos desejos do filho e este ingressa no Seminário Francês de Roma em 1865. Ordenado padre em 1868, só deixa o Vaticano e as funções que aí desempenhou (incluindo a de estenógrafo no Concílio Vaticano I) em 1871, quando assume a primeira função de sacerdócio, como sexto assistente na paróquia de Saint-Quentin, uma paróquia urbana situada na diocese da sua terra natal. Aqui compreende que o sacerdócio deve abrir-se para lá da sacristia e que os métodos pastorais usados estavam ultrapassados. Organiza no âmbito da paróquia um grupo de jovens e, posteriormente, também para jovens adultos. Abraça a causa dos proletários, informando-os dos seus direitos e educando-os no cristianismo e comunicando regularmente com os líderes laborais e civis com o propósito de melhorar a vida destes trabalhadores. A "Rerum Novarum" (Papa Leão XVIII, 1891), carta aos bispos sobre a condição dos operários, é uma demonstração da preocupação pelas mudanças sociais por parte da Igreja Católica nas décadas finais do século XIX.

O trabalho com a comunidade é um sucesso, mas a felicidade pessoal do padre Dehon estava afetada pela falta de tempo para dedicar à sua própria vida espiritual. O bispo da sua diocese aconselhou-o a criar uma congregação, que o ajudaria a atender às necessidades da comunidade. Em troca, Dehon estabeleceria uma escola secundária católica na cidade. A escola foi inaugurada em 1877, no mesmo ano em que recebe a autorização para fundar a congregação. Em 1888, recebe aprovação inicial da parte do Vaticano, sendo que a aprovação definitiva só se efetivou em 1923, dois anos antes da sua morte na Bélgica (Ribeiro, 1993).

A congregação distinguiu-se desde cedo pela forma inovadora e aberta como contactava com a comunidade, com pastoral para surdos, ligação privilegiada com os operários e empresários, pelos direitos dos primeiros, e integração de capelães em fábricas.

A congregação enfrenta algumas dificuldades até à morte do seu fundador (1925): os conflitos entre alguns membros e o padre Dehon; a opressão por parte de um governo anticatólico na França, nos inícios do século XX; a perda de bens e de pessoas durante a Primeira Grande Guerra e a existência de sacerdotes divididos entre a união da congregação e a lealdade nacional durante o conflito. Depois disso, um dos episódios mais marcantes ocorre em 1964, na atual República Democrática do Congo, quando ainda era a colónia belga do Congo, onde morrem 29 dehonianos na rebelião Simba. Os missionários abandonaram o país e iniciaram a sua atividade na Espanha.

Apesar das dificuldades, a expansão da congregação dá-se cedo na sua cronologia. Logo em 1888 são enviados missionários para o Equador, ainda que com pouco sucesso. A insegurança política leva-os a abandonar o projeto e a transferi-lo para o Congo. Entretanto, as províncias na Europa multiplicam-se, expandindo-se da França para a Bélgica, Holanda e Alemanha. Na América, ainda antes de 1925, a presença dehoniana faz-se sentir nos Estados Unidos, no Canadá e no Brasil, país que Dehon visitou numa das suas inúmeras viagens por todo o mundo, e no qual reconheceu os mesmos problemas derivados da industrialização que notara na Europa Ocidental dos finais do século XIX. As viagens do padre fundador contribuíram positivamente para este impulso missionário, ainda que ele próprio nunca tenha sido um missionário de facto (Ribeiro, 1993; U.S. Province, Priests of the Sacred Heart, 2002).

Atualmente, a congregação está presente em 41 países, através de 2200 sacerdotes e irmãos, na Europa (Albânia, Alemanha, Áustria, Bélgica, Bielorrússia, Croácia, Escócia, Eslováquia, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Moldávia, Polónia, Portugal, Suíça, Ucrânia), África (Angola, Camarões, Chade, República Democrática do Congo, Madagáscar, Moçambique, África do Sul), América (Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Equador, Estados Unidos da América, Paraguai, Uruguai, Venezuela), Ásia (Filipinas, Índia, Indonésia, Vietname) (Priests of the Sacred Heart, 2012).

3.2. Moçambique e os dehonianos

A principal fonte para a presença dos dehonianos em Moçambique é, neste caso, um livro de comemoração dos 50 anos dessa presença, escrito por Maggiorino Ubaldo Madella e lançado no ano do aniversário, 1998, sob o nome “Os Sacerdotes do Coração de Jesus em Moçambique”. Alguns apontamentos foram ainda retirados de um livro escrito pela província Norte-Americana da congregação: “Following the dream”. Na parte final, sobre as atividades das comunidades e o voluntariado, a informação surge em parte do conhecimento in loco da própria autora deste estudo, mas também de um artigo de um padre dehoniano (Zeferino Policarpo) sobre as comunidades existentes, da página de Facebook do Centro Juvenil Dehoniano, do blogue da Associação de Leigos Voluntários Dehonianos e do blogue da diocese do Gurué.

Em 1920 nasce a província dehoniana de Itália. É uma das fundações mais importantes para a história dos dehonianos em Moçambique, já que é daqui que parte a maioria dos sacerdotes que atuaram e atuam neste país africano.

Os dehonianos italianos pretendiam avançar para Moçambique, mas esta parte africana era ainda uma colónia portuguesa. Para poderem fundar as suas missões na colónia, os padres tinham de se instalar também na metrópole. Assim se explica a presença dehoniana em Portugal, com a primeira casa no Funchal. Em 1946-47, dois padres italianos instalam-se em Portugal e quatro em Moçambique (U.S. Province, Priests of the Sacred Heart, 2002).

Portugal, enquanto província dehoniana, depende de Itália, tal como Moçambique. Em 1967, os dehonianos portugueses obtêm a sua independência e, em 1982, fundam a primeira missão em Madagáscar, mantendo-se quase à margem das missões em Moçambique.

A primeira missão moçambicana é fundada em 1947 no Alto-Molocué, na Alta Zambézia, região onde se concentram os esforços dehonianos, com a ajuda de Dom Sebastião Soares de Resende, o primeiro bispo da Beira (diocese em que se inseria a região), e personalidade da oposição ao regime de Salazar (Madella, 1998).

Entretanto, no período entre as primeiras fundações e as nacionalizações após a independência (1975), assiste-se a uma primeira fase de crescimento, com a criação de missões em Nauela (1947), Gurué (1948), Ile, Mualama (1948), Molumbo (1948), Quelimane (1951), Gilé (1956), Namarrói (1957), Alto Ligonha, Nabúri, Mulevala (1959), Pebane (1960) e Milevane (1960) (Policarpo, 2012b). As missões são zonas de evangelização em cujo centro se concentram os padres que daí se deslocam periodicamente às várias comunidades. Esse centro era constituído pela igreja, a casa da comunidade dehoniana, a escola e o centro de saúde. Devido ao número elevado de comunidades atribuídas a cada missão, estas são visitadas com pouca regularidade e celebram os seus ritos com a intervenção de ministros e catequistas locais. Nestes polos, foram-se criando centros de catequização, seminários e noviciados, com o objetivo de favorecer o surgimento de vocações autóctones, para que a animação das comunidades não ficasse dependente dos missionários estrangeiros, mas também escolas, como as de artes e ofícios. Chegaram a ser 13 missões, cada uma com cerca de 50 escolas primárias sob a sua alçada. Depois da primária (quatro anos) seguia-se para o ensino básico, que para os colonos estava disponível em colégios (Policarpo, 2012a; Policarpo, 2012b).

Em 1954, nasce a diocese de Quelimane, que tem jurisdição sobre a Zambézia, e a sede regional da congregação, tal como a sede de província mais tarde, encontra-se invariavelmente

aqui, mesmo quando, em 1994, é criada a diocese do Gurué, abrangendo a Alta-Zambézia. Esta presença serve um propósito de proximidade aos poderes religiosos e administrativos regionais, na tentativa de eliminar eventuais entraves e facilitando a ação dos dehonianos. Havia ainda, antes da independência, uma escola de Artes e Ofícios em Quelimane, com desenho técnico, alfaiataria, escultura, entre outras artes (Madella, 1998).

A partir de 1972 assiste-se à abertura à cultura, ecumenismo, sentido de justiça social por parte dos dehonianos. Todavia, como a congregação decidira no início da década permanecer em Moçambique apesar da instabilidade política (Policarpo, 2012b), a província dehoniana enfrentou nacionalizações destrutivas, tensões com a hierarquia religiosa, divisões entre missionários e pressão das autoridades sobre os religiosos, que provocavam a suspensão da normal atividade dos sacerdotes (Madella, 1998). A guerra civil limitou em muito a ação missionária, destruindo a organização de trabalho presente, com os sacerdotes a abandonarem as casas de missão sem grandes meios de refúgio ou escapatória (Policarpo, 2012a). Porém, todo o trabalho anterior de evangelização garantiu a continuidade das comunidades cristãs, já que os missionários estavam impedidos de circular pelas localidades (Policarpo, 2012b).

Nos anos 90, com a abertura do regime político e a capitalização da economia, dá-se um retorno de muitas propriedades nacionalizadas aos dehonianos, incluindo os edifícios da escola de Artes e Ofícios no Gurué e o seminário em Milevane, no geral em mau estado de conservação. Algumas igrejas foram recuperadas, mas o ensino e a saúde ficaram a cargo do estado. Os restantes edifícios que faziam parte das missões quase nunca foram recuperados, até porque o modo de organizar a evangelização mudou (Policarpo, 2012a).

Em termos de administração religiosa da congregação, Moçambique atinge o estatuto independente da Itália em 1997, quando se consolida a paz, após a guerra civil. Só a paz permitiu o aumento do número de padres dehonianos naturais de Moçambique, que à data era reduzido, e, conseqüentemente, de bispos dehonianos moçambicanos. Entretanto, os padres italianos vão persistindo, todavia destinados a serem substituídos na totalidade pelos padres de origem moçambicana.

Nas duas últimas décadas, a redução de missionários e sacerdotes dehonianos obriga ao abandono de missões e casas da congregação, que ficam geralmente a cargo de padres diocesanos. Assim, atualmente, apenas Maputo, Quelimane, Gurué, Milevane, Alto-Molocué e Nampula mantêm casas dehonianas, quando antes estavam estabelecidas treze missões (U.S. Province, Priests of the Sacred Heart, 2002)

Os dehonianos prestam “um grande contributo à evangelização através de serviços mais específicos e especializados” que os das paróquias e a “pastoral juvenil e vocacional e a formação dos futuros dehonianos continuam a ser as prioridades pastorais” da Província de Moçambique (Policarpo, 2012a).

Em Maputo encontram-se duas casas dehonianas: a Casa Padre Dehon (construída em 1967 e, após a nacionalização, reaberta em 1985), para o acolhimento, ensino universitário e apoio ao trabalho paroquial, e o Seminário de Matola (desde 1994), para os seminaristas de Filosofia. (Policarpo, 2012a; Policarpo, 2012b). A arquidiocese de Maputo reúne as dioceses de Inhambane e Xai-Xai, e 675 mil católicos numa população de 3 milhões e 850 mil habitantes (em 2004), o que resulta numa percentagem de 17,5% de católicos, uma margem baixa (Cheney, 2012b). Nenhuma destas casas foi incluída no conjunto abordado neste estudo, uma escolha que não passou apenas pela autora, mas também pela liderança da província.

A missão de Nampula, na província homónima, é a mais recente. Fundada em 2001, foi criada para apoiar os estudantes universitários naquela que é a segunda maior cidade do país. Por agora é constituída pela paróquia de São Pedro, dentro da cidade de Nampula (bairro de Napipine), servida por dois sacerdotes (Policarpo, 2012a; U.S. Province, Priests of the Sacred Heart, 2002). No futuro, a comunidade transferir-se-á para um complexo de dimensão considerável atualmente em construção nos arredores da cidade, que, para além de albergar a comunidade sacerdotal dehoniana local, também poderá ser ocupado por um seminário ou por um espaço de hospedagem de alunos universitários. A arquidiocese de Nampula abrangia, em 2004, dois milhões e 700 mil habitantes, mas apenas 308 mil eram católicos (11,4% da população), sinal de uma posição minoritária da religião na região (Cheney, 2012c)

A comunidade Dehoniana do Alto-Molocué foi a primeira a surgir em Moçambique mas a sua presença no bairro da Pista Velha (vila do Alto-Molocué) é recente (data de 2006). Aí, nasceu a Associação Centro Juvenil Padre Dehon, com o objetivo de contribuir para a educação e cultura das crianças, jovens e adultos do Alto-Molocué (Centro Juvenil Padre Dehon, 2012). A biblioteca, preenchida por manuais escolares, dicionários e enciclopédias, apoia a instrução dos estudantes de todas as idades. A escolinha ocupa as manhãs das crianças em idade pré-escolar com o ensino das primeiras letras e números, contos, e contribui para a sua nutrição com alimentação gratuita. O centro oferece ainda cursos de formação profissionalizante de música, canto e dança, inglês, informática, carpintaria, costura, desporto, horticultura e pintura, além da formação pastoral, retiros e convívios com jovens em que temas da realidade desta faixa etária são

abordados. Um texto da página de facebook do Centro Juvenil (Centro Juvenil Padre Dehon, 2013) aborda as realizações destes cursos até 24 de maio de 2013:

“Informática (...) Até ao presente momentos foram graduados cerca de 300 jovens, 30% dos quais do sexo feminino que adquiriram habilidades básicas no uso do computador na óptica do utilizador (MS Excel, MS PowerPoint, MS Word e Internet Explorer). Há evidências de jovens que concluíram o curso e fazem o aproveitamento dos seus conhecimentos no dia-a-dia, tal é o caso de professores primários e secundários. Outros, maioritariamente estudantes, usam suas habilidades informáticas para acederem a internet como veículo de informação e comunicação. (...)

Corte e Costura (...) Curso aderido essencialmente por jovens mulheres. Foram graduados cerca de 100 jovens até ao momento, dentre os quais mais de 80% eram mulheres. Alguns graduados adquiriram níveis de excelência no procedimento de corte e costura, estando em condições de fazer artigos de vestuário com acabamentos perfeitos. Algumas destas graduadas possuem máquinas de costura própria e fazem atividades de geração de rendimento nas suas casas. (...)

Carpintaria (...) Foram graduados 30 jovens do sexo masculino que adquiriram habilidades básicas no manuseamento de instrumentos de mercenaria sendo que 5 dos quais permaneceram na formação como auxiliares do instrutor dado o nível de aperfeiçoamento das habilidades nesta área. Estes jovens estão em condições de fazer objetos tais como mesas, cadeiras, estantes, janelas e portas de alta qualidade. (...)

Artes Plásticas (...) Maioritariamente concorrido por crianças e adolescentes. Das 60 crianças e adolescentes inscritas apenas 18 conseguiram alcançar o nível de perfeição mais elevado, estando neste momento aptos a fazer pinturas criativas e profissionais em qualquer contexto que lhes sejam exigidos. Alguns estabelecimentos comerciais da Vila de Alto Molocué foram pintados por alunos graduados do centro. (...)

Música (...) 30 jovens, sendo 10 mulheres, foram graduados no curso de música, sendo que 6 dos quais alcançaram níveis de habilidades mais elevadas e tornaram-se auxiliares do instrutor de música. Os restantes estão em condições de dedilhar uma guitarra e tocar piano usando todas as notas previstas nas pautas musicais. Sendo um curso que requer maior aperfeiçoamento, alguns formandos graduados, continuam visitando o centro para terem oportunidade de ensaiar suas habilidades musicais.” (Centro Juvenil Padre Dehon, 2013).

O centro beneficia de uma parceria internacional com a IBIS, segundo a mesma fonte. A religião acaba por estar presente também pela ocupação do salão maior do centro com o espaço sagrado dedicado aos rituais e atividades da paróquia da Rainha da Paz, ainda sem casa própria, e que é gerida dentro da comunidade dehoniana. Os padres dividem o seu tempo entre os afazeres da paróquia, o centro juvenil, a pastoral pelas comunidades e o hospital, apoiando os doentes da comunidade local com o transporte e acompanhamento dos casos (Centro Juvenil Padre Dehon, 2013; Policarpo, 2012a).

Quelimane, no sul da Zambézia e capital da província, acolhe também duas comunidades, com a Casa Provincial a governar a província dehoniana moçambicana e o seminário do Coração de

Jesus (desde 1991) para o acolhimento de duas dezenas de seminaristas que frequentam o ensino secundário na perspectiva de seguirem o curso de Filosofia no Seminário da Matola. A Casa Provincial é incluída no presente estudo, e, para além do trabalho de gestão da província, a única atividade praticada pela comunidade é a do serviço médico pelo padre Marchesini no hospital de Quelimane e vários hospitais das províncias do norte de Moçambique (Policarpo, 2012a; Policarpo, 2012b). A diocese de Quelimane, parte da arquidiocese da Beira, abrangia 816 mil habitantes em 2004, e 714 mil eram católicos (87,5% da totalidade), fazendo desta uma diocese com maioria católica (Cheney, 2012b).

Milevane, uma localidade no posto administrativo de Nauela do distrito de Alto-Molocué, aloja a comunidade dehoniana do Seminário S. Francisco Xavier. O seminário foi construído antes da independência. Chegou a ter 100 seminaristas. As suas estruturas foram nacionalizadas depois deste evento, e os seminaristas expulsos. A comunidade reocupou o lugar em ruínas em 1996 e reconstruiu-o (Policarpo, 2012b). Agora é, a par das estruturas do Gurué, a única comunidade que ocupa estruturas construídas no tempo colonial. O seminário ocupa poucos alunos de momento (menos de dez de cada vez), transferidos do antigo noviciado do Gurué. Funciona também como um centro de pastoral e alberga o cemitério de referência da província dehoniana, onde os fundadores das missões estão sepultados (Policarpo, 2012a).

No Gurué, cidade no distrito com o mesmo nome no norte da Zambézia, há uma comunidade, apoiada no Centro Polivalente Leão Dehon. Quando, em 1972, a escola de Artes e Ofícios foi fundada no Gurué, o objetivo era formar para sustentar a economia rural do país, para além de formar irmãos consagrados em artes técnicas para o quotidiano da congregação e sustento económico da mesma. Correspondia ao 2º ciclo de ensino e incluía cursos de carpintaria, escultura de madeira e sapataria. Quando a escola volta às mãos da congregação, é criada em 1996 a Escola Básica Industrial, com cursos de mecânica automóvel, serralharia mecânica e eletricidade geral (a partir de 2000), equivalentes ao 3º ciclo (7º ao 10º ano). Entretanto, em 1998, é fundado o Instituto Médio Agro Pecuário do Gurué (ensino secundário), essencial para a economia rural da região (Madella, 1998). Em 2012, tinha 273 alunos, em cursos reconhecidos e economicamente apoiados pelo estado moçambicano. Ainda dentro do complexo há oficinas de carpintaria e mecânica, que funcionam em simbiose com a Escola Básica, e um posto de moagem de cereais. O Instituto Médio tem ainda à sua disposição uma quinta em Mangone (a alguns quilómetros do Centro Polivalente) que serve o estudo prático dos estudantes. Esta quinta possui uma vacaria, um aviário, uma suinicultura e em breve terá também tanques para a

piscicultura. As escolas são símbolo de uma dinâmica de valorização económica do património, dos meios dehonianos e da própria população local, e o turismo surge como continuação deste ideal, estando já presente o seu aproveitamento nesta cidade do Gurué na forma de alojamento no antigo noviciado dehoniano, que funciona como casa de hospitalidade desde 2011, depois de mais de duas décadas na sua anterior função (tinha sido reaberto em 1988) (Policarpo, 2012b). Este complexo está a alguma distância do Centro Polivalente e vive à sombra da comunidade do Centro, sem uma comunidade própria (Policarpo, 2012a). A diocese do Gurué (parte da arquidiocese da Beira) tem um bispo dehoniano, D. Francisco Lerma, e abrange 42 450 km² e aproximadamente dois milhões de habitantes. Mais de 50% da população é católica, organizados em 2200 comunidades, num total de 17 paróquias. As comunidades do Gurué, Alto-Molocué e Milevane fazem parte da diocese (Diocese do Gurué, 2013a).

Estas comunidades (com a exceção de Milevane e Maputo) e lugares com influência dehoniana como Lichinga (pela presença do bispo dehoniano D. Elio Greselin) têm beneficiado de ações de solidariedade por parte de voluntários leigos ligados à congregação. Estes estão organizados sob a égide da Associação de Leigos Voluntários Dehonianos (ALVD), uma associação “privada voluntária, autónoma, sem fins lucrativos, para o apoio humanitário e desenvolvimento comunitário em espírito de missão, numa dimensão eclesial e vinculada à Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos)” (ALVD, 2010). A associação tem como países de atuação Moçambique e Timor-Lorosae nas áreas da educação (escolas, envio de professores e apoio de material didático), saúde (apoio sanitário e prevenção), promoção humana (pessoal, familiar, social e de grupo) e evangelização (apoio das comunidades cristãs, formação e material didático). Tem como objetivos “intervir em situações de necessidade; cooperar, em regime de voluntariado, na formação humana, social e cristã nos países em desenvolvimento; aprofundar a vocação missionária e laical; atuar de acordo com o espírito dos leigos dehonianos.” (ALVD, 2010). A ALVD tem-se destacado pela criação e desenvolvimento de bibliotecas, como a do Centro Juvenil de Alto-Molocué e a universitária da Companhia Missionária do Sagrado Coração de Jesus (organização religiosa de espiritualidade dehoniana) em Nampula, e pelas atividades de apoio a crianças e jovens de natureza educativa e formativa (Policarpo, 2012a).

Foi no âmbito de uma experiência de voluntariado organizada por esta instituição que a autora teve o primeiro contacto com a realidade moçambicana. A estadia ocorreu em agosto de 2008 em Nampula, onde os voluntários tiveram a oportunidade de visitar as comunidades de Alto-

Molocué e Gurué, mas também a Ilha de Moçambique e a praia das Chocas. A ligação estabelecida com os dehonianos e o conhecimento do estado das missões promoveu a criação desta dissertação.

Mas o sucesso das opções de alojamento criadas pelos dehonianos é também outra das motivações por detrás deste estudo. Fala-se aqui da casa de hospedagem do Gurué (referida acima) e do Alto-Molocué, que iniciou a atividade no mesmo ano que no Gurué. O alojamento surgiu naturalmente como uma resposta ao corte progressivo das fontes tradicionais de financiamento, principalmente os fundos da sede da Igreja Católica, e por isso há interesse em repetir a experiência de Alto-Molocué e Gurué nas outras casas dehonianas em Moçambique (Fig. 4).



Fig. 4 - Localização das casas dehonianas de Nampula e Zambézia. Criado com a ajuda de Google Maps Map Maker

PARTE II – OBJETIVOS E METODOLOGIA

1. Objetivos

Consideramos que objetivo geral deste trabalho é o de contribuir para o desenvolvimento do turismo cultural no Centro e Norte de Moçambique. Este efetuar-se-á com base na avaliação das possibilidades turísticas das infraestruturas e das atividades culturais, sociais e religiosas desenvolvidas pelas comunidades dehonianas localizadas em Nampula e na Zambézia. Para isso, foram selecionados cinco casos de estudo, as comunidades dehonianas de Nampula, Alto-Molocé, Quelimane, Milevane e Gurué. A partir das infraestruturas e das atividades culturais, sociais e religiosas promovidas por cada casa e tendo em conta, igualmente, o contexto físico e cultural em que cada uma se insere, efetuamos uma análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats – Pontos Fortes, Pontos Fracos, Oportunidades e Ameaças) com vista à determinação das possibilidades turísticas gerais e específicas de cada uma e da viabilidade e interesse do planeamento e promoção de uma rota turística entre algumas destas comunidades.

2. Metodologia

Neste capítulo apresenta-se o processo de investigação. Este trabalho foi efetuado em três etapas: trabalho inicial de gabinete, trabalho de campo e trabalho avançado de gabinete.

2.1. Trabalho inicial de gabinete

Nesta etapa foi realizada consulta bibliográfica com os objetivos de: definir o paradigma interpretativo que norteia este trabalho; elaborar os diferentes capítulos que correspondem à Parte I denominada Estado da arte; conhecer as principais ferramentas metodológicas disponíveis para o estudo que nos propomos efetuar e as problemáticas inerentes a cada uma delas.

Na inexistência de dados documentais para colmatar alguns pontos, principalmente nos capítulos relativos ao turismo em Moçambique e à ação dos dehonianos no país, recorreremos à

webgrafia, embora com as devidas reservas. Usámos apenas websites de instituições que nos pareceram credíveis.

Após termos decidido recorrer às entrevistas como ferramenta de trabalho, elas foram elaboradas para dar resposta ao que verificámos estar em falta, com base na pesquisa feita anteriormente e que transparece no Estado da arte. Para além disso, foram aprofundados os conhecimentos sobre paradigmas metodológicos e ferramentas de trabalho, pesquisa que se reflete nos subcapítulos seguintes sobre o mesmo tema e que tiveram por base a dissertação de Celina Pires “Necessidades de formação dos professores nos Cursos de Educação e Formação: contributos para o seu estudo” e a tese de doutoramento de Adérito Barbosa “O valor da gratuidade na educação dos jovens”.

2.1.1. Paradigma metodológico

Aqui se explicam o paradigma e a metodologia que guiaram a presente dissertação.

Por paradigma entende-se “o mesmo que modelo, arquétipo ou protótipo” (Guedes, 2004: 6427), sinónimo de norma ou padrão. Surge como base ou ponto de partida para um olhar fundado sobre o assunto que tratado numa investigação científica. Para Bogdan e Biklen (1994, in Pires, 2012), um paradigma é aquilo que nos permite olhar o mundo e identificar o que nele é, para nós, importante.

Em metodologia de investigação nas ciências sociais existem três paradigmas: o paradigma positivista, o paradigma interpretativo e o paradigma sociocrítico. (Soltis, 1992, in Pires, 2012).

O paradigma positivista baseia-se na epistemologia homónima que julga o mundo como realidade única, objetiva e independente de quem a observa, regida por leis que permitem explicar, prever e controlar os fenómenos. A ciência apoia-se neste pressuposto, tendo como finalidade descobrir essas leis gerais para assim se atingir o conhecimento da realidade única e universal, que o investigador tem de ser capaz de apreender objetivamente. Este princípio é seguido inevitavelmente pelas ciências exatas e naturais, por se considerar que o seu objeto de estudo é objetivo. Mas se o mesmo for considerado em relação ao objeto de estudo das ciências sociais, estas podem aplicar as mesmas metodologias (Cohen e Manion, 1990, in Pires, 2012) e assim produzir um tipo de conhecimento semelhante.

O investigador deve ser o mais neutro possível para não interferir na realidade. Cada fenómeno só será identificável se for objetivo, replicável e existir independência entre o investigador e o

objeto investigado. Assim, o paradigma positivista enfatiza o determinismo (existe uma realidade a ser conhecida); a racionalidade (as explicações não podem ser contraditórias); a impessoalidade (procura-se a objetividade); a irreflexibilidade (a validade dos resultados depende de uma correta aplicação dos métodos, esquecendo o processo de investigação e a previsão (capacidade de prever e controlar os fenômenos) (Lopes, 2009, in Pires, 2012).

Estes parâmetros limitam a aplicabilidade do paradigma positivista no campo das ciências sociais já que a natureza humana não se rege por leis deterministas, os fenômenos sociais são efêmeros e intangíveis (Cohen e Manion, 1990, in Pires, 2012) e o investigador social interage com o objeto investigado, anulando a imparcialidade e a impessoalidade da investigação.

O paradigma interpretativo surge em contraposição com o paradigma positivista. O primeiro baseia-se em questões de conteúdo, mais do que em questões de processo. Além disso, recorre à pesquisa qualitativa que, ao contrário da pesquisa quantitativa, com os seus objetivos especificados, “é evolutiva, com a definição do problema, o *design* metodológico, as questões de entrevista e as interpretações a desenvolverem-se e a mudarem ao longo do percurso” (Glesne e Peshkin, 1992, in Pires, 2012:50).

Erickson (1989, in Pires, 2012:50) escolhe a designação *interpretativo* por três razões:

“é mais inclusivo que muitos dos outros (por exemplo, etnografia ou estudo de casos); evita a conotação de definir estes enfoques como essencialmente não quantitativos (conotação que, sim, transporta o termo qualitativo), dado que certo tipo de quantificação costuma usar-se no trabalho; e regista o aspeto chave da semelhança familiar entre os distintos enfoques. O interesse da investigação centra-se no significado humano, na vida social e na sua dilucidação e exposição por parte do investigador.”

O paradigma interpretativo baseia-se numa perspetiva relativista da realidade, encarando o mundo real vivido como construção de atores sociais que, no espaço e no tempo, constroem o significado social dos fenômenos e dos acontecimentos. Não parte de um conjunto de hipóteses a testar, mas antes procura compreender o comportamento dos atores sociais no seu contexto (Bogdan e Biklen, 1994, in Pires, 2012). Assim, não faz sentido falar na dualidade objetividade/subjetividade uma vez que a interpretação é uma atividade humana por excelência que possibilita à pessoa conhecer-se a si própria e aos outros (Schwandt, 1994, in Pires, 2012).

O investigador surge como observador participante e não como observador exterior da realidade, pois estabelece-se uma relação entre o investigador e o objeto de estudo (neste caso, as pessoas) no âmbito da investigação que impossibilita a separação clara entre dois elementos. Assim, os métodos e as técnicas escolhidas são aqueles que colocam o investigador numa

relação de proximidade com os objetos humanos estudados, como a observação participante, as entrevistas semidiretivas ou não diretivas, entre outras.

O paradigma sociocrítico surge como meio-termo dos dois paradigmas anteriores, criticados pelo seu extremismo, pretendendo “superar o reducionismo do primeiro [positivista] e o conservadorismo do segundo [interpretativo], admitindo a possibilidade de uma ciência social que não seja nem puramente empírica nem somente interpretativa.” (Arnal *et al.*, 1992, in Pires, 2012:51).

Assim, o paradigma sociocrítico rejeita o pressuposto da imparcialidade do investigador, defende que a investigação não se deve limitar à tentativa de explicação ou interpretação dos fenómenos sociais, mas antes deve ser crítica das práticas sociais e deve participar de forma ativa na sua transformação. A investigação sociocrítica baseia-se numa conceção social científica, holística, pluralista e igualitária. Os investigadores são cocriadores da sua própria realidade, na qual participam através da sua experiência, da sua imaginação, da sua intuição, dos seus pensamentos e da sua ação (Morales, 2003, in Pires, 2012).

Neste projeto, o objetivo é analisar as possibilidades turísticas dos lugares através do olhar dos vários intervenientes. Por isso, o paradigma não pode ser positivista. Mas também a investigação em si não pretende ter um papel ativo, eliminando a possibilidade sociocrítica. Assim, o paradigma é o interpretativo. Dentro desta abordagem opta-se por um estudo de natureza qualitativa e de índole descritiva onde se enquadram bem as técnicas e instrumentos de análise utilizados.

2.1.2. Técnicas e instrumentos de recolha e análise de dados

2.1.2.1. Inquéritos por entrevista

A ferramenta do inquérito por entrevista “visa levar o interlocutor a exprimir a sua vivência ou a perceção que tem do problema que interessa ao investigador” (Quivy e Campenhoudt, 1998, in Pires, 2012:52). Para Van Der Maren (1995, in Pires, 2012:52), a entrevista visa “obter informações sobre as perceções, os estados afetivos, os juízos, as opiniões, as representações dos indivíduos a partir do seu quadro de referência” quanto às situações pretendidas pelo entrevistador.

Nesse sentido, esta ferramenta foi escolhida para ser usada nesta investigação por permitir reunir dados qualitativos e subjetivos ligados aos agentes turísticos, já que viabiliza o acesso ao que está na mente dos indivíduos, ao não observável: opiniões, atitudes, representações, recordações, afetos, intenções, conhecimentos e informações (Tuckman, 1978 e Amado, 1998, in Pires, 2012). Estes elementos são essenciais para a percepção da receptividade dos habitantes locais e a imagem dos turistas em relação aos lugares.

Assim, a entrevista pode usar-se como principal meio de recolha de informação sobre os objetivos da investigação (Cohen e Manion, 1990, in Pires, 2012), no sentido mais rico da expressão, segundo Quivy e Campenhoudt (1998, in Pires, 2012).

A entrevista semidirectiva segue um guião de entrevista com objetivos pré-determinados mas confere liberdade quanto à ordem de abordagem dos temas do guião, que é estruturante e impõe um quadro de referência ao investigador. (Ghiglione e Matalon, 1993, in Pires, 2012). Além disso, deve haver plasticidade na escolha dos processos e meios utilizados na orientação da entrevista e o entrevistador deve evitar dirigir a entrevista, influenciar o entrevistado ou restringir a temática abordada, dando-lhe hipótese de responder com uma certa liberdade ao longo dos blocos temáticos, ainda que mantendo os quadros de referência. (Estrela, 1994). O entrevistado pode assim falar abertamente, com as palavras e a ordem que quiser (Quivy e Campenhoudt, 1998, in Pires, 2012).

2.1.2.2. Análise do conteúdo

Numa fase seguinte de uma investigação em ciências sociais e humanas, surge a técnica da análise de conteúdo. Berelson (1952, in Pires, 2012) vê-a como uma técnica que permite a descrição objetiva (com instruções precisas), sistemática (em categorias previamente escolhidas) e quantitativa ou estatística (na maior parte das vezes é calculada a frequência) do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objetivo a sua interpretação.

Autores como Bardin (1977, in Barbosa, 2007) descrevem a técnica como ferramenta que permite passar da descrição e dos dados para a interpretação. O material qualitativo, produzido pelo discurso de alguém, é assim organizado, de forma a sistematizar as questões e as ideias registadas. Pretende-se tornar visível, em forma de texto que possa englobar as regularidades e particularidades, os sentidos inscritos no registo efetuado.

Neste trabalho, a análise de conteúdo iniciou-se pela leitura transversal do material recolhido e transcrito. Deste resultam categorias temáticas sob a égide do quadro de referências anterior ao registo de informação, mas fortemente influenciadas pelo material recolhido. As categorias são vistas como “rubricas fundamentais, em função das quais o conteúdo é classificado” (Barbosa, 2007:239) e, habitualmente, são compostas por palavras-chave indicativas do significado central do conceito que se quer apreender e de outros indicadores (Vala, 1986, in Barbosa, 2007). Este processo começa no primeiro olhar da informação, mas não é definitivo, moldando-se à medida que a segmentação da informação vai evoluindo.

A etapa seguinte exige a delimitação da informação essencial. Bardin (1977, in Barbosa, 2007) apresenta certas regras que devem ser seguidas na escolha da informação para a análise de conteúdo: exaustividade (considerar todos os elementos do conjunto), representatividade (a parte selecionada deve ser representativa do conjunto), homogeneidade (os elementos escolhidos obedecem a critérios de escolha rigorosos) e a pertinência (os documentos escolhidos devem ser adequados como fonte de informação).

Por fim, em cada categoria se reúnem as unidades de registo, produto do material triado anteriormente, e com algo em comum entre si. As unidades de registo são “os núcleos com significado próprio que são o objeto de estudo para a sua classificação e contagem frequencial” (Barbosa, 2007: 239), as unidades que podem ser estudadas e compreendidas.

2.1.3. Preparação das entrevistas

De acordo com conhecimentos pré-adquiridos sobre os locais e as estruturas dehonianas foram elaborados quatro guiões de entrevista, presentes no anexo 1.

O primeiro guião, “Inquérito por entrevista sobre as condições de alojamento e de serviços prestados nas Casas Dehonianas”, dirige-se aos Superiores das comunidades e tem como objetivo conhecer as condições atuais das casas que gerem, as atividades da comunidade dehoniana sob a sua alçada e a visão da comunidade sobre a possibilidade do serviço de alojamento e o seu alcance turístico. Em suma, as condições para o aproveitamento turístico que o seu responsável pode oferecer e que podem constituir uma vantagem em relação a outros alojamentos.

O segundo guião, “Inquérito por entrevista sobre o interesse turístico da região”, dirige-se aos Habitantes Locais e pretende reunir informações sobre os potenciais recursos e produtos turísticos, serviços e infraestruturas existentes na região e sobre a abertura e sensibilidade das instituições e comunidades locais ao desenvolvimento da atividade turística.

O terceiro guião, “Inquérito por entrevista sobre o Grau de Satisfação do Visitante”, dirige-se aos visitantes que ficaram alojados nas casas com o objetivo de reunir opiniões dos mesmos em relação ao grau de satisfação quanto ao alojamento. Assim, os entrevistados foram rotulados de Visitantes – Alojamento (VA).

O quarto guião, “Inquérito por entrevista sobre o Grau de Satisfação do Visitante (Turista e Excursionista) sobre a região”, dirige-se aos visitantes enquanto apreciadores do que a região tem para oferecer, estabelecendo o grau de satisfação. Desta forma, os entrevistados foram classificados de Visitantes – Turismo (VT).

Pretendia-se nos três últimos casos uma amostra diversificada em idade, qualificações, género, profissão. No caso das entrevistas a visitantes considerámos importante diversificar a origem dos mesmos.

2.1.4. Análise SWOT: algumas reflexões

A Análise SWOT é uma metodologia de análise normalmente associada ao planeamento estratégico que reúne os pontos fortes (Strengths) e fracos (Weaknesses) da situação atual, assim como as oportunidades (Opportunities) e ameaças (Threats), ou seja, os potenciais do contexto estudado. (Rosa e Lúcio, 2001).

É um diagnóstico que nos prepara “para as decisões operacionais e estratégicas”, apresentando-se os pontos diferenciadores em relação à concorrência (pontos fortes e fracos) e as “perspectivas de evolução” (oportunidades e ameaças). (Lindon *et al.*, 2011: 451). As origens da análise SWOT remontam à corrente de planeamento que dominava o plano empresarial dos anos 60 do século passado nos Estados Unidos da América e no Reino Unido. O método SWOT foi criado e desenvolvido por vários grupos de pesquisa universitários norte americanos nessa mesma década, não se podendo atribuir uma origem única, e foi aperfeiçoado ao longo dos anos seguintes, nomeadamente através da influência de técnicas semelhantes que surgiram paralelamente. (Pahl e Richter, 2009)

No caso desta dissertação, não há um planeamento no final do processo, mas a análise SWOT permite a interpretação dos dados, previamente analisados através das categorias, subcategorias e unidades de registo, na forma de campos decisivos na compreensão desses dados.

A construção das matrizes SWOT criadas é baseada em metodologias semelhantes às do estudo “Análise SWOT como recurso para avaliação territorial – o caso de Torres Vedras”, de Gonçalo Rosa e José Lúcio, pela coincidência no tipo de alvo do estudo, na medida em que tanto este artigo como o presente trabalho tratam um território. As matrizes foram posteriormente alteradas para servir os propósitos específicos deste estudo, incluindo pontos ligados às condições da casa, dos seus serviços e equipamentos (no caso das casas) e ligados ao património cultural, natural, aos serviços, equipamentos e comunidades local (no caso das regiões).

Assim, a matriz SWOT envolve duas fases, a análise interna e a análise externa, ligadas às potencialidades e debilidades, e oportunidades e ameaças, respetivamente. (Gonçalves, 2001, in Rosa e Lúcio, 2001).

Segundo Rosa e Lúcio (2001: 2) “a análise SWOT possui a inegável vantagem de apresentar de modo estruturado, uma tipologia de problemas de ordem económica, social e urbana”, e por isso é usado em estudos de Planeamento Estratégico e *Marketing* Territorial, em processos de planeamento estratégico territorial. Este método alia a “leitura cuidadosa do território” com o “esforço de síntese a que obriga” e as “possibilidades que estabelece” (Rosa e Lúcio, 2001: 2). Este tipo de análise não pode substituir uma análise mais profunda, já que tende a simplificar as relações entre os elementos de forma a torná-los mais legíveis a todos. “A análise SWOT tem, portanto, uma função de sistematização e esta só depende da organização da informação. Esta é-nos facilmente transmitida em forma de tabela onde podemos destacar determinados sistemas através dos quais podemos subdividir a realidade que se vive no território em análise.” (Rosa e Lúcio, 2001: 3).

Assim, torna-se mais fácil a apreensão da realidade estudada, concorrendo para um processo de avaliação e planeamento mais correto. É importante que o desenho da matriz seja o mais coerente com os objetivos da análise feita, beneficiando do carácter de adaptabilidade, facilidade de aplicação a estudos diferenciados e possibilidade de ajustamento da exaustividade que este tipo de análise nos permite. Este método de análise facilita a compreensão da complexidade dos estudos regionais e oferece “um interessante e vasto conjunto de possibilidades analíticas” (Rosa e Lúcio, 2001: 4).

A análise SWOT é bem sucedida quando resulta numa conclusão das análises anteriores, na identificação dos elementos chave que permitam estabelecer prioridades e permite a preparação de recomendações através da identificação dos riscos e dos problemas a resolver. (Lindon *et al.*, 2011)

2.2. Trabalho de campo

A segunda etapa do processo de investigação é o trabalho de campo. Este implicou uma estadia de três meses em Moçambique, entre 17 de fevereiro e 16 de maio de 2013. Este período de tempo foi dividido entre Nampula (na província homónima) Alto-Molocué, Quelimane, Milevane (Alto-Molocué) e Gurué (na província da Zambézia), Pemba (na província de Cabo Delgado) e Lichinga (na província de Niassa), locais situados no norte e centro-norte do país. Nessa estadia, procedeu-se à observação do objeto de estudo e anotação do observado, implementação de inquéritos, recolha de planos das casas, testemunhos, fotografias (nomeadamente as que surgem na dissertação sem referência à fonte) e contactos.

Os contactos estabelecidos no trabalho de campo são predominantemente com instituições locais governamentais, essencialmente departamentos provinciais e distritais, nomeadamente a Direção Provincial de Turismo de Nampula, os vários departamentos económicos distritais do Alto-Molocué, a Direção Provincial de Turismo da Zambézia (Quelimane) e a Direção Distrital de Turismo do Gurué. Mas também a Faculdade de Gestão de Turismo e Informática da Universidade Católica de Moçambique, localizada em Pemba, Cabo Delgado.

O trabalho de campo não foi financiado por qualquer tipo de bolsa, pelo que se usaram meios próprios em conjunto com o apoio da congregação dehoniana. As viagens internacionais, a deslocação a Pemba, a viagem e outros encargos relacionados com a entrada no país africano (como vistos e vacinas tropicais) ficaram a cargo do primeiro elemento, enquanto que a maior parte das deslocações internas, o alojamento (sempre em casas dehonianas e outras duas casas religiosas – em Lichinga e Pemba) e a alimentação foram da responsabilidade da congregação.

Em campo, os métodos idealizados provaram ser úteis mas não completamente praticáveis. Na totalidade dos casos, não se obteve respostas a todas as questões dos guiões, sendo algumas só respondidas por alguns. Outras questões nem obtiveram respostas e outras, ainda, foram acrescentadas ou reescritas durante os três meses de trabalho de campo. Outros dados e

documentos foram obtidos junto de gabinetes de locais estatais, de turismo ou de atividades económicas.

2.3. Trabalho avançado de gabinete

A terceira etapa, que apelidamos de trabalho avançado de gabinete, implicou o tratamento dos dados obtidos em Moçambique, com metodologias que especificaremos abaixo, o cruzamento de toda a informação obtida e, finalmente, a escrita deste trabalho.

O processo começou pela transcrição das gravações. No final dessa transcrição, os dados foram inseridos em tabelas de categorização da informação, divididas pelos respetivos guiões e respeitando as questões dos mesmos. Um quadro sinóptico (visível na tabela 30, anexo 3) foi então gizado, compilando todos os dados recolhidos nas gravações de acordo com categorias, subcategorias, indicadores e unidades de registo. O quadro foi então alvo de comentário com vista a sintetizar e analisar informação sobre as possibilidades turísticas das comunidades dehonianas e das localidades onde se inserem. Por fim, gerou-se uma análise SWOT a partir desse comentário, da informação recolhida através da observação e de conversas informais e através de documentos. A análise permitiu a redação de algumas considerações finais sobre as possibilidades turísticas das casas e das regiões estudadas.

O processo teve naturalmente as suas dificuldades, principalmente a morosidade da fase das transcrições, já que as condições de gravação nem sempre foram as melhores, o português falado não era sempre entendível, o raciocínio poucas vezes era claro e direto, as respostas nem sempre correspondiam ao que se pedia e por vezes nem eram aproveitáveis no âmbito deste trabalho. A duração das entrevistas normalmente ultrapassou os 40 minutos e chegou perto das duas horas em um ou dois casos. Depois disto, nem sempre foi fácil perceber onde algumas informações, que pareciam válidas à luz da dissertação mas não diretamente relacionadas com as temáticas previamente estabelecidas, poderiam caber. Por fim, deparámo-nos com uma quantidade massiva de informação a ser processada, pelo que o quadro sinóptico foi essencial.

Por fim, articulada toda a informação obtida, foi possível escrever a dissertação que aqui se apresenta e responder aos objetivos propostos no início do trabalho.

PARTE III – RESULTADOS

Nesta parte apresentam-se os resultados recolhidos quer no âmbito do trabalho inicial de gabinete quer no trabalho de campo.

Introduzimos o universo dos entrevistados, no primeiro capítulo. Posteriormente, caracterizamos as diferentes casas dehonianas em estudo, no que constitui o segundo capítulo. Finalmente, no terceiro e último capítulo, apresentamos as diferentes categorias de análise que derivaram do processamento das entrevistas, nomeadamente, a caracterização das casas dehonianas e da região onde estas se implantam em termos das suas potencialidades turísticas.

1. O universo dos entrevistados

Ao todo foram realizadas 44 entrevistas e 5 *focus group*.²

Os entrevistados foram subdivididos em quatro categorias correspondentes aos quatro guiões de entrevistas (presentes no anexo 1): Superiores das comunidades (S); Habitantes locais (HL); Visitantes - alojamento (VA); Visitantes - turismo (VT).

Seis entrevistas foram efetuadas aos Superiores das comunidades (S) para uma melhor caracterização das casas dehonianas em estudo e para conhecermos a sua receptividade ao desenvolvimento de equipamentos, serviços e atividades relacionadas com o turismo cultural. Quatro entrevistas e 1 *focus group* foram feitas a Visitantes que pernoitaram nas comunidades dehonianas com o objetivo de conhecermos a sua opinião sobre as condições de alojamento destas comunidades (VA).

Paralelamente realizámos 31 entrevistas e 4 *focus group* a Habitantes locais (HL) para percebermos a sua sensibilidade ao desenvolvimento do turismo nas suas localidades e 3 entrevistas a Visitantes sobre a sua experiência turística na região (VT).

² Podemos definir *focus group* como um pequeno grupo selecionado de um grupo populacional mais amplo com o propósito de obter uma opinião dos membros do grupo ou uma resposta emocional relativamente a um assunto ou área particular (Houghton Mifflin Company, 2000).

1.1. Superiores das comunidades (S)

Foram entrevistadas 5 pessoas nesta categoria, todas do sexo masculino e todos sacerdotes da congregação dehoniana. Quatro são superiores das comunidades, enquanto 1 era apenas sacerdote (S4a). Quanto à origem, 4 entrevistados são italianos (S1, S2, S3, S4a) e 1 é moçambicano (S4c). Os padres mais velhos são os italianos, (apenas um dos padres, S1, não tem uma idade igual ou superior a 65), enquanto os moçambicanos têm idade inferior, ainda que superior a 40 anos. O local de entrevista coincide com o local de residência dos superiores e do padre: 1 do Alto-Molocué (S1), 1 de Quelimane (S2), 1 de Milevane (S3) e 2 do Gurué (S4a, S4c).

1.2. Habitantes locais (HL)

Foram entrevistadas 39 pessoas no âmbito desta categoria, 31 em regime de entrevista e 9 em regime de *focus group*.

Vinte e oito dos entrevistados são do **género** masculino e 11 do género feminino (Tabela 2). Há claramente um domínio do primeiro género, e inclusive, em dois lugares não tivemos qualquer representação feminina.

Tabela 2 - Género dos Habitantes locais

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Masculino	HL4, HL5, HL6, HL7, HL11	HL12, HL14, HL15c, HL16, HL17, HL18a, HL18b, HL19, HL20, HL21a, HL 21b, HL22, HL23b	HL10, HL11, HL24, HL25, HL26, HL28	HL29, HL30	HL28, HL31, HL32, HL33	28
Feminino	HL1, HL2, HL3, HL8, HL35	HL13, HL15a, HL15b, HL23a	HL9, HL27			11

Quanto à **profissão**, e como pode ser observado na Tabela 3, 7 eram estudantes universitários, 13 eram estudantes do ensino médio, 4 eram professores do ensino pré-superior; 1 era professor do ensino superior; 10 eram funcionários públicos, 5 eram religiosos [4 da

congregação dehoniana (HL11, HL16, HL29, HL30) e 1 da companhia missionária do Coração de Jesus (HL2)] e 3 realizavam diferentes tipos de atividades. Entre estes, 1 era chefe de secretaria de um dos institutos técnicos do Gurué (HL33); 1 dedicava-se à agro-pecuária (HL31) e o terceiro entra na categoria dos indeterminado (HL12).

Podemos afirmar que a amostra não é muito variada, limitando-se ao espectro do ensino, do funcionalismo público e da Igreja. Pela profissão atual podemos ainda perceber que o nível de formação será também semelhante, pelo menos na medida em que é igual ou superior ao nível médio.

Tabela 3 - Profissão dos Habitantes locais

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Estudante Universitário	HL1, HL4, HL5, HL7, HL8	HL12, HL17				7
Estudante do ensino médio	HL3	HL13, HL14, HL15a, HL15b, HL15c, HL18a, HL18b,	HL10, HL24, HL26, HL27, HL28		HL28	12
Professor do ensino pré-superior	HL2, HL4	HL17			HL31	4
Professor do ensino superior	HL6					1
Funcionário público	HL9, HL35	HL19, HL20, HL21a, HL21b, HL22, HL23a, HL23b	HL9, HL25		HL32	12
Religiosos	HL2 (companhia missionária), HL11 (dehoniano)	HL16 (dehoniano)	HL11 (dehoniano)	HL29 (dehoniano), HL30 (dehoniano)		4
Outras profissões		HL12			HL31, HL33	2

Podemos dividir as **idades** do universo de entrevistados em 5 categorias: 9 pessoas na faixa dos 10 – 19 anos; 14 pessoas na faixa dos 20-29 anos; 5 pessoas na faixa dos 30 – 39 anos; 3

peçoas na faixa dos 40 – 49 anos e 1 peçoas na faixa dos 70 – 79 anos (Tabela 4). Trata-se portanto de uma amostra maioritariamente jovem ou de jovens-adultos.

Tabela 4 - Idade dos Habitantes locais

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Guru�	Totais
10-19 anos	HL3 (18); HL8 (19),	HL14 (18); HL15a (19); HL15c (19); HL18a (18); HL18b (18);	HL10 (19); HL26 (18);			9
20-29 anos	HL1 (22); HL4 (25); HL5 (23); HL6 (29); HL7 (23);	HL13 (20); HL15b (21); HL20 (29); HL21b (29); HL22 (29); HL23b (25)	HL24 (21); HL27 (24); HL28 (21)		HL28 (21),	14
30 – 39 anos		HL12 (30); HL17 (31);	HL9 (38);		HL31 (33); HL33 (32);	5
40 – 49 anos		HL16 (42);		HL29 (48); HL30 (47)		3
70 – 79 anos	HL11 (70s);		HL11 (70s),			1
Indeterminado	HL2; HL35	HL19; HL21a; HL23a	HL25		HL32	7

A **origem** dos entrevistados é relativamente variada, sendo o maior contingente do distrito de Alto-Molocué (14 peçoas em 40). Estes, na sua maioria, responderam a perguntas na sede do distrito (Tabela 5). Por províncias, o maior contingente   da Zambézia (26 em 40 peçoas), o que não é surpreendente, já que a maior parte dos locais de entrevista foram nesta província. As outras províncias de origem são Nampula (4 entrevistados), Sofala (1 entrevistado), Maputo (1 entrevistado), Cabo Delgado (1 entrevistado) e Tete (1 entrevistado). Por fim, 1 dos entrevistados era estrangeiro (HL11).

Tabela 5 - Origem dos Habitantes locais

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Nampula, Nampula	HL4, HL5, HL6, HL8					4
Nampula (província)	HL7					1
Alto-Molocué, Zambézia	HL1	HL13, HL14, HL15a, HL15b, HL15c, HL16, HL18a, HL20 (Nauela), HL22 (Mutana), HL23a, HL23b, HL29 (Nauela), HL30 (Nauela)		HL29 (Nauela), HL30 (Nauela)		14
Gurué, Zambézia			HL28		HL31, HL33	3
Milange, Zambézia		HL17, HL21b				2
Namacurra, Zambézia			HL9			1
Namarrói, Zambézia	HL3					1
Nicoadala, Zambézia			HL26			1
Quelimane, Zambézia		HL12	HL10, HL24, HL27			4
Beira, Sofala		HL21a				1
Maputo (província)	HL2					1
Pemba, Cabo Delgado		HL18b				1
Tete (província)					HL32	1
Indeterminado (Moçambique)	HL35	HL19	HL25			3
Itália	HL11		HL11			1

Como ilustra a Tabela 6, a **residência e local de entrevista** coincidem quase sempre, exceto em 2 casos [HL17 (Gilé) e HL35 (Ilha de Moçambique)]. Quanto ao local de entrevistas

contabilizamos 12 entrevistados em Nampula, 17 entrevistados no Alto-Molocué, 5 entrevistados em Quelimane, 2 entrevistados em Milevane e 3 entrevistados no Gurué. É preciso lembrar que isto não corresponde na totalidade ao número de entrevistas sobre cada lugar, já que algumas entrevistas trataram dois lugares ao mesmo tempo. Assim, 10 entrevistados responderam a perguntas relativas a Nampula (HL1, HL2, HL3, HL4, HL5, HL6, HL7, HL8, HL11, HL35), 17 sobre Alto-Molocué (HL12, HL13, HL14, HL15a, HL15b, HL15c, HL16, HL17, HL18a, HL18b, HL19, HL20, HL21a, HL21b, HL22, HL23a, HL23b), 8 sobre Quelimane (HL9, HL10, HL11, HL24, HL25, HL26, HL27, HL28), 2 sobre Milevane (HL29, HL30) e 4 sobre o Gurué (HL28, HL31, HL32, HL33). O número de entrevistados é mais alto em relação a Nampula, Alto-Molocué e Quelimane, e diminui em relação aos outros lugares. Em Milevane tal explica-se pela disponibilidade de poucas pessoas para fazer o inquérito, enquanto no Gurué também influenciou o facto de se ter considerado que alguns dados relativos a este distrito já estariam presentes em inquéritos cujas respostas abrangessem toda a província da Zambézia.

Tabela 6 - Residência e Local de Entrevista dos Habitantes locais

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Nampula	HL1, HL2, HL3, HL4, HL5, HL6, HL7, HL8, HL9, HL10, HL11					11
Alto-Molocué		HL12, HL13, HL14, HL15a, HL15b, HL15c, HL16, HL18a, HL18b, HL19, HL20, HL21a, HL21b, HL22, HL23a, HL23b				16
Quelimane			HL24, HL25, HL26, HL27, HL28			5
Milevane				HL29, HL30		2
Gurué					HL31, HL32, HL33	3
Gilé		HL17				1
Ilha de Moçambique	HL35					1
Total	12	17	5	2	3	39

1.3. Visitantes – alojamento (VA)

Seis pessoas foram entrevistadas no âmbito desta categoria, 4 em regime de entrevista e 2 em regime de *focus group*.

Cinco dos entrevistados são do **género** masculino e 1 do género feminino (Tabela 7). Tal como na categoria dos habitantes locais, o género feminino está sub-representado.

Tabela 7 - Género dos Visitantes - alojamento

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Masculino		VA1, VA2			VA3a, VA4, VA5	5
Feminino					VA3b	1

Os visitantes dividiram-se em apenas 2 **profissões**: médicos e funcionários de organizações não governamentais - ONGs (Tabela 8). Apenas um entrevistado tem a primeira profissão. Estamos, assim, perante uma amostra ainda mais limitada do que a dos habitantes locais, embora, neste caso, estes tenham uma formação superior à daquele grupo.

Tabela 8 - Profissão dos Visitantes - alojamento

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Médico		VA1				1
Funcionário de ONG		VA2			VA3a, VA3b, VA4, VA5	5

É importante auscultar o **motivo de visita** dos entrevistados já que funciona como amostra dos objetivos dos hóspedes das casas. Porém, a amostra em si é muito pequena, não podendo ser considerada como média dos motivos de procura destes alojamentos. Assim, em 6 entrevistados 2 encontravam-se no local por motivos de lazer (eram, portanto, turistas) e 4 por motivos de trabalho (Tabela 9).

Tabela 9 - Motivo de Visita dos Visitantes - alojamento

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Lazer					VA3a e VA3b	2
Trabalho		VA1, VA2			VA4, VA5	4

Podemos dividir as **idades** dos entrevistados em duas faixas etárias: 5 pessoas encontravam-se na faixa dos 30 – 39 anos e 1 pessoa na faixa dos 40 – 49 anos (Tabela 10). A variedade de idades é limitada, tal como a amostra em si.

Tabela 10 - Idade dos Visitantes - alojamento

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Totais
10-19 anos						
20-29 anos						
30-39 anos		VA1 (30), VA2 (32)			VA3b (37), VA4 (35), VA5 (35)	5
40-49 anos					VA3a (40)	1
70-79 anos						

Como a Tabela 11 demonstra, a **origem** dos entrevistados é variada para a amostra, com presença de nacionais e estrangeiros de dois continentes: América Central (Nicarágua) e Europa (Espanha).

Tabela 11 - Origem dos Visitantes - alojamento

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Moçambique		VA1, VA2			VA5	3
Espanha					VA3a, VA3b	2
Nicarágua					VA4	1

A **residência e o local de entrevista** não podem coincidir, ao contrário do caso dos habitantes locais. Neste caso, só foi apurado o local de residência de dois visitantes (Quelimane). Já o local de entrevista e os lugares falados na entrevista coincidem na totalidade. Só dois lugares foram alvo destas entrevistas, Alto-Molocué e Gurué, até porque são as únicas que recebem hóspedes regularmente (Tabela 12).

Tabela 12 - Residência e Local de Entrevista dos Visitantes - alojamento

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Quelimane		VA1, VA2				2
Indeterminado					VA3a, VA3b, VA4, VA5	4
Total		2			4	

1.4. Visitantes – turismo (VT)

Quatro pessoas foram entrevistadas no âmbito desta categoria, 2 em regime de entrevista e 2 em regime de *focus group*.

Três dos entrevistados são do **género** masculino e 1 do género feminino (Tabela 13). Tal como na categoria anterior, o género feminino tem pouca representação.

Tabela 13 - Género dos Visitantes - turismo

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Masculino					VT1a, VT2, VT3	3
Feminino					VT1b	1

Aqui a variedade de **profissões** é ainda mais limitada, com apenas funcionários de organizações não governamentais, mas aponta para o mesmo tipo e nível de formação (Tabela 14).

Tabela 14 - Profissão dos Visitantes - turismo

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Funcionário de ONG					VT1a, VT1b, VT2, VT3	4

O **motivo** de visita é ainda mais importante nesta categoria, já que o tema do guião é a satisfação turística, e é importante saber se o entrevistado veio à região por lazer ou não. (Tabela 15).

Tabela 15 - Motivo de Visita dos Visitantes - turismo

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Lazer					VT1a, VT1b	2
Trabalho					VT2, VT3	2

Podemos dividir as **idades** dos entrevistados em duas faixas etárias: 3 pessoas estavam na faixa dos 30 – 39 anos e 1 pessoa encontrava-se na faixa dos 40 – 49 anos (Tabela 16). A amostra tem pouca variedade de idades, pois o número é limitado.

Tabela 16 - Idade dos Visitantes - turismo

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Totais
10-19 anos						
20-29 anos						
30-39 anos					VT1b (37), VT2 (35), VT3 (35)	3
40-49 anos					VT1a (40),	1
70-79 anos						

Tal como na amostra anterior, a **origem** dos entrevistados é variada para a amostra (Tabela 17), com presença de nacionais (Nampula) e de estrangeiros de dois continentes: América Central (Nicarágua) e Europa (Espanha).

Tabela 17 - Origem dos Visitantes - turismo

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Moçambique					VT3	1
Espanha					VT1a, VT1b	2
Nicarágua					VT2	1

Tal como na amostra anterior, a **residência e o local de entrevista** não podem coincidir, ao contrário do caso dos habitantes locais. Todavia, não foi possível determinar a residência de nenhum dos entrevistados, mas apenas o seu país de origem (Tabela 18).

O local de entrevista e os lugares falados na entrevista coincidem completamente. Neste caso só um lugar foi alvo destas entrevistas, o Gurué, porque na outra casa que recebe hóspedes regularmente (Alto-Molocué) nenhum hóspede se enquadrava na categoria de turista.

Tabela 18 - Residência e Local de Entrevista dos Visitantes - turismo

	Nampula	Alto-Molocué	Quelimane	Milevane	Gurué	Total
Indeterminado					VT1a, VT1b, VT2, VT3	4
Total					4	

1.5. Comentário

Todo o trabalho da dissertação tem as suas dificuldades, e este não fugiu à regra. Nem todos os superiores das comunidades puderam disponibilizar tempo para uma entrevista. Somente em duas casas havia hóspedes para entrevistar, e mesmo nessas foi difícil encontrar quem desse o seu tempo para esse efeito. A amostra dos visitantes é pouco significativa, já que os visitantes em lazer aparentam representar quase metade dos hóspedes das duas casas, mas na realidade constituem uma minoria. Quanto às entrevistas aos habitantes locais, o número não foi um problema, mas a representatividade é reduzida. A dificuldade de entendimento do guião limitou a escolha dos entrevistados a estudantes (ensino médio e superior), técnicos de gabinetes estatais, professores e sacerdotes. Mesmo nestas categorias socioprofissionais, a comunicação do conteúdo dos guiões nem sempre era fácil, fosse por impedimentos linguísticos ou limitações no conhecimento da temática e dos seus conceitos e vocabulário.

2. As comunidades dehonianas de Moçambique

Este capítulo serve o propósito de apresentar um primeiro perfil das comunidades dehonianas que reúna a informação apresentada no estado da arte, assim como a informação resultante da análise das entrevistas e a recolhida pela autora, através da observação direta.

As comunidades dehonianas em Moçambique contam com 12 sacerdotes, todos com idades superiores a 40 anos de idade. No campo de atividades das comunidades não deve haver interferência de indivíduos externos, apenas em caso excecionais, para “obras válidas” (S2), como é o caso de professores universitários que permaneçam alguns meses a lecionar em Moçambique.

2.1. Comunidade dehoniana de Nampula

A Comunidade de Nampula situa-se no bairro de Napipine da cidade de Nampula, vizinha da paróquia de São Pedro de Napipine (Fig. 5). A comunidade em si está reduzida atualmente a dois membros italianos, o padre Elia Ciscato e o padre Ricardo Regonezzi, superior da casa.

O primeiro ocupa-se da paróquia do bairro, de estudos etnográficos e aulas de cultura Macua a



Fig. 5 - Casa dehoniana de Napipine, Nampula

recém-chegados. O segundo ocupa-se da pastoral e do supervisionamento da comunidade.

A estrutura física está dividida em dois blocos. O bloco principal serve de refeitório e espaço de convívio e tem os quartos dos membros da comunidade. O outro bloco tem a lavandaria, um escritório e 4 quartos. Há ainda uma pequena horta e um espaço de estacionamento.

A casa onde a comunidade dehoniana está não é da propriedade da congregação, foi arrendada à diocese. Os padres diocesanos vão passar a liderar a paróquia do bairro, e os dehonianos precisam de ter o seu próprio espaço. Desta forma, está em construção uma estrutura para alojar a comunidade nos arredores da cidade, a 30 minutos de Napipine, perto do posto administrativo do Anchilo, ainda parte do distrito de Nampula.

O transporte para chegar a este novo espaço não é problema, já que há *chapas* (carrinha ligeira adaptada para carregar passageiros, com 16 lugares sentados mas de maior capacidade

de pé) a chegar ao Anchilo. É um lugar ainda ruralizado, mas se a expansão da cidade permanecer no mesmo ritmo acelerado dos últimos anos, prevê-se que se transforme num dos bairros da cidade.

A propriedade possui sete ou oito hectares mas o seu futuro ainda está a ser equacionado. A ideia principal é a da construção de um seminário de filosofia e de uma casa para os padres. Todos os seminaristas dehonianos do norte precisam de concluir os estudos em Maputo, e seria mais acessível ter um seminário na região para estes estudantes. Já se equacionou a construção de pequenas casas de hospitalidade, inseridas na propriedade dehoniana, para receber os alunos externos, que são em cada vez maior número, por causa da expansão das universidades, e que procuram um lugar seguro para viver. Seria uma fonte de rendimento e de autossuficiência para a comunidade. Outra hipótese apontada por um padre de Quelimane é a de passar a instituição da sede da província dehoniana para esta casa. Porém, ainda é preciso equacionar alguns problemas de infraestrutura, como a falta de água e de eletricidade, que chegará em breve, e problemas de financiamento, até porque o preço dos materiais de construção tem subido.

2.2. Comunidade dehoniana do Alto-Molocué

A comunidade dehoniana de Alto-Molocué encontra-se no bairro da Pista Velha, a alguns quilómetros do centro da vila de Alto-Molocué, no recinto do Centro Juvenil Padre Dehon. A comunidade é constituída por três membros, o padre Onorio Matti (superior da casa e italiano), o padre Carlos Nticua e o padre Messias Alberto Lopes (ambos moçambicanos). O primeiro padre é o responsável pela hospedagem, o segundo pelo Centro Juvenil e pela pastoral, e o terceiro também pela pastoral.



Fig. 6 - Casa de alojamento dehoniana do Alto-Molocué

No complexo do centro há três estruturas, sem contar com um barracão onde os alunos praticam nas aulas de carpintaria. Numa das estruturas realizam-se atividades do centro. Aqui existem 2 salas de aula (uma de informática e outra da escolinha), a biblioteca, o escritório do centro e um auditório, atualmente em funcionamento como igreja da Paróquia de Rainha da Paz. A segunda estrutura (Fig. 6, estrutura central), cujo plano pode ser visto no anexo 2 (Fig. 47), encontra-se dividida em dois andares, com 13 quartos, 1 refeitório, 1 sala de estar que também funciona como biblioteca, 1 sala de fotocópias, 2 escritórios, 1 capela e 1 pequena sala comum a dois quartos. Numa terceira estrutura (Fig. 6, estrutura à esquerda) funciona a lavanderia, a garagem e uma antiga sala de hóspedes.

No Alto-Molocué os campos de ação dos dehonianos dividem-se em três grandes atividades: o alojamento, o Centro Juvenil e as ações sociais e pastorais nas comunidades locais. Quanto a este último campo, um hóspede (VA1) destaca o apoio que os padres dão nas questões de saúde, principalmente em relação ao transporte para as instituições de saúde locais ou regionais, em situações de urgência (como partos) e de ligação entre os doentes e as suas comunidades quando estes não têm possibilidades de o fazer pelos seus próprios meios. Este hóspede é médico e trabalha na assistência dos doentes locais. Outro ponto a considerar é a pastoral nas pequenas comunidades cristãs ministeriais, que constituem uma experiência “muito original, muito valiosa, que merece”(S1).

2.3. Comunidade dehoniana de Quelimane

Esta comunidade supervisiona a administração provincial dos dehonianos de Moçambique. O padre Carlos Lobo é o superior provincial, o padre Francisco Bellini é o ecónomo da província e o padre Aldo Marchesini ocupa o seu tempo no serviço médico-cirúrgico dos hospitais de Quelimane.

A casa de dois andares que habitam (Fig. 7) tem 22 quartos (todos com casa de banho privativa), 1 refeitório, 1 sala de televisão, várias saletas de estar, 2 escritórios (um com biblioteca) e 2 capelas. A capela maior é usada poucas vezes mas constitui um dos empreendimentos mais dispendiosos do conjunto, com murais criados por um pintor que já trabalhara noutra obra dehoniana – a igreja da missão de Nauela. Dentro do recinto murado

podem-se encontrar ainda um jardim, alguns animais de criação (patos e coelhos), uma garagem e uma oficina³.

A casa de Quelimane é o centro da administração da província, e tem como funções principais hospedar a cúria provincial e ser a casa de referência das outras missões para encomendas, lugar de apoio para mecânica, celebrações e encontros de trabalho (S2). Os padres da comunidade ocupam-se com funções diretivas, e todos os anos têm de rever pormenorizadamente os trabalhos de cada comunidade. O padre Carlos é o superior provincial e



Fig. 7 - Casa Provincial de Quelimane

deve visitar constantemente os vários lugares que fazem parte da província dehoniana. O padre Bellini é o ecónomo provincial, devendo ter sempre presente a economia de todas as oito casas e equilibrar os lucros entre si. Já o padre Marchesini é médico-cirúrgico, ocupando o tempo como professor, formando técnicos cirúrgicos. Nenhum dos padres da comunidade se ocupa da pastoral.

Um dos padres (S2) confessa que não é o melhor lugar para ter a sede da província, já que o microclima é ingrato (temperaturas elevadas com um grau muito alto de humidade, em contraste com os outros centros dehonianos), a cidade está isolada do resto da província e do país sendo “a mais isolada de Moçambique [...] a 60 quilómetros da estrada nacional” (S2), e

³ Vizinha à casa encontra-se a paróquia de Paróquia da Sagrada Família, que já foi de tutela dehoniana, e o seu recinto. Para além da igreja colonial e de uma escola de condução, podemos encontrar o Centro Ponto de Encontro, projeto que vale a pena visitar, com estruturas de acolhimento a doentes seropositivos, uma ala de salas de aula (onde decorrem palestras, aulas de informática, de inglês, de guitarra, treinador de basquete, ...) e uma biblioteca aberta ao público que recebe uma média de 300 alunos por dia. A alguns quilómetros encontra-se ainda o seminário dehoniano do Sococo.

distante das restantes localidades de influência dehoniana, estando a 400 quilómetros do Alto-Molocué.

O mesmo padre sugere a mudança do centro para Nampula, uma cidade de maior dimensão e mais próxima dos outros locais da Zambézia, com custos limitados pois há espaço (100 hectares) para a construção de uma nova casa. Esse espaço podia começar como casa de estudantes, mas depois incluir a sede da província.

2.4. Comunidade dehoniana de Milevane

Nesta casa de grandes dimensões isolada numa localidade do posto administrativo de Nauela, a 60 quilómetros de distância do centro do distrito do Alto-Molocué, de nome Milevane, habita a comunidade de quatro padres dehonianos que supervisiona a pastoral no espaço envolvente e a formação de alguns seminaristas que com eles vivem. O padre Renato Comastri (superior da casa e italiano), o padre Augusto João Nicolau, o padre Azevedo Saraiva e o padre Basílio António Uahica (os três moçambicanos) constituem essa comunidade. Os dois primeiros ocupam-se da pastoral e os dois últimos da orientação dos seminaristas (HL30).

A casa é, a par da do Gurué, uma das maiores da província dehoniana de Moçambique (Fig. 8). Para além da igreja, de alguns barracões com animais domésticos e uma casa oficina, em



Fig. 8 - Um dos edifícios principais do Seminário de Milevane

Fonte: <http://santoantoniogurie.blogspot.pt/2011/09/nauela-visita-pastoral-09-12092011.html>.

ruínas, onde se encontra um gerador elétrico, a casa consiste em duas grandes estruturas de três andares, idênticas por fora, com anexos compridos que cruzam com o edifício principal. Uma das estruturas é ocupada pela comunidade e contém 1 refeitório com alguma dimensão, 1 sala de estar, 1 biblioteca, 1 tipografia, 1 escritório, 1 cozinha, várias salas vazias, outras usadas para aulas, e isto apenas no piso térreo. O segundo andar tem 11 quartos, 1 camarata, casas de banho comuns, 1 biblioteca e 1 sala de reuniões. O anexo tem 8 quartos com casa de banho privativos, algumas ocupadas pelos membros da comunidade, e dos poucos com acesso a água aquecida pela energia solar ou pelo gerador. O andar térreo do segundo edifício tem um grande refeitório abandonado. O primeiro andar aloja uma capela maior, que ocupa metade do edifício, e mais algumas salas de reunião e uma biblioteca. O segundo andar reúne 28 quartos (com e sem casa de banho privativa). O anexo desta estrutura consiste num espaço de dois andares que pode funcionar como 1 apartamento arrendável, com alguns quartos, cozinha e salinhas. A casa só está ligada à eletricidade quando o gerador está a funcionar, limitando-se a poucas horas após o anoitecer. Apenas a capela mais pequena e 1 sala, no primeiro andar do edifício onde vivem os padres, têm baterias individuais.

O alcance dos sacerdotes não é suficiente para uma presença constante junto dos cristãos, e assim opta-se por dar as ferramentas para que eles caminhem independentemente.

A propriedade também abrange o espaço envolvente, que não foi quantificado mas que é de grandes dimensões, incluindo um pequeno lago. Quanto à gestão do espaço da propriedade, Milevane tem um grande potencial, mas as fontes de rendimento estão a ser abandonadas gradualmente, e o estado de conservação tem decaído. Já não há gado, apenas alguns animais de curral. Só subsiste uma horta, quando três ou quatro anos antes os padres cultivavam feijão, soja, milho e mandioca, mas estas produções foram abandonadas porque o prejuízo com os trabalhadores é maior que o custo de compra destes produtos, e só não abandonam a horta porque é mais complicado encontrar hortícolas no mercado. Arrendam os terrenos às 300 famílias que vivem dentro da propriedade, mas a maioria não paga o preço acordado (uma lata de 20 litros de produção por ano). Mas o que lhes interessa “é que eles saibam que não são donos das terras” e se “no futuro houver algum outro projeto, devem estar preparados para saírem” (S3). Ainda arrendaram um terreno de vários hectares a um só agricultor para produção de soja, um curral (cuja renda nunca foi paga) e têm disponíveis os baixios para o arroz.

Um dos padres de Quelimane (S2) aponta para a falta de tudo numa propriedade que podia ter muito mais, mas que ninguém quer ver recapitalizada porque é um lugar isolado, pois, apesar

de estar a menos de 100 quilómetros de Alto-Molocué e de Gurué, as vias de acesso são de má qualidade, pelo que todos dizem que não vale a pena. No entanto, alguns padres afirmaram que já se tinha pensado em vários projetos para o local, como a construção de um centro de estágio, de um campo de golfe, de um hipódromo, de uma faculdade da Universidade Católica de Moçambique ou o seu aproveitamento para pomar de cerejas, beneficiando do clima ameno e fresco. Todavia, por agora, a comunidade tem sobrevivido com a ajuda das outras comunidades.

2.5. Comunidade dehoniana do Gurué

Os três padres do Gurué, Marcos Paulo Lázaro (superior da comunidade, diretor da Escola Básica Industrial e do Instituto Médio Agropecuário e moçambicano), Claudino Afonso da Piedade (diretor pedagógico das escolas e moçambicano) e Ilário Verri (responsável pela hospedagem e italiano), vivem e desenvolvem as suas atividades no contexto do Centro Polivalente Leão Dehon, já no aglomerado urbano da cidade do Gurué.



Fig. 9 - Antigo Noviciado do Gurué

Trata-se de um espaço murado que engloba um edifício de secretaria, os edifícios das aulas teóricas, biblioteca, oficinas dos institutos técnicos, moagem, algumas casas de arrendamento, uma sala de reuniões para 300 pessoas e uma casa onde dormem alguns hóspedes e os padres, com refeitório (o único ativo em todo o empreendimento dehoniano no Gurué),

lavandaria, sala de estar com televisão e uma pequena capela. O CPLD (Centro Polivalente Leão Dehon) e os seus institutos possuem ainda um campo desportivo, campos agrícolas e animais na localidade de Mangone, a alguns quilómetros da cidade. Em geral, o centro é considerado um motor de desenvolvimento da região, direta e indiretamente.

A maior parte da hospedagem dá-se no antigo noviciado (Fig. 9), na saída da cidade em direção ao Alto-Molocué. Este agregado possui 65 quartos, 1 capela, 2 cozinhas, 2 refeitórios (só utilizados quando grandes grupos de seminaristas são acolhidos aqui), 1 sala de reuniões para 50 pessoas, 1 sala de estar com televisão, 1 lavandaria, 1 horta e 1 jardim no pátio, bananeiras e outras produções agrícolas no espaço circundante, com uma dimensão considerável.

Parte da estrutura do noviciado está reservada ao pólo de ensino à distância da Universidade Católica de Moçambique, que está naquele espaço há 2 anos. Um edifício à parte está arrendado a uma empresa de construção, tal como alguns quartos no interior da casa. Outro edifício serve de garagem e de camarata.

O aquecimento no noviciado é feito através de painéis, mas é normal os hóspedes não terem água quente de manhã. O plano da estrutura principal, um pouco desatualizado, pode ser visualizado no anexo 2 (Fig. 48).

As propriedades dehonianas no Gurué já motivaram algumas ideias de projetos de rentabilização, como um projeto residencial em Mangone, a construção de um campo de golfe ou de um centro de estágio.

No Gurué, além da pastoral, os padres estão ocupados com serviços de alojamento e a gestão dos institutos técnicos, oficinas e propriedades associadas. A administração financeira também é separada.

Os rendimentos do alojamento sustentam a comunidade do Gurué, e, através da caixa comum da província moçambicana, os custos das outras casas quando é necessário. Poderiam atingir a autosuficiência com os lucros, afirma um dos padres (S4a), até porque “chegará o dia em que não chegará mais dinheiro da Europa”, e tal modelo poderia ser repetido noutras casas que tivessem perfil para a exploração dos serviços de alojamento, como a do Alto-Molocué, a de Milevane e a de Maputo. No entanto, o sucesso desta atividade dependeria de contratar o pessoal certo, com vocação, tempo e paciência para tal. Outro padre (S4c) informa que, até agora, o lucro serviu “para construir algumas coisas importantes na província moçambicana, para a alimentação de algumas casas de formação e comunidades religiosas”. Esta gestão feita porque a hospedagem é orientada diretamente pela província, enquanto que o Centro Polivalente

Leão Dehon, que inclui as escolas e as oficinas, é administrado internamente, ainda que pertença na mesma à província. Assim, enquanto o estado moçambicano paga os ordenados dos professores através de uma parceria com o CPLD, os lucros da parte industrial (oficinas) servem para a manutenção das escolas e para a construção de algumas obras dentro das mesmas, como a biblioteca. A oficina de carpintaria produz encomendas para fora da região, com pedidos de Maputo, Lichinga, entre outros (VA4).

3. Apresentação das categorias de análise: caracterização das casas dehonianas e da região onde se implantam

No quadro sinóptico dividiu-se toda a informação em duas grandes categorias: “Caracterização das casas dehonianas” e “Caracterização da região estudada”.

A primeira categoria encontra-se subdividida em subcategorias, a saber: 1) “Identificação das casas”; 2) “Possibilidade da reconversão turística das casas”; 3) “Equipamentos das casas”; 4) “Serviços de restauração interna”; 5) “Outros serviços internos”; 6) “Horários dos serviços internos”; 7) “Preços do alojamento”; 8) “Preços dos outros serviços”; 9) “Motivação e tempo da estadia” e 10) “Atrativos das casas dehonianas e atividades passíveis de serem oferecidas pelos dehonianos aos turistas” “Identidade da comunidade dehoniana”.

A segunda categoria, designada por “Caracterização da região estudada” está dividida nas seguintes subcategorias: 1) “Alojamento”, 2) “Restauração”, 3) “Transportes”, 4) “Serviços”, 5) “Recursos e Produtos turísticos”, 6) “Dados sobre o turista”, 7) “Relações entre agentes turísticos e as comunidades locais e turistas”, “8) Indústria turística na região”, 9) “Perfil económico da localidade”

3.1. Caracterização das casas dehonianas

Esta categoria reúne os conteúdos relativo às casas (com a excepção de Nampula, em que não se realizou entrevistas ao superior ou a visitantes) e as suas características, quer positivas quer negativas. Estas são apresentadas de forma comparativa. Os hóspedes tiveram, ainda, oportunidade de classificar algumas características das casas em termos de satisfação das instalações e serviços, numa escala de 1 a 10.

3.1.1. Identificação das casas

Os superiores e os hóspedes identificaram as casas e contaram a história de cada uma delas. Os nomes corretos das casas nunca foram mencionados.

Quanto à história das casas, elas iniciam-se com a presença dos dehonianos em Moçambique, sendo a missão de Alto-Molocué a primeira a surgir, em 1947, então localizada em Malua. A presença dehoniana em Quelimane, Milevane e no Gurué data, também, de um período anterior à independência de Moçambique, tal como as outras localidades que acolheram missões dehonianas, num total de treze. Nos casos de estudo as casas foram construídas de raiz pelos dehonianos com o objetivo de suportar a evangelização e a formação de evangelizadores. Quelimane foi, então, escolhida para ser a sede administrativa da presença dehoniana em Moçambique.

A independência trouxe as nacionalizações, que afetaram todas as propriedades da congregação. No Alto-Molocué e em Milevane esta situação resultou no abandono das infraestruturas, no primeiro lugar de forma definitiva. Em Quelimane, só alguns edifícios continuaram a ser ocupados pelos dehonianos e a casa atual corresponde a uma reconstrução da antiga casa, efetuada há dez anos. No Alto-Molocué, a comunidade mudou de lugar várias vezes, até se fixar definitivamente no bairro da Pista Velha, em meio urbano, para uma casa criada para o efeito entre 2004 e 2006. Em Milevane, os dehonianos voltaram a ocupar as estruturas abandonadas no pós-guerra civil. A par da comunidade do Gurué, é a única que habita a casa original do tempo colonial.

As infraestruturas são apenas geridas pelos dehonianos, já que oficialmente ainda estão nacionalizadas. No caso de Milevane, um espaço isolado no interior da Zambézia, a reocupação foi realizada sem nenhuma formalização.

Em junho de 1998, foi declarada a separação das províncias dehonianas de Portugal e da Itália, o que acarreta dificuldades de sustentação financeira. As missões em Moçambique passam de treze para cinco, sem contar com Maputo: Quelimane, Gurué, Milevane, Alto-Molocué e Nampula (esta última, com infraestruturas em fase de construção).

O aproveitamento económico das casas é equacionado e praticado em algumas das comunidades como estratégia de autofinanciamento. No Alto-Molocué e no Gurué, o acolhimento

data de há dois anos atrás, num sistema de *Bed and Breakfast*. No Alto-Molocué iniciou-se com o aproveitamento dos quartos criados para acolhimento de voluntários. No Gurué serviu para rentabilizar o espaço de alojamento do noviciado, demasiado grande para a pequena comunidade de aspirantes a padres, que foi transferida para Milevane. Ainda assim, nas outras casas dehonianas persiste o problema da falta de rentabilização do espaço.

3.1.2. Possibilidade de reconversão turística das casas

Nesta categoria aborda-se a visão dos superiores das comunidades e de outros padres da comunidade (HL29 e HL30) sobre o futuro das casas enquanto locais de hospedagem a pessoas externas ou a turistas. Em Quelimane e Milevane são consideradas as hipóteses de converter as instalações disponíveis em estabelecimentos de hospedagem. Já no Gurué, ainda que se trate de uma casa já convertida à hospedagem, o desenvolvimento da atividade também é ponderado.

Mais particularmente em Quelimane, o superior (S2) admite já ter discutido o assunto da possibilidade da “casa como ocasião de negócio”, até porque “todos dizem que são malucos por deixarem uma estrutura parada assim” (S2).

Surgem, porém, várias condicionantes que impõem esta *inutilização*. Primeiro, a congregação não está vocacionada para os negócios, nem os membros da casa têm disponibilidade para tal. Precisavam de duas pessoas que se dedicassem somente a esses assuntos, mas é difícil encontrar alguém que se queira ocupar de tal atividade. Depois, para iniciar esta atividade seria necessário um grande investimento, para além dos custos avultados de manutenção da casa que já têm de suportar, e de cumprir todos os trâmites necessários à oficialização enquanto estabelecimento de hospedagem “um mínimo de participação às estruturas financeiras municipais, um alvará (...). A reestruturação, vistoria, definição de custos e impostos financeiros” (S2). O superior da comunidade considera que a mudança é necessária, mais tarde ou mais cedo, e que a proximidade da casa às Universidades e o exemplo da prática de alojamento de estudantes e professores por outras casas de religiosos os leva a ter em conta essa opção. Já consideraram, mesmo, alterações na casa para permitir essa atividade de uma forma mais cómoda para os residentes, como dividir a casa a meio, de cima a baixo, já que há saídas dos dois lados. Os estudantes universitários já comunicaram essa necessidade, mas a solução não avança. Isto acontece porque alguns membros da comunidade mostram-se renitentes em apoiar

tal mudança, devido ao transtorno que traria aos residentes e por acreditarem que os lucros ainda não são necessários. Para além da opção de transformar a casa num lar de estudantes, já se pensou em transformá-la num centro para idosos ou numa escola. Também se colocou a opção de converter o pomar num jardim, mas para isso são necessários dois trabalhadores para o manter.

Quanto a Milevane, existem algumas preocupações semelhantes às de Quelimane, como a preservação da tranquilidade dos residentes e a questão dos custos da casa. Ai, os padres parecem ter considerado mais opções para que a tranquilidade seja preservada com a hospedagem ativa, como, por exemplo, a divisão entre os dois grandes edifícios, ficando um reservado para comunidade e o outro para os hóspedes, exceto no caso de poucos hóspedes e por pouco tempo. Estes acham que o alojamento pode ser a solução para os custos avultados da manutenção da casa e das suas infraestruturas (seria preciso renovar as madeiras e as canalizações, que ainda são as originais). Além disso, consideram que se a aposta no turismo religioso for feita “ter os padres por perto” (S3) é vantajoso pois os turistas poderão partilhar com eles o seu estilo de vida, se assim o desejarem. Os custos avultados com a casa também têm feito a comunidade pensar que se justifica a hipótese de vender a propriedade, e nesse caso mudarem-se para a missão de Nauela (antiga missão dehoniana que se encontra desocupada desde a independência) para assim recuperarem o *ambiente* e ficarem perto da casa de Milevane, pois o cemitério da congregação está na propriedade de Milevane. Além das despesas com infraestruturas e equipamentos da casa, os padres esperam que o lucro das dormidas possa cobrir as despesas da comunidade. No caso de se estabelecer a atividade turística, as decisões mais importantes ficam a cargo de toda a província dehoniana, ou seja, do conjunto das comunidades da congregação em Moçambique, não só da comunidade atual, que pode ou não ficar a gerir a atividade. Isto também se aplica naturalmente às despesas iniciais de renovação dos edifícios, que, ao serem custeadas pela caixa comum, deverão regressar à mesma caixa. Um dos padres (HL30) considera a ideia do turismo bem-vinda, ainda que vá alterar a vida da comunidade, porque a pastoral em si, praticamente, só dá despesa. É uma atividade necessária, mas envolve ações que não trazem nenhum lucro, como visitas às comunidades externas e a formação de elementos externos dentro da casa, em que os padres têm de arranjar meios para os sustentar durante esse período. Com a situação económica frágil dentro e fora de Moçambique, cada casa precisa de criar meios de subsistência. A hospedagem

ou a instalação de uma faculdade nas suas estruturas são hipóteses que têm sido discutidas. “É preciso andar para a frente, que haja algo novo para o bem do povo” (HL30).

No Gurué, o superior da comunidade dehoniana (S4c) explica que não foi traçado um plano para o futuro, mas que o objetivo inicial e final não é o da hospedagem, mas o da casa de anciãos. Porém, de momento, pensa-se em aumentar a capacidade de alojamento e introduzir os melhoramentos que os clientes pedem, como camas de casal, televisão no quarto e *internet*, de modo a continuarem a atrair os hóspedes e até ultrapassarem a concorrência futura. No caso de ser criado um projeto estruturado de alojamento turístico. Seria necessário empregar alguém capacitado para a sua gestão. Se a concorrência aumentar, os padres estão disponíveis para melhorar as condições de alojamento já existentes para manter os clientes que já os conhecem. Isto, se se verificar que não é necessário transferir os seminaristas de Milevane para o Gurué, no futuro.

Concluindo, todos os entrevistados consideram que, num futuro mais ou menos próximo, o aproveitamento das casas para fins lucrativos e a abertura da comunidade dehoniana ao exterior é necessária. Reconhecem que existem obstáculos, mas é inevitável essa abertura. Das várias hipóteses, a mais considerada é o da hospedagem, ainda que por vezes não pareça ser a mais desejável.

3.1.3. Equipamentos das casas

Esta secção refere-se às infraestruturas disponíveis para acolhimento de visitantes. Referimo-nos à capacidade de alojamento, aos tipos de espaços comuns disponíveis e as suas condições. As informações foram providenciadas pelos superiores das comunidades, enquanto que a classificação das condições esteve a cargo dos hóspedes. Para além destes entrevistados, um padre (HL30) também respondeu a algumas questões desta ordem.

No Alto-Molocué e em Quelimane, a capacidade máxima de alojamento é de 15 (S1) e 17 (S2) pessoas respetivamente, tanto pelo número de quartos existentes (13 e 22 respetivamente), como pela tipologia dos mesmos, pois costumam ser singulares, apesar de terem a capacidade de albergar mais do que uma pessoa e, ainda, pela capacidade de atendimento dos hóspedes.

Em Milevane e no Gurué, a capacidade de cada casa é muito superior, a partir de 40 até 60 ou mais pessoas, resultado do elevado número de quartos e da tipologia de quartos mais variadas (vão de singulares a camaratas), podendo acolher vários tipos de hóspede. Todos os lugares têm

quartos com casa de banho privativos, sendo que no Alto-Molocué e em Quelimane todos os quartos têm casa de banho privativa.

A classificação dos quartos e respetivas casas de banho pelos hóspedes do Alto-Molocué e do Gurué é geralmente positiva, tendo em conta que estão situados no distrito e que não são alojamentos de luxo, mas com um preço acessível. Os quartos em si são bem classificados, apontando-se apenas a falta de ar condicionado e de limpeza regular no Alto-Molocué. Os hóspedes do Gurué não atribuíram a nota máxima aos quartos apenas pela falta de alguma limpeza e de produtos de higiene nas casas de banho.

Os espaços comuns são semelhantes entre as quatro casas, incluindo salas de televisão, bibliotecas, capelas, refeitórios (Fig. 10),



Fig. 10 - Refeitório do Alto-Molocué

jardins, salas de reuniões e salas de estar (Fig. 11). Nas casas com alguma história, as capelas podem constituir um ponto forte, pelo valor artístico (principalmente em Quelimane) e pela sua função fulcral na vida da comunidade. As salas de reuniões providenciam um atrativo para o turismo de negócios, ao possibilitar o isolamento de pequenos e grandes grupos em espaços integrados no alojamento e de variadas dimensões e níveis de preparação para a atividade. Os jardins, as salas de estar e de televisão e os refeitórios ajudam a aumentar a sensação de conforto, sossego e, ao mesmo tempo, de calor humano.

Os hóspedes corroboram esta noção nas suas avaliações às condições destes espaços, elogiando o sossego e o convívio com os donos da casa, no caso do Alto-Molocué, e a beleza dos jardins e a higiene dos espaços, no caso do Gurué.

Quanto à higiene dos quartos, os hóspedes do Alto-Molocué e do Gurué criticam com alguma moderação, pelo entendimento das noções de higiene na região e pelo facto de se tratarem de casas localizadas em distritos rurais. Ainda assim, entendem que a higiene é razoável e que apenas deveria existir uma limpeza mais regular e dar-se mais atenção à renovação regular dos produtos de higiene na casa de banho.

A segurança dos bens pessoais não preocupa os hóspedes nas casas de Alto-Molocué e Gurué, que consideram que as casas oferecem segurança, contribuindo para isso a posse da chave do quarto. É dado, ainda, o exemplo de guardas que encontraram e devolveram uma carteira

perdida no Alto-Molocué. Os superiores e um padre apontaram outras condições de segurança existentes. Por exemplo, na casa de Alto-Molocué, existe um guarda de dia e de noite e na casa de Quelimane, a segurança é dada pelas instituições fortemente guardadas que rodeiam a casa.

São apontados alguns aspetos negativos no que toca à ausência de infraestruturas que proporcionam conforto. É o caso da falta de energia elétrica na casa de Milevane, e a debilidade estrutural e a falta de espaços equipados com ar condicionado em Quelimane.

Os hóspedes do Alto-Molocué e do Gurué, e um padre de Milevane (HL30), apontam ainda sugestões. No Alto-Molocué, um hóspede (VA1) sugere a inclusão de ar condicionado nos quartos, a expansão do serviço *wireless* ao perímetro da casa, a difusão dos serviços da casa para atrair mais hóspedes no contexto do cliente mais habitual: os hóspedes que preferem a calma e o sossego, normalmente trabalhadores, especialmente na área da saúde, profissão que é muito desgastante. Sugere, ainda, a expansão da oferta de refeições diárias de modo oficial (já que, por agora, os padres limitam-se a fornecer refeições a alguns hóspedes, em casos pontuais). Aponta ainda para a preferência que sempre teve pela casa, sentimento que partilha com outros trabalhadores que preferem a calma e o sossego.

Outro hóspede sugere apenas a imposição de um sistema de limpeza de rotina diária (VA2).

Ainda sobre o Alto-Molocué, um habitante local (HL22) comentou que os padres “têm ajudado muito o distrito, nessa parte de alojamento, é de louvar, todos reconhecem. Todas as grandes individualidades ficam lá [...]. E eles é que oferecem boas condições, qualidade.” Refere, também, que se a capacidade de alojamento fosse aumentada seria melhor, já que o número de visitantes ultrapassa essa capacidade.

Um dos padres da casa de Milevane (HL30) manifestou interesse em pôr em prática um projeto turístico e sugeriu que se fizesse publicidade da casa e da paisagem de Milevane, na



Fig. 11 – Sala de estar na casa de Alto-Molocué

internet, e que esperava que o esforço feito nesta dissertação servisse para divulgar as casas nesta perspetiva.

Quatro hóspedes do Gurué deram também as suas sugestões sobre a casa e os seus serviços. Um casal de visitantes (VA3) sugere que a casa poderia estar melhor sinalizada, e que se forneçam informações sobre os

recursos turísticos existentes na região e sobre os serviços da casa (como por exemplo, ter os preços do alojamento disponíveis num preçário). Sugere, ainda, uma casa de banho mais completa e limpa, com sabão e um suporte para colocá-lo. Outro hóspede (VA4) acrescenta a esta lista de recomendações o investimento em iluminação na rua onde se localiza a entrada para a casa, em parceria com o governo, com vista a aumentar a segurança dos hóspedes que tenham ou se queiram aventurar na rua depois do anoitecer; o estabelecimento de um cybercafé ou de um ciberespaço, que, cofinanciado por grandes empresas, forneceria acesso à *internet* tanto para os visitantes como para os habitantes locais; o fornecimento dos contactos dos guias locais informais porque “isso dinamiza o turismo” e mais cuidados de higiene na casa, como forma de demonstrar mais atenção a um hóspede tendencialmente ocidental e que não está acostumado ao que é habitual em Moçambique. O quarto hóspede (VA5) diz ser desejável “profissionalizar os serviços”, melhorando o atendimento através da contratação de um rececionista para que essa função não continue a ser desempenhada pelos guardas das casas.

Por fim, o superior da comunidade dehoniana no Gurué (S4c) admite que se houvesse procura turística, a casa estaria disponível para fornecer material (postais, entre outros) ligado com atividades que se poderiam realizar, como visitas a determinados locais.

3.1.4. Serviços de restauração

Esta subcategoria aborda a questão do serviço de restauração existente ou não nas casas. Neste âmbito, apenas no Alto-Molocué e no Gurué são disponibilizados estes serviços enquanto serviço pago e sistemático. À imagem de outras subcategorias, os superiores das comunidades concederam as informações objetivas relacionadas com este tópico e os hóspedes classificaram as condições deste serviço.

As diferenças não estão tanto no serviço em si mas na visão que têm em relação à oferta desse serviço. No Alto-Molocué, ao contrário de no Gurué, o serviço de restauração surge como uma solução que surgiu gradualmente e um pouco em contraditoriedade com o que a comunidade queria inicialmente.

No Alto-Molocué, o serviço de almoço e jantar (o pequeno-almoço nunca esteve em questão) é estabelecido quando alguns clientes, de permanência prolongada, começaram a precisar de fazer as suas refeições no interior da casa. O superior tem experiência profissional em

restauração e as refeições servidas são saudáveis, variadas e ao mesmo preço do que o frango com batata frita que se serve no exterior. O superior refere que “não acredita que haja algum restaurante a fazer comida assim, internacional e tal” (S1). Salaria que é tão variada que é difícil haver quem não goste, pelo menos, de um elemento da refeição. Porém, o serviço de restauração (almoço e jantar) não é um serviço assegurado. Se chega um cliente em cima da hora e tem meios económicos, os padres não aceitam fornecer-lhe a refeição. Segundo o superior da casa, “sempre foi feito um discurso sobre as refeições: isto não é um restaurante, não é hotel. Tem um horário, não senta e encomenda o que ele quer, como uma ementa. Têm de comer o que prepararam” (S1).

A situação é distinta em relação aos clientes fixos, este está em primeiro lugar, e têm a liberdade de entrar em acordo com os padres para preparar as suas próprias refeições. Nestes casos a comunidade não usufrui de qualquer rendimento mas é uma forma de atenção. Além disso, a ideia é criar um sentimento de cordialidade entre todos, entrar numa boa relação com o cliente. O cliente, por vezes, pode ser convidado a sentar-se e a comer o que houver, a partilhar com os padres a refeição e “logo se vê [...] se paga ou não” (S1).

Quanto à satisfação dos clientes dos dois lugares, quatro hóspedes em seis deram nota máxima (10) ao serviço de restauração, enquanto os outros dois deram uma nota muito próxima (9). O ponto forte é a alimentação cuidada, variada, saudável e equilibrada. No Gurué, o preço também é apontado como uma vantagem, dizendo um dos clientes que “têm comido bem, pelo preço” (VA4). Dois hóspedes estrangeiros apontam até que nunca tinham comido tão bem no país, sendo “como em casa” (VA3). Porém, um dos hóspedes do Alto-Molocué (VA1) acredita que a casa só oferece o pequeno-almoço, o “mata-bicho”, e que o resto depende dos hóspedes, quanto à compra e confeção das refeições. Ainda assim, gaba o pequeno-almoço, com uma qualidade “de louvar”, mas “tendo em conta que estamos num distrito”. O desconhecimento pode ser sinal de falta de informação na casa ou então veio com um grupo que decidiu organizar as suas próprias refeições e não foi informado da possibilidade que a instituição oferecia serviço de restauração.

Por fim, comparam-se os números de capacidade do serviço de restauração. A capacidade mais limitada é apresentada pelos padres do Alto-Molocué, tanto quanto ao espaço como à capacidade atual do serviço. Tendo em conta todos estes fatores, a casa só pode atender 15 pessoas de forma sistemática. Só o aumento dos recursos humanos poderia aumentar a capacidade de atendimento. Em Quelimane, em caso de *self-service* e sem lugar sentado, a sala

de refeições pode levar 300 pessoas, mas numa refeição sentada a capacidade é de 100, 120 pessoas, em 3 fileiras de mesas. Em Milevane, a capacidade atual da cozinha é muito limitada, só estando preparada para assegurar as refeições dos padres. Porém, há espaço, e se um grande grupo (de 200 pessoas, por exemplo) chegar com os meios necessários é possível realizar o serviço de restauração, um pouco improvisado. Todavia, se o objetivo desta casa for o alojamento sistemático, há consciência, por parte dos padres, de que será preciso organizar melhor a despensa, já que muitos dos produtos consumidos na casa (como o pão, o açúcar e a batata) são comprados a 60 quilómetros. Alguns produtos passariam a ser feitos em casa, como o pão, tal como fazem os padres do Gurué.

No Gurué, estima-se que a capacidade de serviço de restauração possa satisfazer cerca de 250 pessoas, a contar com o salão maior. Nas varandas da escola podem ficar ainda 150 pessoas, mas o salão tem espaço para 300 pessoas.

3.1.5. Outros serviços

Aqui analisam-se outros tipos de serviços disponibilizados pelas casas ou passíveis de serem disponibilizados, com exceção da restauração.

Os serviços foram apenas enumerados nas casas que já recebem hospedagem sistematicamente. No Alto-Molocué, o superior considerou que o único serviço oferecido é a *internet*, através da rede *wireless* que funciona apenas na sala de fotocópias (ainda que refira o preço da lavandaria, na entrevista). Um dos hóspedes (VA1) não usou o serviço, acreditando que era inexistente, podendo ser outro sinal de que certas informações não são concedidas inicialmente sem que o cliente as solicite. Outro hóspede (VA2) não apreciou a indisponibilidade do serviço de *internet* nos quartos, limitando-se a uma sala. Além disso, não há informação na casa de que o serviço existe, e é preciso pedir a senha e autorização para estar naquela sala.

Já no Gurué, o serviço de *internet* não é disponibilizado, considerando-se que é muito caro para ser disponibilizado.

Tanto no Alto-Molocué como no Gurué disponibiliza-se um serviço pago de lavandaria, ainda que na primeira casa o superior não o tenha referido. Os hóspedes que usaram o serviço (VA2, VA4, VA5) estão satisfeitos com o mesmo, quer pela qualidade, quer pelo preço, neste caso no

Gurué, porque foi onde esta questão foi mais abordada. Os que não usaram (VA1 e VA3) foi porque não precisaram, e não por falta de informação.

Além disso, as duas casas beneficiam da possibilidade de organização de reuniões. A casa de Alto-Molocué já recebe encontros de políticos e tem possibilidades de reuniões para 200, 300 pessoas. Há duas salas para reunião de pequenos grupos, uma sala comum no edifício principal e uma sala que se destinava às refeições dos hóspedes, no edifício da garagem (S1).

No Gurué, a capacidade é maior, contando com dois grandes espaços de reunião: o salão maior, no complexo do CPLD, que tem capacidade para 200-300 pessoas, e um salão na casa de hospedagem (antigo noviciado) com capacidade para 45-50 pessoas. Um dos padres falou sobre o salão desta forma:

“Os moçambicanos gostam muito do Gurué, é por isso que [os padres] criaram aquele salão, para atrair gente, e atrai. O ano passado tiveram afluência, este ano já têm reservas, mesmo dos conselhos coordenadores, para eles é uma vantagem. Tiveram ultimamente o MDM, com 136 pessoas, também os do governo local, para um seminário foram 96, e em agosto virão 100 pessoas do ministério das minas... Se calhar uma das grandes apostas seria esse turismo de reuniões, congressos, ... por isso construíram esse grande salão e quando as pessoas vêm ficam muito satisfeitas com os quartos e também porque o preço é acessível” (S4a).

As casas que ainda não acolhem hóspedes regularmente, Quelimane e Milevane, também têm possibilidades de acolhimento para reuniões. A primeira pode acolher 300 pessoas na sala de refeições (S2). Quanto à segunda impõe-se o limite do número de dormida, porque é um lugar isolado e quem vem para reuniões terá de pernoitar também. Se os hóspedes forem pouco exigentes com a dormida (se dormirem em cima de esteiras, por exemplo), a casa pode acolher 200 pessoas e a reunião pode ocorrer na capela grande da casa (S3).

A casa do Gurué oferece, ainda, serviço de fotocópias (no contexto do CPLD) e o serviço religioso.

Esta casa não providencia guias, pois estes podem contratar-se na cidade, e o transporte disponível nunca é usado pelos hóspedes. Nas outras casas, os transportes são também limitados em número e em disponibilidade, já que servem em exclusivo a comunidade. Existem dois carros em Quelimane (sendo que um é usado exclusivamente pelo padre médico), e dois em Milevane (um parado na oficina há três anos).

Quanto aos serviços de atendimento especializado, à perspectiva de contratar alguém para gerir e acompanhar os turistas, os padres das casas da Zambézia concordam que é preciso encontrar alguém com interesse, tempo e dedicação para gerir a chegada dos hóspedes, já que os padres

têm outros afazeres prioritários. No Alto-Molocué, a ocupação intensa obrigaria à contratação de pessoal. Segundo testemunho de um padre já avaliaram que os rendimentos de um ano já permitiria a atribuição de um salário de 3000 meticais, e podem aumentá-lo “se for alguém que saiba escrever, falar uma língua, um pouco de inglês, porque houve em tempos alguma afluência” (S1). Mas essa pessoa controlaria apenas as entradas e acolheria os hóspedes, não podendo efetuar trabalho de guia pela vila. Consideram, também, que os hóspedes não vêm pelo lazer e que não há muito que ver:

“O turismo começa e acaba numa hora, dar uma volta à vila, que lembra os tempos coloniais, e acaba por aí. A única coisa que pode interessar é o turismo religioso, ou seja, conhecer a experiência das [...] comunidades deles que estão lá fora. Esta é uma experiência muito original, muito valiosa, que merece, mas é preciso um interesse eclesial.” (S1)

Referem que pode existir um eventual interesse pela missão antiga (Malua), embora não reconheçam o valor natural da região, deixando essa valorização para as áreas onde se localizam as casas de Gurué e de Milevane.

Já um padre da casa do Gurué (S4a) explica que o Alto-Molocué tem mais potencial que Milevane por ser um lugar de passagem e ter terreno para construir mais quartos, mas falta-lhe quem possa gerir estes serviços com mais cuidado (já que o responsável atual tem de gerir uma missão, ao nível da pastoral e da evangelização).

Em Quelimane a disponibilidade total de duas pessoas para a atividade de hospedagem seria a condição ideal para arrancar com a oficialização da mesma.

Em Milevane equaciona-se encontrar alguém com “cabeça” para gerir todos os elementos da casa: cozinha, limpeza, pagamentos, ... O padre superior da casa (S3) considera que lhe falta esse espírito, ao contrário do padre Onório do Alto-Molocué, e que a idade o atraiçoa. O padre explica que ou se encontrava um casal na Itália, na reforma e que pudesse dar um ou dois anos, ou os padres da comunidade é que passam a gerir a hospitalidade, como os do Gurué, mas que não é fácil fazê-lo, porque precisam de um ambiente mais exclusivo da comunidade. De qualquer forma, essa decisão seria de toda a província, e não só deles, e poderiam ser substituídos por outros padres. Outro padre da casa (HL29) concorda que seria necessário arranjar alguém que acompanhasse os turistas e gerisse a casa numa situação de aproveitamento turístico. Um padre do Gurué (S4a) considera que o lugar tem potencial, mas é preciso alguém com capacidade de gestão à frente do empreendimento. Depois dar-se-iam passos no sentido de publicitar o lugar. Podia ser um bom lugar de reunião de grupos de padres,

irmãs e catequistas, mas são pessoas que não podem pagar muito, e muitos não sabem usar corretamente as instalações, são mais os prejuízos que estão a ter do que as vantagens. Podia ser usado para reuniões e congressos que duram um fim de semana. A casa tem a vantagem de ter água corrente e uma bela paisagem, mas não tem energia elétrica e encontra-se limitada a uma rede de telemóvel.

No Gurué também se pensa em encontrar alguém de fora do país (falou-se de italianos) e de preferência com experiência na gestão em restauração ou hotelaria e reformado, porque, mesmo com a crise, um leigo que esteja na idade ativa precisa de pensar no futuro profissional e familiar, não pode ficar num país estrangeiro em voluntariado ou mesmo a ganhar 300 euros por mês, um salário elevado para os moçambicanos, mas reduzido para um ocidental, especialmente se pretender viver com o mesmo modo de vida da Europa. A razão para essa escolha é de querer encontrar alguém com alguma “seriedade” (S4a), em quem se possa ter confiança. “É por isso que diz que se não vão ter as pessoas certas, não podem fazer propostas. É preciso ter os pés no chão.” (S4a). A gestão feita pelos padres não é uma solução permanente, porque são poucos e não querem exercer esta atividade toda a vida, mesmo que esteja a dar bons resultados; se não houver quem possa gerir a atividade de alojamento, preferem mudar de atividade. O efeito da hospedagem no Gurué podia ser reproduzido nas casas certas, que seriam as do Alto-Molocué e Milevane, mas têm as mesmas necessidades em termos de recursos humanos no atendimento. Precisam de pessoal com vocação, tempo, paciência e que seja de confiança. Entraram no negócio de hospedagem por verem que era importante para o Gurué, porque faltavam estruturas do género na região, mas entretanto a concorrência surgirá, e aí terão de melhorar a oferta. E para isso precisam de ter alguém para receber os visitantes, e por isso não sabem quanto tempo vão continuar no ramo, por não saberem se vão conseguir evoluir nesse sentido e até corresponder a pedidos mais complexos. Além disso, antes de avançarem com novos serviços seria preciso criar produtos, atrativos ou atividades para as pessoas quererem visitar as casas. Outro padre (S4c) acrescenta que há necessidade de formação turística por parte de quem atende os visitantes no Gurué, e noutros estabelecimentos, faltando uma “forma de pensar, receber, motivar a consumir os produtos da região” (S4c). Quanto à possibilidade de guiar os turistas, descarta-se a ideia de ser feito por alguém empregue pela casa porque já há quem faça esse serviço na cidade (ainda que careiros), e considera-se que o turista, se estiver bem informado, pode passear sem guia facilmente, apenas tendo cuidado com “um certa criminalidade” (S4a).

Por fim, o atendimento também foi avaliado pelos hóspedes. Este foi muito positivo, com um máximo de 10 em 10 e mínimo de 8 em 10, no caso das casas de Alto-Molocué e Gurué, respetivamente. Na primeira casa, um hóspede (VA2) gaba o cuidado com as reservas e a atenção na chegada dos hóspedes por qualquer um dos padres, ainda que exista um padre, o padre Onório, responsável pela hospedagem. Na segunda casa, os hóspedes (VA3 e VA4) também louvam o atendimento por parte dos padres e dos outros trabalhadores na casa.

3.1.6. Horários dos serviços

A única casa que apresenta um horário rígido de abertura e de encerramento da portaria é a casa do Alto-Molocué, definido entre as 6h e as 22h30. A outra casa que recebe hóspedes regularmente, a do Gurué, não tem restrições de entrada e de saída, o que atribui maior liberdade aos hóspedes. Em Quelimane, também não existe horário porque há um guarda permanentemente.

Quanto aos horários das refeições, observam-se semelhanças entre o serviço das duas casas que o oferecem, embora com restrições, como já vimos. Em ambas, as refeições são servidas em horários rígidos com a exceção do pequeno-almoço, cuja amplitude de horário é maior. O almoço é às 12h e o jantar às 19h.

O horário das bibliotecas só foi apresentado por um padre do Gurué (S4a): das 7h às 12h e das 14h às 17h.

Quanto às lavandarias, este serviço não se encontra limitado por um horário. No Alto-Molocué, se os clientes quiserem tratar da sua roupa, basta pedir a chave. No Gurué, os trabalhadores responsáveis por esse serviço estão sempre disponíveis.

Quanto ao serviço religioso, este é oferecido segundo os hábitos da comunidade religiosa, ou seja, trata-se das cerimónias orientadas para a comunidade religiosa da casa. No Alto-Molocué, os padres sinalizaram a sua existência, mas são poucos os hóspedes que assistem a este serviço. Estes ocorrem às 6h e às 18h30, e no Domingo, no salão do Centro Juvenil atualmente cedido à paróquia da Rainha da Paz, às 8h. Muito semelhante é o horário do Gurué: 5h45 e 18h30, que também abrem o serviço aos hóspedes. Em Milevane, a primeira celebração do dia ocorre na mesma hora que no Gurué mas a última, a adoração, ocorre mais cedo. Um hóspede

do Alto-Molocué (VA2) afirmou que os padres deixam a presença ou não no serviço religioso, ao critério das pessoas.

Nos inquéritos de satisfação sobre os horários temos poucas respostas. Apenas dois hóspedes (VA1 e VA2) de Alto-Molocué classificaram os horários. Um deles atribuiu-lhes nota máxima, ou seja 10 em 10 (VA1) e o outro, 8 em 10 (VA2).

O primeiro justifica-o com a prontidão no serviço de restauração, emissão de faturas e segurança nas reservas. O segundo não atribui nota máxima por causa da falta de informação sobre o serviço religioso (falta muito amenizada pela sensação de que tal se relaciona com dar liberdade ao hóspede) e das restrições de entrada à noite, porque tal interfere com o seu horário laboral alargado (21h pode ser a hora de saída de um escritório, e depois costuma-se relaxar um pouco num bar). No entanto diz respeitar os horários por se tratar de uma casa religiosa.

Os hóspedes do Gurué (VA3, VA4, VA5) não classificaram os horários, mas notaram que não foram informados da existência de horários de entrada e saída, pelo que julgam que não existem. Um hóspede (VA4) mostra que não está contra a rigidez dos horários de almoço e jantar (até porque é um local “budget”) e gaba a disponibilidade do pequeno-almoço durante toda a manhã.

3.1.7. Preços do alojamento

Esta subcategoria relaciona-se com os preços da diária praticados nas casas, com a informação sobre os lucros das dormidas, segundo os superiores das comunidades, e com o grau de satisfação dos hóspedes quanto à relação preço-oferta.

O preço da diária, como comunicado pelos superiores das comunidades, está estabelecido com mais segurança nas casas que praticam de forma regular a hospedagem, ou seja, na casa de Alto-Molocué e na do Gurué. Na primeira casa, o preço, que inclui a dormida e o pequeno-almoço, mudou no ano de 2013 de 750 meticais para 1000⁴. Os hóspedes concordavam que o preço anterior era inferior à qualidade da oferta e sugeriram o aumento. Ainda assim, o preço é inferior ao praticado noutros estabelecimentos com quartos com casa de banho privativa, e só superior ao preço dos quartos que partilham uma casa de banho com cinco ou seis quartos, “em condições muito precárias” (S1). Por agora, os padres só têm uma “falsa concorrência”,

⁴ Entre Fevereiro e Maio de 2013, o euro correspondeu a um valor entre 38 e 40 meticais. Desde esse período até Janeiro de 2014 variou sempre entre 38 e 41 meticais (MobileSoftJungle, 2014)

constituída por um hotel, construído no ano anterior, que possui luz e água corrente, e por dois hotéis em construção. No entanto salientam que um “lugar sossegado como este, onde possam descansar com estas condições de quarto, com wc privativo e água corrente, não tem” (S1).

As casas beneficiam da existência de clientes fixos, alguns colaboradores nas atividades sociais dehonianas, sem preconceitos quanto à Igreja e que gostam do lugar. Os padres admitem voltar ao preço antigo se se tratar de algum cliente cuja conta não seja paga por empresas, como é frequente entre os hóspedes habituais, e que não possam suportar o preço atual. Quanto ao preço da refeição, este também foi atualizado, passando de 150 meticais para 200.

O preço da refeição é igual no Gurué, ainda que tenham sido os padres do Alto-Molocué a ajustar o preço em relação ao Gurué, e não o contrário, e no pressuposto de que quem fica alojado num sítio também costuma ficar hospedado no outro. Também aqui o preço da diária inclui o pequeno-almoço mas não se limita a um número único, já que a tipologia dos quartos é variada. A dormida nas camaratas custa 200 meticais, num quarto com casa-de-banho exterior fica por 400, num single com casa-de-banho privativa por 600 e no quarto de casal com casa-de-banho privativa por 950. “Preços que para moçambicanos também dá para usar”, como afirma um dos padres do Gurué (S4a).

Os padres pretendem que com o tempo a dinâmica do espaço mude, contemplando melhores condições (ar condicionado e televisão nos quartos) embora com preços mais elevados, cujo valor mínimo seria 1500, 2000 meticais. Estas mudanças seriam possíveis se a liderança da oferta local fosse garantida. Quanto ao investimento nestes melhoramentos, seria recuperado facilmente, só com um grupo de 40 pessoas (S4a)

Em Quelimane ainda não se pratica a hospedagem paga.

Em Milevane, a hospedagem paga é praticada ocasionalmente, com preços simbólicos para os religiosos que os visitam para retiros, e 500 meticais para outros hóspedes. Há, ainda, outros preços se os hóspedes se organizarem à margem da comunidade quanto à restauração e outras comodidades.

Se a casa sofrer uma reestruturação em função do turismo, os preços praticados deverão compensar os gastos diretos e indiretos relacionados com o alojamento (despesas da casa, da estrutura e do pessoal). Além disso, a gestão do empreendimento e as despesas terão de recair no conjunto da província dehoniana de Moçambique, e não só na comunidade de Milevane.

O registo da satisfação dos clientes quanto ao preço-qualidade da oferta foi possível apenas no caso do Alto-Molocué e do Gurué. Num universo de seis hóspedes, apenas dois não

consideraram a relação preço-qualidade da oferta muito boa. As duas avaliações da casa do Alto-Molocué conferem a boa relação entre preço e qualidade da oferta, principalmente em comparação com os outros alojamentos disponíveis na região. As quatro avaliações no Gurué dividem-se entre a satisfação por todos os preços praticados (VA4 e VA5) e a falta dela (VA3, inquérito respondido por dois visitantes). Um dos visitantes satisfeitos (VA4) considera que os preços são baixos e só não atribui a pontuação máxima por ter alguns problemas com a casa de banho.

Já os clientes insatisfeitos da casa do Gurué acham que os preços são excessivos em relação à qualidade da oferta. Uma hóspede (VA3) pensa que o seu quarto e a sua cama eram muito pequenos para o preço cobrado, 900 meticais (mais à frente na mesma entrevista refere 950 meticais). Preço que um entrevistado (S4a) disse corresponder a um quarto com cama de casal. E considera que mesmo os quartos de quatro camas, que teve oportunidade de ver, são demasiado simples para o preço que cobram (200 meticais) e as refeições (200 meticais), pagas à parte, são caras.

Apenas dois entrevistados falaram sobre os lucros das dormidas, e apenas duas casas lidam com entradas monetárias significativas para serem discutidas: Alto-Molocué (S1) e Gurué (S4a).

O entrevistado que fala dos rendimentos obtidos no Alto-Molocué só lá se instalou em 2011, e, por isso, só pode falar do que observou. Os rendimentos são pensados em contraponto com as despesas. Estima-se que cada residente custe cerca de 500 meticais diariamente, e que a casa tenha uma média de 5 ou 6 residentes a dado momento. Assim, em 2011 chegaram aos 50% de autonomia financeira devido às receitas do alojamento. Em 2012 atingiram os 75% de autonomia, “graças à alimentação e maior capacidade de acolhimento e haver mais pessoas a conhecerem, muito por recomendação, e que também ficam ligados à casa” (S1), mas também se devem à diminuição de pedidos de financiamento da parte das comunidades individuais aos fundos comuns da província dehoniana de Moçambique. Todavia, o entrevistado entende que não poderão atingir uma autonomia superior sem ter alguém plenamente dedicado à hospedagem que supervisione as condições dos quartos e do acolhimento em geral. Ainda assim, considera que se cuidassem melhor da área da refeição, a autonomia económica seria alcançável. Esta é já uma vantagem da casa. A refeição saudável e variada a 150 meticais, um preço semelhante ao praticado fora por um frango com batata, começou a ser oferecida aos hóspedes em meados de 2012 e em seis meses faturaram “cento e tal mil meticais” (S1), correspondente à despesa da alimentação da comunidade e dos hóspedes num ano. É preciso

considerar que “há tempos em que a casa está cheia, e outras alturas que nem tanto” (S1). O superior da casa considera que os hóspedes escolhem a casa e as suas refeições por oferecer uma refeição melhorada e mais saudável pelo mesmo preço dos estabelecimentos externos, a comodidade de fazer a refeição dentro do alojamento, a familiaridade com os padres, a disponibilização de televisão e de serviço de *internet* e as condições para quem precisa de descansar e de se levantar cedo, sendo o pequeno-almoço servido a partir das 6h15 ou até antes, se assim for pedido. Porém, ele considera que a falta de liberdade dos hóspedes, devido à condicionante do horário de fecho (22h30) e à limitação às experiências sexuais, afasta alguns clientes do lugar, especialmente os de sexo masculino. Estas restrições levaram mesmo ao abandono do alojamento depois da primeira noite por parte de alguns clientes. Ainda assim, é preciso acrescentar que põe-se a hipótese de combinar outra hora de entrada se o cliente necessitar.

No Gurué, o entrevistado também garante que o alojamento e as refeições são boas fontes de receita para o autossustentabilidade, ainda que não possa discriminar os números, já que não há contabilização detalhada. Refere que apesar de a oferta de hospedagem existir há apenas dois anos, “há mesmo muitas pessoas a chegar” (S4a). Os hóspedes estão sempre a chegar, além dos grupos que se instalam de forma prolongada em trabalho, sendo o melhor exemplo o dos trabalhadores da M. Couto Alves, empresa que nessa altura asfaltava a estrada Gurué-Magige. Estes ocupam treze quartos há quase três anos. Os grupos vão aparecendo, como as 40 pessoas que ficaram alojadas por dois dias na altura da entrevista.

Os lucros das dormidas são reunidos na caixa comum dos padres dehonianos em Moçambique. Assim, esse dinheiro é usado para alimentar as comunidades religiosas e algumas casas de formação da congregação, para além de financiar a construção de “algumas coisas importantes na província moçambicana” (S4c). Desta forma, as instituições que vivem sob a alçada do CPLD, principalmente as duas escolas técnicas, não vivem dos lucros do alojamento, mas dos lucros da parte industrial, ou seja, das oficinas do mesmo Centro, até porque o alojamento está sob a alçada da província dehoniana, e não do CPLD.

3.1.8. Preços dos serviços

Nesta subcategoria, os superiores das comunidades apresentam os preços dos serviços que ainda não foram abordados.

No Alto-Molocué, o único serviço pago (com a exceção da dormida e refeição) é a lavanderia, com um custo de quinze meticais a peça (lavar e passar a ferro).

Em Milevane e Quelimane, não se cobra nenhum serviço. Mesmo a lavagem da roupa acaba por ser manual, e a cargo dos clientes.

No Gurué, esse serviço fica por cinco meticais a peça. Também se arrendam os salões. O salão maior custa 5000 meticais ao dia e o salão mais pequeno fica por 1500. Outros serviços são mais particulares, não se podem especificar.

Quanto aos preços o entrevistado (S4a) acrescenta que “os outros preços dependem da variação da moeda e do nível de vida. Têm mantido os preços durante alguns anos, mas será necessário mudar um dia, porque os preços têm aumentado.”

3.1.9. Tempo e motivação da estadia

Os hóspedes comentaram sobre a duração e motivos da estadia, os meios através do qual tomaram conhecimento da casa e o que diriam a amigos e conhecidos sobre ela.

A estadia é curta, ainda que recorrente. Isto no caso dos entrevistados, já que outros hóspedes ficam alguns meses, principalmente no Gurué. Na maioria das vezes, o hóspede veio por motivos de trabalho, e não de lazer, e conheceu a casa por meio de colegas de trabalho. Nesses casos, a satisfação com as condições da casa levou à repetição da experiência e à sua recomendação. Quem chegou pela primeira vez, também está satisfeito. Os hóspedes apontam a tranquilidade e a boa relação preço-qualidade da oferta como pontos fortes do alojamento nas casas.

3.1.10. Atividades turísticas internas

Nesta subcategoria analisam-se as atividades e os atrativos existentes ou a desenvolver, associadas ao turismo religioso e de voluntariado, entre outras, que poderiam ser propostas pelos dehonianos aos turistas. Ao mesmo tempo, analisa-se a experiência dos visitantes em relação à sua participação em atividades dehonianas, assim como as suas sugestões quanto a esse aspeto. Reflete-se ainda sobre a possibilidade de, no Gurué, se traçarem estratégias de

cooperação entre os dehonianos e as empresas locais de produção do chá com o objetivo de se criar um produto turístico relacionado com este tema e enriquecer a experiência turística dos seus visitantes. Por fim, aborda-se a relação dos dehonianos com os visitantes e as expectativas quanto ao tipo de turista que gostariam de receber.

As respostas foram atribuídas pelos superiores das comunidades, pelos habitantes locais e pelos hóspedes.

Segundo os padres do Alto-Molocué (S1) e Milevane (S3), uma das atividades mais apelativas seria a **visita às comunidades exteriores**, no âmbito da pastoral. O padre de Milevane acrescenta a **organização de retiros**, a **convivência com o povo** e a colocação de turistas que tenham uma estadia mais longa no **exercício de ações de voluntariado** relacionadas com a saúde, o ensino (por exemplo, no Instituto Agrário sob a tutela das religiosas do Amor de Deus a pouca distância da casa dehoniana)⁵, e na **manutenção das casas dehonianas**. A este propósito diz que os “trabalhos em si nunca faltam, numa casa deste género. Canalizador, eletricidade, mecânico, soldador. Visto que estão isolados...” (S3).

Este mesmo padre (S3) valoriza o sossego e o “silêncio absoluto à noite”, a paisagem e a sua idealidade para retiros, já que o lugar “pode oferecer descanso, silêncio, reflexão [e] ambiente largo”. Coloca mesmo a hipótese de “ter alguém para orientar um retiro, ou contar com um padre [...] para isso”. Outro atrativo referido foi “a possibilidade de partilhar um pouco do estilo de vida dos padres”, a possibilidade de visitar as comunidades cristãs no mato, cuja organização é diferente da que se vê nas cidades moçambicanas. Aqui, o mesmo padre (S3) afirma que o contacto com o povo é um pouco dificultado pela dispersão das famílias no vale onde se encontra a casa e que faz parte da propriedade dehoniana, sendo necessário sair das imediações da casa.

No Alto-Molocué são apontados como atrativos, por um padre (S1), um habitante local (HL15) e dois hóspedes (VA1 e VA2): o sossego, o conforto e a segurança relativamente a outros lugares, características que permitem o descanso dos trabalhadores após um dia de trabalho; a sensibilidade, o calor humano e o apoio da parte dos padres, muito sentido durante as horas de refeições e visto como “um grande momento para conversa e aprendizagem” (VA2); o sentido de

⁵ A escola conta com perto de duas centenas de alunos internos mais os alunos externos, jovens entre os 15 e os 20 e muitos anos que querem obter uma graduação técnica básica. Os alunos mostram frequentemente dificuldades na língua portuguesa, o que dificulta a aprendizagem. Para efeitos de formação e sustento da escola, o instituto têm produção pecuária e agrícola.

fraternidade e cordialidade para com todos; o papel social do centro juvenil e a possibilidade de aí se poderem efetuar reuniões.

Habitantes locais de Nampula (HL1, HL2), incluindo uma religiosa dehoniana, e dois padres de Milevane (HL29 e HL30) refletiram sobre o que une os dehonianos de vários lugares. Estes concordam que os padres comungam da mesma espiritualidade e do mesmo modo de vida, onde os visitantes se integram com facilidade. Também o carisma dos dehonianos, “que é aquele da educação, evangelização, formação, obra social e outras atividades” (HL30) em que os padres se envolvem, consoante as necessidades da província e as inclinações das pessoas poderá possibilitar aos visitantes uma ponte entre eles e a comunidade local, por terem uma ligação forte com este segundo elemento e potenciar o desenvolvimento de um turismo de base religiosa e social.

Nesse sentido, os entrevistados de cada lugar têm uma opinião positiva quanto à relação dos dehonianos com a comunidade local. Em Nampula, os padres vivem em boas relações com a comunidade local. No Alto-Molocué, os dehonianos ajudam os habitantes locais, independentemente da sua religião, nas áreas da saúde e educação (com o Centro Juvenil). Segundo um entrevistado “terem a comunidade dehoniana é mais um avanço para o distrito. A simpatia é também o que há mais neles. É mais uma ajuda para o povo” (HL18). Em Quelimane também são vistos como solidários com a comunidade local.

Os hóspedes das casas do Alto-Molocué e Gurué deram o seu parecer quanto às atividades existentes. Na primeira casa, apenas se sabia do serviço religioso, mas é uma informação que não é dada formalmente pelos padres, mas parte do interesse dos hóspedes pelas celebrações. No Gurué os hóspedes não conheciam nenhuma atividade, e também não se quiseram informar das religiosas que supunham que existissem. Dois hóspedes (VA3) conheceram as atividades do CPLD porque o padre Ilário se ofereceu para as mostrar, mas outro hóspede (VA4) não teve a mesma oportunidade, revelando-se que esta é uma regalia que não é para todos. Assim, a maior parte dos hóspedes não participaram em atos da comunidade, com a exceção de um (VA2) que trabalha numa organização não-governamental e que coopera com o centro juvenil, o que não conta como atividade ao dispor dos visitantes em geral.

Os hóspedes acrescentaram as modalidades em que gostariam de ter participado dentro do espectro de ação dos dehonianos. No Alto-Molocué, manifesta-se o interesse pelas atividades sociais na educação e saúde. No Gurué, pelas oficinas (que criam produtos de qualidade que

chegam a Maputo e Lichinga), pelos institutos técnicos que operam no CPLD e por atividades desportivas (o CPLD tem um campo desportivo onde os jovens jogam regularmente).

Quanto às condições para realizar um protocolo de cooperação entre a casa dehoniana do Gurué e as companhias de chá no sentido de ampliar a oferta única dos dehonianos, os padres afirmam que há um bom relacionamento entre as duas partes e que não existem problemas em fazer algumas visitas com grupos pequenos, mas de uma forma mais formal com grupos maiores é um pouco mais complicado. Seria necessário entrar em acordo, mas no final depende da visão dos donos das indústrias de chá, que, ainda que apreciem mostrar a fábrica, não gostam de ver entraves ao funcionamento das fábricas ou que indivíduos externos ao serviço vejam que algumas normas não estão a ser seguidas.

Os habitantes locais definem ainda que as comunidades dehonianas de Nampula e Alto-Molocué estão abertas a receber turistas, tendo um dos entrevistados (HL15) afirmado até que é a única comunidade religiosa com abertura no Alto-Molocué. Em Milevane, os padres responderam por si, clarificando que há abertura quer por razões humanitárias quer económicas, o que os obriga a acolher e a alojar turistas ou outros visitantes.

Por fim, questionou-se os padres das casas do Alto-Molocué, Milevane e Gurué sobre que tipo de turistas gostariam de receber nas casas. A maioria concordou que preferiam que estes tivessem um mínimo de sintonia com os padres e alguma sensibilidade espiritual, que fossem portadores de valores não chocassem com os valores das comunidades dehonianas, que fossem calmos e compreensivos e que apreciassem o serviço familiar da casa. Um dos padres (S4a), porém, frisou que na casa do Gurué estão abertos a todo o tipo de turista e que não podem fazer seleção.

3.2. Caracterização da região estudada

Este subcapítulo reúne informações sobre as regiões onde se implantaram as casas dehonianas alvo de estudo.

Após uma caracterização genérica sobre as principais atividades económicas de cada uma das áreas, analisámos a importância do desenvolvimento da indústria turística na região vista pela população local, a origem e motivações dos visitantes que chegaram a estas áreas e a receptividade das populações locais a estes visitantes. Posteriormente foram analisados os

equipamentos, serviços e recursos turísticos existentes, passíveis de contribuírem para o desenvolvimento da atividade turística.

No âmbito dos equipamentos e serviços turísticos foram trabalhadas os seguintes *itens*: tipologia dos alojamentos; restauração; transportes; outros serviços (nomeadamente o de guias turísticos, postos de informação turística, empresas de prestação de serviços turísticos, agências de viagens, serviços de comunicação e serviços de saúde).

3.2.1. Perfil económico-social da localidade

Para traçarmos um perfil económico-social das localidades em que as casas dehonianas se inserem, utilizaram-se as informações concedidas pelos habitantes locais nas entrevistas.

Na província de Nampula pratica-se o comércio, a agricultura, a exploração mineira, a extração de água mineral, a pesca, o artesanato e o turismo.

A cidade de Nampula é dominada pelo comércio, que em pequena escala é praticado na rua por moçambicanos, que vendem o produto das suas terras, amendoim torrado, bolos, combustível e peixe que compram no litoral (distritos de Angoche, Moma e Memba), “só para não ficarem parados à espera que o pão caia na boca” (HL8). O comércio em maior escala, com base em armazéns e lojas, está nas mãos de nigerianos, somalianos e outros estrangeiros.

A agricultura é a base económica da população de toda a província, que produz e frequentemente vende na rua e em mercados. O distrito de Malema é considerado o celeiro de Nampula, e cujo produto chega a Nampula através do comboio. O comboio também chega de Nacala, o principal porto da província. Nos distritos de Mogovolas e Nacala-velha, os naturais realizam a mineração de pedras preciosas, e os estrangeiros negociam a exportação. Em Moma, opera a segunda empresa de extração em Moçambique, a Kenmare, numa área de areias pesadas. Dois entrevistados (HL1 e HL7) falam em visitantes e até em turistas que passam na zona por causa das areias pesadas. Nos montes Nairucu, em Rapale, a alguns quilómetros de Nampula, procede-se à extração de água mineral. Apenas se referem a uma indústria, a de cimentos, presente em Nampula e Nacala.

Já na Ilha de Moçambique, distrito (dividido entre parte insular e continental) que conta com 48 839 habitantes (censo de 2007) (HL35), as principais atividades económicas são a pesca, o turismo, o comércio e o artesanato. O entrevistado (HL35) aponta para a baixa qualidade de serviços na Ilha, mas os provedores dos serviços encontram-se cada vez mais consciencializados

para a melhoria da qualidade e as entidades distritais estão a desenvolver soluções nesse sentido.

O distrito do Alto-Molocué tem cerca de 42 mil habitantes segundo o censo de 2007 (HL21). Aqui pratica-se a agricultura, predominantemente de subsistência, e comércio, principalmente o de pequena dimensão com o produto da *machamba* (termo moçambicano para terrenos cultivados). Pode-se encontrar também na vila, a pouca distância da casa dos padres, uma fábrica de castanha de cajoeiro e uma fábrica de algodão, atualmente fechada. No distrito, as pedras e metais preciosos, como o ouro, são minerados pela população em locais como Chapala, Mutala e Aroupinha (uma mina aparentemente fechada). Poucos têm um emprego, por conta de outrem, e normalmente sob a alçada do estado. Por exemplo, 92 pessoas trabalham no concelho municipal, e recebem um salário mínimo de 2598 meticais (cerca de 64 euros). Acrescenta-se ainda a empregabilidade na saúde, educação e nas poucas lojas que se estabeleceram na vila. O distrito tem ainda um fundo de desenvolvimento local financiado pelo governo que permite a criação de mais emprego (HL21). Existem ainda outros projetos sociais, nomeadamente o Projeto Vila Milénio, que tem como objetivo o desenvolvimento rural do distrito, financiando projetos particulares (HL23).

Em Milevane, a principal atividade reportada é a agricultura, principalmente a produção de feijão. Este é cultivado três vezes ao ano e providencia mais lucro às famílias que, no passado, o trabalho nas fábricas de chá do Gurué, que no seu auge (12 fábricas) eram o grande empregador da região, com trabalhadores do Gurué, Nauela (onde Milevane se insere) e Gilé. Agora, as pessoas apresentam-se bem vestidas, e há motas (antes não havia) e muitas bicicletas na comunidade local.

No distrito de Gurué, residem 297 936 habitantes e na cidade cerca de 50 000 habitantes (HL32). A paisagem do Gurué está definitivamente marcada pela produção do chá, ainda que poucas fábricas estejam em funcionamento atualmente: apenas 4 das 12 fábricas ativas no auge da produção, correspondentes a quatro UPs (unidades de produção) - UP5, UP6, UP9 e UP10 (HL32). Eram de propriedade portuguesa antes da independência, e os entrevistados não conseguem concordar entre si se atualmente as UPs são da propriedade de indianos ou moçambicanos, mas concordam que a gestão efetiva é realizada pelos primeiros. Um entrevistado (HL33) queixa-se da falta de cuidado dos novos gestores em relação aos antigos, deixando património construído arruinar-se e as plantas envelhecerem. A produção é exportada para o Malawi, a relativa pouca distância do distrito, e para outros países através do porto de

Nacala. A agricultura constitui a força deste distrito. Para além do chá, produz-se milho, soja, cebola, alho, tomate e banana (HL31), e ainda o pré-processamento do feijão-boere. Ainda que este distrito tenha uma produção muito elevada, a população sofre de má-nutrição, por falta de educação alimentar (HL32). Várias organizações, como a Visão Mundial, tentam intervir nesse campo. Além disso, incentivam a frequência da escola. Da 1ª à 7ª classe a educação é gratuita.

Há ainda o engarrafamento de água (Água Metilile). A exploração mineira era uma realidade, mas a mina foi encerrada em 2004 (HL14).

Quelimane, cidade com 193 343 habitantes (segundo o censo 2007, HL25), está muito ligada ao coco, à sua produção e processamento (sabão, óleo, ...) sobretudo a partir do coco seco (*copra*), por empresas como a Alif Química, a Geralco, a Zambeze, a Madal e a Boror (as três últimas também produtoras). Só da Madal são exportados todas as semanas dois contentores de óleo para a Suíça (S2). Outras fábricas operam na cidade, no processamento de produtos agrícolas, como as três fábricas de arroz, e em produções não alimentares, como os têxteis, plásticos (baldes, copos, chinelos, ...) e tijolos. Todavia, as fábricas são poucas, e a maior parte da população dedica-se à pequena agricultura, usando as zonas menos povoadas da cidade e os arredores. O pendor agrícola é ainda notado pela presença de cooperativas de camponeses. Naturalmente o comércio é praticado, principalmente o de rua, na venda de pequenas coisas: “frutas, bolinhos, sumos, outros vendem comida” (HL27)

Os entrevistados também referiram algumas das atividades económicas presentes na restante província. Tal como muitas das localidades e distritos mencionados, na província dominam a agricultura e pecuária de sustento familiar. Como complemento mais usual surge o pequeno comércio. Como “a nível nacional há falta de emprego. Então a maioria prefere ocupar e fazer negócios. Das 5 às 10 estão na *machamba*, a produzir. Das 10 h para a frente ficam na banca a fazer negócios. Alguns são estudantes e estudam à noite. Acha que a principal atividade económica é negócio.” (HL28), mas também a extração mineira e a pesca no litoral, ambos normalmente de cariz artesanal. A indústria é limitada em número e em tipologia de produção, com “bens para o consumo. Comida, óleo, transformar milho em farinha, feijão em bolachas, ...” (HL28) e algumas fábricas fecharam nos últimos anos. A produção do coco ultrapassa geograficamente o distrito de Quelimane, no que era uma das maiores produções mundiais. Porém, os coqueiros estão a ser gravemente afetados por uma doença. Por fim, foi reportada a existência de exploração de madeira.

3.2.2. O desenvolvimento do sector turístico: estado da questão

Ainda com base em entrevistas, neste caso realizadas aos superiores das comunidades e aos habitantes locais, reúnem-se alguns indicadores sobre o estado do turismo nas regiões em estudo. Obtivemos informações sobre o que já foi feito e o que precisa de ser feito, os agentes envolvidos no turismo e a importância (atual e potencial) do setor.

O investimento em Nampula e Zambézia limita-se, maioritariamente, ao investimento direto efetuado pelos privados, quer no alojamento, quer na restauração, e o indireto efetuado pelo estado na formação e na promoção.

O investimento no alojamento é em grande parte de origem nacional, principalmente o de pequena dimensão, nomeadamente, casas de hospedagem e residenciais criadas pelos habitantes locais. Mas os alojamentos de maior dimensão também, já que são criados maioritariamente por sociedades que têm sempre no seu conjunto pelo menos um ou dois moçambicanos. Apenas um ou outro empreendimento deste tipo (hotéis e *lodges*), são de origem estrangeira. Regista-se um crescimento do setor, não quantificado, mas reportado pelos entrevistados, que vão dando exemplos de pequenos estabelecimentos que se expandem assim como de outros que estão em construção

O sector da restauração possui um equilíbrio semelhante entre investimento nacional e estrangeiro. Este investimento contribui para o restauro de edifícios antigos, já que a promessa e a concretização do lucro impulsionam a manutenção e o uso dos mesmos. O melhor exemplo disto verificou-se na Ilha de Moçambique.

Excluindo estes setores muito há ainda a fazer. Subsistem problemas na restauração e conservação de edifícios históricos, porque o estado não tem investido nessa área. Também o setor da informação turística local não tem recebido a atenção devida, num investimento que deveria ser público. Um dos bons exemplos de promoção é o concurso das 10 maravilhas da província da Zambézia, organizado pelo departamento provincial em Quelimane, no qual se espera envolver toda a população. Além disto, o estado tem-se ocupado com a função fulcral da formação dos recursos humanos, nos vários níveis de ensino (desde o ensino técnico básico ao universitário) e junto dos empregadores e empregados. Por fim, têm sido criados espaços reservados ao turismo e lançado a concurso à sua concessão, esperando-se desenvolver o turismo através de parcerias com privados.

Mas ao nível local sentem-se as dificuldades dos técnicos dos departamentos públicos, a quem não concedem os meios para inventariar os recursos turísticos existentes na sua jurisdição. Um funcionário do Alto-Molocué acrescenta que falta inquirir os habitantes e inventariar vários aspetos do distrito, como as atividades económicas e o património que possa ser usado no turismo.

Existem ainda exemplos do que, para alguns, são oportunidades perdidas de desenvolvimento turístico de uma região, quando o estado não dá a concessão de um lugar a privados mas depois não possui os meios para manter esse lugar. Um dos exemplos dados é o de um lago localizado no meio da cidade do Gurué e adjacente a um grande edifício, de estilo arquitetónico nórdico que chegou a albergar crianças em risco, da propriedade de um padre chamado Luciano. A casa e o lago em conjunto poderiam formar um empreendimento turístico, mas o município recusou e o lago não tem atualmente qualquer propósito. A casa dos noivos, um edifício de valor histórico, sofre do mesmo problema. A oferta de privados para rentabilização do espaço foi recusada, mas os fundos para manter a segurança da casa foram cortados. Esta encontra-se agora reduzida a uma ruína, devido ao abandono e ao vandalismo.

Os recursos humanos associados ao turismo limitam-se aos empregados nos setores da restauração e do alojamento, pelo menos quanto ao emprego direto, já que em locais mais turísticos (como a Ilha de Moçambique) as atividades primárias e secundárias são, também, influenciadas por um movimento significativo de turistas.

O salário mínimo no setor é de 3000 meticais (cerca de 74 euros), “um pouco superior ao mínimo” (HL32) e em relação a quem tem apenas a sua *machamba* para o sustentar, mas inferior aos ganhos no comércio. O nível de instrução entre estes trabalhadores encontra-se normalmente abaixo do ensino médio (equivalente ao ensino secundário português). As leis que regulam a atividade são rígidas, mas o seu cumprimento reduzido, sendo uma indústria sensível quanto à segurança do empregado (casos de despedimento sem justa causa e salários irregulares) e observância dos requisitos mínimos de higiene no trabalho e conduta no atendimento.

A ação de formação por parte do estado passa assim pela capacitação dos agentes (de proprietários e empregados) no terreno. Estas formações são realizadas, não só, junto dos estabelecimentos mas também de grupos mais vulneráveis, como os jovens desempregados e as mulheres, para aumentar a empregabilidade destas faixas sociais e rejuvenescer o setor. No sentido de aumentar a formação específica na área, encontram-se organizados vários cursos

médios e superiores em turismo e hotelaria. Na Zambézia só a escola da FRELIMO oferece um curso médio de hotelaria e turismo. Nesta, e na província de Nampula, não há mais formação na área. Para uma formação superior, os alunos precisam de se deslocar a capitais de províncias consideradas turísticas, cidades como Pemba (Cabo Delgado), Maputo (Maputo cidade), Inhambane (Inhambane) e Beira (Sofala).

Apesar destas melhorias, os entrevistados afirmam que o governo pouco intervém no turismo local, ainda que revelem que a baixa qualidade dos serviços turísticos está a ser consertada através de ações de capacitação, embora tal constitua um processo lento.

Um bom indicador da visão dos habitantes locais em relação à atividade são as dificuldades e sugestões apontadas pelos entrevistados.

Em **Nampula**, referiram a falta de recursos turísticos atrativos, reduzidos à praia no litoral, mas também o problema da divulgação de locais mais acessíveis ao moçambicano. O turismo em geral é demasiado caro para o nacional (e pouco atrativo para o estrangeiro, que tem à sua disposição opções mais baratas), e encarece a vida da população local sem trazer muitos benefícios. Talvez por isso alguns moçambicanos tentem enganar os turistas para proveito próprio. Refere um entrevistado que “o moçambicano acha que aquele que vem de fora tem tudo, então o que vem de fora tem de ser esperto” (HL4).

Para outros entrevistados, o crescimento da marginalidade em alguns lugares (como em Nampula), constitui um impedimento ao desenvolvimento do turismo, tal como alguns comportamentos que chocam com as conceções dos turistas, como o hábito de defecar na praia, em público.

A homogeneização da cultura local também pode constituir um entrave ao desenvolvimento de um turismo cultural de base étnica e inibidor de eventos tradicionais. Esta homogeneização só não parece verificar-se em lugares específicos, como a Ilha de Moçambique e Angoche.

A capacidade de circulação é outro problema importante. As sugestões consistem em tomar atitudes para reverter os problemas mencionados antes, mas também em criar oferta hoteleira, onde ela não existe ou é escassa, um sistema de informação turística, transformar o aeroporto internacional de Nampula numa montra do norte de Moçambique, capacitar e sensibilizar os recursos humanos, trocar experiências entre os agente turísticos moçambicanos e os dos destinos com mais experiência turística e convencer os turistas a trazer novas ideias para o turismo em Moçambique.

No **Alto-Molocué** as dificuldades são semelhantes, com a crença por parte de alguns que não existe nada de interesse. “O turismo começa e acaba numa hora, dar uma volta à vila, que lembra os tempos coloniais, e acaba por aí” (S1), para além do turismo religioso. Tudo falta: transporte, alojamento, estâncias turísticas e outros atrativos construídos de raiz, formação e sensibilidade na receção de visitantes, conhecimento dos benefícios do turismo, locais de diversão e, o mais importante, capacidade financeira para conseguir tudo o resto.

Os habitantes locais sugerem colmatar as faltas referidas e também aumentar a proteção do meio ambiente (evitando as queimadas no tempo seco), construir estâncias turísticas em lugares históricos, apostar na gastronomia local, atrair investimento e ideias externas em cooperação com a administração local, promover os produtos turísticos locais e informar os turistas sobre o que podem ver na região.

Em **Milevane**, o problema reside na má qualidade dos acessos, dos transportes, na pouca variedade na alimentação, na inexistência de guias e na incompatibilidade linguística, no caso de se tratar de um não falante de português, e mesmo de um falante, já que os habitantes locais nem sempre dominam esta língua. Para promover o aproveitamento turístico de Milevane, o primeiro passo seria trazer a energia elétrica, seguido de um melhoramento das vias de acesso e das infraestruturas, finalizando numa visão de futuro para transformar o vale num produto turístico.

No **Gurué**, os habitantes locais queixam-se de uma certa criminalidade, falta de organização turística, o preço demasiado alto do turismo em Moçambique, os inconvenientes com a qualidade dos transportes, alojamentos inadequados, falta de atrativos tradicionais (como a praia), ausência de educação turística e de instrução em geral, mau funcionamento de alguns sistemas de comunicação (como os correios), atendimento de má qualidade, ausência de investimento e promoção, falta de visão por parte do estado quando não investe na promoção de lugares que ainda não tiveram a oportunidade de se afirmar no turismo, a condução irresponsável dos moçambicanos, noções erradas de higiene e serviço de saúde deficiente. As soluções também são referidas, entre elas a contratação de guias para a visita de determinados locais que constituem marcos naturais, como o monte Namúli, equipar as casas de hospedagem com informação turística, instalar postos de informação turística, apelar aos proprietários dos alojamentos que tratem bem o cliente, criar novidades turísticas (ou seja, produtos), investir tendo em atenção as sugestões dos turistas, promover o reconhecimento dos recursos turísticos por parte dos naturais, criar condições para o desenvolvimento de um turismo aventura

(desportos radicais) de um turismo de base natural (observação da natureza), de um turismo cultural (agrícola e de contacto com as comunidades locais). O governo tem de cumprir com a sua parte reabilitando os acessos, desenvolvendo as infraestruturas, aumentando a segurança, incrementando os serviços municipais de limpeza, publicitando os melhores locais para que haja investimento, melhorando as condições de trabalho e a capacitação dos técnicos de turismo e promovendo a conservação e utilização/valorização do património existente.

Os entrevistados também apresentaram os problemas que afetam a **Zambézia** em geral. A guerra destruiu muitas estruturas turísticas e de valor patrimonial, que ainda não foram reabilitadas. Ainda que se reconheça o esforço estatal, tem havido falta de investimento, de divulgação, de capacitação e ajuda financeira dos agentes locais. Províncias como Cabo Delgado e Nampula recebem ajudas externas para o efeito, o que não é o caso da Zambézia. Além disso, é preciso financiar o incremento das infraestruturas e dos serviços de transporte, comunicação e saúde. O turismo interno, que podia ser um motor de desenvolvimento do setor, está condicionado pela falta de poder de compra do povo moçambicano e pela falta de educação turística, que é também um problema do habitante local do destino. A falta de preparação dos serviços existentes no destino pode arruinar o empreendimento pela ausência de clientes por insatisfação. Os entrevistados sugeriram, para além de reverter alguns dos problemas mencionados acima, a construção de mais estruturas de receção de turistas e maior abertura aos visitantes por parte do autóctone, que podia agir como um promotor turístico do lugar. Essa abertura devia servir, ainda, para o turista fazer sugestões úteis aos habitantes locais, servir de exemplo e comprovar que todos podem estudar e melhorar as suas vidas. Seria preciso realizar a estruturação aprofundada da oferta, como nunca foi feito, e a construção de produtos turísticos, seguida de um planeamento territorial, expansão dos programas de formação, incremento da inspeção, edificação de parques temáticos, realização de eventos e construção de parcerias para aprender com agentes mais experientes e divulgar a oferta moçambicana junto deles.

Por fim, os habitantes locais expuseram o impacto que julgam que possa ter o turismo.

Para eles, o turismo é algo positivo, porque entram recursos financeiros, as exigências dos turistas obrigam as autoridades a procederem ao incremento das infraestruturas locais e a apostar na qualidade dos serviços. A aposta na atividade abre portas à contratação de mais ativos e ao pequeno empreendedorismo em áreas direta e indiretamente ligadas ao turismo, incrementando a qualidade de vida de muitos num país em que as indústrias foram

desaparecendo e há muitos entraves ao desenvolvimento de serviços. O melhor exemplo é o da explosão de casas de hóspedes na Ilha de Moçambique. Consiste igualmente na chegada de povos de origem, cultura e experiências diferentes das dos locais, abrindo os seus horizontes e levando, por exemplo, a algumas mudanças positivas de comportamentos menos sanitários. Apenas um entrevistado (HL6) lembrou os problemas de um turismo mal planeado ou pouco orientado para a sustentabilidade social. Segundo este, a presença do turismo encarece a vida dos habitantes locais: num lugar turístico litoral como Pemba o quilo de peixe custa 500 meticais, enquanto em Nampula, uma cidade no interior do país sem grande atividade turística, custa 120.

3.2.3. Recetividade da população local aos turistas

Neste ponto, o objetivo é procurar conhecer a sensibilidade das populações locais face aos turistas.

Os habitantes locais revelam abertura aos visitantes, ainda que alguns confessem não ter contacto com eles. Uns têm curiosidade, outros respondem aos pedidos de informação com gosto e desejo de aprender com o outro, e ainda há aqueles que afirmam que parte da falta de contacto se deve ao medo que alguns nativos têm do estranho, principalmente do *branco*. Exemplo disso é a crença de que os *brancos* são canibais, e por essa razão um entrevistado (HL10) conta que a população de uma localidade isolada no distrito de Maganja da Costa agrediu fisicamente um português albino cujo carro avariara nas imediações.

Escolhemos questionar os entrevistados sobre a sua disponibilidade para receber os turistas em suas casas e durante as festas familiares para determinarmos a abertura das populações locais face aos turistas. Todos os habitantes locais entrevistados responderam positivamente, e demonstraram interesse em integrar os visitantes no espírito dos eventos e partilhar com eles o seu modo de vida, porque os nativos desejam partilhar ideias e experiências com os turistas e mostrar como os moçambicanos vivem. Há quem esteja até disponível para acompanhar o turista em passeios. Todavia, alguns afirmaram que nem todos os habitantes locais receberiam os turistas com tanta abertura e que estes não parecem interessados nesse tipo de experiência, pois raramente pedem para conviver com as famílias locais. Quando a questão é posta no plural, a resposta geral é que a comunidade está aberta a receber turistas, especialmente os habitantes

das cidades e as camadas mais jovens, e que muitos gostam de receber, acompanhar o turista e partilhar ideias com eles. O povo zambeziano é muitas vezes definido como um povo acolhedor. Também se espera que os turistas possam contribuir para o desenvolvimento da região que visitam, até com investimentos.

Mas para que possa haver interação entre a população local e os turistas apresentam-se, por vezes, alguns constrangimentos e condições. O turista tem de se apresentar, primeiro, junto da liderança e da comunidade em si, principalmente numa comunidade pequena, e respeitar os valores locais, senão pode sofrer uma reação negativa por parte da população local. A receção é muito melhor quando o estrangeiro escolhe usar alguns símbolos e tradições locais, como o tecido colorido que os moçambicanos apelidam de *capulana*. Os habitantes das povoações mais pequenas desconfiam um pouco dos visitantes, mas também acabam por esperar alguma coisa dele. Milevane é a localidade mais pequena no âmbito deste estudo, mas os padres afirmam que, para lá da admiração inicial que os populares poderão sentir face aos turistas, não há problemas de aceitação dos mesmos. Noutros pontos ainda correm as lendas, que atribuem uma imagem negativa ao forasteiro de origem ocidental (o *branco*). O medo inicial que provinha da guerra civil vai-se dissipando e o aumento da formação e da instrução escolar ajuda neste aspeto. Também foi salientado que a abertura pode ser uma forma de poder chegar ao turista de forma oportunista.

3.2.4. Origem e motivações dos turistas

Ao questionar os entrevistados das quatro categorias sobre os fluxos turísticos obtivemos, provavelmente, respostas sobre o juízo que estes fazem dos turistas e não dados resultantes de inquéritos oficiais. Também é importante referir a incerteza na classificação da origem e das motivações dos turistas que visitam a região, já que não se sabe o tipo de contacto que os entrevistados têm realmente com a realidade turística.

Segundo os entrevistados, o norte do país é visitado maioritariamente por turistas estrangeiros *brancos*, vindos da Europa, da América do Norte e do Brasil, e por sul-africanos, mas também por chineses, por outros sul-americanos e por outros africanos. É preciso realçar que se destaca na observação do dia-a-dia a chegada dos estrangeiros, principalmente de outra *raça*. Assim, mesmo no caso de espaços que recebem mais a visita de nacionais do que estrangeiros, como

Quelimane e Gurué, o que se comprova pelos dados fornecidos pelos funcionários dos departamentos turísticos das respetivas cidades, em entrevista), o habitante local nota mais a chegada do estrangeiro. Outro aspeto a considerar é a dificuldade que o residente tem em distinguir o turista do visitante em missão de trabalho. Assim, o que ele identifica como turista pode ser muitas vezes um trabalhador em movimento, já que muitos trabalhadores estrangeiros encontram-se de passagem entre estes locais, como um funcionário estatal do Gurué (HL32) e os padres do Alto-Molocué (S1) e de Gurué (S4a) confirmaram. Segundo estes, às casas dehonianas nunca chegam turistas, só visitantes em trabalho. Isto não quer dizer que os turistas não existam, ainda que nos lugares agora referidos estejam normalmente de passagem, como no caso de Nampula. Em Quelimane a ligação com a praia e outras zonas turísticas atraem turistas estrangeiros (Malawi, Zimbabué, Inglaterra, ...) e o Carnaval e os festivais atraem muitos turistas moçambicanos.

Os números oficiais dos visitantes transmitidos pelos funcionários de departamentos turísticos locais referem-se apenas à realidade da Ilha de Moçambique, Quelimane e Gurué. À Ilha chegam 7 mil turistas, sendo um terço originário de dentro do país, e o restante de todo o mundo, com destaque para a África do Sul e Portugal. Em Quelimane, os últimos números mostram uma entrada de visitantes de cerca dos 30 mil durante a última década, com uma subida ligeira desde o início desse espaço de tempo. No Gurué, segundo a estatística da hospedagem, 4008 visitantes chegaram em 2012, sendo 535 estrangeiros, podendo dizer-se que, ao longo dos últimos anos, 3/4 dos visitantes do distrito são nacionais, e a maioria com o objetivo de realizar negócios ou de participar em reuniões e congressos.

Os entrevistados identificaram as motivações dos turistas, que podem ser divididas, de forma provavelmente simplista, em poucas categorias: turismo de sol e praia, concentrando-se nas zonas balneares, e turismo cultural com interesses pela cultura e património histórico (particularmente no que diz respeito às visitas à Ilha de Moçambique e a Quelimane). Em Nampula, apenas um entrevistado (HL1) refere um certo interesse por parte dos visitantes em conhecer a gastronomia e os costumes locais, e no Alto-Molocué outro (HL23) menciona que estes visitam as minas e o monte Rurupe, mas estão principalmente em trânsito para outros locais, como Milevane.

Os hóspedes entrevistados classificam como sendo inexistente a informação sobre produtos turísticos no Gurué, destacando também a falta de sinalização da casa dehoniana. Reportaram os pontos de interesse vistos: a casa dos noivos; o centro da cidade; os cultivos de chá; três

localidades (Tetete, Ruasse, Lioma), onde visitaram as *machambas*; uma cascata (da UP4) e a Nossa Senhora de Fátima, a que chamam de santinha, a caminho da casa dos noivos. Ficaram satisfeitos com o que viram, com a beleza da paisagem montanhosa e verde e as possibilidades de atividades de aventura, apesar da falta de organização turística. Porém, um hóspede deu uma classificação baixa a dois pontos de interesse (a santinha e a casa dos noivos), provavelmente pelo estado de ruína. Apenas metade dos hóspedes entrevistados deslocaram-se ao lugar pelas maravilhas que destacaram, pois a outra metade chegou com a finalidade de trabalhar. Ainda assim todos concordam nos aspetos que mais agradaram: a paisagem, a beleza do anoitecer e amanhecer, a tranquilidade, o verde das montanhas em contraste com a terra e a observação das práticas agrícolas tradicionais. Estes hóspedes revelaram ainda que não conheceram mais missões ou casa religiosas na região do Gurué.

3.2.5. Tipologia do alojamento oferecido aos turistas ou outros visitantes

Tendo em conta a análise das entrevistas aos habitantes locais e aos visitantes sistematizámos uma série de tipologias de alojamento existentes nas regiões visadas, assim como a perceção que deles têm estes dois grupos.

A **provincia de Nampula** apresenta várias tipologias de alojamento dispersas por diversas localidades. Ente elas destacamos os hotéis, as residenciais, as pensões e os quartos arrendados.

Na cidade de Nampula encontram-se vários hotéis que ocupam o topo da oferta quanto à qualidade: Hotel Girassol, Hotel Millenium, Hotel Lúrio, City Hotel, Hotel Nampula, Hotel Executivo, Hotel Record, Hotel Atlas, Hotel Pérola. Observa-se ainda um número indeterminado de pensões, residenciais (como a Residencial Expresso) e lugares de arrendamento na cidade. Perto da cidade encontra-se também um empreendimento turístico chamado Montes Nairucu (localizado nos montes com o mesmo nome), que um hóspede do Gurué classifica de acessível, ao contrário do hotel Millenium. Na Ilha de Moçambique, os entrevistados apontaram o Hotel Quinipi e o Hotel Vila Sans; no outro lado do espectro estão as casas de hóspedes, que constituem casas antigas que a comunidade local reabilitou e equipou para fins turísticos, e *hostels*.

Um habitante local (HL6) constatou que os hotéis de maior qualidade são demasiado caros para os moçambicanos e os alojamentos mais baratos possuem uma qualidade reduzida. Para o nacional é mais barato fazer turismo fora do país: por exemplo, a estadia num 5 estrelas na África do Sul fica por mil rands [73 euros] dia, enquanto que esse preço não cobre uma dormida no Millenium de Nampula.

Quanto à província em geral as possibilidades são diversas. Os hotéis encontram-se preferencialmente em zonas turísticas mas não só, ainda que fora destas sejam difíceis de encontrar. Fora desses lugares mais turísticos, nas pequenas localidades existem, essencialmente, pensões, residenciais, *quintas* (estabelecimentos com maior capacidade que costumam estar situados nos arredores dos centros urbanos e outros espaços rurais e recebem eventos como casamentos, entre outros) e até cabanas para arrendar. Nalguns casos, não existem espaços de hospedagem e um entrevistado colocou a hipótese do uso de tendas.

Na **província da Zambézia**, o cenário geral é semelhante.

Em **Alto-Molocué**, a casa dehoniana ocupa um lugar especial no contexto do alojamento da localidade. Só existe um hotel, o Kapulana, e dois em construção. As restantes opções são as pensões, como a pensão Estrela, a pensão Fambaone, a pensão Céu Azul, a pensão Nutiol e a pensão Saturno, as *quintas* e casas de arrendamento. Segundo um padre (S1) e um habitante local (HL15), não se encontra um lugar sossegado como a casa dehoniana nem com as condições que esta oferece.

Um entrevistado (HL17) acrescenta que, do que viu e do que ouviu, as pensões, *quintas* e casas de arrendamento estão a aumentar a qualidade, até porque antes não eram “condignos” e agora começam a ser.

Em **Quelimane**, a oferta é variada e numerosa. Começa nos hotéis: Um de Junho; Chuabo; Milénio; Villa Nagardas; Flamingo; Bosi e Manilo. O hotel Elite está ainda em fase de construção. Temos ainda os hotéis na praia de Zalala, no distrito de Nicoadala, mas perto o suficiente para muitos considerarem parte da oferta da cidade de Quelimane. A isto acrescentamos as residenciais, como a Júpiter e a Milénio, e pensões, como a Moderna, Ideal, Quelimane e a Januário.

Um entrevistado (HL25) referiu ainda que se planeia construir um hotel de 5 estrelas na cidade. Para outro entrevistado (HL10), os hotéis da cidade não são tão caros como os de Maputo, e enumera alguns hotéis de qualidade acessíveis, alguns em Zalala e dois na cidade: o Flamingo e o Chuabo.

Nas imediações de **Milevane**, os entrevistados só referiram a existência de dois locais que oferecem alojamento para além da casa dehoniana: uma casa de hóspedes no Mugema, num lugar onde se cruzam estradas para o Alto-Molocué, Gurué e Malema, com 7 a 12 quartos, e uma casa de religiosas em Milevane, muito perto dos padres.

No **Gurué**, não se estabeleceu um único hotel, o que torna mais fácil apontar a superioridade do empreendimento dehoniano, tendo em conta a falta de qualidade das instalações e serviços que costuma pontuar os outros tipos de estabelecimento hoteleiro. Aqui, apenas existem as pensões Monteverde, Ruela, Ponto Final e Gurué; as hospedarias, Januário e Licungo e o motel Gurué. Existem, ainda, pequenos empreendedores que constroem residências para arrendar.

Quanto à qualidade, um habitante local (HL31) afirma que os funcionários destes locais não têm formação específica no atendimento, que a alimentação disponibilizada não é a melhor, que há falta de higiene e a falta de limpeza da roupa da cama é tão grande que as pessoas preferem levar os seus próprios cobertores. Além disso, referem que é preciso suportar a poluição sonora, já que alguns estabelecimentos são vizinhos de bares.

Os hóspedes da casa dehoniana do Gurué partilharam a sua opinião sobre os estabelecimentos em que ficaram alojados nas províncias de Nampula e Zambézia. Dois hóspedes (VFT1) ficaram alojados num *hostel* e numa casa particular na Ilha de Moçambique, que classificaram como cara para a qualidade da oferta. Referem que os quartos podem ser maiores que no Gurué, mas não há água quente e a casa de banho é separada por uma cortina de bambu do resto do quarto. Um terceiro hóspede (VFT2) ficou hospedado em dois lugares em Nampula: o hotel Millenium, que ele considera ser demasiado caro para o que oferece (120 dólares/noite), e os Montes Nairucu, que considera acessível para a oferta, limpo e num contexto paisagístico agradável. Aliás, este hóspede julga que os preços são inflacionados em todo o país. Outro hóspede (VFT3) conhece alguns estabelecimentos na cidade, nomeadamente a pensão Gurué e o alojamento Januário, que frequentou nos anos de 2011 e 2012, durante três dias por mês. Quando classificou numericamente as várias componentes destes estabelecimentos, as condições do quarto, casa de banho e espaços comuns foram as mais baixas (abaixo ou igual a 7), enquanto a alimentação, o atendimento, a segurança dos bens pessoais e até a higiene ficaram bem classificados.

No resto da província da Zambézia há grandes investimentos, como os *lodges*, com o exemplo do Mopeu Coco Lodge, o Zalala Beach Lodge, o Pebane Fishing Lodge e Domínio Lodge (em Milange, ainda em construção), e pequenos investimentos, como as pensões, as residenciais e

as *guesthouses*. Mas muitos distritos não possuem oferta de alojamento, pelo que o turista precisa de acampar ou alugar-se junto da comunidade local.

Por fim, apenas um entrevistado (HL29) nomeou casas religiosas não dehonianas que acolhem visitantes: uma casa de irmãs no Gurué. Mas destacou que muitas o fazem atualmente por falta de financiamento externo, como via de autosustentabilidade.

3.2.6. Restauração

Nesta subcategoria, apresentamos as respostas dos habitantes locais quanto à restauração e o tipo de comida que é servido nos diferentes estabelecimentos.

A maior parte dos restaurantes da **provincia de Nampula** referidos pelos entrevistados encontram-se na cidade, de que são exemplo os restaurantes Copacabana, Almeida Garrett, Sporting, Salsa Pimenta, Marisqueira, os restaurantes dos hotéis (Lúrio, Executivo, Millenium, entre outros), o restaurante dos Montes Nairucu, o restaurante-bar Piripiri, o complexo Quintanoso, os restaurantes no Centro Comercial Girassol, os restaurantes ao pé do hotel Girassol, o Brasília, o Cantinho da Pizza, a Quinta Churrasco e o Bambu.

Um dos entrevistados (HL8) afirmou que os pratos típicos (frango *tocossado*⁶ com *chima*⁷ ou arroz) são servidos nos restaurantes de Nampula, nomeadamente no Cantinho da Pizza, no Brasília, na Quinta Churrasco, no Bambu e no restaurante do complexo dos Montes Nairucu (explorado por um português). Este último, segundo outro entrevistado, não serve comida local, só portuguesa e chinesa. A Ilha de Moçambique também foi abordada por um entrevistado (HL35), que referiu que aí a grande maioria dos restaurantes prepara gastronomia local, tanto dirigida aos turistas como aos locais, que frequentam os estabelecimentos aos fins de semana para lazer e entretenimento.

No **Alto-Molocué**, pelo contrário, muitos entrevistados afirmam que os restaurantes não servem comida tradicional, mas comida rápida e de *take-away*, como hambúrguer, bife, frango de aviário e sandes. A comida tradicional é servida nalguns casos se for pedida, mas muitos já não querem esse tipo de comida. Já dois entrevistados (HL17 e HL18) dizem que comida como *chima* e *matapa*⁸ é servida vulgarmente. Os restaurantes referidos são: o do hotel Kapulana, o Céu Azul,

⁶ Comida confeccionada em água e sal.

⁷ Papa sem condimentos, preparada com farinhas que diferem segundo o lugar ou a preferência, de farinhas de milho, mapira (semelhante ao milho), mandioca, entre outros produtos.

⁸ Preparado de folhas de mandioca, batata-doce, *caracata* ou outros vegetais, com amendoim, coco, ...

o restaurante-bar Famboué, o da pensão Nutiol e um pequeno bar que abriu na vila do Molocué (que serve muitos pratos de tradição árabe).

Em **Quelimane**, os restaurantes servem comida local, ao gosto dos moçambicanos. Esta comida é servida nos restaurantes dos hotéis Zambézia e Villa Nagardas, no Rei dos Frangos, em A Grelha, no Bani, no Murimo, no Zambézia, no Sabam, no Agricon, no Bar Lisboa, no Refeba, no Café Nicola e noutros restaurantes em hotéis. Ainda assim, um entrevistado (HL26) afirma que os restaurantes são mais frequentados por turistas do que por habitantes locais, que preferem sentar em grupo a beber no exterior. Os restaurantes aqui são estruturas abertas, com cobertura e pouco mais, porque o que importa é o ambiente.

Em **Nauela**, localidade em que Milevane se insere, não se encontram estabelecimentos de restauração, e os interessados devem procurá-los no Alto-Molocué.

No **Gurué**, há alguns espaços de restauração, nomeadamente o restaurante Zam-Zam, a casa dos padres dehonianos, a hospedaria Licungo, a Pensão Gurué, a Residencial Januário, a pensão Monte Verde, o Presquinho e outros lugares na praça da cidade. Não se conseguiu reunir informação sobre o tipo de comida servido nestes lugares.

3.2.7. Transportes

As províncias de Nampula e Zambézia são servidas de dois aeroportos, um em cada capital de província. O aeroporto de Nampula conecta com aeroportos nacionais e internacionais, enquanto o de Quelimane estabelece ligações apenas aos primeiros. Alto-Molocué é servido por um aeródromo raramente utilizado.

A maioria da população usa os transportes terrestres na sua deslocação por Moçambique ou para chegar às casas dehonianas, muito devido aos preços elevados praticados nos voos domésticos.

Os meios de transporte terrestres variam um pouco, mas não completamente, de um lugar para o outro. Esta análise resultou das entrevistas, na sua maioria a habitantes locais, mas também a alguns hóspedes e turistas, assim como da observação direta.

Na cidade de **Nampula** é possível observar automóveis e motorizadas particulares a circularem, mas também táxis dos mesmos veículos. Quanto ao transporte coletivo, à semelhança dos outros lugares, apenas um transporte viário é identificado pelos entrevistados como público, já

que existem redes com a designação de *transportes públicos*, financiadas pelo estado. Neste caso trata-se dos Transportes Públicos de Nampula, com apenas dois autocarros em circulação (HL2). Os transportes coletivos circulam dentro da cidade e para algumas localidades a pouca distância. O mais popular na cidade é o chamado *chapa* (HL10), cuja rede atravessa os vários bairros da cidade e chega a algumas localidades nas imediações. O preço ronda os 5 e os 10 meticais e um entrevistado (HL8) afirma que é difícil ver turistas nos *chapas*. Os *chapas* ligam ainda a cidade a outros distritos. Essas rotas externas ao distrito também são cobertas por autocarros de longo curso, existindo três empresas de transporte a operar em Nampula: a Mecula, a Maningue Nice e a Nagi Investimentos (HL4).

Os preços, nos dois casos, dependem das distâncias. Um exemplo é a viagem para a Ilha de Moçambique, que fica por 150 meticais (HL4) ou 140 (HL35). Os transportes são mais caros no norte do país do que no sul porque há menos oferta no norte (HL6).

Dentro da cidade podem-se encontrar ainda os *chopelas*, triciclos motorizados de dois lugares que são mais utilizados pelos turistas (HL8). Os turistas têm, também, à sua disposição, companhias de aluguer de automóveis e de carros com motorista, o que é feito em agências turísticas, uma delas localizada no aeroporto (HL4).

O maior problema do transporte viário em geral são as condições das vias de acesso (HL6).

Tirando estes meios encontramos ainda o transporte ferroviário, que na cidade de Nampula marca presença pela linha que liga Nacala (província de Nampula) a Cuamba (província do Niassa), ainda que entre Nacala e Nampula a linha seja reservada a mercadorias, e a frequência seja reduzida, na ordem de um comboio por dia (HL2).

Quanto à Ilha de Moçambique, os turistas chegam a este destino através de barcos ou de carros particulares. A avioneta também pode ser utilizada, mas esta tem de aterrar na parte continental do distrito. A maior parte dos turistas chega de *chapa* (HL35), a partir de Nampula. Dentro da Ilha, estão disponíveis táxis de automóvel e de mota.

No **distrito de Alto-Molocué**, as motorizadas e as bicicletas dominam o cenário, com a habitual presença dos táxis de mota. Cada viagem custa entre 10 e 25 meticais, dependendo das distâncias. Não há *chapas* dentro do espaço municipal, apenas entre distritos e para algumas localidades dentro e fora do distrito. No primeiro caso referimos as viagens para Nauela, (150 meticais) e para Mutala (100 meticais (HL14). No segundo caso referimos as viagens para Nampula (200 meticais) e para Quelimane (300 meticais) (HL15). As feiras são ligadas entre si por carrinhas de caixa aberta, que transportam mercadorias e passageiros. Os turistas podem

optar por carros de aluguer, pois não há um serviço criado para eles. A única estrada alcatroada é a estrada nacional que atravessa a vila do Alto-Molocué, e as restantes são de terra batida, que sofrem com as chuvas anuais, mas são reparadas anualmente. Os hóspedes classificaram com 10 e 8 as condições de acesso à casa dehoniana, queixando-se apenas da falta de sinalização indicativa da sua localização.

A classificação das condições de deslocação dentro da localidade é muito diversa, sendo que um hóspede (VFA1) atribui a classificação máxima (10) pela atenuante de se tratar de um distrito, enquanto o outro (VFA2) atribui 5 pela fragilidade das estradas não asfaltadas. Entre as localidades, o cenário é semelhante, com o reconhecimento, por ambos os hóspedes, das dificuldades de circulação, aquando da época das chuvas, sendo comum que as estradas fiquem cortadas.

Quelimane é conhecida pelo uso predominante da bicicleta, tanto pessoal como do serviço de táxi, possibilitado pela localização do distrito numa planície. O táxi de bicicleta, em que o veículo possui um assento adicional para o cliente, é uma oportunidade de negócio para o taxista e um transporte barato para o habitante local, mas não é muito usado pelo turista. O raio de ação dos taxistas abrange os distritos de Quelimane e de Nicoadala, com taxistas a transportarem passageiros até Zalala. Também circulam motorizadas e alguns automóveis, tanto particulares como em serviço de táxi.

Os táxis de mota, em que o passageiro é transportado no mesmo assento imediatamente atrás do condutor, são mais habituais em lugares de planalto. Tal como em Nampula, encontramos o transporte público (Transporte Público de Quelimane, neste caso) e o *chapa*, que é o mais rápido. Chegam aos vários bairros da cidade e a algumas localidades nos arredores, como Zalala.

Os táxis de bicicleta custam 5 a 10 meticais entre os bairros da cidade, mas custam 20 meticais para Zalala e 50 meticais para Nicoadala, enquanto os *chapas* fazem as mesmas viagens por 10, 15 e 25 meticais, respetivamente (HL10). A rede de transporte público custa entre os 5 e os 30 meticais, dependendo da distância (HL27).

O *chapa* liga Quelimane a outras localidades da província, como o Gurué (300 meticais). Os autocarros também operam, na direção de distritos mais distantes e para outras províncias.

Na cidade em si os chapas e os autocarros não estão muito presentes porque “nem queriam, as pessoas preferem a bicicleta” (HL10).

Existem, ainda, transportes mais orientados aos turistas, como os *transfers* dos hotéis e *lodges* para a ligação ao aeroporto; um serviço de *transfer* da agência de viagens Zambézia Travel e os *rent-a-cars* (HL25). Entre Quelimane e Zalala há várias opções: o *chapa* e o táxi de bicicleta, como já fora referido, mas também a mota, o táxi de carro e o barco, a partir do porto da cidade. A estrada não é da melhor qualidade, e entre os dois lugares distam 30 quilómetros. A opção mais barata e cómoda é a do *chapa* (HL28).

Milevane e arredores são servidos pelos mesmos tipos de transporte que o Alto-Molocué: *chapas*, táxis de mota e de bicicleta e carrinhas de caixa aberta.

A viagem de *chapa* ou carrinha aberta para o Gurué fica por 100 meticais. Já custou 20, mas a falta de concorrência fez subir o preço.

As condições das vias de acesso são muito questionáveis. A única estrada nas imediações com alguma qualidade é a nacional, que passa em Alto-Molocué, e mesmo essa é muito esburacada.

A cidade do **Gurué** é servida de táxis motorizados e de um táxi de carro “porque a cidade está a crescer” (HL32), *chopelas*, carrinhas de caixa aberta e tratores. Todos estes meios de transporte circulam dentro do distrito. Apenas os *chapas* circulam para outros distritos, como Quelimane e Nampula, em ligações indiretas.

O transporte coletivo nem sempre é prático (pelo desconforto, morosidade, ...) e estas empresas de transporte evitam circular onde as estradas são piores, reduzindo a cobertura da rede de transportes. Até o camponês luta para ter um veículo motorizado, para poder chegar a qualquer lugar e transportar os seus produtos de forma mais prática. Porque sem isso, as pessoas dependem da boa-fé dos condutores que passem para uma boleia se não estiverem nos corredores de passagem mais habitual de circulação dos *chapas*. Mesmo nas áreas de circulação desse meio de transporte a frequência pode ser tão reduzida que a boleia passe a ser necessária (HL17). Nos locais onde há oportunidade de arrecadar mais rendimentos, como nas zonas de exploração mineira⁹ ou de produção agrícola mais proveitosa, os habitantes locais tendem a arranjar a sua “acelera” para facilitar o quotidiano.

O táxi motorizado fica por um mínimo de 25 meticais e a *chopela* pelo mesmo preço. Chegar às *machambas*, a partir da cidade, pode ficar por 65 meticais, o que é elevado para os

⁹ A maior parte dos entrevistados aponta para a exploração de pedras preciosas na Zambézia, mas não podemos confirmar se são esses os materiais explorados. Alguns referem ouro (apontando para uma confusão entre pedras por metais preciosos) e um entrevistado (HL17) ainda fala de materiais como tantalite, turmalina, águas marinhas e quartzo rosa.

habitantes locais (HL31). O preço entre Gurué e Quelimane é de 300 meticais, e para o Alto-Molocué é de 200 meticais.

A deslocação dentro da cidade é dificultada pelo subdesenvolvimento dos acessos, mas é funcional (6 em 10, atribuído por um hóspede - VFA4), ou até mesmo bom (8 em 10, atribuído pelo hóspede VFA5).

Quanto às deslocações entre localidades, a classificação desce (2, 1 ou 0, para o entrevistado VFA3, para diferentes localidades, e 6, para VFA5), sendo mesmo adjetivada como horrível (VFA3), tanto pela necessidade de fazer transbordo constantemente, como pela falta de cuidado dos condutores moçambicanos. Um deles (VFA4) afirma que “Moçambicano pode ser muito amável, gente boa, na relação entre pessoas. Quando está detrás de um volante [...] não tem respeito pela vida de ninguém”.

Quanto às condições de acesso à casa dehoniana, os hóspedes dividem-se entre uma classificação média da condição dos acessos, com um 5 (em 10) por parte de um par (VFA3) pela falta de sinalização e condição das estradas, e duas classificações máximas de dois hóspedes (VFA4 e VFA5) porque o noviciado localiza-se à face da estrada principal e o CPLD (onde se tomam as refeições), a um quarteirão da mesma estrada.

No resto da província, as estradas são quase todas de terra batida, e, por isso, suscetíveis de erosão causada pela forte precipitação que ocorre todos os verões. Apenas a Estrada Nacional nº 1, que liga Maputo ao Rovuma (o extremo norte do país) e atravessa Alto-Molocué, e alguns troços dentro de algumas cidades e vilas, são alcatroados. Mas também estes sofrem com as intempéries. A manutenção das estradas é frequente (pelo menos anual) e tenta compensar os problemas. Assim, a sua qualidade depende de quando foi efetuada a última manutenção e do relevo (se facilita ou não a dispersão das águas).

Em síntese, no conjunto, o transporte terrestre coletivo é o preferido pelos nacionais, porque o aéreo e o terrestre particular são demasiado caros, embora mais usados pelo turista, e o marítimo não é prático.

3.2.8. Serviços

Analisa-se aqui um conjunto de serviços ligados ao turismo: guias turísticos; postos de informação turística; agências de serviços recreativos e de viagens; serviços de comunicação e serviço de saúde. As informações foram fornecidas pelos superiores das comunidades, os habitantes locais e os visitantes.

Nas províncias de Nampula e Zambézia destacou-se a inexistência de serviços de **guias turísticos** oficiais, subsistindo apenas os agentes informais que pedem algum dinheiro em troca do acompanhamento dos turistas a determinados locais. Alguns entrevistados dizem que estes guias podem ser indicados por agentes do governo e pelos padres dehonianos (no Alto-Molocué), e que no Gurué já existe um grupo de jovens que fazem esse serviço, mas que são um pouco “careiros” (S4a). Em alguns casos, há quem tenha uma formação mínima para desempenhar essas funções, mas não são profissionais.

Situação semelhante ocorre com os **postos de informação turística**, já que não existem postos formais de atendimento ao turista. Os entrevistados apontavam normalmente a possibilidade de recorrer aos departamentos locais do Ministério do Turismo como alternativa. As exceções ocorrem na Ilha de Moçambique e noutras zonas turísticas (o que não abrange a maior parte das localidades incluídas neste estudo). Segundo um entrevistado (HL7), há um centro informal num estabelecimento de lazer em Nampula que presta informação turística.

Quanto a **agências de serviços recreativos**, só se podem encontrar nas zonas mais turísticas e as **agências de viagens** só existem nas capitais de província, mas, segundo os entrevistados, apenas uma ou duas em cada uma dessas cidades.

Um dos hóspedes (VFT2) confirmou a falta de guias turísticos e informou que mesmo em Maputo não encontrou postos de informação turística devidamente organizados pelo governo. Falta informação, tanto dentro das casas dehonianas como fora delas.

Este vazio nos serviços turísticos mostra uma presença incipiente do turismo na região e um alcance reduzido da ação do governo nesta área.

Em relação aos **serviços de comunicação** a rede móvel está a conquistar o país africano, aumentando a abrangência da rede de telemóvel e, em certa medida, da *internet*. Os centros urbanos aqui tratados estão cobertos pelas três empresas que operam na telecomunicação móvel do país: Mcel, a primeira a surgir e supõe-se que com mais utilizadores; a Vodacom, subsidiária da internacional Vodafone, e a Movitel, a mais recente. A primeira tem mais

problemas, principalmente pela sobrecarga de utilizadores, e a última tem conquistado o mercado ao apostar na maior cobertura de terreno. Assim, é a única rede a operar na isolada Milevane. Ainda assim, não é possível usar nenhuma das redes em vários lugares do país. A rede móvel, naturalmente, tem conquistado mais terreno do que a fixa, num país vasto e com uma população dispersa.

Quanto à *internet*, o sinal é muito sensível, e chega a falhar durante um mês inteiro.

Os serviços de saúde são um assunto delicado num país tão pobre como Moçambique. As localidades cobertas por estes serviços são as mais centrais no contexto em que se inserem, existindo nas capitais de província e nos centros distritais. Assim, existem hospitais provinciais e hospitais rurais (designação usada quando se localizam nos centros distritais). Há, ainda, centros e postos de saúde (nos postos administrativos), para além de uma multitude de hospitais e clínicas privadas nas cidades de maior dimensão. Para além da dimensão, que influencia as valências hospitalares existentes, é preciso considerar o fator público/privado. As clínicas privadas garantem um atendimento mais personalizado, mais cuidado e com menor tempo de espera, mas a isto acrescenta-se um custo mais avultado e as análises e exames clínicos são feitos nos hospitais públicos, por falta de equipamento nas instituições privadas. As clínicas estão estabelecidas só nas cidades que são sede de província. As opções diminuem drasticamente nas sedes distritais e mais ainda nos postos administrativos, com menos estabelecimentos de saúde, e a inexistência de postos de saúde privados.

No Alto-Molocué, a oferta limita-se ao hospital rural e um posto de saúde. No Gurué, para além do hospital rural, há mais de um posto de saúde, e algumas organizações não-governamentais (Visão Mundial e Children First) que trabalham no sentido de incrementar a qualidade dos serviços de saúde no distrito. Um entrevistado (HL25) destaca a VTcarência no serviço de saúde na província da Zambézia e que o setor privado devia cobrir o vazio que o estado deixou, ajudando a aliviar a superlotação dos estabelecimentos de saúde e incluir o atendimento mais personalizado no setor. Os hóspedes estrangeiros da casa do Gurué (VT1 e VFT2) evitaram recorrer ao sistema de saúde, adquirindo medicamentos profiláticos da malária o mais cedo possível e admitindo que visitar o país pode ser um risco pela baixa qualidade do serviço de saúde e a incidência do vírus da malária. O hóspede nacional entrevistado no Gurué (VT3) também aponta para essa falta de qualidade no serviço de saúde.

3.2.9. Recursos turísticos

Nesta subcategoria procede-se à análise dos recursos turísticos existentes nas regiões estudadas de acordo com os habitantes locais e os superiores das comunidades. Esta informação leva-nos a entender aquilo que os entrevistados conhecem, sobretudo os habitantes locais, e descobrir recursos que não costumam ser apresentados nos meios de informação turísticos.



Fig. 12 - Catedral de Nampula

também remonta a esta época, servindo uma linha antiga ainda em funcionamento com comboios coloniais que atravessa Moçambique de Nampula a Cuamba, na província do Niassa (e uma ligação no sentido inverso para Nacala, apenas para mercadorias), cuja paisagem panorâmica pode ser apreciada.

Os entrevistados também destacaram a praça da Liberdade, onde a estátua do Samora Machel ocupa o lugar central (como em todas as cidades provinciais), mas que não é completamente colonial pela presença de elementos pós-revolucionários. Neste centro urbano, vale a pena aproveitar as oportunidades para contactar com a realidade comercial local e o artesanato. A feira de Domingo e o Centro Cultural nas traseiras do Museu Etnográfico são os locais ideais para comprar artesanato e contactar com os artesãos, conhecidos por trabalhar pau-preto, numa arte que não é nativa, antes originária da etnia maconde de Cabo Delgado. Também se produzem cestos e peneiras nos bairros e distritos da província, e são vendidos aqui. Existem

outras feiras e mercados de referência (Faina Resta, Mercado Central, Mercado do Matadouro, ...), e realizam-se esporadicamente exposições de produtos locais no Conselho Municipal. Não se conhecem feiras especializadas em produtos tradicionais, apenas em roupa.

As opções de lazer noturno são diversificadas, partindo de pequenas barracas que funcionam como bares de rua, especialmente nos bairros, passando por cafés e bares, acabando em discotecas e *quintas*. Os bairros oferecem um retrato da vida do povo na cidade e os arredores, em localidades como o Anchilo e Nairucu, um retrato da vida do povo no meio rural. Nos arredores da cidade, numa propriedade da viúva de um português de nome Vieira, pode apreciar-se um lago (Fig. 13) rodeado de uma paisagem verdejante (HL4). Este lago é artificial, tal como todos os pequenos lagos que abundam nos arredores da cidade e não só, usados pelos habitantes locais quando o calor aperta, mas trata-se de um prazer perigoso, por causa das cobras e de outros animais selvagens que habitam estas águas.



Fig. 13 - Lago Vieira

Na província, a oferta é variada, entre património histórico, de cariz etnológico e natural. Começando na primeira categoria, este está concentrado na Ilha de Moçambique e nas marcas de séculos de ocupação portuguesa, visíveis nos seus edifícios e no museu local. A praia de Nacala também apresenta estruturas coloniais. Estes locais são também centros de artesanato, em conjunto com a localidade de Chocas-Mar, e de outras zonas balneares de destaque existentes nesta província.

O património de cariz etnológico identifica-se essencialmente com os lugares habitacionais dos Macuas - a etnia dominante, e com as suas tradições, entre outras. Quando inquiridos sobre as povoações típicas dos Macuas, os entrevistados identificaram uma plêiade de localidades, com destaque para a Ilha de Moçambique, de Moma, de Nacala-Porto, de Mossuril (onde se localiza Chocas-Mar), e algumas localidades dispersas pelos distritos. Referimo-nos a aldeias com casas de palha e *matope* (barro) e aspetos culturais como a música e danças tradicionais. Por vezes, não são muito nítidas as razões para a maior parte das escolhas, provavelmente resultantes do que os entrevistados conhecem e que lhes pareça mais típico. Daqui se pode destacar Angoche (o único distrito de tradição não-Macua na província) (HL6), muito arreigado aos costumes locais

e conhecido pelas suas praias, e a Ilha de Moçambique que, talvez devido ao impulso turístico, conserva as tradições e celebra-as em eventos culturais.

A agricultura tradicional das *machambas*, realizada com catanas e enxadas, está interligada com as tradições gastronómicas Macuas, que consistem em pratos onde predomina o uso da *chima*, que frequentemente complementa o *caril*, que consiste num preparado de vegetais (*matapa*) ou de carne.

Algumas terras têm tradições mais específicas, como o peixe *tocossado* ou com molho de coco (no litoral) e o frango *tocossado*. O frango normalmente é de uma espécie que apelidam de *macua*. Há também arroz de coco e outros doces com coco, como *sanana* ou *mucate* (HL6).

Os entrevistados afirmam que, provavelmente, o melhor distrito para observar a produção agrícola tradicional será o de Malema, considerado o celeiro da província de Nampula.

As atividades tradicionais como a dança e o canto podem ser observadas nas festas de vários tipos que se dão na cidade, nos distritos e mesmo nas outras províncias. Também podem ocorrer em ritos iniciação, casamentos, e outras festas tradicionais, ou em contextos de festas religiosas (especialmente muçulmanas e católicas), durante visitas e tomadas de posse de administradores e dias comemorativos nacionais e locais. Os dias comemorativos têm uma grande importância em Moçambique, especialmente os ligados à independência, mas também o 1 de Junho, o dia da criança¹⁰, ou o dia da mulher moçambicana (7 de abril), entre muitos outros. Nesses dias são quase obrigatórios os comícios, desfiles, discursos e apresentações culturais na praça central de cada localidade moçambicana. São momentos em que todos comparecem e participam, dispersando-se no final e continuando a festa nos bairros e nas suas localidades. Certos grupos podem ainda comemorar viajando para um lugar diferente, principalmente para a praia, o que proporciona as excursões internas, que são importantes em turismo.

Uma das cerimónias mais comuns é a do rito de iniciação, onde a criança passa à idade adulta. Na base é semelhante em toda a província de Nampula e Zambézia, senão em todo o país. A criança permanece algum tempo no mato, dando provas de sobrevivência, momento em que também lhe são transmitidos conselhos essenciais para a boa vivência na sua sociedade. No final desse tempo ocorre a cerimónia e a festa. Normalmente, os ritos masculinos incluem a circuncisão. Os ritos podem não ser plenamente cumpridos em locais com menos tradição,

¹⁰ Dia em que as crianças recebem presentes, muitas vezes em substituição da troca natalícia.

como na cidade, e ter pequenas variações dentro de uma região que partilhe a mesma etnia. Angoche, Moma, Nacala-Porto, Ilha de Moçambique e alguns bairros da cidade de Nampula são considerados os pontos mais tradicionais da província e onde se observam mais estes costumes. Em geral, o litoral é sempre considerado mais tradicional. A Ilha tem uma importância central para os Macuas, de tal forma que muitos comemoram o dia da cidade de Nampula nesse distrito. É também casa de importantes festivais culturais com adesão de toda a parte de Moçambique e que funcionam como mostra de gastronomia, trajes, danças e outras manifestações culturais locais. Referimo-nos ao *Festival Baluarte* (no dia da Ilha de Moçambique), às feiras gastronómicas (*Tohotiva*, que se realiza três vezes por ano), ao festival cultural *Muipiti* e a um festival cultural no último trimestre de cada ano.

A manifestação cultural que melhor demonstra os diferentes distritos é a dança, replicada nos diferentes eventos culturais e típica de um certo lugar ou região. Na província de Nampula podem observar-se danças como o *tufo* e o *n'sope*, presentes por todo o litoral. O *tufo* é dançado por mulheres vestidas com as *capulanas* tradicionais e as caras cobertas com uma substância branca, conhecida como *mussiro*. Este hábito estético é muito associado à Ilha de Moçambique.

Apesar de todas estas tradições é frequente a referência à ameaça da homogeneização cultural e da raridade de eventos culturais tradicionais, para lá dos ritos de iniciação.

Quanto a festas religiosas, as mais fortes serão provavelmente as muçulmanas, já que o Islamismo domina a província de Nampula. Entre elas registamos o Ramadão, o Eid al-Fitr e Eid Mubarak. Os católicos também têm os seus eventos, como o Natal, a Quaresma e a Páscoa. Em Nampula é celebrada uma missa especial e realizada uma procissão a 13 de maio, até porque a catedral é dedicada a Nossa Senhora de Fátima. Nos distritos temos ainda a festa do Santuário do Coração de Jesus, em Rapale, em junho e a festa do Santuário de Meconta, em outubro (HL1). De toda a arquidiocese de Nampula saem jovens em peregrinação para o primeiro santuário, onde se fazem procissões, festas e feiras e os jovens convivem e fazem vigílias, o que entra na categoria de excursionistas internos.

A cultura local abrange ainda histórias e lendas locais, contadas entre os jovens ou aos mais novos, normalmente sobre lugares e personagens muito específicas. Como exemplo citamos as histórias sobre os régulos, a origem de um lugar, sobre acontecimentos coloniais e religiosos. Mas há, também, contos morais (normalmente com personagens de animais) e relatos de como a vida era vivida antigamente. Estes são vistos como a transmissão do próprio africanismo, e como uma forma de fugir à forma ocidental de contar a História.

Alguns lugares ligados a lendas estão associados à presença de espíritos, onde se faz a oferenda na forma de farinha ou farelo (*makéia* para os Macuas). A crença nestes espíritos é praticamente dominante entre a população moçambicana das províncias estudadas, ainda que se manifeste de diferentes formas, entre os habitantes rurais que acreditam que uma doença se deve ao facto de não se ter honrado os espíritos, até à certeza camuflada da sua existência por parte de pessoas com instrução elevada. Faz parte da mentalidade destas províncias, independentemente da religião que se pratique.

O património cultural completa-se com o património arqueológico, que consiste nos vestígios coloniais da Ilha de Moçambique e nas pinturas rupestres dispersas em vários pontos da província de Nampula, normalmente nas montanhas, locais que a população respeita e evita por acreditar que alojam espíritos.

A província de Nampula é rica em património natural, com um interior de planaltos e relevos únicos e um litoral, balnear. Um entrevistado (HL4) identifica um parque natural em Muite, distrito de Mecubúri, e outro (HL8) um parque entre Nampula e Nacala. Estes não serão parques naturais ou reservas propriamente ditos, mas algo de menor dimensão. Quanto a lugares para a observação de flora e fauna, foram destacados, ainda, o complexo do Monte Nairúcu (onde há animais num ambiente mais ou menos livre, o que atrai muitos visitantes), Mecuburi e Riabaué, ainda no interior, e a fauna e flora marinha, na Ilha de Moçambique, o que já é explorado por algumas operadoras turísticas, sendo, portanto, já um produto turístico.

A paisagem do interior é marcada pelas montanhas, algumas delas isoladas pela crença da presença de espíritos e apenas habitadas por macacos. São, no testemunho dos entrevistados, locais de oferendas rituais e também de vestígios humanos antigos. Algumas têm dono, como Quitele, em Ribaué, com o mesmo nome da dona, que usa a montanha para pedir aos espíritos a realização de algum desejo ou necessidade, ou a Serra da Mesa, atualmente usada como pedreira, mas que era do régulo de Nampula, que a visitava para interceder junto dos antepassados (HL4 e HL6).

Não há reservas de caça na província, por isso a atividade persiste enquanto tradição, nos moldes informais de antigamente, no meio de matas ou entre *machambas*, para alimentação, eliminação de ameaças, obtenção de uma parte específica do corpo do animal ou por diversão. Os entrevistados não souberam especificar se é legal ou não. Segundo um entrevistado de Milevane, basta ter uma licença de caça para que tal se possa fazer (HL29). Um entrevistado

(HL6) destacou um lugar chamado Muhavula, muito rico em caça, a 30 quilómetros da cidade de Nampula. Só é dada certeza da inexistência da caça grossa.

Os rios não substituem o passeio no litoral, já que não se realizaram investimentos turísticos nas praias fluviais, que só um entrevistado afirmou existirem (HL5). Os rios têm abundância de crocodilos e funcionam em alguns casos como recetores de esgotos e as suas margens como latrinas.

Muitos dos bairros de Nampula devem o seu nome aos rios que passam ou nascem nas suas imediações e muitos dos rios ganham dimensão com a saída das águas de esgotos. Assim, mesmo mais próximo da foz, estes rios não devem ser utilizados para fins de lazer. Rios de maior dimensão, como o Lúrio, ou rios noutros distritos menos populosos poderiam ser aproveitados turisticamente, mas não o são.

É no litoral que se encontram algumas das maiores riquezas turísticas da província, muito frequentadas em dias festivos ou comemorativos, momento em que os habitantes do interior partem para as usufruir. Falamos das praias de Nacala e de Fernão Veloso, em Nacala, Chocas-Mar (Mossuril), Imbo, Lumbo, Moma, Mecuta, em Memba, Ilha de Moçambique, Namcarambo, Praia Nova e outras em Angoche, Tamole e a ilha de Cuti. Algumas das praias, não são muito conhecidas a nível nacional, mas são-no a nível regional.

Alguns destes lugares (Ilha de Moçambique, Nacala, Chocas-Mar) estão a menos de 200 quilómetros da cidade de Nampula e têm um mínimo de infraestruturas turísticas, normalmente um ou dois restaurantes preparados para qualquer tipo de turista. Em lugares mais concorridos, há bares, restaurantes e outros espaços de convivência e lazer. Na Ilha de Moçambique, os operadores turísticos realizam viagens de barco entre a ilha principal e as adjacentes (Goa, Sena,...).

Não há lugares específicos para a prática de pesca desportiva, mas esta faz-se mais no litoral, pelos visitantes.

A **província da Zambézia** também tem os seus atrativos embora destaquemos apenas as áreas próximas das casas dehonianas.

Começamos pelo **Alto-Molocué**, no norte da província. Esta vila nasceu nos tempos coloniais e, por isso, ainda apresenta construções dessa época, incluindo a antiga missão dos dehonianos, em Malua (a alguns quilómetros da vila). Além disso, pode observar-se a igreja católica da paróquia da Nossa Senhora de Fátima, no centro da vila (Fig. 14), outras igrejas, o mercado municipal (Fig. 15) as missões religiosas, os edifícios da administração municipal e distrital,

algumas escolas, os hospitais, o posto policial, um banco em ruínas e outros edifícios da vila usados como alojamento ou lojas.



Fig. 14 - Igreja da Nossa Senhora de Fátima, Alto-Molocué

A pouca distância do centro, a barragem da vila, e a alguns quilómetros, os edifícios dos monges maristas no Monte Rurupe, dos irmãos maristas de Nivava, o posto administrativo de Maquivala e as construções coloniais

nas localidades de Nauela e Mugema, completam a lista com exemplos de todo o distrito.

Os mercados e feiras, como a de Mutala, Novanana e Moralelo, também vendem artesanato de palha, feitos por artesãos locais que estão organizados em associações (HL12 e HL15). Nas apresentações culturais é comum existirem grupos de dança tradicionais, que dançam *elata*, *niqueidje* e *n'sope*.

As festas tradicionais têm o seu auge após a cerimónia de iniciação. Nesse momento, matam-se galinhas caseiras que é acompanhada de arroz, outros pratos típicos e de bebidas tradicionais. Falamos de *cabanga* (farelo de milho), *sura* (coco), *oteca* (mapira¹¹ e farinha de mandioca) e *cachaço* (cana de açúcar). Aqui o povo é de etnia Lomué, tal como no Gurué e em Milevane, mas esta é uma etnia com alguns pontos em comum com a Macua. Assim, a gastronomia é muito semelhante à dos Macuas de Nampula, com algumas *nuances* nos ingredientes.

Os eventos religiosos têm o seu ponto alto na Páscoa, época escolhida para batismos, comunhões e casamentos, para além de retiros durante a Quaresma, alguns em Malua.

O convívio pode realizar-se nos bares e nas discotecas da vila. Alguns destes lugares foram construídos com a ajuda de fundos de desenvolvimento comunitário, e simbolizam os esforços da população no sentido de uma vida melhor.

¹¹ Uma planta semelhante ao milho.

O projeto Vila Milénio (com sede em Malua) é uma das organizações que gere e distribui estes fundos com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento comunitário local. A Intacua e Nicoa que operam na área florestal e de gestão de resíduos são outro exemplo (HL21).

Quanto ao património imaterial, há locais destacados por histórias fantásticas.

É o caso de uma pequena montanha



Fig. 15 - Mercado Municipal, Alto-Molocué

Fonte: <http://amimartins.wordpress.com/2011/08/13/alto-molocue/>.

no lugar de Mulevala, onde se diz que Maria ou Jesus desceu dos céus e deixou o decalque do seu pé (HL15). Noutro lugar, em Murrua, Jesus apareceu a duas crianças, mas quando elas saíram e voltaram a chegar ao lugar, só se encontrou a sua imagem (HL15). Existem também relatos sobre lugares onde os espíritos habitam e se fazem oferendas.

Quanto ao património natural, apenas em locais mais isolados do distrito se podem encontrar alguns animais selvagens de pequeno porte, o que é cada vez mais difícil, já que a presença humana tem-se expandido. Porém, é possível apreciar a beleza de alguns lugares, nomeadamente a propriedade dos religiosos maristas no Monte Rurupe, uma das muitas montanhas de um distrito montanhoso. Já no distrito do Gilé, perto da fronteira com o de Alto-Molocué, dá-se, numa localidade chamada Ilhanete, a travessia de animais (HL23).

A caça faz-se nos mesmos moldes que em Nampula, com a exceção da opção de caça desportiva e fiscalizada na reserva do distrito vizinho de Gilé.

A paisagem montanhosa e a passagem de várias linhas de água favorecem a existência de cascatas, cuja presença efetiva se limita ao tempo de chuvas em que o caudal é maior.

Os habitantes locais refrescam-se junto ao rio Molocué e na barragem da vila, mas nenhum destes espaços tem uma estrutura turística preparada, a água quase desaparece no tempo seco e pode encher demasiado no tempo das chuvas. Existe ainda um lago perto da casa dos dehonianos, mas não lhe é dado o mesmo uso. Há ainda praias fluviais no Gilé, ao longo do mesmo rio. Na maior parte das margens, porém, a segurança é posta em causa pela proximidade da floresta e a falta de presença humana.

Quelimane, a capital da província, tem as suas razões para ser visitada: a tradição edificada colonial, a proximidade a uma das mais importantes praias da região, a praia de Zalala, e o Carnaval local.



Fig. 16 - Catedral antiga de Quelimane

O local onde se estabeleceu a cidade foi um dos primeiros pontos a ser visitados pelos portugueses, e aqui foram instalando-se. Um dos edifícios mais antigos na cidade é a Sé Catedral antiga (Fig. 16), cuja construção remonta do início do século XIX e foi substituída na sua função por uma nova, construída em meados do século passado.

Outras igrejas têm origem colonial, como a de Nossa Senhora do Livramento em Quelimane e a do Qualane. Em Chuabo Dembe, um lugar nos arredores da cidade, também existe uma igreja e outros edifícios coloniais. O porto, as escolas, um mercado, o museu, uma estátua do Gungunhana, a o centro da cidade em si, tudo é de origem colonial. A cidade é transitável de bicicleta, uma das suas maiores tradições. Há, também, muitos mercados pela cidade e pelos seus bairros, mas o que distingue, nessa área, a cidade de Quelimane em relação aos outros locais abordados é a organização de exposições, feiras em ocasiões especiais que divulgam os produtos e tradições locais (gastronomia, artesanato, cultura local, bebidas, danças) e festivais culturais. E, apesar de se fazerem anunciar como festivais de Quelimane, curiosamente nem se dão no distrito, mas no vizinho distrito de Nicoadala, onde se encontram os atrativos a que esses festivais culturais e musicais se aliam: o Festival da Lagoa Azul e o festival de Zalala (HL25).

Estes dois espaços são muito concorridos devido aos recursos balneares. Principalmente Zalala. A praia fica a cerca de 30 quilómetros de Quelimane e já era frequentada no tempo colonial, ainda preservando algumas das estruturas balneares que foram construídas nessa altura. Para se lá chegar atravessa-se uma extensão de coqueiros. Aí, o festival cultural e de música dura três dias e realiza-se em outubro, esvaziando a cidade de Quelimane que “nesse período de tempo, não volta a ver os seus habitantes, nem para pernoitar” (Fig. 17). Organizam-se concertos de músicos nacionais e danças tradicionais de toda a Zambézia (*dança das cobras, inhambaro, macuaera* ...). Estes eventos de exposição provincial são também um símbolo da amálgama étnica que ocorre neste distrito e que originou, em parte, a cultura Chuabo.

Outro importante evento é o Carnaval, que atrai foliões de todo o país e mesmo do exterior.



Fig. 17 - Danças tradicionais no Festival de Zalala

Fonte: <http://zbls.org/pt-pt/musica-cultura/>

Um mês depois, realiza-se um desfile de um dia só para os mais novos. Durante o resto do ano, a animação noturna permanece no centro da cidade, nos bairros e na praia de Zalala.

Este lado alegre é visível em praticamente todas as cerimónias tradicionais zambezianas, em que há sempre dança, festa e bebida. Mesmo na festa do sétimo dia da morte (HL26).

Também em atividades mais comuns do quotidiano há alegria. No final do trabalho, numa *machamba* ou da construção de uma casa, convida-se os amigos para tomar as bebidas tradicionais como a *cabanga*.

Quelimane possui várias opções de artesanato, entre um centro de cestaria do palmar, a escola de artes e ofícios (dos religiosos capuchinhos), a Bindarte, o Incidua, a Casa da Cultura (perto da atual sé catedral), e outros centros. Não se observa em toda a província uma arte característica como a Maconde de Cabo Delgado, mas predomina a cestaria e a utilização do

barro e do *cafuro* (o material externo do coco). A escultura é rara, presente apenas em utensílios práticos de madeira, e que pode ser apreciada mais em Nicoadala. No geral, trata-se de uma arte dos objetos práticos de uso quotidiano.

Quanto à natureza, o visitante pode ainda desfrutar das paisagens ao longo do rio dos Bons Sinais, que atravessa Quelimane e desagua em Nicoadala, em dois pontos: a marginal entre o centro da cidade e o porto de rio, e o espaço praticamente desabitado e calmo do Chuabo Dembe, de onde se pode ver a cidade ao longe e alguma fauna invulgar perto do rio.

Milevane faz parte do distrito do Alto-Molocué, mas tem características particulares que interessa abordar. As construções coloniais de Milevane e arredores já foram referidas. A alguns quilómetros a sede do posto administrativo onde se insere esta localidade, Nauela, tem algumas instalações antigas, e a missão dehoniana de Nauela é colonial. O centro da localidade de Mugema, de valência comercial, certas estradas e outros edifícios dispersos também remontam a essa época (HL29).

Um dos padres de Milevane (HL29) fala da tradição destes lugares. As comunidades, divididas por regulados, podem ser visitadas e lá podem observar-se dança e gastronomia tradicional, entre outros aspetos culturais. Porém, a cultura local tem vindo a desaparecer, com a juventude a abandonar os batuques e as danças tradicionais, pela música moderna. Esta ainda se manifesta um pouco aquando da reunião dos mais velhos e em algumas cerimónias ou festas religiosas. As histórias orais também estão a desaparecer, pois mesmo em distritos rurais disseminaram-se os aparelhos de televisão e os pequenos cinemas de barraca, afastando as crianças dos momentos em que se contavam as lendas.

A agricultura e a gastronomia encontram-se dominadas por vários tipos de feijão, que constituem a riqueza da localidade.

A paisagem é dominada por montanhas, algumas ligadas à mesma grande formação onde está inserido o Namúli, do Gurué. Nessas montanhas, existem formações rochosas interessantes, como uma que adota a forma de um alpendre, e até alguns marcos naturais com significado histórico, nomeadamente uma árvore considerada sagrada onde crianças foram assassinadas durante uma guerra. A propriedade dehoniana de Milevane tem um lago onde se pode pescar, mas não está a ter qualquer aproveitamento atualmente, quando até podia ter um barco. Não há um lugar delimitado para caça, mas, com a licença certa, pode-se caçar aqui, onde ainda se vêem alguns animais na altura das queimadas. Em geral, o crescimento populacional e a dispersão devido à guerra civil causaram a diminuição da mata por toda a região.

O **Gurué** é um distrito com duas grandes atrações: o Monte Namúli (Fig. 18) e as plantações de chá que chegaram do Malawi com os colonos portugueses (HL32).



Fig. 18 - Monte Namúli

Fonte:

http://www.diocesegurue.com/gurue/index.php?option=com_content&view=article&id=193:visita-pastoral-as-comunidades-do-monte-namuli-capelania-s-kizito&catid=36:noticias-da-diocese&Itemid=63.

O primeiro adquire a sua importância por se tratar do segundo maior pico do país que é considerado pelos povos do norte como o seu lugar de origem (HL32). Já se registam muitos visitantes na época da seca quando as estradas para o topo

são transitáveis.

A cidade e os seus arredores estão pontuados com edifícios e

lugares coloniais, em boa parte interligados ao sucesso comercial da produção do chá: a casa dos noivos; a Santinha; a casa presidencial; a casa do governador; as fábricas e lagoas artificiais criadas pelas empresas do chá; dois quartéis; a base da FRELIMO em Muxímua (na localidade de Invinha, agora em ruínas); a catedral; as igrejas e capelas; as escolas secundárias; as estradas; as pontes; a planta da cidade do Gurué e os seus edifícios. De criação mais recente, pode apreciar-se a casa do padre Luciano - uma antiga casa de acolhimento de crianças de um estilo arquitetónico peculiar (quase nórdico), e o lago que está em frente dessa estrutura.

Alguns marcos do distrito, como algumas quedas de água, a chamada casa presidencial e um lago, estão nas mãos das empresas do chá, que aceitam visitas depois de serem autorizadas. Alguns habitantes locais (HL10, HL31 e HL32) também afirmam que as fábricas estão disponíveis, especialmente a companhia do Gurué e a Gulamo.

Os mercados e feiras do distrito vendem algum artesanato de cestaria, produzido em centros familiares.

Lugares de lazer, nomeadamente bares e discotecas, podem encontrar-se no centro da cidade.

A tradição é um pouco difícil de definir, num distrito onde se misturam várias origens e etnias. Além disso, um entrevistado (HL33) frisa que as mudanças administrativas que o governo implementou alteraram a organização da população no terreno e fizeram com que o sentido de tribo se perdesse. No entanto, ainda se podem observar várias tradições funerárias e associadas

aos ritos de iniciação. Também se misturam algumas tradições gastronómicas, sem que se possam identificar pratos típicos do distrito. As bebidas tradicionais (*cabanga*, *oteca*, ...), à semelhança de outros lugares, são mais consumidas em tempo de festas tradicionais, mas as bebidas industriais estão a conquistar cada vez mais mercado.

A forte exploração agrícola, madeireira e industrial impede a presença de parques naturais ou



Fig. 19 - Rio Licungo

mesmas razões.

de flora e fauna bravia. Isto não quer dizer que as paisagens do Gurué não sejam impressionantes, especialmente nas Unidades de Produção (UP) de chá, doze no total. As quedas de água e os lagos estão presentes nessas UPs, e a visita a esses lugares tem de ser autorizada, tal como à casa do presidente e a do governador, pelas mesmas razões.

No rio Licungo (Fig. 19), que atravessa o distrito, entre a cidade de Nampula e a entrada para a UP4, podemos encontrar uma praia com alguma fama e frequência. Na primeira metade do ano de 2013, estava em construção uma estrutura de restauração, e já existiam barracas a servir bebidas no lugar. O lugar é reconhecido pelas autoridades, que passaram a promover o Festival do Licungo, um festival de música e lazer que dura cinco dias (HL31). Ao longo do mesmo rio há pesca artesanal, enquanto que o pescado para consumo oficial é proveniente de aquicultura. O Instituto Médio Agro Pecuário do Gurué possui também essa produção.

Também se pratica uma caça tradicional, a ratos, ratazanas e gazelas, no tempo da queimada.

Quanto ao resto da **Zambézia**, vale a pena mencionar alguns aspetos. O norte da província é montanhoso e cultural e etnicamente mais próximo de Nampula do que o sul.

A presença portuguesa está em todo o lado, principalmente no litoral que tentou dominar durante séculos, enquanto nunca o conseguiu completamente no interior da região. A fortaleza de D. Carlos e a base militar do Mongué, em Milange; o cemitério de Condossano, na Maganja da Costa; a igreja de São Cristo de Rei; o Museu e a Praça da Independência de construção colonial, em Pebane e uma igreja no topo de uma montanha, em Mocuba, são exemplos apontados pelos entrevistados (HL10 e HL25). Algumas produções icónicas também foram

deixadas pelos colonos, como o chá no Gurué e a vasta plantação de coqueiros no litoral da província, que constituiu em tempos uma das maiores extensões de coqueiros do mundo.

Foram, ainda identificados locais importantes pela ligação a figuras e eventos históricos associados à guerra da libertação de Moçambique e à guerra civil, nomeadamente Murrupula, por ser o local de nascimento do presidente Guebuza, e a base do Mongué (Milange), pelo papel na primeira guerra.

Na província, as festas religiosas envolvem procissões com andores e ritos sagrados, seguidos da festa, em moldes tradicionais. Na montanha de Muhogole, no distrito do Ile, ergueu-se o maior santuário da província em local onde se diz ter aparecido a virgem Maria, conhecido por Santuário de Mulevala. A partir de Quelimane partem algumas peregrinações para Namacurra, Monte Iero e Milange. Existem ainda missões religiosas antigas que vale a pena visitar, em Pebane, Naburi e Malama, a poucos quilómetros da praia (HL29).

As dicotomias entre diferentes tipos de relevo e proximidade ao mar trazem diferenças nas produções agrícolas dominantes e, por sua vez, na gastronomia. O norte apresenta semelhanças com a província de Nampula, com a *chima* e a *matapa*, com um espectro mínimo de variações nas plantas usadas, devido à maior presença de milho, mapira e mandioca. No sul de planície, o arroz e o coco dominam a paisagem, dominando, também, os paladares. A província é conhecida pelo frango à zambeziana (grelhado com molho de coco e de outros produtos) do sul, e não pelo frango *tocossado* do norte, prato mais típico de Nampula.

As zonas costeiras são conhecidas igualmente pelo artesanato, pela preservação da cultura tradicional, que os entrevistados foram afirmando que se faz, ao contrário dos citadinos e dos habitantes do interior, e pelas praias. Ile e Pebane são os distritos apontados como mais tradicionais. Em Namarrói, a tradição é vivida através de grupos folclóricos, alguns deles com a famosa dança das cobras, que consiste exatamente no que o nome diz, em dançar com cobras “hipnotizadas” (HL27). A celebração da cultura estende-se a toda a província com o Festival da Cultura onde todos os distritos apresentam os seus grupos e manifestações culturais. Ocorre em meados de maio ou de junho e o local não é fixo, mudando todos os anos, segundo uma votação.

Quanto às praias, elas existem de Pebane a Luabo, ou seja, por toda a costa zambeziana, incluindo a Ilha do Fogo (Pebane). Podem ser realizados passeios de barco entre Quelimane e Pebane, e a pé na maior parte destes lugares balneares, onde se consegue ainda observar a atividade piscatória tradicional, mas também a pesca industrial, no mar alto, e a pesca

desportiva ligada ao Pebane Fishing Lodge, e que atrai turistas da África do sul, Malawi e até de Inglaterra, por intermédio do penúltimo país (HL25), mas outros lugares possuem potencial para a mesma atividade turística.

Tal como na província de Nampula, a Zambézia vive ainda as suas tradições ancestrais, no litoral e no interior, no sul e no norte. As lendas são tomadas com alguma seriedade e influenciam o comportamento dos zambezianos. Algumas são recentes e respondem a um perigo novo, como os relatos de bares assombrados (HL10). Outras protegem lugares arqueológicos escondidos nas montanhas e cavernas, quando os consideram como local de oferendas aos espíritos. Existem vestígios antigos em distritos como Morrumbala, Mocuba, Moma, Gurué (Montes Namúli) e Ile. Ainda outras tentam explicar factos de uma forma peculiar, como os contos sobre as características físicas de um animal ou o nome de um lugar, ou lançam preconceitos em relação aos habitantes de outros lugares. Mas estes contos têm vindo a ser substituídos por histórias ocidentais, resultado da *modernização* da vida africana.

O interior da província oferece atrações diferentes do litoral. A observação de fauna e flora terrestre é possível em lugares mais isolados, mas só a fauna de pequeno porte. Na província, os animais de grande porte encontram-se na reserva nacional do Gilé.

A caça desportiva ocorre aqui, sob a supervisão do estado, mas também de forma furtiva aqui e no Gurué, e artesanalmente por toda a província, em fazendas de brávio. O estado moçambicano pensa criar coutadas na província para resolver esse problema.

As zonas montanhosas com abundância de linhas de água tendem a dar origem a cascatas. As praias fluviais existem, especialmente ao longo do Licungo, mas no tempo seco o leito diminui e no tempo chuvoso a corrente aumenta perigosamente e os crocodilos multiplicam-se.

Há, também, doze fontes termais localizadas nos distritos de Morrumbala (águas termais de Binda), Lugela (águas termais de Monhamade), Mocuba, Nicoadala, Maganja da Costa, Pebane e Gilé (HL25). Podem referir-se, ainda, os lagos, como a Lagoa Azul, em Nicoadala; a Lagoa Rubúria, em Bajone no distrito de Maganja da Costa, além dos lagos dos distritos do Gurué e Milange (HL25).

Podemos acrescentar alguns atrativos fora das províncias de Nampula e Zambézia. Em Cabo Delgado, uma das províncias do extremo norte do país, destaca-se a cidade capital de província, Pemba. É conhecida pelas praias (nomeadamente Wimbe), artesanato e algumas estruturas coloniais. A província é ainda rica em fauna e flora, terrestre e marítima, visitável no Parque Nacional das Quirimbas (HL6). A província do Niassa, outra das províncias mais a norte em

Moçambique, tem como marcos turísticos a reserva nacional do Niassa e o Lago Niassa, conhecido internacionalmente como Malawi (HL6). A reserva é um paraíso para os caçadores de caça grossa e o lago tem possibilidades de lazer, entre o banear e a pesca. Para visitar um parque natural menos orientado para a caça, é preciso chegar a Sofala, ao Parque Nacional da Gorongosa.

PARTE IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. Introdução

A quarta parte do presente trabalho apresenta uma análise que parte da metodologia SWOT para finalizar com as conclusões retiradas do resultado dessa metodologia.

Subdivide-se em cinco capítulos. O primeiro, designado “Introdução”, destina-se à apresentação da estrutura desta parte. O segundo, intitulado “As casas dehonianas em Moçambique como potenciadores de turismo: análise SWOT”, incide sobre cinco casas dehonianas existentes em Moçambique. Com base nos resultados da análise SWOT pretendemos analisar as possibilidades destas casas funcionarem como unidades de alojamento turístico e prestarem serviços associados ao turismo religioso no seu conceito mais alargado (turismo espiritual ou de base social). O terceiro capítulo de nome “As regiões de implantação das casas dehonianas em Moçambique e suas possibilidades turísticas: análise SWOT”, foca-se nas características das regiões onde estas casas se situam, tal como o nome indica. O objetivo é o de entendermos se estas regiões podem oferecer uma mais valia para a atividade turística, nomeadamente no que diz respeito ao turismo cultural (patrimonial, arqueológico, religioso, gastronómico), ao turismo de eventos, ao turismo de sol e praia, ao turismo de negócios e ao turismo de base natural.

Nestes dois últimos capítulos a metodologia de análise adotada apoia-se em matrizes SWOT, ilustradas nas Tabelas 19 a 29 que incidirá, naturalmente, sobre as potencialidades, fragilidades, oportunidades e ameaças existentes em cada um dos estudos de caso. Desta forma, pretende-se dar resposta aos objetivos deste trabalho, que passam por conhecer a realidade local e as possibilidades existentes para a elaboração futura de uma rota turística em Moçambique apoiada nas casas dehonianas de Nampula, Alto-Molocué, Quelimane, Milevane e Gurué, localizadas nas províncias de Nampula e Zambézia, tema do quarto capítulo intitulado “As possibilidades turísticas das casas dehonianas em Moçambique”. No quinto e último capítulo apresentam-se as “Considerações finais”.

2. As casas dehonianas em Moçambique como potenciadores de turismo: análise SWOT

2.1. Comunidade dehoniana de Nampula

Pontos fortes

A comunidade dehoniana de Nampula é definida pelos entrevistados como aberta aos visitantes. Esta recetividade faz parte do carisma que distingue os dehonianos.

A casa atual está localizada num bairro (Napipine) perto do centro da cidade de Nampula.

A estrutura dehoniana de Napipine (Fig. 20) possui uma lavanderia, um refeitório e uma horta. Através da comunidade pode aceder-se ao serviço religioso. As condições do alojamento são boas e as construções relativamente recentes.



Fig. 20 - Casa dehoniana de Nampula

Pontos fracos

A casa onde a comunidade dehoniana se encontra não é da propriedade da congregação, antes foi arrendada à diocese, impedindo assim a realização de alterações necessárias para a atividade de hospedagem. Além disso, a estadia é temporária, contemplando-se a construção de um espaço permanente.

A comunidade dehoniana é composta por apenas dois elementos, extremamente ocupados nas suas atividades.

Os meios de transporte da comunidade são necessários para o desempenho de funções dos religiosos da comunidade dehoniana, não estando disponíveis para um serviço turístico.

A casa atual tem uma dimensão reduzida, com poucos quartos e equipamentos de pequena capacidade.

Os serviços foram criados para a comunidade dehoniana local e não contemplam a participação de turistas.

Oportunidades

O terreno para a construção de uma residência futura dos dehonianos possui grandes dimensões, possibilitando a construção de um edifício de tamanho superior ao atual e pensado, desde a fase de projeto, para oferecer serviços associados ao turismo, como por exemplo, alojamento, lavanderia, serviço de *internet*, salas para congressos, salas de exposições ou espaços para retiros.

A cidade de Nampula é onde fica um dos aeroportos internacionais de Moçambique, o único desta categoria que serve as províncias de Nampula e da Zambézia, o que pode fazer da cidade um ponto ideal de chegada e saída da região, e da casa dehoniana o alojamento de ligação a outros pontos dessa mesma região.

Atualmente, a comunidade dehoniana beneficia da proximidade com instituições de ensino, do ensino primário ao universitário, e instituições de apoio às de ensino, como a Biblioteca do



Fig. 21 - Biblioteca universitária de Napipine e lugar do Rex

Centro Cultural Universitário de Napipine (Fig. 21), coordenada pela Companhia Missionária do Coração de Jesus (congregação feminina que partilha a espiritualidade dos dehonianos). Esta proximidade podia ser aproveitada para a promoção do alojamento junto de alunos de pós-graduação, de investigadores ou de professores universitários que se desloquem temporariamente para o desenvolvimento da investigação, cursos, estágios, congressos, provas académicas, entre outros. Podia até pensar-se no estabelecimento de um protocolo com a

universidade com o objetivo de oferecer preços convidativos a visitantes que se deslocassem por motivos de participação em congressos, provas académicas e outras atividades académicas.

Pelo crescimento da atividade económica e cultural, parte deste alojamento podia recair em grande medida sobre os turistas que viajam por motivos de negócio. É nesse sentido, que a nova estrutura podia contemplar espaços propícios a reuniões, congressos e salas de exposição.

A boa relação dos dehonianos com a comunidade local permite o planeamento de atividades de turismo cultural com a mesma, através da criação de eventos e de oportunidades de contacto com as tradições culturais locais. Esta ligação potencia ainda o desenvolvimento de um turismo de voluntariado, de acordo com as necessidades da população e das ações dehonianas junto delas. Nesta perspetiva de um turismo de voluntariado, ou de um turismo cultural mais abrangente, os turistas poderiam participar nas aulas de cultura Macua lecionadas no posto administrativo de Anchilo (a pouca distância da propriedade onde está a ser construída a nova residência da comunidade) pelo padre dehoniano Elia Ciscato, um dos maiores estudiosos do tema.

Podiam também existir pequenos cursos pensados para investigadores e antropólogos com alojamento e restauração em regime de meia-pensão, incluídos.

Estão a ser pensados outros objetivos para as novas estruturas em construção, como a criação de um seminário de filosofia e de pequenas casas de hospitalidade para receber alunos externos. O aproveitamento turístico é possível através da organização de congressos ou outras reuniões científicas ligadas aos estudos dos alunos do seminário. Os alunos hospedados ou em visita também contribuem para a atividade de hospedagem e turística.

A proximidade da Biblioteca do Centro Cultural Universitário de Napipine, gerida por uma congregação religiosa podia proporcionar, igualmente, atividades associadas ao turismo de voluntariado.

A comunidade dehoniana pode constituir uma porta de entrada para a convivência religiosa com a comunidade local, entre missas, celebração de festividades cristãs, ligações ecuménicas, festas.

No âmbito do turismo religioso os dehonianos podiam promover retiros em santuários e junto de outras comunidades religiosas próximas da cidade, como a que reside num lugar conhecido por Rex (Fig. 21).

Se fosse destinado à atividade turística, o novo alojamento dehoniano em construção, à imagem das casas dehonianas que já recebem hóspedes, poderia atrair procura pela diferença

em relação à atual oferta hoteleira de Nampula. Esta oferta é alargada e variada, mas pouco convidativa para um amplo grupo de turistas, nomeadamente para uma classe média e média-alta, já que o alojamento de qualidade (em hotéis, como o Millenium ou o Girassol) é caro, e o mais barato (em residenciais, pensões e quartos em casas particulares) muitas vezes não oferece o mínimo de higiene, qualidade e conforto estabelecido pelos padrões internacionais.

Ameaças

Dificuldades na construção da nova casa dehoniana por problemas logísticos e financeiros.

Os planos das novas estruturas podem ainda excluir totalmente um aproveitamento turístico.

O terreno da nova construção situa-se a alguma distância do centro da cidade, a 30 minutos da atual casa em transporte privado, mas também acessível através de transporte coletivo (*chapas*). A deslocação poderia ser facilitada se a congregação apostar num *minibus* ou autocarro de apoio às atividades turísticas por eles promovidas ou a decorrer no novo espaço.

A expansão da hotelaria na cidade de Nampula representa concorrência para um possível projeto de alojamento, pelo que o alojamento na comunidade deve afirmar-se pela diferença.

Tabela 19 - Análise SWOT da casa dehoniana de Nampula

Nome	Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Ameaças
Caraterísticas da casa	-Comunidade dehoniana aberta aos visitantes; -Carisma que distingue os dehonianos; -Localização central da atual casa; -Horta.	-A casa atual não é dos dehonianos; -A comunidade religiosa é pequena e os seus membros muito ocupados;	-Dimensões do terreno para a construção da nova casa; -Ligação entre o exterior da região e outras comunidades dehonianas.	-Dificuldades na construção da nova casa; -Estão a ser pensados outros objetivos para o novo espaço da comunidade dehoniana; -Novo espaço a alguma distância do centro.
Equipamentos	-Lavandaria; -Refeitório.		-Desenvolvimento nas novas instalações de salas de congressos, - Salas de exposição -Lavandaria; -Serviços <i>wireless</i> ; -Sala de convívio para os hóspedes; -Restauração em regime de meia-pensão para atividades promovidas pela casa;	

Serviços	-Serviço religioso.	-Transporte da comunidade é para uso exclusivo nas atividades da comunidade.	-Atividades turísticas culturais e solidárias com a comunidade local; -Acesso à vivência religiosa da comunidade local; -Contacto com as instituições de ensino nos arredores da casa atual; -Aulas de Macua com o padre Ciscato; -Promoção do turismo de negócios; -Desenvolvimento de cursos sobre cultura Macua; -Desenvolvimento de protocolos com as universidades locais e externas; -Promoção de uma eventual rota dehoniana.	
Condições do alojamento	-Boas condições de alojamento.	-A casa atual tem uma dimensão reduzida; -Poucos quartos; -Equipamentos de pequena capacidade.	-A casa em construção tem potencial para constituir uma oferta atrativa para um determinado público-alvo.	-Expansão da hotelaria na cidade.
Condições dos serviços		- A casa atual não tem serviços preparados para visitantes.		

2.1.1. Comentários sobre a casa dehoniana de Nampula

Considerando a última análise, seria difícil concretizar, a curto prazo, um projeto de hospedagem no seio da comunidade dehoniana de Nampula. A casa atual não reúne os requisitos necessários para receber hóspedes de forma consistente e a nova não será uma realidade durante algum tempo.

Devido à capacidade mínima de alojamento, e até à concretização do novo centro dehoniano, a atual casa poderia servir como espaço de transição para o turista internacional, se este usar o aeroporto de Nampula para entrar no país, e dali partir para outros lugares do norte e centro de Moçambique, preferencialmente para outras casas dehonianas.

De futuro, o projeto de hospedagem em Nampula depende de dois aspetos. Primeiro, se o novo centro dehoniano irá ou não contemplar esse mesmo projeto. Segundo, se a comunidade dehoniana irá estar preparada para a atividade turística. Se se quiser dedicar a esta atividade deveria procurar empregar duas pessoas: uma para o atendimento e gestão dos visitantes e outra para a preparação, gestão e divulgação das atividades turísticas promovidas pela casa

(retiros, turismo de voluntariado; seminários com visitas integradas sobre Cultura Macua, etc., exposições, congressos sobre temas religiosos ou outros,...).

É relevante observar que o contexto social e cultural da comunidade dehoniana pode constituir um produto turístico válido. A ligação da comunidade dehoniana à comunidade local e a instituições sociais possibilitaria a organização de atividades junto destes elementos e o consequente alargamento da estadia do visitante na cidade.

Apenas a oferta de um serviço com qualidade acima da média por um preço convidativo poderia trazer competitividade à opção dehoniana em relação à crescente oferta hoteleira. Nesse sentido, à imagem de outras comunidades da congregação, o alojamento criado pelos dehonianos podia ir de encontro a um turista da classe média ou média-alta, que procure um alojamento acessível.

2.2. Comunidade dehoniana do Alto-Molocué

Pontos fortes



Fig. 22 - Igreja de Malua

A localidade de Malua no Alto-Molocué recebeu a primeira missão da congregação dehoniana em Moçambique que, apesar de estar desativada, ainda pode ser visitada (Fig. 22).

Os dehonianos de Alto-Molocué, à imagem dos religiosos das outras comunidades da congregação, distinguem-se pela sua abertura ao exterior e ao mundo.

A localização da casa dentro do município e no contexto da província (na vila do Alto-Molocué, a alguns quilómetros da estrada principal do país) influencia o sucesso da hospedagem nesta instituição.

Os hóspedes podem usufruir de vários equipamentos e serviços, entre os quais o refeitório, a sala de estar, a reprografia (onde podem aceder à *internet* via *wireless*), à lavandaria, à horta, à capela e alguns espaços preparados para reuniões e encontros.

Para os crentes, o acesso à casa garante e o acesso às celebrações religiosas diárias, na capela da casa (Fig. 23) e a proximidade à dominical (já que a casa está a alguns metros da igreja da paróquia da Rainha da Paz) é uma vantagem.



Fig. 23 - Capela da casa de Alto-Molocué

A casa já recebe encontros/reuniões de políticos e tem capacidade de reunião para 200 a 300 pessoas. Há ainda duas salas para

reunião destinadas a grupos pequenos, uma sala comum no edifício principal e uma sala que se destinava às refeições dos hóspedes.

A casa já é conhecida por muitos viajantes em missão de trabalho e personalidades locais e regionais. A satisfação destes hóspedes garante a repetição da experiência e a recomendação frequente a colegas.

Um dos fatores mais fortes de sucesso do empreendimento é a melhor relação preço-qualidade da oferta do distrito, que deve muito às condições de alojamento na casa dehoniana, uma estrutura de construção recente, quartos com casa de banho privativa, água corrente quente, eletricidade, ventoinhas, e outras condições que os alojamentos concorrentes não possuem.

A qualidade dos quartos é reconhecida pelos hóspedes, pelo menos em relação ao preço e à localização da casa, num distrito rural não turístico (Fig. 24).

Os hóspedes sentem segurança no recinto dehoniano, graças à presença de um guarda, e apreciam a calma e o convívio com a comunidade religiosa. Este conforto estende-se também à sala de estar com televisão.



Fig. 24 - Quarto duplo na casa do Alto-Molocué

O atendimento é outro ponto forte, assim como a qualidade e os preços dos serviços de restauração e da lavandaria. Os horários de entrada e saída, algo flexíveis, e a flexibilidade de horários do pequeno-almoço constituem outros dos pontos fortes desta casa.

Há ainda a acrescentar, as boas relações com os habitantes locais que consideram que os padres deveriam aumentar a sua capacidade de alojamento, tendo presente a sua perceção de que o número de visitantes ultrapassa essa capacidade.

Pontos fracos

A saída de membros da comunidade e/ou a não substituição dos mesmos leva à perda de dinâmica de grupo e à desvitalização da comunidade.

A hospedagem não é uma prioridade da comunidade, apesar de se realizar presentemente e de a comunidade beneficiar dos seus rendimentos.

Os meios de transporte são usados em exclusivo pela comunidade dehoniana para as suas atividades.

A capacidade de hospedagem é limitada a 15 pessoas, incluindo a comunidade dehoniana, devido à logística atual e ao número reduzido de quartos (total de 13).

Há espaços comuns sem aproveitamento, nomeadamente uma sala de hóspedes, devido a dificuldades logísticas (serviço e infraestrutura).

Muitos hóspedes que trabalham e/ou querem desfrutar de lazer noturno desistem de ficar hospedados na casa por causa dos horários restritivos, principalmente de entrada à noite.

A localização da casa não está sinalizada nos acessos.

A casa nem sempre tem um alto índice de ocupação, o que indicia sazonalidade dos visitantes e/ou falta de divulgação.

As restrições na logística afetam a capacidade de serviço de restauração, que se limita a 15 pessoas.

Os serviços disponíveis em geral (restauração, lavandaria, *internet*, etc.) são mal divulgados entre os clientes.

Só dois quartos têm ar condicionado, um requisito sensível num país tropical. Além disso, a limpeza é irregular, ainda que se entenda que não há falta de higiene. A rede digital *wireless* restringe-se a uma sala de fotocópias.

Oportunidades

A exploração de um turismo de convívio comunitário e de voluntariado pode ser facilitada pelas relações privilegiadas entre a comunidade dehoniana e a local (Fig. 25). Os padres estão

envolvidos em muitas ações sociais por todo o distrito (pastoral, educação, saúde) podendo mesmo criar eventos ou estadias para turistas que queiram ter uma experiência de voluntariado social em Moçambique (com regime de pensão completa ou meia-pensão). Neste caso deveriam considerar como público-alvo jovens e adultos dos continentes europeu ou americano, recebendo grupos de cerca de 10 pessoas, principalmente nas épocas mais baixas de alojamento. `

O Centro Juvenil é o ponto de partida ideal para o desenvolvimento desse tipo de turismo. De notar que há hóspedes atuais que manifestaram interesse em participar nestas atividades. O convívio com a população local poderia ser estendido na criação de atividades de contacto com a natureza orientadas por habitantes locais o que proporcionaria aos turistas de voluntariado uma mais-valia no seu conhecimento da região e uma ocupação para os tempos livres.

O contacto com a realidade local pode ser completado com a ligação dos padres a figuras importantes da comunidade local do bairro em que se encontram, podendo assim contribuir com ideias para o desenvolvimento de eventos locais que promovam o arrendamento dos seus salões e salas de reuniões.



Fig. 25 – No sentido dos ponteiros do relógio: biblioteca, retiro, escolinha e Centro Juvenil no Alto-Molocé

A vertente do serviço de arrendamento de espaços para reunião devia ser mais explorada e a oferta do serviço promovida, de modo a potenciar-se um turismo de negócios.

As refeições possuem vantagem competitiva em termos de preço - qualidade e variedade, pelo que podiam ser mais utilizadas como atrativos, principalmente em relação ao tipo de hóspedes mais habitual (trabalhadores que preferem um alojamento calmo com todos os serviços de que

necessitam), enquanto oferta formal. Seria desejável que pudessem assegurar a restauração durante os congressos que ali se realizam, com serviço de tipo *buffet*, o que não exige muita mão-de-obra, e proporcionando, ocasionalmente, a contratação de ajudantes para estas atividades maiores, o que promoveria o emprego local.

O sucesso da experiência de alojamento do Alto-Molocué, com os lucros a contribuírem para 75% da autossuficiência, pode influenciar a decisão de repetir a experiência noutras casas.

Ainda há terreno disponível, que deveria ser utilizado para aumentar a capacidade de acolhimento, por exemplo, em regime de bungalows com uma pequena *kitchenette*, para os hóspedes mais independentes.

Os estabelecimentos de hospedagem do distrito têm uma relação preço-qualidade da oferta menos compensadora para o visitante em relação à casa dehoniana, já que se praticam preços mais elevados e a oferta é inferior (menos condições de higiene, menos privacidade, menos conforto). Assim, há um potencial para o crescimento da procura, quer por parte de trabalhadores, quer de turistas, que deve continuar a ser explorado.

Ameaças

O atual superior da casa revelou a sua oposição a um projeto turístico, talvez sem a noção da possibilidade de um turismo mais espiritual e familiar, e acredita que não há potencial turístico no Alto-Molocué. Esta postura pode comprometer o futuro de um projeto desta natureza.

O mesmo superior supervisiona a hospedagem e não se sabe como será a gestão quando sair da comunidade, já que os outros membros têm outras funções e menos experiência no setor.

É preciso contabilizar ainda o aumento da concorrência, com a criação do hotel Kapulana no distrito, que oferece mais condições que os outros lugares e é concorrente com a casa dehoniana. Os outros estabelecimentos também estão a aumentar a qualidade da oferta, além de dois hotéis estão em construção, oferecendo uma liberdade e proximidade à diversão que a casa dehoniana não pode.

Os membros da comunidade encontram-se demasiado ocupados para se encarregar de um empreendimento turístico. O futuro do alojamento depende de pessoal especializado e comprometido com a gestão do serviço.

Os padres ainda estão a estudar essa hipótese, mas é uma solução que traz muitos problemas: é preciso avaliar a disponibilidade financeira para contratar alguém. O colaborador

escolhido não poderá auferir um salário muito alto, precisa de ter sentido de responsabilidade e alguma fluência noutras línguas. É preciso acrescentar que essa pessoa só se dedicaria ao acolhimento na casa, e nunca à experiência turística do visitante na região.

Tabela 20 - Análise SWOT da casa dehoniana de Alto-Molocué

Nome	Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Ameaças
Caraterísticas da casa	-Proximidade a estruturas originais da presença dehoniana (Malua); -Carisma que distingue os dehonianos; -Boa localização dentro do município; -Horta;	-Perda de dinâmica da comunidade; -Hospedagem não é prioridade.		-Oposição do superior da casa a um projeto turístico; -Supervisão da hospedagem por um só membro.
Equipamentos	-Refeitório; -Sala de televisão; -Reprografia; -Capela; -Lavandaria; -Espaços preparados para reuniões e encontros.		-Regime de pensão completa ou meia-pensão para turistas de voluntariado; -Serviço de <i>buffet</i> em reuniões e congressos;	
Serviços	-Restauração; -Acesso às celebrações religiosas diárias e dominicais; -Rede <i>wireless</i> .	-Os transportes são usados exclusivamente pela comunidade dehoniana.	-Exploração de turismo solidário, cultural e religioso; -Promoção de turismo de negócios; -Refeições como atrativo.	
Condições do alojamento	-Recomendada por viajantes em trabalho e personalidades locais e regionais; -Melhor preço-oferta do distrito; -Estrutura recente; -Condições que os concorrentes não oferecem (casa de banho privativa, água corrente quente, eletricidade, ventoinha, ...); -Quartos de qualidade superior; -Segurança permanente; -Lugar calmo.	-Capacidade limitada de hospedagem; -Há espaços comuns sem aproveitamento; -Pouco convidativo para hóspedes que procuram lazer noturno; -Casa mal sinalizada; -Ocupação irregular.	-Sucesso da hospedagem na casa impulsiona experiências semelhantes noutras casas; -Ainda há terreno disponível para expandir a capacidade de alojamento; -Melhor preço-oferta do distrito pode garantir crescimento do número de hóspedes alojados.	-Crescimento da concorrência (hotel Kapulana e outros estabelecimentos).
Condições dos serviços	-Refeições ricas; -Convívio; -Calor humano; -Apreciação positiva do atendimento e das	-Capacidade limitada de serviço de restauração; -Os serviços da		-Dificuldade em encontrar pessoal especializado; -Não se contempla usar o pessoal do atendimento para auxiliar a experiência

	refeições; -Flexibilidade mínima nos horários; -Serviço de lavandaria apreciado pela qualidade e preço; -Reconhecimento por parte dos habitantes locais do papel da comunidade dehoniana e da hospedagem.	casas são mal divulgadas e definidas; -Sem ar-condicionado; -Limpeza irregular; -Rede de <i>internet</i> limitada.		turística dos hóspedes.
--	--	---	--	-------------------------

2.2.1. Comentários sobre a casa dehoniana de Alto-Molocué

A casa de Alto-Molocué reúne grande parte das condições necessárias para a sua comunidade concretizar um projeto turístico que ultrapasse a vertente da hospedagem. A experiência atual limita-se a esta vertente e revelou-se bem sucedida.

O colmatar das necessidades logísticas previamente referidas, através da contratação de pessoal especializado e algum investimento nas condições gerais e expansão da capacidade hoteleira, seria suficiente para a realização do empreendimento. Seria também possível atrair um turismo de voluntariado e de cariz espiritual através de ações desenvolvidas pela comunidade, com periodicidade mais ou menos regulares nos meses de férias dos jovens europeus, por exemplo, ou mesmo para um turismo sénior, ainda ativo e com disponibilidade para tal.

Todavia, a comunidade não revela a vontade e disponibilidade necessárias para esta via, fator fundamental para a concretização de um projeto turístico no seu seio.

2.3. Comunidade dehoniana de Quelimane

Pontos fortes

A casa está bem localizada no contexto da cidade de Quelimane, situando-se ao longo de uma via direta para o centro da cidade e a pouca distância do mesmo.



Fig. 26 - Igreja da Paróquia da Sagrada Família e uma das capelas da casa dehoniana de Quelimane

Proximidade de locais religiosos e patrimoniais que fazem parte da história da presença dehoniana em Quelimane, nomeadamente a Paróquia da Sagrada Família (Fig.26).

A comunidade dehoniana é vista pelos habitantes locais como solidária com a população, atitude em consonância com o carisma dehoniano de abertura ao mundo.

As instalações dehonianas incluem um jardim de pequenas dimensões, um refeitório, uma sala de estar com televisão, um escritório com biblioteca, duas capelas (sendo uma delas, representada na Fig. 26, decorada por um pintor presente noutra espaço religioso da congregação – a igreja da antiga missão de Nauela), pequenas saletas, uma garagem e casas de banho privativas em todos os quartos (Fig. 27).



Fig. 27 - Quarto duplo na casa de Quelimane

A capacidade de serviço de restauração é elevada, pelo menos em aproveitamento de espaço, sendo

possível servir 300 pessoas ao mesmo tempo. A capacidade de reunião é idêntica.

A segurança e o horário de entrada flexível constituem mais valias para esta casa, assim como o conforto e o sossego, o calor humano, e a partilha das refeições com a comunidade religiosa.

Pontos fracos

Os membros atuais da casa não têm disponibilidade nem vocação para os negócios. A acrescentar a isto, alguns membros mostram oposição a qualquer tipo de utilização da casa que disturbe o normal funcionamento da comunidade.

A casa fica afastada das vias mais transitadas da região e das outras comunidades e o microclima é severo.

Nenhum dos padres se ocupa da pastoral, restringindo o acesso à experiência religiosa.

Os meios de transporte existentes são necessários para o cumprimento das funções dos membros da comunidade, impedindo o seu uso em atividades turísticas.

Capacidade de hospedagem limitada, com 15 quartos sempre prontos para alojamento dos 22 existentes no total.

A estrutura atual precisa de reabilitação, algo que se nota mais na altura das chuvas.

Apenas três espaços têm ar condicionado, e nenhum deles é um quarto disponível para o visitante, questão sensível pela presença das condições climáticas já abordadas.

Os serviços da casa não estão organizados para receber elementos externos a nível turístico, ainda que suportem a estadia de outros padres quando estes visitam Quelimane.

Oportunidades

Há uma reflexão sobre a necessidade de rentabilização das estruturas e, nesse sentido, a utilização da casa para o negócio da hospedagem está a ser equacionada.

A casa tem na sua estrutura algumas pequenas salas que se podem revelar úteis para a reunião de grupos limitados, e uma capela, que se destinaria a grupos maiores, juntando-se à



Fig. 28 – Biblioteca do Centro Ponto de Encontro

possibilidade da casa se tornar um alojamento barato e de qualidade para os muitos trabalhadores que visitam Quelimane.

As relações privilegiadas com a comunidade local e a atenção aos problemas sociais, patentes no acolhimento de seropositivos nos serviços da casa, permitem o planeamento de atividades turísticas de voluntariado de cariz social e cultural. A proximidade com alguns projetos sociais, nomeadamente o Centro Ponto de Encontro, um centro de saúde e algumas escolas (Fig. 28), permite, também, promover o turismo de voluntariado. O mesmo acontece em relação a outras comunidades religiosas da cidade, algumas com atividades sociais que poderiam associar-se a estas ações de turismo de voluntariado promovidas pela própria casa dehoniana, ganhando o lucro da estadia e da pensão completa ou meia pensão.

O turismo de negócios/reuniões/encontros de religiosos também se poderia desenvolver no espaço com a oferta do almoço *buffet*, incluída, rentabilizando os equipamentos. A contratação ocasional para apoiar o serviço de grandes refeições seria uma mais valia para a comunidade.

Ameaças

Como já foi referido, nem todos os membros da comunidade estão recetivos à ideia de rentabilizar a casa, dificultando o desenvolvimento do projeto no futuro.

A distância entre esta e outras comunidades dehonianas é uma ameaça a uma ligação turística entre as mesmas.

É necessário um investimento inicial forte, nomeadamente recuperação das instalações, custos de manutenção e oficialização da própria atividade, que só seria feito no caso de se encontrar alguém que se responsabilizasse pela gestão da hospedagem, tarefa que não se afigura nada fácil. Admite-se ainda que seria preciso aumentar a capacidade hoteleira.

A concorrência na área do alojamento é apreciável. A oferta hoteleira de Quelimane é, segundo os entrevistados, aceitável, com um leque diversificado de estabelecimentos, alguns de qualidade e acessíveis.

Tabela 21 - Análise SWOT da casa dehoniana de Quelimane

Nome	Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Ameaças
Caraterísticas da casa	-Proximidade a estruturas originais da presença dehoniana	-Falta de vocação e disponibilidade dos membros	-Reflexão pelos membros da comunidade sobre a	-Obstáculos ao turismo da parte da comunidade dehoniana;

	(Paróquia da Sagrada Família); -Boa imagem dos dehonianos junto dos habitantes locais; -Carisma que distingue os dehonianos; -Jardim de pequenas dimensões; -Boa localização.	para negócios; -Oposição por parte da comunidade a um projeto de acolhimento; -É a comunidade mais distanciada das outras.	possibilidade de desenvolvimento de um projeto de rentabilização da casa.	-Dificuldade em criar uma ligação turística entre a comunidade de Quelimane e as restantes.
Equipamentos	-Refeitório; -Sala de estar com televisão; -Escritório com biblioteca; -Duas capelas; -Pequenas saletas; -Garagem; -Casa de banho privativa em todos os quartos; -Espaço suficiente para um serviço de refeições de maior capacidade e para a realização de reuniões.		-Saletas podem ser úteis para a promoção de um turismo de negócios; -Regime de pensão completa ou meia-pensão para turistas de voluntariado; -Serviço de <i>buffet</i> em reuniões e congressos;	
Serviços	-Restauração.	-Nenhum dos padres se ocupa da pastoral; -Transportes de uso exclusivo pela comunidade.	-Exploração de turismo comunitário, cultural e de voluntariado.	
Condições do alojamento	-Conforto e sossego; -Calor humano; -Segurança.	-Capacidade de hospedagem limitada; -Necessária a reabilitação das estruturas; -Apenas três espaços têm ar condicionado.		-É necessário um investimento inicial forte; -Concorrência no alojamento apreciável.
Condições dos serviços	-Horário da casa sem limitações.	-Serviços da casa não estão organizados para elementos externos.		-Dificuldade em encontrar quem faça a gestão turística.

2.3.1. Comentários sobre a casa dehoniana de Quelimane

A comunidade de Quelimane, apesar de não ter a experiência que as comunidades de Alto Molocué e Gurué têm em hospedagem, reúne condições para iniciar tal experiência. A casa tem

os equipamentos necessários, quartos, condições sanitárias e de privacidade, segurança e uma comunidade afável. A casa está bem localizada no contexto da cidade, com proximidade a projetos sociais e ao centro urbano, e com espaços propícios à realização de reuniões. A comunidade está ligada a alguns desses projetos e a boa relação com a população local ajuda a criar oportunidades de experiências turísticas comunitárias. Além disso, os seus membros entendem a necessidade de um empreendimento que reverta financeiramente para a comunidade.

Todavia, muitos são os obstáculos a ultrapassar. As estruturas precisam de ser renovadas e entende-se que devem ser ampliadas. Mais do que noutras casas da congregação, a inclusão de ar condicionado é necessária, devido ao microclima da região. Trata-se de investimentos avultados, a que se devem acrescentar os custos da legalização de um empreendimento hoteleiro. Tal como em Nampula, a concorrência é apreciável.

Porém, talvez seja a componente humana a mais decisiva. A comunidade não está disponível nem tem vocação para a hospedagem. É necessário encontrar um elemento que se responsabilize pelo empreendimento. Ainda mais preponderante é a oposição de parte da comunidade ao projeto em si, e sem o apoio de toda a comunidade não é possível concretizá-lo.

É preciso apontar ainda que é a comunidade mais distante das outras, dificultando uma eventual rota turística entre as comunidades. No entanto este aspeto também poderá ser visto como positivo porque possibilita a experiência da viagem para um local diferente, diversidade que no caso de uma rota dehoniana que pode ser apreciado por muitos turistas não africanos. Neste caso tudo depende do marketing que se promova em redor desta característica.

Para que um projeto turístico seja concretizado em Quelimane são necessários investimentos avultados e uma mudança de atitude em relação ao turismo por parte da comunidade da casa. Talvez estes constituam demasiados fatores negativos a ultrapassar.

2.4. Comunidade dehoniana de Milevane

Pontos fortes

A presença das estruturas originais, ilustrativas da arquitetura colonial e da vivência de outros

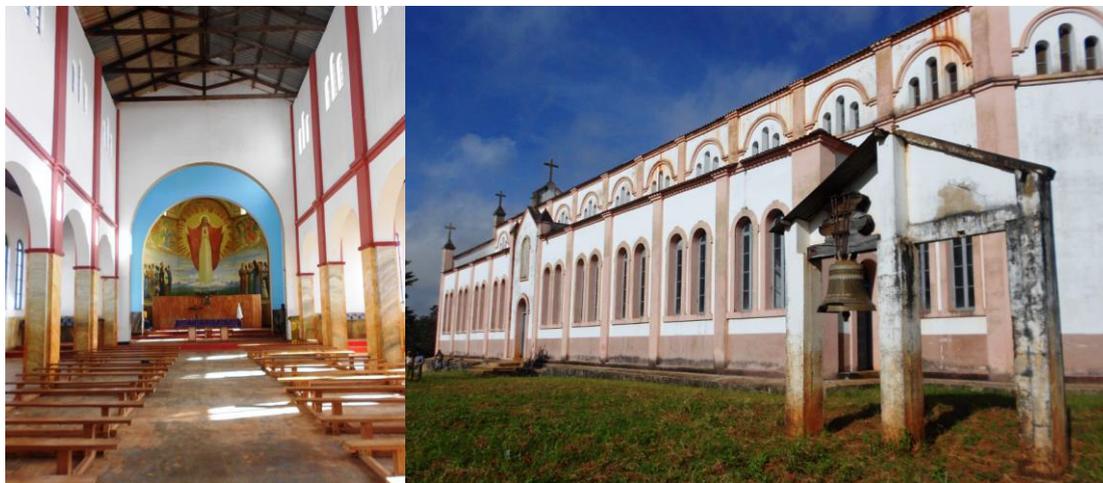


Fig. 29 - Igreja da missão de Nauela

tempos, marca a propriedade dehoniana de Milevane. A poucos quilómetros dali é possível visitar as infraestruturas da antiga missão de Nauela, que não estão muito danificadas (Fig. 29). A igreja da missão ainda é usada, e possui um mural no altar do mesmo autor do mural da capela da casa dehoniana de Quelimane. O primeiro foi criado no início da carreira do pintor, o segundo no final.

A envolvente da casa dehoniana tem uma paisagem predominantemente natural, em que os espaços de mato e arvoredo são mais abundantes do que os campos de cultivo. O espaço contíguo às estruturas da casa dehoniana é dominado por jardins cuidados. É uma paisagem agradável por onde se podem percorrer alguns trilhos. Há ainda um lugar com uma árvore considerada sagrada onde ocorreu a morte de crianças no tempo da guerra. A propriedade



Fig. 30 - Capela maior e uma sala de reuniões em Milevane

possui um lago a 200 metros da casa e inclui algumas produções agrícolas e pecuárias exploradas por terceiros. A água canalizada tem origem numa montanha a pouca distância da casa e é potável.

Daqui avistam-se montanhas impressionantes, onde se podem observar algumas formações rochosas interessantes.

A comunidade dehoniana está receptiva a visitantes, quer por motivos humanitários, quer por necessidade económica, tendo apenas alguma preocupação com o comportamento dos hóspedes e com uma certa preservação do ambiente da comunidade.

A abertura aos visitantes e a boa relação com os habitantes locais são sinais do carisma dehoniano e da sua relação com o mundo exterior.

Trata-se de uma estrutura vasta com vários equipamentos, entre salas de estar, uma delas com televisão, bibliotecas, duas capelas, dois refeitórios, várias salas de reunião e salas vazias (Fig. 30).



Na comunidade pratica-se a restauração sem fins lucrativos, **Fig. 31 - Vista exterior da casa de Milevane**

destinada apenas aos residentes e visitantes em retiros e ofícios religiosos ocasionais.

As condições do alojamento são razoáveis, tendo em conta os problemas de falta de conservação das infraestruturas. No entanto, a capacidade hoteleira é elevada, podendo albergar até 200 pessoas num regime mais informal e 60 de forma cómoda (Fig. 31). No estado atual é de 40 pessoas, mas com liberdade de colocar mais camas e beliches. Além disso, há uma vasta tipologia de quartos: singulares com casa de banho (Fig. 32), quartos com casa de banho partilhada, duplos, triplos e camaratas.



Fig. 32 - Quarto com casa de banho privativa em Milevane

A capacidade de acolhimento de grandes grupos e de organização de atividades com esses grupos dentro e fora das salas já foi testada, dependendo a capacidade de reunião da capacidade de alojamento já que este é um espaço isolado e convém pernoitar no

lugar.

O isolamento assegura o sossego e a calma do lugar.

Pontos fracos

É um lugar isolado, longe de vias de passagem frequente de viajantes.

A casa necessita de recuperação, pelo que se torna importante pensá-lo como algo que possa ser valorizado e rentabilizado no futuro.

O sistema elétrico é deficiente, pois as estruturas não estão ligadas à rede elétrica nacional. Os painéis solares são poucos para as necessidades de aquecimento de água, atingindo apenas algumas casas de banho privativas, e as canalizações são antigas.

Poucas horas de eletricidade durante a noite, devido ao funcionamento limitado, para efeitos de poupança, do gerador a combustível.

O funcionamento da máquina de lavar depende da eletricidade, dificultando a oferta de um serviço de lavandaria permanente.

Apenas uma rede de telemóvel abrange o espaço da casa.

A maior parte dos hóspedes são esporádicos e, tratando-se de religiosos, os preços são muito baixos, o que não dá lucro.

A casa dehoniana consiste em estruturas de grande dimensão, o que leva à inutilização de vários espaços, incluindo um grande refeitório e grande parte dos quartos.

À semelhança das outras comunidades, os meios de transporte internos são limitados e reservados às atividades da comunidade.

A capacidade atual de serviço de restauração (e de operação de uma casa de alojamento em geral) é limitada, porque só está organizada para os padres. Devido ao abandono da produção agrícola em redor da casa e dos custos da mesma, alguns dos produtos são comprados a 60 quilómetros, o que significa que no caso de se organizar o alojamento sistemático, será preciso gerir de outra forma os recursos da casa.

Oportunidades

A comunidade dehoniana atual reconhece a necessidade de reabilitar os edifícios e dar-lhes um propósito rentável, e várias hipóteses, incluindo o alojamento, foram equacionadas.

As múltiplas salas espaçosas equipadas para reuniões podem ser arrendadas a grupos, no sentido da promoção do turismo de negócios, com a atração conjunta da paisagem e da tranquilidade do lugar.

Seria possível fornecer refeições durante os eventos realizados na casa tentando uma maior rentabilidade, mesmo que se tivesse que contratar ajudantes.

Podem ser igualmente equacionado o turismo religioso, nomeadamente retiros espirituais. Além disso, a comunidade dehoniana vê vantagens neste tipo de turismo que pode ser realizado em conjunto com os religiosos da casa.

As relações privilegiadas com a comunidade local permitem o planeamento de atividades turísticas sociais e comunitárias à volta da cultura e vivências locais, e da vivência especial da evangelização e pastoral no meio rural moçambicano.



Fig. 33 - Escola agrária das irmãs do Amor de Deus

Os turistas que prolonguem a sua estadia poderiam praticar um turismo de voluntariado, em aspetos associados à saúde, ao ensino (na Escola Agrária) (Fig. 33), na carpintaria e construção, associadas à manutenção da casa dehoniana ou no desenvolvimento de uma horta ou pomar.

A envolvente natural justifica a promoção de produtos turísticos ligados à natureza.

Como lugar isolado que é, a concorrência é pequena, com apenas mais duas opções de alojamento nas imediações.

Espera-se que a linha elétrica chegue em pouco tempo. No início do ano de 2013, já estava a doze quilómetros da casa.

Ameaças

Os custos elevados da necessária recuperação das infraestruturas são grandes entraves a um possível projeto turístico.

Podia ser publicitado o seu uso para reunião de grupos de padres, irmãs e catequistas, mas são um tipo de público que não pode pagar muito, e muitos não sabem usar devidamente as instalações, pelo que os prejuízos poderiam ser superiores às vantagens.

Falta vontade de decisores externos à comunidade religiosa local de ver a propriedade ser recapitalizada, muito por esta se encontrar isolada. O facto das produções agrícolas terem sido abandonadas é um sinal disso. Hoje em dia trata-se de uma propriedade em que se podia ter tudo, mas não há nada, e a comunidade tem de sobreviver com o auxílio de outras comunidades.

É preciso encontrar alguém responsável, capaz e disponível a tempo inteiro para desempenhar a gestão da hospedagem.

Tabela 22 - Análise SWOT da casa dehoniana de Milevane

Nome	Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Ameaças
Caraterísticas da casa	-Estruturas coloniais da casa; -Proximidade a uma antiga missão dehoniana colonial (Nauela); -Envolvente predominantemente natural e explorável; -Jardins; -Produções agrícolas e pecuárias; -Lago; -Água canalizada pura; -Comunidade dehoniana aberta a visitantes; -Boa relação entre dehonianos e habitantes locais; -Carisma que distingue os dehonianos.	-Abandono progressivo das atividades agrícolas e pecuárias; -Não há movimentos comerciais fortes nas redondezas; -Estruturas precisam de ser recuperadas.	-Possibilidade de partilha da vida da comunidade; -Abertura dos dehonianos à ideia de turismo.	-Custos elevados com a estrutura; -A promoção de reuniões de religiosos locais não traria retorno financeiro; -Falta vontade de ver a propriedade ser recapitalizada.
Equipamentos	-Salas de estar; -Bibliotecas; -Duas capelas;	-Serviço de lavandaria dificultado por	-Serviço de refeições durante eventos	

	-Refeitórios; -Salas de reunião.	falta de energia elétrica; -Parte da estrutura por utilizar.	realizados na casa.	
Serviços	-Restauração; -Ofícios religiosos; -Organização de retiros espirituais.	-Transporte de utilização exclusiva da comunidade; -Serviço de hospedagem esporádico e praticado com baixos lucros.	-Promoção de turismo de negócios; -Promoção de turismo religioso; -Exploração de turismo comunitário e cultural; -Possibilidades de envolvimento em atividades de saúde e educação por parte do turista – turismo solidário; -Promoção do turismo natural.	
Condições do alojamento	-Condições razoáveis de alojamento; -Capacidade de alojamento elevada; -Tipologia de quartos variada; -Capacidade de acolher e ocupar grandes grupos; -Isolamento exige estadia noturna; -Sossego.	-Estruturas com necessidade de reabilitação; -Falta de energia elétrica constante; -Apenas uma rede de telemóvel.	-Pouca concorrência na área; -A rede elétrica está a chegar.	
Condições dos serviços		-Capacidade de serviço limitada.		-Necessidade de encontrar quem faça a gestão turística.

2.4.1. Comentários sobre a casa dehoniana de Milevane

Em Milevane, a massiva estrutura dos dehonianos tem potencialidades para quase tudo, dentro e fora de portas, num contexto natural e patrimonial interessante. A comunidade já está habituada a organizar atividades religiosas para um grande número de participantes, que naturalmente pernoitam, pelo isolamento do lugar. Os seus membros entendem que há uma grande necessidade de rentabilizar as estruturas e estão recetivos a uma atividade turística, preferindo compreensivelmente o turista mais respeitador da moral e ética dos religiosos.

O potencial desta comunidade encontra-se em várias frentes, entre o turismo religioso, de negócios, comunitário, solidário e natural.

Algumas das maiores falhas podem até ser as maiores virtudes. O isolamento da casa, causado pela distância aos centros distritais vizinhos (que se deve mais à falta de qualidade dos acessos do que à distância real), à falta de corrente elétrica e reduzido acesso à rede móvel, é uma desvantagem para um alojamento comum, e por isso não há muitos estabelecimentos de hospedagem na região. Porém, sendo um local que reúne as especificidades já mencionadas, o isolamento é uma vantagem, apelando a uma faixa mais específica de turistas que pretende vivenciar experiências de meditação espiritual, negociação, aprendizagem ou ligação mais genuína com a natureza e as comunidades rurais sem a distração do mundo exterior.

Neste caso, os obstáculos de um projeto turístico não estão na oposição da comunidade ainda que no setor humano, à imagem das outras comunidades, se imponha a necessidade de encontrar quem faça a gestão turística. Os obstáculos estão no abandono do empreendimento que é a presença dehoniana em Milevane. As produções agrícolas já foram abandonadas, as estruturas estão subaproveitadas. Se considerarmos que este abandono se deve à falta de capitais necessários para manter e recuperar as estruturas e à falta de ideias ou possibilidades de concretização de outros projetos em Milevane, ainda se pode ter esperança de ver um projeto turístico a ser desenvolvido aqui. Desde que se manifeste essa vontade por parte de decisores externos à comunidade dehoniana local.

2.5. Comunidade dehoniana do Gurué

Pontos fortes

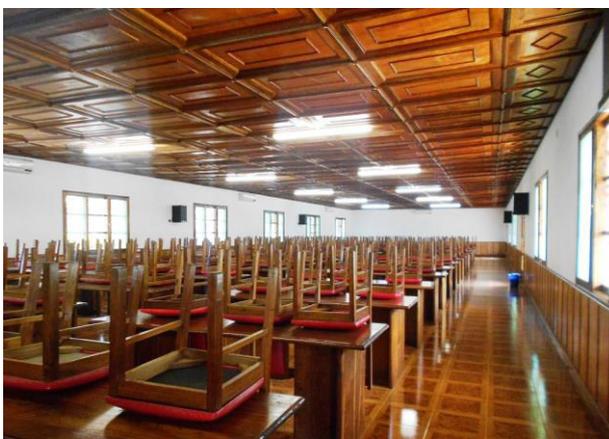


Fig. 34 - Salão de reuniões no CPLD do Gurué

O antigo noviciado, de origem colonial, constitui a principal e mais vasta estrutura de alojamento sob a responsabilidade da comunidade dehoniana. Encontra-se rodeada e em redor de jardins e hortas e foi recentemente recuperada.

Os hóspedes compreendem facilmente que os lucros das dormidas apoiam as atividades da congregação com vista ao

desenvolvimento das condições de vida dos moçambicanos.

Os dehonianos do Gurué partilham do mesmo carisma de abertura ao mundo exterior dos outros dehonianos, visível no acolhimento de visitantes e nas atividades realizadas na comunidade local.

O hóspede pode usufruir de vários equipamentos, pelo menos um de cada em cada um dos dois núcleos de hospedagem (o antigo noviciado e o CPLD), nomeadamente salas de estar com televisão, capelas, refeitórios, salas de reunião, jardins e lavandarias.

A capacidade de servir refeições é bastante mais elevada do que a de alojamento, estimando-se que seja superior a 250 pessoas.

As salas de reuniões já constituem uma fonte de rendimentos aceitável e organizada, apontando para a presença de um turismo de negócios e de congressos. A capacidade destas salas é elevada, de 200-300 pessoas na sala no CPLD (Fig. 34) e 50 na sala no antigo noviciado.

Os hóspedes podem assistir às celebrações religiosas diárias na capela dos padres.

A casa oferece ainda o serviço de lavandaria (lavar e engomar) a preços reduzidos e sem horário definido.

O antigo noviciado tem capacidade para cerca de 60 pessoas, em quartos de variadas tipologias, de singulares com casa de banho privativa a camaratas. A isto se acrescenta os sete quartos da estrutura mais pequena no núcleo do CPLD.

O alojamento é considerado superior aos outros, com uma boa relação preço-qualidade da oferta. Em parte, isso acontece porque os hóspedes classificam positivamente os quartos (tendo em conta o preço da diária), apreciam a tranquilidade possível no alojamento e a beleza das instalações do noviciado, principalmente o jardim interior no antigo noviciado muito bem cuidado. A casa dehoniana pela qualidade das instalações e dos serviços oferecidos não tem concorrência na região.

A casa tem um conjunto importante de clientes que chegam por motivos de trabalho (ligados à agricultura e à construção) e repetem a experiência, recomendando este alojamento aos colegas.



Fig. 35 - Recepção do CPLD do Gurué

Ao contrário da casa do Alto-Molocué, o horário de entrada não tem restrições e a hospedagem no noviciado permite que os hóspedes estejam longe da comunidade religiosa, evitando o constrangimento da proximidade à mesma.

Todavia, também podem escolher ficar alojados junto da comunidade no CPLD.

A segurança dos bens pessoais em geral não é contestada pelos entrevistados.

Os hóspedes apreciam o atendimento e o cuidado dos padres e dos outros trabalhadores na casa (Fig. 35). As refeições foram avaliadas positivamente. Este serviço influencia positivamente a sustentabilidade da comunidade dehoniana.

Pontos fracos

Alguns padres não conseguem apontar um atrativo imediato ligado à casa e portanto são céticos quanto ao desenvolvimento de um projeto turístico.

A localização do CPLD está mal sinalizada e a rua que lhe dá acesso é mal iluminada, desencorajando a saída depois do pôr-do-sol, que em Moçambique ocorre antes das 6 horas da tarde.

Não existe serviço de *internet* e as condições de limpeza e de manutenção dos quartos é deficiente, sendo frequente a falta de água quente de manhã no antigo noviciado, em que o aquecimento é realizado através de painéis solares.

A alimentação não é tão rica e inventiva como no Alto-Molocué, passando muito pelo frango e uma ou outra carne como prato principal e não se confeccionando pratos especiais nos dias comemorativos, como o Natal ou na Páscoa. As refeições são servidas apenas no CPLD, exigindo a deslocação dos hóspedes que ficam alojados no antigo noviciado, o espaço com a maior percentagem dos quartos.

Não se providencia informação dentro da casa sobre os recursos turísticos da região nem sobre os serviços da casa e os seus preços.

A função de rececionista é desempenhada pelos padres e pelos guardas, faltando profissionalismo no atendimento.

Os transportes da comunidade e do CPLD não são usados pelos hóspedes, já que as atividades da comunidade dehoniana e as letivas dos institutos técnicos não permitem a disponibilidade dos veículos para uso dos hóspedes.

Oportunidades

As relações privilegiadas com a comunidade local abrem um leque de possibilidades turísticas ao nível social e cultural, inclusive a promoção de uma atividade de acompanhamento do turista mais segura e formada.



Fig. 36 - Carpinteiro na oficina do CPLD do Gurué

A comunidade dehoniana possui uma atividade pastoral abrangente que também pode ser integrada na visita do turista.

A ligação a outras casas religiosas do distrito potencia o enriquecimento da experiência espiritual dos visitantes.

Há possibilidade de ligar os turistas às atividades sociais do CPLD, nomeadamente as escolas técnicas e às oficinas (Fig. 36),

no sentido do aproveitamento do turismo de voluntariado. As escolas têm terrenos próprios com produção agrícola e pecuária que podiam interessar o turista de voluntariado.

Há também potencialidades de se organizarem atividades no âmbito do turismo natural aproveitando o contexto paisagístico, a ligação a membros da comunidade que conhecem a envolvente e a vontade dos hóspedes de participar e explorar a natureza.

Seria possível desenvolver mais o turismo de negócios já existente, aproveitando mais as salas de reunião e criando uma oferta de conjunto mais atrativa para este público-alvo, aliando as condições da casa (alojamento e restauração) a atividades relacionadas com o turismo de base natural e cultural por forma a que os turistas permaneçam mais tempo na região.

Vale a pena apostar na restauração e na gastronomia, já que falta um restaurante de maior qualidade num distrito em que chegam visitantes habituados à qualidade oferecida em cidades de maior dimensão.

A existência de boas relações entre as empresas de produção de chá e a comunidade do Gurué podem constituir o ponto de partida para a criação de uma rota do chá - uma oferta no âmbito do turismo cultural que poderá ser muito interessante se bem pensada e organizada.

Se um projeto turístico fosse planeado e concretizado, a comunidade estaria recetiva à ideia de colocação de folhetos informativos para orientar o turista na região.

A criação de um ciberespaço na instituição poderia colmatar a falta de rede *wireless* atual e ajudar ainda a população local a aceder ao mundo digital, com lucros para a instituição.

Os padres equacionam valorizar a oferta, investindo no incremento dos equipamentos e serviços da casa, colocando ar condicionado e televisão nos quartos, e criando ou promovendo produtos turísticos ou eventos para os visitantes. Isto demonstra que o empreendimento pode ter sucesso.

Tal como no Alto-Molocué, o sucesso do empreendimento no Gurué, onde há um grande número de visitantes, pode influenciar a decisão de repetir a experiência noutras casas. Até porque os rendimentos obtidos aqui possibilitam a manutenção de outras casas e a construção de algumas obras da província dehoniana.

Ameaças

A abertura ao turismo não está totalmente assegurada. Por muito que os padres reconheçam o seu sucesso e necessidade, também sentem que é preciso salvaguardar a hipótese de as infraestruturas servirem diretamente a congregação, como, por exemplo, a construção de um lar para padres mais idosos ou retornar ao propósito inicial de noviciado.

Além disso, a gestão da hospedagem restringe-se ao membro mais velho da comunidade, e quando este se retirar do Gurué não se sabe quem vai desempenhar este papel. Tal como em Alto-Molocué, a restante comunidade têm outras funções e menos experiência.

A gestão realizada pelos padres não é permanente. Entre os empregados da casa não há quem esteja preparado para o atendimento. A solução seria a contratação de uma pessoa para o efeito em quem se tenha confiança, que tenha formação na área, disponibilidade e desprendimento do seu contexto de origem, já que se pensa num estrangeiro de origem ocidental. Acrescentamos que, idealmente, esta gestão deveria ser feita por técnicos qualificados moçambicanos, no sentido da promoção do emprego no país.

Tabela 23 - Análise SWOT da casa dehoniana do Gurué

Nome	Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Ameaças
Caraterísticas da casa	-Estrutura colonial recentemente recuperada; -Jardins; -Reconhecimento da solidariedade dos padres com a comunidade local; -Carisma que distingue os dehonianos.	-Limitações na perspetiva turística por parte da comunidade dehoniana.		-Projeto de alojamento não tem um futuro assegurado; -Gestão restringe-se a um membro da comunidade.
Equipamentos	-Salas de estar com			

	<ul style="list-style-type: none"> televisão; -Capelas; -Refeitórios; -Salas de reuniões; -Lavandarias. 			
Serviços	<ul style="list-style-type: none"> -Capacidade elevada de serviço de refeições; -Capacidade elevada de reuniões; -Acesso às celebrações católicas; -Lavandaria a preços reduzidos. 	<ul style="list-style-type: none"> -Sem <i>internet</i>; -Transportes de uso exclusivo da comunidade e das atividades do CPLD. 	<ul style="list-style-type: none"> -Exploração de turismo cultural, comunitário e religioso; -Ligação a outras casas religiosas; -Turismo de voluntariado e agrário através do CPLD; -Aposta no turismo natural e de aventura; -Maior aposta em atividades de turismo de negócios; -Aposta nas refeições por falta de concorrência; -Possibilidade de criar acordo turístico entre as fábricas de chá e a comunidade dehoniana; -Admite-se a disponibilização de informação turística se um projeto turístico avançar; -Criação de um Ciberespaço. 	
Condições do alojamento	<ul style="list-style-type: none"> -Capacidade elevada de alojamento; -Preço-oferta superior aos outros alojamentos locais; -Sossego; -Beleza das instalações; -Alojamento frequentado e recomendado por muito trabalhadores; -Liberdade de entrada e saída; -Segurança. 	<ul style="list-style-type: none"> -Irregularidade da limpeza; -Casa mal sinalizada; -Falta de iluminação nas ruas de acesso; -Problema de aquecimento da água no noviciado. 	<ul style="list-style-type: none"> -Equacionado melhoramento das condições; -Pensada a inclusão de atividades para os turistas; -Sucesso promove tentativas de estabelecimento de alojamento noutras casas. 	
Condições dos serviços	<ul style="list-style-type: none"> -Bom atendimento; -Apreciação positiva das refeições. 	<ul style="list-style-type: none"> -Alimentação mais pobre que no Alto-Molocué; -Refeições longe da maior parte dos quartos; -Falta de informação turística e dos serviços da casa; -Atendimento ainda informal. 		<ul style="list-style-type: none"> -Dificuldade em encontrar quem faça a gestão turística.

2.5.1. Comentários sobre a casa dehoniana do Gurué

A casa dehoniana do Gurué pode ser vista como o empreendimento dedicado ao alojamento turístico, com maior índice de sucesso no contexto das casas dehonianas. Como lugar de hospedagem contém os equipamentos e serviços básicos necessários para um estabelecimento do género, capacidade elevada de alojamento, de serviços e de espaços de reunião num contexto natural atrativo, com reconhecimento da qualidade do atendimento pelos clientes, que o recomendam.

Falta uma certa profissionalização dos serviços oferecidos, que se pretende atingir com a admissão de uma pessoa que se encarregue da gestão da casa.

Alguns serviços que já são oferecidos podem incrementar a procura, se melhorados. É o caso dos serviços de restauração.

As estruturas dehonianas incluem duas salas de reunião, uma delas usada com alguma regularidade em eventos de alguma dimensão, que podem ser utilizadas na promoção de um turismo de negócios. Se a comunidade escolhesse incluir a *internet* nos serviços disponíveis ao público, poderia criar um cibercafé ou um ciberespaço.

O CPLD e as boas relações com as fábricas de chá constituem ponto de partida importante para a criação e exploração de um produto turístico interessante.

A realidade da hospedagem e o potencial turístico da região validam o desenvolvimento de um empreendimento turístico no contexto da casa dehoniana do Gurué. Porém, a comunidade religiosa tem uma postura um pouco ambígua em relação ao assunto. Contempla-se, simultaneamente, esta possibilidade com outras não relacionadas com o alojamento para fins turísticos. Admite-se a disponibilização de informação turística na casa se um projeto turístico avançar, mas não a contratação de um guia ou de um responsável pela melhoria da experiência turística dos clientes.

Ainda assim, podemos considerar que as condições para o desenvolvimento de alguns serviços turísticos na comunidade dehoniana do Gurué são bastante favoráveis.

2.6. Comentário final

Todas as comunidades dehonianas consideraram a hipótese de usar estruturas sob a sua alçada no sentido de criarem condições para a sua sustentabilidade financeira. Porém, esta

noção nem sempre se coaduna com o sector turístico. Por vezes, há até oposição a qualquer tipo de projeto que disturbe o quotidiano atarefado dos padres. No final, apesar dos obstáculos, os religiosos consideram que é inevitável o aproveitamento das casas para a sua rentabilização, e uma das utilizações mais consideradas é a do alojamento.

As casas mais próximas do que se espera de um empreendimento turístico são as que já recebem hóspedes e cujas estruturas foram construídas ou renovadas recentemente. Referimo-nos às casas de Alto-Molocué e do Gurué. Principalmente a do Gurué, já que esta reúne quase todas as vantagens que se podem apontar à de Alto-Molocué mas com a vantagem de ter uma maior capacidade de alojamento e de serviços, dando, também, mais privacidade aos hóspedes. É também das duas a comunidade mais receptiva ao desenvolvimento de projetos turísticos. Ambas as casas demonstram ter um rácio oferta-qualidade mais favorável e competitivo nas respetivas regiões onde se inserem, com preços muito acessíveis para estrangeiros e relativamente acessíveis para os nacionais. Porém, ambas sofrem de um mesmo problema: a gestão dos alojamentos está sob a responsabilidade do membro mais velho de cada comunidade, que tem revelado maior apetência para a função, enquanto os restantes religiosos se encontram ocupados com outras áreas da atividade dehoniana. As comunidades têm noção dessa fragilidade pois os seus membros afirmam a necessidade de contratar alguém quem faça a supervisão e o atendimento destes serviços, de forma continuada e profissionalizada.

Esta necessidade também se sente nas outras casas que, porém, estão mais longe de poderem oferecer serviços de alojamento de forma sistematizada e de terem capacidade para concretizar projetos turísticos que atraiam um determinado público-alvo às suas estruturas e obras. Os edifícios estão envelhecidos, são necessários investimentos iniciais relativamente elevados e membros das comunidades não têm experiência nesta área. A casa de Nampula é a que tem menos possibilidades, a curto e médio prazo, para desenvolver qualquer investimento turístico, pelo facto de estar em situação precária. No entanto, poderá ser uma das que venham a contar com mais potencialidades, no futuro, caso haja planeamento antes dos projetos de construção. A casa de Quelimane pode aproveitar a sua localização, na capital da Zambézia, para receber turistas que precisem de um lugar confortável para realizar pequenas reuniões, mas tem concorrência considerável. Por fim, a casa de Milevane é a que tem maior potencial bruto, para receber pequenos e grandes grupos que querem isolar-se para viver experiências mais sólidas de convivência com a população rural, de meditação espiritual e contacto com a

natureza. Porém, o seu isolamento geográfico, dificulta a sua manutenção como fornecedor de serviços de alojamento e de restauração.

Todas as casas possuem um potencial semelhante no que diz respeito ao desenvolvimento de atividades ligadas com o turismo solidário ou de voluntariado, com o turismo cultural (onde se inclui o religioso/espiritual), com o turismo de negócios, embora possuam potenciais distintos em relação à envolvente patrimonial e natural, assim como sensibilidades distintas em relação ao desenvolvimento deste sector.

Outro fator a ter em atenção é o envelhecimento das comunidades, que pode ter um efeito perverso no futuro, afetando as atividades sociais atuais e a possibilidade de criar empreendimentos turísticos. Na globalidade, a vontade e a capacidade de investimento podem levar à concretização do desenvolvimento turístico de todas as casas, pois os recursos existem.

3. As regiões de implantação das casas dehonianas em Moçambique e suas possibilidades turísticas: análise SWOT

3.1. Nampula, o distrito e a província

Pontos fortes

O aeroporto da cidade de Nampula recebe ligações nacionais e internacionais, facilitando a chegada de visitantes de variadas origens.

Em termos patrimoniais, a cidade de Nampula constitui um ponto forte no desenvolvimento do turismo regional por ser um exemplo de cidade colonial portuguesa, como se pode observar no seu plano urbanístico, em alguns edifícios de habitação e comércio do centro e ainda em



Fig. 37 - Museu de Etnografia de Nampula

monumentos e edifícios centrais da cidade, como o Museu Etnográfico (Fig. 37), o único edifício feito de raiz para um museu no tempo da dominação portuguesa, a Sé Catedral e outros edifícios ligados à evangelização, a Academia Militar, o hospital Egas Moniz e a Estação de Caminho-de-Ferro.

Esta cidade assume-se como uma das que maior crescimento económico sente nos últimos anos. Como resultado desta situação, recebe muitos visitantes, principalmente em missão de trabalho.

Nas feiras e no centro de artesanato agregado ao Museu Etnográfico dá-se o comércio de artesanato de pau-preto. Ainda que não seja exclusivo ou característico da região (trata-se de arte maconde, com origem na província de Cabo Delgado), os preços não são excessivos e as peças têm alguma qualidade. Também se dedicam à arte de cestaria nos bairros e distritos da província, e as peças são vendidas nas feiras e mercados, e em exposições de produtos locais realizadas no Conselho Municipal (equivalente à câmara municipal portuguesa) da cidade. O rebuliço das feiras e mercados proporcionam ainda convívio com a vida comum da cidade.

O convívio com os habitantes rurais nos arrabaldes do distrito de Nampula, que conservam mais a forma de viver tradicional, pode ser visto como um atrativo. A cultura e a tradição locais estão presentes em lugares específicos, muitas vezes montanhas, como a Serra da Mesa (agora uma mina no final da avenida Eduardo Mondlane), onde se deixava a oferenda de farinha (*makéia*, farelo) aos espíritos. Algumas destas montanhas são lugar de pinturas rupestres.

Os vestígios do domínio português podem ser encontrados não só em Nampula mas também na Ilha de Moçambique, Nacala e um pouco por toda a província.

Outro ponto forte é a Ilha de Moçambique, que constitui já um destino turístico importante de âmbito cultural, com património único ao nível histórico colonial, artesanato, gastronomia, entre outros. Os eventos culturais, nomeadamente o Festival Baluarte, as feiras gastronómicas (Tohotiva), o Festival On'hipiti e outros festivais culturais, fazem parte das atividades da Ilha enquanto foco da identidade cultural do povo Macua da província de Nampula.

Os habitantes locais afirmam que é na costa (Ilha de Moçambique, Angoche, Moma, Nacala-Porto e Mossuril) que se encontram os lugares onde as tradições foram mais preservadas e se realizam mais eventos culturais tradicionais e onde há mais centros de artesanato.

A diversidade cultural e religiosa pode também ser um ponto forte com todas as tradições diferentes que lhes associam, assim como manifestações religiosas e santuários. De destacar neste âmbito o Rex, um mosteiro católico a pouca distância de Nampula, onde se fazem retiros espirituais.

A cidade de Nampula tem uma oferta razoável de discotecas, bares e cafés, propiciando lazer noturno. Além disso, é possível degustar a gastronomia local nos vários restaurantes da cidade.



Fig. 38 - Paisagem natural dos arredores de Nampula

As paisagens naturais agradáveis (Fig. 38) em várias localidades do distrito de Nampula constituem outro ponto forte. Falamos, por exemplo, de lugares como o lago Vieira e os montes Nairucu (um lugar que alia a paisagem e a natureza a um complexo turístico com restauração, alojamento, estufa e fauna).

A localização de Nampula a alguns quilómetros da costa é também um ponto forte muito importante pois permite explorar e combinar um turismo cultural e de sol e praia. A Ilha de Moçambique está apenas a 180 quilómetros e os turistas têm à sua disposição para lá chegar várias alternativas de transportes: o barco, a avioneta (a partir da parte continental do distrito) e o *chapa*. Esta, além de constituir um destino cultural constitui ainda um destino de sol e praia com forte exploração turística da fauna e da flora marinha, nomeadamente através do mergulho e dos passeios de barco. O restante litoral de Nampula apresenta várias oportunidades para um turismo de sol e praia e de pesca, como as praias de Nacala (Fernão Veloso), as de Mossuril (Chocas-Mar), as de Memba (Mecuta), as de Moma, as de Angoche (Praia Nova), e também as praias de Imbo, Lumbo, Namcarambo e a ilha de Cuti. Em muitas destas localidades há espaços de restauração e convívio preparados para os turistas.

A viagem através da linha de caminho-de-ferro entre Nampula e Cuamba (província de Niassa) permite ao viajante apreciar uma paisagem panorâmica. A partir de Nampula encontram-se várias opções de transporte para outros distritos ou mesmo províncias, nomeadamente, autocarros, *chapas*, comboio ou possibilidades de *rent-a-car*. Já dentro do distrito de Nampula há diversidade e abundância de meios de transporte coletivo, desde o *chapa* até ao *rent-a-car*, passando por autocarros, *chopelas*, táxis de automóvel e de motorizada.

Podem ser identificadas algumas reservas naturais em Nampula, nos distritos de Angoche, Malema, Monapo, Mossuril, Lalaua e Morrúpula. Existem ainda outros lugares para observação de fauna e flora, tanto nos arredores da cidade de Nampula (Nairucu) como em distritos de interior, nomeadamente Mecuburi (localidade de Muite) e Ribaué.

Para os interessados em geoturismo, a indústria de extração de areias pesadas em Moma e várias minas de pedras preciosas podem ser visitadas na província, mas são apenas recursos turísticos, não produtos.

O turismo termal ou de saúde também é possível na província de Nampula, pois existem as termas de Lunga, em Mossuril.

As comunidades da província de Nampula têm alguma abertura para receber turistas. Algumas pessoas não são suficientemente abertas e certas comunidades precisam que o estranho se apresente primeiro junto dos líderes e responsáveis da comunidade para se relacionar com os habitantes locais, enquanto outras ainda têm medo que a chegada de estrangeiros prejudique as suas vidas. Mas a sensação geral é a de abertura, especialmente em lugares com tradição de cruzamento de povos, como a Ilha de Moçambique.

Pontos fracos

O rápido crescimento económico está a destruir a prosperidade das tradições e costumes culturais locais.

Nampula ainda é só um lugar de chegada/partida ou de passagem para os turistas que buscam as praias no litoral ou a Ilha de Moçambique. O património colonial não é suficiente para prender os turistas por muito tempo ou não se encontra suficientemente valorizado.

Salvo exceções no litoral, o turismo cultural e natural está pouco explorado de forma organizada e sistemática.

As possibilidades balneares no interior são escassas, já que não se realizou investimento turístico em praias fluviais, os crocodilos são comuns nos rios e estes estão muito poluídos.

A província sofre o problema geral das vias de acesso deficitárias, que, alcatroadas ou não (poucas o são), sofrem constantemente com as chuvas intensas de verão. A rede de transportes na província, também é deficitária e, por vezes, com preços elevados em alguns setores, devido à falta de concorrência.

A oferta hoteleira da província fora das zonas turísticas é reduzida e de baixa qualidade. O turista tem de se sujeitar ao que houver: pensões, residenciais, *quintas* e até cabanas para arrendar. Por vezes, a única hipótese é acampar e não há referência à existência de parques de campismo. A aplicação de preços inflacionados nos alojamentos é uma prática comum, mesmo que os estabelecimentos não ofereçam grande qualidade.

O serviço de *internet* é frágil e pouco abrangente na província.

A água corrente não recebe tratamento e os esgotos nos domicílios são inexistentes.

A baixa qualidade dos serviços é dominante, mesmo num destino turístico como a Ilha de Moçambique.

O estado dos serviços turísticos como guias, postos de informação e agências de turismo revelam que o turismo não está muito desenvolvido na província. Mesmo na Ilha de Moçambique os guias turísticos ainda são informais. Há apenas um posto de turismo na Ilha de Moçambique e, em Nampula é preciso ir à Delegação Provincial do Turismo para obter informações, apesar de esta instituição não estar preparado para atender turistas, ou a lugares informais como o Complexo África. Assim, a informação disponível sobre as possibilidades turísticas da região é reduzida.

Por fim, há apenas onze agências de viagens em Nampula (nove na cidade, uma na Ilha de Moçambique e uma em Nacala), e algumas agências de atividades recreativas, a operar principalmente no litoral. A capacitação dos recursos humanos é realizada, mas podia ser melhor, e a qualificação ainda é limitada.

Os investimentos em turismo resumem-se ao alojamento, normalmente pequenos empreendimentos privados, por parte do moçambicano. O estado não investe diretamente, embora tenha o papel fiscalizador, de legalizar e de promover os destinos turísticos. Porém, a conservação do património está aquém do desejado.

Não faltam serviços de saúde, na medida em que há vários hospitais públicos e clínicas privadas, mas cada uma das modalidades tem defeitos consideráveis. Os hospitais tendem a dar pouca atenção aos doentes e o atendimento é moroso. As clínicas têm um atendimento mais rápido e personalizado, mas com um custo superior e são poucas as análises e exames clínicos que aí se podem realizar.

Serviço de recolha de lixo praticamente inexistente.

Há, igualmente, um problema de insegurança na cidade de Nampula, conhecida pelos roubos armados em pleno dia na rua e nas filas de trânsito, que muitos explicam pelo facto de esta cidade ter muita riqueza na mão de poucos.

Os hábitos de higiene da população podem chocar com a mentalidade dos estrangeiros e dos turistas.

Acrescentam-se ainda problemas derivados da concentração populacional desorganizada nas áreas urbanas, como acontece em Nampula e na Ilha de Moçambique.

Outro ponto fraco é a atitude oportunista quanto ao estrangeiro.

Há uma ideia geral de que poucos lugares na província podem atrair turistas, o que pode ser verdade ou apenas resultante da falta de informação sobre o que existe e o que pode ser criado na região. Exemplo disto é a conceção que só a praia justifica o turismo. Além disto, não se considera que a cultura local possa atrair turistas, já que se realizam poucos e mal divulgados eventos culturais e, recentemente, assiste-se a uma homogeneização e ocidentalização da cultura.

Oportunidades

A província possui variedade patrimonial, arqueológica, gastronómica, de costumes e religiosa capaz de sustentar produtos turísticos culturais.

A afluência de viajantes em negócios na cidade de Nampula permite a exploração de um turismo de negócios.

Tanto no litoral como no interior, recursos de ordem natural (praias, paisagens, parques naturais, termas, ...) podem suportar uma oferta turística interessante em diferentes modalidades.

A grande linha de costa poderia permitir o desenvolvimento de um turismo náutico.

O aeroporto internacional de Nampula, um dos quatro aeroportos do género do país, a par do de Maputo, Tete e Pemba, podia estar organizado e pensado como uma porta turística sobre a região.

O crescimento económico no eixo Nampula-Nacala pode originar uma melhoria nas infraestruturas de acessos e serviços oferecidos.

A promessa de uma melhoria das condições de vida pode impulsionar a comunidade local a envolver-se na atividade turística.

Ameaças

O crescimento económico da cidade de Nampula e de Nacala, com um porto marítimo ligado a Nampula, pode trazer vários problemas comumente associados ao crescimento urbanístico rápido e não planeado, como a descaracterização cultural do tecido urbano e da população local e a destruição da natureza.

A construção de uma oferta turística relevante e estruturada tem como grandes ameaças a falta de investimento na formação, a carência de equipamentos, infraestruturas, serviços e um ambiente social e político instável.

A instabilidade política de Moçambique pode afastar eventuais investidores. Em Nampula, esta têm-se sentido de forma mais intensa devido a raptos que ocorreram na cidade.

Tabela 24 - Análise SWOT ao distrito e província de Nampula

Nampula	Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Ameaças
Produtos Culturais	<ul style="list-style-type: none"> -Património construído colonial na cidade e província; -Afluência de trabalhadores; -Artesanato (escultura de pau preto e cestaria) à venda na cidade a preços moderados; -Contacto com os habitantes citadinos; -Contacto com os habitantes rurais e com os lugares tradicionais perto da cidade; -Pinturas rupestres nas montanhas; -Riqueza cultural da Ilha de Moçambique; -Eventos culturais na Ilha de Moçambique; -Litoral mais tradicional; -Diversidade cultural e religiosa; -Festas e santuários religiosos. 	<ul style="list-style-type: none"> -Homogeneização cultural; -Nampula é só um lugar de passagem; -Poucos produtos turísticos culturais explorados. -Conservação do património aquém do desejado. 	<ul style="list-style-type: none"> -Turismo cultural e religioso; -Turismo de negócios. 	<ul style="list-style-type: none"> -Descaracterização cultural do tecido urbano e população local.
Produtos Paisagísticos	<ul style="list-style-type: none"> -Paisagem natural nos arredores e localidades do distrito de Nampula; -Proximidade e abundância de praias preparadas para receber turistas; -Riqueza natural da Ilha de Moçambique; -Paisagem panorâmica ferroviária entre Nampula e Cuamba; -Reservas naturais e lugares de observação natural; -Riqueza geológica; -Turismo termal. 	<ul style="list-style-type: none"> -Poucos produtos turísticos naturais explorados; -Não há praias no interior. 	<ul style="list-style-type: none"> -Turismo de base natural no litoral e no interior; -Turismo balnear e náutico. 	<ul style="list-style-type: none"> -Destruição natural.

Equipamentos	-Aeroporto internacional; -Lazer noturno; -Restaurantes com gastronomia local; -Litoral da província mais preparado para receber turistas.	-Má qualidade dos acessos; -Oferta de alojamento na província fora das zonas turísticas reduzida e de baixa qualidade; -Rede de <i>internet</i> frágil; -Água corrente não potável; -Não há sistema de esgotos.	-Aeroporto enquanto montra internacional do norte de Moçambique; -Melhoria nas infraestruturas e acessos graças ao crescimento económico.	-Carência de equipamentos e infraestruturas.
Serviços	-Diversidade de transportes na cidade e a partir dela.	-Transportes caros; -Preços inflacionados; -Baixa qualidade dos serviços, mesmo nos lugares mais turísticos; -Serviços turísticos deficitários; -Investimentos turísticos muito limitados; -Serviços de saúde deficitários; -Serviço de recolha de lixo praticamente inexistente.	-Melhoria nos serviços graças ao crescimento económico.	-Falta de investimento na formação; -Carência de serviços.
Comunidade local	-Abertura dos habitantes locais aos visitantes.	-Insegurança na cidade; -Hábitos locais em choque com os dos visitantes; -Problemas derivados da concentração populacional desorganizada; -Oportunismo por parte dos habitantes locais; -Ideia geral de existirem poucos atrativos turísticos.	-Promessa de melhoria das condições de vida através do turismo.	-Ambiente social instável para os turistas; -Ambiente político instável.

3.1.1. Comentários sobre Nampula, a cidade e a província

A província de Nampula, tal como a província da Zambézia e outras províncias de Moçambique, tem como principal e reconhecido atrativo turístico as praias do litoral. E, neste caso específico, uma ilha que junta a riqueza histórico-cultural ao turismo balnear: a Ilha de Moçambique. Isto não quer dizer que não se possam assinalar outros atrativos ao conjunto, nomeadamente o património cultural no litoral e até mesmo no interior e património natural tal como as paisagens, a fauna, a flora e os recursos geológicos tanto no litoral como no interior.

Mesmo sob esta perspectiva, o litoral é o que reúne mais atrativos e até mais equipamentos e serviços turísticos, e existe uma rede de transportes viável entre a costa e a cidade de Nampula.

A província vive de momento uma fase de mudança através do crescimento económico no eixo Nampula-Nacala e este tem e pode ter consequências positivas e negativas no setor turístico. Atualmente assiste-se, muito por causa deste crescimento, a alguma homogeneização cultural e a cidade capital de província não é muito convidativa para os turistas devido aos assaltos que ocorrem na rua, a qualquer momento do dia, e com alguma frequência violentos. Há abertura ao turismo e ao turista, mas a atitude para com os estrangeiros nem sempre é a mais correta, já que há sempre algum oportunismo. Alguns hábitos da população chocam com os dos estrangeiros, como a defecação em público, mas é dito comumente que é um hábito dos naturais do litoral. Os acessos, as infraestruturas, os serviços básicos e de comunicação não beneficiaram significativamente deste crescimento, persistindo em más condições, e promovendo o encarecimento dos meios de transporte.

O crescimento económico pode fazer mudar alguns dos costumes prejudiciais e levar a um desenvolvimento dos serviços, das infraestruturas e dos equipamentos, mas pode ainda incrementar a descaracterização cultural e a destruição natural se não for planeado.

O setor turístico atual não se encontra muito desenvolvido. Mesmo nos lugares em que há estruturas turísticas (alguns pontos no litoral), os serviços são de baixa qualidade e os investimentos pequenos e de carácter individual, surgindo ao acaso. De facto, a planificação estratégica turística traçada em termos teóricos pelo estado não está a ser aplicada, e este é, quanto a nós, um dos principais problemas desta província, senão mesmo do país.

Apesar dos constrangimentos apontados, o turismo de voluntariado encontra condições de desenvolvimento desde que promovido pelas instituições religiosas ou organizações não governamentais, proporcionando ao turista a experiência de ser útil e de contribuir para ajudar no desenvolvimento de Moçambique.

3.2. O distrito de Alto-Molocué

Pontos fortes

Pela cidade passa a mais importante estrada do país, a estrada nacional nº 1, assegurando a passagem a muitos moçambicanos e estrangeiros, principalmente em missão de trabalho.

Presença de património colonial na vila no bairro da Pista Velha, na antiga missão dehoniana em Malua, nas missões maristas no Rurupe e no Nivava e no posto administrativo de Maquivala.



Fig. 39 - Feira no Alto-Molocué

Os artesãos trabalham a cestaria e estão organizados em associações. As suas obras podem ser vistas e adquiridas nas feiras (Fig. 39) e mercados do distrito.

As tradições religiosa cristã e tradicional convivem nas montanhas, com relatos de aparições de Maria e de Jesus e locais demarcados para oferendas

aos espíritos que podiam ser

explorados em termos de rotas religiosas.

Possibilidade de contacto com a tradição festiva local nas datas mais importantes do calendário cristão, como a Quaresma e a Páscoa, época em que se realizam retiros, batismos, comunhões e casamentos.

Possibilidade de convívio noturno em bares e discotecas. Alguns destes estabelecimentos surgem através de fundos de desenvolvimento e mostram algum do pequeno empreendedorismo do distrito.

O contacto com a população é também possível através dos projetos sociais presentes, nomeadamente do Projeto Vila Milénio, criado para promover o desenvolvimento rural do distrito, financiando projetos particulares.



Fig. 40 - Monte Rurupe

A proximidade de recursos naturais, como o Monte Rurupe (Fig. 40) e da Reserva Nacional do Gilé (uma reserva onde também se caça) entre outros lugares mais isolados do distrito do Alto-

Molocué, como cascatas na temporada das chuvas poderiam possibilitar um turismo de base natural ou um turismo desportivo.

Os habitantes locais revelam abertura aos visitantes porque desejam partilhar ideias e experiências com os turistas, mostrar como vivem e obter algum lucro.

Pontos fracos

Os acessos internos são deficitários, quase todos de terra batida, com a exceção da estrada nacional que atravessa a vila.

A falta de transportes também é óbice ao desenvolvimento turístico: apenas existem os táxis-motorizados, carrinhas de caixa aberta e alguns *chapas* para outros distritos e uma ou outra localidade do distrito.

O alojamento apresenta uma relação preço-qualidade da oferta desfavorável para o hóspede, com exceção das casas dehonianas.

Os restaurantes da região não têm como norma oferecer pratos típicos, mas sim comida rápida e de *take-away*, como hambúrgueres, bifés, frangos de aviário e sanduíches.

A água corrente não é potável e não existe um sistema de esgotos.

O serviço de saúde é limitado, como é comum num distrito rural.

A recolha do lixo não é realizada.

As praias do rio Molocué ou as margens da barragem ou dos lagos artificiais poderiam substituir as praias do litoral para o visitante do distrito, mas não há infraestruturas de receção nem segurança.

O valor do património natural e cultural não é reconhecido para efeitos turísticos por parte da população, apenas se reconhece a experiência da pastoral junto das comunidades e o património religioso material de Malua, pelo que o distrito não tem um departamento de turismo, nem um inventário dos recursos passíveis de desenvolvimento turístico, nem educação turística na receção ao visitante.

Não há guias formais, postos de informação ou agências de viagem.

Ou seja, não se realiza uma aposta real no turismo neste distrito, mas também não há capacidade de investimento.

Oportunidades

A paisagem humana cultural e a paisagem natural permitem a combinação de vários produtos turísticos no âmbito do turismo cultural, de base natural e desportivo.

O facto de ser um local de passagem e de paragem de muitos viajantes em missão de trabalho é uma característica interessante que deveria ser aproveitada.

Os projetos sociais presentes no distrito poderão estabelecer uma ponte entre os visitantes e os habitantes locais e promover a visita de turistas com interesse em participar em atividades comunitárias ou de voluntariado.

Estes mesmos projetos podiam ser aproveitados para criar uma cultura do turismo.

Ameaças

O estabelecimento de uma oferta turística encontra-se ameaçado na sua base pela ausência de infraestruturas e de serviços básicos e turísticos, pela baixa qualidade dos equipamentos de alojamento e restauração e pela capacidade limitada de ação dos agentes estatais.

A instabilidade política de Moçambique pode afastar eventuais investidores.

Tabela 25 - Análise SWOT ao distrito de Alto-Molocué

Alto-Molocué	Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Ameaças
Produtos Culturais	-Afluência de muitos visitantes em missão de trabalho; -Património colonial na vila e arredores; -Artesanato de cestaria; -Tradições cristã e tradicional em convivência; -Contacto com a tradição festiva cristã local; -Projetos sociais.		-Turismo cultural; -Turismo de negócios; -Turismo comunitário e de voluntariado.	
Produtos Paisagísticos	-Paisagem natural nos arredores da vila; -Lugares de observação de fauna e flora (Reserva nacional do Gilé,...) próximos.	-Falta de espaços balneares preparados para o turismo.	-Turismo de base natural e desportivo.	
Equipamentos	-Passagem da estrada nacional n° 1; -Lazer noturno.	-Acessos internos deficitários; -Alojamento de preço-qualidade inferior; -Restaurantes		-Ausência de infraestruturas básicas e turísticas; -Baixa qualidade dos equipamentos de restauração e alojamento.

		sem pratos típicos; -Água corrente não potável; -Não há sistema de esgotos.		
Serviços		-Limitações no transporte; -Serviço de saúde limitado; -Serviço de recolha de lixo inexistente; -Falta de departamento distrital e inventariação turísticos; -Falta de capacidade de investimento turístico.		-Sem serviços básicos e turísticos; -Capacidade limitada dos agentes estatais.
Comunidade Local	-Abertura dos habitantes locais aos visitantes.	-Falta de reconhecimento do potencial turístico.	-Promoção de uma cultura de turismo.	-Instabilidade política.

3.2.1. Comentários sobre o distrito de Alto-Molocué

A vila de Alto-Molocué atualmente beneficia da estadia de muitos trabalhadores graças à sua posição estratégica junto da estrada nacional que atravessa o país de norte a sul, mas não pelos seus atrativos turísticos. No entanto, tal poderia e deveria ser aproveitado para permitir a promoção de um turismo cultural (gastronomia, centros de artesanato) ou de um turismo de negócios, atividades que constituiriam um grande incentivo ao desenvolvimento local.

A vila e o distrito do Alto-Molocué ainda têm algum com património colonial, artesanato, tradições culturais e religiosas, projetos sociais e paisagens naturais por explorar. A população é recetiva aos visitantes e o distrito encontra-se perto de lugares de observação de fauna e flora, como a Reserva Nacional do Gilé.

Todavia, o desconhecimento das potencialidades, a necessidade de atender os trabalhadores em trânsito e a falta de educação turística criaram, com poucas exceções, um mercado de equipamentos e de serviços de alojamento e de restauração de baixa qualidade.

Tal como noutras localidades moçambicanas, os serviços básicos de saúde e os transportes são muito limitados. Trata-se ainda da única sede distrital abrangida por esta dissertação que não tem um departamento distrital próprio para a área do turismo, o que transparece no descrédito, por parte das populações, nas potencialidades do desenvolvimento deste setor, pelo que está tudo por fazer.

Do mesmo modo que já referimos para o caso de estudo anterior, estas condições não constituem inibidores de um turismo de voluntariado de cariz social, que terá a experiência do altruísmo e de ajudar na reconstrução de um país.

3.3. Quelimane e a província da Zambézia

Pontos fortes

A cidade de Quelimane foi uma das primeiras a ser fundada pelos portugueses, apresentando património histórico colonial desde a Idade Moderna. Entre as estruturas coloniais contam-se as Sés Catedrais (a primeira, património da UNESCO, e a atual), várias igrejas, o porto, as escolas (Fig. 41), um mercado, o museu, uma estátua do Gungunhana, outros edifícios do centro da cidade e de outros espaços perto da cidade e o plano urbano. Esse património também é visível no resto da província, em edifícios militares, religiosos, administrativos e urbanos, como é caso de algum do património do distrito de Milange, entre o forte de D. Carlos e as antigas bases militares de Móngwe e Liciro.

Outro ponto forte é o artesanato feito à base do coco e das folhas do



coqueiro. O coco é ainda **Fig. 41 - Escola colonial em Quelimane**

predominante na indústria local de Quelimane.

Quelimane é conhecida em todo o país pelo uso da bicicleta no quotidiano do habitante local, traduzindo-se numa atividade peculiar para o visitante.

Quelimane é uma cidade de encontro de etnias e de religiões. Aqui podem encontrar-se igrejas e mesquitas, cemitérios de vários credos. Esta diversidade também se estende ao resto da província, traduzindo-se em várias e diversificadas manifestações religiosas e culturais.

Há algum património e festividades cristãs a ter em conta na província. Na montanha de Muhogole, no distrito do Ile, ergue-se o Santuário Mariano de Mulevala, o maior da província, e, a partir de Quelimane, partem algumas peregrinações para Namacurra, monte lero e Milange.

Para os interessados na história da igreja católica na Zambézia, existem missões religiosas antigas que vale a pena visitar, em Pebane, Naburi e Malama, a poucos quilómetros da praia.

É, ainda, uma cidade de eventos culturais que celebram a variedade cultural do distrito e da província, traduzindo-se em várias etnias e manifestações culturais. Referimo-nos nomeadamente ao Carnaval de Quelimane, que é o mais conhecido do país e que se estende por duas semanas de festa, ao Festival Cultural de Zalala, na praia com o mesmo nome a apenas 30 quilómetros da cidade de Quelimane, e ao Festival Cultural da Lagoa Azul, nas imediações do lago com o mesmo nome no distrito de Nicoadala.

Quelimane fica próxima do litoral e de praias de qualidade, nomeadamente a de Zalala, uma das mais famosas da província. De destacar que, ao longo de quase todo o litoral da província podemos encontrar um dos maiores palmeirais do mundo, com 600 quilómetros de extensão embora, neste momento, se encontre ameaçado por uma doença que o ataca e se propaga através das aves. Ainda assim, uma pequena parte pode ser vista nos 30 quilómetros que separam Quelimane de Zalala.

A província, com a sua multiplicidade paisagística, fornece a melhor oportunidade de interação entre o interior, selvagem e natural, e o litoral balnear.



Fig. 42 - Restaurante Bons Sinais em Quelimane

No interior, há que destacar: as montanhas do seu limite norte, que incluem o famoso Monte Namúli, e que são ricas em património geológico, arqueológico e imaterial; as reservas naturais, nomeadamente a Reserva Nacional do Gilé, a Fazenda de Bravio de

Maimba (Chinde) e a Reserva Florestal do Derre (Morrumbala); as fontes termais localizadas por toda a província, nos distritos de Nicoadala, Gilé, Morrumbala, Maganja da Costa e Lugela e a existência de cascatas, mais usuais na época das chuvas.

O litoral tem ilhas e praias de uma ponta a outra da sua costa, de Pebane a Luabo, e opções de pesca desportiva, nomeadamente Pebane e o Pebane Fishing Lodge.

Algumas destas zonas litorais são também reconhecidas pelos cidadãos como oásis de preservação da cultura tradicional e bolsas de conservação de fauna selvagem.

A província conta com inúmeros lagos para além da Lagoa Azul, nomeadamente a Lagoa Ruguria (Maganja da Costa), as lagoas de Batela e Naciaia (Namacurra), o lago Deda e a lagoa Tewe (Mopeia).

Os rios também oferecem os seus atrativos, com algumas praias e cataratas (caso de Mabo, Lugela) no seu leito, e o delta do Zambeze (no distrito de Chinde).

Outro ponto forte são os investimentos hoteleiros. Na província encontram-se grandes investimentos hoteleiros, como os *lodges* (Mopeu Coco Lodge, o Zalala Beach Lodge, o Pebane Fishing Lodge e Domínio Lodge, ainda em construção), além dos pequenos investimentos (pensões, residenciais e *guesthouses*).

De destacar, também, o investimento na restauração e na gastronomia pois há diversos restaurantes em Quelimane que servem comida local, oferecendo um ambiente relaxado e pouco formal (Fig. 42)

Durante todo o ano, há animação noturna no centro da cidade de Quelimane, nos bairros e na praia de Zalala

Há várias possibilidades de transporte dentro e entre distritos, entre táxis, autocarros, *chopelas* e *chapas*. Também existem transportes dedicados aos turistas, mas reservam-se na sua maioria aos hotéis e *lodges* da cidade, com a exceção de alugueres de carros e o transporte da única agência de viagens da cidade.

O departamento provincial de turismo tem feito um esforço por promover a Zambézia turisticamente, apesar das adversidades, fazendo-o através de ações como o concurso das 10 maravilhas da província da Zambézia. O estado tem criado espaços reservados ao turismo e lançado a concurso a sua concessão, esperando desenvolver-se o turismo através de parcerias com privados.

O povo zambeziano é conhecido pela abertura ao visitante e simpatia, acompanhado por um lado alegre que se manifesta no dia-a-dia e até em celebrações funerárias.

Pontos fracos

As estradas são quase todas de terra batida, e, por isso, suscetíveis à erosão causada pela forte precipitação que ocorre todos os verões. Apenas a estrada nacional nº 1, que liga Maputo ao Rovuma (o extremo norte do país) e atravessa Alto-Molocué, e alguns troços dentro de algumas cidades e vilas, são alcatroados, embora a manutenção das estradas seja frequente (pelo menos anual) e tente compensar os problemas. Assim, a qualidade das vias depende de quando foi efetuada a última manutenção e do relevo.

A região de Quelimane é quente e húmida e a cidade situa-se numa planície de arrozais, incrementando a incidência de mosquitos e, desta forma, dos casos de malária, sendo a tuberculose endémica. Uma percentagem alarmante da população é seropositiva, e a pobreza impede uma qualidade de vida aceitável para estes doentes.

Quelimane presta alguns serviços ligados com a saúde, por ser a cidade provincial, mas o mesmo não se passa no resto da província, onde hospitais rurais operam apenas no centro dos distritos e o resto dos habitantes tem de recorrer aos postos de saúde. Os serviços não chegam e estão muitas vezes sobrelotados.

Em toda a província não há redes de esgotos nem sistemas de tratamento da água canalizada.

O serviço de recolha do lixo nos moldes ocidentais não está implantado em nenhum distrito da província, limitando-se à expulsão ocasional do perímetro urbano da acumulação criada pelos habitantes nas imediações das suas casas.

O acesso à praia de Zalala nem sempre é fácil, com um ou dois acessos constantemente em más condições e por vezes cortados para obras.

O transporte coletivo nem sempre é prático (pelo desconforto, morosidade, ...) e não chega a todos os locais.

A província não está totalmente coberta pelas redes móveis de telecomunicação e nem está perto de ter a cobertura total de rede fixa.

O património arquitetónico, em geral, encontra-se por reabilitar após a destruição provocada pela guerra-civil.

Apesar da oferta presente nas zonas tradicionalmente mais turísticas, muitos distritos não oferecem alojamento e o turista precisa de acampar ou alojar-se junto da comunidade local em condições precárias.

Na província não há um serviço oficial de guias turísticos, existindo apenas agentes informais e sem controlo de qualidade ou preparação adequada. Situação semelhante ocorre com os postos de informação, já que não existem postos oficiais de atendimento ao turista, com exceção de algumas zonas turísticas balneares. Só há uma agência de viagens na província, a Zambézia Travel, que não consegue funcionar somente do trabalho relacionado com o turismo.

Na Zambézia só a Escola da FRELIMO oferece um curso médio de hotelaria e de turismo. Para formação superior, os alunos precisam de se deslocar a capitais de províncias consideradas turísticas, como Pemba, Maputo, Inhambane e Beira.

Há, igualmente, falta de investimento estatal na promoção, capacitação, ajuda financeira e fiscalização do sector turístico emergente. A província não é sequer agraciada com a ajuda externa para esse efeito, como outras províncias. O investimento direto é feito por privados e limita-se, quase sempre, ao alojamento e à restauração.

A abertura da população aos visitantes/turistas brancos é limitada nos locais mais remotos, em que o branco ainda é considerado como algo demoníaco e a temer, e o estranho é, em geral, algo a rejeitar.

Oportunidades

A grande variedade natural e cultural, a existência de escolas de formação turística, o crescimento económico e comercial, o grande número de eventos culturais, entre outros aspetos já mencionados, são características que fazem de Quelimane uma área onde será possível desenvolver diferentes tipos de turismo para diferentes segmentos do mercado.

Existência de recursos para explorar, para além do turismo de sol e praia, o turismo náutico, o turismo desportivo (litoral e interior), o turismo de base natural, o turismo termal e de saúde, o turismo de negócios, o turismo de eventos e o turismo cultural nas suas diferentes modalidades (patrimonial, arqueológico, gastronomia e religioso em termos amplos).

O facto de a região já ser conhecida e frequentada pelo sol e praia e por alguns eventos culturais mostra que já há um público que poderia ser incentivado a participar noutras atividades, caso existissem e fossem bem promovidas.

Ameaças

A falta de alcance da ação estatal pode conduzir à ruína do património edificado da região.

A produção e transformação artesanal do coco e a paisagem do coqueiral poderiam constituir importantes atrativos, mas estes encontram-se em perigo pela dizimação da doença do coqueiral.

A tuberculose endémica e a malária, associadas à falta de meios de saúde adequados, podem afastar o turista da região, principalmente da cidade e do interior.

O estado moçambicano não possui os meios necessários para desenvolver as infraestruturas sanitárias, de comunicação e de transporte, a curto prazo, o que pode ser inibidor do investimento no sector turístico.

Os investidores podem ser repelidos pela atual instabilidade política do país.

Tabela 26 - Análise SWOT do distrito de Quelimane e província da Zambézia

Zambézia e Quelimane	Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Ameaças
Produtos Culturais	<ul style="list-style-type: none">-Património colonial ligado aos primeiros contactos dos portugueses com África;-Artesanato e indústrias ligados ao coco;-Uso predominante da bicicleta em Quelimane;-Diversidade cultural e religiosa em toda a província;-Festividades, santuários e missões cristãos;-Carnaval de Quelimane;-Festivais e mostras culturais perto de Quelimane;-Litoral de preservação cultural.	<ul style="list-style-type: none">-Património por reabilitar.	<ul style="list-style-type: none">-Turismo de negócios;-Turismo de eventos;-Turismo cultural (patrimonial, arqueológico, gastronomia e religioso em termos amplos).	<ul style="list-style-type: none">-Ruína do património.
Produtos Paisagísticos	<ul style="list-style-type: none">-Um dos maiores palmeirais do mundo;-Multiplicidade paisagística;-Interior de rico apropriado a turismo paisagístico, observação natural, cinegético, de aventura e termal;-Litoral de riqueza natural e balnear;-Pesca desportiva;-Lagos;-Atrativos fluviais.		<ul style="list-style-type: none">-Turismo de sol e praia;-Turismo náutico;-Turismo desportivo (litoral e interior);-Turismo de base natural;-Turismo termal e de saúde.	<ul style="list-style-type: none">-Doença ameaça exterminar a icónica produção de coco;-Doenças endémicas associadas a serviços de saúde deficitários podem afastar o turista da região.

Equipamentos	-Concentração de grandes e pequenos alojamentos em pontos mais turístico; -Restaurantes típicos; -Lazer noturno.	-Problemas de acessos em toda a província; -Não há sistema de esgotos; -Água corrente não potável; -Acesso dificultado entre Zalala e Quelimane; -Rede de comunicações limitada; -Presença hoteleira limitada.		-Falta capacidade de desenvolvimento das infraestruturas básicas.
Serviços	-Diversidade de transportes; -Departamento provincial de turismo tem feito um grande esforço por promover a Zambézia turisticamente.	-Serviço de saúde limitado na província; -Serviço de recolha de lixo inexistente; -Problemas de transporte em toda a província; -Faltam serviços e investimento turísticos.	-Existência de escolas de formação e crescimento económico e comercial promovem desenvolvimento de diferentes tipos de turismo.	-Falta capacidade de desenvolvimento dos serviços básicos, de comunicação e de transporte.
Comunidade local	-Abertura e simpatia.	-Cidade de Quelimane quente e húmida, propícia a mosquitos e doenças; -Rejeição do estrangeiro em lugares isolados.	-Cultura de turismo banear e de eventos culturais promove outro tipo de turismo.	-Instabilidade política.

3.3.1. Comentários sobre Quelimane e a província da Zambézia

Existe já alguma variedade na oferta turística, quer em Quelimane, quer na província da Zambézia que os serviços estatais, ainda que com alcance reduzido, têm promovido. Esta abrange o turismo de sol e praia, o turismo cultural (património cultural material e imaterial) e o turismo de eventos (culturais e religiosos) que marcam Quelimane e os arredores. No entanto, há muitos outros recursos com potencial para valorização turística. Um aspeto importante é a famosa hospitalidade zambeziana.

Não falta vontade de desenvolver o turismo por parte dos departamentos turísticos oficiais, mas, como já foi referido, estes não têm muitos meios monetários, tal como os departamentos que abrangem a preservação do património arquitetónico e o melhoramento e manutenção dos

equipamentos e serviços ligados ao transporte, comunicação e serviços básicos. Os privados, talvez à luz destes fatores, têm investido de forma muito seletiva e limitada no setor hoteleiro, preferindo apostar nos lugares com características turísticas mais óbvias, nomeadamente distritos litorais, também mais próximos dos serviços de saúde.

Quelimane é uma cidade com algum interesse patrimonial, mas, para além dos eventos culturais que ocorrem perto da cidade, não tem muito para oferecer de forma estruturada. Além disso, o microclima é severo e propício a doenças. Não quer isto dizer que a cidade não possa crescer turisticamente se forem criados produtos adequados, nomeadamente através da organização do centro histórico e de *tours* e atividades que abranjam o património histórico colonial e as tradições locais. Infelizmente, o distrito não está bem servido de acessos terrestres, e a existência de um aeroporto, importante para o desenvolvimento do turismo externo, pode não chegar para compensar, tendo em conta os preços das viagens internas em Moçambique, o que, desde logo, inibe o turismo interno.

Em locais mais recônditos a população pode não se mostrar tão aberta aos estrangeiros, principalmente os não africanos. Para os moçambicanos, o turismo no seu próprio país é demasiado caro. Apenas os eventos culturais em Quelimane e no vizinho distrito de Nicoadala atraem, com sucesso, o turista e o excursionista moçambicano.

Podemos reafirmar que o potencial existe, mas as estruturas de apoio não chegam para cimentar um turismo com um público abrangente. Tal não impede, porém, o turista aventureiro que se sujeite a serviços caros ou mais baratos e de qualidade duvidosa, pela experiência do desconhecido. As condições da província também não são impeditivas do desenvolvimento de um turismo de voluntariado de cariz social, que seria muito benéfico para o país.

3.4. Localidade de Milevane

Pontos fortes

Na missão dehoniana de Milevane, na sede do posto administrativo em que se insere, Nauela, na antiga missão dehoniana deste último lugar e em Mugema persistem estruturas de origem colonial.

A densidade populacional é reduzida e a distância dos centros urbanos apreciável, favorecendo a preservação das tradições culturais e da natureza (Fig. 43).

A população não é hostil aos visitantes apesar de se tratar de uma localidade isolada, apenas estranhamos inicialmente.

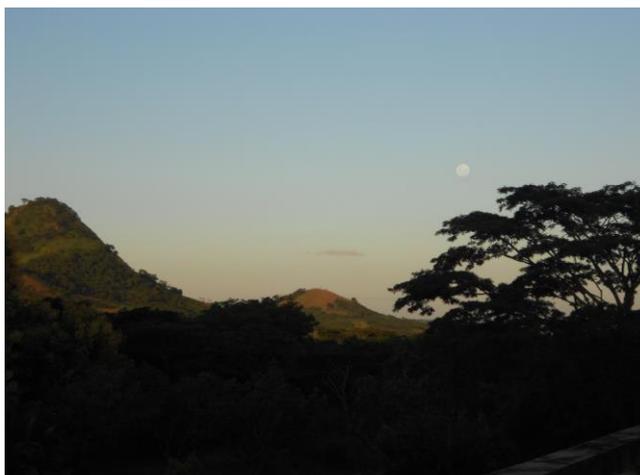


Fig. 43 - Paisagem de Milevane vista da casa dehoniana

Pontos fracos

Os acessos são extremamente problemáticos, permanecendo deficitários ao longo de todo o ano, já que não dependem do mau tempo para serem quase intransitáveis. As ligações para outras partes do distrito do Alto-Molocué e para o Gurué são raras e caras. Mesmo de transporte privado, os 60 quilómetros entre Milevane e Gurué podem demorar entre 1h30 e 4h, neste caso, em condições meteorológicas adversas.

Mesmo numa localidade isolada como Milevane algumas tradições estão a perder-se, com a adoção de música moderna nos festejos e a preferência pelo cinema e televisão em detrimento das lendas e histórias contadas oralmente pelos mais velhos.

Como no caso da maior parte das localidades isoladas moçambicanas, o potencial turístico está por descobrir e não há produtos turísticos organizados.

Não se conseguem encontrar restaurantes na localidade nem nas imediações.

Os meios de transporte coletivo têm uma presença muito limitada na área.

A rede elétrica não abrange toda a localidade e não existe um sistema de esgotos. O serviço de recolha de lixo é inexistente.

Os serviços de saúde estão longe, sendo o mais próximo o posto de saúde de Nauela.

As redes de comunicação móvel são uma limitação, ainda que pareça que pelo menos uma rede (Movitel) funciona na maior parte da área de Milevane.

Num lugar tão isolado a língua é um problema, já que nem todos os habitantes locais dominam o português ou outras línguas europeias.

Não há qualquer tipo de serviços turísticos.

Oportunidades

A preservação dos modos de vida tradicionais e da natureza.

A existência de uma casa dehoniana na área que poderá ser impulsionadora de um turismo religioso e de voluntariado.

Ameaças

A ocidentalização da cultura local à medida que os meios de comunicação e de telecomunicação se vão desenvolvendo pode ser prejudicial se não houver a cuidada preservação dos valores tradicionais.

Instabilidade política de Moçambique.

Tabela 27 – Análise SWOT da localidade de Milevane

Milevane	Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Ameaças
Produtos Culturais	-Património colonial na localidade e arredores; -Alguma preservação da cultura tradicional.	-Perda das tradições locais; -Produtos turísticos culturais inexistentes.	-Contacto com a população local e as suas tradições.	-Obstáculos ao turismo cultural humano.
Produtos Paisagísticos	-Paisagem natural e agrícola dominante.	-Produtos turísticos naturais inexistentes.	-Turismo natural.	
Equipamentos		-Acessos problemáticos; -Não há restaurantes; -Rede de comunicação móvel muito limitada; -Sem rede elétrica; -Não há sistema de esgotos.	-A existência de uma casa dehoniana na área que poderá ser impulsionadora de um turismo religioso e de voluntariado.	
Serviços		-Meios de transporte limitados; -Serviço de recolha de lixo inexistente; -Falta de serviços de saúde; -Rede de comunicação muito limitada; -Não há serviços turísticos.		
Comunidade local	-Alguma abertura por parte dos habitantes locais.	-Falta de domínio do português.		-Instabilidade política.

3.4.1. Comentários sobre a localidade de Milevane

O turismo em Milevane terá que ser muito específico por forma a impedir os impactos negativos nas comunidades locais e na natureza.

Milevane pode vir a constituir um produto destinado a um nicho de mercado de turismo aventura e ecoturismo ou de turismo religioso e de voluntariado, menos exigente com as condições dos equipamentos e serviços mas interessado no contacto com a realidade rural e com o ambiente de Moçambique e com vontade de preservar e respeitar o que encontra.

3.5. Distrito do Gurué

Pontos fortes

O sucesso comercial e agrícola do Gurué antes da independência, muito dependente do chá, fez da localidade um oásis colonial, visível nos edifícios da cidade e nas estruturas externas que fazem parte da propriedade das empresas de chá. Referimo-nos às fábricas (Fig. 44), à casa do presidente ou até às lagoas artificiais. A Santinha, nome atribuído a um local ajardinado onde se pode admirar uma estatueta de Nossa Senhora de Fátima e uma queda de água, e a Casa dos Noivos são outros pontos altos da visita aos arredores da cidade.

O distrito beneficia da passagem e estadia de muitos trabalhadores, que contribuem para a



Fig. 44 - Antiga fábrica e plantações de chá no Gurué

procura do alojamento e restauração da cidade do Gurué.

A cidade, rodeada de montanhas, é diferente da paisagem habitual de Moçambique e muito marcada pela produção de chá (Fig. 41) e onde os visitantes podem disfrutar livremente dos terrenos de plantação. Além do chá, outras produções prosperam e fazem do Gurué um lugar predominantemente agrícola. A paisagem natural completa-se com terrenos de exploração de madeira e os lagos e cascatas dentro das unidades de produção de chá.

Gurué, de forma desorganizada, continua a ser o jardim da Zambézia, com vegetação abundante, florido em todo o lado, em contraste com a terra e casas de adobe vermelhas (Fig. 45).

O Monte Namúli, o segundo pico do país e origem da humanidade para os povos Macua-Lomué, que dominam Nampula e Zambézia é, outro grande ponto forte. Já se registam aqui



Fig. 45 - Paisagem verdejante em contraste com o vermelho da terra no Gurué

muitos visitantes para o visitar na época seca, quando as estradas para o topo são transitáveis.

A presença de um espaço de convívio balnear, nas margens do rio Licungo, entre a cidade e a unidade de produção de chá 4, que é promovido com um festival musical e cultural anual, o Festival Licungo, que dura cinco dias, constitui outro dos pontos fortes desta região.

Pode usufruir-se de espaços de lazer noturno na cidade (bares e discotecas).

A deslocação dentro da cidade é facilitada por acessos de qualidade aceitável e presença de táxis-motorizados e de carro e de *chopelas*.

Pontos fracos

Não há uma cultura tradicional específica, porque o município tem atraído pessoas de vários lugares, desde cedo.

O património arquitetónico e industrial mais interessante, fora da cidade, está nas mãos de privados, as empresas de chá, pouco recetivos ao turismo. Apesar do que os entrevistados afirmam, as autorizações para visitar as fábricas e outros atrativos que se encontram dentro das propriedades das empresas não são concedidas facilmente, como revelou a experiência da autora.

O património sob a gestão dos departamentos distritais e municipais é negligenciado pela falta de verbas e de confiança na delegação a privados dessa gestão. Exemplos disso é a degradação da Casa dos Noivos (Fig. 46), usada para luas-de-mel no tempo colonial, após o fim da atribuição de verbas para a vigilância do local. Outro exemplo é a recusa de um projeto de valorização de um lago do município por parte de um privado.



Fig. 46 - Casa dos Noivos (Gurué) em 2008 e 2013

As condições de trabalho do técnico de turismo são claramente insuficientes.

Para além da visita ao Monte Namúli, pouco mais tem vindo a atrair turistas à região propriamente dita.

A ligação ao Niassa, província conhecida pelo lago do mesmo nome e a pelas reservas de caça, tem acontecido, mas as estradas são piores do que as de Nampula e Zambézia, fruto da falta de investimento na mais pobre província do país. Também os meios de transporte são deficitários.

À imagem de outros lugares moçambicanos, não se procede ao tratamento da água canalizada, não existe um sistema de esgotos nem se faz a recolha de lixo na cidade. Também falta qualidade ao serviço de saúde.

Os estabelecimentos hoteleiros e de restauração que servem os viajantes em missão de trabalho são de má qualidade.

Os guias turísticos são informais e caros. A formação turística e de atendimento e os postos de informação turística são inexistentes, como em muitos lugares de Moçambique.

A cidade regista alguma criminalidade (menor do que em Nampula), e a população ainda estranha os visitantes ocidentais, ainda estes comecem a ser mais habituais.

A passagem da população forasteira tem dado origem a comportamentos moralmente menos corretos.

Oportunidades

O distrito tem um potencial turístico impressionante, quer relacionado com o turismo cultural (nos seus diferentes subtipos relacionados com práticas agrícolas tradicionais, a produção e processamento do chá e o turismo religioso, nas suas vertentes do turismo solidário), quer relacionado com o turismo de base natural, ou com o turismo desportivo ou mesmo o ecoturismo. Esse potencial é reconhecido pelo governo, que colocou um técnico de turismo na localidade.

A existência das organizações não-governamentais na área com intervenções em termos sociais e económicos pode potenciar a interação entre alguns tipos de turistas e a comunidade local.

A atual afluência de visitantes, quer relacionados com negócios, quer turistas em trânsito para locais, nomeadamente reservas de caça e o lago do Niassa, permite a promoção de um turismo gastronómico, de negócios e pode ajudar a divulgar e promover outro tipo de turismos que aqui se venham a implantar.

A existência de um técnico de turismo pode ser um ponto de partida para se tentar sensibilizar os proprietários das plantações de chá do potencial turístico que isto representa e dos lucros que pode trazer para ambas as partes.

Ameaças

O desaparecimento das tradições culturais locais e a negligência do património arquitetónico podem dificultar a criação de produtos turísticos culturais.

Os acessos entre o norte da Zambézia e o Niassa são muito difíceis.

É necessário ultrapassar a falta de qualidade dos serviços básicos (ou até mesmo a sua inexistência), do alojamento e da restauração para impulsionar o turismo no distrito. Os esforços atuais do estado, que se limitam atualmente à colocação de um técnico da área no distrito e à organização do Festival do Licungo, têm tido pouco alcance.

O contacto com a realidade da comunidade local pode não ser o mais favorável, dificultando a criação de um produto de turismo social.

Tabela 28 - Análise SWOT do distrito do Gurué

Gurué	Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Ameaças
Produtos Culturais	-Património colonial na cidade e arredores; -Afluência de viajantes e trabalhadores ao distrito.	-Não há uma tradição cultural local muito forte; -As empresas de chá são pouco flexíveis em mostrar o seu património e as suas fábricas; -O património público é negligenciado; -Poucos produtos turísticos culturais explorados.	-Turismo cultural; -Turismo agrícola (práticas tradicionais e a produção e processamento do chá); -Turismo religioso; -Turismo solidário; -Turismo gastronómico; -Turismo de negócios.	-Impedimentos à construção de uma oferta turística cultural.
Produtos Paisagísticos	-Paisagem montanhosa única; -Produção de chá; Paisagem agrícola; -Paisagem de contrastes; -Monte Namúli; -Zona balnear associada a um festival no Rio Licungo.	-Poucos produtos turísticos naturais explorados.	-Turismo de base natural, desportivo e ecoturismo.	
Equipamentos	-Lazer noturno; -Deslocação fácil dentro da cidade.	-Péssimos acessos entre Gurué e Niassa; -Água corrente não potável; -Não há sistema de esgotos; -Falta de qualidade na restauração e		-Ligação turística Gurué-Niassa dificultada; -Falta de qualidade dos serviços básicos, do alojamento e da restauração.

		alojamento.		
Serviços		-O técnico de turismo distrital tem condições de trabalho limitadas; -Transportes deficitários no distrito; -Serviço de recolha de lixo inexistente; -Falta de qualidade do serviço de saúde; -Guias informais careiros; -Falta de investimento e educação turísticos.	-Existência de um técnico de turismo potencia desenvolvimento do turismo.	-Falta de qualidade dos serviços impede a promoção do turismo; -Os esforços atuais do estado têm pouco alcance.
Comunidade local		-Alguma criminalidade; -População ainda estranha os visitantes ocidentais; -Presença dos forasteiros origina comportamentos moralmente menos corretos.		-Obstáculos à criação de um produto de turismo social.

3.5.1. Comentários sobre o distrito do Gurué

O distrito do Gurué beneficia da passagem e estadia de um número relativamente elevado de visitantes, mas não por motivos turísticos. Estes visitantes não são turistas mas sim trabalhadores em trânsito. Todavia, este dado não significa que o distrito tenha falta de recursos ou de atrativos turísticos. Estes existem, entre o património histórico colonial e as paisagens agrícolas e naturais, únicas. As potencialidades são virtualmente vastas, entre o turismo cultural, de negócios, de base natural, combinados com o facto do Gurué ser uma cidade com alguma centralidade em termos regionais.

Infelizmente, tal como noutros pontos de influência dehoniana, a cultura e o investimento turísticos e a qualidade dos serviços e equipamentos em geral são limitados. O património não recebe a devida atenção por parte das instituições que o supervisionam. Algum está na propriedade de empresas de chá que não estão sensibilizadas para o seu aproveitamento turístico.

A cidade do Gurué recebe visitantes de todas as origens e esta situação tem inúmeras vantagens, apesar de, por vezes, ter alguns impactos negativos, nomeadamente o aumento da promiscuidade em redor dos muitos estrangeiros do sexo masculino que chegam sozinhos para trabalhar.

Os acessos até à cidade são aceitáveis, pelo menos se o trajeto partir do Alto-Molocué ou de Quelimane. Infelizmente, a ligação ao Niassa, outra região moçambicana com grande potencial turístico, é de má qualidade.

Há uma certa negligência estatal em relação ao turismo, neste distrito, embora tal não torne a prática do turismo impossível se houver investimento e vontade privada de transformar os recursos presentes em produtos e de promover dentro e fora do país.

3.6. Comentário final

As cinco localidades analisadas e as respetivas províncias têm definitivamente potencialidades turísticas, algumas com produtos estabelecidos, mas a maior parte apenas com recursos por valorizar e explorar.

As duas províncias têm recursos culturais e naturais interessantes, mas ambas concentraram-se no desenvolvimento dos seus recursos litorais criando aí alguns produtos, e apenas uma comunidade dehoniana, a de Quelimane, se encontra perto da costa. Isto não significa que não haja mais comunidades a beneficiar da oferta balnear, nomeadamente Nampula, de onde facilmente podem partir os visitantes para as praias, mas obriga-nos a destacar outros recursos menos massificados.

O Gurué é o distrito de presença dehoniana que mais potencial turístico tem independentemente da oferta balnear, devido à paisagem singular das plantações do chá em montanha, das infraestruturas de apoio à sua produção, datadas da época colonial, e do pico montanhoso do Namúli. Neste sentido, o turismo religioso poderia associar-se a outros subtipos de turismo cultural, ao turismo de base natural, ao turismo desportivo e até mesmo ao ecoturismo.

O Alto-Molocué não é tão especial em termos do seu contexto natural, mas os seus recursos não são de desprezar e a moldura humana é muito rica. As suas potencialidades permitem um

turismo cultural, um turismo de negócios, um turismo de base natural e um turismo desportivo (caça) que em rede se poderia associar ao turismo religioso.

Milevane beneficia da beleza da sua paisagem natural e do isolamento do mundo exterior, apresentando possibilidades para um turismo de base natural, também associado ao turismo religioso. A hipótese de um turismo cultural junto da população local também pode ser equacionada.

Na Zambézia e em Nampula, é possível criar uma articulação entre o turismo de sol e praia e o turismo cultural, que abrange o património colonial, o convívio com a população local e os eventos culturais. Em Nampula, na sua maior parte, estes elementos estão presentes no litoral e não na cidade ou nos seus arredores. No entanto, a cidade poderia investir no turismo de negócios pois possui universidades, museus e potencialidades para tal.

Algumas destas localidades estão ainda a relativamente pouca distância de outros pontos de interesse, principalmente reservas naturais, sendo a mais importante a do Gilé, e podem ser pontos de ligação a atrações mais distantes, como as reservas da província do Niassa, as praias da província de Cabo Delgado e o Parque Nacional da Gorongosa (província de Sofala).

A maior ameaça ao turismo é a falta de uma política regional vocacionada para tal, assim como a falta de cultura turística. O investimento em quase todos os setores relacionados com esta área também é arbitrário e não incluído em estratégias de planeamento turístico. Os acessos, as infraestruturas (como as estradas), os transportes, os serviços básicos (saneamento, recolha de lixo, saúde e comunicação) são de má qualidade e influenciam negativamente o turismo. O problema das condições estende-se naturalmente aos serviços de alojamento, de restauração e de informação turística.

Os investimentos privados são limitados por causa das dificuldades logísticas e, pelas mesmas razões, originam uma oferta cara. De momento, concentram-se em áreas onde o sucesso é garantido, no litoral e no sul, evitando apostar em locais fora do âmbito do turismo de sol e praia ou do turismo desportivo (safari ou caça). O estado conhece as necessidades do setor mas não pode atender às mesmas e, apesar dos esforços dos departamentos provinciais e distritais de turismo, há falta de formação e de investimento. Pelas mesmas razões, a preservação patrimonial é também reduzida. Mesmo as áreas mais abrangidas pelo planeamento estratégico (Nampula e Gurué), não sofreram um desenvolvimento turístico marcante.

Nos casos de estudo, os visitantes referidos não correspondem na sua maioria a turistas, mas sim trabalhadores. Como já foi defendido anteriormente, não é totalmente uma desvantagem

para o setor turístico já que, nalguns casos, estes viajam para participar em feiras comerciais e industriais, reuniões políticas, congressos, pelo que podem vir a proporcionar o desenvolvimento do turismo de negócios. Este fluxo de visitantes promove a familiaridade da população com forasteiros mas também pode trazer problemas sociais e morais, como a criminalidade e a promiscuidade.

Atualmente, o turismo em Moçambique é demasiado caro para os moçambicanos e pouco competitivo em termos do mercado internacional. A falta de poder económico mesmo dos moçambicanos mais próximos da classe média face aos preços praticados no turismo impede que o turista doméstico seja o motor do desenvolvimento do setor. A procura reduzida por parte dos moçambicanos diminui muito as possibilidades do mercado regional, eliminando em boa parte o segmento que naturalmente estaria mais apto a consumir o produto turístico.

A inversão desta situação depende muito da melhoria das condições dos acessos, do aumento da oferta de transportes e na conseqüente redução dos custos da logística.

Quanto ao mercado internacional, a melhor solução reside na construção de uma oferta singular, em vez da promoção concentrada no turismo de sol e praia que, apesar de ter as suas características específicas, não pode competir com outros destinos balneares mais próximos dos mercados emissores, mais baratos, mais cómodos e em regiões com mais estabilidade política.

4. As possibilidades turísticas das casas dehonianas em Moçambique nos seus contextos geográficos e culturais

O objetivo desta dissertação é discernir se as casas e as comunidades dehonianas de Nampula, Alto-Molocué, Quelimane, Milevane e Gurué têm condições para alojar turistas em geral e desenvolver atividades turísticas no âmbito do turismo cultural e religioso, na sua perspetiva mais abrangente. Pretende-se, ainda, verificar se as regiões onde se localizam têm recursos ou produtos turísticos capazes de fazer aumentar o tempo de estadia dos turistas em cada casa.

As considerações que se tecem a este propósito têm por base as análises SWOT realizadas para cada um dos casos de estudo, assim como para a região onde estes se inserem.

As casas dehonianas em estudo distribuem-se por uma vasta área geográfica, nomeadamente as províncias de Nampula e da Zambézia, no Norte de Moçambique, abrangendo, portanto, diversas paisagens naturais e diferentes etnias e tradições culturais.

Se as comunidades de Nampula, de Alto-Molocué, de Quelimane e de Gurué se inserem no âmbito do perímetro urbano de cidades ou de vilas, a de Milevane encontra-se em locais isolados, sendo necessário transporte próprio ou depender de uma rede de transportes coletivos muito frágil para lá chegar.

De facto, o alojamento a membros exteriores à comunidade dehoniana já é um serviço oferecido por duas casas dehonianas de forma algo sistemática – a de Alto-Molocué e do Gurué – embora a motivação da estadia da maioria dos seus clientes não seja o turismo, mas sim a deslocação por motivos de trabalho remunerado.

Na casa de Nampula o alojamento a elementos estranhos à comunidade é muito dificultado pelas vicissitudes das suas dimensões, enquanto este ocorre de forma pontual nas casas de Milevane e Quelimane em relação a atividades de retiros e a reuniões dos membros de várias comunidades da congregação para decidir e planejar as atividades dehonianas.

A reconversão das casas de Nampula, Alto-Molocué, Quelimane, Milevane e Gurué em locais capazes de oferecer alojamento oficial destinado a turistas internos, externos ou a trabalhadores remunerados, sem que percam, naturalmente, o seu carácter religioso, é um projeto que, sendo possível a médio prazo nas quatro últimas casas situadas na província da Zambézia e a longo prazo em Nampula, depende, em primeiro lugar, da existência de um plano estratégico conjunto das comunidades da província dehoniana mas, também, de cada comunidade em particular.

Os superiores das casas têm consciência da necessidade de autofinanciamento, mas a estrutura humana atual parece não ter capacidade de resposta aos desafios que um empreendimento deste tipo acarreta pois os membros da congregação são pouco numerosos e estão demasiado ocupados nas atividades pastorais e comunitárias. Neste caso, a contratação de pessoal especializado fora da comunidade religiosa seria indispensável, solução que foi colocada como hipótese, por vários superiores.

Para que o alojamento oficial se torne realidade nas quatro casas da província da Zambézia é preciso, também, que alguns edifícios sejam renovados (casa de Milevane sofre com as chuvas, tal como a de Quelimane, e as instalações precisam de uma renovação que lhes conferisse mais conforto e durabilidade), ainda que esta pudesse ser uma opção menos urgente ou menos estrutural se os turistas recebidos tivessem preferencialmente motivações religiosas (que

envolvessem a experiência do retiro espiritual e a partilha com o modo de vida dehoniano) ou motivações associadas ao voluntariado e à ajuda comunitária. Um grande óbice é o facto da casa de Nampula ser apenas um projeto, e não uma realidade, diminuindo a força que esta poderia ter como a casa recetora deste tipo de turistas (aproveitando as ligações internacionais que o aeroporto permite) e divulgadora das restantes casas, das suas atividades e das especificidades de cada uma das regiões onde se localizam.

Sendo o turista religioso e de voluntariado o que se adequa melhor às casas dehonianas, pelo menos às mais isoladas, seria importante que a própria congregação tomasse consciência da importância de planear projetos turísticos nesse sentido, através do planeamento de atividades exclusivas para os turistas.

Referimo-nos, por exemplo, a pacotes de 1, 2 ou 3 meses em Moçambique, para grupos de jovens ou de seniores, por exemplo, podendo o turista experienciar as várias casas, participar em diferentes trabalhos de voluntariado, alternando com atividades religiosas voluntárias e com passeios para o conhecimento dos diferentes recursos ou produtos de cada região. Ou seja, o ideal seria a criação de uma rota dehoniana gerida pela própria congregação, assegurando à partida o alojamento, a restauração, a *transfer* para as instituições, a partir dos lugares de chegada, as atividades de voluntariado, religiosas e de lazer.

Esta solução poderia mesmo ser útil na renovação de algumas casas, em trabalhos menos pesados, de limpeza dos espaços de jardim ou de horta, de pintura, entre outros.

As casas também podem optar por desenvolver um alojamento muito vocacionado para o que se denomina de turismo de negócios, pois todas, com exceção da de Nampula, têm condições para tal, arrendando os seus espaços de reunião e promovendo pacotes para que o turista pernoitasse e pelo menos tomasse uma das refeições na casa. Dentro do turismo de negócio incluem-se congressos ou outras reuniões científicas, reuniões e cimeiras políticas, mostras e promoções de produtos comerciais ou industriais novos que se pretendem vender, entre outros. Desta forma poderia combater a sazonalidade, nas épocas baixas do turismo de voluntariado e religioso. Algumas já têm essa tradição, como a de Alto-Molocué e a do Gurué onde há frequentemente reuniões de vários quadrantes profissionais e políticos.

Outra hipótese para a congregação será construir uma oferta no contexto do “turismo da saúde” com o objetivo de captar turistas com um carinho especial em relação às localidades e regiões abrangidas ou até mesmo em relação ao país, como é o caso dos portugueses e outros estrangeiros que já viveram em Moçambique.

O fluxo crescente de viajantes, mesmo sem ser por motivos turísticos, também parece ser uma realidade em todas as áreas onde existem casas, com exceção de Milevane, pelo que, se adaptadas e promovidas, todas elas poderiam receber um maior número de clientes e de forma mais contínua.

A aposta na presença constante de turistas poderia também proporcionar mais emprego nas áreas onde estão instaladas as casas dehonianas, pois os lucros certamente dariam para pagar a mais empregados associados à segurança (guardas noturnos), ao atendimento, à limpeza e ao apoio na restauração.

De salientar que, por vezes, as casas dehonianas são o único alojamento condigno e a preço acessível na região onde se localizam. É o caso de Nampula, de Milevane e do Gurué. Nos outros casos, como em Quelimane e Alto-Molocué, apesar de existirem outras opções de alojamento a nível local e regional, o alojamento dehoniano continua a ser muito interessante em termos de preço-qualidade para um cidadão médio.

O mesmo se pode referir em termos da restauração, pelo facto de a alimentação ser variada, bem confeccionada e a preço acessível.

Em síntese, podemos afirmar que, em todas as casas dehonianas, existem potencialidades para o desenvolvimento do alojamento e da restauração, quer pelas suas características internas quer pela região onde se inserem. Também todas elas poderiam estar implicadas num turismo religioso e ou de voluntariado, embora o desenvolvimento dessas potencialidades e a sua rentabilização económica tenha que resultar de uma opção concreta e deva obedecer a um plano estratégico, por forma a existir uma articulação desejável entre todas as casas implicadas nessas atividades. Neste caso deveriam mesmo contratar os serviços de alguém especializado em planeamento turístico para efetuar um projeto global e articulado, que não descursasse o *marketing*. No futuro, bastaria um gestor para todas as casas.

Se a aposta no alojamento turístico e no desenvolvimento de atividades de turismo religioso e de voluntariado for a opção, esta deve ser total, não parcial, começando pelo comprometimento de todas as comunidades com a atividade. É de salientar que atualmente ainda há resistências no seio de algumas casas, pelo que o problema deve ser discutido como uma estratégia global da congregação e de forma alargada entre os superiores das casas e no interior das casas.

Mas nem tudo depende dos dehonianos. Moçambique é um dos países mais pobres do mundo e as condições gerais da região mostram-no pela precariedade dos acessos, infraestruturas, equipamentos, serviços essenciais de saúde e transporte, mas também do atendimento ao

turista, morosidade e complicações dos processos burocráticos. A reduzida oferta nos transportes, alojamento e restauração tende a encarecer os preços praticados. A instabilidade política recente, presente em parte durante o período do trabalho de campo da autora, mas que se acentuou depois, não pode ser esquecida. No entanto, até agora, os seus efeitos pouco ou nada se sentiram nas regiões estudadas, com a exceção de alguns raptos em Nampula.

De qualquer modo, sem uma garantia da estabilidade é difícil pensar o desenvolvimento do turismo em Moçambique. Segundo declarações de Martinho Muatxiwa, diretor nacional do Turismo, entre outras autoridades moçambicanas, a tensão político-militar no país está a afetar o turismo, um setor onde o Governo deposita grandes esperanças na coleta de receitas para os cofres de Estado, tendo em conta que em 2011, a sua contribuição foi de 12 milhões de dólares norte-americanos (Deutsche Welle, 2013).

4.1. Análise SWOT final

Tabela 29 - Análise SWOT das cinco casas e respetivos contextos regionais

	Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
Comunidade de Nampula	Comunidade dehoniana aberta aos visitantes; Carisma que distingue os dehonianos; Localização central da atual casa; Horta; Lavandaria; Refeitório; Serviço religioso; Boas condições de alojamento.	A casa atual não é dos dehonianos; A comunidade religiosa é pequena e os seus membros ocupados; Transporte da comunidade necessário em exclusivo para as funções da comunidade religiosa; A casa atual tem uma dimensão reduzida; Poucos quartos; Equipamentos de pequena capacidade; A casa atual não tem serviços preparados para visitantes.	Dimensões do terreno para a construção da nova casa; Ligação entre o exterior da região e outras comunidades dehonianas; Desenvolvimento nas novas instalações de salas de congressos, Salas de exposição; Lavandaria; Serviços wireless; Sala de convívio para os hóspedes; Restauração em regime de meia-pensão para atividades promovidas pela casa; Atividades turísticas culturais e solidárias com a comunidade local; Acesso à vivência religiosa da comunidade local; Contacto com as instituições de ensino nos arredores da casa atual; Aulas de Macua com o padre Ciscato; Promoção do turismo de negócios; Desenvolvimento de cursos sobre cultura Macua; Desenvolvimento de protocolos com as universidades locais e externas; Promoção de uma eventual rota dehoniana; A casa em construção tem potencial para constituir uma oferta atrativa para um determinado público-alvo.	Dificuldades na construção da nova casa; Estão a ser pensados outros objetivos para o novo espaço da comunidade dehoniana; Novo espaço a alguma distância do centro; Expansão da hotelaria na cidade.
Provincia de Nampula	Património construído colonial na cidade e provincia; Afluência de trabalhadores; Artesanato (escultura de pau preto e cestaria) à venda na cidade a preços moderados; Contacto com os habitantes citadinos; Contacto com os habitantes rurais e com os lugares tradicionais perto da cidade; Pinturas rupestres nas montanhas; Riqueza cultural da Ilha de Moçambique; Eventos culturais na Ilha de Moçambique; Litoral mais tradicional; Diversidade cultural e religiosa; Festas e santuários religiosos; Paisagem natural nos arredores e localidades do distrito de Nampula; Proximidade e abundância de praias preparadas para receber turistas; Riqueza natural da Ilha de Moçambique; Paisagem panorâmica ferroviária entre Nampula e Cuamba; -Reservas naturais e lugares de observação natural; Riqueza geológica; Turismo termal; Aeroporto internacional; Lazer noturno; Restaurantes com gastronomia local; Litoral da provincia	Homogeneização cultural; Nampula é só um lugar de passagem; Poucos produtos turísticos culturais explorados; Conservação do património aquém do desejado; Poucos produtos turísticos naturais explorados; Não há praias no interior; Má qualidade dos acessos; Oferta de alojamento na provincia fora das zonas turísticas reduzida e de baixa qualidade; Rede de <i>internet</i> frágil; Água corrente não potável; Não há sistema de esgotos; Transportes caros; Preços inflacionados; Baixa qualidade dos serviços, mesmo nos lugares mais turísticos; Serviços turísticos deficitários; Investimentos turísticos muito limitados; Serviços de saúde deficitários; Serviço de recolha de lixo praticamente inexistente; Insegurança na cidade; Hábitos locais em choque com os dos visitantes; Problemas derivados da concentração populacional desorganizada; Oportunismo por parte dos habitantes locais; Ideia geral de existirem poucos atrativos turísticos.	Turismo cultural e religioso; Turismo de negócios; Turismo de base natural no litoral e no interior; Turismo balnear e náutico; Aeroporto enquanto montra internacional do norte de Moçambique; Melhoria nas infraestruturas e acessos graças ao crescimento económico; Melhoria nos serviços graças ao crescimento económico; Promessa de melhoria das condições de vida através do turismo.	Descaracterização cultural do tecido urbano e população local; Destruição natural; Carência de equipamentos e infraestruturas; Falta de investimento na formação; Carência de serviços; Ambiente social instável para os turistas; Ambiente político instável.

	mais preparado para receber turistas; Diversidade de transportes na cidade e a partir dela; Abertura dos habitantes locais aos visitantes.			
Comunidade do Alto-Molocué	-Proximidade a estruturas originais da presença dehoniana (Malua); Carisma que distingue os dehonianos; Boa localização dentro do município; Horta; Refeitório; Sala de televisão; Reprografia; Capela; Lavandaria; Espaços preparados para reuniões e encontros; Restauração; Acesso às celebrações religiosas diárias e dominicais; Rede <i>wireless</i> ; Recomendada por viajantes em trabalho e personalidades locais e regionais; Melhor preço-oferta do distrito; Estrutura recente; Condições que os concorrentes não oferecem (casa de banho privativa, água corrente quente, eletricidade, ventoinha, ...); Quartos de qualidade superior; Segurança permanente; Lugar calmo; Refeições ricas; Convívio; Calor humano; Apreciação positiva do atendimento e das refeições; Flexibilidade mínima nos horários; Serviço de lavandaria apreciado pela qualidade e preço; Reconhecimento por parte dos habitantes locais do papel da comunidade dehoniana e da hospedagem.	Perda de dinâmica da comunidade; Hospedagem não é prioridade; Os transportes são usados exclusivamente pela comunidade dehoniana; Capacidade limitada de hospedagem; Há espaços comuns sem aproveitamento; Pouco convidativo para hóspedes que procuram lazer noturno; Casa mal sinalizada; Ocupação irregular; Capacidade limitada de serviço de restauração; Os serviços da casa são mal divulgados e definidos; Sem ar-condicionado; Limpeza irregular; Rede de <i>internet</i> limitada.	Regime de pensão completa ou meia-pensão para turistas de voluntariado; Serviço de <i>buffet</i> em reuniões e congressos; Exploração de turismo solidário, cultural e religioso; Promoção de turismo de negócios; Refeições como atrativo; Sucesso da hospedagem na casa impulsiona experiências semelhantes noutras casas; Ainda há terreno disponível para expandir a capacidade de alojamento; Melhor preço-oferta do distrito pode garantir crescimento do número de hóspedes alojados.	Oposição do superior da casa a um projeto turístico; Supervisão da hospedagem por um só membro; Crescimento da concorrência (hotel Kapulana e outros estabelecimentos); Dificuldade em encontrar pessoal especializado; Não se contempla usar o pessoal do atendimento para auxiliar a experiência turística dos hóspedes.
Distrito do Alto-Molocué	Afluência de muitos visitantes em missão de trabalho; Património colonial na vila e arredores; Artesanato de cestaria; Tradições cristã e tradicional em convívio; Contacto com a tradição festiva cristã local; Projetos sociais; Paisagem natural nos arredores da vila; Lugares de observação de fauna e flora (Reserva nacional do Gilé,...) próximos; Passagem da estrada nacional nº 1; Lazer noturno; Abertura dos habitantes locais aos visitantes.	Falta de espaços balneares preparados para o turismo; Acessos internos deficitários; Alojamento de preço-qualidade inferior; Restaurantes sem pratos típicos; Água corrente não potável; Não há sistema de esgotos; Limitações no transporte; Serviço de saúde limitado; Serviço de recolha de lixo inexistente; Falta de departamento distrital e inventariação turísticos; Falta de capacidade de investimento turístico; Falta de reconhecimento do potencial turístico.	Turismo cultural; Turismo de negócios; Turismo comunitário e de voluntariado; Turismo de base natural e desportivo; Promoção de uma cultura de turismo.	Ausência de infraestruturas básicas e turísticas; Baixa qualidade dos equipamentos de restauração e alojamento; Sem serviços básicos e turísticos; Capacidade limitada dos agentes estatais; Instabilidade política.
Comunidade de Quelimane	Proximidade a estruturas originais da presença dehoniana (Paróquia da Sagrada Família); Boa imagem dos dehonianos junto dos habitantes locais; Carisma que distingue os dehonianos; Jardim de pequenas dimensões; Boa localização; Refeitório; Sala de estar com televisão; Escritório com biblioteca; Duas capelas; Pequenas saletas; Garagem; Casa de banho privativa em todos os quartos; Espaço suficiente para um serviço de refeições de maior capacidade e para a realização de reuniões; Restauração; Conforto e sossego; Calor humano; Segurança; Horário da casa sem limitações.	Falta de vocação e disponibilidade dos membros para negócios; Oposição por parte da comunidade a um projeto de acolhimento; É a comunidade mais distanciada das outras; Nenhum dos padres se ocupa da pastoral; Transportes de uso exclusivo pela comunidade; Capacidade de hospedagem limitada; Necessária a reabilitação das estruturas; Apenas três espaços têm ar condicionado; Serviços da casa não estão organizados para elementos externos.	Reflexão pelos membros da comunidade sobre a possibilidade de desenvolvimento de um projeto de rentabilização da casa; Saletas podem ser úteis para a promoção de um turismo de negócios; Regime de pensão completa ou meia-pensão para turistas de voluntariado; Serviço de <i>buffet</i> em reuniões e congressos; Exploração de turismo comunitário, cultural e de voluntariado.	Obstáculos ao turismo da parte da comunidade dehoniana; Dificuldade em criar uma ligação turística entre a comunidade de Quelimane e as restantes; É necessário um investimento inicial forte; Concorrência no alojamento apreciável; Dificuldade em encontrar quem faça a gestão turística.

Provincia da Zambézia	Património colonial ligado aos primeiros contactos dos portugueses com África; Artesanato e indústrias ligados ao coco; Uso predominante da bicicleta em Quelimane; Diversidade cultural e religiosa em toda a província; Festividades, santuários e missões cristãos; Carnaval de Quelimane; Festivais e mostras culturais perto de Quelimane; Litoral de preservação cultural; Um dos maiores palmeirais do mundo; Multiplicidade paisagística; Interior de rico apropriado a turismo paisagístico, observação natural, cinegético, de aventura e termal; Litoral de riqueza natural e balnear; Pesca desportiva; Lagos; Atrativos fluviais; Concentração de grandes e pequenos alojamentos em pontos mais turístico; Restaurantes típicos; Lazer noturno; Diversidade de transportes; Departamento provincial de turismo tem feito um grande esforço por promover a Zambézia turisticamente; Abertura e simpatia.	Património por reabilitar; Problemas de acessos em toda a província; Não há sistema de esgotos; Água corrente não potável; Acesso dificultado entre Zalala e Quelimane; Rede de comunicações limitada; Presença hoteleira limitada; Serviço de saúde limitado na província; Serviço de recolha de lixo inexistente; Problemas de transporte em toda a província; Faltam serviços e investimento turísticos; Cidade de Quelimane quente e húmida, propicia a mosquitos e doenças; Rejeição do estrangeiro em lugares isolados.	Turismo de negócios; Turismo de eventos; Turismo cultural (patrimonial, arqueológico, gastronomia e religioso em termos amplos); Turismo de sol e praia; Turismo náutico; Turismo desportivo (litoral e interior); Turismo de base natural; Turismo termal e de saúde; Existência de escolas de formação e crescimento económico e comercial promovem desenvolvimento de diferentes tipos de turismo; Cultura de turismo balnear e de eventos culturais promove outro tipo de turismo.	Ruína do património; Doença ameaça exterminar a icónica produção de coco; Doenças endémicas associadas a serviços de saúde deficitários podem afastar o turista da região; Falta capacidade de desenvolvimento das infraestruturas básicas; Falta capacidade de desenvolvimento dos serviços básicos, de comunicação e de transporte; Instabilidade política.
Comunidade de Milevane	Estruturas coloniais da casa; Proximidade a uma antiga missão dehoniana colonial (Nauela); Envolve predominantemente natural e explorável; Jardins; Produções agrícolas e pecuárias; Lago; Água canalizada pura; Comunidade dehoniana aberta a visitantes; Boa relação entre dehonianos e habitantes locais; Carisma que distingue os dehonianos; Salas de estar; Bibliotecas; Duas capelas; Refeitórios; Salas de reunião; Restauração; Ofícios religiosos; Organização de retiros espirituais; Condições razoáveis de alojamento; Capacidade de alojamento elevada; Tipologia de quartos variada; Capacidade de acolher e ocupar grandes grupos; Isolamento exige estadia noturna; Sossego;	Abandono progressivo das atividades agrícolas e pecuárias; Não há movimentos comerciais fortes nas redondezas; Estruturas precisam de ser recuperadas; Serviço de lavandaria dificultado por falta de energia elétrica; Parte da estrutura por utilizar; Transporte de utilização exclusiva da comunidade; Serviço de hospedagem esporádico e praticado com baixos lucros; Estruturas com necessidade reabilitação; Falta de energia elétrica constante; Apenas uma rede de telemóvel; Capacidade de serviço limitada.	Possibilidade de partilha da vida da comunidade; Abertura dos dehonianos à ideia de turismo; Serviço de refeições durante eventos realizados na casa; Promoção de turismo de negócios; Promoção de turismo religioso; Exploração de turismo comunitário e cultural; Possibilidades de envolvimento em atividades de saúde e educação por parte do turista – turismo solidário; Promoção do turismo natural; Pouca concorrência na área; A rede elétrica está a chegar.	Custos elevados com a estrutura; A promoção de reuniões de religiosos locais não traria retorno financeiro; Falta vontade de ver a propriedade ser recapitalizada; Necessidade de encontrar quem faça a gestão turística.
Localidade de Milevane	Património colonial na localidade e arredores; Alguma preservação da cultura tradicional; Paisagem natural e agrícola dominante; Alguma abertura por parte dos habitantes locais.	Perda das tradições locais; Produtos turísticos culturais inexistentes; Produtos turísticos naturais inexistentes; Acessos problemáticos; Não há restaurantes; Rede de comunicação móvel muito limitada; Sem rede elétrica; Não há sistema de esgotos; Meios de transporte limitados; Serviço de recolha de lixo inexistente; Falta de serviços de saúde; Rede de comunicação muito limitada; Não há serviços turísticos; Falta de domínio do português.	Contacto com a população local e as suas tradições; Turismo natural; A existência de uma casa dehoniana na área que poderá ser impulsionadora de um turismo religioso e de voluntariado.	Obstáculos ao turismo cultural humano; Instabilidade política.
Comunidade do Gurué	Estrutura colonial recentemente recuperada; Jardins; Reconhecimento da solidariedade dos padres com a comunidade local; Carisma que distingue os dehonianos; Salas de estar com televisão; Capelas; Refeitórios; Salas de reuniões; Lavandarias; Capacidade elevada de serviço de refeições; Capacidade elevada de reuniões; Acesso às celebrações católicas; Lavandaria a	Limitações na perspetiva turística por parte da comunidade dehoniana; Sem <i>internet</i> ; Transportes de uso exclusivo da comunidade e das atividades do CPLD; Irregularidade da limpeza; Casa mal sinalizada; Falta de iluminação nas ruas de acesso; Problema de aquecimento da água no noviciado; Alimentação mais pobre que no Alto-Molocué; Refeições longe da maior parte dos quartos; Falta de informação turística e dos serviços da casa;	Exploração de turismo cultural, comunitário e religioso; Ligação a outras casas religiosas; Turismo de voluntariado e agrário através do CPLD; Aposta no turismo natural e de aventura; Maior aposta em atividades de turismo de negócios; Aposta nas	Projeto de alojamento não tem um futuro assegurado; Gestão restringe-se a um membro da comunidade; Dificuldade em encontrar quem faça a gestão turística.

	preços reduzidos; Capacidade elevada de alojamento; Preço-oferta superior aos outros alojamentos locais; Sossego; Beleza das instalações; Alojamento frequentado e recomendado por muito trabalhadores; Liberdade de entrada e saída; Segurança; Bom atendimento; Apreciação positiva das refeições.	Atendimento ainda informal.	refeições por falta de concorrência; Possibilidade de criar acordo turístico entre as fábricas de chá e a comunidade dehoniana; Admite-se a disponibilização de informação turística se um projeto turístico avançar; Criação de um Ciberespaço; Equacionado melhoramento das condições; Pensada a inclusão de atividades para os turistas; Sucesso promove tentativas de estabelecimento de alojamento noutras casas.	
Distrito do Gurué	Património colonial na cidade e arredores; Afluência de viajantes e trabalhadores ao distrito; Paisagem montanhosa única; Produção de chá; Paisagem agrícola; Paisagem de contrastes; Monte Namúli; Zona balnear associada a um festival no Rio Licungo; Lazer noturno; Deslocação fácil dentro da cidade.	Não há uma tradição cultural local muito forte; As empresas de chá são pouco flexíveis em mostrar o seu património e as suas fábricas; O património público é negligenciado; Poucos produtos turísticos culturais explorados; Poucos produtos turísticos naturais explorados; Péssimos acessos entre Gurué e Niassa; Água corrente não potável; Não há sistema de esgotos; Falta de qualidade na restauração e alojamento; O técnico de turismo distrital tem condições de trabalho limitadas; Transportes deficitários no distrito; Serviço de recolha de lixo inexistente; Falta de qualidade do serviço de saúde; Guias informais careiros; Falta de investimento e educação turísticos; Alguma criminalidade; População ainda estranha os visitantes ocidentais; Presença dos forasteiros origina comportamentos moralmente menos corretos.	Turismo cultural; Turismo agrícola (práticas tradicionais e a produção e processamento do chá); Turismo religioso; Turismo solidário; Turismo gastronómico; Turismo de negócios; Turismo de base natural, desportivo e ecoturismo; Existência de um técnico de turismo potencia desenvolvimento do turismo.	Impedimentos à construção de uma oferta turística cultural; Ligação turística Gurué-Niassa dificultada; Falta de qualidade dos serviços básicos, do alojamento e da restauração; Falta de qualidade dos serviços impede a promoção do turismo; Os esforços atuais do estado têm pouco alcance; Obstáculos à criação de um produto de turismo social.

5. Considerações finais

A presente dissertação pretendia concluir se existem possibilidades de desenvolvimento turístico das comunidades dehonianas das províncias de Nampula e Zambézia, quer ao nível de prestação de serviços, quer do desenvolvimento de produtos capazes de potenciar a ocupação das casas.

A resposta possível foi apresentada no capítulo anterior. Considerou-se que todas as casas têm potencialidades para desenvolver serviços de alojamento e de restauração, que, em vários casos, já são oferecidos e muito procurados.

Também se considerou, tendo em conta as especificidades da congregação e o seu papel junto da comunidades locais, que poderiam desenvolver e oferecer produtos no âmbito do turismo religioso e do turismo de voluntariado.

A este propósito foi proposta, de forma muito sucinta, a criação de uma rota dehoniana com base nestes tipos de turismo, proporcionando aos interessados o conhecimento das províncias de Nampula e da Zambézia. Esta poderia mesmo ser uma forma segura de viajar e de experienciar o Moçambique profundo.

Também houve dificuldades na consecução deste trabalho. A estadia em Moçambique decorreu um pouco mais tarde do que deveria. Os entrevistados enriqueceram a recolha no terreno, mas o tratamento posterior dos dados foi delongado, em parte, pela duração das entrevistas e pela falta de compreensão de parte do português falado durante as mesmas. Estas resultaram, ainda, numa quantidade apreciável de informação para analisar e interpretar.

Inicialmente, este trabalho estava destinado a ser um projeto de uma rota turística a traçar entre as várias comunidades dehonianas. Com a passagem do tempo e a estadia em Moçambique apercebemo-nos de que, sem uma análise SWOT de cada comunidade e da região onde se implantavam, a rota turística seria um mero exercício académico desvinculado da realidade.

Temos, ainda, consciência de que as considerações finais e as sugestões apresentadas constituem apenas um pequeno contributo para as decisões da província dehoniana de Moçambique relacionadas com a sua sustentabilidade financeira, mas, também é verdade, que sem a sua disponibilidade esta dissertação não poderia ter-se concretizado.

BIBLIOGRAFIA

Obras e artigos

Almeida, A.R. (2011) – *Turismo de negócios: planeamento estratégico de um destino turístico*. Porto: Media XXI.

Almeida, J. (2007) – *Léon Dehon: Educação Integral – ideário pedagógico e missão institucional*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Barbosa, A. (2007) – *O valor da gratuidade na educação dos jovens*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Barros, J. da C. (2004) - *A projeção do quotidiano no turismo e no lazer: o lugar dos atores, dos contextos e dos paradigmas*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Baum, T. e Kokkranikal, J. (2008) – Human resource management in tourism. In Lesley Pender e Richard Sharpley (ed.). *The management of tourism*. London: SAGE Publications. p. 85 - 101.

Bennet, J. A. (1997a) – The economic, physical and social consequences of tourism. In J. A. Bennet (ed.). *Managing tourism services*. Pretoria: JL Van Schaik Publishers. p. 321 - 343.

Bennet, J. A. (1997b) – What is tourism? In J. A. Bennet (ed.). *Managing tourism services*. Pretoria: JL Van Schaik Publishers. p. 3 - 33.

Bull, A. (1997) - *The economics of travel and tourism*. Melbourne: Longman.

Calwell, L. (1996) - Heritage tourism: a tool for economic development. In P. A. Wells (ed.). *Keys to the Marketplace: problems and issues in cultural and heritage tourism*. Middlesex: Hisarlik Press. p. 125 - 131.

Cunha, L. (2006) – *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Verbo.

Drummond, S. e Yeoman, I. (ed.) (2001) – *Quality issues in heritage visitor attractions*. Oxford: Butterworth-Heinemann.

Estrela, A. (1994) – *Relação pedagógica. Disciplina e indisciplina na sala de aula*. Porto: Porto editora.

Goodwin, H. e Pender, L. (2008) – Ethics in tourism management. In L. Pender e R. Sharpley (ed.). *The management of tourism*. London: SAGE Publications. p. 288 - 304.

Guedes, F. (ed.) (2004) –Paradigma. In F. Guedes (ed.). *A Enciclopédia*. Lisboa: Editorial Verbo. p. 6427.

Hall, C. M. e Boyd, S. (2005) - Nature-based tourism in peripheral areas: introduction. In C.M. Hall e S. Boyd (ed.). *Nature-based tourism in peripheral areas: development or disaster?* Clevedon: Channel View. p. 3 - 17.

Houghton Mifflin Company (2000) - Dictionary of the English Language. Boston: Houghton Mifflin Company.

Lindon, et Al. (2011) - *Mercator XXI - teoria e prática do marketing*. Lisboa: D. Quixote.

Madella, M. U. (1998) – *Os Sacerdotes do coração de Jesus em Moçambique*. Maputo.

Marques, J. (2009) – Da economia solidária ao turismo solidário: para uma conceptualização e práticas reflexivas. In B.R. Brito, B. Alarcão e J. Marques (ed.). *Desenvolvimento comunitário: das teorias às práticas: turismo, ambiente e práticas educativas em São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing. p. 82 - 96.

Mason, P. (2009) – *Tourism impacts, planning and management*. Oxford: Butterworth Heinemann.

Mihalić, T. (2007) - Tourism and economic development issues. In R. Sharpley e D.J. Telfer (ed.). *Tourism and Development: concepts and issues*. Clevedon: Channel View. p. 81 - 111.

Ministério do Turismo (2004) - *Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Moçambique (2004-2013)*. Maputo: Ministério do Turismo.

Pahl, Nadine e Richter, Anne (2009) - *SWOT Analysis - Idea, Methodology And A Practical Approach*. Munique: GRIN Verlag.

Pender, L. (2008) – Introduction. In L. Pender e R. Sharpley (ed.). *The management of tourism*. London: SAGE Publications. p. 1 - 13.

Pires, M. (2012) - *Necessidades de formação dos professores nos Cursos de Educação e Formação: contributos para o seu estudo*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Ribeiro, Padre F. (1993) – *Padre Leão Dehon*. Rio Tinto: Seminário Missionário Padre Dehon.

Rizzo, N. (2009) – Turismo Solidário. Escola de Artes e Ofícios de Diogo Vaz. In B.R. Brito, B. Alarcão e J. Marques (ed.). *Desenvolvimento comunitário: das teorias às práticas: turismo, ambiente e práticas educativas em São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing. p. 336 - 338.

Rosa, Gonçalo e Lúcio, José (2001) – “Análise SWOT como recurso para avaliação territorial – o caso de Torres Vedras”. *IV Congress of Portuguese Geography*, October 2001, Lisbon (10 pages).

Ruschmann, Doris (1997) - Turismo e planeamento sustentável: a proteção do meio ambiente. São Paulo: Papyrus editora.

Sharpley, R. (2008a) – The accommodation setor: managing for quality. In L. Pender e R. Sharpley (ed.). *The management of tourism*. London: SAGE Publications. p. 14 - 27.

Sharpley, R. (2008b) – Tourism and the environment. In L. Pender e R. Sharpley (ed.). *The management of tourism*. London: SAGE Publications. p. 259 - 274.

Silva, J. (2011) – *O Turismo Religioso no Noroeste de Portugal: contributo para a compreensão do papel dos santuários no desenvolvimento do território*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sumbana, F. (2008) - Turismo em Moçambique e os desafios da Integração SADC. In CPLP. *VIII Reunião de Economistas da CPLP (9 a 11 de abril de 2008)*. Maputo: CPLP

Telfer, D. J. (2008) – Managing tourism for development. In L. Pender e R. Sharpley (ed.). *The management of tourism*. London: SAGE Publications. p. 188 - 201.

Timothy, Dallen e Teye, Victor (2009) – Tourism and the Lodging Setor. Oxford: Butterworth Heinemann.

Tocquer, G. e Zins, M. (2004) – *Marketing do Turismo*. Lisboa: Instituto Piaget.

U.S. Province, Priests of the Sacred Heart (2002) – *Following the dream*. Hales Corners: United States Province, Priest of the Sacred Heart.

Vaz, Gil (1999) – *Marketing Turístico*. São Paulo: Editora Pioneira.

Weaver, D. (2008) – *Sustainable tourism: theory and practice*. Oxford: Elsevier Butterworth Heinemann.

Webgrafia

ALVD (2010) – Quem somos. [em linha] *Associação dos Leigos Voluntários Dehonianos*. [consult. 13 Out. 2013] Disponível em WWW: <http://alvd2010-2020.blogspot.pt/p/quem-somos.html>.

Centro Juvenil Padre Dehon (2012) – 30 de janeiro de 2012. [em linha]. *Centro Juvenil Padre Dehon* [consult. 23 Set. 2013] Disponível em WWW: <https://www.facebook.com/pages/Centro-Juvenil-Padre-Dehon/309377122441362>.

Central Intelligence Agency (2013) – Mozambique. [em linha]. *The World Factbook*. [consult. 2 Ago. 2013] Disponível em WWW: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/mz.html>.

Centro Juvenil Padre Dehon (2013) – 24 de maio de 2013. [em linha]. *Centro Juvenil Padre Dehon* [consult. 23 Set. 2013] Disponível em WWW: <https://www.facebook.com/pages/Centro-Juvenil-Padre-Dehon/309377122441362>.

Cheney, D. (2012a) – Archdiocese of Maputo. [em linha]. *The Hierarchy of the Catholic Church*. [consult. 24 Set. 2013] Disponível em WWW: <http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dmapu.html>.

Cheney, D. (2012b) – Diocese of Quelimane. [em linha]. *The Hierarchy of the Catholic Church*. [consult. 24 Set. 2013] Disponível em WWW: <http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dquel.html>.

Cheney, D. (2012c) – Archdiocese of Nampula. [em linha]. *The Hierarchy of the Catholic Church*. [consult. 24 Set. 2013] Disponível em WWW: <http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dnamp.html>.

Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus (2008) – 12 de agosto – dia de Padre Dehon. [em linha] *Portal Dehon - Brasil*. [consult. 21 Out. 2013] Disponível em WWW: <http://www.dehonbrasil.com/12deagosto/>.

Deutsche Welle (2013) – Crise político-militar afeta turismo em Moçambique. [em linha]. *Deutsche Welle*. [consult. 7 Jan. 2014] Disponível em WWW: <http://www.dw.de/crise-pol%C3%ADtico-militar-afeta-turismo-em-mo%C3%A7ambique/a-17209839>. Escrito a 6 de Nov de 2013.

Diocese de Gurué (2013) – Visita pastoral às comunidades do Monte Namúli: capelania S. Kizito. [em linha]. *Diocese de Gurué*. [consult. 11 Jan. 2014] Disponível em WWW: http://www.diocesegurue.com/gurue/index.php?option=com_content&view=article&id=193:visita-pastoral-as-comunidades-do-monte-namuli-capelania-s-kizito&catid=36:noticias-da-diocese&Itemid=63.

Diocese do Gurué (2013a) – Boas Vindas. [em linha]. *Diocese do Gurué*. [consult. 13 Out. 2013] Disponível em WWW: <http://santoantoniogurue.blogspot.pt/>.

Diocese do Gurué (2013b) – Nauela: Visita Pastoral 09-12.09.2011. [em linha]. *Diocese do Gurué*. [consult. 11 Jan. 2014] Disponível em WWW: <http://santoantoniogurue.blogspot.pt/2011/09/nauela-visita-pastoral-09-12092011.html>.

MobileSoftJungle (2014) - Historial da taxa de câmbio Euro (EUR) e Metical de Moçambique (MZN) para o ano de 2013 - Yahoo Finance. [em linha]. *Conversor de Divisas em Linha*. [consult. 9 Jan. 2014] Disponível em WWW: <http://www.freecurrencyrates.com/pt/exchange-rate-history/EUR-MZN/2013>.

Moçambique – Lugares da nossa terra (2013) – Alto-Molocé. [em linha]. *Moçambique – Lugares da nossa terra*. [consult. 11 Jan. 2014] Disponível em WWW: <http://amimartins.wordpress.com/2011/08/13/alto-molocue/>.

Mozambique Embassy (2013) – Sobre Moçambique. [em linha] *Missão Permanente da República de Moçambique junto das Nações Unidas*. [consult. 5 Set. 2013] Disponível em WWW: http://www.mozambiqueembassy.ch/?Sobre_Mo%26%23231%3Bambique.

Policarpo, Z. (2012a) - Presença Dehoniana em Moçambique (1). [em linha]. *Província Portuguesa dos sacerdotes do coração de Jesus*. [consult. 13 Out. 2013] Disponível em WWW: http://www.dehonianos.org/portal/noticias_ver.asp?noticiaid=689.

Policarpo, Z. (2012b) - Presença Dehoniana em Moçambique (2). [em linha]. *Província Portuguesa dos sacerdotes do coração de Jesus*. [consult. 6 Jan. 2014] Disponível em WWW: http://www.dehonianos.org/portal/noticias_ver.asp?noticiaid=690.

Priests of the Sacred Heart (2012) – At the heart of the world. Presence [em linha]. *Priests of the sacred heart of Jesus – Official website of the Curia of the Dehonians*. [consult. 13 Dec. 2012] Disponível em WWW: http://lnx.dehon.it/en/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=117&Itemid=877.

World Tourism Organization (2013) - UNWTO Tourism Highlights, 2013 Edition. [em linha]. *Tourism Trends and Marketing Strategies UNTWO*. [consult. 23 Set. 2013] Disponível em WWW: http://dtxtq4w60xgpw.cloudfront.net/sites/all/files/pdf/unwto_highlights13_en_lr.pdf.

Zalala Beach Lodge (2013) – Música & Cultura. [em linha]. *Zalala Beach Lodge*. [consult. 11 Jan. 2014] Disponível em WWW: <http://zbls.org/pt-pt/musica-cultura/>.

ANEXOS

Anexo 1

A. Inquérito por entrevista sobre as condições de alojamento e de serviços prestados nas Casas Dehonianas

1º Conjunto: Alojamento e Gastronomia

1. Indique o nome da casa?
2. Esclareça a razão de ser deste nome?
3. Partilhe sucintamente a história desta casa?
4. Indique quantas pessoas (visitantes) podem ficar alojadas na casa?
5. Indique o número de quartos que a casa tem?
6. Indique a tipologia dos quartos existentes (individuais, duas camas, casal, camaratas, etc...)?
 - 6.1. Indique quantos quartos existem com casa de banho privativa e a sua tipologia?
7. Indique o preço da diária nas suas variantes:
 - 7.1. Dormida com pequeno-almoço?
 - 7.2. Meia-pensão?
 - 7.3. Pensão completa?
8. Indique o tipo de espaços comuns da casa (cozinha, sala de televisão, biblioteca, jardins, capela, etc.)?
9. Indique o preço do tipo de serviços prestados (lavandaria, restauração, *internet*, aluguer de viaturas, guias turísticos, serviços religiosos, retiros, serviço de fotocópia, outros)?
10. Indique os horários dos vários serviços.
 - 10.1. Horários de entrada?
 - 10.2. Horários das refeições?
 - 10.3. Horários do serviço religioso?
 - 10.4. Horários das Bibliotecas?
 - 10.5. Horários das Lavandarias?
 - 10.6. Horários de outros serviços que prestam?
11. Indique quais as redes móveis de maior cobertura nesta zona?
12. Em seu entender que outros atrativos tem a casa para oferecer ao turista (arquitetónicos, humanos, paisagísticos, experiência mística)?

13. Indique que tipo de turista gostaria de receber na casa?
14. Indique a capacidade máxima de serviço de refeições nesta casa (independentemente dos alojamentos)?
15. Indique a capacidade máxima para reuniões nesta casa (independentemente dos alojamentos e refeições)?

2º Conjunto: Comunidade dehoniana

16. Indique o tipo de atividades que podem ser propostas pelos dehonianos aos turistas que acolhem (existentes e por organizar)?
 - 16.1. Jardinagem/agricultura?
 - 16.2. Ensino?
 - 16.3. Explicações aos alunos que frequentam a biblioteca?
 - 16.4. Apoio social?
 - 16.5. Outras?

B. Inquérito por entrevista sobre o interesse turístico da região

1º Conjunto: Atrativos regionais

1. No seu entender quais são os atrativos regionais que tem condições para serem usufruídos pelo turista e que lhe permitam usar a casa como alojamento-base?
 - 1.1. Património construído colonial?
 - 1.2. Mercados e feiras?
 - 1.3. Experiência gastronómica?
 - 1.4. Aldeias / localidades típicas?
 - 1.5. Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais?
 - 1.6. Centros de artesanato?
 - 1.7. Eventos da comunidade local representativos da sua cultura?
 - 1.8. Eventos e festividades religiosas?
 - 1.9. Histórias e lendas locais?
 - 1.10. Património arqueológico – (ex. gravuras rupestres)?
 - 1.11. Parques naturais?
 - 1.12. Observação da flora e fauna?

- 1.13. Geoformas?
 - 1.14. Cascatas?
 - 1.15. Lagos?
 - 1.16. Montanhas?
 - 1.17. Praias fluviais?
 - 1.18. Praias marítimas?
 - 1.19. Passeios fluviais?
 - 1.20. Passeios marítimos?
 - 1.21. Pesca?
 - 1.22. Caça regulamentada?
 - 1.23. Causas ambientalistas?
2. Indique se há outras missões e localidades na região que considere adequadas para mostrar aos visitantes?
 3. Se a deslocação implicar uma dormida no exterior que tipo de alojamentos o turista pode usar nos locais que visita?
 4. Que outras atividades do dia a dia das pessoas pode despertar curiosidade no turista?
 5. Que atividades económicas predominam?

2º Conjunto: Meios de transporte

6. Indique que meios de transporte dispõe o turista para chegar à região?
7. Indique que meios de transporte dispõe o turista para chegar à casa?
8. Indique que meios de transporte público existem?
9. Indique que meios de transporte dispõe o turista para efetuar circuitos turísticos na região?
10. Indique que meios de transporte pode disponibilizar a casa para a atividade turística?
11. Indique o custo de utilização de todos os meios de transporte referidos?

3º Conjunto: Guias turísticos e outros serviços de apoio

12. Indique as possibilidades da casa disponibilizar guias-turísticos para acompanhar turistas?
13. Indique na região serviços de guias-turísticos exteriores à casa?

4º Conjunto: Turistas

14. Que tipo de procura turística existe na região?
15. Que contacto tem tido com os turistas?
16. O que mostrava aos turistas?
17. Em que medida receberia os turistas nas festas de família?
18. Em que medida receberia os turistas na sua casa?
19. Em que medida a comunidade dehoniana está recetiva a turistas?
20. Em que medida a comunidade local está recetiva a turistas?
21. Em que medida considera o turismo importante para o desenvolvimento local?

5º Conjunto: Sugestões para o desenvolvimento do turismo na região

22. Indique quais são os principais constrangimentos (obstáculos, dificuldades) para o desenvolvimento do turismo na região?
23. Que sugestões tem para o desenvolvimento do turismo na região?
24. Indique qual seria o produto-âncora que justifica a promoção de uma rota de turismo dehoniano?

6º Conjunto: Questão específica para a comunidade local

25. Que relação tem a comunidade local com os dehonianos?

7º Conjunto: Questões específicas para a comunidade dehoniana de Gurué

26. Que companhias de chá estão disponíveis para mostrar a sua produção e os seus processos de fabrico aos turistas?
27. Em que medida estariam dispostos a fazer um protocolo de cooperação entre a casa e as companhias de chá para a promoção e desenvolvimento do turismo?
28. Que contributos podem ter a Escola Básica Industrial, o Instituto Médio Agro Pecuário e as Oficinas na promoção do turismo na região?

8º Conjunto: Questões específicas para a comunidade dehoniana de Quelimane

29. Indique quais são as opções de transporte para a praia de Zalala?

9º Conjunto: Questões específicas para a comunidade dehoniana de Milevane

30. Aponte sugestões para projetos na propriedade do antigo seminário de Milevane?
31. Indique qual a possibilidade de fazer a ponte com as Irmãs do Amor de Deus para os turistas hospedados visitarem a sua escola e as suas produções?

10º Conjunto: Questões específicas para a comunidade dehoniana do Alto-Molocé

32. Aponte relações turísticas a estabelecer entre missões (como Mulevala) e reservas (como o Gilé) na região?
33. Indique quais são os projetos pensados para a Missão antiga?

11º Conjunto: Questões específicas para a comunidade dehoniana de Lichinga

34. Aponte relações turísticas a estabelecer entre vizinhas e entre reservas (Niassa) na região?
35. Indique quais são os projetos pensados para Lichinga em relação aos dehonianos?

C. Inquérito por entrevista sobre o Grau de Satisfação do Visitante

1º Conjunto: Identificação da casa e motivação da visita

1. Indique o nome da casa onde esteve e a duração da estadia?
2. Indique os meios pelo qual tomou conhecimento da casa?
3. Indique os motivos pelo qual esteve na casa e na região?
4. Indique o seu local de origem?
5. Indique a sua idade?
6. Indique o seu nível de escolaridade?
7. Indique o seu estado civil?
8. Indique o seu género?

2º Conjunto: Grau de satisfação

9. Alojamento, Gastronomia e Serviços

- 9.1. Como classifica as condições gerais do quarto, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.2. Como classifica as condições da casa de banho, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.3. Como classifica as condições dos espaços comuns de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.4. Como classifica as condições gerais de alimentação, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.5. Como classifica a qualidade dos serviços abaixo discriminados quando oferecidos pela casa, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

9.5.1. Atendimento

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.5.2. Higiene

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.5.3. Segurança de bens pessoais

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.5.4. *Internet*

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.5.5. Lavandaria

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.5.6. Informação sobre as atividades da casa em que pode participar

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.5.7. Informação sobre produtos turísticos existentes na região

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.6. Qual o seu grau de satisfação em relação aos horários dos serviços, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

10. Atividades oferecidas pela comunidade dehoniana

10.1. Em que atividades da comunidade esteve presente?

10.2. Qual o seu grau de satisfação em relação às atividades, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

10.3. Em que outro tipo de atividades gostaria de ter sido integrado?

11. Preço-oferta

11.1. Indique o seu grau de satisfação em termos de preço-oferta, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

12. Acessibilidades

12.1. Como classifica os acessos à casa dehoniana, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

12.2. Como classifica as condições de deslocação dentro da localidade, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

12.3. Como classifica as condições de deslocação entre localidades, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

13. Que sugestões pode dar que possam contribuir para melhorar a qualidade da casa e dos serviços prestados por ela?

14. Que diria a amigos e conhecidos sobre esta casa?

D. Inquérito por entrevista sobre o Grau de Satisfação do Visitante (Turista e Excursionista) sobre a região

1º Conjunto: Alojamento

1. Se nas suas deslocações na região ficou alojado fora da casa indique-nos onde?
2. Nos alojamentos anteriormente referidos, como classifica o grau de satisfação, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

2º Conjunto: Produtos turísticos regionais

3. Enumere os atrativos turísticos que conheceu fora da Casa?

4. Como classifica o seu grau de satisfação, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

5. Enumere outras missões que visitou na região?

6. Quais são os produtos turísticos que o atraíram para a região?

- 6.1. Património construído colonial?
- 6.2. Mercados e feiras?
- 6.3. Experiência gastronómica?
- 6.4. Aldeias / localidades típicas?
- 6.5. Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais?
- 6.6. Centros de artesanato?
- 6.7. Eventos da comunidade local representativos da sua cultural?
- 6.8. Eventos e festividades religiosas?
- 6.9. Histórias e lendas locais?
- 6.10. Património arqueológico – (ex. gravuras rupestres)?
- 6.11. Parques naturais?
- 6.12. Observação da flora e fauna?
- 6.13. Geoformas?
- 6.14. Cascatas?
- 6.15. Lagos?
- 6.16. Montanhas?
- 6.17. Praias fluviais?
- 6.18. Praias marítimas?

- 6.19. Passeios fluviais?
- 6.20. Passeios marítimos?
- 6.21. Pesca?
- 6.22. Caça regulamentada?
- 6.23. Causas ambientalistas?

7. Quais são os produtos turísticos regionais que agradaram mais?

- 7.1. Património construído colonial?
- 7.2. Mercados e feiras?
- 7.3. Experiência gastronómica?
- 7.4. Aldeias / localidades típicas?
- 7.5. Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais?
- 7.6. Centros de artesanato?
- 7.7. Eventos da comunidade local representativos da sua cultural?
- 7.8. Eventos e festividades religiosas?
- 7.9. Histórias e lendas locais?
- 7.10. Património arqueológico – (ex. gravuras rupestres)?
- 7.11. Parques naturais?
- 7.12. Observação da flora e fauna?
- 7.13. Geoformas?
- 7.14. Cascatas?
- 7.15. Lagos?
- 7.16. Praias fluviais?
- 7.17. Praias marítimas?
- 7.18. Passeios fluviais?
- 7.19. Passeios marítimos?
- 7.20. Pesca?
- 7.21. Caça regulamentada?
- 7.22. Causas ambientalistas?

3º Conjunto: Serviços

8. Guias turísticos e outros serviços

8.1. Se fez uso deste tipo de serviços indique o seu grau de satisfação em relação aos seguintes itens, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo:

5.1.1. Atendimento?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

5.1.2. Informações prestadas?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9. Saúde

9.1. Como classifica as condições de acesso à saúde, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.2. Como classifica as instituições de saúde e os serviços prestados, de 1 a 10, sendo 1 o valor mínimo e 10 o valor máximo?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

4º Conjunto: Sugestões para melhorar a qualidade do turismo na região

10. Que sugestões nos quer dar em ordem a melhorar a qualidade do turismo na região?

Anexo 2

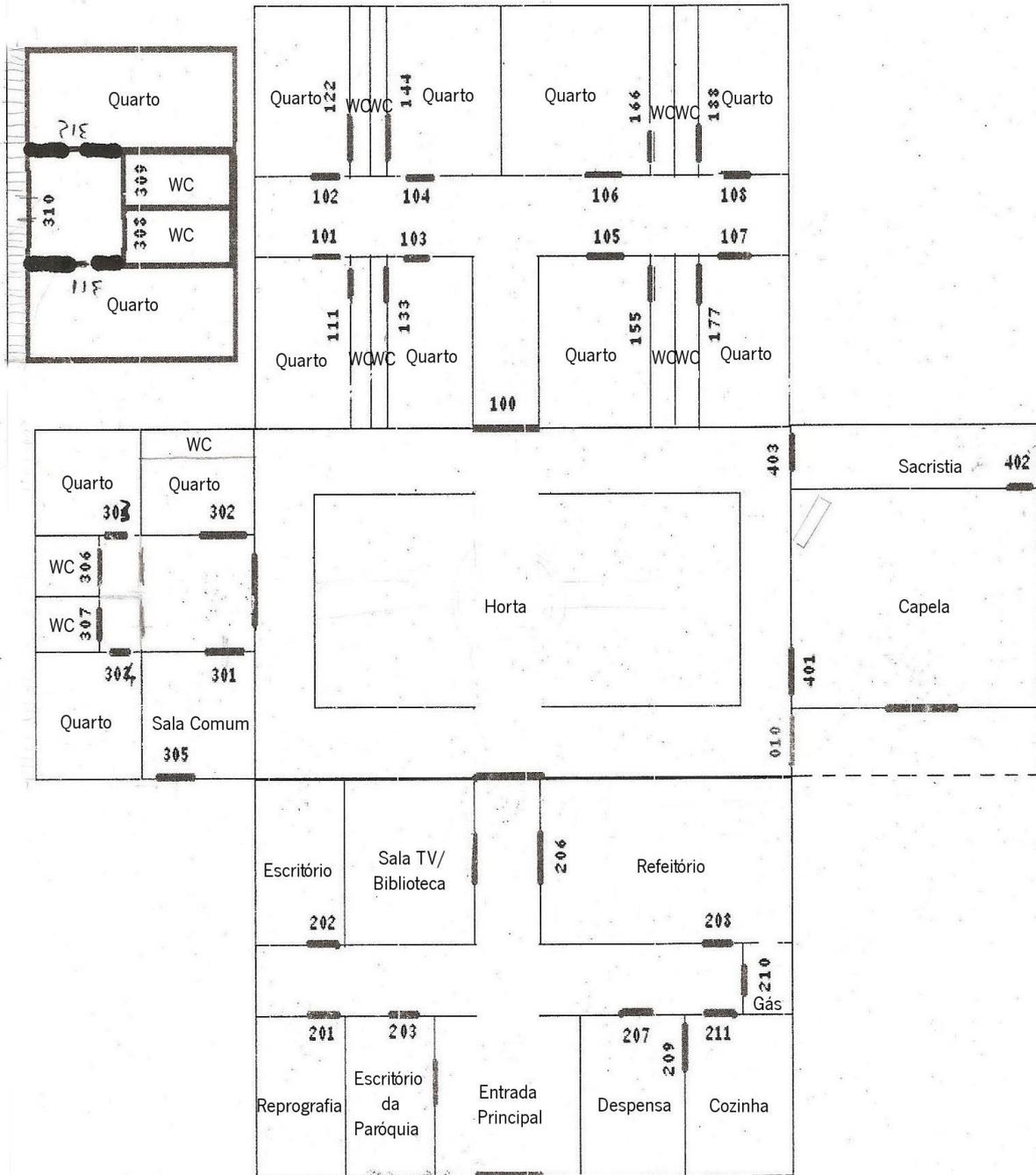


Fig. 47 - Plano da casa de hospedagem do Alto-Molucué
Escala e norte indeterminados

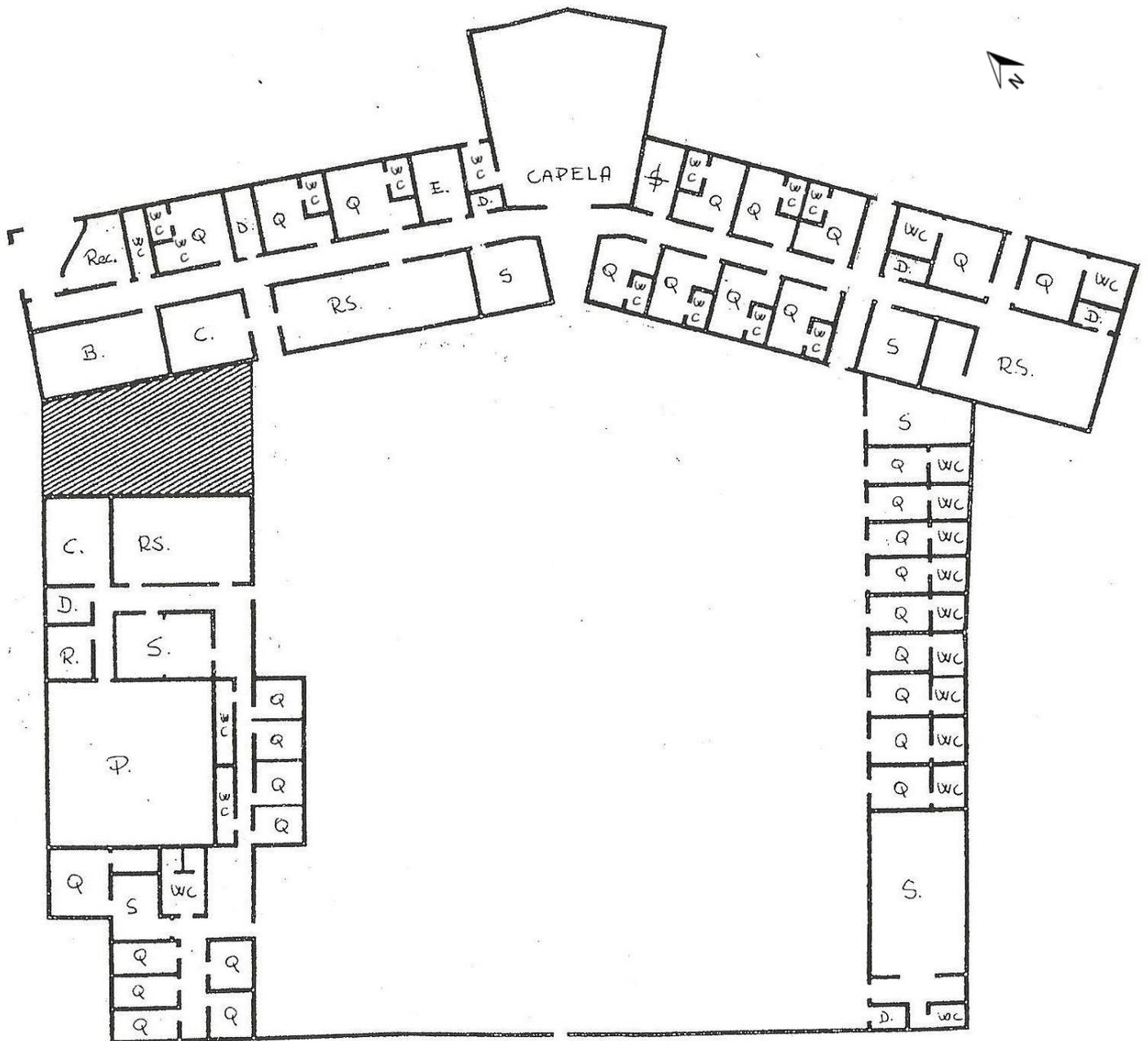


Fig. 48 - Plano da casa de hospedagem do Gurué

Escala indeterminada

Legenda:

- B - indeterminado;
- C - Cozinha;
- D - Despensa;
- E - Escritório;
- P - Pátio;
- Q - Quarto;
- R - Roupa (Lavandaria);

- Rec. - Recepção;
- RS - Refeitório;
- S - Sala;
- WC - Casa de Banho;

Nota: "S" no canto direito inferior corresponde à sala de reunião mais pequena referida no texto

Anexo 3

Tabela 30 - Quadro sinóptico das entrevistas

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo
A. Caracterização das casas dehonianas	A.1. Identificação das casas	Nome da casa	Comunidade Dehoniana. (S1); Centro dehoniano de Quelimane (S2); Centro de formação de Milevane (S3); Casa de hospedagem CPLD. (S4a); Casa dehoniana (VA1); Casa dehoniana do Alto-Molocué (VA2); Está alojado na parte dos padres. (VA4)
		Razão de ser do nome	Comunidade Dehoniana. Geralmente tem este nome, ou casa Padre Dehon. Tem a ver sempre com o fundador e a realidade comunitária. (S1); Faz parte do CPLD e é um complemento da atividade desenvolvida no centro. (S4a)
		História da casa	Esta casa tem raízes profundas. Começa com a chegada dos 4 missionários que vieram de Itália para evangelizar esta parte norte da Zambézia, de Lingolone. Estabeleceram-se em Malua, na missão antiga. Tiveram de se mudar para mais para a mata, a 5 km, em Mecuburi, depois da independência, construindo uma casinha para continuar a vida missionária. E depois lá, onde aliás o entrevistado chegou em 1994, conseguiram passar para a vila, porque estavam longe e a perder contacto com as pessoas. Procuraram um terreno e encontraram este. Foi oferecida a possibilidade deste terreno. Começaram a construir a casa em 2004, que acabou em 2006, e saíram de Mecuburi em meados desse ano, para morar nesta casa. Aquela primeira comunidade que a entrevistadora conheceu em 2008, só de italianos. O plano original mudou: tinham colocado garagem, armazém e tanque de água e preferiram colocar quartos de acolhimento de voluntários, que agora se tornou hospitalidade a pagar, o Bed and Breakfast. Essa modalidade só começou há 2 anos atrás. Os oito quartos que estão lá eram ocupados pela comunidade, esta comunidade sempre foi muito numerosa, mesmo quando saíram os italianos. Quando o entrevistado chegou eram 8 (padres de todo o lado), mais a Maria [uma voluntária]. E os guardas disponíveis eram 4, dois em cima e dois em baixo. Portanto esta forma de hospedagem, que foi empreendida como forma de autossustentamento económico, começou em 2010. O entrevistado chegou em janeiro de 2011. Mais à frente aumentou o número de quartos disponíveis porque foram saindo e morrendo elementos. De nove passaram para 3. Aquela garagem fora tem a lavandaria, a garagem mesmo e por dentro tem armazém e pequena oficina, com ferramentas para a manutenção dos carros e da casa. E depois ali criaram o salão para a casa dos hóspedes, onde iam tomar as refeições e também tinha uma televisão (que já não tem). Porém não era um bom ambiente, era feio, mas era o suficiente de manhã. Mas com a chuva entra água, já lá não os levam. Agora ao pequeno-almoço os hóspedes usam o refeitório dos padres, é mais simples. Também antes o cozinheiro tinha de andar a correr entre os dois sítios. Agora é tudo partilhado no refeitório. (S1); esta casa é a última ser construída. As missões começaram em 1947 e desenvolveram-se em 13 distritos ou localidades (nem todos são sede de distritos). E no fim viu-se a necessidade de instalar em Quelimane, ainda que não fosse zona de responsabilidade dehoniana, porque o apostolado devia ter uma casa para funções administrativas. Então, em 1964, começou-se a construção de uma pequena casa de residência, de uma escola grande de artes e ofícios, uma igreja depois chamada de paróquia da Sagrada Família, junto desta igreja um lar para estudantes para que das missões pudessem ser enviados aqueles que quisessem acabar o liceu, e também depois um centro de saúde e a maternidade. Em 1975, com a passagem para a independência, o governo pediu que todas as estruturas do ensino e da saúde passassem para a administração estatal. Então só ficou a igreja, uma casa antiga e a casa nova que é a atual residência. A casa antiga é do outro lado da igreja, onde está o pároco e os dois vigários. A igreja, na sua parte esquerda tem as escolas e o centro de saúde. Atrás dessas escolas tem uma residência de 7 quartos que era a antiga residência dos padres, ficou casa dos padres diocesanos. Atrás da igreja, ainda terreno da paróquia, paga-se aluguer da paróquia, está a biblioteca, o centro dos cursos e o centro sida. E está fora da administração dehoniana. Recebem aluguer daquilo que é terreno deles. Depois toda a parte do terreno e da residência que o bispo achava que devia pertencer à congregação, foi rodeada por uma vedação, então é muito claro onde devem tomar responsabilidades e onde já depende dos outros. Esta casa tem 10 anos como reconstrução. Porque na altura esta atividade missionária foi montada durante 50 anos, 1947 a 1998. Esta estrutura de 13 missões mais o centro. Na altura porém, dos 50 anos, todos sentiam que podiam ser independentes, não depender da Europa. Então, porém antes de fazer a separação, foram reestruturadas 5 residências, que pertenciam às 5 mais importantes. Esta foi uma das que entre 1995 e 1998 foi modificada e criada desta forma. Em 1998, em junho, foi declarada a separação de Portugal e da Itália, e já estava nas estruturas completas. Tem 14 anos portanto. As outras 4: Gurué, Milevane, Molocué e Nampula. Nampula ainda está a construir. São 5 grandes centros, depois há no sul, sendo as casas também novas. Sempre com o problema velho da utilização. Mesmo esta, com 22 quartos, é inutilizada. (S2); Foi o seminário de São Francisco Xavier antes da independência, e depois da nacionalização foi escola de professores durante uns anos. Depois foi ocupado pela guerrilha e ficou abandonado muito tempo, uns 12, 13 anos. Os dehonianos recuperaram com a paz, pensando num centro de formação no ministério da diocese. Ministérios dentro da comunidade, porque são muitas comunidades em volta. Depois, por causa das distâncias e do custo, não foi muito à frente, e quase parou neste momento. No início já era dos dehonianos. A propriedade era de um português, e abandonou, o que deu oportunidade de comprarem a propriedade, sempre em vista de abrir um seminário. Entre 1959, 1960, 1961, aqueles anos começaram pela aquela última casa que vimos. Já existia uma parte. Foi completada, depois construíram a casa onde os padres moram, e depois a outra do outro lado [a do alojamento]. Por isso, foi deles desde o início. E depois da nacionalização o governo não entregou. Depois da guerra entraram e o governo não disse nada, mas em si está nacionalizada. (S3); Fizeram a escolha de usar a casa porque era o sítio onde tinham o noviciado, onde havia moçambicanos que queriam ser padres dehonianos. Mas o grupo era muito reduzido e surgiu a opção de transferi-los para a comunidade de Milevane, a 60 km dali. E recuperaram a antiga casa do noviciado para a hospedagem porque viram que havia muitos pedidos de utilização de quartos para passar uma noite, encontros de grupos, etc. Há 2 anos que estão a exercer esta atividade, é uma boa receita para o autossustentamento e há mesmo muitas pessoas a chegar, mas não dá para dizer quantas, não há contabilização detalhada. Mas neste momento estão lá os da MCA, empresa portuguesa que está a asfaltar Gurué-Magige, e estão a ocupar 13 quartos todos os dias há quase três anos. E depois há sempre movimentação de pessoas a ocupar quartos por uma ou mais noites. Ainda hoje chega um grupo de 40 pessoas, vão ficar duas noites, e ainda refeições e mata-bicho. (S4a)
	A.2. Possibilidade de reconversão turística das casas	Sobre a possibilidade de alojamento	E convida-se a pessoa a comer, se ela quiser o que há na mesa, e logo se vê se fatura ou não, se paga ou não. Procura -se entrar numa boa relação com o cliente. Mas pensa que conta mais a atitude, mais que acolhimento, porque lá fora há um protocolo mais forte. Mas transmitem um sentido de fraternidade e cordialidade para com todos, este é percebido positivamente. Sentam -se à vontade a comer, partilhando o comer, o que houver, mas também não acredita que haja algum restaurante a fazer comida assim, internacional e tal. É assim. (S1); Porém esta casa como ocasião de negócios... todos dizem que são malucos por deixarem uma estrutura parada assim. Mas a organização deles não é vocacionada para os negócios. Se houvesse quem se encarregasse disso, que entregassem no final do mês o devido e o resto tratassem eles, então podia ser. Mas é difícil encontrar pessoas de responsabilidade. Mas já o fizeram no Maputo e têm rendimentos bons. Porque tem embaixadas, médicos, ... Estes até são bastantes responsáveis (S2); Também não têm a oficialização, um mínimo de participação às estruturas financeiras municipais, um alvará. É a primeira coisa que exigem antes de receber pessoas. A reestruturação, vistoria, definição de custos e impostos financeiros. Neste momento não há nada porque os residentes dizem que se houvesse duas pessoas disponíveis só para esta atividade, muito bem. Mas eles estão sobrecarregados, não têm tempo. Têm o dia ocupado entre as 4h30-17h até às 21-22h da noite. (S2); Se esta casa fosse receber visitantes e a casa estivesse organizada de outra forma, já

			<p>dissemos várias vezes, a casa é fácil em dividir a metade, de cima a baixo, tem entradas e saídas dos dois lados. Mas é um pouco a preguiça de mudar, principalmente o médico, que tem um horário sobrecarregado e diz que não pode andar atrás das pessoas, tem muito que fazer. Então ficam apreensivos, não querem causar problemas, não vale a pena. Mas mais cedo ou mais tarde será. Porque têm a uns minutos a pé a universidade católica, já tem 800 alunos e pode ter até 5000 alunos. Outras estruturas estão já a surgir, estruturas bonitas. Por exemplo os capuchinos fizeram 10 pequenos apartamentos para professores, são bonitos. (S2); Mas houve sempre dificuldade a hospedar estudantes como se pensava, isto é, com pequeno aluguer, com uma estrutura mínima, podia-se dividir a casa e receber estudantes que estavam a pedir. Os residentes sempre foram bastante frios. Aumenta muito o trabalho, o cuidado, a preocupação. Então não... se as pessoas que estão ali não acham necessário ter lucros se possíveis, mais vale deixar tudo como está e acabou. (S2); Mas não se faz nenhuma despesa neste momento porque não se vê o caminho desta casa ou como será utilizada. E porque já acarreta custos grandes o mantimento desta casa. (S2); um grande pomar, que podia ser usado como jardim se fosse uma casa de hospedagem para pessoas de idade, ou uma escola, ou um lar de estudantes, sempre se pensou em fazer um bonito jardim, mas para isso são precisos dois trabalhadores constantemente para flores, limpar as passagens, isto tudo. (S2); Gostariam que o ambiente ali do noviciado ficasse bastante preservado. Acham que era possível continuar o noviciado. E depois ocupar só aquela casa lá. Pelo menos por enquanto. Vale ter os padres por perto, se uma pessoa vem em turismo religioso. Também porque têm ali o cemitério, que os liga ao lugar. Escolheram este lugar como cemitério. Porém, se saírem, não vão muito longe, precisam ir ali à missão. Gostariam por lá um padre ou dois para recuperar o ambiente e animar um bocadinho a partir de lá. Pessoalmente, como ideia, a casa para eles é uma despesa grande, ele sempre disse que mais valia vender e sair dali, que a despesa diminuía. Mas já há muito tempo, é sempre preciso fazer uma manutenção mínima destes grandes estruturas. Há janelas podres, as madeiras foram feitas de madeira verde e com água e sol apodrece. Era quase preciso refazer as janelas e os quadros da janela. São anos que não se faz nada. À primeira vista apresenta-se bem, com uma pintadela ficaria bonita. Porém, tem água, muita água. Porém, a canalização é de 1960, funciona sim, mas... e os quartos de banho também... funciona, mas quem vem quer encontrar um ambiente minimamente. Pode aceitar algumas restrições, sabendo ao que vem, porém... é um ambiente bonito, mas... [é preciso equacionar bem] (S3); Mas se vier o turismo, não devem voltar só as despesas, devem também voltar as despesas da casa, da estrutura e do pessoal que está empenhado aqui dentro. Também nesse caso entrará a província, e poderão ficar ou outros como gestores. Mas como têm uma caixa comum, era dinheiro que deveria sair de lá para arranjar, e, evidentemente, tem de regressar lá para isso. Não é uma pessoa só a decidir, é um grupo. (S3); Precisam de um ambiente, não diz exclusivamente deles, mas minimamente. Na mesa as conversas são demais. Por isso, era preciso que os padres vivessem num lado e os hóspedes no outro, pelo menos quando é contínuo. Se for só alguns dias e pouca gente, podem estar do lado dos padres, faz bem para todos. porque se não for assim, durante vários anos, uma comunidade não fica bem, fica em água. (S3); Do ponto de vista humano, pode ser partilhar um pouco do estilo de vida dos padres. Mas claro que se são dois ou três, partilham das suas vidas, ver os defeitos e as virtudes, mas é mais difícil se forem grupos grandes. (S3); A ideia é saber qual a perspetiva, os planos em relação à hospedagem, para o futuro: até agora não tem nenhum plano grande. Só sabemos que não é esse o nosso objetivo. Estão a fazer hospedagem porque a casa que agora é de hospedagem neste momento era do noviciado. Foi “desencontrada” e concebida como casa para os anciões da comunidade. Ao verem que a casa era maior, na altura só estavam alguns noviços, pensaram em usar a casa, para não se estragar, para hospedagem. Quer dizer que se no futuro virem que a casa serviria para os anciões, voltará ao seu propósito inicial, de ser casa de anciões. Mas agora estão a pensar em construir do outro lado mais quartos para aumentar a capacidade de hospedagem. Como perspetivas de melhorar os quartos é aquilo que os clientes querem de nós, hoje em dia todos querem camas de casal, TV no quarto, internet, ... são aquelas coisas que ainda estamos a estudar para ver se podem efetivar os pedidos. Agora dentro desta casa estão a fazer mais a alimentação. Estão neste caminho na medida em que for possível. O mercado é dinâmico, pode acontecer que amanhã alguém apareça e construa um complexo turístico no Gurué e os padres podem vir um dia a fechar. (S4c); Nem mesmo se surgisse alguma coisa melhor estudada no caminho de aumentar a hospedagem, qualquer coisa relacionada com turismo, não tanto o que se tem feito, com pessoal de trabalho: bom, se há alguma coisa estudada para nós, não haveria algum problema. É uma coisa que no futuro estarão só moçambicanos e provavelmente ajudaria continuar no caminho da hospedagem. É sempre mais uma via uma proposta estudada e uma proposta já dada. Quem sabe se não poderão continuar como estão, porque de momento estão com problema de pessoal que pode ficar, só são três. É preciso alguém que goste e faça a parte de turismo, de hospedagem. Se no futuro virem que não vale a pena mudar os noviços de Milevane para aqui, fica aquilo assim, não há problema. Pensa que vai dar resultados. Também é preciso avaliar a concorrência; se aparece alguém com um complexo turístico, já que os clientes os conhecem, vão ter de melhorar, para os atraírem. (S4c); Pastoral: boa coisa, porém há só saídas, não há entradas. Como manter um lugar como este, agora a visão é outra. É preciso ir ao povo, por isso é que formaram centro de formação de catequistas. Esta casa podia servir para outros efeitos, porque a pastoral não é suficiente para manter a casa. Mesmo quando chegam pessoas de fora para a formação, são os padres da casa que procuram recursos para as manter. E a condição económica de Moçambique e do resto do mundo é problemática, precisa cada um de trabalhar para se manter. Como o antigo noviciado no Gurué. A ideia em si é bem vinda. Talvez é necessário levar tempo. E uma solução a meio termo – os padres manterem-se nesta casa enquanto a outra serve para alojamento? Sim. Mesmo os padres estão a lutar. Esteve no ano passado em Maputo numa universidade onde falou sobre isso e eles disseram que queriam ver o lugar para fazer uma parte de uma faculdade; porque deixar um navio parado não faz ferro, só ferrugem. Ele pessoalmente pode dizer que a ideia estava bem vinda, se é uma coisa séria. Na verdade haveria novidades como mudando de uma casa religiosa para de turismo. Porém, aceitarmos as novidades. Há 20 anos atrás nem podiam entrar, estava tudo em ruínas. É preciso andar para a frente, que haja algo novo para o bem do povo. (HL30); O número de turistas que podiam ser hospedados seria de 70 ou 80, tal como no Gurué. Há muito espaço para tal. Tem muito espaço e não é usada. Ali foi muito dinheiro que foi gasto, é preciso valorizar. Já houve alguma altura em que estivesse tudo cheio? Só na altura do seminário. Mas depois, enquanto escola de professores, esteve na mão do estado. E depois da guerra nunca ficou cheio. Se vem um grupo de catequistas é diferente, a forma de pensar é diferente, do hábito que existe vem e não deixa nada. O contrário vem para receber, e isso. A vida pastoral recebe alguma coisa mas é a realidade. Para manter é preciso um trabalhador e este precisa de receber. Podemos fechar o óleo, mas o trabalhador não fecha o óleo. (HL30)</p>
	A.3. Equipamentos da casa	<p>Capacidade máxima de alojamento da casa (unidades de registo)</p> <p>Capacidade máxima de alojamento da casa (descrição)</p>	<p>5 quartos livres para hospedagem (13 quartos no total, mas 8 reservados à comunidade) (S1); . No máximo, nas reuniões, estão 15 a 17 pessoas na casa. (S2); Cerca de 60 pessoas; só que como está cabem umas 40 pessoas; se for um alojamento mais informal, dá para mais (S3); 60 pessoas. (S4a); 70 ou 80 (HL30)</p> <p>A comunidade tem disponíveis 8 quartos, sendo 3 ocupados e ficam 5 livres à hospedagem; depende, no ano passado ficava um para os voluntários e houve um padre que saiu. Havia quartos destinados à hospedagem, mas ultrapassou-se o âmbito de quartos de hospedagem versus os quartos da comunidade. Quando têm os quartos livres, vão alugar. Têm uma regra de deixar um quarto livre para acolher algum padre que chegue à última da hora. Se contarmos os quartos dão 13. 8 (originalmente da comunidade; a ala oposta ao refeitório, com prioridade para a comunidade) mais 5 (hospedagem; são os 3 abertos em baixo mais uma sala polivalente e em cima mais dois, com AC). A prioridade da casa é a comunidade, o acolhimento dos seus, dos padres, dos amigos, dos familiares, a hospitalidade gratuita, não é a hospedagem. Se chegar às 20, 21 horas um grupo de 7 ou 8 pessoas, vão colocar em qualquer lado (S1); A capacidade é limitada, é um ambiente familiar, para acolher grupos... podem viver bem com 15 pessoas, a contar com a comunidade. Tem 13 quartos. Com 15 pessoas é viável logisticamente. Todos têm wc, como esta entre cozinha e refeitórios. (S1); Quantas pessoas podem ficar alojadas na</p>

		<p>casa: pensa que 60. Alguns quartos singulares, noutros duas, três pessoas. Se são casais, pode-se pôr duas camas em todos os quartos com facilidade. Ou se se quer arranjar turismo, não é difícil arranjar camas de classe [?]. De forma cómoda, à volta de 60 pessoas. Só que como está cabem umas 40 pessoas, depois seria preciso aproveitar estas aqui [os quartos que estão no primeiro edifício, a ala extra e o primeiro andar]. Então as 60 são só naquele edifício? Depende como nos pomos... depende que grupo é. Se poem beliches... alguns estão naquela casa anexa onde pode caber uma família. Pondo beliche evidentemente multiplica-se. Depende de quem vem. Se são jovens é uma coisa, se são adultos, a coisa não dá não. (S3); O número de turistas que podiam ser hospedados seria de 70 ou 80, tal como no Gurué. Há muito espaço para tal. Tem muito espaço e não é usada. Ali foi muito dinheiro que foi gasto, é preciso valorizar. Já houve alguma altura em que estivesse tudo cheio? Só na altura do seminário. Mas depois, enquanto escola de professores, esteve na mão do estado. E depois da guerra nunca ficou cheio. Se vem um grupo de catequistas é diferente, a forma de pensar é diferente, do hábito que existe vem e não deixa nada. O contrário vem para receber, e isso. A vida pastoral recebe alguma coisa mas é a realidade. Para manter é preciso um trabalhador e este precisa de receber. Podemos fechar o óleo, mas o trabalhador não fecha o óleo. (HL30)</p>
	Número de quartos (unidades de registo)	13 quartos (S1); Tem 22 quartos. Disponíveis uns 15, sempre prontos (S2); Singulares com wc são 17 na outra casa. Os outros não sabe. É preciso contar. (S3)
	Número de quartos (descrição)	Tem 22 quartos. Disponíveis uns 15, sempre prontos para quem pudesse passar. (S2); Singulares com wc são 17 na outra casa. Os outros não sabe. É preciso contar. Por agora há singulares e duas camas. Por agora quando vem um grupo pequeno, entre 2 e 5, hospedam nesta casa, com os padres. Ou depois depende, se quiserem fazer uma escolha só para isto, com uma pequena comunidade dos padres e o noviciado ir para outro lado, é claro que o primeiro andar desta casa ia... Por agora é assim. (S3)
	Tipologia dos quartos existentes	Há quartos com uma cama, há com duas e há com três, no piso de cima. Em geral, 90% dos casos, o quarto é ocupado por uma pessoa. Os quartos de cima têm um com 3 camas e outro com 4. Os de baixo (os 3 da ala onde a entrevistadora ficou) têm todos duas camas. (S1); Os quartos são de duas camas: podem ser todos apetrechados com beliches ou duas camas. Depende muito das funções que podiam ter estes quartos. Atualmente, como o grupo é pequeno, só tem uma cama. No máximo, nas reuniões, estão 15 a 17 pessoas na casa. Não vale a pena acumular pessoas quando não é necessário. Todos os quartos têm casa de banho. (S2); Singulares com wc são 17 na outra casa. Os outros não sabe. É preciso contar. Por agora há singulares e duas camas. Por agora quando vem um grupo pequeno, entre 2 e 5, hospedam nesta casa, com os padres. (S3); 12 de casal e wc privativo. 16 solteiro e wc privado. 9 com wc fora. Camaratas com 4 camas, 5 camas, 6 camas. Isto cativa muitos clientes, na medida em que permite alojar quem não possa gastar muito dinheiro.(S4a)
	Condições gerais do quarto (classificação)	9 (VA1); 7 (VA2); 5 para ela e 6 para ele (VA3); 7 (VA4); 8 (VA5)
	Condições gerais do quarto (Indicadores)	Falta a componente do ar-condicionado, há ventoinha, mas por razões de saúde (sinusite) não é o mais adequado. (VA1); porque uma boa parte das vezes é preciso recordar às pessoas para limpem os quartos, enquanto nos outros lugares é só deixar as chaves que alguém limpa o quarto. (VA2); foram para um quarto com os amigos que está bem, mas para ela os quartos ficam-se pelo 5. Para ele 6. Ela pensa que para um quarto de 900 meticais para uma pessoa a cama e o quarto são pequenos Parece caro para o quarto que é. Ela pensava que seria maior para o preço, que seria algo mais. E os quartos de 4 camas, de 200 meticais, são demasiado simples, sencillo. Eles são simples, não custa muito, mas um pouco mais. (VA3); 7, os 3 pontos que perdeu são do WC. Quarto para dormir, tem a ver com o preço. O lugar para dormir está muito bem, mas no wc tem de fazer um trabalhinho. Tem de trocar o lugar que senta na tolete, é como uma esponja, o que não é higiénico. E a área do chuveiro, também não está bem. A cortina do chuveiro tem um pouco de mofo, de fungos. Para lugares budget, pode fazer coisas budget, mas fazer limpinho, bonitinho. Tem de investir, não precisa de ter melhor cortina, etc, coisas básicas, mas que deixem uma ideia de higiene e cuidado. Ele é muito particular com coisas de WC, e por isso dá 7. (VA4)
	Quartos com casa de banho privativa	Todos os quartos têm wc privativo (S1); Todos os quartos têm casa de banho.(S2)
	Condições da casa de banho (classificação)	10 (VA1); 8 (VA2); 6 (VA3); 8 (VA5)
	Condições da casa de banho (indicadores)	Tendo em conta que estamos num distrito (VA1); porque tem loiça sanitária razoável, tem equipamento para a sua utilização (sabão, papel) e tem água com pressão, e quente e fria, muito raro de encontrar nos distritos. Fora esta limpeza que não se encontra nos dias seguintes, pensa que está num bom nível, o 8 é merecido. (VA2); Porque estão limpos, os duches são um pouco pequenos. Faltam coisas, como uma saboneteira, alguma coisinha que permita estar mais cómodo no duche. (VA3); [...] no wc tem de fazer um trabalhinho. Tem de trocar o lugar que senta na tolete, é como uma esponja, o que não é higiénico. E a área do chuveiro, também não está bem. A cortina do chuveiro tem um pouco de mofo, de fungos. Para lugares budget, pode fazer coisas budget, mas fazer limpinho, bonitinho. Tem de investir, não precisa de ter melhor cortina, etc, coisas básicas, mas que deixem uma ideia de higiene e cuidado. (VA4)
	Espaços-comuns (unidades de registo)	Estão no plano, é só acrescentar a lavandaria. (S1); biblioteca, várias salas de estar, duas capelas, garagem, oficina, aquele espaço para os carros, um grande pomar (S2); Cozinhas, bibliotecas, sala de tv, duas capelas, 4 salas de reuniões, dois refeitórios, 3 cozinhas (S3); Cozinha, sala de televisão, jardins, capela, biblioteca (está alugada à UCM). (S4a)
	Espaços-comuns (descrição)	Biblioteca no 1º andar (particular, comunitária), no rés do chão têm uma sala de estar e refeitório que tem capacidade de 300 pessoas, em 3 fileiras de mesa. Ou duas rodas de cadeiras, com um self-service no meio. A sala de estar é um pouco incómoda: é sala de estar, refeitório e acolhimento de 4,5,6 pessoas quando há um pequeno grupo. É a que se apresenta bem. As atuais salas de estar são buracos que não servem. Quando chega um médico ou bispo é tudo lá dentro, porque está-se melhor. Mas não se faz nenhuma despesa neste momento porque não se vê o caminho desta casa ou como será utilizada. E porque já acarreta custos grandes o mantimento desta casa. Tem duas capelas, duas estruturas com ambiente para rezar... a segunda [a maior], aquela com pinturas surgiu como lembrança, como demonstração de gratidão a um grande pintor que trabalhou 40 anos em Moçambique, e que agora faz restaura na Itália. Na altura dos 50 anos, pediram uma obra da sua competência, da sua lembrança. Ele disse que gostava de uma sala onde pudesse fazer uma pintura de tipo religioso. Surgiu então esta ideia que porém é fora da casa. É uma estrutura que foi muito custosa. Normalmente as orações são feitas na outra, muito mais cómoda e silenciosa, a outra é mais próxima da estrada e mais barulhenta. Depois só tem mais a garagem, oficina, aquele espaço para os carros, um grande pomar, que podia ser usado como jardim se fosse uma casa de hospedagem para pessoas de idade, ou uma escola, ou um lar de estudantes, sempre se pensou em fazer um bonito jardim, mas para isso são precisos dois trabalhadores constantemente para flores, limpar as passagens, isto tudo. Agora utilizamos para cultivo de relvado para coelhos, que são muitos. (S2); Cozinhas, bibliotecas, sala

		de TV (é pequenina, só dá para a comunidade; se houver turismo é preciso adaptar uma das salas na outra casa), duas capelas (uma em cada casa: uma usa-se sempre pela comunidade e a é a grande, usada quando vêm grupos grandes, de 30, 40 pessoas), salas de reuniões (uma grande nesta casa, maior que alguma das que está no outro lado, com uma acústica não tão boa; a capela grande também usam como sala quando há um numero maior, mas é usada raramente), dois refeitórios (só um é usado, o desta casa, e o grande na outra), 3 cozinhas (a grande no rés do chão da outra casa, a outra no andar de cima e a usada pelos padres). E quanto a salas de reunião, as 3 que estão nesta casa e algumas até estão fechadas também podiam ser salas de reunião, por isso seriam aquelas 3 e esta grande (também neste edificio). (S3);
	Condições dos espaços comuns (classificação)	10 (VA1); 9 (VA2); 8/9 (VA3); 9 (VA4); 6 VA5)
	Condições dos espaços comuns (indicadores)	Garante-se o bem-estar nesses espaços sem problemas, não há uso de álcool, música alta. Garante o conforto do próprio hóspede. (VA1); porque temos uma sala de refeições em que às vezes são convidados a fazer parte das refeições com os donos da casa. E geralmente é um grande momento para conversa e aprendizagem, e sente-se um grande apoio por parte dos donos da casa. Pensa que é uma questão muito importante de louvar a esta casa. Fora as mesas e os talheres, o calor humano que têm proporcionado supera qualquer elemento físico da sala. Não é 10 porque temos este espaço de TV só com um canal [moçambicano], só uma TV com comando e que quando há mais de um hóspede fica complicado ver o que se quer. Se tivessem TVs nos quartos, mesmo sem tantos canais, era mais tranquilo para quem quer privacidade e ver o que quer. (VA2); muito bem. Os jardins muito bonitos, os passeios limpos, é muito muito agradável. Há noite há um odor no jardim... São os jardins. Estão muito cuidados, limpos, tranquilo. Eles gostam. Quanto aos outros espaços, ontem chegaram e à tarde foram caminhar, ver a cidade e não viram muitas zonas comuns. Depois de jantar não viram muito, mas o que viram gostaram muito. Quanto a outros espaços dentro do alojamento, como o refeitório, estes espaços aqui no Centro. Bem, muito bem, comeram bem. (VA3); muito bom. Tudo muito limpo (VA4)
	Higiene (classificação)	10 (VA1); 7 (VA2); 6/7 (VA3); 7 (VA4); 10 (VA5)
	Higiene (indicadores)	10 (tendo em conta que estamos num distrito); a água tem tendência à turvacidade mas higiene é boa. (VA1); a questão da falta de limpezas diárias (VA2); habitação bem. Alguma coisinha, nalgumas coisas não havia muita limpeza, mas no geral, bom. (VA3); muito bem, muito limpo. Tudo. E na cozinha entrou e não viu falta de higiene. Acha que para lavar a loiça está a faltar uma esponjinha nova, tem uma muito velhinha já. Isso também fica sempre de olha aberto, em casa ou onde estiver. Isso não custa nada. Ter as coisas para a limpeza. Por exemplo, no wc, o negócio para limpar a sanita, a escova, está muito velha, o que dá um aspeto sujo e deteriorado. Na cozinha é a mesma coisa. Tem de ter aquelas coisas novinhas, é barato, comprar logo um conjunto de esponjas. Recomenda onde for que é preciso ter cuidado com essas esponjas, que quando se cozinha por exemplo frango que ele pode transmitir salmonela, isso é delicado. É recomendado usar duas, uma mais usada e mais reciclada para o que está ligado aos alimentos e outra para outras coisas, para evitar contaminação. Mas nunca deixar uma por muito tempo. A esponja é uma das coisas mais sujas da casa, mais até do que as sanitas e outros elementos. [pode estar relacionada com usarem as coisas mais, e deitarem menos lixo e menos vezes; os estrangeiros produzem mais lixo que os locais]. É uma coisa... o turismo é muito de percepção. Se formos fazer turismo com a família, ou ela é que visita, eles nunca vão ver nada de errado, cresceram com os mesmos costumes e tudo o mais. Mas turista pode vir de qualquer parte do mundo e turista que vai ter inevitavelmente vem dos países ocidentais. Ele vai pedir algumas coisas básicas como essa. Ainda que por tradição não o faça, para poder ter esse turista contente vai ter de fazer ainda e ter em conta isso. Ajustar, acomodar a isso. E em termos de custo não alteraria maiormente o orçamento de operação do lugar budget. (VA4)
	Segurança de bens pessoais (classificação)	10 (VA1); 10 (VA2); 10 (VA4); 8 (VA5)
	Segurança de bens pessoais (indicadores)	Pensa que a casa é muito segura e oferece confiança às pessoas. Uma vez estava a chover e tinha descido do carro e caiu a carteira ao chão. Não se apercebeu, era de noite. Os guardas entregaram a carteira ao padre Carlitos e ele ao entrevistado. Não faltava nem dinheiro nem documento. Pensa então que não é só o facto de ter guardas que velam pelo edificio, mas também pela atitude das guardas e das pessoas que vivem aqui. De honestidade. Eles conseguem transmitir esta imagem de pessoas honestas que não estão interessadas em bens alheios. Deixa bens no quarto, mesmo com a chave na porta, vai e ficam o dia todo, até voltar no período da tarde, mas está seguro que há de encontrar as coisas, porque eles inspiram esta segurança nos hóspedes. (VA2); é seguro. Têm chave. Bem. Têm estado muito tranquilos, não têm visto muita gente de um lado para o outro. Não têm visto mais que os outros que também estão hospedados, eles os dois mais dois amigos que estão hospedados com eles. (VA3); Tem uma chave do quarto e sempre costuma fechar as coisas, não as deixa fora. Nem na sua terra, nem na Suécia, onde morava antes. Talvez seja de onde vem, da Nicarágua, onde costumaram fazer isso. Mas a segurança é boa, não percebe problemas de segurança. (VA4)
	Outras informações sobre as condições	Têm sempre um guarda, de dia e de noite, podem ir à vontade. (C.a.) (S1); Há Ar Condicionado em três ou 4 lugares – a igreja lá ao fundo, o escritório aqui em cima e a residência/apartamento do provincial. (S2); Então quando se chega a este centro dehoniano de Quelimane, costumam observar a manutenção – é muito deficiente. Todas as partes exteriores, o telhado está quebrando. É material não bom. Todas as caleiras deitam água, e já começaram a deitar dentro dos quartos. A estrutura não foi acabada. A janelas por exemplo. Mantiveram as janelas de estrutura antiga, enferrujadas, com substituição de rede de 2ª, 3ª, 4ª mão. Estruturas de madeira deficientes, uma está a abanar, outra a cair. Então eles também dizem que é uma estrutura que precisará de muito cuidado. Algo muito vantajoso que foi pedido por muitas organizações é a segurança. Tendo uma recensão (?) muito forte e confins limites com outras propriedades onde há guardas noturnos, duas grandes organização de alcatroar as estradas, vinham, propunham de assumir uma parte grande da casa e iriam retribuir. Mas sempre houve um pouco de reservas, porque seria agitar um pouco a vida das pessoas, principalmente do médico que diria: pronto, começam a chegar pessoas, a querer falar, tenho o meu horário e programa. Se alugam a casa, prefere alugar uma pequena casa para estar mais à vontade. Mas a estrutura em si é um pouco fraca, acabada. Deita muita água no período chuvoso mas no período seco nada, dizem que é uma casa maravilhosa, é só pôr AC, mas quando chega a chuva é um sofrimento grande. (S2); O governo implicaria se houvesse algum tipo de obra, alguma construção: avisar seria bom, mas até agora o governo interessou-se nas cidades e em volta das cidades. Os terrenos e as casas, se houver algum projeto, constrói-se e não se pede nada a ninguém. Claro que se é um edificio é melhor pedir porque as leis existem (praticamente as portuguesas, que continuaram) e se querem fazer histórias têm um papel a dizer que se devia ter feito de outra forma. Avisar é bom, e ter uma licença é necessário, mas em si não fazem problemas. (pergunto pelos problemas que causaria na casa de Maputo) Ali nem por um pedacinho de ferro a mais. Nem dentro, então fora... são as leis que sempre existiram e vale para todo o país. Mas interessam-se mais se for em Maputo, e mesmo no Gurué. Se começa-se a construir, começam a fazer histórias, paga-se a multa,... (S3); Quando se fala em questões turísticas, é um pouco cedo por falta de energia elétrica, mas está a chegando, está a 12

		<p>km de cá, com o andar dos tempos vai chegar, pode criar um bom impacto para tal. (HL30)</p> <p>Sugestões para melhorar a qualidade da casa e dos seus serviços</p>	<p>Se houvesse procura, a casa estaria disponível a ter algumas dessas coisas: eles podiam tirar fotografias e criar postais, e dar à disposição, não seria problema. Porque, a partir de um postal, facilmente as pessoas quando chegam cá, sabem onde devem ir. Podem até saber que existem certas coisas, mas sem imagem fica complicado. (S4c); Não há mais algum aspeto sobre os recursos humanos que não tenha sido falado e possa ser importante: [expliquei o que trata a tese; que inicialmente reverte para os padres, mas estes ajudam a comunidade e o turismo beneficiaria a comunidade local]. De facto os padres têm ajudado muito o distrito, nessa parte de alojamento, é de louvar, todos reconhecem. Todas as grandes individualidades ficam lá. Se aumentassem um pouco a capacidade seria melhor, porque têm muitos visitantes e os quartos lá são limitados. E eles é que oferecem boas condições, qualidade. Se aumentassem sentia que era melhor. (HL22); Seria bom que a ideia fosse à frente. E talvez fazer publicidade na internet, porque ainda não se fez nada. (talvez tendo as coisas melhor pensadas. Mas é uma ideia, talvez até vender o conjunto) Sim, o panorama de Milevane, mostrar as casas. (...) Que faça publicidade, não só pela tese e não só para turismo. (HL30); No geral as condições são aceitáveis, só referência ao problema do AC, mas não é mandatório, considera-se a questão da capacidade de aquisição. (VA1); expandir a rede <i>wireless</i> pela casa; difusão dos serviços da casa de certeza que atrai gente que gosta de calma e de sossego. Há já muita gente que conhece a casa, principalmente parceiros de saúde, que pelo trabalho cansativo exigem descanso com conforto, qualidade e sossego e procuram sítios mais cómodos. (VA1); Sugestão de proporcionar as outras refeições, mesmo que cobrassem para não ser preciso tomar refeições fora. De notar que em situações de aperto de tempo, os padres ajudam. (VA1); Salienta que é o melhor sítio, espera difusão dos serviços e a preferência foi sempre em relação a esta casa. (VA1); limpeza de rotina, diária (VA2); informação, um cartaz à entrada, no cruzamento, com a direção da casa. Informação das coisas turísticas que se podem fazer por aqui. Os banhos, que podiam ser mais completos, limpos, com toalhas, sabão. Não se gasta dinheiro, uma pastilha de sabão. No duche não há onde pôr as coisas, ou estão na mão ou assim. Os preços, foi preciso saber junto do padre Ilário, falta uma tabela com os preços de todas as opções: habitação simples, dupla, não há carteis de informação. Mais informação no geral: o que se pode fazer na região, das instalações, não tem informação. (VA3); investir na iluminação, com uma parceria com o governo, distrito, para iluminarem um pouco aí a rua. Porque as pessoas dizem que é seguro, mas pode cair num buraco e partir o pé. Pelo menos entre a estrada e isto aqui que serve de hotel para turista. Se é seguro vai querer sair para comprar qualquer coisa na mercearia aí, e se já não tem sol fica difícil enxergar. (VA4); Pergunta às pessoas se têm mail ou facebook por curiosidade e as pessoas não têm cibercafé. Os padres poderiam ter uma coisa dessas. Tendo os turistas, eles vão ser os primeiros clientes. Mas também os garotos aqui do povo, da comunidade. É bom eles terem uma possibilidade de se ligarem ao mundo e poderiam se procurar parceiros. Isso está na moda, procurar parcerias entre públicos e privados, e tem um monte de empresas grandes aqui que vão ter sempre muito pessoal que vai estar vindo e vai estar interessado em cofinanciar um ciber-café. A compra dos computadores pelo menos e depois já com os ingressos a manutenção. Mas seria bom, está faltando a internet. (VA4); Isso foi o que já recomendou ao padre. Fazer para o menino da comunidade que me levou lá nas quedas, recomendou que deixasse os dados aqui e que o padre e o pessoal falasse ao turista o que havia para fazer e indicasse o número dessa pessoa que o podia levar a esses sítios, como guia. E isso dinamiza o turismo. É algo em que eles podem trabalhar. Eles têm um lugar para dormir e comer, mas poderiam fazer algo mais, como disponibilizar informação e contactos. (VA4); É uma coisa... o turismo é muito de percepção. Se formos fazer turismo com a família, ou ela é que visita, eles nunca vão ver nada de errado, cresceram com os mesmos costumes e tudo o mais. Mas turista pode vir de qualquer parte do mundo e turista que vai ter inevitavelmente vem dos países ocidentais. Ele vai pedir algumas coisas básicas como essa. Ainda que por tradição não o faça, para poder ter esse turista contente vai ter de fazer ainda e ter em conta isso. Ajustar, acomodar a isso. E em termos de custo não alteraria maiormente o orçamento de operação do lugar budget. (VA4); Melhorar o atendimento, colocar alguém que seja mesmo um rececionista e não guarda e rececionista a mesma pessoa. Profissionalizar os serviços. (VA5)</p>
A.4. Serviços de restauração	Alimentação	<p>No início, quando chegou, não davam comida, só pequeno-almoço. Estava incluído no preço, depois, um pouco por ter trabalhado muito na cozinha... não, começaram com a empresa do tabaco, que ficavam muito tempo, meses, e os portugueses do algodão também. Estes, por não terem disponibilidade de terem um carro para sair, principalmente à noite, pediram para ter pelo menos o jantar. Começaram então. E agora, se chega um cliente repentinamente e tem meios, eles não aceitam dar refeição. Mas se é cliente fixo já conhecido, entra já numa certa ligação com os padres e fica primeiro. Sempre foi feito um discurso sobre as refeições: isto não é um restaurante, não é hotel. Tem um horário, não senta e encomenda o que ele quer, como uma ementa. Têm de comer o que prepararam. Cada refeição fica por 150. Sempre estão a trabalhar em sintonia com o CPLD, que já fazia hospedagem. Com 150 compra-se meio franguinho com batata frita. Aqui sentam, têm refresco, pão, água, fruta, sopa, caril, massa, verduras em abundância da horta. A alimentação é muito mais rica. É tão variado que não há problemas quanto aos clientes que não gostarem de alguma coisa. Ninguém recusa tudo o que está na mesa. Com as refeições de facto agora foi uma grande surpresa. Começaram no meio do ano passado. Em seis meses, com este preço, deu para pagar toda a despesa da alimentação da comunidade. Faturaram com a alimentação cento e tal mil meticais que é correspondente ao custo da alimentação dos padres, e também dos hóspedes. Não parecia que 150 pudesse ser um lucro tão significativo. Agora, o lucro não é de cento mil, é preciso tirar as despesas. Mas é assim. Agora, o preço da refeição subiu para 200 este ano, porque os que passam por aqui são os mesmos que passam pelo CPLD e é o preço que lá encontraram. Eles levantaram, então aqui também o fizeram. E convida -se a pessoa a comer, se ela quiser o que há na mesa, e logo se vê se fatura ou não, se paga ou não. Procura -se entrar numa boa relação com o cliente. Mas pensa que conta mais a atitude, mais que acolhimento, porque lá fora há um protocolo mais forte. Mas transmitem um sentido de fraternidade e cordialidade para com todos, este é percebido positivamente. Sentam -se à vontade a comer, partilhando o comer, o que houver, mas também não acredita que haja algum restaurante a fazer comida assim, internacional e tal. É assim. (S1); há um grupo que vinha cá que organizam por conta deles, compram a comida e mandam cozinhar com o cozinheiro ou cozinheira e têm refeição num horário próprio. Têm a refeição assim. Poucam muito dinheiro, mas são clientes fixos, frequentes, é uma forma de entendimento. (S1); Se quisessem poderiam lá chegar, mas teriam de cuidar melhor da cozinha e lançarem-se mais na própria refeição, ao nível do aumento do leque de ofertas para quem ficar. Mas em geral todos aceitariam porque o que encontram fora não é sempre nem saudável nem bom. Comem sempre a mesma galinha com batata frita. E o custo é semelhante ao dos padres. (S1); Na dormida está incluído o pequeno-almoço e cada refeição custa 200 meticais. (S4a)</p>	
	Condições gerais de alimentação (classificação)	10 (VA1); 10 (VA2); 10 (VA3); 9 (VA4); 9 (VA5)	
	Condições gerais de alimentação (indicadores)	10 (só o mata-bicho, tendo em conta que estamos num distrito). Infelizmente só oferece o mata-bicho. Almoço e jantar depende dos hóspedes (compras e cozinhar). O mata-bicho inclui chá, café, leite, bolo, pão, doces, frutas, é equilibrado, tem qualidade, "é de louvar". (VA1); porque a comida aqui é uma comida cuidada, tem todos os detalhes básicos para uma alimentação saudável para um ser humano. Temos a sopa, o arroz, a verdura, tem um pouco de tudo para suprir todas as necessidades do organismo. Tem a sobremesa, para ajudar a digerir, que também é vitamínica. É saudável a comida. (VA2); Vendo o que há em Moçambique. Ele gosta. Eles já estão há 21 dias em Moçambique e em nenhum sítio têm comido como aqui. Têm comido peixe, arroz, arroz, peixe. Aqui muito bom, como em casa.	

		(VA3); têm comido bem, pelo preço (VA4)
	Horários das refeições	6h00 até às 8h pequeno-almoço, em geral (pode ser ordenado de forma diferente), 12h30 o almoço e 19h15 o jantar. (S1); Refeições: 12h e 19h. (S4a)
	Capacidade máxima de serviço de refeições nesta casa (independentemente dos alojamentos) (unidades de registo)	Podem servir 15 pessoas (S1); Capacidade máxima de reunir pessoas deve ser de 300, numa festa, isto é, um lanche ou mesmo um jantar, porém volante, self-service. Porém para 100 pessoas sentadas dá bem, em 3 fileiras de mesas, 120 até. (S2); são mais ou menos aquelas que foram apontadas para as camas. Porém, agora chegam 200 pessoas (S3); 250 pessoas. Usando o salão grande. Nas varandas da escola podem ficar 150 pessoas, mas no salão podem ficar 300 pessoas. (S4a)
	Capacidade máxima de serviço de refeições nesta casa (independentemente dos alojamentos)	Podem servir 15 pessoas, estão em condições para isso, o padre a trabalhar mais intensivamente com o cozinheiro, mas sistematicamente não, era preciso aumentar o pessoal. Houve uma altura que tinham 13 (padres e voluntários) e mais os hóspedes, por um mês. Mas os voluntários trabalhavam, orientavam na cozinha. Por isso foi possível. Se fossem 15 sistematicamente era preciso aumentar ao pessoal, porque os padres têm um compromisso, uma presença, um serviço contínuo. (S1); são mais ou menos aquelas que foram apontadas para as camas. Porém, agora chegam 200 pessoas e sabendo é só comprar pratos e alguns talheres, se são jovens que se adaptam. A cozinha só está organizada para os padres. Depois adapta-se. Se chega assim um grupo, cozinha-se lá em baixo com painéis grandes e serve para todos. Porém, se há uma organização já feita para acompanhar um turismo, não existe. É possível fazer, sem grande problema. Porém, o pão, o açúcar, batata, etc. compra-se a 60 km. Compra-se em grandes quantidades de cada vez. E se depois se esquece alguma coisa, é preciso ir comprar. Estas coisas também implicam. Mas se for para o turismo também é necessário organizar uma despensa. O pão pode-se fazer na casa. É preciso atuar de acordo com as necessidades. No Gurué fazem o pão, começaram à pouco tempo. Aqui também fizeram algumas vezes e o pão era bom. Depois exige serviço e tal, por isso não se continuou. (S3); 250 pessoas. Usando o salão grande. Nas varandas da escola podem ficar 150 pessoas, mas no salão podem ficar 300 pessoas. (S4a)
	Sugestões para melhorar a qualidade da casa e dos seus serviços	Se houvesse procura, a casa estaria disponível a ter algumas dessas coisas: eles podiam tirar fotografias e criar postais, e dar à disposição, não seria problema. Porque, a partir de um postal, facilmente as pessoas quando chegam cá, sabem onde devem ir. Podem até saber que existem certas coisas, mas sem imagem fica complicado. (S4c); No geral as condições são aceitáveis, só referência ao problema do AC, mas não é mandatório, considera-se a questão da capacidade de aquisição. (VA1); expandir a rede <i>wireless</i> pela casa; difusão dos serviços da casa de certeza que atrai gente que gosta de calma e de sossego. Há já muita gente que conhece a casa, principalmente parceiros de saúde, que pelo trabalho cansativo exigem descanso com conforto, qualidade e sossego e procuram sítios mais cómodos. (VA1); Sugestão de proporcionar as outras refeições, mesmo que cobrassem para não ser preciso tomar refeições fora. De notar que em situações de aperto de tempo, os padres ajudam. (VA1); Salienta que é o melhor sítio, espera difusão dos serviços e a preferência foi sempre em relação a esta casa. (VA1); limpeza de rotina, diária (VA2); informação, um cartaz à entrada, no cruzamento, com a direção da casa. Informação das coisas turísticas que se podem fazer por aqui. Os banhos, que podiam ser mais completos, limpos, com toalhas, sabão. Não se gasta dinheiro, uma pastilha de sabão. No duche não há onde pôr as coisas, ou estão na mão ou assim. Os preços, foi preciso saber junto do padre Ilário, falta uma tabela com os preços de todas as opções: habitação simples, dupla, não há carteis de informação. Mais informação no geral: o que se pode fazer na região, das instalações, não tem informação. (VA3); investir na iluminação, com uma parceria com o governo, distrito, para iluminarem um pouco aí a rua. Porque as pessoas dizem que é seguro, mas pode cair num buraco e partir o pé. Pelo menos entre a estrada e isto aqui que serve de hotel para turista. Se é seguro vai querer sair para comprar qualquer coisa na mercearia aí, e se já não tem sol fica difícil enxergar. (VA4); Pergunta às pessoas se têm mail ou facebook por curiosidade e as pessoas não têm cibercafé. Os padres poderiam ter uma coisa dessas. Tendo os turistas, eles vão ser os primeiros clientes. Mas também os garotos aqui do povo, da comunidade. É bom eles terem uma possibilidade de se ligarem ao mundo e poderiam se procurar parceiros. Isso está na moda, procurar parcerias entre públicos e privados, e tem um monte de empresas grandes aqui que vão ter sempre muito pessoal que vai estar vindo e vai estar interessado em cofinanciar um ciber-café. A compra dos computadores pelo menos e depois já com os ingressos a manutenção. Mas seria bom, está faltando a internet. (VA4); Isso foi o que já recomendou ao padre. Fazer para o menino da comunidade que me levou lá nas quedas, recomendou que deixasse os dados aqui e que o padre e o pessoal falasse ao turista o que havia para fazer e indicasse o número dessa pessoa que o podia levar a esses sítios, como guia. E isso dinamiza o turismo. É algo em que eles podem trabalhar. Eles têm um lugar para dormir e comer, mas poderiam fazer algo mais, como disponibilizar informação e contactos. (VA4); É uma coisa... o turismo é muito de percepção. Se fomos fazer turismo com a família, ou ela é que visita, eles nunca vão ver nada de errado, cresceram com os mesmos costumes e tudo o mais. Mas turista pode vir de qualquer parte do mundo e turista que vai ter inevitavelmente vem dos países ocidentais. Ele vai pedir algumas coisas básicas como essa. Ainda que por tradição não o faça, para poder ter esse turista contente vai ter de fazer ainda e ter em conta isso. Ajustar, acomodar a isso. E em termos de custo não alteraria maiormente o orçamento de operação do lugar budget. (VA4); Melhorar o atendimento, colocar alguém que seja mesmo um rececionista e não guarda e rececionista a mesma pessoa. Profissionalizar os serviços. (VA5)
A.5. Outros serviços	Serviços	Internet wireless na sala das fotocópias (S1); Lavar a roupa, net ainda não, porque é caro, podem trazer <i>per</i> própria. Viaturas não alugam e guias há na cidade, não há pessoal aqui na casa para isso. O CPLD tem serviço de fotocópias e o serviço religioso, depende do que as pessoas pedem. (S4a); Aluguer do salão ao lado das escolas, com capacidade para 200 pessoas e do salão a casa hospedagem com capacidade para 45-50 pessoas (S4a)
	Atendimento (classificação)	10 (VA1); 10 (VA2); 8. Padre Ilário, muito bem, 9. E outras pessoas, a Elisa, bem, 8, muito bem. (VA3); 10 (VA4); 10 (VA5)
	Atendimento (indicadores)	Geralmente fazem as reservas antes de chegar, ligam, eles confirmam. Assim que chegam já estão os quartos reservados, e quando há um contratempo eles ligam a avisar, por exemplo a dizer que sabiam que a pessoa queria um quarto de cima, mas vai ter de ficar uma noite ou duas no de baixo. Já vai preparado para a situação que vai encontrar. Logo que chegam estão disponíveis para acompanhar aos quartos e estão dispostos a qualquer altura para atender. Não há gente específica. Por exemplo, o padre Onório é o responsável pelo alojamento, mas assim que a gente chega o padre Carlitos ou o Messias estão disponíveis para te orientar e tudo o mais ou atender a um problema que exista no quarto. (VA2); Pessoal moçambicano e o padre. Os padres são gente boa sempre, mas o pessoal que trabalha com ele também é muito gente boa. Até os guardas, ontem ajudaram a caminhar um pouco na escuridão. (VA4)
	Internet (classificação)	4 (VA2); 0 (VA4)
	Internet (indicadores)	Não usou o serviço (acreditando que era inexistente) (VA1); é preciso pedir para estar naquela sala, e também não é de uso público, não está afixado que há internet para uso do hóspede. Teve a oportunidade de pedir a senha, mas só se pode ter acesso na sala. Nos quartos a rede não chega, além de que o sinal não é forte, mesmo na sala oscila (VA2); não há internet (VA3); ele não tem wireless, pelo menos (VA4); não tem internet (VA5)
	Lavandaria (classificação)	10 (VA2); 10 (VA4); 8 (VA5)

Lavandaria (indicadores)	Não usou, foram poucos dias (VA1); já usou o serviço algumas vezes, lavam bem, engomam, não tem queixas. Não têm a maquinaria, mas lavam à mão, e fica bem, isso é o que interessa. Tem a roupa limpa e arrumada. Para nível do distrito, acha que é aceitável. (VA2); eles lavam a sua própria roupa. Lavam a roupa porque só têm uma camisa e duas “calcetines”, é muito pouca roupa para andar a pôr na máquina. Mas há essa possibilidade. (VA3); preço muito bom. Ainda não viu o resultado, mas o preço é bom. Têm uma máquina e ainda passam a ferro pelos 50 meticais. (VA4)
Possibilidades da casa disponibilizar guias-turísticos para acompanhar turistas no Alto-Molocué	Se fossem 15 sistematicamente era preciso aumentar ao pessoal, porque os padres têm um compromisso, uma presença, um serviço contínuo. E estão ausentes às vezes, alguém a acolher. Mas nesse caso também haveria condições financeiras para empregar alguém. Essa pessoa estaria a controlar a entrada dos visitantes; mas não estaria disponível para levar as pessoas a algum lado se as pessoas estivessem cá para ver alguma coisa, as pessoas que vêm cá vêm para descansar, não vão passear. (S1);
Possibilidades da casa disponibilizar guias-turísticos para acompanhar turistas em Milevane	Se se desenvolvesse bem o turismo nesta casa, provavelmente arranjavam alguém para gerir e acompanhar os turistas: certamente, porque os padres estão muito ocupados. Mas com projetos claros, com coisas claras, terá de se destacar alguém para acompanhar esse projeto, a província terá de o fazer. (HL29)
Transporte da casa (unidades de registo)	A casa tem dois carros disponíveis para a comunidade. Um é para os médicos (o branco) (S2); Eram dois, mas houve um acidente, só têm um. (S3); Têm também autocarros mas os clientes costumam usar o transporte próprio. Nunca pediram transporte. (S4a)
Transporte da casa (descrição)	Eram dois, mas houve um acidente, só têm um. Que tem a sua idade, e fez uma vida muito dura. O outro está há 3 anos no mecânico no Gurué, um Land Cruiser, e estão fartos de esperar por ele. Prometeram para agosto passado, e depois janeiro, ... E que agora está pronto, mas depois não estava. Foi a Maputo e voltou. Ontem disseram que o motor está a fazer barulho lá dentro, portanto têm de abrir de novo. Só um carro, para quem tem serviço fora nas comunidades... hoje saímos para dar uma voltinha, mas foi preciso voltar logo para ir ao Alto-Molocué. Ou alguém tem um familiar doente e pede para ir... têm de gerir entre eles a coisa. Mas há de vir o outro carro. (S3);
Perspetiva de contratar alguém para gerir ou acompanhar os turistas	Se fossem 15 sistematicamente era preciso aumentar ao pessoal, porque os padres têm um compromisso, uma presença, um serviço contínuo. E estão ausentes às vezes, alguém a acolher. Mas nesse caso também haveria condições financeiras para empregar alguém. Já avaliaram que, com o que já ganharam durante o ano, já poderiam tirar um vencimento, 3000 meticais, e podem aumentar se for alguém que saiba escrever, falar uma língua, um pouco de inglês, porque houve em tempos alguma afluência. Então eles poderiam aguentar e fazer o investimento. Essa pessoa estaria a controlar a entrada dos visitantes; mas não estaria disponível para levar as pessoas a algum lado se as pessoas estivessem cá para ver alguma coisa, as pessoas que vêm cá vêm para descansar, não vão passear. O turismo começa e acaba numa hora, dar uma volta à vila, que lembra os tempos coloniais, e acaba por aí. A única coisa que pode interessar é o turismo religioso, ou se já, conhecer a experiência das pequenas comunidades cristãs ministeriais, ou seja, as comunidades deles que estão lá fora. Esta é uma experiência muito original, muito valiosa, que merece, mas é preciso um interesse eclesial. [Se as pessoas fossem nas visitas às comunidades, a retiros...] não vejo... Poder-se-ia complementar um pouco com a natureza? Do seu ponto de vista o que conta ao nível de natureza aqui há volta é o Gurué e Milevane. O Gurué sim, tem muita coisa para andar, passeios, pode ocupar lá 15 dias só andando. Por exemplo, no Namúli, montanha, ter alguém que acompanhe até lá. Podia ser, mas não aparecem muitos com este interesse. Porém lá sim, há possibilidades, há lugares. Ele conhece bastante bem, andou um pouco por estas montanhas todas. Lá dá. Mas aqui não, aqui só se existir um bocadinho de interesse eclesial pela missão antiga e só tem interesse no âmbito da história da Igreja e da Evangelização. (S1); Também não têm a oficialização, um mínimo de participação às estruturas financeiras municipais, um alvará. É a primeira coisa que exigem antes de receber pessoas. A reestruturação, vistoria, definição de custos e impostos financeiros. Neste momento não há nada porque os residentes dizem que se houvesse duas pessoas disponíveis só para esta atividade, muito bem. Mas eles estão sobrecarregados, não têm tempo. Têm o dia ocupado entre as 4h30-17h até às 21-22h da noite. (S2); Nunca se preocuparam mas pensam que seria possível. A cozinha conseguiam, com uma certa facilidade, também cozinham bastante bem. Mas quanto à gestão do acolhimento, preparar as camas. Bastaria uma ou duas pessoas. Depois o pessoal encontra-se aqui, o pessoal de serviço, quer para a cozinha, limpeza, quer só para o lavar. Seria preciso uma cabeça que sabe organizar a cozinha e sabe ver a casa. E ver quanto ao pagamento também. Ele não saberia tratar disso, os padres não foram preparados para este tipo de coisa. Mas mesmo sem preparação há quem tenha um certo jeito, como o padre Onório, a cozinha ele gosta. O padre nunca põe os pés na cozinha, nem na despensa. Começar aos 70 e tal anos... Porém, pensa que se encontra. Pelo menos para começar pode-se encontrar um casal na Itália ou um parente, alguém que goste de dar um ano ou dois, alguém reformado, podia-se também encontrar. Ou fazer como no Gurué, que são eles que orientam. Eles têm alguém que minimamente tome responsabilidades. Mas para eles não é fácil. Também o facto de ter sempre gente em casa, a comer. 8, 9, 15 pessoas a mais, é um pouco complicado. Precisam de um ambiente, não diz exclusivamente deles, mas minimamente. Na mesa as conversas são demais. Por isso, era preciso que os padres vivessem num lado e os hóspedes no outro, pelo menos quando é contínuo. (se for só alguns dias e pouca gente, podem estar do lado dos padres, faz bem para todos) porque se não for assim, durante vários anos, uma comunidade não fica bem, fica em água. (S3); Mas se vier o turismo, não devem voltar só as despesas, devem também voltar as despesas da casa, da estrutura e do pessoal que está empenhado aqui dentro. Também nesse caso entrará a província, e poderão ficar ou outros como gestores. Mas como têm uma caixa comum, era dinheiro que deveria sair de lá para arranjar, e, evidentemente, tem de regressar lá para isso. Não é uma pessoa só a decidir, é um grupo. (S3); Seria melhor encontrar alguém na reforma que queira algo muito diferente para a sua vida. Mas há sempre este risco, é que depois é preciso fazer sempre a passagem para moçambicanos. Agora também aí é preciso ver a seriedade. Neste momento, passar a administração para a mão de moçambicanos é um risco muito grande. Desaparece dinheiro. Mesmo hoje estava a ver na revista que o ministro da agricultura está comprometido na venda de madeira para a China, agora estão a investigar. E aí são milhões, não é brincadeira. Mas qualquer coisa aqui podia levar a problemas muito sérios. Também é assim no Molocué, o padre Onório está limitado, só ele. Os outros não é que mexem muito aí. É por isso que quando aqui o padre vai de férias, o padre Marcos aguenta, o padre Claudino não se mete nestas coisas, fica mais ligado com a escola, ao nível da hospedagem fica atrapalhado. É por isso que diz que se não vão ter as pessoas certas, não podem fazer propostas. É preciso ter os pés no chão. [digo que por isso é preciso avaliar tudo, e depois ver o que falta, como o pessoal, e talvez com projeto na mão, arranja-se o que falta] É por isso que aqui entraram nesta linha de hospedagem porque viram que era importante no Gurué. As atividades que há não melhoraram, as estruturas toda a gente corre para cá, mas se amanhã vão melhorar também outros lugares, provavelmente vão ter concorrência e também eles têm de dar algo para atrair ainda. É a lei do comércio. É preciso pensar que para incrementar as visitas é preciso ter alguém para receber: é por isso que mesmo eles não sabem até que ponto vão ainda à frente com esta atividade. Pode ser que amanhã vão começar a fazer pedidos que não têm capacidade. Agora enquanto é fornecer comida, alojamento, todo o mundo está contente. Mas se amanhã querem coisas especiais, não sabem se têm capacidade. É por isso que agora preparam um pão feito por eles, melhoram o tipo de comida. Também porque a fase seguinte seria ter alguém aqui a controlar antes e assim, mas antes disso era arranjar mais razões para as pessoas virem aqui, atividades e assim, mas isso é pensar muito à frente: isso também... a menos que seja como estavam a pensar antes, que haja

			<p>alguém que, por causa da crise na Europa, escolha ficar um certo tempo, mas seria mesmo reformados, porque outros precisam de viver, ganhar a vida, não podem vir para ganhar 300 euros por mês, que aqui seria um salário muito grande, mas quem vem de lá... [ainda podia pensar que cá gastaria menos, mas com 300 euros não consegue aguentar o mesmo estilo de vida da europa] É complicado porque, mesmo que não tenha família, pode viver aqui, mas se tiver alguém e lhes tiver que acudir, é um problema. Mesmo as saudades. Por isso aconselhou as voluntárias a voltar a casa a certa altura. Com o entusiasmo inicial iam ficar até não sei quando... não tem sentido. [ficar mais de dois anos, sem fazer parte de uma plano de carreira, jovens e sem ganhar salário... fica muito complicado] Alguém que já fez carreira é mais fácil, porque se tem de olhar para a carreira, para o futuro... como agora têm uma voluntária (agora já trabalha numa empresa), mas já tem 33 anos, se amanhã quiser casar, ter a sua vida... (S4a); na cidade há quem faça esse serviço de acompanhamento dos turistas, jovens que se oferecem, mas estão a ficar um pouco careiros, os turistas não gostam muito. Mas aqui não é difícil ir sozinho, só precisam de estar informados. Mas aconselha-se a irem em grupo, porque há uma certa criminalidade. (S4a); Se calhar se conseguissem repetir este efeito, talvez não em todas as outras casas, onde têm oportunidade... Molocué, Milevane, Maputo, mas também depende do pessoal que têm, nem todos têm vocação para a hospedagem, é preciso sacrificar tempo e ter paciência, não é fácil. Agora, no Molocué podiam ter uma boa chance, o problema é o padre Onório que não pode ser só ele, é a comunidade que tem de assumir. É por isso que também eles no Gurué estão limitados quanto ao pessoal. Podiam preparar leigos, mas não é fácil. Se colocarem um moçambicano torna-se um problema sério. É preciso ser alguém de confiança, com vocação e que queira dar o seu tempo. Também os padres não querem exercer esta atividade toda a vida, criou-se esta oportunidade, está a dar resultados mas no futuro vão ver, pode ser que no futuro vão mudar o tipo de atividade, depende tudo dos padres que vão ter. São poucos padres, e poucos moçambicanos. [referi que já tinha falado com os de Milevane sobre o assunto, porque é um local de reflexão, mas eles estão dispostos ao turismo, e simplesmente referi que pode ser algo temporário, o espaço pode ser usado para algo diferente, mas que pode ser boa forma de dar o salto, ter o financiamento inicial] Para eles o problema é encontrar as pessoas que possam gerir este tipo de atividade. Com certeza que Milevane é outra oportunidade que têm, mas depende tudo de quem está lá, se têm capacidade de gestão. Porque podia-se reunir grupos de padres e de irmãs, também catequistas, mas há sempre o problema de custos, são pessoas que não podem pagar muito, é preciso diminuir muito os preços. E depois há a desvantagem de não saberem usar os wcs, são mais os prejuízos que estão a ter que as vantagens. É tudo isso que é preciso calcular bem. Mas se calhar também se prestava a receber aquelas reuniões e congressos que duram um fim de semana, só que neste momento é difícil, porque não tem energia. Tem água, a casa, o lugar é lindo, mas são limitações. As pessoas querem ir a lugares com energia, onde possam usar o celular. São todas coisas. Mas com o tempo pode -se ver. Se encontrassem leigos sérios estariam a trabalhar muito bem. Porque depois pode-se fazer publicidade e tudo o mais. O alto-Molocué seria mais do que Milevane. Infelizmente não há pessoal para gerir estas coisas. Tem potencial por ser um sítio muito forte de passagem e depois tem terreno para construir outros quartos. De momento o padre Onório não quer, mas tem razão. Já tem toda uma missão que eles têm de assistir, ao nível da pastoral e evangelização. [o padre onório já avisou que o projeto é muito complicado de ir em frente, porque falta gente e condições] Se tivessem cá alguém que na Itália ficou à frente de um restaurante ou pensão, já estivesse a ganhar a reforma, e pudesse vir cá, poderiam ganhar uma montanha de dinheiro. Mas o problema é que têm falta de pessoal. Até aqui nesta atividade, se tivessem pessoas mas responsáveis, as coisas poderiam ir à frente de uma maneira melhor. As pessoas viriam em regime de voluntariado, depois pode-se dar também um salário, mas depende, porque não se pode garantir salários europeus. (nesse dia prepararam 40 lugares na varanda da escola e 17 pessoas no refeitório) É capaz de haver alguma pessoa disposta a fazer esse papel depois da reforma, o problema é ficar cá. Os que ficam dois meses aguentam... Mas depois, não é a vida deles. Eles são missionários, é a vida deles, mas para um leigo... Se são casados, se têm filhos... há muitos problemas, não é só questão de dinheiro. Já tiveram voluntárias que estiveram um ou dois anos, mas com 29 30 anos, é preciso olhar ao futuro, principalmente com esta crise. É preciso encontrar trabalho. (S4a); Quem sabe se não poderão continuar como estão, porque de momento estão com problema de pessoal que pode ficar, só são três. É preciso alguém que goste e faça a parte de turismo, de hospedagem. Se no futuro virem que não vale a pena mudar os novíços de Milevane para aqui, fica aquilo assim, não há problema. Pensa que vai dar resultados. Também é preciso avaliar a concorrência; se aparece alguém com um complexo turístico, já que os clientes os conhecem, vão ter de melhorar, para os atrair. (S4c); (Havendo algumas perspetivas, se calhar... é um bocado complicado. Quem devia dar o primeiro passo era o estado; agora, se houvesse perspetivas, uma casa como esta podia dar alguns primeiros passos) sim, mas tem de ter o pessoal para tal. Eles só são três. E têm de ser preparados para o turismo. Vê-se a diferença entre pessoas de um bar de um lugar turístico, a forma de pensar, receber, motivar a consumir os produtos da região. É difícil encontrar (aqui). (S4c); O número de turistas que podiam ser hospedados seria de 70 ou 80, tal como no Gurué. Há muito espaço para tal. Tem muito espaço e não é usada. Ali foi muito dinheiro que foi gasto, é preciso valorizar. Já houve alguma altura em que estivesse tudo cheio? Só na altura do seminário. Mas depois, enquanto escola de professores, estive na mão do estado. E depois da guerra nunca ficou cheio. Se vem um grupo de catequistas é diferente, a forma de pensar é diferente, do hábito que existe vem e não deixa nada. O contrário vem para receber, e isso. A vida pastoral recebe alguma coisa mas é a realidade. Para manter é preciso um trabalhador e este precisa de receber. Podemos fechar o óleo, mas o trabalhador não fecha o óleo. (HL30)</p>
	Capacidade máxima para reuniões nesta casa (independentemente dos alojamentos e refeições) (unidades de registo)		200, 300 pessoas. (S1); 300 (S2); depende da dormida. Dá para 200, por exemplo (S3); 200-300 pessoas no salão maior. (S4a)
	Capacidade máxima para reuniões nesta casa (independentemente dos alojamentos e refeições) (descrição)		200, 300 pessoas. 500, 1000 são demais, muita confusão. A capacidade é limitada, é um ambiente familiar, para acolher grupos... podem viver bem com 15 pessoas, a contar com a comunidade. Tem 13 quartos. Com 15 pessoas é viável logisticamente. Todos têm wc, como esta entre cozinha e refeitórios.(S1); Têm também hospedagem de políticos, que vêm a encontros aqui. E têm disponibilidade para reuniões, só não são grandes reuniões, na sala pequena aí também, na casa dos hóspedes, onde tomavam as refeições, na parte da garagem, que diz sala de hóspedes. (S1); Capacidade máxima de reunir pessoas deve ser de 300, numa festa, isto é, um lanche ou mesmo um jantar, porém volante, self-service. Porém para 100 pessoas sentadas dá bem, em 3 fileiras de mesas, 120 até. (S2); aqui quem vem para fazer reuniões vem para dormir, aqui não há outra possibilidade, não é como no Gurué, que podem ir dormir noutro lado. Mesmo eles quando por vezes fazem para os supervisores e para as religiosas um encontro, é preciso contar com a dormida, não é como Quelimane que podem ir a qualquer lado a seguir, ou para suas casas, ou pedir hospedagem noutro lado. Mas se vierem 200, dá para esses 200, fazendo a reunião na igreja grande, mas têm de dormir na esteira, porque não estão organizados para uma coisa deste género. (S3); Os moçambicanos gostam muito do Gurué, é por isso que criaram aquele salão, para atrair gente, e atrai. O ano passado tiveram afluência, este ano já têm reservas, mesmo dos conselhos coordenadores, para eles é uma vantagem. Tiveram ultimamente o MDM, com 136 pessoas, também os do governo local, para um seminário foram 96, e em agosto virão 100 pessoas do ministério das minas.. Se calhar uma das grandes apostas seria esse turismo de reuniões,

		congressos, ... por isso construíram esse grande salão e quando as pessoas vêm ficam muito satisfeitas com os quartos e também porque o preço é acessível. (S4a)
	Sugestões para melhorar a qualidade da casa e dos seus serviços	Se houvesse procura, a casa estaria disponível a ter algumas dessas coisas: eles podiam tirar fotografias e criar postais, e dar à disposição, não seria problema. Porque, a partir de um postal, facilmente as pessoas quando chegam cá, sabem onde devem ir. Podem até saber que existem certas coisas, mas sem imagem fica complicado. (S4c); No geral as condições são aceitáveis, só referência ao problema do AC, mas não é mandatório, considera-se a questão da capacidade de aquisição. (VA1); expandir a rede wireless pela casa; difusão dos serviços da casa de certeza que atrai gente que gosta de calma e de sossego. Há já muita gente que conhece a casa, principalmente parceiros de saúde, que pelo trabalho cansativo exigem descanso com conforto, qualidade e sossego e procuram sítios mais cómodos. (VA1); Sugestão de proporcionar as outras refeições, mesmo que cobrassem para não ser preciso tomar refeições fora. De notar que em situações de aperto de tempo, os padres ajudam. (VA1); Salienta que é o melhor sítio, espera difusão dos serviços e a preferência foi sempre em relação a esta casa. (VA1); limpeza de rotina, diária (VA2); informação, um cartaz à entrada, no cruzamento, com a direção da casa. Informação das coisas turísticas que se podem fazer por aqui. Os banhos, que podiam ser mais completos, limpos, com toalhas, sabão. Não se gasta dinheiro, uma pastilha de sabão. No duche não há onde pôr as coisas, ou estão na mão ou assim. Os preços, foi preciso saber junto do padre Ilário, falta uma tabela com os preços de todas as opções: habitação simples, dupla, não há carteis de informação. Mais informação no geral: o que se pode fazer na região, das instalações, não tem informação. (VA3); investir na iluminação, com uma parceria com o governo, distrito, para iluminarem um pouco aí a rua. Porque as pessoas dizem que é seguro, mas pode cair num buraco e partir o pé. Pelo menos entre a estrada e isto aqui que serve de hotel para turista. Se é seguro vai querer sair para comprar qualquer coisa na mercearia aí, e se já não tem sol fica difícil enxergar. (VA4); Pergunta às pessoas se têm mail ou facebook por curiosidade e as pessoas não têm cibercafé. Os padres poderiam ter uma coisa dessas. Tendo os turistas, eles vão ser os primeiros clientes. Mas também os garotos aqui do povo, da comunidade. É bom eles terem uma possibilidade de se ligarem ao mundo e poderiam se procurar parceiros. Isso está na moda, procurar parcerias entre públicos e privados, e tem um monte de empresas grandes aqui que vão ter sempre muito pessoal que vai estar vindo e vai estar interessado em cofinanciar um ciber-café. A compra dos computadores pelo menos e depois já com os ingressos a manutenção. Mas seria bom, está faltando a internet. (VA4); Isso foi o que já recomendou ao padre. Fazer para o menino da comunidade que me levou lá nas quedas, recomendou que deixasse os dados aqui e que o padre e o pessoal falasse ao turista o que havia para fazer e indicasse o número dessa pessoa que o podia levar a esses sítios, como guia. E isso dinamiza o turismo. É algo em que eles podem trabalhar. Eles têm um lugar para dormir e comer, mas poderiam fazer algo mais, como disponibilizar informação e contactos. (VA4); É uma coisa... o turismo é muito de percepção. Se formos fazer turismo com a família, ou ela é que visita, eles nunca vão ver nada de errado, cresceram com os mesmos costumes e tudo o mais. Mas turista pode vir de qualquer parte do mundo e turista que vai ter inevitavelmente vem dos países ocidentais. Ele vai pedir algumas coisas básicas como essa. Ainda que por tradição não o faça, para poder ter esse turista contente vai ter de fazer ainda e ter em conta isso. Ajustar, acomodar a isso. E em termos de custo não alteraria maiormente o orçamento de operação do lugar budget. (VA4); Melhorar o atendimento, colocar alguém que seja mesmo um rececionista e não guarda e rececionista a mesma pessoa. Profissionalizar os serviços. (VA5)
A.6. Horários dos serviços	Horário de abertura e encerramento da portaria	Até 22h30 (S1); Para receber durante o dia, pessoa pode cá estar a partir das 6h, quando chega o cozinheiro e já se pode tomar as refeições. (S1); Não há horários, visto que têm um guarda seguro. (S2); Entrada 24h sobre 24h. (S4a)
	Horários das refeições	6h00 até às 8h pequeno-almoço, em geral (pode ser ordenado de forma diferente), 12h30 o almoço e 19h15 o jantar. (S1); Refeições: 12h e 19h. (S4a)
	Horários do serviço religioso	Eles sinalizaram, mas são alguns que participam de vez em quando. 6h de manhã e 18h30 de tarde. E da paróquia só no domingo às 8h. (S1); Serviço religioso é para quem quer, com os padres: 5h45 e às 18h30 (S4a); Ao mesmo tempo acha que eles deixam as coisas ao critério das pessoas. A casa tem padres e uma capela, as pessoas automaticamente sabem o que há, se as pessoas se interessarem, se for crente, automaticamente envolvem-se. Eles dão espaço, dão liberdade. (VA2);
	Horário da comunidade	5h45 já estão na capela, 7h pequeno-almoço, depois há trabalhos para os padres, e para os noviços é formação (2h, 2h30) e estudo de manhã. De tarde continuam os seus serviços e os noviços têm trabalhos manuais (jardim, limpeza, horta) até às 14h30 e depois estudo. Adoração antes do jantar, jantar às 18h, 19h, depois um pouco de recreio, arrumar a loiça e TV. (S3)
	Horários das Bibliotecas	Biblioteca: 7h – 12h. 14h-17h (S4a)
	Horários das Lavandarias	Na lavandaria, se quisessem lavar elas próprias... É mais normal pedirem para passar a ferro. Não tem exatamente um horário, porque pedem as chaves. Têm sempre um guarda, de dia e de noite, podem ir à vontade. (S1); Lavandaria o pessoal está disponível (S4a);
	Horários de outros serviços que prestam	Outros serviços não há. (S4a)
	Horários dos serviços (classificação)	10 (VA1); 8 (VA2)
	Horários dos serviços (indicadores)	Mata-bicho pronto logo de manhãzinha, prontidão na emissão de faturas, reservas (não há problemas, quartos desocupados na altura certa), qualidade e respeito em relação aos hóspedes. Segurança nas reservas: "é de louvar". (VA1); Ele sabe que eles rezam, e as colegas vão às missas, às 5h30 e 18h30. Sabe a partir das colegas, não dos donos da casa, e nunca teve convite. Ao mesmo tempo acha que eles deixam as coisas ao critério das pessoas. A casa tem padres e uma capela, as pessoas automaticamente sabem o que há, se as pessoas se interessarem, se for crente, automaticamente envolvem-se. Eles dão espaço, dão liberdade. (VA2); Também inclui as horas de refeições, horários de entrada, etc. 8, por causa dos horários de entrada, é um pouco constrangedor, se chega tarde, é preciso pedir licença. Há horários fixos, mas como trabalham com outros parceiros, nem sempre é possível cumprir um horário fixo. Há uma meta e dias contados. É preciso andar a correr para voltar, ao contrário dos outros sítios, em que há liberdade nesses horários, tem a rececionista, recebe a chave e vai para o quarto. Apesar de não estar contra, porque é uma casa religiosa, tem normas, se vai para lá tem de se

		<p>submeter, senão fica muito balda, mas é complicado para hóspedes com vida laboral. É às 21h, pensa, e numa cidade com alguma dimensão 21h é uma hora de saída de escritório, e ainda vai beber uma cerveja antes de voltar, portanto a dinâmica é outra. (VA2); só sabem os horários de refeições, não os de entrada e saída. Porém, no cartel à entrada só viu horários de jantar, almoço e primeiro almoço, não de entrada. Não sabem. Quando chegam chegam. (VA3); a porta fica aberta, ninguém lhe falou que não poderia voltar depois de uma certa hora. Mas fica muito escuro, já não dá muita vontade de caminhar depois do pôr do sol. E horários da refeição para ele funciona bem. Para um lugar budget, não pode esperar que eles estejam sempre disponíveis à hora que ele quiser comer. É bom que eles tenham horários fixos. O café da manhã fica sempre disponível, porque é manteiga, pão, etc. mas o jantar concorda que seja numa hora específica que eles escolham. (VA4); não se aplica (VA5)</p>
A.7. Preços do alojamento	Preço da diária (unidades de registo)	<p>Em 2011 e 2012 era de 750 meticais por noite por quarto, incluindo o pequeno-almoço (bed and breakfast). Agora, a partir deste ano de 2013, levantaram para mil. (S1); Ainda não há visitas e pagamento de serviços aqui. Aqui não há hospedagem como no Molocué e Gurué (S2); Se vem um turismo, os preços vão ser determinados por outros, agora estes determinaram os padres. Gente normal, que pode, vai para os 500 meticais cada dia. Claro que para irmãs e outros, para retiros, fazem por menos. (S3); Camaratas: 200 meticais; Com wc fora: 400; Solteiro com wc privativo: 600; Casal com wc privativo: 950. Preços que para moçambicanos também dá para usar. Na dormida está incluído o pequeno-almoço e cada refeição custa 200 meticais. (S4a)</p>
	Preço da diária (descrição)	<p>Quando o entrevistado chegou, em 2011, e também em 2012, era de 750 meticais por noite por quarto, incluindo o pequeno-almoço (bed and breakfast). Agora, a partir deste ano de 2013, a visão dos hóspedes, e até mesmo deste grupo que chegou agora, a Íbis, que sempre apoiou o centro juvenil, era de que era preciso aumentar o preço pela qualidade da oferta. Quarto com casa de banho privativa com água quente corrente e tudo o mais, que praticamente não existia, mas abriu no ano passado um hotel que chegou lá a luz e a água. Os preços fora são todos superiores, vão de mil para cima, quando tem quarto privativo. Quando tem quarto com wc comum com 5 ou 6 quartos então são 600 ou 700, em condições muito precárias, como dizem. Mas eles insistiram e os padres chegaram a esta decisão: levantaram para mil. Depois com possibilidade, eles faturam tudo, podem sempre fazer descontos, depende da situação. Em geral as pessoas vêm da parte de uma instituição que paga, não há problemas. Às vezes acontece que vem um privado, que o preço é muito alto e podem voltar ao antigo. Mas aqui em Alto-Molocué, um lugar sossegado como este, onde possam descansar com estas condições, de quarto com wc privativo e água corrente, não tem. Por agora só têm uma falsa concorrência. Agora estão a construir dois hotéis e abriram outro no ano passado. Mas muitos que cá vêm serão clientes fixos, são já clientes conhecidos que gostam de cá estar, um pouco porque os padres os conhecem, um pouco porque já estão a colaborar com eles, um pouco pela sensibilidade dos padres, um pouco por não terem preconceitos com a Igreja. (S1); Cada refeição fica por 150. Sempre estão a trabalhar em sintonia com o CPLD, que já fazia hospedagem (...) Agora o preço da refeição subiu para 200 este ano (S1); Agora, o preço da refeição subiu para 200 este ano, porque os que passam por aqui são os mesmos que passam pelo CPLD e é o preço que lá encontraram. Eles levantaram, então aqui também o fizeram. (S1); Ainda não há visitas e pagamento de serviços aqui. Aqui não há hospedagem como no Molocué e Gurué. (S2); Se vem um turismo, os preços vão ser determinados por outros, agora estes determinaram eles. Gente normal, que pode, vão para os 500 cada dia. Claro que para irmãs e etc, para retiros, fazem por menos. Porque devem viver. Também eles querem viver, mas... e para outros grupos particulares podem diminuir, desde que organizem as despesas. Mas se vier o turismo, não devem voltar só as despesas, devem também voltar as despesas da casa, da estrutura e do pessoal que está empenhado aqui dentro. Também nesse caso entrará a província, e poderão ficar ou outros como gestores. Mas como têm uma caixa comum, era dinheiro que deveria sair de lá para arranjar, e, evidentemente, tem de regressar lá para isso. Não é uma pessoa só a decidir, é um grupo. (S3); Camaratas: 200 meticais; Com wc fora: 400; Solteiro wc privativo: 600; Casal wc privativo: 950. Preços que para moçambicanos também dá para usar. Na dormida está incluído o pequeno-almoço e cada refeição custa 200 meticais. (S4a); Se calhar uma das grandes apostas seria esse turismo de reuniões, congressos, ... por isso construíram esse grande salão e quando as pessoas vêm ficam muito satisfeitas com os quartos e também porque o preço é acessível. Também com o tempo vai ser preciso incluir AC, TV, porque apesar de não fazer muito calor, os clientes vão pedindo. Mas a certa altura vão ter de entrar as pessoas com dinheiro, porque o mínimo depois é 1500 meticais, 2000. Seriam uns 50 euros só para dormir, na Europa já dá para um lugar muito bom, mas seria com a suposição de que este é o melhor lugar da região. É preciso controlar o mercado. Se há quem peça e há quem venha, não há problema, para por o AC vamos pôr, porque o investimento recupera-se, só com um grupo de 40 pessoas. (S4a)</p>
	Grau de satisfação quanto ao preço-oferta (classificação)	<p>10 (VA1); 10 (VA2); 5/6 (VA3); 8 (VA4); 10 (VA5)</p>
	Grau de satisfação quanto ao preço-oferta (indicadores)	<p>Comparando com algumas pensões e outros alojamentos do distrito a qualidade da casa é a melhor em relação a todas do distrito e o preço nos outros pontos dentro do distrito é mais caro (1500, 1250 meticais sem as condições e privacidade da casa dehoniana) (VA1); até que os da Íbis, pelas condições da casa, dizem que o preço é muito baixo. Pagam 750. Na hora de pagar, foram pagar e o padre Onório fez por mil, e eles reclamaram, e o padre disse que eles é que deram a sugestão de aumentar o preço. Mas é justo, pela qualidade dos serviços, fazendo a comparação com outros alojamentos. Até se subir um bocadinho ainda é justo. Até agora está tudo bem (VA2); Foram para um quarto com os amigos que está bem, mas para ela os quartos ficam-se pelo 5. Para ele 6. Ela pensa que para um quarto de 900 meticais para uma pessoa a cama e o quarto são pequenos. Parece caro para o quarto que é. Ela pensava que seria maior para o preço, que seria algo mais. E os quartos de 4 camas, de 200 meticais, são demasiado simples, sencillo. Eles são simples, não custa muito, mas um pouco mais. (VA3); acham caro. O alojamento é um pouco caro. Pagam à parte pelas refeições. Habitação são 950 meticais e cada refeição (jantar e almoço) 200 meticais. É um pouco caro. (VA3); 600 meticais por noite, 20 dólares por noite. Inclui a comida também. Como de manhã e de noite. E se for lavar roupa também tem serviço, lava e seca, 50 meticais por uma máquina. É muito barato, um dólar e meio, ou assim. Então está muito bem, pelo preço o lugar está bem. Só esse pequeno detalhe do WC. (VA4); muito boa. Se não for pela experiência do WC, daria um 9. Mas assim dá um 8. (VA4); Muito satisfeito, todos preços praticados são bons (VA5)</p>
	Lucros das dormidas	<p>Em 2011 o entrevistado chegou, e no início do ano era outro padre a tratar das finanças. Passou para ele e voltou à Itália. Chegaram a 50 % da autonomia económica, com os lucros da casa. Um número de 5 ou 6 pessoas mediamente, o custo da nossa casa fica por 500 meticais por dia, cada pessoa. Tudo incluído. E é bastante alto. Em 2012 passaram a 75%, graças à alimentação e maior capacidade de acolhimento (aumento disponibilidade dos quartos) e haver mais pessoas a conhecerem, muito por recomendação, e que também ficam ligados à casa. Mas pensa que não podem conseguir mais. Além disso essa hospedagem devia ser feita com mais cuidado, com uma pessoa que tratasse só do acolhimento, tomar conta da identidade própria de quem vai, tudo, o acompanhamento, o cuidado pela limpeza dos quartos melhor, manutenção de alguma coisa. Não estão a conseguir fazer um bom trabalho neste sentido. Têm de arranjar alguém que faça só o acolhimento e estas coisas, uma pessoa de confiança de fora ou de dentro da comunidade. Por enquanto fazem os padres, mas... E estes 75% também se devem à diminuição do pedido à caixa comum. Estão a caminho da autonomia económica. Se quisessem poderiam lá chegar, mas teriam de cuidar melhor da cozinha e lançarem-se mais na própria refeição, ao nível do aumento do leque de ofertas para quem ficar. Mas em geral todos aceitariam porque o que encontram fora não é sempre nem saudável nem bom. Comem sempre a mesma galinha com batata frita. E o custo é semelhante ao dos padres. E é muito cómodo ficar dentro da casa. E</p>

		<p>agora a casa oferece TV e internet, é uma forma de familiaridade com os padres. Entra-se muito facilmente nesse tipo de familiaridade. Encontra-se bem e vão andando. Agora, há tempos em que a casa está cheia, e outras alturas que nem tanto. O elemento seletivo, de escolha deste lugar, é para muitas pessoas sobretudo as de sexo masculino, é a de que aqui não oferecem possibilidade de experiências sexuais. Fora encontra-se a prostituição, é muito difundida. Estes trabalhadores que andam por aqui, mesmo pagando um alojamento pior, preferem a liberdade. Estão condicionados um pouco pelo horário, colocaram a hora de fecho às 22h30, para quem vai fora jantar. Se pedirem podem combinar para se poder entrar noutra hora. E este levou a algumas pessoas que vieram cá a, depois da primeira noite, irem para um lugar bem pior mas mais livre. Aqui chegam sobretudo os que trabalham e que rem trabalhar. Precisam de descansar e acordar bem cedo. A partir das 6h15 tem possibilidade de ter o pequeno-almoço e até pode pedir para ter algo antes se tiver que sair mais cedo. (S1); Ninguém recusa tudo o que está na mesa. Com as refeições de facto agora foi uma grande surpresa. Começaram no meio do ano passado. Em seis meses, com este preço, deu para pagar toda a despesa da alimentação da comunidade. Faturaram com a alimentação cento e tal mil meticais que é correspondente ao custo da alimentação dos padres, e também dos hóspedes. Não parecia que 150 pudesse ser um lucro tão significativo. Agora, o lucro não é de cento mil, é preciso tirar as despesas. Mas é assim. Agora, o preço da refeição subiu para 200 este ano, porque os que passam por aqui são os mesmos que passam pelo CPLD e é o preço que lá encontraram. Eles levantaram, então aqui também o fizeram. E convida -se a pessoa a comer, se ela quiser o que há na mesa, e logo se vê se fatura ou não, se paga ou não. Procura -se entrar numa boa relação com o cliente. Mas pensa que conta mais a atitude, mais que acolhimento, porque lá fora há um protocolo mais forte. Mas transmitem um sentido de fraternidade e cordialidade para com todos, este é percebido positivamente. Sentam -se à vontade a comer, partilhando o comer, o que houver, mas também não acredita que haja algum restaurante a fazer comida assim, internacional e tal. É assim. (S1); Há 2 anos que estão a exercer esta atividade, é uma boa receita para o autossustentamento e há mesmo muitas pessoas a chegar, mas não dá para dizer quantas, não há contabilização detalhada. Mas neste momento estão lá os da MCA, empresa portuguesa que está a asfaltar Gurué-Magige, e estão a ocupar 13 quartos todos os dias há quase três anos. E depois há sempre movimentação de pessoas a ocupar quartos por uma ou mais noites. Ainda hoje chega um grupo de 40 pessoas, vão ficar duas noites, e ainda refeições e mata-bicho. (S4a); As receitas da hospedagem servem para alimentar os padres que estão noutras casas, não a eles. Eles usufruem somente da alimentação. Até agora serviu para construir algumas coisas importantes na província moçambicana e assim como também a alimentação de algumas casas de formação e as de comunidades religiosas. A escola funciona a partir do Centro Polivalente, não da hospedagem. A hospedagem está em nome da província moçambicana, ao passo que o CPLD, estando na mesma em nome da província, é gerida pelo CPLD. Então os lucros da parte industrial do CPLD é que servem para manter as duas escolas. Antes era o centro que pagava os professores. Agora fizeram uma parceria com o governo para que seja ele a pagar aos professores. Assim, o CPLD ajuda a escola em certos investimentos, como o caso de uma biblioteca (?). A conceção é mesmo de que os lucros da parte industrial devam manter a escola. Esse é o objetivo. (S4c)</p>
A.8. Preços dos serviços	Preço dos serviços prestados (unidades de registo)	Na lavandaria, o custo por peça é de 15 meticais. Lavar e passar a ferro. Não há mais nada que se pague para além da lavandaria, da dormida e da refeição. (S1); Só as dormidas, não há mais. (S3); Lavandaria: 5 meticais por peça. Alugueres do salão (o salão ao lado das escolas, capacidade 200 pessoas): 5000 meticais dia. Na casa hospedagem há um salão (45-50 pessoas): 1500 diários. Outros serviços são mais particulares não pode especificar. (S4a)
	Preço dos serviços prestados (descrição)	Não são muitos os que usam o serviço de lavandaria, só quem fica mais tempo. O custo por peça é de 15 meticais. Lavar e passar a ferro. Não há mais nada que se pague para além da lavandaria, da dormida e da refeição. As pessoas podem usar a sala da TV, refeitório... até há um grupo que vinha cá que organizava por conta deles, compravam a comida e mandavam cozinhar com o cozinheiro ou cozinheira e tinham refeição num horário próprio. Poupam muito dinheiro, mas são clientes fixos, frequentes, é uma forma de entendimento. As pessoas podem usar a sala das fotocópias para a internet, que não é cobrada. (S1); Só as dormidas, não há mais. Não se cobra, por exemplo, a lavagem da roupa, porque ou vinham por pouco tempo, ou se vinham 3 ou 4 dias, eles é que tratavam desse assunto. A casa tem máquina, mas acender o gerador para isso... acaba por não ser usada. (S3); Lavandaria: 5 meticais por peça. Os outros preços dependem da variação da moeda e do nível de vida. Têm mantido os preços durante alguns anos, mas será necessário mudar um dia, porque os preços têm aumentado. Alugueres do salão (o salão ao lado das escolas, capacidade 200 pessoas): 5000 meticais dia. Na casa hospedagem há um salão (45-50 pessoas): 1500 diários. Outros serviços são mais particulares não pode especificar. (S4a)
A.9. Tempo e motivação da estadia	Duração da estadia	4 dias de estadia mas é a casa que usa frequentemente em missão de serviço (de 6 em 6 semanas) (VA1); duas noites (VA2); 3 dias – Sexta, Sábado e Domingo (VA3); uma semana (VA4)
	Meios porque tomou conhecimento da casa	Através de elementos da equipa de trabalho que já se hospedavam no local (VA1); Teve conhecimento através de colegas que têm vindo cá fazer trabalhos, ficaram hospedados e deram o feedback das condições e ele depois apreciou e deu para perceber que é um dos melhores sítios que o distrito tem. Sempre que vem para aqui, hospeda-se aqui. (VA2); por uns amigos de Nampula. Esses amigos estiveram aqui até uns meses e falaram desta casa e do padre Ilário e eles vieram aqui. Eles disseram que se almoçava, jantava e comia-se bem. E que o alojamento estava bem dentro do que há no Gurué, há muitos sítios e não ... está bem. (VA3); por meios de colegas de trabalho (VA4); Outros parceiros nas atividades que desenvolvem (VA5); Vieram aqui porque os amigos falaram bem deste sítio e não conheceram mais sítios. (VT1);
	Motivos de passagem na casa e região (unidades de registo)	Motivos de trabalho (VA1, VA2, VA4,VA5); conhecer a montanha, conhecer outra parte de Moçambique. (VA3);
	Motivos de passagem na casa e região (descrição)	Veio em trabalho. Sítio calmo que garante conforto e bem-estar, facilita para quem vem trabalhar, não há perturbações [lembrar que muitos escolhem não vir aqui por causa de não poderem andar na noite ou algo mais. Bom para famílias e pessoas calmas, portanto]. (VA1); Vem de serviço, é uma viagem de trabalho (VA2); conhecer a montanha, conhecer outra parte de Moçambique. Eles estão estabelecidos na Ilha por dois meses. Trabalham com uma ONG, cooperação. Querem conhecer Moçambique e o primeiro sítio que conheceram foi o Gurué. Estão a gostar muito. É muito diferente da Ilha, do resto do que tem visto em Moçambique no caminho para aqui. As cores verdes, as gentes, muito, muito distinto. Também notaram que as pessoas de lá também eram diferente das daqui, notaram mais qualidade de vida, ... as casas, as ruas estão mais sustentadas (?), melhor preparadas. A via pública, na Ilha é um bairro muito pobre, outro menos pobre, mas é muito diferente daqui. (VA3); trabalho. Os colegas que trabalham aqui habitualmente recomendam este lugar. Por ser limpo, bonito, seguro. (VA4); trabalho (VA5)
	O que os entrevistados diriam a amigos e conhecidos sobre a casa	Experimentem a casa, não se vão arrepender (VA1); é o que já tem dito – se querem dormir bem, tranquilos, e comer bem, ter mata-bicho rico, venham aos padres dehonianos. Já vem fazendo isto. E se continua aqui é porque os pontos negativos não afetam a sua motivação para lá estar. Assim aconselha aos amigos, vão ficar bem e ser bem recebidos. (VA2); que merece a pena conhecê-la. O interno é muito bonito. Muito diferente do que temos visto em Moçambique. E eles trabalham em coisas muito interessantes, crê que merece a pena conhecer as coisas que esta congregação tem, não só o turismo. É ajudar a vida dos moçambicanos. E crê que é uma forma de obter mais financiamento. Eles recomendariam. (VA3); recomendaria o lugar, definitivamente. Acha que o preço-oferta está muito bem. E o

			mais importante, onde fica este hotelzinho. Fica num lugar que é o Gurué simplesmente... ele nunca tinha visto um lugar assim na sua vida. A natureza é realmente impressionante. Essa topografia do lugar é uma coisa dramática, louca. Então por essa razão não duvidaria recomendar. Além disso já viu os outros lugares, o motel, o motel Gurué, e não, não parece ser muito convidativo. (VA4); O melhor local para ficar em Gurué (VA5)
A.10. Atividades turísticas internas	Tipo de atividades que podem ser propostas pelos dehonianos aos turistas que acolhem (existentes e por organizar) (unidades de registo)	Ideal para retiros (S3); Visita às comunidades lá de fora (S1,S3); O contacto com o povo (S3); Se vem um turista que fica bastante tempo, pode-se organizar.(S3); o visitante pode trabalhar no campo da saúde, se forem médicos ou enfermeiros. (S3); Outros, sempre ficando algum tempo, podem ficar na escola das irmãs, podendo ajudar aqueles que estão atrasados, por exemplo. Mas se fica um ano, pode tomar uma disciplina, mas era preciso concertar com o governo.(S3); Com as irmãs haveria serviço. Trabalhos em si nunca faltam, numa casa deste género. Canalizador, eletricidade, mecânico, soldador. Visto que estão isolados... (S3)	
	Tipo de atividades que podem ser propostas pelos dehonianos aos turistas que acolhem (existentes e por organizar) (descrição)	A única coisa que pode interessar é o turismo religioso, ou se já, conhecer a experiência das pequenas comunidades cristãs ministeriais, ou seja, as comunidades deles que estão lá fora. Esta é uma experiência muito original, muito valiosa, que merece, mas é preciso um interesse eclesial (S1); Do seu ponto de vista o que conta ao nível de natureza aqui há volta é o Gurué e Milevane. O Gurué sim, tem muita coisa para andar, passeios, pode ocupar lá 15 dias só andando. Por exemplo, no Namúli, montanha, ter alguém que acompanhe até lá. Podia ser, mas não aparecem muitos com este interesse. Porém lá sim, há possibilidades, há lugares. Ele conhece bastante bem, andou um pouco por estas montanhas todas. Lá dá. Mas aqui não, aqui só se existir um bocadinho de interesse eclesial pela missão antiga e só tem interesse no âmbito da história da Igreja e da Evangelização. (S1); Ao nível religioso, é o ideal para retiros. Sempre por causa do ambiente largo, pode-se dar passeios e refletir à vontade. E poderiam ter alguém para orientar um retiro, ou contar com um padre de cá para isso. (S3); Enquanto experiência religiosa fora da igreja, saindo de nós, nas comunidades cristãs, pode ir na paróquia e nas comunidades lá de fora, (S3); O contacto com o povo, não diria que não é fácil. [...] Quem quisesse contactar com o povo e ver uma família, um bocadinho de curiosidade e de contacto humano, seria preciso sair e ir dar um passeio. E não encontram grupos, só famílias dispersas, não existe a “aldeia”. (S3); Se vem um turista que fica bastante tempo, pode-se organizar. Do ponto de vista há a dificuldade de língua. É verdade que é o português, mas o português lá fora não vale. Por isso, não é fácil. A não ser que seja na cidade, é mais simples. Se ficam muito tempo, até um mês, no campo da saúde, com licenças do governo, precisam de ser reconhecidos, vêm e trabalham no hospital. Uns são médicos, outros enfermeiros. Outros, sempre ficando algum tempo, podem ficar na escola das irmãs, podendo ajudar aqueles que estão atrasados, por exemplo. Aqueles que estão na 7ª classe e não conseguem assinar. As irmãs dizem que nem sabem ler as letras, quando copiam as letras estão a copiar o desenho. Elas acompanham, mas leva muito tempo. Estes são os casos limite, claro. Mas só podiam participar nesta atividade os falantes de português, claro, esses se inserem tranquilamente nessa área. Mas se fica um ano, pode tomar uma disciplina, mas era preciso concertar com o governo. Mas com as irmãs haveria serviço. Trabalhos em si nunca faltam, numa casa deste género. Canalizador, eletricidade, mecânico, soldador. Visto que estão isolados... Claro que tentam tapar um bocado as necessidades, mas estes profissionais sabem alguma coisa mais. Até há 3 ou 4 anos atrás, os padres cultivavam feijão, soja, milho, mandioca e horta. Mas trabalhar na agricultura com muitos agricultores é um prejuízo. Preferiram parar. Gastam menos na compra dos produtos. Continuam com a horta porque os produtos da horta não são fáceis de encontrar, mas com o vencimento do que trabalha na horta compravam os produtos facilmente, sem a chatice de ver como o trabalho está a correr. De maneira que não trabalham. Há 300 famílias dentro do terreno. Ficou combinado que cada família daria uma lata de 20 litros de produto pela exploração da terra (a maioria não dá, só alguns dão). O que lhes interessa é que eles saibam que não são donos das terras. Se no futuro houver algum outro projeto, devem estar preparados para saírem. Agora alugaram uma parte a um senhor que faz soja, são bastantes hectares e ainda pode alargar. E alugaram o curral, mas ainda não pagaram. Mas se há agricultores que querem vir, aqui há terreno, mesmo baixas para o arroz. Não é grandes extensões, mas as baixas produzem bem. (S3)	
	Informação sobre as atividades da casa em que pode participar (classificação)	5 (VA2)	
	Informação sobre as atividades da casa em que pode participar (indicadores)	Sabia das missas, mas não é católico e não vai, mas os colegas sim. (VA1); ele pensa que eles deixam esta coisa das atividades ao critério dos hóspedes, não é obrigatório. Ele sabe que eles rezam, e as colegas vão às missas, às 5h30 e 18h30. Sabe a partir das colegas, não dos donos da casa, e nunca teve convite. Nota 5, fica a meio. Porque ao mesmo tempo acha que eles deixam as coisas ao critério das pessoas. A casa tem padres e uma capela, as pessoas automaticamente sabem o que há, se as pessoas se interessarem, se for crente, automaticamente envolvem-se. Já veio com outros hóspedes, de fora da Zambézia e até europeus, que chegaram e aperceberam-se e participaram nas atividades. Eles dão espaço, dão liberdade. (VA2); o padre Ilário ontem à tarde mostrou todas as atividades, toda a congregação, a agricultura, os mecânicos, tudo, muito bem. Guia particular... (VA3); não sabe, nem perguntou, não é religioso. Fica aqui como usuário de hotel mas sem convicção religiosa. Mesmo não religiosas. (VA4); nenhuma informação (VA5)	
	Atividades da comunidade em que esteve presente	Não esteve presente em atos da comunidade (VA1); De modo particular faz parte de uma organização que apoia algumas atividades da comunidade dehoniana, que é a Íbis. Eles têm um centro juvenil com cursos para jovens. Eles apoiam financeiramente o centro, portanto está diretamente ligado a estas atividades, em termos de apoio técnico, na redação de relatórios, estão a pensar este ano fazer uma espécie de currículo dessas formações para sabermos que tipo de habilitações o jovem tem de atingir a médio e longo prazo. Tantos jovens estão a fazer, ma o que estão a aprender, quais as etapas. Algo para que seja melhor organizado e para dar mais credibilidade. Desde o ano passado que está ligado ao centro, e vão continuar, porque a comunidade já tinha uma parceria longa com eles, e então nessas atividades de habilidades para a vida dos jovens e os encontros de debate de temas que interessam os jovens, como a governação política, a sida, está envolvido, além de que é ele que responde pela parceria na sua empresa. Dá 7 pontos, por não estar envolvido noutras atividades. Só está envolvido na atividade de formação vocacional dos jovens. (VA2); não estiveram presentes nessas atividades. Não foram informados. E como não sabem quais são, também não sabem se queriam participar. (VA3); nenhuma (VA5)	
	O grau de satisfação em relação às atividades (classificação)	10 (VA2), não se aplica (VA5)	
	O grau de satisfação em relação às atividades (indicadores)	Está tranquilo (VA2)	
Outro tipo de atividades em que o	Ouve relatos que os padres apoiam em caso de urgência de grávidas em trabalho de parto em qualquer hora e em que é complicado irem buscar, apoiam o hospital e fazem ligação dos doentes com		

	entrevistado gostaria de ter sido integrado	Nampula e outros pontos de referência, recebem pessoas que têm alta no hospital e que não têm como ir para as suas comunidades, apoiam as crianças no centro juvenil mas nunca teve oportunidade de ver o que eles fazem – na saúde já pôde apoiar atendendo gente que veio da comunidade, a pedido dos padres, e faz acompanhamento, e está disponível para isso daqui para a frente (VA1); nunca pensou nisso. Por isso não responde, senão vai inventar. Mesmo na religiosa... na altura certa irá integrar-se sozinho, não precisa de ser pressionado. No período da manhã principalmente. Às vezes é uma preguiça... (VA2); Só porque foi ai pessoalmente caminhar onde moem milho, pela fábrica de madeira... mas isso podia ser uma visita guiada e é muito bom, porque falou com as pessoas que estão a trabalhar ali e estão a produzir produtos de qualidade que vão para Maputo, Lichinga, têm encomendas, com bom nível, tem boas maquinagens, em uma escola de instrução técnica a pessoa que chega aqui... muitos estariam interessados em conhecer o que se está a fazer aqui. Podia fazer parte de uma atividade. E não tem isso –incipiente, por explorar. E seria uma boa. (VA4); desporto (VA5)
	Companhias de chá disponíveis para mostrar a sua produção e os seus processos de fabrico aos turistas	Fábricas do chá podem ser visitadas, mas é preciso dar um pré-aviso, não podem estar sempre a receber visitantes, gasta-se tempo a acompanhar. Mesmo aqui nas oficinas, só se forem grupos que já estiverem cá e quiserem dar uma volta rápida. Mas é diferente para as fábricas. Eles gostam de mostrar, mas se estiverem muitos visitantes, é problemático, têm de arranjar só quem faça isso, mas se não é uma perda de tempo. (S4a); Para ele, a primeira coisa, indicar os lugares. Quando chegaste, tiveste perguntar onde podias ir. O turista pergunta essas coisas. Por exemplo, que fábricas pode visitar. A mais próxima é a UP6. Mas não é fácil visitar. Eles aceitam o centro porque dependem da mecânica e da serralharia. E o diretor é amigo, por isso aceitam. E eles muitas vezes não gostam, porque não podem garantir que os trabalhadores estejam a trabalhar nas melhores condições (por exemplo, sem uniforme; sem proteção), não fica bem, pensa que talvez tenham medo disso. É a única que está perto, depois a mais próxima está um pouco fora. E depois, se tivessem muitos turistas, tinham de ter alguém a guiá-los lá dentro. Precisaria primeiro de uma organização e coordenação entre todos os dirigentes dos lugares turísticos que são possíveis e que eles estejam abertos. Mesmo a fábrica que faz processamento de feijão para fora, também precisaria de ter pessoas que aceitam, porque também é bom para a própria fábrica, porque o turista que passa acaba por comprar o chá e espalha por todo o mundo a imagem daquela fábrica. Mas eles não pensam assim. (S4c); estão (disponíveis) – a companhia do Gurué. Ainda outra sediada em Nampula, mas que explora em Gurué [deve ser Gulamo], e vendem na padaria Nampula os saquinhos, mas também as ervas que precisam de ser coados, e também ervas medicinais. Eles deixam visitar. E é benéfico, porque as pessoas falam mais do produto e vende-se mais. (HL10); Gurué é mais conhecida pela produção do chá, mas também água mineral. É um lugar turístico. Troca de experiência: temos de saber como se faz o chá. E aprendemos outras formas noutros lugares. Gurué é um lugar turístico e lindo. Já estive lá uma vez mas não entrou nas fábricas. Mas já viu várias notícias de como fazem a preparação do chá. (HL10); Estão abertas a visitas. (HL31); é questão de coordenar com os gerentes. Tal como ir visitar a casa presidencial, é preciso autorização. Estas fábricas têm sede nas UPs, mas algumas estão perto, menos de 10/5 km. (HL32)
	Condições para fazer um protocolo de cooperação entre a casa e as companhias de chá para a promoção e desenvolvimento do turismo	Há um bom relacionamento, os padres podem ligar e combinar. Para visitas temporárias, sem chegar grupos continuamente. Mas se num mês há 20 grupos, é preciso organizar, e ver se eles aceitam ou não. A menos que eles criem condições, um acompanhante, mas aí é preciso pagar. (S4a); Se houvesse mais aquela vertente do turismo, qual eram as possibilidades de arranjar acordos, parcerias, se calhar de uma forma menos formal, com as fábricas de chá, para possibilitar o acesso à fábrica, às quedas, à casa presidencial? Quanto à fábrica pensa que ali precisa de concordata, em Moçambique funciona sempre assim. Depois, as fábricas de chá estão mais viradas para o negócio, não aceitam facilmente, nem é muito fácil levar as escolas lá. As quedas pertencem aos donos das fábricas de chá, o lago também. Para ter acesso é preciso pedir-lhes. Eles aceitam, mas não estão ali para o turismo, estão para o negócio. (S4c)
	Contributos possíveis da Escola Básica Industrial, o Instituto Médio Agro Pecuário e as Oficinas na promoção do turismo na região	O turismo é feito na natureza, talvez pudesse intervir na conservação e tentar focalizar nos seus temas a importância da natureza, a possibilidade de esgotamento dos recursos, preservar a água, não abater descontroladamente as árvores, assinalar os lugares onde o turismo poderia ser feito. No estudo da agricultura a primeira coisa que dizemos para fazer é o abate, desbravar áreas de conservação, há uma certa inclinação para a destruição. Temos de contrariar um pouco isso. Renovar o currículo, incluir mais elementos. Quando estão a capinar, quando encontram uma serpente, a primeira coisa que fazem é matar. (HL31)
	Outros atrativos que a casa tem para oferecer ao turista (unidades de registo)	O sossego (S1, S3, VA1); Sensibilidade dos padres (S1); sentido de fraternidade e cordialidade para com todos (S1); Atrativo social: o centro juvenil (S1); possibilidade de receber reuniões (S1); conforto (S1, VA1); a paisagem (S3); ideal para retiros (S3); visita às comunidades cristãs no mato (S3); Segurança (HL15); calor humano e apoio da parte dos padres (VA2)
	Outros atrativos que a casa tem para oferecer ao turista (descrição)	Mas aqui em Alto-Molocué, um lugar sossegado como este, onde possam descansar com estas condições (quarto, wc privativo, água corrente), não tem. Por agora só têm uma falsa concorrência. Agora estão a construir dois hotéis e abriram outro no ano passado. Mas muitos que cá vêm serão clientes fixos, são já clientes conhecidos que gostam de cá estar, um pouco porque os padres os conhecem, um pouco porque já estão a colaborar com eles, um pouco pela sensibilidade dos padres, um pouco por não terem preconceitos com a Igreja. (S1); Mas pensa que conta mais a atitude, mais que acolhimento, porque lá fora há um protocolo mais forte. Mas transmitem um sentido de fraternidade e cordialidade para com todos, este é percebido positivamente. Sentam -se à vontade a comer, partilhando o comer, o que houver, mas também não acredita que haja algum restaurante a fazer comida assim, internacional e tal. É assim. (S1); Não, deste ponto de vista não há atrativos. A não ser o pequeno atrativo social que seria o centro juvenil. Aqui o que é apreciado é lugar, bastante sossegado onde pode descansar, porque as pessoas vêm para trabalhar e precisam disso. (S1); Têm também hospedagem de políticos, que vêm a encontros aqui. E têm disponibilidade para reuniões, só não são grandes reuniões, na sala pequena ai também, na casa dos hóspedes, onde tomavam as refeições, na parte da garagem, que diz sala de hóspedes. (S1); Se quisessem poderiam lá chegar, mas teriam de cuidar melhor da cozinha e lançarem-se mais na própria refeição, ao nível do aumento do leque de ofertas para quem ficar. Mas em geral todos aceitariam porque o que encontram fora não é sempre nem saudável nem bom. Comem sempre a mesma galinha com batata frita. E o custo é semelhante ao dos padres. E é muito cómodo ficar dentro da casa. E agora a casa oferece TV e internet, é uma forma de familiaridade com os padres. Entra-se muito facilmente nesse tipo de familiaridade. Encontra-se bem e vão andando. (S1); Agora, há tempos em que a casa está cheia, e outras alturas que nem tanto. O elemento seletivo, de escolha deste lugar, é para muitas pessoas sobretudo as de sexo masculino, é a de que aqui não oferecem possibilidade de experiências sexuais. Fora encontra-se a prostituição, é muito difundida. Estes trabalhadores que andam por aqui, mesmo pagando um alojamento pior, preferem a liberdade. Estão condicionados um pouco pelo horário, colocaram a hora de fecho às 22h30, para quem vai fora jantar. Se pedirem podem combinar para se poder entrar noutra hora. E este levou a algumas pessoas que vieram cá a, depois da primeira noite, irem para um lugar bem pior mas mais livre. Aqui chegam sobretudo os que trabalham e querem trabalhar. Precisam de descansar e acordar bem cedo. A partir das 6h15 tem possibilidade de ter o pequeno-almoço e até pode pedir para ter algo antes se tiver que sair mais cedo. (S1); a nível de paisagem evidentemente é bonito, não só aqui, mas também subindo as montanhas. Não é como o Gurué, não é fora do normal, mas é bonito. E pode oferecer descanso, silêncio, reflexão. Porque não há movimento, é muito sossegado, tem silêncio absoluto de noite. Ao nível

			<p>religioso, é o ideal para retiros. Sempre por causa do ambiente largo, pode-se dar passeios e refletir à vontade. E poderiam ter alguém para orientar um retiro, ou contar com um padre de cá para isso. Enquanto experiência religiosa fora da igreja, saindo de nós, nas comunidades cristãs, pode ir na paróquia e nas comunidades lá de fora, como presença dos padres do ponto de vista litúrgico, praticamente é sábado e Domingo. O resto vão para formação. Por isso seria ver uma maneira diferente de ser Igreja, de viver a comunidade cristã, aqui fora, que nem se encontra nas cidades moçambicanas, onde se encontra praticamente a paróquia europeia, onde está um pároco. Enquanto aqui há 110 comunidades mas ninguém se sente pároco. Aqui eles caminham e os padres entram e fazem um certo tipo de serviço formativo, e de assistência religiosa, mas caminham independentemente. Só tem duas ou três missas cada ano. Algumas nem tanto. Por isso é uma experiência bonita. Porque responsabiliza. Porque pode-se constatar que é possível viver uma igreja sem um pároco, sem depender do clero de uma forma total. Do ponto de vista humano, pode ser partilhar um pouco do estilo de vida dos padres. Mas claro que se são dois ou três, partilham das suas vidas, ver os defeitos e as virtudes, mas é mais difícil se forem grupos grandes. Agora do resto, de lazer, não há nada. O contacto com o povo, não diria que não é fácil. Porém, infelizmente a propriedade é bastante larga. Já há quem viva dentro dos limites, mas estão longe da casa ainda assim. Aqui em baixo é bastante fácil, mas lá é preciso ir à montanha. Nas irmãs, e lá para abaixo além das irmãs. Quem quisesse contactar com o povo e ver uma família, um bocadinho de curiosidade e de contacto humano, seria preciso sair e ir dar um passeio. E não encontram grupos, só famílias dispersas, não existe a "aldeia". A única concentração é Nauela, o resto. Na montanha há bastantes perto umas das outras, mas se vai lá fora, cada um vive, o grupo familiar... sempre viveram assim. (S3); Diz que não há mais atrativos (S4a); O lugar mais seguro é nos padres. A maioria prefere os padres, é um lugar calmo e pouco movimentado, enquanto nos outros há muita agitação, movimentação. Eles preferem um pouco fora da cidade. O Kapulana também é um pouco fora. (HL15); Garante-se o bem-estar nesses espaços sem problemas, não há uso de álcool, música alta. Garante o conforto do próprio hóspede. (VA1); porque há uma sala de refeições em que às vezes são convidados a fazer parte das refeições com os donos da casa. E geralmente é um grande momento para conversa e aprendizagem, e sente-se um grande apoio por parte dos donos da casa. Pensa que é uma questão muito importante de louvar a esta casa. Fora as mesas e os talheres, o calor humano que têm proporcionado supera qualquer elemento físico da sala. (VA2);</p>
	<p>Produto-âncora que justifica a promoção de uma rota de turismo dehoniano</p>		<p>O modo de viver é o mesmo, porque comungam a mesma espiritualidade (HL1); A forma de viver dos dehonianos impressiona os turistas, muito por causa das várias atividades que eles desenvolvem (HL1); As atividades que os dehonianos fazem num sítio são as mesmas que fazem noutra sítio, só o ambiente é que muda (HL2); quem chega integra-se mais facilmente do que numa comunidade não dehoniana do que num ambiente em que chega pela primeira vez (HL2); Num ambiente com padres e irmãs é mais fácil a integração, são pessoas habituadas a conviver com vários tipos de pessoas (HL2); a facilidade de integração é uma vantagem para o turista (HL2); Os dehonianos podem ser a ponte entre turista e comunidade local, por terem uma ligação a este segundo elemento (HL2); Se alguém passar tempo nas comunidades, consegue depois conviver. Se chega numa comunidade, se as pessoas falarem com as autoridades/responsáveis, o acolhimento é facilitado, tal como a comunicação. E depois até se ganha experiência. Uns grupos de Voluntários em Lichinga, eles diziam que entravam nas comunidades de lá e já eram como se fossem de lá, porque iam com as pessoas da zona, ligadas à paróquia. Se fosse aqui, a Catarina podia entrar através dos grupos de jovens. (HL2); Pensa que a primeira razão é o acolhimento em si. Nos entendemos, nos informamos, os turistas querem aquele lugar e nos preparamos. E a segunda é o próprio carisma de disponibilidade, disponibilidade para acolher os turistas que estão a chegar. Destacar alguém para acolher e disponibilizar um pouco se for necessário servir de guia. Então, de uma comunidade para a outra, de um local para o outro e com um pouco de meio que se têm. (HL29); a própria espiritualidade. E o carisma, que é aquele da educação, evangelização, formação, obra social (no qual inclui o turismo) e outras atividades. Trabalham a vários níveis em vários lugares. Há um médico na saúde, alguns estão na educação, ele também estava e agora está na pastoral. Depende das necessidades da província e também das inclinações das pessoas. O padre está aqui nem há um ano. Estava em Nampula, era pároco de Napipine. São 4 padres na comunidade. Molocué está a 60 km; aqui é metade. Gurué-Molocué, 60 60. (HL30)</p>
	<p>Atividades exclusivas dos dehonianos</p>		<p>Experiência das pequenas comunidades cristãs ministeriais, ou seja, as comunidades deles que estão lá fora. Esta é uma experiência muito original, muito valiosa, que merece, mas é preciso um interesse eclesial (S1); Atividades dos dehonianos aqui são de administração da província. Já não há pastoral aqui, há autonomia, tudo em Moçambique é uma administração local. (S2); Atividades exclusivas: Milevane tem uma potencialidade enorme mas deixaram cair toda a fonte de rendimento: gado, culturas agrícolas, estrutura de canalização de água. Então agora precisa de tudo. Também não se quer agora recapitalizar esta obra porque as pessoas são um pouco assim frias. Quem é que as obriga a viver longe de tudo, estão a 60 km do Gurué e a 40 km de Molocué, mas com estradas péssimas. E então todos dizem que não vale a pena. Então eles precisam da ajuda de outros. Então é o administrador provincial que deve ver um pouco como é que se move as entradas, as receitas e os gastos. Oito casas? Duas em Maputo, duas em quelimane (esta e o Sococo), Alto-Molocué, Gurué, Milevane, Nampula. Nampula a casa que não é de propriedade dehoniana mas porém é o centro dehoniano praticamente, porque estão a construir uma obra nova. Quelimane é um lugar muito quente e cheio de água, chuvoso, húmido. As pessoas podem ser mandadas a início para aqui, mas a seguir a uma semana estão logo a queixar-se que o médico não os deixa viver num sítio em que a humidade é de 100% e a temperatura superior a 35 graus. Quelimane para eles é um lugar fora do mundo. Quando dizem no Molocué que é preciso ir a Quelimane, alguém irá queixar-se: é preciso mesmo ir, não pode ficar para o próximo mês, que é mais fresco? No Gurué e no Molocué são zonas mais frescas e quando chegam aqui é um choque, é muito quente e é muito húmido, transpira-se muito. E então há esta opinião – Quelimane não... Então aos pouco lembrou-se que é muito melhor o centro de administração fique numa cidade grande como Nampula que neste momento oferecia ainda custos limitados para construir. De facto, uma área de 100 hectares é uma riqueza. Começar com a casa dos estudantes e coloca-la lá. E depois aos poucos ver com é... Porque todas as missões dos dehonianos estão no planalto – Molocué, Gurué e Milevane. É difícil... Aqui em Quelimane serão pelo menos dois meses que não vêm os do Molocué. São obrigados a vir daqui a um mês por causa de uma reunião. Mas eles a Nampula, cada 15 dias, cada semana, estão lá. São 200 k, aqui são 400 km. E depois é o clima de Quelimane. Não só, é uma cidade mais reduzida, a mais isolada de Moçambique. Quelimane não é favorável à implantação de capitais. Muito fora. A estrada nacional passa a 60 km da cidade. Aqui não passa a estrada nacional, passa em Nicoadala. A estrada aqui é alcatroada porque vêm camiões do Malawi, para diesel, para abastecimento do aeroporto. Então o desenvolvimento da cidade é muito lento. (S2); Aqui eles caminham e os padres entram e fazem um certo tipo de serviço formativo, e de assistência religiosa, mas caminham independentemente. (S3); Atividades: O dinheiro ganha serve para pagar a casa e os serviços da casa ou também já reverte para...? O dinheiro reverte para a caixa comum da província moçambicana. É guardado aqui no banco, e à medida que é necessário nas outras comunidades, eles enviam, através do provincial. Com esta obra de hospedagem conseguem ter boas receitas para ir ao encontro do autossustento, porque chegará o dia em que não chegará mais dinheiro da Europa. Se calhar se conseguíssemos repetir este efeito, talvez não em todas as outras casas, mas? Sim, onde temos oportunidade... Molocué, Milevane, Maputo, mas também depende do pessoal que têm, nem todos têm vocação para a hospedagem, é preciso sacrificar tempo e ter paciência, não é fácil. (S4a); aqui são de administração da província? Sim. Já não há pastoral aqui? Não, há autonomia, tudo em Moçambique é uma administração local. Já tem 12 sacerdotes de idade moçambicanos, todos além dos 40 anos, já de 62 anos que faleceu. Já há uma estrutura que estão num caminho de envelhecimento, quase. Então devem eles tomar conta, não há interferência de fora. Ela pode existir se há obras válidas. Por exemplo o Adérito, que vem como professor universitário durante 3,4,5 meses, é</p>

			<p>válido, muito válido. Há um outro que virá para filosofia em Nampula, porém aos poucos surgem inevitavelmente aqui os professores que são necessários. Mas os 3 padres aqui da casa que tipo de funções têm? A função diretiva. O padre Carlos é o provincial, deve visitar constantemente aquelas zonas onde há um pouco de problemas. Depois o padre Marchesini, que toma conta da saúde e da cirurgia, têm o tempo cheio como professor de técnicos de cirurgia. Depois o padre Bellini é o ecónomo provincial, isto é, deve ter sempre presente a economia de todas as 8 casas, deve ver como se equilibram um pouco os lucros. Umas têm muitos lucros, outras não têm nada. (S2); Todos os anos têm como método de trabalho rever pormenorizadamente os trabalhos de cada comunidade. Atualmente são 8. (S2); Tem duas funções principais: hospedar a cúria provincial e ser a casa de referência das outras missões para encomendas, lugar de apoio para mecânica, celebrações e encontros de trabalho. (S2); Ouve relatos que os padres apoiam em caso de urgência de grávidas em trabalho de parto em qualquer hora e em que é complicado irem buscar, apoiam o hospital e fazem ligação dos doentes com Nampula e outros pontos de referência, recebem pessoas que têm alta no hospital e que não têm como ir para as suas comunidades, apoiam as crianças no centro juvenil mas nunca teve oportunidade de ver o que eles fazem – na saúde já pôde apoiar atendendo gente que veio da comunidade, a pedido dos padres, e faz acompanhamento, e está disponível para isso daqui para a frente (VA1); Trabalhos em si nunca faltam, numa casa deste género. Canalizador, eletricidade, mecânico, soldador. Visto que estão isolados... Claro que tentam tapar um bocado as necessidades, mas estes profissionais sabem alguma coisa mais. Até há 3 ou 4 anos atrás, os padres cultivavam feijão, soja, milho, mandioca e horta. Mas trabalhar na agricultura com muitos agricultores é um prejuízo. Preferiram parar. Gastam menos na compra dos produtos. Continuam com a horta porque os produtos da horta não são fáceis de encontrar, mas com o vencimento do que trabalha na horta compravam os produtos facilmente, sem a chatices de ver como o trabalho está a correr. De maneira que não trabalham. Há 300 famílias dentro do terreno. Ficou combinado que cada família daria uma lata de 20 litros de produto pela exploração da terra (a maioria não dá, só alguns dão). O que lhes interessa é que eles saibam que não são donos das terras. Se no futuro houver algum outro projeto, devem estar preparados para saírem. Agora alugaram uma parte a um senhor que faz soja, são bastantes hectares e ainda pode alargar. E alugaram o curral, mas ainda não pagaram. Mas se há agricultores que querem vir, aqui há terreno, mesmo baixas para o arroz. Não é grandes extensões, mas as baixas produzem bem. (S3); As receitas da hospedagem servem para alimentar os padres que estão noutras casas, não a eles. Eles usufruem somente da alimentação. Até agora serviu para construir algumas coisas importantes na província moçambicana e assim como também a alimentação de algumas casas de formação e as de comunidades religiosas. A escola funciona a partir do Centro Polivalente, não da hospedagem. A hospedagem está em nome da província moçambicana, ao passo que o CPLD, estando na mesma em nome da província, é gerida pelo CPLD. Então os lucros da parte industrial do CPLD é que servem para manter as duas escolas. Antes era o centro que pagava os professores. Agora fizeram uma parceria com o governo para que seja ele a pagar aos professores. Assim, o CPLD ajuda a escola em certos investimentos, como o caso de uma biblioteca (?). A conceção é mesmo de que os lucros da parte industrial devam manter a escola. Esse é o objetivo. (S4c); O padre Ciscato vai lá (Anchilo, Nampula) dar aulas sobre a cultura local. Entre Nampula e Anchilo está a casa nova dos dehonianos (HL2); O superior é o padre Renato. Aqui estão duas comunidades. Uma comunidade formativa, que está com o padre [que fez a entrevista] e o padre que saiu para o Molocué, e a comunidade da pastoral, com o padre (...) Renato e o padre Augusto. O padre entrevistado responde pelo padre de fora, o padre Renato por padre de dentro. O padre Augusto é o pároco de cá. (HL30); Eles têm um centro juvenil com cursos para jovens (VA2) o padre Ilário ontem à tarde mostrou todas as atividades, toda a congregação, a agricultura, os mecânicos, tudo, muito bem. Guia particular... (VA3); Só porque foi aí pessoalmente caminhar onde moem milho, pela fábrica de madeira... mas isso podia ser uma visita guiada e é muito bom, porque falou com as pessoas que estão a trabalhar ali e estão a produzir produtos de qualidade que vão para Maputo, Lichinga, têm encomendas, com bom nível, tem boas maquinagens, em uma escola de instrução técnica a pessoa que chega aqui... muitos estariam interessados em conhecer o que se está a fazer aqui. (VA4);</p>
	<p>Sugestão quanto a atividades não relacionadas com o alojamento</p>		<p>Não há mais algum aspeto sobre os recursos humanos que não tenha sido falado e possa ser importante: [expliquei o que trata a tese; que inicialmente reverte para os padres, mas estes ajudam a comunidade e o turismo beneficiaria a comunidade local]. De facto os padres têm ajudado muito o distrito, nessa parte de alojamento, é de louvar, todos reconhecem. Todas as grandes individualidades ficam lá. Se aumentassem um pouco a capacidade seria melhor, porque têm muitos visitantes e os quartos lá são limitados. E eles é que oferecem boas condições, qualidade. Se aumentassem sentia que era melhor. Já que se fala deles, o entrevistado proporia uma questão. Tem tido a questão de falta de orfanatos, porque ninguém tem condições para isso, mas olhando à experiência dos padres, parece que têm capacidade de fazer isso. Noutras alturas, não tinham orfanatos mas apoiaram muito as pessoas, tanto órfãos como pessoas carentes. Então sentem que têm capacidade para ter um orfanato. E há muita necessidade disso, muita criança por aí espalhada. Não só órfãos, mas também filhos de pais que não têm condições para dar educação. Outra proposta, em relação aos padres terem uma estância turística, talvez que tivessem mais cooperação com o estado. Se estão na zona municipal, podiam cooperar com o conselho no sentido da formação dos recursos humanos. Isso é necessário. As pessoas por vezes ficam atrás numa determinada área enquanto os outros estão a avançar. Pelo o que os padres fazem no distrito, têm ministrado muitos cursos lá. Se cooperassem com o conselho, para beneficiar-se desses cursos, para não ficar atrás, seria uma ideia boa. Porque nós como pessoas precisamos de conhecimentos mais adequados, de muita informação. Outra questão é que falando dos padres, são pessoas ligadas à Igreja, e na Igreja temos jovens que eram seminaristas e já não são. Têm um conhecimento, aprendido nos conventos, que em algum momento pode ajudar. Então porque é que os padres, se têm essas oportunidades de criar crianças, ter alguns cursos de informática, porque é que não podem alugar essas pessoas. São pessoas que já tiveram aquele caminho, estão desempregadas, precisam de algum apoio. Porque os padres dehonianos não podem levar eles, nem que seja para dar uns 500 meticais lá, para comprar alguma coisa e seu sabão. Reconhecendo que aquelas pessoas tiveram uma grande caminhada na Igreja. Acho que devia haver isso. Saber quantos são, independentemente se eram dehonianos ou não, mas saber que já viveu na Igreja há muito tempo, e ele têm experiência religiosa. E naquela casa precisa de alguém com essa experiência. Não é como levar qualquer um lá para dentro, que precisa de muita catequese para se enquadrar. Agora o que já esteve lá, já sabe o regulamento. Para pessoas por esse mundo fora, não para mim que já tenho o meu pequeno pão. [esta foi uma ideia que surgiu porque a Igreja já não recebe muito; é uma forma de tentar sustentar as atividades, não é para ficarem ricos; é dar mais algum a eles por sabermos que eles ajudam a comunidade, mas essas são sugestões boas para quando eles tiverem mais capacidade económica talvez. É também bom para dinamizar mais o turismo]. É o que o distrito precisa. É uma questão que se poe, todos querem desenvolver, mesmo a Igreja precisa de se desenvolver. O distrito não pode ficar atrás, precisa de se desenvolver. Mesmo que houvesse dois ou três parceiros com a mesma ideia, sente que seria bom, seria bem-vindo. Cada um teria a sua ideia, a sua área de desenvolvimento, não seria um constrangimento. A ideia seria bem-vinda (HL22)</p>
	<p>Relação da comunidade local com os dehonianos de Nampula</p>		<p>Há uma boa relação, porque eles estão lá para evangelizar, vivem no mundo com a comunidade - está ligado ao modo de viver dos dehonianos (HL1); de momento é boa (HL4)</p>

		<p>outros de outra. Os pais preferem que os filhos escolham uma a não irem a templo nenhum. Mas não há quem escolha não seguir nenhuma, porque temos as nossas próprias crenças? Aqui, nessas crenças, dentro do cristianismo e do islão, temos separação. Temos aqueles que não fazem as cerimónias, mesmo em caso de funeral é só rezar e não fazem mais nada, nem visitar o cemitério, como os protestantes. Os católicos sabem que têm de ir fazer a limpeza da campa, rezar missa. O mesmo que acontecia antes, havia gente a ser enterrada e a deixar uma cadeira em cima, sinal que o morto gostava daquela cadeira. As pessoas acreditavam que havia uma outra vida depois da morte e aquela cadeira era para o morto se sentar. Os muçulmanos também têm separação. (HL4); Nampula cidade foi muito marcada pela presença islâmica especialmente Sri Lanka, Ceilão, Índia, Paquistão. A sua característica é prevalentemente comercial. E o comércio prevalentemente está na mão destes senhores asiáticos. A cidade pensa que foi fundada pelos colonos, antes não havia cidade, para além daquelas fundadas pelos árabes no litoral. Os árabes chegaram antes. As cidades no interior são tipicamente coloniais. (HL11); Como nasceu a vila do Alto-Molocué: assim não seria capaz. O historial existe escrito, mas não tem em mente essa informação. (HL22)</p>
	História local de Quelimane	<p>Era uma cidade agrícola. A indústria do coco. Todas as semanas saem dois contentores de óleo de coco para a Suíça, da Madal. O gerente é um português, o doutor Rogério. E depois a base agrícola tem a madeira, que aqui tem uma neste canto. O Gurué, mas está já muito longe, mas o chá do Gurué vai ao Malawi, que é ali perto. E carrega os camiões para Nacala. Quelimane sempre foi, desde que conhece a cidade, é um lugar muito longe e muito incómodo. Não é vocacionada para ter uma capital. O porto é pequeníssimo. Entram navios costeiros só quando a maré está cheia. Baixa em dois metros a maré, é o que basta para os navios ficarem parados. A capital era a Ilha de Moçambique até 1898. Até surgir a guerra anglo-boere, e então, a Ilha era a capital e os grandes impérios tradicionais aqui eram ao longo do rio Zambeze, e os navios portugueses, em 1598 a chegada, e em 1600 procuram o Monomotapa, o império. Então vêm, numa primeira estação em Quelimane, e depois todos estes rios são o delta do Zambeze, vão dar ao Zambeze, então num destes rios preparam outra cidade, Sena, e depois dali muitas passagens a pé, porque começam as cataratas, então chegam a Tete. Mas era o mundo comercial daquele tempo. O Norte de Moçambique é ao longo da costa, era o comércio de escravos. E depois a procura por ouro, por metais, ao longo do Zambeze. Ao sul Sofala, significa em suaíli terra do sul, que é Beira. Mais ao sul não se deslocava. Depois houve a progressiva um pouco estacionamento de grupos militares ao longo da costa, surgiu então Lourenço Marques, João Belo (Xai-xai) e Inhambane. Era nestes centros militares. E depois viram que o sul era só ocupado ao longo dos rios, fora isso era só savana, deserto. Então a 3 rios do Sul, rios de arroz e outras coisas, Incomati, Limpopo e Save (já mais a norte, perto de Inhambane). E então também no sul houve uma certa facilidade em ser ocupado porque ninguém, nem França, nem Inglaterra, nem Holanda, desejava este território. Porém, surgiu o problema de Lourenço Marques. Esta tem uma grande baía. Esta grande Lagoa, de Lagoa Bay, foi desejada pelos sul-africanos (ingleses e holandeses). Então Portugal já tinha tido problemas com Inglaterra, quando quis unir Angola e Moçambique, o mapa cor-de-rosa, e apelou-se à França, que também queria travar o avanço da Inglaterra. Estava a preparar o caminho de ferro a partir da cidade do Cabo até ao Cairo, um caminho -de-ferro único que passava sempre em território inglês. Então veio o Mac-Mahon, aquele que deu o nome à cerveja, um general francês, com um exército e presidiu fortemente Lourenço Marques. Disse que Lourenço Marques é difícil de ser capturado, porque é em cima de uma colina, e tem diversos limites bem definidos. Em 1898, Mac-Mahon pegou na administração do governo do governador geral da ilha para a Lourenço Marques. A ponta vermelha chamaram. E então sendo o governato-geral em Maputo, também construíram um presídio militar muito grande português. E então nunca mais houve dificuldades em relação à África do Sul. Porém, o mundo português quando se desenvolveu no Norte de Moçambique apanhou sempre esta faixa. Então havia aqui a catedral do 1600, aquela catedral velha. E depois havia ainda ocupados na cultura do coco técnicos da Índia, porque Goa era portuguesa, não havia necessidades de passaportes nem nada. Desde que um tivesse uma cédula pessoal coesa, podia viajar em todo o território de Moçambique. Então Quelimane, mesmo agora, é mais indiana que africana. Chama-se de canecos os mistos de indianos e negros. Tudo, todo o norte, tem indianos, mas também depois a estrutura do apartheid da África do Sul queria... a cidade de Joanesburgo era para os holandeses, a cidade do cabo era para ingleses e europeus, Durban só indianos. Então amontoaram pelo menos uns 3,4 milhões de indianos em Durban. Tem uma história, têm uma casa dehoniana lá, vê-se mesmo pelas igrejas fotografias, equipas de futebol, estruturas assim, todos de carácter da Índia. E ao longo da costa praticamente havia uma colonização indiana constante de cima para baixo. Agora, alguns estados expulsaram os indianos. Porque eram os lojistas, os comerciantes. Zâmbia e Congo expulsaram-nos. E então houve esta técnica das famílias indianas, de ter um membro da família no Malawi, outro em Moçambique, outro em Zâmbia, outro na África do Sul. E ligados ao mesmo ramo do comércio, e então entre eles se apoiam. E agora há estruturas de comércio muito fortes. (S2); A maioria da população de Quelimane vem dos distritos, é raro ouvir dizer que alguém é natural daqui, que os avós cresceram aqui, a origem, a raiz é da cidade, é muito difícil. Para começar, a cidade de Quelimane originou como se fosse porto, era de onde saiam os escravos, os antepassados, saíam a partir do porto. Os que sentavam para organizar isso acabavam criando a cidade. Vinha alguém para esse fim e acabava criando um espaço fixo para viver. É raro que alguém tipicamente de Quelimane. Pode ser daqui só por ter nascido aqui, mas os avós não são aqui. As culturas são mais do Norte, vem de lá para cá. A língua que se fala aqui é uma fusão de muitas outras línguas, o Chuabo. Por exemplo, o lomué, do Norte, com o Manhawa, e daí veio o Chuabo. É normal ver-se um bairro com várias línguas, e há muitas culturas diferentes entre si. Há multiculturalismo. Cada um manifesta a sua cultura, não há uma cultura única. Só se for o carnaval, é a única coisa cultural única de Quelimane. Aquelas culturas tipo Inhambano, que é um tipo de dança, são culturas que estão mais especificadas na região norte, só porque as pessoas vieram e se estabeleceram aqui não deixam de praticar, mas são típicas de fora, do Norte, não daqui. (HL26);</p>
	História local de Milevane	<p>A de Nauela pode existir, mas pessoalmente não sabe. Há quem diga que o nome vem de uma montanha, outros dizem que não. Era preciso mais informação sobre como surgiu. Faltam fontes provavelmente. Sobre a fundação de Nauela. Sobre a fundação, a igreja quando chegou não. Mas como localidade, infelizmente falta. Na missão, a casa ao lado da igreja que está pintada de novo era o quê e é o quê? Era escola. Tudo estava destruído com a guerra, partiram tudo até telhado. A única coisa que não mexeram foi a igreja. Depois quando os padres voltaram é que começou a recuperação. Então trouxe aquela casa ali que funciona um pouco como secretaria da paróquia, e umas duas três salas que estão lá, e penso que terá encontrado alguns jovens lá que servem como... as comunidades é que pediram, as crianças só tem aqui até à 7ª classe, a 8ª não há, só na sede de Nauela, e temos crianças pequeninas, manter em casa não dá. Então recuperaram aquelas salas que servem como internato. Estão lá as crianças e os jovens, e as meninas vivem lá. Sem nenhuma condição, na sexta-feira deve ir a casa buscar alguma coisa de comida. E então vivem... Aquilo tudo foi entregue aos diocesanos quando? Não, aquilo era uma missão dos dehonianos, até à nacionalização. E até agora também, ainda não foi entregue a diocesanos. Nós é que estamos a assistir. Dali como sete (?) e depois todas as comunidades em volta. Foi uma das poucas que ainda não foi entregue, é única ao nível da diocese do Gurué, porque ao nível da diocese estavam os padres dehonianos e foram entregues muitas paróquias e igrejas, o que antigamente se chamavam missões, foram muitas entregues e praticamente a única que ficou foi aquela. (HL29)</p>
	História local do Gurué	<p>As unidades partiam de 0 – Zambézia - , 2 – Alverca - , 3 - depois do aeroporto - , UP4, Up5 - com fábrica a funcionar, lá no fundo, numa montanha; para quem vai à santinha, (entre 4 e 6?) também explorado por indianos - , UP6 , UP7 - fábrica não funciona desde guerra civil - , UP8 – idem - , UP9 - idem, UP10 – idem - , UP11 e 12 - a funcionar. (HL33)</p>

	Atividades econômicas predominantes na província de Nampula (unidades de registo)	Comércio (HL1, HL4, HL6, HL7, HL8, HL35); agricultura (HL1, HL4, HL6, HL7, HL8); exploração mineira e geológica (HL1, HL7, HL8, H11); extração de água mineral (HL7); Pesca (HL35); turismo (HL35); artesanato (HL35)
	Atividades econômicas predominantes na província de Nampula (descrição)	O comércio em Nampula faz-se em lojas e na rua (HL1); Mineração no distrito de Mogovolas, no lugar de Mavugo. São recolhidas pelos locais, mas são vendidas aos estrangeiros, que lucram com a venda no exterior (HL4); As areias pesadas em Moma eram do fundo do mar; agora muitos visitantes levam para casa (HL1); a cidade tem um forte de comércio, mas está nas mãos de nigerianos, somalianos e outros estrangeiros; os naturais vão à machamba, colhem e transportam para a cidade, recebem pelo produto para poderem comprar roupa, e outras coisas, ou então fazem outros pequenos negócios, como vender um bolo, amendoim torrado ou revender combustível, só para não ficarem parados à espera que o pão caia na boca, preferimos fazer essas pequenas coisas (HL4); vão muito ao mercado vender os produtos. As pessoas vão a Angoche, Moma e Memba, compram peixe lá e voltam com ele e vendem-no aqui. Isto para as pessoas comuns. Em maior escala será mais o comércio, lojas, por aí (HL6); na cidade temos o comércio (HL7); Mas temos mais frequência de comboios, que transporta grandes cargas de Nacala, que abastece a cidade de Nampula, e vindo de Malema, o celeiro de Nampula. (HL7); Em Moma tem a segunda empresa de extração em Moçambique, a Kenmare; a segunda é a Vale, em Tete. Distrito mais populoso e diz-se que é um lugar de referência ao nível nacional por ter muitas nacionalidades, muitos estrangeiros que vão para lá diretamente. Também turistas vão para lá (HL7); Nairucu, um monte onde se faz extração de água mineral, em Rapale (HL7); para se autosustentar, alguns deles fazem negócios. Aqui é mais o comércio. A maior parte das pessoas faz o comércio na rua. Há muitas lojas, a maior parte explorada por estrangeiros (HL8); a agricultura faz-se no campo na maior parte da província (HL1); a agricultura é a principal atividade (HL4); a agricultura é a base económica da população de Nampula. Todo o mundo vai produzir para depois vender (HL6); No resto da Província encontra-se um bocadinho a agricultura, mas encontramos mais a área do comércio mesmo. Dizem que a população de cá é muito preguiçosa. Mesmo quem trabalha na agricultura tem de vir da Zambézia e de Cabo Delgado. Agora nampulenses é difícil. Alguns nas zonas recônditas praticam-na. (HL8); Encontra-se nos distritos algumas pedras preciosas que os estrangeiros vêm buscar para vender lá fora – Moma, Nacala-Velha (HL8); Areias pesadas em Moma (HL11); na Ilha de Moçambique, para além da pesca, existe o turismo, o comércio e artesanato (que também faz parte do comércio informal) (HL35);
	Atividades econômicas predominantes no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)	Agricultura familiar (HL13, HL15); Pequeno comércio familiar (HL13); Extração mineira (HL14, HL18, HL23); fábrica de castanha de cajoeiro no distrito (HL15); Agricultura (HL14, HL15, HL18); Comércio (HL14, HL15, HL18); fábrica de algodão (HL15); são poucos os que têm um emprego, trabalham para o estado (HL18); têm muitas deficiências económicas (HL23)
	Atividades econômicas predominantes no distrito de Alto-Molocué (descrição)	A maioria aqui não trabalha, é só amanhecer, pegar na enxada e ir à machamba, capinar, produzir para a alimentação, para sustentar as suas famílias. E tem aqueles comerciantes que vão ao mercado vender o que produziram na machamba. E com esse dinheiro podem comprar alguma coisa de casa, para os filhos cadernos. E tem também famílias que nem conseguem capinar, que vive à sua maneira, capinam e não sai o produto, fica difícil (HL13); não está a ver. Cachoeriras? [confunde com cajoeiros] sim, existem cá. São plantados, no Gilé também. Agosto-Novembro é quando dão, são descascados, postos no pacto e vendidos na rua. E quedas de água? Não sabe. Depois diz que existem [acho que ele acha que são cajoeiros] em Mutala, Mulevala. Só. Em que rios é que passa? Tem o rio Molocué. Mas essas cachoeiras existem com água desse rio? Sim. (HL14); Há pedras preciosas, tanto no Molocué como no resto da Zambézia. No Molocué havia minas, só que já foram retiradas, tal como no Gurué. Em 2004 foram fechadas. Essas pedras podem ser encontradas no Gilé, Alto-Molocué (Aroupinha) (HL14); Agricultura é o que há mais. Para além disso temos o comércio. E indústrias: a fábrica de algodão, a 100 metros, para lá da casa dos padres. Essa fábrica parou de trabalhar por não terem algodão, porque a população não o cultiva. Temos também a fábrica de castanhas, a 150 metros, dos padres para lá. (HL15); População é mais ou menos 85% pobre e quase o total da população do distrito é camponês. A maior parte das pessoas tem de ir à machamba, há também muitos comerciantes, e são poucos os que têm um emprego, trabalham para o estado. Cerca de 65% da população são camponeses e comerciantes. (HL18); pedras preciosas no distrito do Molocué. Encontram-se em alguns pontos, mas não sabe o nome. Muitas vezes, quando querem ouro, vão a um determinado local e começam a escavar. Às vezes partem as montanhas. (HL18); Há minas (HL23); (o entrevistado acredita que o tempo que usou a responder é para apoiar um possível projeto futuro no distrito) precisam do turismo, até porque têm muitas deficiências económicas, falta de tecnologia e muito produto a sair, mineral e outros, e depois é preciso pagar pelo produto acabado. É preciso essa troca, os produtos a serem extraídos em troca de terem aqui uma fábrica a transformá-los já; só se importa, porque há fracasso disto (HL23)
	Atividades econômicas predominantes no distrito de Quelimane e província da Zambézia (unidades de registo)	Exploração de Madeira (S2); Agricultura e pecuária (HL9, HL10, HL17, HL25, HL26); comércio (HL25, HL27, HL28); fábricas de processamento em Quelimane (HL9, HL25, HL27, HL28); fábricas têxteis em Quelimane (HL9); há poucas fábricas na Zambézia (HL9); processamento do coco (S2, HL10); produção de tijolos (HL10); 3 indústrias de arroz (HL10); cooperativas de camponeses (HL10); indústria engarrafamento água mineral no Gurué (HL10); a pesca no litoral (HL17); extração mineira (HL14, HL15, HL17, HL18, HL22, HL23); no Molocué o descaroçamento de castanha (HL17); em Quelimane a indústria de sabão e óleos, a Alifiquímica (HL17); fábricas de chá no Gurué (S2, HL10, HL25, HL28); produção de coco (HL10, HL28)
	Atividades econômicas predominantes no distrito de Quelimane e província da Zambézia (descrição)	Era uma cidade agrícola. A indústria do coco. Todas as semanas saem dois contentores de óleo de coco para a Suíça, da Madal. O gerente é um português, o doutor Rogério. E depois a base agrícola tem a madeira, que aqui tem uma neste canto. O Gurué, mas está já muito longe, mas o chá do Gurué vai ao Malawi, que é ali perto. E carrega os camiões para Nacala.(S2); Agricultura; se formos a ver a indústria, não há muito na Zambézia. Os zambezianos têm de sair em busca de outros serviços e indústrias. Em Quelimane há mais comércio e um pouco de indústrias, mas não como a Beira, Nampula ou Maputo, é uma cidade de poucas indústrias. Tem indústria de Penpala (?), têxtil, ... são poucas, e muita população de Quelimane está desempregada. A maior parte está na agricultura, mas com poucos meios: só enxada, sem tratores nem fertilizantes.(HL9); Agricultura já falada. Há companhias de coco. Eles pegam em coco seco, a copra, e poem ao lume, tiram a casca e com o interior fazem óleo, sabão. Têm ainda cerâmica que produz tijolos. Têm também 3 indústrias de arroz, que aproveitam o arroz que produzem. Também associações, um grupo de camponeses que se juntam para divulgar o seu produto (as cooperativas). (HL10); Gurué é mais conhecida pela produção do chá, mas também água mineral. É um lugar turístico. Troca de experiência: temos de saber como se faz o chá. E aprendemos outras formas noutros lugares. Gurué é um lugar turístico e lindo. Já estive lá uma vez mas não entrou nas fábricas. Mas já viu várias notícias de como fazem a preparação do chá. (HL10); Em Quelimane tinham duas companhias, a Zambeze e a de Boror, de produção de coco, de fabrico de óleo e sabão. Mas agora estão muito fracas, não dá para visitar. (HL10); Há pedras preciosas, tanto no Molocué como no resto da Zambézia. No Molocué havia minas, só que já foram retiradas, tal como no Gurué. Em 2004 foram fechadas. Essas pedras podem ser encontradas no Gilé, Alto-Molocué (Aroupinha) (HL14); As pedras preciosas são extraídas, que quase não é extrair, extrair seria com... quase onde se cava. Localidade de Mutala (a 60 km) e de Moiane (essa parte do Gilé, em direção do Gilé). Também existe um a

		<p>caminho de Quelimane onde se extrai pedras. (HL15); Para eles vai reparar na parte da população, que traz um pouco de economia a casa. Se não faz exploração mineira, é a pesca no litoral. Ou mesmo só a agricultura. São atividades que trazem um pouco de economia em casa. Porque quando eles se dedicam a esse tipo de atividade, pode levar um pouco mais, e alcançar certos objetivos. Que é primeiro comprar algum material para os seus filhos para a escola, para alimentar a família, um pouco de roupa e utensílios de casa, e algumas pessoas conseguem mesmo comprar meios de transporte: bicicletas e motos. Pode ser a agricultura, a extração mineira e a pesca. Indústrias aqui, para além da extração mineira de Muiane, que alberga parte de trabalhadores insignificante, há também no Molocué o descarçamento de castanha, e do lado de Quelimane a indústria de sabão e óleos, a Alifiquímica. São as fábricas que pode ver, que alberga o maior número de trabalhadores. (HL17); pedras preciosas no distrito do Molocué. Encontram-se em alguns pontos, mas não sabe o nome. Muitas vezes, quando querem ouro, vão a um determinado local e começam a escavar. Às vezes partem as montanhas. (HL18); possui recursos minerais, mas um pouco distante, não na zona municipal. Na zona de Chapala, a 20 e tal km, tem um lugar onde se extrai pedra preciosa. Alguns estão a desenvolver por causa desses minerais. Tem também um lugar em Mutala, uma localidade. Têm uma extração de recursos minerais – ouro. (HL22); Há minas (HL23); Atividades económicas, com a agricultura e pecuária, o comércio que se vê mais nas feiras e mercados; e a indústria? Essa área é uma área que está um pouco, precisa ainda de muito desenvolvimento, há muitas poucas fábricas, ainda é artesanal. Casos isolados que nós temos de umas indústrias que ainda hoje sobrevivem. Algumas estão na cidade de Quelimane, outras encontram-se mesmo em Gurué, estamos a falar das chazeiras. Mas precisam ainda de desenvolvimento. Que indústrias há em Quelimane? São umas indústrias transformadoras. Falamos da indústria de processamento da copra, que é o coco seco que se faz óleo, sabão e alguns derivados do coco. Fala de algumas indústrias de plástico, que fazem material de plástico: baldes, copos, chinelos. São essas algumas das indústrias transformadoras que existem. (HL25); Apesar das pessoas virem para aqui (Quelimane) não deixam de fazer as coisas como se fosse tradição. Fazer machamba na província é como se fosse tradição, ninguém deixa de fazer. Apesar de ter uma vida económica sustentada, não deixam de fazer machamba. Aproveitam a região menos povoada de Quelimane para fazer machamba. (HL26); Os negócios que são feitos aqui. Comercio. Principalmente feito na rua. Costumam vender frutas, bolinhos, sumos, outros vendem comida. (HL27); Indústrias que tinha parece que fecharam. Acha que existe ainda uma Alifiquímica, acha que essa ainda está a funcionar. Existia a Geralco, a Nacala, mas agora parece que fecharam (HL27); Esta província antigamente era considerada... ocupava o primeiro lugar na produção de coco. Antes dessa doença deitar no coco, ocupava o primeiro lugar a nível mundial. E assim como lá no Gurué também a produção do chá, é uma das potencialidades da província. (HL28); A nível nacional há falta de emprego. Então a maioria prefere ocupar e fazer negócios. Das 5 às 10 estão na machamba, a produzir. Das 10 para a frente ficam na banca a fazer negócios. Alguns são estudantes e estudam à noite. Acha que a principal atividade económica é negócio. Indústrias: pode dizer que na Zambézia só se podem encontrar indústrias de produção alimentar, só bens para o consumo. Não tem aquelas indústrias de carros, aviões, motos. Só produção de bens para o consumo. Comida, óleo, transformar milho em farinha, feijão em bolachas, esse processo assim (HL28)</p>
	Atividades económicas predominantes na localidade de Milevane (unidades de registo)	Agricultura (HL29);
	Atividades económicas predominantes na localidade de Milevane (descrição)	Agricultura. Para quem está a ver a evolução nota muito, quem vem de fora nem tanto: hoje as pessoas apresentam-se bem. Na comunidade vêm de chinelo, de sapato; as mães com boa roupa. É a partir da agricultura, não da indústria. Então devem fazer esforço. No passado quando havia centros de trabalho, Mugema era um grande centro de trabalho, as pessoas a trabalharem no Gurué. Gurué com as suas 12 fábricas de chá, era praticamente tudo à volta, Gurué, Nauela e Gilé, as pessoas a irem lá trabalhar. As senhoras ficavam em casa praticamente para cultivar alguma coisa para comer. O outro, o dinheiro que vinha do Gurué, das suas fábricas. Hoje não, o dinheiro é local, as pessoas produzem, a iniciativa de produzirem feijão 3 vezes ao ano. No passado era difícil encontrar uma moto, mesmo com essas indústrias. Hoje, você vai numa comunidade, encontra duas e três motos. Se pergunta é o feijão que aos poucos vai acumulando, vai comprar uma moto, duas motos, bicicletas encontra 5,10 bicicletas, na capela, arrumadas, onde as pessoas estão a rezar. A partir tudo da agricultura. (HL29)
	Atividades económicas predominantes no distrito do Gurué (unidades de registo)	Processo do chá (HL31, HL32); agricultura (HL31, HL32); Pré-processamento de feijão boere (HL31); engarrafamento da água Gurué (HL31)
	Atividades económicas predominantes no distrito do Gurué (descrição)	O processo à volta do chá, mas também produção de milho, soja, comércio de cebola, alho, tomate (sai muito), banana (produz-se muito aqui). Pré-processamento de feijão boere, o engarrafamento da água Gurué (Metilile). (HL31); já se falou. Agricultura. 4 fábricas de chá em funcionamento (ou 3). Nas Up5, Up9 e 10. Houve problemas com pagamentos no ano passado com a chá Magoma. Também a STZ. Acha que são as que estão em funcionamento. A mais próxima é a UP6 chazeira de Moçambique [Gulamo, na verdade]. (HL32) UP 4 Cascatas, UP 11 e 12 paisagem e água mineral, UP6 à frente do noviciado, com paisagem e fácil acesso, e talvez a fábrica seria visitável. A paisagem era mais bonita quando era explorada pelos portugueses, mas os indianos agora já não cuidam ao aspeto. Mesmo a qualidade dos cuidados da folha, adubos, etc, mudou, não é tão boa. E vê-se a diferença. A fábrica da UP4 está destruída. Era de chá, mas outra pessoa quis comprar e transformar em fábrica têxtil. Foi alterado, já estava tudo acordado, mas o povo negou porque a água usada pelo ovo passa por lá. E ficou abandonado. (HL33); As unidades partiam de 0 – Zambézia - , 2 – Alverca - , 3 - depois do aeroporto - , UP4, Up5 - com fábrica a funcionar, lá no fundo, numa montanha; para quem vai à santinha, (entre 4 e 6?) também explorado por indianos - , UP6 , UP7 - fábrica não funciona desde guerra civil - , UP8 – idem -, UP9 - idem, UP10 – idem - , UP11 e 12 - a funcionar. (HL33); Os indianos estão em todas as fábricas, mas a gestão é moçambicana (alguns ministros), que colocaram os indianos para que ficasse a ideia que era deles, o próprio indiano acaba por dizer que só está lá para trabalhar. (HL33); A casa presidencial fica na UP4, a do governador na up5. O presidente ficava na casa up4 para não serem incomodados. Up5 é mais perto. (HL33)
	Serviços municipais	Abastecimento de água era assegurado pela Água Gurué, mas era para entrar a FIPAG, mas ainda está a primeira. A água vem de perto, dum rio próximo. Não há esgotos, só fossas individuais. Há recolha de lixo, há sítios próprios onde deixa-se o lixo e todas as manhas carros do conselho recolhem. (HL32)
	Serviços e infraestruturas turísticas	Baixa qualidade de serviços na Ilha de Moçambique, mas essa questão tem sido trabalhada pelas entidades distritais e municipais, no sentido de melhorar na base de capacitações. Mas o processo de mudança de comportamento é lento. Vê-se a mudança na forma como o turismo está a ser disponibilizado. As pessoas, os provedores de serviços estão cada vez mais consciencializados sobre a necessidade da melhoria da qualidade dos serviços. (HL35);

		Habitantes	O distrito (de Alto-Molocué) tem 42 mil habitantes (ultimo censo: 2007) (HL21); Quelimane tem 193 343 habitantes, segundo censo de 2007. (HL25); O Distrito de Gurué tem 297936 habitantes e cidade cerca de 50000 habitantes (ou 52 000, ou 56 000). (HL32); Segundo o censo de 2007, a Ilha de Moçambique (distrito) tem cerca de 48 839 habitantes. (HL35)
		Projetos sociais	O projeto Vila Milénio (Malua) é relativo ao quê? Não costuma trabalhar com o conselho (HL21); Projeto Novo Milénio (Alto-Molocué): projeto recente (tem 2 anos) que está a expandir. Segundo a informação, é o desenvolvimento rural do distrito. Há muitas associações familiares do distrito fundadas lá, ligadas ao projeto. Vão à vila do milénio, informam, eles fazem por escrito o que querem: se querem moagem (ou como agem?) ou dinheiro, eles facultam para fazer os seus projetos. As pessoas escolhem que tipo de projeto: criação de avícolas (galinhas ou não), machambas, ... depois, futuramente, o que será depois, não se sabe. Se as pessoas, depois de recolher as rendas, ficam à vontade. Mas por agora é associação desenvolvimento do distrito. É com fundos doados do banco mundial, e depois financiam os outros. O fundo do desenvolvimento local é uma coisa diferente. (HL23); Projetos sociais: os que existem são esses ligados à agricultura, para melhorar ao nível de dieta. O distrito é o que tem a melhor produção agrícola mas tem momentos que a população tem problema de má nutrição. Produzimos mas não sabem se alimentar. As organizações, como a visão, tenta educar para melhor alimentação. Na educação também, tentam incentivar a frequência da escola. Da 1ª à 7ª classe não se paga nada. (HL32)
		Recursos humanos em geral em Alto-Molocué	Quantas pessoas é que emprega? Neste momento estão a trabalhar com 92 pessoas, aqui no conselho municipal. Não há nenhuma área do turismo? Está no setor das atividades económicas, na verificação de administração, finanças e mercados. Velam pelo turismo, mercados, tudo o que é atividade económica. Daqueles que tem as suas barracas, lojas, querem fazer as suas indústrias, moageiras, até os seus estabelecimentos turísticos. Só responde pelos trabalhadores em geral do conselho, mas as atividades económicas é que respondem pelos trabalhadores do turismo. Eles é que tratam da questão das atividades económicas e dos seus trabalhadores, dos trabalhadores que não trabalham no conselho municipal. (HL21);No município quantas pessoas têm emprego? Não têm esses dados estatísticos. É preciso trabalhar com várias entidades (setor da educação, sindicatos, etc.) para ter todos os dados. (HL21); Mas há empregos em quê? [Saúde, ensino, funcionários conselho e pouco mais. Só trabalhadores em lojas e de resto trabalha tudo ou na agricultura ou vende as suas coisas no mercado.] sim, sim, o emprego existe. Como dizia há bocado, o setor de educação contratou novos docentes este ano. Por exemplo, o governo do distrito já lançou um concurso para ingresso de novos funcionários. Os nossos agentes económicos, estão a apoiar mais pessoas, oferecendo mais emprego. Isto está a acontecer, mas não posso fornecer dados quantitativos. Aliás, há um dado novo que está a fornecer emprego, que chamamos de alto emprego, que é o fundo de desenvolvimento local, um fundo que o governo aloca aos distritos para impulsionar o desenvolvimento local. Em que as pessoas vão desenhar um projeto e nós vamos alocar um valor a esse projeto, e com o tempo as pessoas vão reembolsando o valor que pediram. E esse valor também beneficia essas pessoas. Se peço 100.000 meticais para abrir uma loja, é claro que não hei de estar sozinho, vou contratar pessoas. São outros empregos que estão a ser criados. Emprego existe de facto. (HL21)
		Salário mínimo	Salário mínimo do conselho é de 2598 meticais. Claro que é muito abaixo que os outros. Porque o salário mínimo é definido pelos outros setores do trabalho. O salário mínimo que temos no conselho municipal ou no governo é diferente do salário mínimo que tem por exemplo o setor das finanças. O salário mínimo do conselho é que é de 2598 meticais. (HL22);
B.2.	O desenvolvimento do sector turístico: estado da questão	Origem dos investidores turísticos	E os investidores quando vêm para cá apostam neste tipo de turismo. Uma das coisas positivas que nós temos é que a maioria dos investimentos na província são nacionais. É o próprio empresariado nacional que tem capacidade de investir no aluguer de quartos, nas pensões, nos guesthouses, nos lodges. O empresariado local já tem a consciência ou começa a ganhar essa consciência de investir na área de turismo. Nos temos grandes investimentos cá, que estão a surgir. Existem intenções de construir um hotel de 5 estrelas aqui na cidade de Quelimane. Já está na fase final o hotel Elite, também cá na cidade de Quelimane, de 3 ou 4 estrelas, ainda está por ser classificado. Temos lodge um pouco por toda a província, estamos a falar de cana(?)... Em Nicoadala há o Zalala Beach Lodge que está em sepinho (?), temos o Mopeu Coco Lodge, temos em Pebane o Pebane Fishing Lodge. Na ilha do Fogo também estava-se a fazer um resort que está parado, mas existe o projeto de resort. Temos me Milange, mas também ainda por se dimensionar o Domínio Lodge. Esses são alguns dos grandes investimentos que temos cá na província, não só, falar também dos investimentos como o Milénio hotel cá, a Villa Nagardas, temos também o hotel flamingo. São alguns dos investimentos que temos na cidade de Quelimane. E dizer que nós estamos a crescer bastante em termos dos investimentos. Estes são os grandes investimentos, mas há também aqueles de pequenas dimensões. Falamos de alugueres de quarto, residenciais e tudo o mais. São todos investimentos nacionais? Existe uma co -gestão. Alguns são sócios. A maioria dos lodges mencionados são sócios. Os de Zalala, o Coco Lodge, Pebane fishing também são um grupo de associados. Mas dizer que nestes grupos existe sempre um ou dois moçambicanos como sócios com uma percentagem muito considerável dos investimentos, são pessoas que contribuíram com grande parte para este investimento. Os restantes, o de Milange, são moçambicanos mesmo. E os outros hotéis que mencionou também são de moçambicanos, exceto o hotel flamingo, que é de um estrangeiro. (HL25); O investimento em alojamento é de origem nacional. Já apensão Gurué é investimento estrangeiro. E o CPLD (por ter fundos estrangeiros). (HL32); A maior parte do investimento na Ilha de Moçambique é dos nacionais. A maior parte das casas dos hóspedes são dos habitantes das ilhas, que melhoraram as suas casas. Mas também um e outro investimento é estrangeiro. Pessoas que vêm de fora e criam o seu restaurante e estabelecem as suas casas de hóspedes, e ainda empregam. A maior parte do investimento é da comunidade local, beneficiando mais mulheres do que homens. Porque as casas de hóspedes existem porque as proprietárias são mulheres. A Ilha tem mais operadoras turísticas que operadores. Acredita que isso se deve ao sistema matrilinear. Porque a mulher é que tem mais poder, é que faz a gestão da casa, faz a gestão da família. No seu entender. (HL35); Em Maputo procurou o Instituto de Turismo, porque queria saber que podia fazer nas ilhas de Inhaca. Entrou naqueles prédios escuros, dava até medo, parece que tem pouco investimento o governo naquilo que é a organização das estações de serviço do turismo do setor do governo para o turista, que normalmente se ocupam da informação para o turista, não são esses privados. (VT2)
		Tipo de investimento turísticos	Outro lugar são os lugares dos pequenos empreendedores, pessoas que por iniciativa própria fazem algo de renome, que dá para ver. Por exemplo, logo na entrada temos um lugar chamado céu azul; é um jovem empreendedor que está a criar as suas infraestruturas. Há muita coisa boa que dá para ver. (HL22); E os investidores quando vêm para cá apostam neste tipo de turismo. Uma das coisas positivas que nós temos é que a maioria dos investimentos na província são nacionais. É o próprio empresariado nacional que tem capacidade de investir no aluguer de quartos, nas pensões, nos guesthouses, nos lodges. O empresariado local já tem a consciência ou começa a ganhar essa consciência de investir na área de turismo. Nos temos grandes investimentos cá, que estão a surgir. Existem intenções de construir um hotel de 5 estrelas aqui na cidade de Quelimane. Já está na fase final o hotel Elite, também cá na cidade de Quelimane, de 3 ou 4 estrelas, ainda está por ser classificado. Temos lodge um pouco por toda a província, estamos a falar de cana(?)... Em Nicoadala há o Zalala Beach Lodge que está em sepinho (?), temos o Mopeu Coco Lodge, temos em Pebane o Pebane Fishing Lodge. Na ilha do Fogo também estava-se a fazer um resort que está parado, mas existe o projeto de resort. Temos me Milange, mas também ainda por se dimensionar o Domínio Lodge. Esses são alguns dos grandes investimentos que temos cá na província, não só, falar também dos investimentos como o Milénio hotel cá, a Villa Nagardas, temos também o hotel flamingo. São alguns dos investimentos que temos na

			<p>cidade de Quelimane. E dizer que nós estamos a crescer bastante em termos dos investimentos. Estes são os grandes investimentos, mas há também aqueles de pequenas dimensões. Falamos de alugueres de quarto, residenciais e tudo o mais. São todos investimentos nacionais? Existe uma co -gestão. Alguns são sócios. A maioria dos lodges mencionados são sócios. Os de Zalala, o Coco Lodge, Pebane fishing também são um grupo de associados. Mas dizer que nestes grupos existe sempre um ou dois moçambicanos como sócios com uma percentagem muito considerável dos investimentos, são pessoas que contribuíram com grande parte para este investimento. Os restantes, o de Milange, são moçambicanos mesmo. E os outros hotéis que mencionou também são de moçambicanos, exceto o hotel flamingo, que é de um estrangeiro. (HL25); Não existe (HL29); Investimento existe. Há quem aposte já em alojamento, é o primeiro aspeto. Se tivermos qualidade nisso, já temos uma base. Há recursos, mas é preciso infraestruturas. Mas é preciso melhorar alguns aspetos, como reabilitação da casa noivos, etc. Há o que existe, mas também ampliação da hospedaria Januário (Gurué), onde no ano passado fizeram uma casa de 8 quartos, e estão agora a construir um outro. Sem ser alojamento não há outros investimentos. (HL32); Na Ilha de Moçambique: casas de hóspedes, barracas, restaurantes típicos. Sem esquecer hotéis. A maior parte dos investimentos constantes são nas casas de hóspedes. E isso faz muito bem à ilha. Porque a Ilha está cada vez mais a ser restaurada, em termos de património. Essa reabilitação é feita muitas vezes às casas de hóspedes pelos locais, pelos exploradores, mas que ajuda à restauração do conjunto. A ilha, como é património mundial, tem de cumprir as regras patrimoniais no processo de manutenção dos imóveis. Por causa dos gastos envolvidos, o turismo tem contribuído bastante no processo de manutenção das casas. Porque se alguém tem um restaurante, quer que ele esteja apresentável, em condições. Então vai investir na manutenção deste imóvel. (HL35)</p>
	Investimento estatal no turismo		<p>(Um sítio do) estado... como é uma área realmente comercial, o estado dá liberdade de um particular se quiser investir investir, mas sítio do estado mesmo não... (HL5); Acha que o governo não investe porque... o turismo é alguém que vem de fora, sai de casa, e tem de se reunir condições específicas, para que quem vem não se sinta desalojado. Então o governo está mais preocupado com a redução da pobreza, e outras coisas, e não construir um sítio com uma mesa de bilhares, plasma para ver televisão e estar à vontade. Razão pela qual ele acha que deixa essa parte para particulares, alguém que queira investir, explorar, tem retorno garantido. (HL5); Como é a lei da propriedade em Moçambique? É o estado que faz concessões e nada é privado? De facto ao nível do distrito e do município, esta representação, estes compartimentos na área turística não existe. Não porque não exista fontes; existem lugares para desenvolver as atividades turísticas. Só que ao nível do governo e do conselho municipal, ainda não temos um lugar específico ou uma instituição que possa gerir isso. (HL19); Abertura que a direção tem de formar parcerias turísticas, até que ponto há essa abertura, e o que é que implica? Implica boa vontade. Mas que exigências? Bom, acreditamos que questões de parceria, nós não exigimos nada. As pessoas vêm e sendo nosso parceiro acreditamos que tem mais a ganhar que a perder, pois estamos a criar dia após dia coutadas, e que vamos lançar concursos. Nós temos o projeto âncora, que é um projeto localizado nas Ilhas Primeiras e Segundas, localizadas em Pebane, onde se pode praticar o mergulho. É uma ilha quase idêntica ao Bazaruto e passamos por lá golfinhos e tudo o mais. Então, com essas parcerias nós poderíamos até abrir a mão, claro, depois de uma negociação, desses locais que nós temos disponíveis, essas reservas de espaço, facilitação do processo, inserção dessa parceria num centro de promoção para poder ter alguns benefícios fiscais, na compra de equipamento importado. É mais nessa perspetiva. Hoje em dia fala -se de replace, ou replaze, compra de créditos de carbono, em que um pretende comprar os créditos de carbono, e quanto mais árvores nós colocarmos, desenvolvermos, vendermos esse oxigénio, essa redução do carbono para os países internacionais que poluem muito, muito provavelmente também seja uma boa perspetiva que é atual moderna para poder estabelecer parceiras nesse sentido. Com um bom projeto replaze para as coutadas que nós temos ou para a reserva do Gilé, poderia ser uma oportunidade. Existem investimentos para isso, existem doadores, existe fundo para tal. Acho que precisamos destas parcerias. (HL25); Estamos a desenvolver um trabalho das 10 maravilhas da província da Zambézia. [entrega os 18 candidatos do concurso] Vão ser escolhidos pela sociedade civil, os associados e parceiros do turismo, que vão decidir os critérios. O público também vai estar ligado, através da rádio, tv e net, querem a participação do público. Vai haver uma votação mais abrangente. [sente que os portugueses não têm um bom sentimento em relação a Moçambique, por causa da forma como se deu a independência; explico que não é bem assim, é mais o sentimento dividido dos retornados e que agora os portugueses pensam em dar o salto para as antigas colónias] (HL25); Ele não vê nada disso agora. Mas o governo está a tentar ajudar os estabelecimentos turísticos: na capacitação quem devia custear eram eles, mas o governo é que teve de acarretar os custos. E ter técnicos formados nos sítios também é sinal disso. (HL32); [Tinham-me falado as Ups: Up 11 e 12 pela paisagem, a Up6 por causa do lago e da possível visita à fábrica e up4 perto cascata] De resto as outras têm algum interesse em particular? Ele não sabe porque ainda não visitou muitos sítios, só tem anotações, por falta de transporte. Colega falou de um rio que separa Milanga, Malema e Gurué, com paisagem bonita, mas é um bocado longe. Fala-se de muitos sítios, mas é preciso transporte. (HL32); Quando há muita entrada o governo obriga a valorizar mais, criar condições no lugar para o turismo. No Gurué tem chegado, e o estado tem feito alguma coisa. O estado deve saber a entrada dos turistas, e informar os líderes para receberem bem o turista. Também uma forma do povo saber que aqui temos um lugar turístico. (HL33); A casa do padre Luciano: é também um sítio turístico. O padre gostou do lugar, até queria comprar o lago, pediu ao município. O primeiro presidente aceitou, mas o seguinte não, não queriam perder o sítio, que ficasse reservado a privados, de acesso restrito. Mas se o padre ficasse com ele teria mais condições para melhorar o lugar. (HL33); Zambézia: Pebane (mar, casa do?), Quelimane (rio bons sinais), Gilé (minas e outros lugares), Ile (minas), Mulevala (imagem n senhora de Fátima). O governo, vendo que são sítios mais concorridos, até tem feito novas divisões administrativas: o Ile vai passar a ser dois: Ile e Mulevala. O governo quer elevar esses sítios históricos para até as pessoas valorizarem aquilo que têm. (HL33); Há muito desenvolvimento de turismo nesses lugares. Quando há muita entrada o governo obriga a valorizar mais, criar condições no lugar para o turismo. (HL33); O turismo em Moçambique é desenvolvido por operadores turísticos. O estado não pode usufruir a parte que a comunidade local e outros intervenientes da sociedade civil podem fazer. O estado tem o seu papel, que é fiscalizar, legalizar e promover os destinos turísticos. Para a componente turística da Ilha, segue-se a mesma linha: o governo promove, divulga a Ilha no seu geral. Mas os operadores turísticos contribuem com os hotéis, casas de hóspedes, alojamentos, restaurantes, bares, e empregam. (HL35)</p>
	Outros dados sobre investimento		<p>Quais os pontos com mais potencial turístico (Alto-Molocué): dentro da vila temos algumas zonas que podiam ser exploradas na área turística. Não estão trabalhadas, mas se tivessem esta área de atuação, poderiam explorar algumas zonas dentro do espaço do município ou até mesmo no distrito, ter algumas zonas de referência onde podia- se efetivamente praticar esta atividade, porque são zonas que ainda não estão a ser exploradas. Como por exemplo: na localidade de caiaia, temos uma zona que dá para ser um centro turístico, é um local transitável e onde está lá um projeto florestal, é uma zona que dá para ser visitada, ou é uma zona que pode se instalar algumas infraestruturas turísticas. Não só estas zonas, podem existir outras que ele não conhece. Acredita que no distrito existem muitas zonas, só que ainda não estão a ser trabalhadas ou exploradas. Ainda não têm o corpo organizativo para trabalhar este aspeto. Até se tivessem, há alguns primeiros passos: observar, identificar os espaços e depois fazer alguns trabalhos. Mas garantir que no distrito ou no município pode haver centros turísticos, aí sim, podem existir, mas é uma atividade que tem de iniciar primeiro com uma direção que possa estar à frente deste processo, primeiro identificar os locais ou se existem os locais para serem observados e se dá para praticar esta atividade turística. Este distrito é muito vasto, é muito grande. Nesta área de Mutala, tem uma localidade onde se faz extração de pedras, e também tem sítios onde se pode fazer essa atividade turística. Ao nível da zona municipal temos a zona de expansão, uma zona nova depois da substação. Temos uma zona de expansão muito vasta e a previsão do conselho municipal é a de construir lá infraestruturas para os jovens. É uma zona que possivelmente pode ser tudo isso então. (HL19);</p>

		<p>Património construído (área municipal do Alto-Molocué – dos quais fazem parte as zonas de expansão onde se pode praticar algumas atividades turísticas): Património como infra-estruturas ainda não existem, não têm essa componente. Mas o que era necessário era primeiro fazer um inquérito às pessoas ligadas diretamente, como por exemplo as atividades económicas. É possível identificar o património desejado que poderá usado. Futuramente é uma necessidade que se pode fazer, é possível. Estamos muito longe n esta área no distrito. (HL19); Mas nisso tudo temos várias coisas, prós ao turismo, o fator de recetividade, o fator de termos uma excelente gastronomia zambesiana, o fator de termos várias praias, vários quilómetros de praia, e várias ilhas: as ilhas primeiras, a ilha de fogo. Temos a reserva nacional do Gilé, o monte Namúli (o 2º pico do país), temos lagoas muito interessantes (lagoa azul de Nicoadala, lagoa Ruburia na Maganja da Costa). Temos um vasto património histórico, desde a catedral velha que foi construída em 1800, o forte D. Carlos em Milange, temos vários locais que podem suscitar interesse turístico, que podem atrair mais investimentos turísticos. (HL25)</p>
	Leis de proteção do trabalho	<p>Qual é o salário mínimo? Atualmente é de cerca de 3000 meticais, é o valor que se paga aos empregados de mesa e tudo o mais. Mas este valor tem subido na medida em que o trabalhador mostra um desempenho e que o trabalhador sai de um escalão para outro: passa de empregado de mesa a chefe de mesa, daí para subgerente. Então, na medida que ele vai subindo nessas categorias todas e nessas funções todas, ele vai também auferindo um salário superior. Para além dessa exigência no salário, as leis de proteção no trabalho nessa área? São muito rigorosas, exige-se, pesa embora sabem que nem todos proprietários cumprem com esses requisitos. Quando há denúncias, naturalmente são punidos por tal violação. E sabemos que esta área do turismo é uma área muito vulnerável em termos de recrutamento de pessoal não qualificado e despedimentos sem justa causa. Então há uma atenção especial que também deve ser dada a esses aspetos e naturalmente tem tido casos de despedimentos sem justa causa, há descontos também que o trabalhador não sabe explicar porque foi descontado... Situações desagradáveis que esperam ser um desafio a ultrapassar. Mas a direção do trabalho tem realmente procurado fazer passar essa informação no sentido de se poder cumprir com a lei. (HL25); Leis: ao nível nacional – estatuto na área do turismo, estatuto do trabalho (para todas as áreas) - deveres e direitos dos trabalhadores e patronato. Há segurança no trabalho, mas também dificuldades. Os trabalhadores não tem uniforme, nem equipamento na cozinha, nem sabe o que deve usar na cozinha (saltos altos, etc.), mesmos os serventes da mesa. Mesmo o proprietário não sabe. Mas eles tentam educar estes agentes. (HL32)</p>
	Salário médio na área do turismo	<p>Tendo em conta que a maior parte dos trabalhadores são da área de hotelaria, qual é o salário médio, pelo menos em relação ao salário mínimo? O que é exigido é que os operadores paguem o salário mínimo aos trabalhadores. Qual é o salário mínimo? Atualmente é de cerca de 3000 meticais, é o valor que se paga aos empregados de mesa e tudo o mais. Mas este valor tem subido na medida em que o trabalhador mostra um desempenho e que o trabalhador sai de um escalão para outro: passa de empregado de mesa a chefe de mesa, daí para subgerente. Então, na medida que ele vai subindo nessas categorias todas e nessas funções todas, ele vai também auferindo um salário superior. (HL25); Pode-se dizer que são atividades em que as pessoas têm bom rendimento ou é igual ao resto: bom rendimento não diria, mas dá para viver. As pessoas conseguem manter o nível de vida. É melhor do que ter só a machamba. Ganha-se mais no comércio. (HL22); 3000 e tal, o mínimo é 2900 e tal. Um pouco superior ao mínimo. (HL32)</p>
	Formação disponível no país	<p>O governo atualmente já está a apostar na área: UCM em Pemba, Eduardo Mondlane em Inhambane, e outras faculdades também ultimamente. E também institutos na área média. A escola mais próxima é a de Quelimane, na escola da Frelimo. No CISCO também, médio e superior, mas nos anos passados havia falta de estudantes. A seguir Pemba é mais cedo. UCM foi pioneiro, e depois a UEM. (HL32)</p>
	Formação dos recursos humanos	<p>Temos uma grande lacuna nessa componente de formação e precisamos de muito apoio para ultrapassar. Porque o que acontece é a má prestação de serviços em muitos estabelecimentos da província. As pessoas não sabem servir, têm problemas de confeccionar os alimentos como deve ser, então tantos os trabalhadores como os proprietários precisam de capacitações, precisam de formação da área para entender o seu negócio. Têm vindo a desenvolver cursos ao nível da direção provincial do turismo como ao nível do INEFP (Instituto Nacional Emprego e Formação Profissional). Temos vindo a desenvolver cursos no sentido de ultrapassar esses problemas. Estes cursos são desenvolvidos não só em Quelimane como também nos distritos. E para o ano passado eles desenvolveram aqui o curso, desenvolveram capacitações na direção provincial, de jovens e mulheres desempregados. Deixaram a componente trabalhadores e pegaram uma componente que está um pouco discriminada. Então capacitaram esses dois grupos na matéria teórica e em coordenação com os estabelecimentos eles foram ao estágio para terem a componente prática. Formaram uma média de 55 jovens, e desses 10 já se encontram no mercado de emprego, como profissionais na área de turismo. São os indicadores que têm a apresentar em relação às formações que deram. E o empresariado tinha dúvidas antes das formações em relação aos jovens, porque era a primeira vez que tinham um grupo de jovens a serem formados por eles. Só formavam trabalhadores e agora tiveram a componente de jovens e tinham aquele receio, as pessoas eram céticas de início, em relação a estas formações. Mas hoje graças a Deus já têm, ao esforço pessoal, uma credibilidade com os próprios operadores nas formações que deram e esperam que continue assim a pegar os jovens. Também como maneira de poder rejuvenescer os trabalhadores que já estão na área há muito tempo, que talvez não tiveram a oportunidade de ter um curso, mas talvez foi [pela?] a experiência de trabalho eles estão no seu setor já há bastante tempo. Então uma maneira de renovar esses trabalhadores eles preferem pegar aqueles que não têm emprego, que não conhecem a área, para poder formar, capacitá-los de modo a corresponderem com as exigências atuais do mercado. Mas dizer também que foram fazer a formação em Pebane e Mocuba, em colaboração com o INEFP, especificamente para os trabalhadores de hotelaria. Mas é um desafio muito grande para eles continuar com estas formações para poder superar o atual cenário em que vivemos, em que passamos, que até certo ponto compromete o turismo na província. Para além desses cursos, que tipo de formação é que há? Para além desses cursos que têm dado na direção, que são normalmente de curta duração, 3 meses, cá na província foi introduzido agora na escola da FRELIMO, o curso médio de hotelaria e turismo, com a duração de 2 anos. E ao nível do país temos a UEM a escola superior de hotelaria e turismo com cursos nessas áreas. Também existe na UCM em Pemba, tem também um curso de hotelaria e turismo. E um pouco pelas cidades capitais: Maputo e Beira, e algumas universidades privadas, como a politécnica, onde existem cursos superiores de turismo. E também umas escolas técnicas estão a ver os seus currículos reformados e estão a introduzir cursos na área. Então eles pensaram que como Moçambique tem uma bênção na sua localização geográfica, possivelmente essa área será uma área potencial. (HL25); Para além das capacitações feitas na Ilha de Moçambique, de uma maneira geral, a maior parte dos empregados do setor é a comunidade da Ilha, que ainda precisa de mais capacitações, para a melhoria da qualidade do serviço. Não quer dizer que seja baixo, mas pensam todos os dias em melhorar os serviços para os clientes. Em termos de qualificação podem encontrar de uma maneira geral a 10ª classe feita. Mas há casos com 12ª e uma vez ou outra um licenciado, a fazer a gestão de um serviço, mas são casos isolados. (HL35)</p>
	Recursos humanos em Nampula	<p>Na Ilha de Moçambique pode-se dizer, de forma direta (restaurantes, hotéis, bares, casas de hóspedes, museus), até agora, são aproximadamente 500 pessoas. Mas influencia muito o comércio em geral. Na ilha, quando entram turistas, pagam portagem. Pode adquirir algum artesanato, capulanas e outros elementos. De forma indireta, não podem estimar, mas o turismo dá a sua grande contribuição na ilha, mesmo para as outras áreas económicas. O pescador tem o seu peixe e não tem problema de mercado. Isso acontece também por causa do turismo, não só pelo consumo local. O peixe não apodrece na Ilha. Há restaurantes, há casas de hóspedes, sem esquecer a comunidade local. (HL35)</p>

	Recursos humanos em Alto-Molocué	Não há quem tenha emprego no turismo aqui (HL22); A restauração e o alojamento são as únicas atividades do turismo em que as pessoas estão empregues (HL22)
	Recursos humanos na Zambézia	Maioritariamente são os trabalhadores da indústria hoteleira, que nem todos não têm ainda uma formação específica da área. Temos uma grande lacuna nessa componente de formação e precisamos de muito apoio para ultrapassar. (HL25)
	Recursos humanos no Gurué	A maior parte trabalhadores área são na restauração e alojamento. (HL32)
	Em que medida o entrevistado considera o turismo importante para o desenvolvimento local na provincia de Nampula	Quando os turistas entram levam a várias consequências para o desenvolvimento (HL1); exemplo da praia de Nacala em que entram muitos turistas e por isso a cidade está muito desenvolvida (HL1); À chegada, o turista vai exigir que haja alojamento, alimentação, e vai precisar mais de certas coisas. Ao suprir essas necessidades, já é dinheiro que vai entrar para o local e com esse dinheiro as pessoas já desenvolvem mais os serviços ou aumentam o que há: podem aumentar o número de quartos, dependendo daquilo que é a entrada dos turistas (HL4); Desde que traga ganhos para a comunidade, ele diria que estão-se a desenvolver. Mas se não for assim, não há desenvolvimento local. Económico, social... tem de haver mudança, senão não há desenvolvimento. (HL6); para quem conhece o que é o turismo, assim como ele, é muito importante, porque é a partir dele que novas experiências aparecem, que o desenvolvimento pode ir além. Porque a partir dessa procura turística podem surgir iniciativas para aumentar a oferta. Portanto é sempre importante, é bom. (HL7); é, porque os turistas trazem mudanças para o meio local. Por exemplo, tem vezes que um turista aprecia de uma forma diferente a praia, mas a própria população não sabe usar a praia, como na Ilha. O local usa para defecar, o estrangeiro vê-a de outra forma. E isso pode trazer mudança também para a própria população. (HL8); o turismo na Ilha de Moçambique já foi definido como uma das atividades económicas que pode garantir a sua contribuição para o desenvolvimento das comunidades. Porque na Ilha existem recursos que nós podemos fazer o uso, desenvolvê-los para o bem da comunidade. Nós sabemos que a Ilha já é património mundial da humanidade, e se assim foi é porque tem algo de diferente. Tem os monumentos, a tradição, a praia, a fauna, a agricultura. Com esses recursos podem fazer com que a comunidade possa gradualmente perceber e participar com o seu empreendedorismo. Deve estar consciencializada e desenvolver cada vez mais as atividades culturais da Ilha para a sua sobrevivência. (HL35); Na Ilha de Moçambique pode-se dizer, de forma direta (restaurantes, hotéis, bares, casas de hóspedes, museus), até agora, são aproximadamente 500 pessoas. Mas influencia muito o comércio em geral. Na ilha, quando entram turistas, pagam portagem. Pode adquirir algum artesanato, capulanas e outros elementos. De forma indireta, não podem estimar, mas o turismo dá a sua grande contribuição na ilha, mesmo para as outras áreas económicas. O pescador tem o seu peixe e não tem problema de mercado. Isso acontece também por causa do turismo, não só pelo consumo local. O peixe não apodrece na Ilha. Há restaurantes, há casas de hóspedes, sem esquecer a comunidade local. (HL35)
	Em que medida o entrevistado considera o turismo importante para o desenvolvimento local no distrito de Alto-Molocué	É importante porque faz bem também. Pode dizer que apoia na parte de dinheiro. (HL13); é importante porque é uma troca de experiências. Ele conta como vive a sua cultura, e também vai saber como vive o povo, e vem ver como é Moçambique e vários lugares. (HL14); Sim, é importante, porque cada vez mais que os turistas aparecem, deixam alguma coisa nas mentes que eles articulam. Pode ser o português que se fala, aprender um pouco com a conversa na medida em que se fala e muda alguma coisa. Depende também. Outros vêm usufruir e vão. Também como os que vêm extrair mina e saem; eles também não dão nada. Os que deixam alguma coisa, culturalmente, são os que chegam na comunidade, e também eles levam alguma coisa. É um tipo de turista diferente. (HL15); é muito importante. Tendo turismo são capazes de mudar muita coisa. Só que não parece que tenham aqueles recursos para o desenvolvimento do turismo, mas tendo as competências para fazer o desenvolvimento, é muito importante para a vila (HL21); considera que o turismo importante para o desenvolvimento local na medida que alguma coisa fica. O turista se vêm por alguns dias e não tem família cá, vai precisar de ficar alojado. Nesse lugar deixa um valor. O segundo aspeto é que no lugar que faz turismo deixa ideias, e as pessoas vão ficar a melhorar as coisas. O terceiro aspeto é que é uma forma de ter um contacto entre diversas pessoas, diversas culturas. O turista e o local partilham as suas culturas. Ente que traz desenvolvimento. Se havia qualquer coisa que não se fazia por causa da cultura, e o que vem de fora mostra que se pode fazer, com isto avança-se. Impulsiona o desenvolvimento. (HL22); E (os turistas) podiam aconselhar. E com esses conselhos têm melhorado as atividades do dia a dia. Muita atividade do dia a dia precisa dos turistas, para galvanizar os objetivos. (HL22); é muito importante. Mesmo partir dos turistas, mesmo a população local precisa. Não é só trabalhar, uma parte do tempo tem de ser arranjada. Na parte do turismo, eles vão expandir os seus conhecimentos para os locais, eles podem aproveitar muita coisa, e os turistas podem aproveitar alguma coisa dos habitantes locais. É importante. (HL23); a probabilidade de existir turismo, porque quando está a acolher, pode fazer troca de experiência e mais outras coisas que podem empregar ou apanhar a partir dos turistas. Podem ajudar a desenvolver mais a região. (HL23); (o entrevistado acredita que o tempo que usou a responder é para apoiar um possível projeto futuro no distrito) precisam do turismo, até porque têm muitas deficiências económicas, falta de tecnologia e muito produto a sair, mineral e outros, e depois é preciso pagar pelo produto acabado. É preciso essa troca, os produtos a serem extraídos em troca de terem aqui uma fábrica a transformá-los já; só se importa, porque há fracasso disto (HL23)
	Em que medida o entrevistado considera o turismo importante para o desenvolvimento local no distrito de Quelimane e provincia da Zambézia	Sim (é importante). Por exemplo, os turistas, quando ficam hospedados, eles pagam, e esse valor ajuda ao negócio, ao dono do negócio e assim ao desenvolvimento local. Quando passeiam, os turistas contactam com a população local e os locais aprendem com os turistas coisas positivas para o seu desenvolvimento pessoal e local (HL9); Primeiro economicamente, com a ocupação dos hotéis. Entra dinheiro e o próprio hotel cresce com isso. Além disso, para que os turistas visitem mais, limpamos as praias e os centros turísticos. O ponto principal é o desenvolvimento económico, porque tudo o que o turista faz, tem um valor económico. E o local vai ter sempre aquela criatividade para criar aquela coisa para render mais. Uma vez, um turista chinês comprou 10 raladores para coco. Tem um banquinho com uma parte com dentes. O chinês gostou e era muito baratinho, e ele comprou muitos para vender lá mais caro. No dia seguinte, o vendedor, ao ver o que tinha ganho, trouxe mais a pensar que o chinês voltava para comprar. Conclusão: mais desenvolvimento local e do país com mais visitantes. Mais troca de experiências. E mais cuidado do ambiente, para promover o ambiente. Ajuda a civilização, a civilizar. (HL10); Sim (é importante). Porque com o turismo dão mais a conhecer a cidade deles, é um ponto de desenvolvimento, para poder... as pessoas, não sendo (d) a cidade deles podem investir na cidade deles. Aumenta emprego. (HL27); é importante, porque cria postos de emprego. Se não houvesse turismo, esses hotéis que estão a ser construídos em Zalala não existiriam. Porque ninguém estaria lá. Portanto, logo que se vê aquele hotel, algumas pessoas ganharão emprego, por causa de turismo. Além disso, há desenvolvimento económico. Quando alguém vem aqui, os turistas, têm apreciado algumas coisas aí feitas pelos locais. Têm artesãos moçambicanos, fazem chapéus de palha, cestos de palha. Os que chegam gostam e compram. É uma contribuição para a economia moçambicana. (HL28)

		<p>Em que medida o entrevistado considera o turismo importante para o desenvolvimento local na localidade de Milevane</p>	<p>É importante porque querendo ou não, as impressões do turista fazem com que convide outros turistas. Para além disso, o lugar visitado passa a ser reconhecido a nível regional, nacional, internacional. Isso cria interesse para os turistas, e querendo ou não, com a entrada dos turistas faz com que o povo, os locais, procurem oferecer melhores condições. E nessa busca por melhores condições direcionada aos turistas direta ou indiretamente estão a desenvolver o lugar. E depois o turista interessa-se pelo artesanato local. Como viu na Europa, o turista compra e já contribui para o desenvolvimento local. Então não vai comprar a sua capulana e a sua mota só a partir do feijão, mas também a partir de coisas que faz em casa: cestos, esteiras, etc. (HL29)</p>
		<p>Em que medida o entrevistado considera o turismo importante para o desenvolvimento local no distrito do Gurué</p>	<p>É importante por causa não só dos ganhos económicos, mas também dos povos que se abraçam e podem trocar impressões, podem informar-se melhor sobre as regiões de cada um. [dá o exemplo de conversas com o Duarte sobre as suas terras]. Deixamos de pensar que somos pessoas diferentes, e que podemos ter todos as mesmas oportunidades. (HL31); a nível do distrito ainda não há muita exploração de turismo, mas tem muito a mostrar: paisagem, clima (diferente ao nível nacional, mais aproximado ao Niassa e ao Chimioio, mais baixa. Mas pode entrar em contraste porque a maior parte dos turista vem pelo sol e praia). Mas há muita coisa para ver, é questão de investir. (HL32)</p>
		<p>Principais dificuldades para o desenvolvimento do turismo na região de Nampula</p>	<p>Há poucas localidades a atrair os turistas (HL1); Mas também não há de faltar oportunidade do lado de outras pessoas, é preciso ser esperto. O moçambicano acha que aquele que vem de fora tem tudo, então o que vem de fora tem de ser esperto. (HL4); marginalidade (HL4); Uma das principais dificuldades é a falta de influências, quer dizer, pouca influência do governo nessa área turística, pouca tem que não..., por não ter sítios específicos do governo que ... reparar num edifício e falar que o governo está a investir no turismo. Acha que o governo não investe porque... o turismo é alguém que vem de fora, sai de casa, e tem de se reunir condições específicas, para que quem vem não se sinta desalojado. Então o governo está mais preocupado com a redução da pobreza, e outras coisas, e não construir um sítio com uma mesa de bilhares, plasma para ver televisão e estar à vontade. Razão pela qual ele acha que deixa essa parte para particulares, alguém que queira investir, explorar, tem retorno garantido. (HL5); Transporte. (HL6); Os sítios turísticos estão um pouco restritos a nacionais, isso é um obstáculo que faz com que as pessoas não entrem. Primeiro pelo preço, depois pela falta de informação em relação ao turismo. Existem sítios que os próprios nacionais não conhecem, e por vezes seriam mais acessíveis. (HL6); Os hotéis de mais qualidade são muito caros. O nacional, se não for em missão de trabalho, não tem capacidade para se instalar nesses hotéis. O turismo em Moçambique não é muito consumido pelos nacionais, é diferente do da África do Sul. Por causa de as coisas serem muito caras nos sítios de turismo. E os sítios de alojamento mais baratos têm uma qualidade péssima. Por exemplo, na África do Sul passou uns dias e pagava mil rands [73 euros] ao dia, com direito ao pequeno-almoço, num hotel de 5 estrelas, onde tinha todas as condições, que talvez não haja nenhum alojamento a oferecê-las em Moçambique, e só pagava mil rands. Mas no Millenium de Nampula mil rands é muito pouco. Para o natural é mais acessível o turismo lá fora. Mesmo para estrangeiros é menos apetecível. Talvez seja mais fácil para europeus, mas para africanos é difícil. Em Pemba o que vemos é triste e as pessoas são obrigadas a ter essas consequências por causa do turismo [está a falar do aumento do custo de vida]. Em Nampula o custo de vida é mais barato. Aqui, um quilo de peixe pode estar a 120 meticais, mas em Pemba pode estar a 500, e falamos dum sítio com praia, e Nampula cidade não tem praia. O turismo só vem para aumentar o custo de vida das pessoas. Fora da cidade todos os hotéis são caros. Uma residencial pode ser até aceitável, mas ninguém gosta de estar hospedado num sítio que não tem todos os serviços, em que é preciso sair para ter o resto. Na Ilha podemos ficar numa residencial, que é aceitável pelo menos para dormir, mas o resto é preciso ir fora (HL6); na cidade fala-se que os turistas quase só procuram a praia. A cidade não ter praia é um impedimento, por isso a prática de turismo aqui não seja tão grande como noutros pontos. Além disso, os jardins podiam ser melhores, tendo em conta o crescimento populacional. (HL7); o comportamento dos habitantes locais (Podemos dizer que a população até “estraga” A praia da Ilha é lindíssima só que as pessoas usam como latrina, e é difícil reverter esse comportamento) (HL8); Não sabe (de eventos representativos da cultura local) porque hoje em dia há uma homogeneização já muito avançada e não há possibilidade... e não há também grande organização à luz do turista, como se vê no Quênia e noutros lados para mostrar ao turista a cultura local. Certamente na Ilha de Moçambique há algo de típico, que é o tufo. Aqui depende se há gente que comece a organizar, danças tradicionais, clássicas, antigas. Aqui no bairro de Napipine (Nampula) mora um dos mais famosos musicistas moçambicanos que produzem música de tipo tradicional. Chama-se Warila (ser pouco frequente, em português). (HL11); Baixa qualidade de serviços na Ilha de Moçambique, mas essa questão tem sido trabalhada pelas entidades distritais e municipais, no sentido de melhorar na base de capacitações. Mas o processo de mudança de comportamento é lento. Vê-se a mudança na forma como o turismo está a ser disponibilizado. As pessoas, os provedores de serviços estão cada vez mais consciencializados sobre a necessidade da melhoria da qualidade dos serviços. (HL35); Também a densidade populacional, mas o governo local já desenhou uma estratégia, porque pretende preservar o património cultural da ilha. Mobiliza a população para adquirir casa na zona continental no sentido de ir resolvendo o problema de saneamento. (HL35); Ficou num hotel da cidade, Millenium, muito caro, overpriced, 120 dólares uma noite, é o trabalho que paga mas acha que é dinheiro que não está de acordo com o que se oferece no local, não precisa, mas são os preços que se oferecem em Moçambique, disparados, sem muita razão. (VT2);</p>
		<p>Principais dificuldades para o desenvolvimento do turismo na região de Alto-Molocué</p>	<p>O turismo começa e acaba numa hora, dar uma volta à vila, que lembra os tempos coloniais, e acaba por aí. A única coisa que pode interessar é o turismo religioso, ou se já, conhecer a experiência das pequenas comunidades cristãs ministeriais, ou seja, as comunidades deles que estão lá fora. Esta é uma experiência muito original, muito valiosa, que merece, mas é preciso um interesse eclesial. (Se as pessoas fossem nas visitas às comunidades, a retiros...) não vê ... Do seu ponto de vista o que conta ao nível de natureza aqui há volta é o Gurué e Milevane. O Gurué sim, tem muita coisa para andar, passeios, pode ocupar lá 15 dias só andando. Por exemplo, no Namúli, montanha, ter alguém que acompanhe até lá. Podia ser, mas não aparecem muitos com este interesse. Porém lá sim, há possibilidades, há lugares. Ele conhece bastante bem, andou um pouco por estas montanhas todas. Lá dá. Mas aqui não, aqui só se existir um bocadinho de interesse eclesial pela missão antiga e só tem interesse no âmbito da história da Igreja e da Evangelização. (S1); Numa primeira fase é a falta de transporte e alojamento (mas existe algum, como o Kapulana e os padres). “Tem muita beleza, riquezas, principalmente nas comunidades, mas o transporte é que dificulta.” (HL12); não estar bem preparado, não estar bem interessado em receber. Muitas pessoas não sabem que o turismo também faz bem, então a maioria das pessoas não estão bem preparadas para receber. (HL13); do ponto de vista dele, do que ele vê de lá, é que não há pessoas que possam levar essa atividade a avante. O povo em geral devia criar lugares para os turistas. É o mais essencial. Porque quase não tem. (HL14); aqui seria não ter praia. Está muito longe, se fosse aqui haveria mais facilidade. Também não há lugares mais bonitos, assim casas reservadas a turistas para hospedagem ou visitar, ou um museu para ver algumas coisas do passado. Tudo isso impede muito. (HL15); falta de hotéis, a falta de melhoria das estradas. Alguns turistas têm tendência de visitar as localidades e alguns não conseguem por causa da má qualidade das estradas. É terra batida e muitos planaltos. Alguns carros não conseguem chegar até lá, é muito longe. Às vezes até alguns turistas querem ir visitar uma localidade e daí, só por falta de melhores condições das estradas e dos alojamentos, acabam por não se deslocar e aí regressam. (HL18); a localização onde se pode realizar a própria área turística. Devia haver um. Era preciso um estudo para identificar, e que ainda não foi feito. Para localizar o local. Se calhar é possível porque vemos muitos locais, paisagens bonitas, que merecem ser área turística. Falta de locais de diversão, um divertimento que impressione os turistas. Na área de motocross... aquele ambiente todo. Mas acha que tendo localizado um dos sítios, é possível, a vila é bonita, dá para desenvolver essa área turística, mas faltam fundos ou mesmos projetos nesse sentido. O conselho requer um pouco isso tudo. (HL21); a grande dificuldade é a financeira, não existe capacidade financeira, o desenvolvimento do turismo aqui é mais do que limitado. As estâncias turísticas vão de acordo com as capacidades dos locais, E até certo</p>

			<p>ponto não tem atraído. Quem passa fica mal impressionado e não volta. Por falta de dinheiro não conseguem fazer algo que agrade a grandes turistas. A outra questão é falta de capacidade de formação. Para criar um empreendimento turístico tem de estar formado na área, de instituições que expliquem exatamente como funciona o turismo. Faculdades, centros de formações, ... mais enfoque no turismo nessas instituições. Falta de capacidade económica, recursos humanos qualificados e meios. Limita o desenvolvimento do turismo. (HL22); as pessoas estão só de passagem, ainda ninguém veio para ficar e mostrar e os locais verem as vantagens (HL23)</p>
	<p>Principais dificuldades para o desenvolvimento do turismo na região de Quelimane e Zambézia</p>		<p>Falta de inovação e reabilitação dos locais turísticos. Não houve renovação da destruição da guerra. Era uma zona que os turistas vinham apreciar e depois da guerra muitas infraestruturas ficaram destruídas e não houve mais reabilitação. Quem vinha apreciar já não vem apreciar, porque só há ruínas. (HL9); Na aposta. Há vários sítios turísticos que só por ver vê que é muito bom para visitar, mas nunca será maravilhoso sem que alguém invista no sítio e mostre. É preciso criar revistas que mostrem os sítios, gastronómicas, culturais, para o turista saber o que pode ver. A pessoa tem de investir no local para que haja turismo, para aumento das visitas. Não há investimento nesse sentido. A cidade dele tem muitas zonas com potencial, mas pouca gente conhece, as pessoas conhecem mais Zalala, que não é tão bonita quanto outros locais. Mais preservação através de investimento, fazendo aumentar as visitas. Falta aposta nos locais de turismo. (HL10); Primeiro é na economia que têm. Condiciona a existência do turismo. Ele é professor e para conseguir fazer turismo precisa que o seu salário seja condigno, seja um salário que ele tenha alimentação e transporte, que seja um carro. Então, depois de ter essas condições, é possível fazer turismo. Mas enquanto as condições económica primeiro nossa não for boa, não é possível esse turismo. O salário que ele ganha é para poder ter em casa uma parte básica de alimentação, é difícil. Até em algum momento pode não ajudar porque está a gerir uma instituição de ensino secundário, aí nem ajuda, os valores de gratificação de chefia, aí fazem com que ele tenha mais ou menos condições em casa e pôr o filho, esposa e alguns dependentes a poder passear, a poder viajar um pouco, passear com a família. Porque eles como pobres, se ele trabalha, a intenção dele é de tirar 3, 4 familiares para perto dele, e ele lutar e por eles pelo menos a trabalhar. É a luta que estão a fazer. Ele nasceu numa família de professores, pai e mãe professores. Eles lutaram para que ele, como mais velhos, pudesse trabalhar. E hoje, está agora, para além de custear os que estão em casa, tem lá 4 pessoas, primos que estão lá. Poe-nos a estudar, e tem um irmão mais novo na faculdade em Mocuba, segundo ano, e o entrevistado também está a fazer faculdade, mas ensino à distância na UCM em Nampula. Também acarreta custos, são maiores para pagar propina. Então aí há de ser difícil que possam, principalmente os funcionários, fazer turismo. (HL17); Já teve a ocasião de conversar com um turista sul-africano, negro, professor. Ele chegou e o entrevistado logo viu que era um turista, sentaram-se, ele fala um pouco de inglês, e conversaram. O turista mostrou documentos em como era professor, estava de férias e estava no turismo, procurou saber se o entrevistado já tinha estado no turismo, e respondeu que as condições não favorecem para o turismo. Necessita de condições financeiras, mas gostaria que um dia pudesse estar só que quando entra de férias prefere visitar familiares, espalhados por 3,4 distritos. Tiveram uma conversa e terminaram (HL17); A grande dificuldade para além dos acessos é a questão da promoção. Eles acham que a promoção e o financiamento, apoio neste caso. Claro que ao nível central, o ministério tem feito esforços no sentido de ultrapassar essas dificuldades na província. Têm financiamento para os pequenos operadores de modo a dotá-los de capacidade financeira para exercerem a atividade turística. Mas necessitam de muito apoio logístico e financeiro nas várias vertentes, principalmente na componente de formação. E também a nível local, nas reuniões, tem-se feito com a sua excelência o governador sempre fala-se sobre a questão das estradas, e acreditam que um dia tenha a sua prioridade e possam ultrapassar essa dificuldade. Mas a nível externo gostavam realmente que os apoiassem em programas e projetos de turismo. Têm visto em outras províncias, como Cabo Delgado e Inhambane, que existem vários projetos virados ao desenvolvimento do turismo naquelas áreas. Inhambane dá o exemplo da SNV, que estava a financiar na área do turismo, em Cabo Delgado e em Nampula a USAID financia na componente de turismo. E já para a Zambézia têm falta de alguém que os apoie no sentido de também eles poderem caminhar. Existem ideias, existem projetos, mas precisam de financiamento, porque a província promete mas... Temos uma das grandes riquezas aqui, que são as águas termais, que podem ser desenvolvidos vários projetos nesse sentido. E eles vão fazer este ano o estudo das águas termais. Criamos um motel, tem desenvolvimento do turismo, usando as águas termais. E podem capitalizar investidores para investirem nessa área. Não só, têm feito trabalhos de reserva de espaço para o desenvolvimento do turismo. Quase a maioria dos distritos eles já lá estiveram e têm áreas reservadas para o turismo para os possíveis investidores. Quando o investidor aparece, ele não aparece só, ainda à procura de espaço para poder investir. Já existe um espaço, o que se vai fazer é direcionar a pessoa para esses espaços, e ver se quer ou não investir nesta área. (HL25); Este nosso potencial turístico precisa ainda de alguma melhoria, de muitos investimentos e sobretudo uma organização interna, falamos de estruturar a oferta turística. Questões de infra-estruturas de apoio, estamos a falar de estradas, hospitais, telecomunicações. Há uma conjuntura de fatores que não nos possibilita ainda à província ser um destino preferencial dos turistas. (HL25); a promoção. As pessoas não são muito (...), não sabem turismo, não sabem qual é a importância. Eles não têm aquela cultura em relação ao turismo. Passear nos locais históricos, conhecem mal a sua cultura, a sensibilização. Deviam fazer mais palestras, mais escolas, falando mesmo com as (...), um bocadinho melhor para explorar a Província deles. Exemplo, ela está aqui, é de Quelimane, da Zambézia, mas nem sempre, não sabe nada. Nem tudo sabe sobre Quelimane e o que a cidade oferece. Devia informar mais, nas escolas, para se saber. A cidade tem a oferecer muito, tem muito. Muito que explorar. (HL27); quando um turista chega a um certo local pode não ser bem recebido, e aí pode não voltar mais. Um hotel pode ficar um mês sem receber um turista. Aquilo é um fator de desenvolvimento. O dono do hotel vai ter de pagar em vão aos trabalhadores, já não fizeram o dinheiro que podiam tirar, dar aos seus trabalhadores. Ninguém fica hospedado naquele hotel (HL28)</p>
	<p>Principais dificuldades para o desenvolvimento do turismo na região de Milevane</p>		<p>Milevane tem uma potencialidade enorme mas deixaram cair toda a fonte de rendimento: gado, culturas agrícolas, estrutura de canalização de água. Então agora precisa de tudo. Também não se quer agora recapitalizar esta obra porque as pessoas são um pouco assim frias. Quem é que as obriga a viver longe de tudo, estão a 60 km do Gurué e a 40 km de Molocué, mas com estradas péssimas. E então todos dizem que não vale a pena. Então eles precisam da ajuda de outros. (S2); Os acessos. E condições mínimas que têm, que também depende da exigência dos turistas. Milevane pode acontecer que o turista quer AC, isto, aquilo, enquanto não têm. Essas são as impossibilidades que têm. Não há guias também, para acompanhar o turista. Os transportes também podem dificultar a escolha do lugar. Não sabe como está a questão dos vistos. [talvez seja mais fácil para eles do que para mim] Também a alimentação, pode exigir coisas que não têm. [mas há turistas que fazem questão de comer o que se come. Também acha que o tipo de turista que virá é o mais curioso com o que se come na região] também os problemas de incompatibilidade linguística. Se é alguém que não fala outra língua. É preciso guias que façam tradução. É preciso as duas coisas. Mas as pessoas no campo não tem dificuldade no português? Sim, se as pessoas têm dificuldade na língua nacional, então outras... Perguntei de manhã sobre o aquecimento da água? É a partir de painéis. O que quer dizer que se não houver sol, não há água quente, a menos que os geradores estejam ligados; e além disso é só no bloco à parte ligado à casa onde estão os padres. Lá tinha, na outra casa, porque tinha painéis. Agora foram removidos. A água é canalizada a partir da montanha, como na casa das irmãs. Que é uma água limpa, já analisaram várias vezes. (HL29); meios de transporte (HL30)</p>

	<p>Principais dificuldades para o desenvolvimento do turismo na região do Gurué</p>	<p>Aqui não é difícil ir sozinho, só precisam de estar informados. Mas aconselha-se a irem em grupo, porque há uma certa criminalidade. (S4a); Agora não há grande organização. É um lugar lindo, mas não há infraestruturas nem estradas para haver turismo a sério. O trabalho que estão a fazer de hospedagem é sobretudo para moçambicanos, turistas são poucos. É preciso ver que os custos de fazer turismo em Moçambique dá para ir a lugares melhores, por isso é preciso calcular bem tudo e organizar as coisas. Acredita que com o tempo as coisas podem melhorar aqui, mas estamos muito atrás. Também chegam aqui turistas e querem gastar quase nada, é ridículo, refeição a menos de 200 não vai ganhar nada, há custos reais. Dá 5 euros, há quem goste e há quem não goste. É preciso ver bem, há variedade e tudo. Tiveram espanhóis e tudo, mas querem gastar o menos possível, não tem sentido isso, é preciso cobrar preços reais. Para criar infraestruturas e ainda ter preços como há em certos lugares da Europa... Mas neste momento temos sorte que há ONGs que vem e ficam ¾ dias, são boas receitas e dá para manter as nossas instalações. A cada dois anos temos de pintar e renovar, a higiene é fundamental. (S4a); os preços em Moçambique são caros, mesmo o visto. Se ficamos só um mês vamos gastar 70 euros (não sabe ao certo, mas é caro...) no visto. Os preços dos aviões também são muito altos. Via terra leva muito tempo a chegar ao destino e os meios de transporte são aqueles que conhecemos, ainda com avarias, acidentes. Queremos atrair ... , até tivemos um grupo de italianos aí, mas alugaram uns meios de transporte que só deram problemas. Depois, o turista fica muito insatisfeito. Gosta de ver, mas quando há problemas nas viagens (avarias por exemplo), alojamentos inadequados, etc, não vão ter vontade de vir. Temos de calcular concretamente os gastos e tudo o resto. Preferem ir para outros lugares que custam menos. Mas também reduzir os preços por aqui é incomportável. E mesmo os preços da viagem entre Europa e Moçambique, por exemplo, são astronómicos (ele aponta para um mínimo de 1500 euros). Conseguem-se por menos mas com muitas escalas. E as viagens internas são muito caras. Somar transporte até Moçambique, internos, estadia, ... E para turistas africanos aqui à volta e moçambicanos? Aqui nunca tiveram turistas que vieram mesmo para visitar vindos de África do Sul ou do Malawi, só estão de passagem, mas vir de propósito... gostam mais de ir à praia no Sul e no caso do Sul-africano fica mais perto, mas agora vir de propósito... são problemas. É por isso que é preciso calcular concretamente o que a gente gasta. Pode ser que mude no futuro; os moçambicanos gostam muito do Gurué, é por isso que criaram aquele salão, para atrair gente, e atrai. O ano passado tiveram afluência, este ano já têm reservas, mesmo dos conselheiros coordenadores, para eles é uma vantagem. (S4a); Ainda falta a educação turística aqui. Não se vê postais por aqui. O correio não funciona devidamente por aqui, se o turista quiser enviar uma carta. Tem de ter um postal com os principais marcos, tem de ter um guia turístico, e não tem nada disso. As casas de hospedagem deviam estar equipadas com essas coisas, mas como ainda não entrou aquela cultura de turismo... (S4c); Quando um turista chega a um certo local pode não ser bem recebido, e aí pode não voltar mais. Um hotel pode ficar um mês sem receber um turista. Aquilo é um fator de desenvolvimento. O dono do hotel vai ter de pagar em vão aos trabalhadores, já não fizeram o dinheiro que podiam tirar, dar aos seus trabalhadores. Ninguém fica hospedado naquele hotel. (HL28); A não existência de empresários a investir na área, isso pode retrair. É já um sítio bom, mas seria melhor se houvesse investimento. Estamos a perder dinheiro, de certa maneira. (HL31); a atração de investimento e falta de marketing. É o que falta para reconhecimento do Gurué como destino turístico. Mas também falta de qualidade nos acessos aos locais com potencial. Também problema na restauração, é preciso melhorar muito para os turistas não reclamarem, e falarem mal aos amigos. Falta de meios de transporte também. Mas há um aeródromo, que só é usado nas visitas dos chefes de estado, mas já não é usado normalmente nem para o comércio. Ao lado da escola secundária, um pouco mais à frente da zona da catedral. (HL32); quando há mais entradas de turistas, o governo cria mais condições, ou promove isso. Mas quando não há, o governo fica de braços cruzados, e começamos a perder os lugares turísticos. Só os habitantes e os amigos de fora é que vêm visitar. O monte Namúli é visitado por gente de fora, e é um crescimento para o próprio distrito, e uma honra para os habitantes que estão a ser visitados. (HL33); Saindo de cá a estrada é muito boa. Os que não são bons são só que dirigem nas estradas. Moçambicano pode ser muito amável, gente boa, na relação entre pessoas. Quando está detrás de um volante, ele vira uma coisa assim, não tem respeito pela vida de ninguém. Impressionante. Isso dá medo aos turistas. Fala com taxistas e colegas, aconselha-os a guiar mais devagar, a ter cuidado com as crianças que andam por aí, as estradas são abertas, podem entrar animais ou pessoas, e eles vão aí a 120, 130, 140 km/h, não entende isso. Mas para trabalhar em desenvolvimento de turismo requer muito trabalho de consciencialização da ética para o trato entre pessoas. E também de limpeza. São coisas que vão ter de melhorar definitivamente porque turista fica assustado e em perigo. Aqui andar de bicicleta é uma loucura, é quase morte segura, porque ninguém respeita pessoa em bicicleta ou peão. (VA4); Falta muita educação, de literacia e de alfabetização. São níveis assustadores. Há um boom de escolas novas, mas é preciso educar bem, para lá da matemática e biologia e tal, ensinar ética, respeito entre as pessoas, aqueles que pegam carro têm de treinar bem o respeito ao peão... Voltou à Nicarágua depois de alguns meses em Moçambique e achou o país dele muito desenvolvido em relação a Moçambique, mais limpo. Aqui tem caminho a seguir. O segundo país mais pobre da América é Nicarágua, mas a nível de desenvolvimento humano estão muito além de Moçambique, que é o 3º mais pobre do mundo, a nível de educação, saúde, desenvolvimento humano no geral. E já foi o mais pobre (quanto à economia e desenvolvimento humano) nos anos 90, depois da guerra civil. Aqui há grandes problemas de falta de educação, de saúde, para a maioria. Quem vive bem vive muito bem, mas os outros passam mal. (VT2);</p>
	<p>Sugestões para o desenvolvimento do turismo na região de Nampula</p>	<p>Devia haver mais hotéis, porque em alguns lugares não há hotéis e noutros estes têm pouca capacidade (HL1); diminuir a marginalidade (HL4); Mais uma mãozinha do governo nessa área de turismo. (HL5); Melhorar transporte. (HL6); O turismo, quando se instala, tem em conta não só o aspeto económico mas também o social, responsabilidade social nesse caso. (HL6); Ser acessível a toda a população, não a toda, que não é possível, mas ser mais acessível aos nacionais. (HL6); E haver mais informação. Acha necessário criar um sistema de informação para publicitar o turismo no país, mas infelizmente não há. (HL6); Até porque o aeroporto de Nampula é internacional, a par de Maputo, Pemba e Tete, devia ser montra do norte de Moçambique. (HL6); os turistas, para além de adquirirem novos conhecimentos, podiam trazer novas ideias, ajudar o próprio povo da cidade a desenvolver, ou pelo menos a desenvolver o conhecimento do que é o turismo. Porque acredita que neste mundo não há quem perceba o que é o turismo nem o que é o turista, acreditam que é só terem uma condição económica mais favorável, mas também é ter uma vontade de viajar (HL7); Aqui (a existência de eventos representativos da cultura local) depende se há gente que comece a organizar, danças tradicionais, clássicas, antigas. Aqui no bairro de Napipine (Nampula) mora um dos mais famosos musicistas moçambicanos que produzem música de tipo tradicional. Chama-se Warila (ser pouco frequente, em português). (HL11); talvez levar a população a mudar os hábitos, o comportamento (HL8); na sua opinião, o turismo na Ilha de Moçambique está a crescer. Tem que haver mais capacitações, sensibilizações, mais troca de experiências com outros locais muitíssimo desenvolvidos. Para que as pessoas se vão consciencializando sobre a necessidade de empreendedorismo e melhoria da qualidade de serviço da ilha de Moçambique. Porque a experiência é muito importante no processo de desenvolvimento de uma atividade. Se está na ilha há 5 anos e não vai ver como outros locais estão a desenvolver o turismo, e esta é uma atividade que não existe só na ilha e depende de várias instituições e várias nacionalidades que podem ser observadas, então a qualidade de serviços não precisa de ser desnivelada, pode ser igual. Mas isso só pode acontecer com a interação com outros mais experientes para se poder melhorar gradualmente a qualidade dos serviços. (HL35)</p>

		<p>Sugestões para o desenvolvimento do turismo na região de Alto-Molocué</p>	<p>O turismo começa e acaba numa hora, dar uma volta à vila, que lembra os tempos coloniais, e acaba por aí. A única coisa que pode interessar é o turismo religioso, ou se já, conhecer a experiência das pequenas comunidades cristãs ministeriais, ou seja, as comunidades deles que estão lá fora. Esta é uma experiência muito original, muito valiosa, que merece, mas é preciso um interesse eclesial. (Se as pessoas fossem nas visitas às comunidades, a retiros...) não vê ... Do seu ponto de vista o que conta ao nível de natureza aqui há volta é o Gurué e Milevane. O Gurué sim, tem muita coisa para andar, passeios, pode ocupar lá 15 dias só andando. Por exemplo, no Namúli, montanha, ter alguém que acompanhe até lá. Podia ser, mas não aparecem muitos com este interesse. Porém lá sim, há possibilidades, há lugares. Ele conhece bastante bem, andou um pouco por estas montanhas todas. Lá dá. Mas aqui não, aqui só se existir um bocadinho de interesse eclesial pela missão antiga e só tem interesse no âmbito da história da Igreja e da Evangelização. (S1); Transporte (HL12); não está a ver nada. (HL14); deveriam todos preservar o meio ambiente. Há problemas, principalmente por causa das queimadas no verão. Devia haver mais proteção do ambiente e das plantas, e construção de mais casas para receber os turistas. Criar mais atrativos que possam convencer o turista que está lá a visitar este lugar. Reservar os lugares históricos (onde existe esse pé e essa imagem), organizar um sítio muito bonito, construir casas lá para convencer os turistas e ter lá hospedagem, que é o principal problema. Melhorar a gastronomia do distrito – mais receitas, mais restaurantes. Só existem os bares para as pessoas pararem e comerem qualquer coisa. Não há aqueles restaurantes bonitos para ir jantar à noite. (HL15); o turismo na região cada vez mais está a desenvolver -se, ao nível da receção de turistas. Na sua ótica, há necessidade de criar edifícios ou sítios melhores para este acolhimento. (HL18); ter mais visitantes, ter edifícios sociais (como discotecas, bares), ter pessoas de fora que investissem aqui, só os de dentro não vão lá; pessoas com novas ideias e com fundos. Há muita mata aqui, mais mata do que área ocupada, têm muito espaço para desenvolver novas coisas só que falta aquele investimento. Há investidores, mas precisam de mais. Têm lugares como a lagoa, mas faltam os fundos. Podem desenvolver mais coisas, que a própria comunidade pode aderir. (HL21); para ele seria que os turistas também se apaixonassem e deixassem marcas. Vir ver e depois apaixonar-se com alguma coisa, e voltar e investir. Que os grandes turistas investissem. Ou pelo menos falar a alguém daquilo que gostou. Publicar, e lançar as potencialidades, vender as imagens do lugar. Não basta ir ver, sair e calar. Uma pessoa pode não saber o que há aqui, mas se alguém lhe falar pode um dia vir visitar. Pode criar alguma coisa. Outra sugestão seria que os governos ou os próprios turistas terem uma cooperação com os governos, conselhos municipais neste caso, para apoiarem algumas áreas. Há vezes que o conselho municipal tem alguma coisa, ou uma certa área que quer desenvolver, mas não tem os meios para isso. Se calhar tem alguém que poderia apoiar a fazer aquilo, com ou sem ganhos. Os turistas poderiam ter contacto com os conselhos e no que eles pudessem apoiariam. Quando o turista chega podia apresentar-se ao conselho municipal e dizer qual a razão da visita. E os técnicos poderiam acompanhar o turista para perceber a experiência do turista, levando ao desenvolvimento. Também é preciso esse contacto entre turistas e as autoridades, para dinamizar. (HL22); E (os turistas) podiam aconselhar. E com esses conselhos têm melhorado as atividades do dia a dia. Muita atividade do dia a dia precisa dos turistas, para galvanizar os objetivos. (HL22); No caso dos turistas afluírem, os serviços terem uma apresentação da região a apresentar, terem informação sobre os melhores lugares onde instalar negócios relacionados com o turismo. (HL23)</p>
		<p>Sugestões para o desenvolvimento do turismo na região de Quelimane e Zambézia</p>	<p>Que reabilitassem ou mesmo que construíssem mais postos e lugares para receber os turistas. E que as pessoas mostrem uma abertura para receber os turistas e que indiquem lugares que os turistas não conhecem, que tomem café juntos, e os próprios turistas também se aproximem das pessoas, para promover o desenvolvimento. (HL9); É preciso criar revistas que mostrem os sítios, gastronómicas, culturais, para o turista saber o que pode ver. A pessoa tem de investir no local para que haja turismo, para aumento das visitas. (HL10); Mais preservação através de investimento, fazendo aumentar as visitas. Falta aposta nos locais de turismo. (HL10); Para os que vêm fazer o turismo gostaria que em dado momento não hesitarem, pudessem ir ao encontro das pessoas. Claro, vão em turismo para uma determinada área. Mas que pudessem conversar mais com as pessoas para poder espelhar como eles vivem. E se possível, quem sabe, se ele possa exprimir alguma coisa que ele venha ajudar em termos de ideias, de conselhos. Então isso vai fazer com que eles possam evoluir mais. Mais abertura e algumas vezes existe uma coisa... é complexo da pele que eles têm. Que fossem os que vêm de fora a mostrarem que todo qualquer um é capaz. Porque eles julgam que quem é capaz é o branco, mas eles ficam limitados, principalmente aqueles que não estudaram, não sabem que existem negros a fazer turismo. Existem negros com posições acima de um branco. Então isso precisa de mais abertura, mais com que tentar mostrar às pessoas. E uma ajuda moralmente também é a mais boa que ele gostaria, convencer mais as pessoas a aderirem à escola. Eles têm feito isso, mas também quando os turistas vierem, continuar a incentivar. Tentar mostrar algumas imagens, de algumas pessoas que saíram de cá que estão doutro lado. Então isso vai fazer com que alguma coisa mude. Vai levar tempo, mas vai fazer com que alguma coisa mude. (têm de explicar que existem negros ricos) e que existem pobres brancos, de facto. O que não faz com que se note essa pobreza é pelo simples facto do próprio país produzir mais e tentar reparar nessas pessoas, e que em Moçambique em algum momento não acontece. Têm cestas básicas para os pobres, mas é muito pouca para eles. Não há ajuda para nada. Aqui de facto é isso, é muito morto na parte de apoio. O apoio que vê do estado é da parte do instituto nacional de segurança ou o que é, ação social. Ai eles dão valor que não chega para a alimentação 300, 350, talvez 500 meticais. 500 (15 euros) meticais é um valor que nem para uma refeição chega. Um saco de arroz bom está a 800 meticais. O que se vai comprar com esse dinheiro, não é possível. 15 euros para quem vem de fora é um valor... não é possível ter alimentos para um mês com este valor. Muita gente, como são pobres, vivem com os pais. Quando estão a ver que está velho, manda embora. Esse velho ou mendiga ou vai para uma casa de acolhimento que muitas vezes são dos padres. A mãe dele era professora, mas passou a trabalhar numa casa de acolhimento dos padres, onde vão para lá e são acolhidos. Têm refeição de manhã e o almoço. Este está confeccionado, eles comem e resta uma parte para a noite. Ali eles garantem. Mas nos sábados e domingos não têm nada, eles são obrigados a mendigar pela rua. Então, está difícil isso. Vamos ver (como evolui). Não estão estagnados, a tendência é para subir e vamos ver de facto que venha um dia a melhorar. Mas isso passa para ele por primeiro reparar na parte dos trabalhadores, dar condição, muitos abonos, e depois criar em si valores bons que possam ser cesta básica para essas pessoas que não têm e que tenham mais, ou que procurem acolher mais as pessoas que não têm lugar para onde viverem. Isso havia de ajudar muito a melhorar a vida do moçambicano. (depois de a entrevistadora dizer que está no mestrado com 22 anos) aqui é difícil. Aqui, na altura em que entrou na escola foi com 7 anos, reprovou 2 anos, e fez a 12ª com 20 anos. Aos 21, por falta de condições financeiras dos encarregados, teve de ir ao contrato pela educação como docente. Depois de um tempo não havia de ser tão fácil porque em Moçambique há muita procura de emprego. Têm amigos licenciados mas que não estão a conseguir emprego. Já licenciados há 5 anos, mas o emprego está difícil. Ai, a única alternativa para evitar correr para a licenciatura sem ter emprego é preferir ir na função docente e passou a dar aulas. Agora é que soube que a UCM dá aulas ensino à distância, e por lá ingressou para fazer licenciatura em Matemática, e veio à biblioteca para ver um pouco de Filosofia. Introdução a filosofia, cadeira do segundo ano, que não teve no ensino médio. Já lecionou inglês, mas não tem com quem praticar. (HL17); Se o entrevistado fosse ministro do turismo, primeiro estruturação da oferta turística. Montanha, oferecer produtos específicos de montanha. Praia, oferecer produtos específicos de praia. Cultura, oferecer serviços específicos de Cultura. Eventos, oferecer serviços específicos de eventos. Outra questão é assentamentos turísticos, ver mais ou menos o espaço e a função da ... fazer um planeamento territorial, para ver quais são as áreas que o turismo deve ocupar, vias de acesso, restaurantes onde ficam, hotéis onde ficam, toda esta componente. Até programas de formação, que tinha de incluir unidades móveis, em que exista lá na unidade móvel, que são aquelas caravanas móveis, todo o equipamento de cozinha e de restaurante. Que partissem daqui com a unidade móvel e fossem formar pessoas a Nicoadala, Gurué, Milange,</p>

			<p>assim sucessivamente. Até programas de fiscalização da atividade. Sabemos que muita gente faz, constrói os hotéis e os bares e tudo mais, mas já não cumprem com as regras estabelecidas na lei. A inspeção ser mais forte. Primeiro no sentido de as pessoas legalizarem a sua atividade, que já não legalizam, muitas atividades não estão legalizadas. Segundo, a qualidade dos serviços, olhar-se para todas as componentes e fiscalizar-se como deve ser. Primeiro advertindo, depois tomando sanções segundo a gravidade. Precisamos de parques equipados. Temos de ter sítios em que eu vou e sinto-me em Nova Lorque. Encontre lá montanha-russa, pode entrar e fazer várias atividades num dia e não me dar conta que fiz várias atividades. Parques temáticos, essas coisas todas. Precisamos disso. Precisamos de sítios onde se possa fazer o turismo ao ar livre, sítios abertos. Atualmente as cidades crescem e não têm em conta esses espaços verdes, em que as pessoas podem chegar, ler um bom livro, andar, correr, sem nenhuma agitação. Jardins zoológicos, que hoje já não é prática mas que devia ser. Ter ali alguns animais que as pessoas pudessem ver. Claro, tudo protegido, tudo bem equacionado. E é olhar muito para essas questões. E questão de eventos, tinham muito de sair fora, aprender com os outros, porque estando aqui, só ficam num ambiente confinado, podem ser quadrados nas ideias. Então é preciso sair um bocadinho, e perceber com os outros como as coisas são. Ir ao Porto, ir a Aveiro, ir a Algarve, Brasil. Procurar conhecer mais, procurar divulgar mais a imagem da Zambézia e de Moçambique lá, a partir das embaixadas e de feiras, que acontecem bolsas de turismo, que acontecem. Então, estabelecer parcerias com as pessoas lá. Manter relações públicas no sentido de atrair investidores para a província. (HL25); Deviam fazer mais palestras, mais escolas, falando mesmo com as (...), um bocadinho melhor para explorar a Província deles. (HL27); Mais informação (HL27); apelar aos hoteleiros que quando recebem um turista devem ter um respeito como se fosse um irmão. Respeito, carinho, amor, para que da próxima tenha vontade de voltar. Agora quando há um tratamento assim que não corresponde a de um ser humano, se calhar não fica bem. (HL28)</p>
	Sugestões para o desenvolvimento do turismo na região de Milevane		<p>A energia. Mas já está chegando. E as vias, ter as vias em condições. E depois se as pessoas quiserem envolver-se nessa questão de turismo é preciso ter uma boa visão. E Milevane tivesse tido alguma visão para o turismo, essas coisinhas que apontou: o lago que têm ali, aquele lugar ali, as montanhas aqui. Há condições. Na Europa viu lugares parecidos, locais turísticos que usavam pequenas coisas bem organizadas, a que davam valor. Já saiu a bastantes quilómetros para ver uma montanha pequenina, porque lá organizaram, lá escavaram. Lá há coisas naturais, grutas naturais, não porque escavaram. Então pensa que condições haveria. Têm uma mata aqui, no Brasil teve numa casa de irmãs e tinham uma mata pequenina de um quilómetro, mas organizaram, embelezaram, fizeram estrada onde se faz passeio. Muitos turistas entram para passear. Ele até dizia: então em Milevane temos uma mata tão grande e assim... mas é preciso uma pessoa com visão clara. A mata têm, as baixas têm, alguma coisa pensa que têm. Então pensa que daria. Primeiro seria a energia, que está a chegar a Mugema, com ela pode-se fazer muita coisa. E depois as vias. Enquanto não chove tudo bem, mas quando chove é complicado. Já demorou 4 horas até ao Gurué porque estava a chover. (HL29); criar mecanismos para tal numa primeira fase. E reabilitar as próprias infraestruturas, para atrair as pessoas. Ninguém quer viver mal. Querem gastar o dinheiro e ter gosto em voltar (HL30)</p>
	Sugestões para o desenvolvimento do turismo na região do Gurué		<p>Do seu ponto de vista o que conta ao nível de natureza aqui há volta é o Gurué e Milevane. O Gurué sim, tem muita coisa para andar, passeios, pode ocupar lá 15 dias só andando. Por exemplo, no Namúli, montanha, ter alguém que acompanhe até lá. Podia ser, mas não aparecem muitos com este interesse. Porém lá sim, há possibilidades, há lugares. Ele conhece bastante bem, andou um pouco por estas montanhas todas. (S1); Ainda falta a educação turística aqui. Não se vê postais por aqui. O correio não funciona devidamente por aqui, se o turista quiser enviar uma carta. Tem de ter um postal com os principais marcos, tem de ter um guia turístico, e não tem nada disso. As casas de hospedagem deviam estar equipadas com essas coisas, mas como ainda não entrou aquela cultura de turismo... por exemplo, eles que estão a fazer hospedagem, não está a componente turística. Por isso, e nota mesmo a maneira de administrar. Deveria existir um lugar, uma sala de receção, com postais e panfletos, onde diz onde podes ir, que não há. São coisas que precisam de ir em frente, que precisam de investimento. (S4c); Apelar aos hoteleiros que quando recebem um turista devem ter um respeito como se fosse um irmão. Respeito, carinho, amor, para que da próxima tenha vontade de voltar. Agora quando há um tratamento assim que não corresponde a de um ser humano, se calhar não fica bem. (HL28); Gostou do inquérito, porque é preciso ir em frente, criar novidades. (HL30); Devia-se investir, tem paisagens bonitas, interessantes. E os turistas quando passam deviam deixar sugestões e propostas, sobretudo para o governo. Ele pode dar dinheiro para as pessoas investirem nesta área, mas tem de haver boas ideias, e os turistas têm boas ideias por causa da experiência. E atrair empresários para verem e investirem. O investimento não devia ficar pela área agrícola, mas também aproveitar o potencial natural turístico. Os naturais não conhecem as áreas porque não se comenta. Mas a primeira vez que foi ao monte Namúli fiquei muito espantado, apesar de ser natural daqui. Além disso, o governo tem de fazer a sua parte: reabilitar os acessos, possibilitar que o distrito seja visitado para atrair investimento. (HL31); não há meios de transporte. Mesmo ele não tem transporte para visitar bem o distrito. O governo devia investir mais para melhorar condições de trabalho dos técnicos de turismo. Mesmo o computador é pessoal. Também a capacitação: desde que saiu da faculdade não teve atualizações nem oportunidades de troca de experiências. (HL32), não tem (HL33); Saindo de cá a estrada é muito boa. Os que não são bons são só que dirigem nas estradas. [...] Mas para trabalhar em desenvolvimento de turismo requer muito trabalho de consciencialização da ética para o trato entre pessoas. E também de limpeza. São coisas que vão ter de melhorar definitivamente porque turista fica assustado e em perigo. Aqui andar de bicicleta é uma loucura, é quase morte segura, porque ninguém respeita pessoa em bicicleta ou peão. (VA4); Só pôr mais informação em geral. Cartazes. Ter guias turísticos que expliquem um pouco a história do Gurué, a sobre a cultura do chá até ... informação de hospedamento, coisas que se podem fazer aqui. Viram mais hospedamento na rua principal, mas não há informação sobre onde está o hospedamento, sobre atividades que se podem realizar aqui, história local. Informações em geral crê que tudo. (VT1); o que ele queria ver mais aqui é mais guias turísticos para subir as montanhas, fazer trekking, hiking. Daqui vê-se bem as montanhas, só aqui fazer rock climbing é impressionante, rappel, o que quiser, asa delta, todo o tipo de coisas para fazer meio extremos, mas também de segurança controlada, de aventura. Atividades de aventura poderiam desenvolver muito. Também bird watching, aprender de plantas, aquele turismo mais para a cabeça, para acrescentar ao conhecimento, aprender sobre as culturas, a cultura de chá, sobre as formas de vida dos produtores. Tem muito projeto de cooperação. Então às vezes o turista que vem, aventureiro, quer saber um pouco sobre a vida e as iniciativas de desenvolvimento social e económico. É fácil falar com qualquer um dos projetos e ter um componente de levar os turistas interessados e falar com os produtores, com os donos das novas casas que foram distribuídas e falar da vida deles. Eles estão sempre felizes em receber as pessoas. Aqueles beneficiados ou novos empresários. Que não são sempre pessoas que recebem algo de graça. Que trabalham em algum tipo de negócio, agrícolas, comerciais... Aqui é muito agricultura. Então tem promoção de negócios entre pequenos produtores e empresários, tentando formalizar a relação deles com privados, com empresas que chegam aqui e compram os produtos deles. Então desse tipo aqui tem muito. Tem pessoas com cultura de tabaco, chá, soja, feijão (pigeon peas [guandu]), e produtores que para além das culturas de subsistência, tem para vender no mercado. Então tem gente que ajuda a desenvolver capacidades para poder plantar bem, ter boa produção e colocar esses produtos por meio de contrato com uma empresa privada. Tem também projetos de AD, que trabalhou com construção de casas. Tem todo o tipo de projetos nessas comunidades, de desenvolvimento humanos, ligados a educação e saúde. Então turismo comunitário e rural. Tem pessoas que gostam disso e de ir na comunidade ver como eles vivem e se desenvolvem. Então esses projetos são uma boa entrada para fazer esse tipo de turismo. Pode ser. Estava a pensar mais nesse tipo de turista</p>

		que fica aqui com os padres e paga esse budget, acomodação com orçamento baixo e chega a uma comunidade destas aqui, remota, muito rural. Esta componente podia ser um aspeto importante para promocionar para este turista que chega aqui. Mas quem procura resort de praia não, nem chega aqui. (VT2); desenvolver infraestruturas, desenvolver segurança, segurança nas estradas, tentar educar a população no problema do lixo. Os governos devem estar mais responsáveis nos detalhes, para colher o lixo. Mas isso está ligado também à capacidade que tem de colher impostos. Tem trabalho para fazer. Mas é muito. O setor está tudo por desenvolver. (VT2); Engajamento das autoridades locais na mobilização do turismo, conservação, utilização do património existente (VT3)
B.3. Recetividade da população local aos turistas	Contacto com os turistas em Nampula	Os turistas que chegam a Nampula fazem perguntas e conversam mesmo, mas o entrevistado não tem essa experiência (HL1); como disse antes, aqui cada um vive a vida dele. Se por acaso um turista quiser uma informação, basta perguntar, não de responder. Se por acaso simpatizarem, podem conversar, (de acordo) com o seu temperamento. Acha que esta questão está relacionada com aquela se são acolhidos ou não. Não tem problemas em falar com turistas, pode falar com qualquer um, fala com eles como fala com qualquer outra pessoa, porque não faz sentido ignorar alguém porque um turista quando vem ele precisa de alguém que possa ligar (?), não simplesmente de alguém que o possa acompanhar em sítios mais .. para ele, se quiser alguma informação, ele ou qualquer outra pessoa, se vier perguntar isso, não tem problema em dizer (HL5) (abertura); Ele contacta com eles quando está num sítio turístico, gosta muito de falar com estrangeiros. Mas esse contacto só acontece nesses locais, dificilmente em Nampula. Ou também em discotecas, e eventos culturais, e eventos da cultura nacional e lá conheceu muitos turistas, mas muitos mesmo. (HL6); em Nampula às vezes sim, até na rua é normal deparar com um turista e abrir oportunidade para uma conversa, tem acontecido, sobretudo nas zonas costeiras (HL7); é difícil comunicar com eles. Têm um certo receio, talvez. (HL8)
	Contacto com os turistas em Alto-Molocué	Têm falado com eles, dado alguma ajuda, conhecem-nos um pouco. Falam com eles dependendo da língua; se for inglês é mais difícil, se for português está bem-vindo (HL15); pessoalmente não. Os turistas passam, usufruem e vão embora. Mas se vêm para falar com as instituições já é diferente. (HL22)
	Contacto com os turistas em Quelimane e na Zambézia	Não dá para responder (HL9); Não tem tido. Quando vivia nos lugares turísticos era um miúdo e tinha medo. É que na sua província há um mito em que se diz que todos os brancos eram maus, então não se podia contactar com eles. O irmão estava a trabalhar num inquérito da Madal e tinha lá um português albino que estava na parte técnica. Um dia o carro avariou no distrito da Maganja da Costa, então teve de telefonar ao técnico. Quando ele chegou a população pensou que era um comedor de pessoas; a população de lá é muito complicada, no próprio posto administrativo não admitem chefes de fora do distrito, senão fazem umas magias que podem matar a pessoa. Então quando o branco chegou, atacaram-no e que teve de acudir foi o próprio administrador do distrito, e teve de dizer à população que o levava para a esquadra e que ele realmente era mesmo um comedor de pessoas, escondeu-o no posto e no dia seguinte transferiu-o para a cidade para o hospital. Quando a população chegou, disseram-lhes que ele foi para a prisão, senão o administrador podia também ser atacado. Por isso, quando eram miúdos, tinham medo de se aproximar dos brancos. Por isso não houve contacto. (HL10); Aqui podia dizer que existe, só o que reina é eles... quem tem interesse vai espelhar-se ao turista, conversar, procurar saber. Existem curiosos. E muitas das vezes a curiosidade que reina (...) ir a um turista para procurar o que vinha saber, como é que vivem lá, como é a cultura, e tentar dialogar noutras línguas. É que lhes dá interesse; ir a um turista ver se comunicam muito em inglês. É notório que muitos aqui pensam que se é de raça branca não porque é inglês, ou se não é inglês é francês. Então, mesmo não só nas... isso reina nas pessoas que não estejam muito informadas, não é. Mas mesmo os que são informados só conseguem descobrir que esta pessoa é de outra personalidade depois de dialogar. Quando viu a entrevistada, viu o que estava no folheto, estava em português, então devia ser portuguesa ou brasileira. Então, há contacto, depende das pessoas que estiverem... (HL17); la tendo (?), mas já falou uma vez. Conversar, falar da cidade, é uma cidade muito pequena, até falaram das estradas, que estavam mal. Mas agora a situação está melhor (HL27); Nunca (HL28)
	Contacto com os turistas em Milevane	No Gurué, necessariamente pela hospedagem e assim, chegavam. Mas aqui em Nauela talvez estão de passagem e precisam de informações. Então entram e pedem informações. É mais nesses moldes. Enquanto lá não, é de hospedagem, não só informação. (HL29)
	Contacto com os turistas no Gurué	Nunca (HL28)
	Em que medida o entrevistado receberia os turistas nas festas de família na província de Nampula	O entrevistado receberia, mas quanto aos outros é mais difícil (HL1); Normalmente os que seriam acolhidos assim numa família seriam africanos mesmo. Acha que os próprios turistas não estão interessados nisso; talvez haja alguma limitação em si, entre eles e a família. (HL1); Mas se o turista pedir para participar na família, o entrevistado acha que ela não proíbe; então se for uma festa mais aberta, como um batismo, a família aceita (HL1); se estamos em festa, e recebemos uma mulher, a mãe dele vai tirar uma capulana, porque é a cultura local, e amarrar na turista e um lenço também. É uma forma de receber e mostrar como é a cultura local (HL4); dá exemplo do ide, em que convidou uma estrangeira a ir a uma festa no seguimento do ramadão, para casa do pai dele onde se fez a festa de encerramento do ramadão. (HL6); Se a pessoa estiver interessada em ver uma festa familiar, recebe de bom grado, não há problema. Quando era estudante e mesmo depois, faziam muitas festas e chamava muitos turistas mesmo. (HL6); Sim, se acontecesse, seria com tanto carinho que haveria de receber, porque seria mais uma troca de experiências e contribuiria para o meu crescimento. (HL7); com a maior tranquilidade, haveria de acolher. (HL8)
	Em que medida o entrevistado receberia os turistas nas festas de família no distrito de Alto-Molocué	Acha que seria muito bom receber, porque ela assistiu muito aos talentos dos turistas, o que fazem, fazem muitas coisas bonitas. Então numa festa veria os conhecimentos, os talentos deles. Falar com as pessoas. Uma pessoa que é capaz de perceber o que eles dizem, mas mesmo de perceber o que eles dizem. Têm um comportamento muito bom. Seria muito bom receber nas festas. (HL13); Receberias os turistas nas festas de família: sim. Em que tipo de festas: em batismos, nas festa em casa, levava-o para ele ver como é que é o ambiente de uma família. (HL14); Há turistas que participam em festas familiares. É o caso do padre Miguel, um argentino, ele sempre gostava muito de conviver com a comunidade. Também a falecida Maria, o Rúben, etc. A maioria de Portugal que passou aqui. (HL15); por ele receberia em casa. O melhor hóspede tem de se receber em casa, não em festa. Receber alguém para trocar ideias é em casa, onde se poderia explorar algo dele e ele do entrevistado. Melhor sítio para isso é em casa. (HL22)
	Em que medida o entrevistado receberia os turistas na sua casa na província de Nampula	“Na minha casa era com muita alegria que receberia, acolheria com muita alegria, partilhavam o que estivesse ao nosso alcance” (HL1); A maior parte das pessoas daqui da região receberia os turistas se estes pedissem; mas são raras as vezes que tal coisa acontece; as pessoas receiam também pedir a um turista isso (HL1); se estão em festa, e recebem uma mulher, a mãe dele vai tirar uma capulana, porque é a cultura local, e amarrar na turista e um lenço também. É uma forma de receber e mostrar como é a cultura local (HL4); Sim, se acontecesse, seria com tanto carinho que haveria de receber, porque seria mais uma troca de experiências e contribuiria para o meu crescimento. (HL7); com a maior tranquilidade, haveria de acolher. (HL8)

Em que medida o entrevistado receberia os turistas na sua casa no distrito de Alto-Molocué	Mesmo em casa seria muito bom também receber. (HL13); sim, para chegar e ver como o povo vive no lar. Se viesse um turista quisesse entrar em casa, era recebido, para aquele conhecer o bairro em geral, muita coisa para conhecer. (HL14); As famílias gostam de receber em casa (HL15); por ele receberia em casa. O melhor hóspede tem de se receber em casa, não em festa. Receber alguém para trocar ideias é em casa, onde se poderia explorar algo dele e ele do entrevistado. Melhor sítio para isso é em casa. (HL22)
Em que medida o entrevistado receberia os turistas nas festas de família e na sua casa no distrito de Quelimane e província de Zambézia	Alguns hospedam os amigos. Se não forem conhecidos vão para hotéis. O que ela vê em Quelimane é que gostam de receber visitas, pessoas que não são de lá. Algumas não têm muitos problemas em receber turistas, indicar lugares, até fazer passeios juntos. Acontece com muita normalidade lá. (HL9); Não há coisa mais linda do que ser visitado por alguém de fora do país. Há troca de experiência. Ele diz o que pode oferecer numa visita a sua cidade, e o visitante diz o que pode oferecer na cidade dele. Daria uma visita à sua cidade, casa, porque assim é que se faz uma amizade. Contaria coisas da sua cultura, lendas da cidade e tudo o resto, e ouvia da parte do visitante. É algo bonito. E receberia em casa, nas festas. Porque há troca de experiências. Mesmo aqui, como ele é de lá, quando vai a festas de Nampula, quando vai ao carnaval, eles comparam o que há num e noutro sítio. Contam uns aos outros como correm as coisas nos vários sítios, provam os pratos típicos das duas províncias, etc. tem um primo que anda na escola portuguesa e há um dia em que se escolhe um prato típico para levar à escola, e as pessoas levam de acordo com a sua terra. Levou matapa de folhas de mandioca, e outras pessoas provaram e gostaram, o que foi motivo de felicidade. Os turistas também provam. Uma troca de experiências. (HL10); Com certeza. Receberia como família, pessoas conhecida, amigo. Trataria simplesmente como a alguém que conhece há muito tempo, como amigo, sem restrições (HL27); Nunca recebeu, mas receberia. No caso de o surpreender, vai receber, sim (HL28)
Em que medida o entrevistado receberia os turistas nas festas de família e na sua casa no distrito de Gurué	Nunca recebeu, mas receberia. No caso de o surpreender, vai receber, sim (HL28)
Em que medida o entrevistado receberia os turistas na sua casa no distrito de Gurué	Diz que é turismo de comunidade, e que ali é difícil haver isso. (HL32)
Em que medida a comunidade local de Nampula está receptiva a turistas	Acha que sim, mas há pessoas que na conceção delas não estão abertas; a cidade em si está aberta (HL1); Se alguém passar tempo nas comunidades, consegue depois conviver. Se chega numa comunidade, se as pessoas falarem com as autoridades/responsáveis, o acolhimento é facilitado, tal como a comunicação. E depois até se ganha experiência. Uns grupos de Voluntários em Lichinga, eles diziam que entravam nas comunidades de lá e já eram como se fossem de lá, porque iam com as pessoas da zona, ligadas à paróquia. Se fosse aqui, a Catarina podia entrar através dos grupos de jovens. (HL2); tanto numa comunidade mais pequena como na cidade, a pessoa tem de se fazer conhecer senão os locais não se importam com a pessoa nem cuidam dela (HL4); O primeiro passo ao chegar é procurar saber junto do chefe do posto, e ele vai indicar. O chefe do posto responde por quem chegar. Mas se chegar sem se informar, sem se apresentar, o chefe já não se responsabiliza. Mas se sim, ele até pode arranjar uma casa e dizer que a pessoa pode ficar lá por enquanto. (HL4); Mas também não há de faltar oportunismo do lado de outras pessoas, é preciso ser esperto. O moçambicano acha que aquele que vem de fora tem tudo, então o que vem de fora tem de ser esperto. (HL4); não tem problema, estão. Como em qualquer sítio que é cidade, cada um vive a vida dele, à maneira dele. Então se vem visitar tem um sítio para ficar e estar mas não tem nenhum problema, pode criar amizades, não tem nenhum problema não. (HL5); A comunidade tem uma condição: quando se visita uma, é preciso cumprir com o que eles querem, respeitar os valores e as pessoas. Se o visitante cumprir, não terá problemas. Se não, pode mesmo sofrer atos de xenofobia. (HL6); claro, sobretudo os jovens, porque sempre que chegam a Nampula tem tido sempre aquele contacto esperado (HL7); está. Em alguns sítios, muito mais nas zonas mais recônditas, as pessoas estão abertas a tudo, só que quando vêm as pessoas vêm no início ficam com receio. No campo, quando vêm alguém diferente têm medo que seja para serem despejados, mas quando vêm que não, acolhem a pessoa. (HL8); sim, estão abertas. Na Ilha de Moçambique sempre. A história diz que é um lugar de encontro, as pessoas estão habituadas a conviver com pessoas diferentes. Há ambiente para turismo na ilha. (HL35)
Em que medida a comunidade local de Alto-Molocué está receptiva a turistas	Uma parte da população local pode não perceber devido a um certo atraso, mas quem já tem alguma informação (formação) tem a capacidade de receber turistas (HL12); Nem todas as pessoas, mas algumas estariam sim. As que não estão dispostas são umas que nem se preocupam com a vida, desleixadas, andam aqui... Como aqueles que não chegaram na escola, não estudam. Acha que para eles é normal receber nas casas deles, só repararem assim mesmo, até podem deixar ali começar a andar a vida deles. Enquanto que tem outros que possam receber e sentirem-se à vontade, darem aquele amor e carinho. Mas dizer que estão todas preparadas para receber não, não estão. Mas não é uma questão de preparação, é também uma questão de saber se as pessoas querem: sim, isso é saber mesmo o que querem na vida, então por isso quando recebem essas pessoas desse tipo e mostram toda essa força, sabem receber uma família assim. (HL13); Aqui não, porque não tem aparecido ninguém, então quando ele aparece o povo fica feliz, gosta. As pessoas gostam de visitas? Sim. (HL14); Recebem. Depende: se a pessoa não se quer juntar à comunidade, eles também não vêm, mas se sim eles também recebem. É consoante o comportamento dos turistas. Porque há turistas que dão medo só por cumprimentar. Há turistas que conversam com a população em geral e gostam de conviver com as pessoas. Existem outros que não gostam. Ai depende. (HL15); é difícil dizer, mas aqui recebe -se turistas, sabem receber. De um jeito, de uma forma acolhedora, com tudo o que têm para dar ao turista. (HL18); estão abertas. As pessoas não têm problemas com os turistas. Já sabem quem são e o que fazem, então nem se preocupam. Tem muitas vezes que as pessoas seguem os turistas, querem acompanhar. Há vezes que os turistas descobrem algo que os locais não sabem, até descobrem a partir do turista. As pessoas já não têm problemas com os turistas. (HL22); aqui estão abertas a receber turistas, especialmente aqueles que querem investir. Eles sabem que se receberem bem podem ser empregados, arranjar sustento para a família. Há turistas que vêm só para passear e para conhecer, não têm maldade por alguém, vêm somente de passeio, acha que também são bem recebidas. Da mesma maneira que ela nas férias (?) vai para algum lugar, vai passear, acha que é um da diferente. Mas para eles vai fazer uma coisa estranha; quando faz uma coisa estranha é quando nada ?, aquilo não é deles, eles não se querem prejudicar. Agora quem quer passear, e quem quer fazer investimento, e a possibilidade de emprego para as pessoas do lugar. Depende comportamento do turista. Aqui estão cheios de chineses, foi dos primeiros sítios onde começaram a vir, queriam fechar estabelecimentos por que tal vendem, soltar cães para perseguir pessoas, não ter respeito pelos outros. As pessoas não podem tolerar isso, o facto de serem racistas. Então com esses já aí não passam, já estão cheios dos chineses. A população nesse caso está bem unida. Aquele que vem so ver quem tem machamba, tem documento lacado (?), não tem problema, é turista, mas tem bom comportamento. Se tem é bem recebido. Até é já alertada quando dá para ajudar (?). Quando passaram por aqui, vieram visitar, quando mostraram nas televisões o que faziam às crianças. Também não gostaria (a entrevistadora) que os

		moçambicanos fossem lá fazer essas coisas. Má coisa nunca é pequena; basta alguém fazer mal que fica toda a gente a saber, fica tudo registado. Uma vez que já houve colonização, as pessoas não vão aceitar que isso aconteça outra vez. Primeiro estão as crianças, e aqui estão a estudar, estão a ter experiência... já estão mais evoluídas. Os mais velhos podem não saber o que fazer, mas as mais novas já sabem, chega, o tempo é deles, e ninguém há de vir à sua terra maltratá-los. Agora quem vem ver, não tem problema, vindos de todos os sítios. Por exemplo, em Inhambane, no arroz, tem trabalhadores sul-africanos; não tem problema. Moçambique está na fase da unidade nacional, não escolhe a cara, a cor. Também importa é entrar via legal, da mesma forma que os moçambicanos têm de o fazer noutros sítios, isso é que é importante. (HL23); até porque a Zambézia é conhecida como terra de boa gente, desde a chegada de Vasco da Gama. Eles e as pessoas de Inhambane (?). Também precisa de chegar e criar convívio, até porque mesmo na nossa própria casa é assim, se não cria convívio, fica sozinha. É geral, não é só em Moçambique. (HL23)
	Em que medida a comunidade local de Quelimane está receptiva a turistas	A população zambeziana é acolhedora. São poucos casos que ouve falar de maus tratos. Diz isso, porque comparando com o que tem visto nos jornais ou nas notícias, eles são acolhedores, não estranham a ninguém. No lugar onde ele está há uma ONG, são finlandeses, mas vem lá uma pessoa de uma raça diferente da deles, como a raça da entrevistadora. Por exemplo, veio de lá uma finlandesa, aquela chegou, procurou saber como é a cultura, passou a vestir capulana, que eles estão mais habituados a ver, passou procurar saber como os alfaiates trabalhavam, mandar fazer fatos e camisas moçambicanos, usar lenço, trançar cabelo mais ou menos na forma moçambicana. Abertura muito aceitável. São poucos que ouve saber que não são abertos aos turistas. (HL17); Sim, na própria cidade e bairros sim. Mas em alguns distritos a comunidade ainda não está preparada, ainda correm as lendas. (HL10); A província da Zambézia, ela é bem conhecida, uma província muito rica em termos de cultura e o seu povo é conhecido por ser um povo hospitaleiro, rececionista. A província é também reconhecida pelas suas características geográficas. (HL25); o fator de receptividade (HL25); Está aberto aos turistas. Nada, tudo acertado (?). (HL27); Está de portas abertas, é um povo acolhedor (HL27); se o turista chegar numa casa, se apresentar bem e mostrar os documentos necessários que ele é um turista, é capaz de ser recebido. Mas e estão abertas a receber em geral, na rua? Mas, não é tão assim, não é frequente que se receba numa família. Eles costumam ir nos hotéis. Mas os turistas vêm, as pessoas estão abertas a receber? Sim, claro que estão. Aquele convívio, como se fossem vizinhos. Se estiverem num hotel perto das pessoas, se for um moçambicano que perceba inglês, nunca é demais ir lá e ir falar com eles. Se a pessoa sabe falar inglês, e falam a mesma língua. O problema é quando o moçambicano só sabe português, e o sul-africano só sabe inglês, fica complicado, aí fica só barulho (HL28)
	Em que medida a comunidade local de Milevane está receptiva a turistas	A população não tem problema, acolhe, em geral é receptiva. Nunca tiveram problemas, da população em relação aos visitantes. Têm 300 famílias a viver aqui, então a relação é boa. (HL29); na primeira fase haverá admiração mas depois habituam-se. Ninguém nasce a andar, aprende-se. É preciso ter certas visões. Antes, havia formação de catequistas onde os padres estivessem. Agora eles é que vão ao povo. Antes o sacerdote devia vestir-se de uma certa forma, e agora... (HL30)
	Em que medida a comunidade local de Gurué está receptiva a turistas	Está aberto aos turistas. Nada, tudo acertado (?). (HL27); Está de portas abertas, é um povo acolhedor (HL27); se o turista chegar numa casa, se apresentar bem e mostrar os documentos necessários que ele é um turista, é capaz de ser recebido. Mas e estão abertas a receber em geral, na rua? Mas, não é tão assim, não é frequente que se receba numa família. Eles costumam ir nos hotéis. Mas os turistas vêm, as pessoas estão abertas a receber? Sim, claro que estão. Aquele convívio, como se fossem vizinhos. Se estiverem num hotel perto das pessoas, se for um moçambicano que perceba inglês, nunca é demais ir lá e ir falar com eles. Se a pessoa sabe falar inglês, e falam a mesma língua. O problema é quando o moçambicano só sabe português, e o sul-africano só sabe inglês, fica complicado, aí fica só barulho (HL28); No início havia algum receio, por terem saído da guerra. Mas agora há mais abertura por haver mais educação (instrução). Arranja-se facilmente quem possa acompanhar. Pensa que já não há medo do branco e que já há mais há-vontade. Também depende da forma como se entra. Mas não tem havido incidentes, assaltos ou pior. (HL31); as pessoas precisam de ser educadas a lidar com pessoas de diferentes culturas. Como lidar com as pessoas, como preparar os alimentos. Preparação da comunidade para receber. Em Pemba há ONGs a ensinar a comunidade a receber os turistas: como receber, o que preparar (para não causar problemas de saúde, não tanto para não servir comida local). Mas, neste preciso momento, a comunidade está preparada para receber visitantes? Sim. A população da cidade é diferente das comunidades, que não estão habituados a estranhos. Mas na cidade não há problemas, nem de segurança em geral, cidade calma em que as pessoas se sentem à vontade. (HL32); Estão muito abertos porque, primeiro, há lugares turísticos, é o que cria mais abertura aos turistas. Já passam muitos turistas de passagem para as reservas do Niassa. Também já chegam alguns turistas à antiga base, às cascatas, à casa dos noivos, à casa da presidência. Dia 27 de setembro é dia do turismo, e o governo da Zambézia tem escolhido alguns distritos mais turísticos para se fazerem as celebrações, que duram uma/duas semanas, para as pessoas se mentalizarem a receber turistas e a entender o que é o turismo. Escolhe-se os lugares mais turísticos para facilitar a identificação dos pontos turísticos por parte dos habitantes. (HL33)
B.4. Origem e motivações dos turistas	Que tipo de turista o entrevistado gostaria de receber na casa	Turistas nunca receberam, mas se recebessem seria um turista que tem um pouco a sensibilidade eclesial e espiritual deles, naturalmente, seria. Uma pessoa que não chateie e saia contente porque eles têm um serviço de tipo familiar, não têm nem a capacidade profissional de um hotel. Que entenda logo quem são, o que estão a fazer e entrar em mínima sintonia. Mas aqui turistas nunca vieram nem virão, não existem turistas. Veem-se alguns que passam, mas não há grandes lugares turísticos, que saiba. Aqui são todos trabalhadores de empresas, ONGs. Têm também hospedagem de políticos, que vêm a encontros aqui. E têm disponibilidade para reuniões, só não são grandes reuniões, na sala pequena aí também, na casa dos hóspedes, onde tomavam as refeições, na parte da garagem, que diz sala de hóspedes. (S1); Evidentemente, para eles, como puseram o problema, e sobre o turismo nunca puseram diretamente como escolha porque nunca se sabe o que o turismo traz. Pode trazer coisas bonitas, e pode trazer problemas. E tendo uma missão atrás e à frente, uma responsabilidade de caráter religioso, gostariam que quem chega os apoiasse neste sentido, que não desmentissem o testemunho que os padres querem dar. Um turismo humanamente correto. Se é religiosamente correto ainda melhor. Porém, não se pode determinar e obrigar as pessoas, mas que ao menos não haja problemas maiores ao nível humano, que não haja confusões. Como surgem noutro lado. Falam de turismo sexual, etc. enfim, os padres teriam os seus problemas. Mas sem chegar aí, no Gurué a uma certa altura estes hóspedes vêm, sim, é verdade, pagam, ... Porém cada um leva a sua menina, ... pronto, chateia, de um ponto de vista deles, não é. Por isso, gente correta. Se é um turismo de pessoas adultas que vêm para descansar ou de famílias, evidentemente a coisa seria bonita. Sem negar grupos de jovens que vêm e sabem que é um ambiente que pertence a religiosos. Mas se vêm jovens é preciso arranjar uma possibilidade de música, televisão, cinema, de vídeo, alguma coisinha necessária que não têm, não estão organizados nesse sentido. Se é também para motivar, para dizer que passam esta noite a fazer alguma coisa que pode ser de divertimento ou de formação. Porque depois tudo se encontra aqui. Se à noite saímos ou encontramos outra coisa. (S3); estão abertos a todo o tipo, não podem fazer seleção. (S4a); Turista era melhor que fosse mais calmo e mais compreensiva, mais espiritual até. (HL30)
	Informação sobre produtos turísticos existentes na região (classificação)	0 (VA2); 0 (VA4)

	Informação sobre produtos turísticos existentes na região (indicadores)	Nunca teve curiosidade, só vem em trabalho. (VA1); nunca viu nada, nem um panfleto de alguma zona turístico à volta (VA2); Em geral não. Tiveram que se informar, perguntar ao padre Ilário e ele disse, mas em geral não. Não há “carteles”, não há mapa turístico, não há oficina turística, não há informação. Falta muita informação turística. Que ele crê que é importante. Para facilitar aos turistas que podem ver, que podem fazer. É um sítio onde pode haver muito turismo, e que se pode enriquecer muito. Incluso como chegar a esta casa. É preciso perguntar a várias pessoas para saber como chegar, não há “carteles” que indiquem por onde ir. Eles tiveram de ir ao centro e voltar ali. Ou sabes, ou é difícil. Há 3 congregações mais e não sabem sobre qual estarão a falar. Porque perguntaram pelos padres, mas há 3 congregações aqui. (VA3); isso está muito básico, muito incipiente (VA4); Nenhum, pelo menos não soube (VA5)
	Produtos turísticos que o entrevistado conheceu (o que já viu)	Casa dos noivos, o <i>pueblo</i> (cidade), cultivos de chá, e nada mais. (VT1); já foi a Tetete, ... são as localidades do posto administrativo. Então Tetete, Ruasse, Lioma. Essas três localidades. Foi visitar machambas, as áreas de produção dos farmers, dos agricultores. Hoje viu as quedas. Uma cascata, não sabe se há uma mais acima. Isso aí, muito recomendável. Já viu a escola secundária do Gurué, já viu a cidade. (VT2); Casa do Noivos e nossa Senhora (VT3)
	Grau de satisfação em relação aos produtos turísticos (classificação)	10 (VT2); Santinha: 6 (VA5); casa dos noivos: 1 (VT3)
	Grau de satisfação em relação aos produtos turísticos (indicadores)	Querem conhecer Moçambique e o primeiro sítio que conheceram foi o Gurué. Estão a gostar muito. É muito diferente da Ilha, do resto do que tem visto em Moçambique no caminho para aqui. As cores verdes, a tranquilidade, as gentes, muito, muito distinto. Também notaram que as pessoas de lá também eram diferente das daqui, notaram mais qualidade de vida, ... as casas, as ruas estão mais sustentadas (?), melhor preparadas. A via pública, na Ilha é um bairro muito pobre, outro menos pobre, mas é muito diferente daqui. (VA3); É muito bonito, tudo verde, é uma sensação... gente muito amável, muito boas sensações. A paisagem espetacular. Ver de manhã os trabalhadores nas plantações de chá. Em torno é precioso, muito bonito. (VT1); Não por ter uma indústria desenvolvida mas pelas belezas do local. Se gosta de aventura, como tem de gostar se vem para Moçambique com esse nível de subdesenvolvimento que tem, então aqui a aventura é assegurada. (VT2)
	Outras missões que o entrevistado visitou na região	Não, não sabe de nenhuma, porque não é religioso, não dá conta disso. (VT2); não se aplica (VT3)
	Produtos turísticos que atraíram o entrevistado para a região	Nos falaram das plantações de chá, tudo muito verde. Também de onde vieram é praia e o contraste é como branco e preto. E era o que procuravam. Montanha. Verde. Mas surpreendeu-o, completamente. Sabendo que vinham à montanha, verde.. É muito bonito. (VT1); neste caso veio em trabalho, mas teve a boa surpresa de vir trabalhar num lugar bonito com alto potencial turístico. (VT2); nenhum (VT3); Práticas agrícolas e pastoris tradicionais (VT3); Montanhas (VT3)
	Produtos turísticos que agradaram mais ao entrevistado	Tudo. As ruas asfaltadas com esta terra. A cor verde. As montanhas. A paisagem. O amanhecer. O entardecer. Encontrar um sítio assim em que se está tranquilo, sem medo que venham roubar, que esteja muita gente, que esteja dependente das coisas. Sentir tranquilo, seguro, relaxado. Há um mercado principal e estava cheio de gente, carros, chapas. Muito bulício. Eram os únicos brancos e todo o mundo... e aqui muito tranquilo. (VT1); montes, montanhas, paisagens, visual. Lugar de alto-astral. (VT2); Práticas agrícolas e pastoris tradicionais (VT3)
	Procura turística existente na província de Nampula	A maior parte dos turistas que chegam são estrangeiros (HL1); São poucos os moçambicanos a visitar (HL1); Os turistas estrangeiros são europeus e americanos (HL1); Há turistas africanos mas são muito poucos: talvez não tenham curiosidade de visitar e conhecer a cultura e preferem outras coisas (HL1); Diz que não há muita influência de turistas.(HL1); Não sabe bem, sabe que há muitos, mas não tem contacto com eles (HL2); Não consegue especificar a origem dos turistas que vêm à cidade de Nampula, mas são vários. (HL4); Normalmente quem vem fazer turismo tem sempre o objetivo de visitar a Ilha de Moçambique e Pêmba: são portugueses (cerca de 50%), ingleses, holandeses, outros europeus, e até uma vez ou outra são sul-africanos. Vêm para verificar o que já tinham ouvido falar, sobre a História desses lugares. (HL4); acha que se têm um potencial... todo o tipo. De todas as naturalidades ou origens, não há preferência. Se há preferência geralmente têm sido turistas europeus. Mas, fora disso... (HL5); Na zona sul os sul-africanos são dominantes. Também aparecem europeus, como os portugueses, espanhóis, holandeses e italianos. E também norte-americanos, ingleses. Isto para o geral, para todo o Moçambicano. Não sabe se os portugueses vêm só para turismo, se não também “aquela nossa ligação”. Os brasileiros também. (HL6); No norte dificilmente há turistas africanos, só sul-africanos. São os potenciais turistas de Moçambique. Os outros não vêm para turismo. (HL6); na cidade origem portuguesa sobretudo, às vezes ingleses, sul-africanos, espanhóis (estes normalmente missões de serviço) (HL7); Ela só vê, mas não sabe bem (HL8); A maior parte vem de Nampula, é a cidade recetora e distribui turistas para outros pontos da província. Estando em Nampula, apanham um chapa na padaria Nampula e vão para a Ilha. (HL35)
	Procura turística existente no distrito de Alto-Molocé	Turistas nunca receberam, [...] aqui turistas nunca vieram nem virão, não existem turistas. Veem-se alguns que passam, mas não há grandes lugares turísticos, que saiba. Aqui são todos trabalhadores de empresas, ONGs. Têm também hospedagem de políticos, que vêm a encontros aqui. (S1); Acha que não existem turistas. E na Zambézia? Lá tem (HL13); nunca viu turistas, não aparecem. (HL14); há muitos, que passam por aí para ver as minas e o lugar dos padres e Rurupe. São esses que ela conhece. E esses turistas costumam ver de Portugal, China, América (EUA); que chegam lá a essas províncias... (HL15); Veem-se muitos turistas por aqui. Da Europa pode dizer que a maioria são portugueses. E no continente americano são poucos que aparecem cá. Alguns como mexicanos e argentinos. Raramente se veem. Mas o número dominante vem de Portugal. E africanos? Predominantemente malawianos e sul -africanos. (HL18); têm recebido turistas. É um pouco difícil dizer de onde são. Tem visto pessoas a passear pela vila, a apreciar, mas depois voltam. Africanos e europeus. (HL21); Vê-se muitos turistas, todos os dias. São privilegiados pela estrada número 1, para Nampula. Alguns passam, ficam curiosos e preferem parar por um dia para ver melhor e depois voltar a viagem. De facto, quase todos os dias passam. Principalmente no verão, junho e julho, quando há muito calor e as pessoas passam para as praias de Nampula, de Nacala. Muitos turistas passam por aqui. (HL22); ele vê todos os dias, mas não consegue identificar. Mas são muitos brancos (Europa, América, Sul-Africanos) ou muitos africanos? Pensa que pelo que tem visto são muitos europeus, aparentemente. [O turista africano também é mais difícil de identificar.] Sente que são poucos os africanos. [mas as pessoas de cá veem a diferença] mas é mais difícil fazer a distinção. Mas sente que mesmo de fora do distrito percebe-se a diferença. Nota-se mesmo que a maior parte são europeus. (HL22); ela não sabe, mas há tempo que costumam aparecer uns, mas não consegue controlar, principalmente quando vão a Nauela. Essa parte, os monges. Acha que é para onde estão os padres, mas tem vindo sempre turistas, mas de onde saem, quem são, nunca esteve atenta. Para aqui na área suburbana são pessoas de passagem para Nauela, para Milevane, na montanha. Ou se gostam de outra coisa, nem se interessou por saber. (HL23)
	Procura turística existente no distrito de Quelimane e na Zambézia	Não sabe (HL9,HL27); É uma zona mais litoral e os turistas que vão para lá são turistas que querem chegar ao mar, a maioria vai mais para isso que para a caça. Muitos são da África do Sul, mas também entram muitos portugueses, poucos americanos, mas a maioria vem de África do Sul e Portugal. (HL10); Pode dizer que existem, vê passar, mesmo onde está no Ligonha ficam um dia ou dois, passeiam no jardim e noutros lugares. Muitas vezes têm vindo de mota ou bicicleta, em grupos de 10, 15. Existem turistas, podem não levar muito tempo na zona, mas existem. Vêm, no tempo que vêm tratar do

		<p>assunto que veio passear e voltam. No Molocué não sabe bem. Hoje veio de manhã e volta no mesmo dia. (HL17); Procura turística, alojamento e recursos turísticos: Os nossos turistas maioritariamente são os turistas nacionais, os que praticam o turismo doméstico. As pessoas vêm mais para a cidade, para fins de semana, para férias, para passar um turismo de curta temporada, de curto tempo. Nós também, por causa dos eventos que se cria ao nível da província. Estamos a falar do Carnaval, do festival de Zalala, são eventos que trazem ou desenvolvem muito este turismo doméstico que temos aqui e trazem muita receita a partir destes turistas nacionais que vêm de várias províncias, circunvizinhas principalmente Nampula, Tete, Beira, e uns de Maputo também, mas nós capitalizamos mais turistas desses locais, mesmo em relação aos turistas internacionais. Nós temos grande parte dos turistas que vêm para cá, vêm da fronteira de Milange, a partir do Malawi. Então nós estamos a falar de turistas, de sul-africanos, de ingleses, de coreanos já agora, chineses também, e são pessoas que têm passado para as nossas praias, vêm, têm passado pelas nossas fronteiras indo em direção às praias e a alguns locais turísticos que nós temos. Então, os turistas também vindos de Zimbabué, que também aproveitam a oportunidade para conhecer as nossas praias. Então basicamente temos esse grupo de turistas que têm aparecido cá na província. Especificamente para o caso do Malawi, os ingleses que lá aparecem e os sul-africanos, vêm muitas das vezes via Pebane Fishing Lodge. É um estabelecimento em Pebane, que é uma das áreas prioritárias para o desenvolvimento do turismo, estamos a falar do Pebane e do Gurué na província, segundo o plano estratégico de desenvolvimento do turismo essas duas áreas fazem parte das áreas prioritárias para o desenvolvimento do turismo, do tipo AB. São áreas/destinos emergentes que precisam de mais componente de infraestruturas para se poderem tornar realmente destinos turísticos. Mas são zonas que têm potencial turístico invejável. As praias de Pebane são praias lindas, de areia branca, águas límpidas em alguns casos. Estamos a falar também de um vasto potencial em termos de pesca desportiva. A pesca desportiva é a atividade principal do Pebane Fishing e é a partir dessa atividade que eles conseguem capitalizar os turistas de África do Sul, passando por Malawi, e mesmo os turistas ingleses que vêm para o Malawi para outros fins. Como sabemos que o Malawi favorece o turismo de montanha, então esses turistas aproveitam para quebrar o seu tempo e o seu itinerário para consumir outros tipos de produtos oferecidos cá em Moçambique que é o de praia. E nesse caso o Pebane Fishing tem tido esses lodges com agência de viagem tanto da África do Sul como do Malawi. (HL25); É difícil o africano perceber... da africa branca é fácil perceber, este é um turista. Mas um turista sul-africano de raça negra, para distinguir que é um turista, distingue-se pelo que ele traz. Os carros que traz. Primeiro a matrícula, não é moçambicana, como está o carro, o que traz nele. Logo é um turista. Se vem de mota também descobrem que é um turista. Já teve a ocasião de conversar com um turista sul-africano, negro, professor. Ele chegou e o entrevistado logo viu que era um turista, sentaram-se, ele fala um pouco de inglês, e conversaram. O turista mostrou documentos em como era professor, estava de férias e estava no turismo, procurou saber se o entrevistado já tinha estado no turismo, e respondeu que as condições não favorecem para o turismo. Necessita de condições financeiras, mas gostaria que um dia pudesse estar só que quando entra de férias prefere visitar familiares, espalhados por 3,4 distritos. Tiveram uma conversa e terminaram. Então é notório na maneira como eles se apresentam. (Os turistas que chegam na Zambézia) vêm da África do Sul, são frequentes, e só no tempo de festas grandes ingleses, brasileiros, portugueses talvez alguns, franceses nunca teve contacto, mas algumas vezes só dessas regiões. (HL17); em Quelimane muito mais aqui tem passado Sul-africanos. Predominam aqui. (HL28)</p>
	Procura turística existente na localidade de Milevane	Em Nauela poucas vezes passaram aqui a não ser de passagem, vindos de Quelimane para o Gurué. Gurué, sim, é visitado, por causa do Namúli, do panorama ali. Mas aqui passam por passar, não há muita procura turística. Não há. Muitos que passam são europeus. Sobretudo italianos. Uma vez um alemão. Andam à procura de animais. No Gurué vão pelo planalto, relevo, montanha, sobretudo o Namúli (HL29)
	Procura turística existente no distrito de Gurué	Trabalho que estão a fazer de hospedagem é sobretudo para moçambicanos, turistas são poucos. É preciso ver que os custos de fazer turismo em Moçambique dá para ir a lugares melhores, por isso é preciso calcular bem tudo e organizar as coisas. (...) Tiveram espanhóis e tudo, mas querem gastar o menos possível, não tem sentido isso, é preciso cobrar preços reais. Para criar infraestruturas e ainda ter preços como há em certos lugares da Europa... (S4a); E para turistas africanos aqui à volta e moçambicanos? Aqui nunca tiveram turistas que vieram mesmo para visitar vindos de África do Sul ou do Malawi, só estão de passagem, mas vir de propósito... gostam mais de ir à praia no Sul e no caso do Sul-africano fica mais perto, mas agora vir de propósito... são problemas. É por isso que é preciso calcular concretamente o que a gente gasta. Pode ser que mude no futuro; os moçambicanos gostam muito do Gurué, é por isso que criaram aquele salão, para atrair gente, e atrai. O ano passado tiveram afluência, este ano já têm reservas, mesmo dos conselhos coordenadores, para eles é uma vantagem. Tiveram ultimamente o MDM, com 136 pessoas, também os do governo local, para um seminário foram 96, e em agosto virão 100 pessoas do ministério das minas. (S4a); (No Gurué) muito mais aqui tem passado Sul-africanos. Predominam aqui. (HL28); Aqui aparecem portugueses, italianos e alguns americanos. Os outros já são mais discretos. (HL31); de acordo com os registos a maioria vem para fazer negócios e alguns para reuniões (das organizações e instituições ONGs). Muita gente de negócios que vem de Maputo, Quelimane, Beira, vem para fazer negócio de compra de produtos, e outros procuram oportunidade de investimento. Os turistas existem, mas os empresários também se enquadram nisto. Só para lazer é muito raro. ¾ dos visitantes do distrito são nacionais. (HL32); Têm-se visto turistas, do Malawi, África do Sul, Zimbabué, também moçambicanos (Maputo) (os turistas devem-se apresentar ao governo, para poderem visitar bem os sítios, sem problemas...?) (HL33); O mês em que se vê mais é em agosto e setembro, no tempo de verão, em que não há chuva. Chega-se diretamente ao Namúli, tirar fotografias, temos recebido muitos turistas. (HL33)
	Número de turistas	No ano passado entraram 33 576. Em 2011, 31 410. Na última década andou sempre pelos 30 e tal mil, um pouco menos até. Houve uma subida, naturalmente. (HL25) Faz-se contagem dos que ficam hospedados: Ano passado 4 mil e tal. (ele só está cá desde o ano antepassado e não confia na forma como os dados foram recolhidos) de acordo com os dados que viu os números subiram. 1º trimestre deste ano: 1175, 1076 nacionais e 99 estrangeiros. 2012: 4008, 3473 nacionais, 535 estrangeiros. 2011: 4906. Houve uma redução ligeira, mas ele não sabe como recolheram a informação, foi esse o ano em que entrou. Ainda não há levantamento dos interesses dos visitantes. (HL32); Na Ilha de Moçambique por ano chegam aproximadamente 7 mil turistas (HL35)
	Origem dos turistas	1º trimestre deste ano: 1175, 1076 nacionais e 99 estrangeiros. 2012: 4008, 3473 nacionais, 535 estrangeiros (HL32); Na Ilha de Moçambique por ano chegam aproximadamente 7 mil turistas, desses um terço é o turismo doméstico. Em termos de proveniências dos internacionais, a análise que ela tem feito é de que se recebe turistas de todo o mundo. Não podem definir até hoje que a Europa ou a América é que mandam mais, porque os mundos variam. Nalguns anos recebesse mais de um sítio, noutros do outro. Isto para dizer que a Ilha tem muito mercado para o desenvolvimento do turismo. Portugal e África do Sul são só países que até agora têm mais turistas todos os anos. (HL35)
	Interesses dos turistas	Matapa é com as folhas, tempero, amendoim, etc. Ela reforça que os turistas não vão muito nesses pratos, mas que têm interesse em conhecer. (HL1); Procuram mais ver aquelas coisas mais antigas. Por exemplo em Nairucu também, é um sítio onde as pessoas vão para perceber se a vida dos nossos avós se existe ainda ou não. O que se vive lá é diferente de na cidade. Lá ainda existe aquela cultura antiga. Se eu tenho duas panelas dessas modernas prefiro não usar, prefiro usar aquelas dos meus avós porque sei usar melhor. Também os turistas gostam de ver como se cozinha naquelas panelas, se faz a massa de mandioca, etc. (HL1); Turismo na província fala-se sempre mais da Ilha mãe, de onde nasce o nome do próprio país. Quem vem do exterior foca sempre mais a Ilha do que o resto, porque a

Ilha apresenta uma história bem relevante e conhecida. Porque é dali que nasce o nome de Moçambique. Agora turismo na cidade não há tantas características patentes: não apresenta praia, e por isso os turistas têm a tendência de ir onde há praia. Um dos pontos destacados na província é a Ilha de Moçambique, é onde se encontra as primeiras infraestruturas, deixadas pelos colonos, é onde estão os primeiros edifícios. A cidade de Nampula é praticamente onde se dirige tudo. E a província está dividida em distritos, e dos distritos o mais importante a nível do turismo é o da Ilha. Onde os turistas se dirigem mais, é onde praticamente nasce a cultura macua, assim pode dizer. A tendência é ir lá, para saber porque o nome surgiu lá. Foi o primeiro lugar ocupado pelos portugueses. Os grandes colonizadores do país foram diretamente à Ilha, foram lá recebidos. Foi lá que centralizaram toda a história, tinha como ponto fulcral a história de Moçambique. Outra vez o nome: um senhor de nome Mussa Bin Bique (dominava a ilha) foi questionado e disse o nome dele e ali nasceu o nome do país. Acha então que um dos factos para a s pessoas se dirigirem mais para a Ilha é esse, querem viver diretamente aquilo que foi. Nampula é um ponto de encontro onde os turistas chegam e dali vão para outros destinos da província, principalmente a Ilha. (HL7); Há muitos (turistas), que passam por aí para ver as minas e o lugar dos padres e Rurupe. (HL15); Tem tradições, como o rito de iniciação, uma das tradições da aldeia e do bairro. Onde as tradições estão mais vivas? [deve ter percebido outra coisa] No distrito é difícil ver isso; quanto às pessoas que estão mais perto da praia é mais fácil. Aqui é difícil chegarem turistas por estar mais longe da praia. Não é que não cheguem, eles chegam, mas só de passagem. Ficam uma noite, por exemplo na casa dos padres e seguem viagem no dia seguinte. Com esse tipo de turismo é difícil de responder. [digo que queria saber o que há, não o que os turistas visitam. A resposta fica por dar enquanto constatamos a dificuldade de comunicação] (HL15); Principalmente no verão, junho e julho, quando há muito calor e as pessoas passam para as praias de Nampula, de Nacala. Muitos turistas passam por aqui. (HL22); Há tempo que costumam aparecer uns (turistas), mas não consegue controlar, principalmente quando vão a Nauela. Essa parte, os monges. Acha que é para onde estão os padres, mas tem vindo sempre turistas, mas de onde saem, quem são, nunca esteve atenta. Para aqui na área suburbana são pessoas de passagem para Nauela, para Milevane, na montanha. Ou se gostam de outra coisa, nem se interessou por saber. (HL23); Procura turística, alojamento e recursos turísticos: Os nossos turistas maioritariamente são os turistas nacionais, os que praticam o turismo doméstico. As pessoas vêm mais para a cidade, para fins de semana, para férias, para passar um turismo de curta temporada, de curto tempo. Nós também, por causa dos eventos que se cria ao nível da província. Estamos a falar do Carnaval, do festival de Zalala, são eventos que trazem ou desenvolvem muito este turismo doméstico que temos aqui e trazem muita receita a partir destes turistas nacionais que vêm de várias províncias, circunvizinhas principalmente Nampula, Tete, Beira, e uns de Maputo também, mas nós capitalizamos mais turistas desses locais, mesmo em relação aos turistas internacionais. Nós temos grande parte dos turistas que vêm para cá, vêm da fronteira de Milange, a partir do Malawi. Então nós estamos a falar de turistas, de sul-africanos, de ingleses, de coreanos já agora, chineses também, e são pessoas que têm passado para as nossas praias, vêm, têm passado pelas nossas fronteiras indo em direção às praias e a alguns locais turísticos que nós temos. Então, os turistas também vindos de Zimbabué, que também aproveitam a oportunidade para conhecer as nossas praias. Então basicamente temos esse grupo de turistas que têm aparecido cá na província. Especificamente para o caso do Malawi, os ingleses que lá aparecem e os sul-africanos, vêm muitas das vezes via Pebane Fishing Lodge. É um estabelecimento em Pebane, que é uma das áreas prioritárias para o desenvolvimento do turismo, estamos a falar do Pebane e do Gurué na província, segundo o plano estratégico de desenvolvimento do turismo essas duas áreas fazem parte da áreas prioritárias para o desenvolvimento do turismo, do tipo AB. São áreas/destinos emergentes que precisam de mais componente de infraestruturas para se poderem tornar realmente destinos turísticos. Mas são zonas que têm potencial turístico invejável. As praias de Pebane são praias lindas, de areia branca, águas límpidas em alguns casos. Estamos a falar também de um vasto potencial em termos de pesca desportiva. A pesca desportiva é a atividade principal do Pebane Fishing e é a partir dessa atividade que eles conseguem capitalizar os turistas de África do Sul, passando por Malawi, e mesmo os turistas ingleses que vêm para o Malawi para outros fins. Como sabemos que o Malawi favorece o turismo de montanha, então esses turistas aproveitam para quebrar o seu tempo e o seu itinerário para consumir outros tipos de produtos oferecidos cá em Moçambique que é o de praia. E nesse caso o Pebane Fishing tem tido esses lodges com agência de viagem tanto da África do Sul como do Malawi. Outros turistas também entram para visitar a cidade de Quelimane, o Gurué também. No Gurué nós temos um turismo de montanha, com belíssimas paisagens, várias lagoas interessantes. As pessoas também vão para o Gurué para também poderem disfrutar um bocado da beleza existente. E uns vêm mesmo para a praia de Zalala para passar uns tempos. E, em relação aos investimentos, dizer que o prato forte da província é o turismo doméstico. Não só o turismo doméstico como o turismo de negócios. Muita gente vem à província devido a congressos, reuniões, conferências, e para tratar questões mesmo de negócio. E grande parte desses turistas ficam por pouco tempo e o período de pico aqui é de Janeiro-Fevereiro até outubro e de outubro até novembro existe uma baixa, para as zonas citadinas. Não me refiro de Pebane porque Pebane é um caso isolado, esse é um período de pico. As pessoas preferem passar as férias lá. Mas maioritariamente o turismo que nós temos é o turismo de negócios. E os investimentos são voltados a esse tipo de turismo. (HL25); Quando falamos da província estamos a falar do relevo que Moçambique apresenta, o relevo de Moçambique é apresentado em escadaria. Só se reflete esse relevo mesmo aqui na província, em que temos planícies, planaltos, montanhas. Neste caso oferecem praias e montanhas, e há possibilidade de os turistas fazerem uma interligação beach-bush, praia e selva. (HL25); O que interessa aos turistas em África são as praias e a cidade só funciona como ponto de passagem. Vão sempre para os distritos com praia (HL7); Na Ilha de Moçambique eles querem ver o património mundial. Esse é o grande objetivo. Querem ver as danças tradicionais, os museus, monumentos, conviver com a comunidade local. (HL35)

B.5. Tipologia do alojamento oferecido aos turistas ou outros visitantes	Alojamentos na província de Nampula (unidades de registo)	Há sítios onde não há alojamento (os turistas têm de levar tendas) (HL1); em alguns lugares há hotéis e lugares de arrendamento (HL1); Há muitas localidades que têm pelo menos um hotel, mesmo que seja qualquer coisa pequena (HL1); Quando é um hotel tem todas as condições para quem visita, por ouvir dizer, mas nunca foi (HL1); Hotéis, que garantem segurança aos turistas, nos locais turísticos (HL4); Fora desses sítios mais turísticos, num posto de administrativo, tem de estar sujeito a tudo, tem de estar preparado para não haver hotéis. Nuns lugares há praticamente tudo, noutros tem de estar preparado para o que há, como uma cabana. Mas também depende do acolhimento dos locais (HL4); Hotel Girassol (Nampula) (HL4); Hotel Millenium (Nampula) (HL4,HL6, HL7); Hotel Lúrio (Nampula) (HL4, HL6, HL7); City Hotel (Nampula) (HL4); hotel Nampula (Nampula) (HL4); pensões (HL4); Hotel Executivo (Nampula) (HL6, HL7); Hotel Record (Nampula) (HL6); Hotel Atlas (Nampula) (HL6); Hotel Pérola (Nampula) (HL6); Muitas residenciais, como a residencial expresso. (HL6); Geralmente (nos) sítios onde se faz turismo (HL5); Os hotéis de mais qualidade são muito caros. Fora da cidade todos os hotéis são caros. Uma residencial pode ser até aceitável, mas ninguém gosta de estar hospedado num sítio que não tem todos os serviços, em que é preciso sair para ter o resto. Na Ilha podemos ficar numa residencial, que é aceitável pelo menos para dormir, mas o resto é preciso ir fora (HL6); Um hotel perto da UCM em Nampula para quem vai para a avenida Eduardo Mondlane (HL7); hotéis, pensões e residenciais. Os preços variam. Hotéis são mais caros que as residências, e estas mais caras que pensões. (HL8); Acha que a qualidade dos hotéis é boa, menos em relação àqueles que dizem que têm uma má receção, um atendimento ineficaz. Quanto às pensões e residenciais é tudo a mesma coisa, só o atendimento é que pode não ser muito bom, pois a qualidade até que é boa. (HL8); O Hotel Girassol tem muita aderência dos turistas. (HL8); Abriu agora uma nova residencial com bons quartos (são confortáveis) e atendimento. (HL8); casas de hóspedes na Ilha de Moçambique (HL35); Quinipipi (Ilha de Moçambique) (HL35); Vila Sans (Ilha de Moçambique) (HL35); Em relação à qualidade e à qualidade -preço? O preço não sabe, mas ouviu dizer de um tio que estava de passagem, entre Nampula e Gurué. E ficou numa quinta, onde pagou 250 meticais pela dormida. Varia de 250 a 350 meticais. Mas não nos hotéis. (HL18); Na Ilha de Moçambique ficaram alojados numa faquer, num hostel e numa casa particular, alugaram uma habitação numa casa de amigos. (VT1); um hotel da cidade de Nampula, Millenium (VT2); montes Nairucu (VT2);
	Alojamentos na província de Nampula (descrição)	Alojamento em Nampula cidade: Há alguns hotéis maiores como o Girassol, Millenium, Lúrio e o City Hotel. Tem mais pequenos como o hotel Nampula, e pensões. (HL4); Geralmente (nos) sítios onde se faz turismo. Automaticamente tem lá sítio para se alojar. Porque dificilmente alguém faz investimento ou criar condições para um turista vir e não ter um sítio perto para se alojar e ficar à vontade. E todo o sítio que o governo ou um particular investe no turismo, são criadas condições para o turista ter tudo em volta, para não sair ou por causa da concorrência para se alojar. Porque dificilmente alguém faz investimento ou criar condições para um turista vir e não ter um sítio perto para se alojar e ficar à vontade. E todo o sítio que o governo ou um particular investe no turismo, são criadas condições para o turista ter tudo em volta, para não sair ou por causa da concorrência. (HL5); na cidade de Nampula temos hotéis Millenium, Executivo, Lúrio, Record, Atlas, Hotel Pérola. (HL6); Muitas residenciais, como a residencial expresso, ... Nampula tem muita coisa. (HL6); Os hotéis de mais qualidade são muito caros. O nacional, se não for em missão de trabalho, não tem capacidade para se instalar nesses hotéis. O turismo em Moçambique não é muito consumido pelos nacionais, é diferente do da África do Sul. Por causa de as coisas serem muito caras nos sítios de turismo. E os sítios de alojamento mais baratos têm uma qualidade péssima. Por exemplo, na África do Sul passou uns dias e pagava mil rands [73 euros] ao dia, com direito ao pequeno-almoço, num hotel de 5 estrelas, onde tinha todas as condições, que talvez não haja nenhum alojamento a oferecê-las em Moçambique, e só pagava mil rands. Mas no Millenium de Nampula mil rands é muito pouco. Para o natural é mais acessível o turismo lá fora. Mesmo para estrangeiros é menos apetecível. Talvez seja mais fácil para europeus, mas para africanos é difícil. Em Pemba o que vemos é triste e as pessoas são obrigadas a ter essas consequências por causa do turismo [está a falar do aumento do custo de vida]. Em Nampula o custo de vida é mais barato. Aqui, um quilo de peixe pode estar a 120 meticais, mas em Pemba pode estar a 500, e falamos dum sítio com praia, e Nampula cidade não tem praia. O turismo só vem para aumentar o custo de vida das pessoas. Fora da cidade todos os hotéis são caros. Uma residencial pode ser até aceitável, mas ninguém gosta de estar hospedado num sítio que não tem todos os serviços, em que é preciso sair para ter o resto. Na Ilha podemos ficar numa residencial, que é aceitável pelo menos para dormir, mas o resto é preciso ir fora (HL6); Um hotel perto da UCM em Nampula para quem vai para a avenida Eduardo Mondlane, o hotel Lúrio próximo da CPM, o hotel Executivo (que acolhe aquelas conferências nacionais, porque acha que faz parte do estado moçambicano) como quem vai para Muhahivire e o hotel Millenium na avenida 25 de setembro (HL7); O Hotel Girassol tem muita aderência dos turistas. (HL8); Abriu agora uma nova residencial com bons quartos (são confortáveis) e atendimento. (HL8); na Ilha de Moçambique encontra-se mais são as casas de hóspedes, que são casas antigas que a comunidade local reabilitou e equipou para fins turísticos. Mas também se encontram hotéis: um de 4 estrelas (ouinipipi, que significa Ilha em macua) e o Vila Sans (HL35); E na ilha ficaram alojados numa faquer, num hostel e numa casa particular, alugaram uma habitação numa casa de amigos. (VT1); o alojamento mais perto daqui é Nampula. Ficou num hotel da cidade, Millenium, muito caro, overpriced, 120 dólares uma noite, é o trabalho que paga mas acha que é dinheiro que não está de acordo com o que se oferece no local, não precisa, mas são os preços que se oferecem em Moçambique, disparados, sem muita razão. Mas depois ficou num lugar muito bonito que se chama montes Nairucu, a 16 km de Nampula. Muito bom o lugar que está em volta e as condições bem budget para ficar, bem budget. Mas muito lindo o lugar. Subiu as montanhas lá com guia, impressionante. Falou com o dono para desenvolver isso, porque foi ele que o levou, não há um guia oficial. O dono subiu tão fácil essa montanha, impressionante. E o entrevistado disse-lhe que deveria ser ele sempre a disponibilizar-se a levar turista. Fala com Manuel, o dono, que ele diga que sim, que tem uma pessoa que pode ir, e aí ele ganha uma gorjeta do turista, que sempre vai ficar agradecido de ver esses visuais e lá cima. E foi assim com ele, deixou uma gorjeta e o guia ficou feliz e voltou para o seu trabalho. Perfeito. E o turista sente a segurança de ir com alguém que .. eles têm uma facilidade para escalar essas montanhas. Muito bom. (VT2);
	Alojamentos no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)	Por agora a casa só tem uma falsa concorrência. (S1); Agora estão a construir dois hotéis e abriram outro no ano passado. (S1); Tem casas de aluguer, mas se não tiver dinheiro pode pedir a uma família para ficar hospedada por uns dias (HL13); lugar das irmãs em Milevane (HL14); Kapulana (HL15, HL16, HL18); pensão Estrela (HL15); pensão Fambaone (HL15); Saturno (HL15); alojamento dos padres (HL15); Algumas casas (HL15); Os turistas dormem mais nos hotéis e nas pensões. (HL18); quintas (HL18); uma quinta pode ficar por 250 meticais pela dormida. Varia de 250 a 350 meticais. Mas não nos hotéis. (HL18); não e a nossa área (HL21)
	Alojamentos no distrito de Alto-Molocué (descrição)	Mas aqui em Alto-Molocué, um lugar sossegado como este, onde possam descansar com estas condições (quarto, wc privativo, água corrente), não tem. Por agora só têm uma falsa concorrência. Agora estão a construir dois hotéis e abriram outro no ano passado. (S1); [...] o que encontram fora não é sempre nem saudável nem bom. Comem sempre a mesma galinha com batata frita. E o custo é semelhante ao dos padres. (S1); O elemento seletivo, de escolha deste lugar, é para muitas pessoas sobretudo as de sexo masculino, é a de que aqui não oferecem possibilidade de experiências sexuais. Fora encontra-se a prostituição, é muito difundida. Estes trabalhadores que andam por aqui, mesmo pagando um alojamento pior, preferem a liberdade. Estão condicionados um pouco pelo horário, colocaram a hora de fecho às 22h30, para quem vai fora jantar. (S1); O lugar mais seguro é nos padres. A maioria prefere os padres, é um lugar calmo e pouco movimentado, enquanto nos outros há muita agitação, movimentação. Eles preferem um pouco fora da cidade. O Kapulana também é um pouco fora. (HL15); Agora, na era moderna, na vila, que ele saiba, há um hotel aqui, chama-se hotel Kapulana,

			foi agora aberto, dá para chegar, visitar o ambiente, aparenta (ser) bonito. (HL16); Os turistas dormem mais nos hotéis e nas pensões. O distrito só tem um hotel, o Kapulana, o resto acomoda-se nas quintas. Em relação à qualidade e à qualidade -preço? O preço não sabe, mas ouviu dizer de um tio que estava de passagem, entre Nampula e Gurué. E ficou numa quinta, onde pagou 250 meticais pela dormida. Varia de 250 a 350 meticais. Mas não nos hotéis. (HL18)
	Alojamentos no distrito de Quelimane e província da Zambézia (unidades de registo)		10 pequenos apartamentos para professores dos capuchinhos (S2); é difícil porque já saiu há muito tempo. (HL9); Em Quelimane, Pebane, Zalala há. Mas muitos sítios, distritos ainda não têm lugares de hospedagem, têm de usar tenda (há acampamentos em alguns sítios, ao que parece) ou chegando à comunidade... (HL10); Hotel na praia de Zalala (Quelimane) (HL10, HL17); o Flamingo (Quelimane) (HL10, HL17, HL25); Um de junho (Quelimane) (HL10, HL17); Zalala (Quelimane) (HL10); Também tem pensões, tem muitos sítios aí. (HL10); Esses hotéis são caros? Acha que depende do estabelecimento. E qualidade, atendimento e serviço também variam. (HL10); Hotel Chuabo (Quelimane) (HL10, HL17, HL27); Pensão céu azul (Alto-Molocué) (HL17); Nutiol (?) (Alto-Molocué) (HL17); Pensão Fambaone (HL17); hotel Kapulana (HL17); residencial Júpiter (Quelimane) (HL17); residencial Milénio (Quelimane) (HL17); pensão Moderna (Quelimane) (HL17); É o próprio empresariado nacional que tem capacidade de investir no aluguer de quartos, nas pensões, nos guesthouses, nos lodges.(HL25); Existem intenções de construir um hotel de 5 estrelas aqui na cidade de Quelimane. (HL25); Na ilha do Fogo também estava-se a fazer um resort que está parado, mas existe o projeto de resort. (HL25);Pebane Fishing Lodge (HL25); hotel Elite (Quelimane, em fase final) (HL25); Dominio Lodge (Milange, ainda em construção) (HL25); Milénio (Quelimane) (HL25); a Villa Nagardas (Quelimane) (HL25); Estes são os grandes investimentos, mas há também aqueles de pequenas dimensões. Falamos de alugueres de quarto, residenciais e tudo o mais. (HL25); São todos investimentos nacionais? Existe uma co -gestão. (HL25); o Mopeu Coco Lodge (Quelimane?) (HL25); hotel Manilo (Quelimane) (HL27); pensão Januário (Quelimane) (HL27); hotel Bosi (???) (Quelimane) (HL27); pensão Quelimane (Quelimane) (HL17, HL27); pensão Ideal (deal?) (Quelimane) (HL27); Zalala Beach Lodge (Quelimane) (HL25, HL27, HL28)
	Alojamentos no distrito de Quelimane e província da Zambézia (descrição)		Por exemplo os capuchinhos fizeram 10 pequenos apartamentos para professores, são bonitos. (S2); Em Quelimane, Pebane, Zalala há. Mas muitos sítios, distritos ainda não têm lugares de hospedagem, têm de usar tenda (há acampamentos em alguns sítios, ao que parece) ou chegando à comunidade... Em Quelimane têm o da praia de Zalala (a 30 km da cidade, está mais apropriado para turistas, mesmo à frente da praia), o Flamingo, o Chuabo, Um de junho, Zalala. Também tem pensões, tem muitos sítios aí. Esses hotéis são caros? Acha que depende do estabelecimento. E qualidade, atendimento e serviço também variam. Mas não são tão caros como os de Maputo, porque não há vantagem em por muito caro se não há tantos visitantes assim. Há hotéis de qualidade acessíveis em Zalala. E em quelimane tem dois: Flamingo e Chuabo. (HL10); Essas pensões, qualidade? É uma qualidade aceitável. Porque se a qualidade não fosse tão boa, espera que aderência das pessoas para esses lugares seria fraca. Seria questão de poder perguntar a alguém que lá esteve, mas dos pratos que já pode servir lá achou uma coia boa, não teve comentários quanto a isso. E alojamento: no Céu Azul, era um alojamento não condigno. Também tinha nada a ver com os preços. Se falam de quartos de 150 meticais, que era o máximo na altura, também não era tão bem assim. Talvez lá em cima, lá na pensão Fambone, nunca entrou, mas parece que tem um alojamento condigno. Mas para as restantes que entrou na altura, não tinham. Talvez agora como estão de cada vez que passam as pessoas estão a tentar mudar, a tentar seguir os padrões já recomendados. E também vai falar do novo hotel que abriu aqui, o Kapulana. Parece-lhe que no que diz respeito a alojamento, é condigno. Mesmo esses que antes não tinham por ele alojamento satisfatório, estão a procurar mudar, porque estão a mudar as infraestruturas, o que quer dizer que estão em busca dos padrões aceitáveis. (HL17); Alojamento na província: depende das pessoas, tem alojamento para várias faixas sociais. Pensões, hotéis, até de 5 estrelas, como em Quelimane o hotel Chuabo, o hotel Flamingo, 1 de junho, residencial Júpiter e residencial Milénio. E para além desses sítios há algumas pensões, como a pensão Moderna e a pensão Quelimane. Isto só em Quelimane. Mas nos distritos também existem estâncias hoteleiras que possam albergar pessoas de várias faixas sociais, mesmo na praia de Zalala, consoante a sua condição. Quartos de 5000 de 3000, até de 150, depende do valor da pessoa. Mas existem em quase todos os lugares locais para poder alojar. (HL17); (Pebane Fishing Lodge) É um estabelecimento em Pebane, que é uma das áreas prioritárias para o desenvolvimento do turismo, estamos a falar do Pebane e do Gurué na província, segundo o plano estratégico de desenvolvimento do turismo essas duas áreas fazem parte das áreas prioritárias para o desenvolvimento do turismo, do tipo AB. São áreas/destinos emergentes que precisam de mais componente de infraestruturas para se poderem tornar realmente destinos turísticos. Mas são zonas que têm potencial turístico invejável. As praias de Pebane são praias lindas, de areia branca, águas límpidas em alguns casos. Estamos a falar também de um vasto potencial em termos de pesca desportiva. A pesca desportiva é a atividade principal do Pebane Fishing e é a partir dessa atividade que eles conseguem capitalizar os turistas de África do Sul, passando por Malawi, e mesmo os turistas ingleses que vêm para o Malawi para outros fins. Como sabemos que o Malawi favorece o turismo de montanha, então esses turistas aproveitam para quebrar o seu tempo e o seu itinerário para consumir outros tipos de produtos oferecidos cá em Moçambique que é o de praia. E nesse caso o Pebane Fishing tem tido esses lodges com agência de viagem tanto da África do Sul como do Malawi. (HL25); E os investidores quando vêm para cá apostam neste tipo de turismo. Uma das coisas positivas que nós temos é que a maioria dos investimentos na província são nacionais. É o próprio empresariado nacional que tem capacidade de investir no aluguer de quartos, nas pensões, nos guesthouses, nos lodges. O empresariado local já tem a consciência ou começa a ganhar essa consciência de investir na área de turismo. Nos temos grandes investimentos cá, que estão a surgir. Existem intenções de construir um hotel de 5 estrelas aqui na cidade de Quelimane. Já está na fase final o hotel Elite, também cá na cidade de Quelimane, de 3 ou 4 estrelas, ainda está por ser classificado. Temos lodge um pouco por toda a província, estamos a falar de cana(?)... Em Nicoadala temos o Zalala Beach Lodge que está em sepinho (?), temos o Mopeu Coco Lodge, temos em Pebane o Pebane Fishing Lodge. Na ilha do Fogo também estava-se a fazer um resort que está parado, mas existe o projeto de resort. Temos em Milange, mas também ainda por se dimensionar o Dominio Lodge. Esses são alguns dos grandes investimentos que temos cá na província, não só, falar também dos investimentos como o Milénio hotel cá, a Villa Nagardas, temos também o hotel flamingo. São alguns dos investimentos que temos na cidade de Quelimane. E dizer que nós estamos a crescer bastante em termos dos investimentos. Estes são os grandes investimentos, mas há também aqueles de pequenas dimensões. Falamos de alugueres de quarto, residenciais e tudo o mais. São todos investimentos nacionais? Existe uma co -gestão. Alguns são sócios. A maioria dos lodges mencionados são sócios. Os de Zalala, o Coco Lodge, Pebane fishing também são um grupo de associados. Mas dizer que nestes grupos existe sempre um ou dois moçambicanos como sócios com uma percentagem muito considerável dos investimentos, são pessoas que contribuíram com grande parte para este investimento. Os restantes, o de Milange, são moçambicanos mesmo. E os outros hotéis que mencionou também são de moçambicanos, exceto o hotel flamingo, que é de um estrangeiro. (HL25); Onde está o Zalala Beach, tem uma praia muito bonita, com águas muito límpidas e tem também uma grande pensão, o Zalala Beach Lodge. A praia chama-se praia do Supinho. É uma praia muito bonita (HL27); Em Quelimane (os turistas têm preferido) o Zalala Beach Lodge. Têm aparecido turistas, principalmente no fim do ano, têm aparecido em quantidade. (HL28); na praia de Zalala tem um hotel, eles quando chegam lá encontram lá homens que trabalham lá no hotel, e são bem recebidos, e cada turista é atribuído um quarto deles. Ficam o tempo que

		precisarem, depois despedem o hotel e vêm outros assim mesmo, vêm assim sucessivo. (HL28)
	Alojamentos na localidade de Milevane (unidades de registo)	Uma casa no Mugema (HL29)
	Alojamentos na localidade de Milevane (descrição)	Alojamento em Nauela, sem ser Milevane: no Mugema, um senhor que ele conhece fez uma casa com 7 a 12 quartos para quem esteja à procura e não queira dormir ao relento ele acolhe. Nunca entrou para ver as condições, mas pensa que são precárias. Conhece ali no Mugema porque é o cruzamento da estrada para o Molocué, para Malema e para Gurué. Então nesse encontro de três estradas, esse senhor, por sua iniciativa, construiu esses quartos. (HL29)
	Alojamentos no distrito do Gurué (unidades de registo)	Monte Verde (HL28); Pensão Ruela (HL31); Ponto Final (HL31); Hospedaria/Residencial/alojamento Januário (HL31, HL32, VT3); CPLD (HL31, HL32); Hospedaria Licungo (HL32); Pensão Gurué (HL32, VT3); motel Gurué (VA4)
	Alojamentos no distrito do Gurué (descrição)	No Gurué, os turistas têm preferido o monte Verde. Têm aparecido turistas, principalmente no fim do ano, têm aparecido em quantidade. (HL28); Quando chegam lá ao Monte Verde, tem também um hotel. Eles chegam lá, pedem o dono do hotel, ele atribui os quartos e tem os trabalhadores que trata do mata-bicho, banho, etc, todos os serviços que já se encontravam nas outras casas. (HL28); Pensão Ruela, Ponto Final (pequenos empreendedores que constroem residências e alugam); Hospedaria Januário, e o CPLD. Mas pratica-se, nos últimos tempos (ate a mãe dele está a construir para alojar estudantes dos institutos. Opinião sobre qualidade: o pessoal que atende não tem formação específica, e devia-se investir mais no saneamento e na alimentação que se serve, não é a melhor preparação, muitos se queixam. Mesmo a própria roupa de quarto, mantos, deviam regularmente higienizar. As pessoas preferem levar os seus próprios cobertores. Alguns dormitórios tem bares ao lado, há muita poluição sonora (HL31); CPLD, hospedaria Licungo, Pensão Gurué, Residencial Januário (HL32); Esteve em 3 casas de hospedagem em Gurué no período agosto 2011 – setembro 2012 (claro 3 dias por mês, pelo menos), incluindo a casa dehoniana, mais a Pensão Gurué e o Alojamento Januário (VT3); Além disso já viu os outros lugares, o motel, o motel Gurué, e não, não parece ser muito convidativo. (VA4);
	Alojamentos noutros pontos (unidades de registo)	Quinta entre Nampula e Gurué (HL18);
	Alojamentos noutros pontos (unidades de registo)	Em relação à qualidade e à qualidade -preço? O preço não sabe, mas ouviu dizer de um tio que estava de passagem, entre Nampula e Gurué. E ficou numa quinta, onde pagou 250 meticais pela dormida. Varia de 250 a 350 meticais. Mas não nos hotéis. (HL18)
	Alojamentos usados pelo entrevistado para além da casa na região (unidades de registo)	Só em casa dos amigos. (VT1); Na Ilha de Moçambique ficaram alojados numa faquer, num hostel e numa casa particular, alugaram uma habitação numa casa de amigos. (VT1); um hotel da cidade de Nampula, Millenium (VT2); montes Nairucu (VT2); Pensão Gurué (VT3); Alojamento Januário (VT3)
	Alojamentos usados pelo entrevistado para além da casa na região (descrição)	Só em casa dos amigos. Vieram aqui porque os amigos falaram bem deste sítio e não conheceram mais sítios. E na ilha ficaram alojados numa faquer, num hostel e numa casa particular, alugaram uma habitação numa casa de amigos. (VT1); o alojamento mais perto daqui é Nampula. Ficou num hotel da cidade, Millenium, muito caro, overpriced, 120 dólares uma noite, é o trabalho que paga mas acha que é dinheiro que não está de acordo com o que se oferece no local, não precisa, mas são os preços que se oferecem em Moçambique, disparados, sem muita razão. Mas depois ficou num lugar muito bonito que se chama montes Nairucu, a 16 km de Nampula. Muito bom o lugar que está em volta e as condições bem budget para ficar, bem budget. Mas muito lindo o lugar. Subiu as montanhas lá com guia, impressionante. Falou com o dono para desenvolver isso, porque foi ele que o levou, não há um guia oficial. O dono subiu tão fácil essa montanha, impressionante. E o entrevistado disse-lhe que deveria ser ele sempre a disponibilizar-se a levar turista. Fala com Manuel, o dono, que ele diga que sim, que tem uma pessoa que pode ir, e aí ele ganha uma gorjeta do turista, que sempre vai ficar agradecido de ver esses visuais e lá cima. E foi assim com ele, deixou uma gorjeta e o guia ficou feliz e voltou para o seu trabalho. Perfeito. E o turista sente a segurança de ir com alguém que .. eles têm uma facilidade para escalar essas montanhas. Muito bom. (VT2); Esteve em 3 casas de hospedagem em Gurué no período agosto 2011 – setembro 2012 (claro 3 dias por mês, pelo menos), incluindo a casa dehoniana, mais a Pensão Gurué e o Alojamento Januário (VT3)
	Classificação dos alojamentos usados pelo entrevistado (classificação)	Millenium: 7. (VT1); montes Nairucu: 9 (VT2); pensão Gurué: 4 (VT3); Alojamento Januário: 6 (VT3); Condições da casa de banho: Pensão Gurué – 3; Alojamento Januário – 6; Condições dos espaços comuns: Pensão Gurué – 7; Alojamento Januário – 5; Condições gerais de alimentação: Pensão Gurué – 8; Alojamento Januário – 6; Atendimento: Pensão Gurué – 8; Alojamento Januário – 8; Higiene: Pensão Gurué – 5; Alojamento Januário – 8; Segurança de bens pessoais; Pensão Gurué e Alojamento Januário – 8; Internet: Pensão Gurué – 10, Alojamento Januário – 0; Lavandaria: Pensão Gurué e Januário não tinham o serviço; Informação sobre as atividades da casa em que pode participar: Pensão Gurué – 0, Alojamento Januário – 0; Informação sobre produtos turísticos existentes na região: Pensão Gurué – 0, Alojamento Januário – 0 (VA5)
	Classificação dos alojamentos usados pelo entrevistado (indicadores)	Qualidade preço, caro, para os serviços que oferecem. Os alojamentos eram normais. Tudo em função do preço que oferecem. Se o que oferecem não está em concordância com o que pagam, sempre parece caro. De toda a forma, é muito distinto do que vemos aqui. Na Ilha uma habitação são 1000 meticais, com banho dentro da habitação, mas uma taça (?) pequena e um lavabo pequeno separados por bambu. A habitação lá é maior que aqui. Mas lá corre um fio de água, não há duche, aqui há água quente. É muito diferente. (VT1); Millenium: overpriced, 7. Bom, mas não tinha de ser esse preço, 120 dólares uma noite, é o trabalho que paga mas acha que é dinheiro que não está de acordo com o que se oferece no local, não precisa, mas são os preços que se oferecem em Moçambique, disparados, sem muita razão. Os montes Nairucu: 9, pela experiência total, bem budget, bem simples, estava limpo, e o local e a região impressionante. (VT2)
	Missões e casas religiosas a que o turista pode recorrer fora da localidade (Milevane)	Quase todas acolhem visitantes. Hoje na vida religiosa procura-se autossustentamento. Porque a crise da Europa atinge também aqui. Muito do financiamento, do sustento das paróquias, vinha das doações da Europa, dos padres que iam lá nas férias. Agora essa coisa está diminuindo. Fala-se que quase todas as casas de padres e irmãs hoje procuram ter algum quarto para sustentar, receber hóspedes e turistas. Como na casa dehoniana do Molocué. Está num corredor, quase todos os que passam lá pedem-se (?), é quase conhecida [por todos]. Aqui também. É fora de mão mas de vez em quando passam

		por cá e dormem. No Gurué também, muita gente vai ali às artes e de vez em quando em caso de necessidade até vão na casa das irmãs, mas esta é um lar. Quando o colégio e o lar estão vazios aceitam. De modo que hoje, muitas casas religiosas estão abertas a hóspedes, quer aqui fora como na cidade. Então na cidade quase todas. (HL29)
B.6. Restauração	Experiência gastronômica, Restaurante na província de Nampula (unidades de registo)	Não conhece muitos restaurantes (HL1); Copacabana em Nampula (HL4, HL5); Almeida Garrett em Nampula (HL4, HL5); restaurante Sporting em Nampula (HL4); Os hotéis que prestam esse serviço e têm uma parte particular de restaurante (HL5); Salsa Pimenta (HL5); Marisqueira (HL5); O restaurante do monte Nairucu (Nampula) (HL5, HL6, HL8); Na cidade de Nampula há muitos restaurantes onde os viajantes se dirigem, na tentativa de passarem tempo e de aproveitarem o contacto com os nativos para troca de experiências e outras coisas. (HL7); Restaurantes no hotel perto da UCM em Nampula para quem vai para a avenida Eduardo Mondlane (HL7); no hotel Lúrio próximo da CPM em Nampula (HL7); no hotel Executivo em Nampula (HL7); no hotel Millenium na avenida 25 de setembro em Nampula (HL7); Restaurante-bar Piripiri em Nampula (HL7); complexo Quintanoso em Nampula (HL7); Restaurantes no Girassol em Nampula (HL7, HL8); Restaurantes ao pé do hotel Girassol em Nampula (HL7); Brasília em Nampula (HL8), Cantinho da Pizza em Nampula (HL8); Quinta Churrasco em Nampula (HL8), Bambu em Nampula (HL8); Restaurantes típicos na Ilha de Moçambique. (HL35)
	Experiência gastronômica, Restaurante na província de Nampula (descrição)	Não conhece muitos restaurantes (HL1); Copacabana, Almeida Garrett, dentro da escola portuguesa o restaurante Sporting, em Nampula (HL4); Ao pé da Sé Catedral o Salsa Pimenta (HL5); Os principais são esses, os outros não surgem (HL5); O restaurante do monte Nairucu, perto de Nampula, tem mais comida exterior (português, chinês), mas local não tem (HL6); Restaurantes no hotel perto da UCM em Nampula para quem vai para a avenida Eduardo Mondlane, no hotel Lúrio próximo da CPM, no hotel Executivo (que acolhe aquelas conferências nacionais, porque acha que faz parte do estado moçambicano) como quem vai para Muhahivire e no hotel Millenium na avenida 25 de setembro. (HL7); Restaurante-bar Piripiri em direção ao bairro Muhala Expansão de Nampula. Lá tem esse lugar ao longo da estrada que muitos percorrem para divertimento, muito mais nos fins de semana e datas comemorativas. (HL7); Um dos pontos de referência em Nampula, mesmo para quem vem de fora, é o complexo Quintanoso em direção a Nacala. É um grande espaço que costuma acolher casamentos e todo o tipo de comemorações ao nível da cidade. (HL7); E tem ainda restaurantes no Girassol, Nampula, e ao pé do hotel. (HL7); na cidade de Nampula o mais aderido pelos turistas é no Hotel Girassol (tem um restaurante e uma cafetaria). O Brasília, o Cantinho da Pizza, a Quinta Churrasco (a caminho de Nacala e que abriu há pouco tempo mas tem muita aderência), Bambu. Mais em Rapale, temos os montes Nairucu (HL8); Os pratos típicos são servidos nos restaurantes de Nampula: No Cantinho da Pizza tem o cardápio o frango água e sal com chima ou arroz, tal como no Brasília, na Quinta Churrasco, no Bambu e no restaurante Montes Nairucu (explorado por um português). (HL8); Na Ilha de Moçambique há restaurantes, na sua maioria típicos. Onde essencialmente prepararam a gastronomia local. Os turistas quando chegam procuram a gastronomia local, mas a comunidade local aproveita aos fins de semana aproveita para fins de lazer e entretenimento. (HL35)
	Experiência gastronômica, Restaurante no distrito do Alto-Molocué (unidades de registo)	Não há muitos restaurantes em Alto-Molocué, e não vendem chima, só vendem arroz, sandes, etc. (HL13); Hotel Kapulana em Alto-Molocué (HL14); Céu Azul em Alto-Molocué (HL14, HL18); Existem em Alto-Molocué, e têm vários tipos de prato: hambúrguer, frango, take-away (HL15); restaurantes com comida típica não existem no distrito de Alto-Molocué, mas noutras províncias e talvez em Quelimane (HL15); Com muita frequência vai servir frango de aviário nos restaurantes, lá não entra bem os seus pratos (locais), infelizmente, sim (HL16); restaurante-bar Famboué em Alto-Molocué (HL18); a comida mais usual no distrito de Alto-Molocué é o arroz, chima, matapa, batatas, eles fazem de tudo para que esses produtos existam no distrito, para os visitantes. (HL18);
	Experiência gastronômica, Restaurante no distrito do Alto-Molocué (descrição)	Hotel Kapulana, à beira de estrada que vai para Nampula (HL14); Existem, e têm vários tipos de prato. Hambúrguer, frango, take-away (que é um prato turístico, não precisa de ir de casa, entregam esse prato take-away, são pratos preferidos para turistas). A comida mais típica, mais moçambicana existe, mas não cá no distrito de Alto-Molocué, mas noutras províncias, como em Maputo. Ai fazem, mas não no distrito. Se calhar em Quelimane fazem, talvez em hotéis. (HL15); Agora nos restaurantes a gente está a mudar não é, estão a quase a ser um bocadinho influenciados, quase prepara-se frango do aviário que não há cá. Com muita frequência vai servir frango de aviário nos restaurantes, lá não entra bem os seus pratos (locais), infelizmente, sim. Quem vem lá pede bife, pede frango, se não é, pronto, assim local. A não ser que peçam, mas assim, dizer, locais com prato típico local. Aqui só tem que encomendar, aqui também não há muitos que queiram verduras, já não. É mais fácil frango ou carne de vaca, ou de cabrito que está lá no congelador, então preparam isso aí. Dizer que há por influência, não é, por influência de outras regiões. (HL16); São poucos. Mas é difícil destacar o mais antigo. Nem mesmo ele sabe. Mas existem alguns restaurantes. É o caso do céu azul, é um restaurante mais apreciado pelos turistas no distrito. Mas também no restaurante-bar Famboué, que também um dos edifícios mais antigos. O que servem depende do gosto de cada um. Mas a comida mais usual é o arroz, chima, matapa, batatas, apesar de algumas não terem maior produção no distrito, eles fazem de tudo para que esses produtos existam no distrito, para os visitantes. (HL18);
	Experiência gastronômica, Restaurante no distrito de Quelimane e província da Zambézia (unidades de registo)	Hotel Zambézia (Quelimane), que funciona (HL9); Outros não conhece (HL9); Todos eles servem comida mais ou menos ao gosto dos moçambicanos. Mas uma vez ou outra, quando alguns estrangeiros pedem os pratos, eles fazem. (HL17); Pensão céu azul (Alto-Molocué) (HL17); Nutiol (?) (Alto-Molocué) (HL7); um pequeno bar que abriu que na vila do Molocué (HL17); Rei dos Frangos (HL10); restaurantes dos hotéis (HL10); Os pratos típicos vendem -se um pouco por todos os restaurantes (HL25); o restaurante A Grelha (HL25, HL27); restaurante do Villa Nagardas (HL25); O povo de Quelimane tem o hábito de se juntar. (...) o espaço propício para festa só basta ter motivo para festejar e é festa, não há como. (HL26); Quem vem de Nicoadala, na entrada de Quelimane, tem um restaurante que surpreende pela forma, é coberto de palha, muitos vão para lá, apesar de a estrutura não oferecer muita segurança, e oferece pratos de muita qualidade (HL26); Bani (?) (HL27); Murimo a Zambézia (fechado?) (HL27); restaurante Sabam (HL28); restaurante Agricon (HL28); bar Lisboa (HL28); restaurante Refeba (HL26,HL28); café Nicola. (HL28)
	Experiência gastronômica, Restaurante no distrito de Quelimane e província da Zambézia (descrição)	Quase a maioria dos que estão no centro da cidade de Quelimane servem (comida típica): rei dos frangos. Também os restaurantes dos hotéis. Eles têm de preparar na hora, não está no menu (HL10); Essa parte depende. Todos eles servem comida mais ou menos ao gosto dos moçambicanos. Mas uma vez ou outra, quando alguns estrangeiros pedem os pratos, eles fazem. Fala disso daqui no Molocué, já estive na pensão céu azul, já estive noutra que costumam chamar vulgarmente o Nutiol (?). Eles servem mais ou menos pratos tanto como estrangeiros. Depende, ao gosto, mas na sua maior percentagem são moçambicanos. Exceto o pequeno bar que abriu que na vila do Molocué, tem notado que a maior parte da sua confeção é de tradição árabe, fala de um restaurante cujos proprietários são muçulmanos, de nacionalidade somaliana. Eles fazem pratos moçambicanos, mas mesmo que a gente tente provar o sabor, é mais típico, um prato árabe. (HL17); Os pratos típicos vendem -se um pouco por todos os restaurantes, mas se as pessoas querem ir a um sítio específico por uma questão de conhecimento pessoal, há o restaurante A Grelha e o restaurante do Villa Nagardas. São alguns dos sítios onde as pessoas podem deliciar-se com pratos tipicamente zambezianos. (HL25); Não tem muita experiência nisso, não sai muito. O povo de Quelimane tem o hábito de se juntar. Quando a coisa é festa, todo o mundo junta-se, não há distinção de cor, ... o espaço propício para festa só basta ter motivo para festejar e é festa, não há como. Aqui quem frequenta mais restaurantes é mais turistas em relação aos naturais de Quelimane. Estes têm o hábito de se sentar entre vizinhos, por exemplo, dois, três sentam-se, se é para beber, bebem. Mas isso não influencia, há vários restaurantes aqui, alguns mais conhecidos fora. Quem vem de Nicoadala, na entrada de Quelimane, tem um restaurante que surpreende pela forma, é coberto de palha, muitos vão para lá, apesar de a estrutura não oferecer muita

		segurança, e oferece pratos de muita qualidade. Outros restaurantes: no centro o restaurante Refeba. São estruturas abertas, não é como noutros países que se vê na TV. São coisas abertas em que as pessoas ficam lá, não têm medo de serem perturbadas pelo ambiente. É uma coisa que basta ter teto, as paredes, mas o importante é estar juntos, não importa o lugar. Então os restaurantes só têm cobertura e pouco em baixo, mas já faz um restaurante. (HL26); Restaurantes típicos: <u>A grelha</u> , <u>Bani</u> (?), Murimo a Zambézia, que não sabe se está fechado, acha que deve ter fechado, e significa Coração da Zambézia (HL27); Os melhores restaurantes são o restaurante Sabam, restaurante Agricon, bar Lisboa, restaurante Refeba, café Nicola. (HL28)
	Experiência gastronómica, Restaurantes na localidade de Milevane	Só no Molocué. Em Nauela não há nada (HL29)
	Experiência gastronómica, Restaurantes no distrito de Gurué (unidades de registo)	Zam-Zam (HL32); CPLD (HL32); hospedaria Licungo (HL32); Pensão Gurué (HL32); Residencial Januário (HL32); Monte Verde (HL28); Presquinho (?) (HL28); depois a praça (?) da cidade (HL28);
	Experiência gastronómica, Restaurantes no distrito de Gurué (descrição)	Monte Verde, depois Presquinho (?), depois a praça (?) da cidade, que são os melhores da cidade (HL28); Zam-Zam, Gurué. Sobre a qualidade dos estabelecimentos: no ano passado tivemos duas formações destinadas aos agentes turísticos que incluem os gerentes, os empregados de mesa e cozinheiros. Duas capacitações de uma semana, para melhorar qualidade do serviço. Relacionado com a vontade dos próprios operadores. Alguns estabelecimentos oferecem qualidade aceitável, como o CPLD, hospedaria Licungo, Pensão Gurué, Residencial Januário. Mas o governo do distrito está a fazer um esforço para melhorar a qualidade do serviço através das tais capacitações. (HL32)
B.7. Transportes	Meios de transporte para chegar a região na província de Nampula (unidades de registo)	Carro próprio (HL1, HL4); motorizada (HL1, HL4); Comboio (HL1, HL4); táxi (HL2); Carro [inclui chapas e outros transportes de viação] (HL4, HL35); Transporte terrestre em geral (HL6); Transporte aéreo (HL6, HL35); Transporte Marítimo (HL35)
	Meios de transporte para chegar a região na província de Nampula (descrição)	Carro próprio, para quem tem mais dinheiro (HL1); Comboio (ligações de comboio entre Nampula, Nacala, Rapale, e outros sítios até fora da província, como no Niassa) (HL1); táxi, para alcançar o que os lugares não abrangidos pelas rotas dos transportes públicos) (HL2); Transporte terrestre em geral, é o mais comum mas tem um problema: as vias de acesso (HL6); Transporte aéreo, mas é muito caro. Os voos internos são mais caros do que para fora [pelo menos comparativamente]. Muito poucas pessoas viajam de avião. Os preços conseguem ultrapassar o salário das pessoas. (HL6); Para a ilha pode-se ir de barco, de carro. A maior parte dos turistas vai de carro. Mas existe outra alternativa. Há turistas que alugam avioneta e chegam à Ilha, porque há um aeródromo na parte continental. Depende das possibilidades. A maior parte dos turistas vem de chapa, os transportes populares. A maior parte vem de Nampula, é a cidade recetora e distribui turistas para outros pontos da província. Estando em Nampula, apanham um chapa na padaria Nampula e vão para a Ilha. Que é o transporte que a população usa. Custa 140 meticais ida. (HL35)
	Meios de transporte para chegar a região no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)	Carros (que na realidade deverão incluir chapas/carrinhas de caixa aberta e táxi-mota) (HL14); motos (HL14); bicicletas (HL14)
	Meios de transporte na província de Nampula	Em Moçambique as pessoas não estão habituadas aos comboios por isso se espantou de ver o comboio cá, e muita gente não conhece e nunca andou num. Mesmo as meninas da casa algumas não andaram de comboio e algumas só viram um quando vieram, as suas terras não existe. Neste país não há comboios suficientes, e talvez haja é mais movimento quanto aos de mercadoria. Mas, mesmo assim, nos tempos de chuva, os carros que trazem mercadorias, como as batatas (que são muito consumidas em Nampula e muitas vêm de Cuamba) ficam um pouco impedidos de circular, e os preços aumentam (35, 40 meticais kilo) [por não haver tantas alternativas]. Aliás, os preços flutuam muito de acordo com a possibilidade de abastecimento. Quando são bem abastecidos, compra-se tomate a 20 meticais/kilo; agora fica esse preço por quatro tomates [menos abastecimento]. Fica difícil, por não haver transporte. Produto há sempre, mas como transportar para a cidade? Apodrecem lá nas localidades. E a falta de comboio também se reflete nisto. (HL2); Por vezes os passageiros dos chapas sofrem com o cheiro, porque são aí transportados em sacos, rumo a lugares onde não se pesca (HL2); O padre Ciscato vai lá dar aulas sobre a cultura local. Entre Nampula e Anchilo está a casa nova dos dehonianos. Muito perto da missão do Anchilo é onde ela dá aulas. Demora meia hora de carro pessoal, e uma hora a chegar de chapa (é preciso esperar que encha, tem de encher até haver gente de pé e não dar quase para fechar a porta), que custa 15 meticais, mais 10 de outro chapa. Não enchem para compensar, porque em princípio com menos gente já compensava. (HL2); Meios de transporte na região: na zona de Quelimane há bicicletas a funcionarem como táxis, há táxis normais, que os donos que passaram para este têm mais, e tem os táxis de mota. Agora tem uns que andam de mota e telefona-se eles vêm. São esses os transportes. (HL5); Na cidade, tendo em conta que não tem praia, não se pode falar de marítimos. Mas temos mais frequência de comboios, que transporta grandes cargas de Nacala, que abastece a cidade de Nampula, e vindo de Malema, o celeiro de Nampula. São estes os transportes normais do dia a dia. Nos tempos passados fazia-se sentir a bicicleta, mas agora nem tanto. Mas já não se vê disso na cidade, senão nas datas comemorativas. É mais motos e carros. (HL7); chopela (carros mais usados pelos turistas, para duas pessoas, mas só há dois aqui) (HL8); chapa 100 (mini-bus) (HL8); táxis (HL8); O governo arranhou o TPN, o transporte público de Nampula (e por isso as pessoas acham que estes são só únicos transportes públicos, porque os chapas são da posse e exploração por privados) (HL8);
	Meios de transporte no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)	Motorizadas. (HL13, HL12, HL15, HL18); carros (HL13, HL15); bicicleta (HL15, HL18); autocarros para viagens de longo curso para lá do distrito (HL18)
	Meios de transporte distrito de Alto-Molocué (descrição)	Motociclos, que permitem mais chegar a certas zonas para apreciar a natureza. (HL12); Falta comboio, mas só se encontra em Nampula. A bicicleta também é mais em Quelimane. Aqui é basicamente motos e carros. (HL15); há a motorizada e a bicicleta, são as dominantes. Mas usam mais os autocarros para viagens de longo curso, de 60 km para lá, para lá do distrito. (HL18)
	Meios de transporte distrito de Quelimane e província da Zambézia (unidades de registo)	Bicicleta na cidade de Quelimane (HL5, HL9, HL10); Táxi de bicicleta em Quelimane (HL5, HL10, HL27, HL28); bicicletas (HL17); chapas (HL17, HL27); TPQ (HL27); motos (HL9, HL17, HL28); carros (HL9, HL17, HL28)

	Meios de transporte distrito de Quelimane e província da Zambézia (descrição)	Meios de transporte na região: na zona de Quelimane há bicicletas a funcionarem como táxis, há táxis normais, que os donos que passaram para este têm mais, e tem os táxis de mota. Agora tem uns que andam de mota e telefona-se eles vêm. São esses os transportes. (HL5); O principal na cidade Quelimane é a bicicleta. Alguns têm carro ou mota, mas o principal, que muita gente usa, é a bicicleta. (HL9); Mais dominante é a bicicleta. Não há uma casa na cidade sem bicicleta, e pode haver mais do que uma por casa, pode haver uma por membro de família. Agora ter bicicleta lá já é um negócio, dá para ganhar algum dinheiro por dia para sustentar, então dá para encontrar 10 bicicletas numa casa. Pode dizer que é uma cidade muito ecológica. Além disso, as pessoas estão a praticar um desporto, é saudável. Também tem mota, carro, mas é mais a bicicleta. (HL10); Para eles, mesmo para os serviços, para outros lugares, usam bicicletas e mota. Poucos têm carro. Mesmo o camponês luta para ter uma mota para poder fazer viagens. Por exemplo, hoje ele estava a para ir ao distrito de Gilé em serviço. O único transporte que é mais rápido de praticar aquela burocracia dos transportadores dos chapas é usando a mota, e iria fazer 130 e tal kms, de onde está para a sede do distrito. E aí tem de andar de modo a fazer ida e volta no mesmo dia. <u>E esse tipo de viagens levam muitas vezes 3/4 horas de tempo, devido ao estado da via de acesso.</u> É difícil esses chapeiros entrarem na estrada nos confins, porque não é asfaltada, e por isso ele evita por lá o carro e estraga-lo. Por isso muitas vezes usa-se motas. E para quem tem o privilégio de estar no corredor, se forem par Nampula ou para cá no Molocué, usam os minibuses, que chamam de chapas. E como se fica à espera pode levar muito tempo, a gente faz para qualquer que aparece. É turista, ou não sabe se é, fizemos parar. E aí há aqueles de boa fé, quando param, fazem perceber que estão a pedir boleia e pagam o valor que o condutor estipule, desde que não exceda o que é usado na volta. (HL17); Também o TPQ, vulgo baza-baza, são os carros municipais que levam para fora e põe custos baixos. E tem esses pessoais, mas fica mais bases (HL27); TPQs são os do município, os transportes públicos. Saem de Quelimane e param no Licuar, um pouco mais à frente de Nicoadala. A última volta é daqui até... não sabe se chega a Zalala, mas a última paragem é em Namarrói. Os chapas fazem os mesmos trajetos (HL27); Mas os chapas têm a vantagem de ser mais rápidos. Os TPQ param muito, e enche muito (HL27); Em Quelimane o mais usado é a bicicleta. Está em primeiro lugar. Com a falta de emprego, muitos pegam na bicicleta, poem estufa (estofo) atrás e usam para transporte de pessoas, como táxi. Enquanto noutros países táxi é uma referência a uma carona, aqui usa-se a bicicleta. Além disso tem motas e carros. (HL28); Em Quelimane pode-se apanhar a bicicleta, mota, mais carro. Esse táxi de bicicleta ajuda muito. Por exemplo, os estudantes estão atrasados, podem ser carregados pelos táxis de bicicleta. Antes de saírem combinam o preço dali até à escola ou universidade, que é pago no final da viagem. Para ele é um transporte um pouco vulgar, que abrange muito na cidade de Quelimane. (...) em Quelimane (predomina) a bicicleta, também em termos de táxi. Não quer dizer que não haja o resto em cada um desses sítios, mas o terreno plano de Quelimane favorece a bicicleta (HL28);
	Meios de transporte distrito do Milevane (unidades de registo)	Carro (HL30); mota (HL30).
	Meios de transporte distrito do Milevane (descrição)	
	Meios de transporte distrito do Gurué (unidades de registo)	Chopelas dentro da cidade (HL28); Chapas para outros lugares (HL28); Minibuses de 15 lugares interdistritais (HL31); minibuses entre Quelimane e Gurué (HL32); minibus para Nampula (HL32); caixa aberta e tratores dentro do distrito (HL31); não há rent-a-car (HL32); táxis-moto (HL28, HL32); um táxi de carro (HL32)
	Meios de transporte distrito do Gurué (descrição)	No Gurué, por causa das altitudes, usa-se a mota, para bicicleta é complicado, é preciso muita força para carregar outra pessoa. Então lá usa-se a motorizada, também táxi. (...) No Gurué predomina a motorizada (...) Não quer dizer que não haja o resto em cada um desses sítios, mas o terreno plano de Quelimane favorece a bicicleta, e no Gurué é preferível a mota. No Gurué pode-se apanhar chapas para outros sítios e tem chopelas que podem circular dentro da cidade, uma espécie de triciclo, uma à frente e duas atrás, e tem uma cobertura. Mas não é muito seguro, pode virar facilmente, não tem equilíbrio. (táxi) depende do bolso do cliente. O taxista fala dos preços, se o cliente concordar pode até sair da cidade. Senão concordar, vai até onde o preço der. (HL28); Minibuses de 15 lugares (interdistritais), dentro distrito os de caixa aberta e tratores em sítios mais complicados. (HL31); Diz que há minibuses entre Quelimane e Gurué. Mas que há escassez de transporte de passageiros para Nampula. Mas que já há um carro. Mas para Quelimane há cerca de cinco. Pelo menos com ligação a Mocuba. 300 meticais até Quelimane, de Nampula não há ligações. Mas pode sair Nampula-Nampevo, mas depois é complicado. Dentro do distrito: não temos rent-a-car. Pessoas singulares podem emprestar, mas tem de ser carro com tração. Também há vários táxi-moto, e um táxi de carro (desde há dois meses). <u>Pode ser rentável, a cidade está a crescer, não é como há dois anos atrás.</u> (HL32)
	Meios de transporte público na província de Nampula (unidades de registo)	Autocarro (HL1, HL2); Chapas (HL1, HL2, HL4, HL6); comboio (HL1, HL2); 3 empresas de transporte a operar em Nampula: Mecula, Maningue Nice, e Nagi [Investimentos]. (HL4); Transporte público (HL6); é só minibus de 15 lugares e uns grandes de 30 lugares. (HL7)
	Meios de transporte público na província de Nampula (descrição)	Autocarro (para localidades que não sejam nos arredores; dos "grandes" – 250 pessoas?! – e os "normais" – os machimbombos) (HL1) (só há dois a circular na cidade, talvez um a ir para o Rex e outro para Muhahivire [ou então será o do Marrere]); para fora temos a ligação a Pemba, por exemplo) (HL2); Chapas (só entre os bairros da cidade de Nampula e algumas localidades perto, como o Anchilo) (HL1) (existem ligações para lugares tão distantes como o Niassa) (HL2); comboio (HL1) (Nampula – Mutuala – Cuamba faz-se de comboio para passageiros; entre Nampula – Nacala só há comboio de mercadorias em Nampula não há muitos comboios: só há dois, passam todos os dias praticamente, mas quase não têm comboios. Moçambique está pobre nos comboios; há um dia em que arranca um comboio mas vai para longe, porque não volta no mesmo dia, que vai de Nampula a Chipualacuála, sai na segunda e volta na quarta) (HL2); 3 empresas de transporte a operar em Nampula: Mecula, Maningue Nice, e Nagi [Investimentos]. Esses grupos trabalham dentro e fora da cidade, operando a partir da padaria Nampula (para ir para Monapo, Meconta, Chocas, Nacala e Ilha), Faina (Ribaué, Mecubura, e outros) e Muhahivire (Angoche e Moma). A primeira empresa opera a partir de Romone, que chamam de pequena cidade. Para além desses grupos temos pequenas estações dentro da cidade para circular de chapa entre os lugares da cidade. Autocarros há muito poucos. (HL4); Transporte público só na cidade e daí para sítios pequenos num raio de 30km. Mas muito poucos, um ou dois. De Nampula à Ilha não há. Interdistrital não existe. Só pequenas distâncias. Porque os chapas são privados. Autocarros sem ser no mesmo esquema dos chapas são muito poucos. Por exemplo: de Nampula a Murrupula são 30/40 km e há um só. E já esteve parado. De Nampula ao Anchilo não há. Só teve uns 7/8 meses e parou. (HL6); Os transportes são todos privados, mesmo entre distritos e os interprovinciais. Não existe público para isso. (HL6); é só minibus de 15 lugares e uns grandes de 30 lugares. (HL7)

	Meios de transporte público no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)	Chapas interprovinciais (HL12, HL15); Alguns chapas que fazem as feiras (HL13, HL16); Motorizadas dentro da vila. (HL13); motorizadas (HL14); táxi [mota] (HL15); chapas entre localidades (HL14, HL15); bicicletas (HL14);
	Meios de transporte público no distrito de Alto-Molocué (descrição)	Não há chapas dentro do distrito, só entre províncias (de Nampula, por Quelimane e dá para a Beira, por exemplo). (HL12); não há. Os chapas existem mas não há muitos, e não fazem na vila, fazem as feiras. [são carrinhas de caixa aberta] então vão pessoas de cá para muito longe, mas na vila mesmo não tem, só motorizadas é que carregam pessoas na vila e assim. (HL13); Chapa. Em que sítios passa: Nauela, Mutala, Mulevala para Ile, assim. (HL14); Não existe ainda aqui, só seria motorizada, que usam como táxi; chamam-no táxi [outros chamam de táximota] E os chapas? Aquilo não são chapas, só existem para mais de 25/30 quilómetros para as localidades, ou para Nampula, Beira, Quelimane. Aqui dentro não existem. Queriam implementar, mas não conseguiram. (HL15); Sempre dentro do distrito [foi o que eu disse, mas parece ser mais dentro da cidade]. Os chapas aqui só para capitais de Província, ou então em dias de feira [para as feiras]. Molocué-Nampula são 200 meticais. Molocué-Quelimane são 300. Para Maputo são dois e meio. (HL15); Há feiras todos os dias da semana, segunda, terça, quarta, há sempre feiras, de acordo com o plano. E por isso há todos os dias aqueles carros (a recolher as pessoas), levam mercadoria. Quando sabem, hoje é lá, levam para lá, mudam no dia seguinte é para (outro sítio) conforme os dias, assim andam com os produtos comerciais. (HL16)
	Meios de transporte público no distrito de Quelimane e província da Zambézia	Tem para os distritos, mas não dentro da cidade. Chapa só para o distrito, dentro não há. Há autocarros para outras províncias. (HL9); Táxi-bicicleta. É divertido. Apanha-se sol (alguns agora têm sombrinha) e algum ar, não se apanha calor com o movimento. É engraçado porque tem boa visibilidade na rua. Também existe táxi de carro. Agora começa a aparecer o táxi de mota. Mas é mais usado no distrito de Mocuba, porque é uma zona planalto, com montanhas. Mas Quelimane é uma planície, levam a qualquer lado. Os táxi-bicicleta podem levar até a alguns distritos à volta, mas mais longe já é preciso chapa. E autocarros, fazem alguma carreira? Para distritos mais longe da cidade tem. Mas os maiores fazem interprovinciais. Os de 33 fazem para distritos mais distantes, e os minibus (chapa) de 16 lugares também. Mas estes últimos são mais abundantes. Mas não para o centro da cidade. Nem queriam, as pessoas preferem a bicicleta. (HL10);
	Meios de transporte público na localidade de Milevane (unidades de registo)	Carros (HL29, HL30); motas táxi (HL29); bicicleta táxi (HL29); carros abertos (HL29); Carrinhas de caixa aberta (HL29); chapa (HL30); minibus (HL30); mota (HL30); bicicleta (HL30)
	Meios de transporte público na localidade de Milevane (descrição)	Esses carros, motas que fazem de táxi, também bicicleta como se vê em Quelimane, muita bicicleta que fazem táxi. Aqui não. No Molocué, no município tem, até mota. Aqui é no Mugema, que se encontra táxi de mota. E depois são esses carros abertos. Um autocarro fechado não há. Só esses carros abertos que transportam as pessoas. Carrinhas de caixa aberta, por Milevane e Nauela, é só o que há. No passado houve autocarros, que saiam de Mocuba, faziam Molocué, Nauela, circulavam. Mas agora não, só esses carros de caixa aberta. (HL29); Não há transporte para o público. Então aqueles que aparecem são aqueles, ou mesmo sem condições. Mas das estradas? São só essas.; Ou mesmo a pé, que é muito importante para todos por aqui. (HL30)
	Meios de transporte para o turista efetuar circuitos turísticos na região de Nampula (unidades de registo)	Comboio (HL1); Agências de transporte turístico (HL4); táxis de mota ou de carro (HL8, HL35); chopelas (HL8); É difícil vê-los nos minibus. (HL8); aluguer de particulares (HL8); chapa (HL35)
	Meios de transporte para o turista efetuar circuitos turísticos na região de Nampula (descrição)	Comboio (interessa muito aos turistas, eles preferem o comboio, ficam muito impressionados com ele) (HL1); Os turistas têm à sua disposição algumas agências, uma delas no próprio aeroporto, que aluga carros com motoristas e assim viajam de acordo com as suas necessidades. Mas tem um custo muito elevado, e algo muito turístico, mais barato e menos privado não existe. (HL4); táxis e chopelas. É difícil vê-los nos minibus. (HL8); para as localidades, devem alugar particulares (HL8); dentro da Ilha de Moçambique: depende da pessoa. Ou anda a pé, ou anda de carro. Existem táxis de mota ou de carro. Há pessoas disponíveis que fornecem esse serviço. O chapa pode ir à parte continental ou até à parte insular, dependendo da viatura que for a usar. Há viaturas maiores que por causa do peso não pode atravessar. Então têm de trocar de viatura à entrada da ponte. Mas esse processo já reconhecido, é um serviço já pronto. Se alguém o leva a partir de Nampula, chega até à Ilha de Moçambique. (HL35)
	Meios de transporte para o turista efetuar circuitos turísticos na região do Alto-Molocué (unidades de registo)	Carros privados alugados (HL12)
	Meios de transporte para o turista efetuar circuitos turísticos na região do Alto-Molocué (descrição)	Para os turistas, só carros privados, em serviços de rent-a-car. (HL12)
	Meios de transporte para o turista efetuar circuitos turísticos na região de Quelimane e província da Zambézia (unidades de registo)	Táxi de carro (HL9); Bicicletas não, é para os naturais. (HL9); Transfer entre Lodges e aeroporto (HL25); Transfer dos hotéis da cidade de Quelimane (HL25); Transfer da agência de viagem Zambézia Travel (HL25); rent-a-cars (HL25)
	Meios de transporte para o turista efetuar circuitos turísticos na região de Quelimane e província da	táxis, tem táxi de carro; ou pedem boleia ou usam os carros dos amigos. De resto não tem nada de específico para eles Bicicletas não, é para os naturais. (HL9); Nesses lodges existe o transfer, que leva os turistas do aeroporto para os lodges. Não só, na maioria dos hotéis cá na cidade existe o transfer e existe também uma agência de viagens (a única que existe, a Zambézia Travel) que normalmente tem feito pacotes turísticos, para o Coko Lodge por exemplo. Então tem uma viatura da agência específica para tal fim. Não só, também têm rent-a-cars, que os turistas podem muito bem alugar viaturas e fazer a

	Zambézia (descrição)	sua viagem tranquila. O que não existe é um mini-bus com janelas panorâmicas para que a pessoa possa ver... isso não existe aqui. Mas lá nos lodges tem viaturas específicas para os turistas. (HL25)
	Meios de transporte para o turista efetuar circuitos turísticos na região de Milevane (unidades de registo)	Não há (HL29)
	Meios de transporte para o turista efetuar circuitos turísticos na região de Milevane (descrição)	Não existem transportes mais virados para os turistas, nem mesmo na província. Mesmo em Quelimane como tem visto na Europa não há. Só meios públicos, assim quanto muito (HL29)
	Meios de transporte que a casa pode disponibilizar para a atividade turística	
	Custo de utilização desses meios de transporte na província de Nampula	Entre os bairros da cidade de Nampula: 5 a 10 meticais (HL1); Nos autocarros entre localidades e províncias: 150, 200 e 400 meticais (HL1); Preços variam de distrito para distrito: Nampula a Chocas são 80 meticais. Para a Ilha são 150 meticais. Para Monapo são 70 meticais. Para Nacala são 150 meticais. Para Mecuburo são 130 meticais. Para Ribaué são 170 meticais. Para Muicara 70 são meticais (HL4); Dentro da cidade, os chapas são 10 meticais. (HL4); Viajar de carro [privado] e de avião é caro. Não há outra hipótese senão andar de carro [não privado]. E se o preço for caro, não há mais opções, é preciso aceitar. E acaba por ser mais caro. Na zona norte estão muito caros. No sul já não é tanto assim, porque há mais empresas de transporte, enquanto no sul são poucas: Em Maputo existem muitos transportes públicos para os distritos de lá, uns 40 km aí custam 10 meticais, enquanto que em Nampula são 50 ou 60 meticais, senão mais. Isso acontece em todo o norte até ao centro. Está caro, mas as pessoas têm de se sujeitar. (HL6); dentro da cidade tem sido 5 meticais. Expansão-Faina ou Expansão-Namicopo, ficam por esse preço (HL7); é barato, são preços que todos aguentam. E também em Nampula não há zonas muito distantes. Para as zonas mais distantes fica por 10 meticais, mais perto fica por 5 meticais. E entre localidades fica por 150, 100 meticais. (HL8)
	Custo de utilização desses meios de transporte no distrito de Alto-Molocué	Depende dos chapas. Não sabe mais. (HL13); Nauela são 150 meticais. Mutala são 100 meticais (HL14); táxi, depende da distância. 10 meticais entre o centro juvenil e o mercado. Centro juvenil ao hospital são 25 meticais. De 10 para lá. Hospital, banco, escola, serviço. Sempre dentro do distrito [foi o que eu disse, mas parece ser mais dentro da cidade]. Os chapas aqui só para capitais de Província, ou então em dias de feira [para as feiras]. Molocué-Nampula são 200 meticais. Molocué-Quelimane são 300. Para Maputo são dois e meio. (HL15)
	Custo de utilização desses meios de transporte no distrito de Quelimane e província da Zambézia	Bicicleta para ao centro da cidade são 5 meticais. Mas se for de um bairro para outro passando pelo centro já fica por 10. Quando sai para um bairro mais distante fica por 10. Entre zonas mais centrais fica por 5 meticais. Táxi para distritos: para Nicoadala são 50 meticais, num minibus são 25. Para Zalala um chapa faz 15 meticais, quando há um evento na praia; mas quando não, fica por 10. Os táxis fazem por 20 para Zalala. (HL10); Táxi de bicicleta: 5 meticais para circular dentro da cidade. Cualane, aqui na floresta, mais para lá adiante. (HL27); TPQ variam de 5 a 10, os pessoais, mais bases, 15, 20 até 30 meticais (HL27); TPQ entre Quelimane e Licuar são 20 meticais, os outros são 30 ou 25. Se se sobe no TPQ, e para-se em Namacata, paga-se 10, os outros 15 ou 20 (HL27); táxi bicicleta varia da distância. 5, 10, 7,5, 15, até lá. O valor mínimo é 5, o máximo depende da distância. (HL28); Custo de Chapa Gurué-Quelimane: 300 meticais (HL28); Chapa Quelimane-Zalala: são 20 meticais. (HL28)
	Custo de utilização desses meios de transporte na localidade de Milevane	Nesses carros depende da distância. É muito caro relativamente, daqui a Gurué são 100 meticais. Gurué-Molocué são 200. E 200 para o povo aqui não é fácil. É muito, não corresponde à... porque são 60 km. Isso a 100 meticais é muito. Sítios com chapa estes são mais baratos? Sim, porque há muita concorrência, lugares com muitos chapas é mais barato. Aqui não há concorrência. Começou por 20 e 30 meticais, e foi aumentando até 100. O valor correto seria uns 30, quanto muito uns 50. A gente vai para não ter de ir a pé. (HL29)
	Custo de utilização desses meios de transporte no distrito do Gurué	Custos (de táxi-moto): 25 meticais, porque conta-se com o combustível (HL28); Custo da chopela: preço mínimo é 25. Custo de Chapa Gurué-Quelimane: 300 meticais (HL28); Preços: em média 100 meticais dentro do distrito. Gurué-Lioma estava 65 meticais o ano passado e agora 75-100. Para quem vai para as machambas 50 meticais (mas é alto para quem vive cá) (HL31); 300 meticais entre Gurué e Quelimane (HL32)
	Qualidade dos acessos em Nampula	É boa, muito boa (no âmbito da Ilha de Moçambique) (HL35)
	Qualidade dos acessos em Alto-Molocué	As estradas são de terra batida quase em todas as localidades, sem contar com a estrada nacional, a única alcatroada do distrito sem contar com a da vila [ou a da vila faz parte da estrada nacional?] (HL18); Qualidade dos acessos (no município e distrito): têm estradas asfaltadas e outras de terra batida. Então têm feito manutenções de rotina todos os anos às não asfaltadas, que sofrem com as chuvas, que cria crateras. A aposta do conselho é garantir que o acesso seja possível. (HL21)
	Qualidade dos acessos de Quelimane e província da Zambézia	Na província da Zambézia há a estrada nacional numero 1 que liga Maputo a Rovuma. Há mais alguma via alcatroada na província? Tem, por exemplo essas ruas. E por exemplo as vilas, como Mocuba, também têm noutras. Mas so que sendo nacional, a única é esta, a número 1. Mas tem outras sendo dentro de um distrito, são de alcatrão, mas que é difícil dar acesso direto a outras províncias. Estado de acesso a outros distritos em que não passe a nacional depende das zonas. É normal, porque atendendo ao tempo atual é aceitável. Diz isso porque no tempo chuvoso a tendência das estradas é de cortar-se, por causa das chuvas. Mas que depois de um tempo já existem aqueles que fazem a manutenção de rotina. Tapam buracos e onde merece organizar vão organizando. Assim a estrada continua transitável. E difícil que fique intransitável por muito tempo. Um mês, dois. São casos muito raros. São de terra batida. (HL17); Mesmo o camponês luta para ter uma moto para poder fazer viagens. Por exemplo, hoje ele estava a para ir ao distrito de Gilé em serviço. O único transporte que é mais rápido de praticar aquela burocracia dos transportadores dos chapas é usando a moto, e iria fazer 130 e tal kms, de onde está para a sede do distrito. E aí tem de andar de modo a fazer ida e volta no mesmo dia. E esse tipo de viagens levam muitas vezes 3/4 horas de tempo, devido ao estado da via de acesso. (HL17); (...) estradas (da cidade de Quelimane ?), que estavam mal. Mas agora a situação está melhor (HL27); Agora, na cidade do Gurué, está degradada, cheia de covas. Mas antes estava em boas

		condições em relação à cidade capital. Mas agora, como é uma zona planalta, quando cai chuva, causa muita erosão e começa a gastar aquele alcatrão. Enquanto que aqui (Quelimane) quando cai chuva fica só assim espalhado, não há muita erosão. Por isso que aqui o alcatrão demorou um pouco. A estrada Quelimane-Gurué está boa. Já foi entregue em março do ano passado. Estava em construção, em reabilitação. Mas agora já está boa. (HL28);
	Qualidade dos acessos em Milevane	A única estrada que devia ser em condições é aquela nacional e que também não é, tudo cheio de buracos. E aquela que usamos para vir é muito má, e é pior aquela para o Molocué. Aquela para Nauela até está melhor que a de Molocué. Mas não há outro meio, não há alternativa. (HL29)
	Qualidade dos acessos do Gurué	Agora, na cidade do Gurué, está degradada, cheia de covas. Mas antes estava em boas condições em relação à cidade capital. Mas agora, como é uma zona planalta, quando cai chuva, causa muita erosão e começa a gastar aquele alcatrão. Enquanto que aqui (Quelimane) quando cai chuva fica só assim espalhado, não há muita erosão. Por isso que aqui o alcatrão demorou um pouco. A estrada Quelimane-Gurué está boa. Já foi entregue em março do ano passado. Estava em construção, em reabilitação. Mas agora já está boa. (HL28); Não é boa mas o estado tem sempre estado a fazer o possível para fazer manutenções de rotina. As do interior para as localidades não estão muito boas, cheias de buracos e pior quando chove. (HL31); De Quelimane para cá de Nampula para cá os acessos são bons, mas dentro do distrito é problemático, principalmente tempo de chuvas, não se pode nem entrar e é terreno muito escorregadio. Para além da estrada principal, é tudo terra batida. (HL32)
	Acessos à casa dehoniana (classificação)	10 (VA1); 8 (VA2) 5 (VA3); 2/3 para a informação sobre a direção da casa (VA3); 10 (VA4); 10 (VA5)
	Acessos à casa dehoniana (indicadores)	É fácil e está bem localizado, não está num centro. Alto -Molocué é um corredor e se estivesse ao longo da estrada nacional seria muito difícil os hóspedes estarem à vontade (muito movimento, etc.). Está longe destes sítios e no meio da comunidade, está bem localizado. (VA1); falta placas de sinalização. Esta casa é muito grande, é importante, é de relevo ao nível do distrito e serve muito a comunidade. Precisa de placares de indicação. Um amigo de outra organização queixava-se das más condições de alojamento no Molocué, e ele falou dos padres, e o amigo diz que não conhece, não sabe onde ficam. É preciso dar mais visibilidade à casa. A casa está um pouco fora do centro, mas é importante e faltam indicações. (VA2); maus. É muito difícil, porque não há sinalização, há falta de informação. As ruas não estão más. A informação 2/3, porque não há informação, à entrada, só um cartaz que indica o Gurué e não mais. Mas as ruas. A rua principal é a que está melhor, aquela para o mercado. (VA3); muito fácil. E há outra opção que eles têm para ficar, fica na estrada. Então é fácil demais. Mas isto é a um quarteirão da estrada. Então é um 10 (VA4); muito bem. E as portas ficam abertas (VA4); Para facilitar aos turistas que podem ver, que podem fazer. É um sítio onde pode haver muito turismo, e que se pode enriquecer muito. Incluso como chegar a esta casa. É preciso perguntar a várias pessoas para saber como chegar, não há "carteles" que indiquem por onde ir. Eles tiveram de ir ao centro e voltar ali. Ou sabes, ou é difícil. Há 3 congregações mais e não sabem sobre qual estarão a falar. Porque perguntaram pelos padres, mas há 3 congregações aqui. (VA3); isso está muito básico, muito incipiente (VA4); acessível (VA5)
	Condições de deslocação dentro da localidade (classificação)	10 (VA1); 5 (VA2); 6 (VA4); 8 (VA5)
	Condições de deslocação dentro da localidade (indicadores)	Tendo em conta que é um distrito (é diferente de cidades como Quelimane e Mocuba) e tendo em conta condições próprias do distrito. (VA1); problemas sérios de deslocação de viaturas. Fora destes troços asfaltados, todas as estradas à volta são péssimas. A 10 km desse lado do bairro de carro tem uma calamidade, e pior quando chove, as estradas ficam cortadas. (VA2); Essa cidade precisa de investimento em infraestrutura, definitivamente, como o resto de Moçambique. Para ele, é parte da realidade de Moçambique. Em Nampula e em Maputo também vê isso. A qualidade dos acessos é muito subdesenvolvido. O trabalho, o nível é muito subdesenvolvido. É funcional, e por isso seria um 6. Mas dá para desenvolver. Tudo para desenvolver. (VA4); boas (VA5)
	Condições de deslocação entre localidades (classificação)	7/8 (VA1), 5 (VA2); 1/2, 1/0 (VA3); 6 (VA5)
	Condições de deslocação entre localidades (indicadores)	Tempo chuvoso cria dificuldades, maltrata as estradas (VA1); há localidades que quando chove cortam as estradas, não há acesso ao outro lado. Surgem ribeirinhos e depois ribeiros, não vale a pena. (VA2); é horrível. É muito difícil. Chegaram aqui em chapa, em carretera. Autobus de Nampula a Namacurra. Depois 3 chapas até aqui. Saíram às 3 da tarde da ilha (sexta) e chegaram ontem (sábado) às 10, 11h da manhã. É muito divertido, muito confortável [sarcasmo] viajar em chapa. Boleia entre Ilha de Moçambique e Monapo. Monapo-Nampula de chapa, dormiram duas horas em casa de um amigo, correram para o autocarro às 3h da manhã. 4h chapa até aqui. Viajam com uma mochila enorme e só os dois. (VA3); saindo de cá a estrada é muito boa. Os que não são bons são só que dirigem nas estradas. Moçambicano pode ser muito amável, gente boa, na relação entre pessoas. Quando está detrás de um volante, ele vira uma coisa assim, não tem respeito pela vida de ninguém. Impressionante. Isso dá medo aos turistas. Fala com taxistas e colegas, aconselha-os a guiar mais devagar, a ter cuidado com as crianças que andam por aí, as estradas são abertas, podem entrar animais ou pessoas, e eles vão aí a 120, 130, 140 km/h, não entende isso. Mas para trabalhar em desenvolvimento de turismo requer muito trabalho de consciencialização da ética para o trato entre pessoas. E também de limpeza. São coisas que vão ter de melhorar definitivamente porque turista fica assustado e em perigo. Aqui andar de bicicleta é uma loucura, é quase morte segura, porque ninguém respeita pessoa em bicicleta ou peão. (VA4); razoáveis (VA5)
	Opções de transporte para a praia de Zalala	Há chapas. Mas vão cheios e a estrada não está boa (estreita e com buracos). Mas os turistas também preferem ir de carro privado, dos amigos ou não. (HL9); 4 meios. Do porto para a praia de barco. Pela estrada – carro, bicicleta e mota. Usam mais o carro (chapa), por ser distante (30 km) e mais barato que bicicleta. De 10 meticais para 20 ou 25. É mais rápido, não se apanha sol, mais barato e como se passa por uma mata de coqueiros, mangueiras, goabeiras e cajoeiros e que não é muito habituada e se houver problemas com a bicicleta é mais difícil resolver. Até há quem vá a pé. (HL10); Tem chapa que vai lá, que é baza-baza. Isso ajuda a pessoa a encurtar a distância. Depois tem camiões, mini-buses e táxis de carro, para quem quer ir com uma família, esposa, filhos. Então vai a remosa, aluga um carro e aquele taxista acompanha. Descarrega depois, quando ele acabar de divertir dá um sinal para vir buscar. Mesmo táxi de bicicleta, alguns conseguem, só que é uma distância. De chapa são 20 meticais. (HL28)
B.8. Serviços	Serviços de guias-turísticos exteriores à casa em Nampula	Podem existir, mas ela não saber (HL1); Existem, mas assim é difícil dizer. Serviços mais informais existem, em que os turistas chegam a um sítio e alguém que conhece o lugar oferece-se para guiar, mas não há empresas a fazer esse serviço. (HL4); Empresa formal não. Talvez naquelas redes de rent-a-car, onde se aluga transporte, carro. Agora não sabe se lá tem uma pessoa específica ou se quando se aluga o motorista para conhecer a área pode servir de guia, mas ainda não viu alguém com profissão de guia turístico. (HL5); existe, mas não conhece. (HL6); na cidade não sabe (HL7); pelo que sabe não (HL8); existem na Ilha. Estão em moldes informais mas há processos de formalização (HL35)

Serviços de guias-turísticos exteriores à casa no Alto-Molocué	Não (HL13, HL22); se vai a um lugar como Nauela e chega ao posto administrativo, onde vão dizer onde pode passar ou não. (HL14); Há pessoas que recebem, acompanham nos sítios que não conhecem mostrar como é a vila. Existem pessoas do governo. Se for como nos padres, eles encarregam alguém para acompanhar ao sítio. Se for como no município ou na casa do prefeito, devem ter algumas pessoas indicadas para mostrar isso. (HL15);
Serviços de guias-turísticos exteriores à casa em Quelimane e na Zambézia	Acha que existe nos alojamentos, que pode dar explicações sobre o que se pode ver. Ou então recorrer a alguém de fora, a pessoas que conhecem muitos sítios e muitas histórias e pedir-lhes que nos acompanhem. Mas mais nos hotéis, encontram-se lá esses guias. (HL10); Talvez nesses hotéis, não sabe bem responder (HL9); Só quando solicitados, mas não existe ainda, não tiveram casos, ou pelo menos ainda não se aperceberam de existirem pessoas específicas para tal função. O que pode acontecer é existir no local que a pessoa for visitar os guias locais que também não têm ainda nenhuma formação específica, mas podem ser pessoas residentes que explicam o que é isto e aquilo e pode rem levar até ao local. Mas guias turísticos como tal ainda não existem. Mas possivelmente existem na província. Há pessoas formadas, que foram formadas nisso e acompanham turistas na província para os distritos, pessoas com conhecimento de inglês e vários idiomas. Temos acompanhado, mas são casos que ainda não sabemos até que ponto as pessoas são profissionais para tal. (HL25); se existe não conhece (HL27); não (há) (HL28)
Serviços de guias-turísticos exteriores à casa em Milevane	Não há (HL29)
Serviços de guias-turísticos exteriores à casa no Gurué	Na cidade há quem faça esse serviço de acompanhamento dos turistas, jovens que se oferecem, mas estão a ficar um pouco careiros, os turistas não gostam muito. Mas aqui não é difícil ir sozinho, só precisam de estar informados. Mas aconselha-se a irem em grupo, porque há uma certa criminalidade. (S4a); E depois guias turísticos, não há. Só esses rapazes que carregam as pessoas de mota e vão mostrar as coisas. Isso não é guia nenhum. O guia turístico tem de explicar os lugares, a história do Gurué, a história de cada coisa. Por exemplo, aqui tem uma casa que era da PIDE, e as pessoas eram agarradas e trancadas lá. Agora é de um indiano. E as crianças aprendem isso na história e até falam ela. O dono não gosta, diz que a casa é dele, não é da PIDE. (S4c); Não (há) (HL28); Pode-se pedir uma credencial ao governo e podem encontrar alguém que queira acompanhar, mas nada formal. (HL31);
Grau de satisfação quanto ao atendimento dos guias turísticos (classificação)	
Grau de satisfação quanto ao atendimento dos guias turísticos (indicadores)	Não viram guias. Ontem à noite, falando com um senhor, disse que não há um táxi turístico para ir a algum sítio, não há guia turístico. (VT1); não achou nada parecido e na casa também não recebeu. Desconhece se existe. Mesmo em Nampula não viu nada, perguntou e não achou. Então as probabilidades de achar aqui são poucas. Não sabe como está o ministério do Turismo. Em Maputo procurou o Instituto de Turismo, porque queria saber que podia fazer nas ilhas de Inhaca. Entrou naqueles prédios escuros, dava até medo, parece que tem pouco investimento o governo naquilo que é a organização das estações de serviço do turismo do setor do governo para o turista, que normalmente se ocupam da informação para o turista, não são esses privados. (VT2)
Grau de satisfação quanto às informações prestadas (classificação)	
Grau de satisfação quanto às informações prestadas (indicadores)	Há falta de informação, mesmo lá fora. (VT1); não achou nada parecido e na casa também não recebeu. Desconhece se existe. Mesmo em Nampula não viu nada, perguntou e não achou. Então as probabilidades de achar aqui são poucas. Não sabe como está o ministério do Turismo. Em Maputo procurou o instituto de Turismo, porque queria saber que podia fazer nas ilhas de Inhaca. Entrou naqueles prédios escuros, dava até medo, parece que tem pouco investimento o governo naquilo que é a organização das estações de serviço do turismo do setor do governo para o turista, que normalmente se ocupam da informação para o turista, não são esses privados. (VT2)
Postos de informação turística na região de Nampula	Se existe o ministério do turismo, é lógico que se pode, há onde colher informação, eles têm lá a metodologia deles, as leis deles, mas sinceramente não lhe vem à cabeça, pelo menos aqui na província. (HL5); Acredita que haja, mas não conhece. Acha que no aeroporto devia ter. Em Maputo tem, mapas e empresas. Até porque o aeroporto de Nampula é internacional (a par de Maputo, Pemba e Tete), devia ser montra do norte de Moçambique. (HL6); não conhece mas diz que não pode faltar (HL7), A caminho de Rapale (a 20 km da cidade; é um distrito mas ainda dentro da cidade) há o complexo África (discoteca), que antigamente chamava-se o Retiro, mudou o nome há dois anos. Onde as pessoas se dirigem para várias atividades, e para conviverem. Um dos pontos onde se dirige todo o tipo de turistas, para também saberem mais sobre onde devem ir, como podem fazer, o que podem fazer, e todo o tipo de informações úteis aos turistas [um ponto de informação informal] (HL7); não sabe (HL8); existe um balcão de informação na Ilha de Moçambique. Logo a seguir à ponte é só perguntar, está aí disponível. Vai encontrar alguém que vai explicar sobre tudo o que quiser e ver disponível para oferecer. (HL35); Mesmo em Nampula não viu nada, perguntou e não achou. Então as probabilidades de achar aqui são poucas. (VT2)
Postos de informação turística na região do Alto-Molocué	se vai a um lugar como Nauela e chega ao posto administrativo, onde vão dizer onde pode passar ou não. (HL14); Ir à administração (HL15); não existe (HL22)
Postos de informação turística na região de Quelimane e na Zambézia	Não conhece (HL9); só nas zonas turísticas, mas agora, como há ministério do turismo, em todas as cidades deve haver algum sítio onde se pode obter essas informações. Mas em Quelimane não sabe bem. Não se começou a falar de turismo há muito tempo, só há 5 anos atrás ou assim. As coisas fazem-se nas capitais do país, e só depois é que se espalham, então como Quelimane é a 4ª cidade do país, construiu-se um centro desses há 2 anos atrás. (HL10); Fora dos hotéis é possível ver isso nos guias turísticos de Moçambique, no portal do governo da província, no facebook da direção provincial da Zambézia. Estes são os caminhos, mas também gostariam de construir aqui um beat, um balcão de informação turístico, para poder facilitar aos turistas de obter informação. A partir de feiras também fizemos a nossa divulgação: a BTM, a bolsa de turismo de Moçambique. Tentamos colocar lá o nosso potencial, mostrar a imagem da província. (HL25); Onde se pode ver mais informação na internet? Facebook e portal do governo, até agora são esses. Estão a pensar em entrar no twitter e até agora não encontraram as ferramentas certas para criarem a página web da direção e não têm capacitação nesse sentido. (HL25); acha que a direção provincial do turismo (HL27); sim, existem. (...) Em Quelimane também tem direção provincial de turismo, que está perto da praça de juventude. Esses postos é que facilitam a informação sobre o turismo (HL28)

Postos de informação turística na região de Milevane	Não há (HL29)
Postos de informação turística na região do Gurué	Sim, existem. Por exemplo, lá (no Gurué) tem na direção distrital de turismo. (...) Esses postos é que facilitam a informação sobre o turismo (HL28); Quem dá essa informação é a administração. (HL31); só podem dar informação no serviço distrital (ele próprio), mas também na educação, juventude e tecnologia sobre atividades culturais. E talvez no departamento de licenciamento e fiscalização do concelho que também tem turismo. (HL32); Não achou nada parecido e na casa também não recebeu. Desconhece se existe. Mesmo em Nampula não viu nada, perguntou e não achou. Então as probabilidades de achar aqui são poucas. (VT2)
Postos de saúde na região de Nampula	Hospital central de Nampula (HL4); Hospital geral de Marrere (próximo da universidade Lúrio, mais para lá em relação à cidade) (HL4); 1º de maio (HL4); 25 de junho (HL4); Muhala Expansão (mais recente) (HL4); Namicopo (HL4). Os que fazem praticamente todas as valências, chamam mais gente e servem os casos mais graves : geral de Marrere, Central e Muhala expansão (HL4); Os outros são usados para casos mais normais, como malária (HL4); Há quem vá diretamente às clínicas, como os turistas, porque o atendimento é mais rápido, mas isso envolve um custo (HL4); na Ilha de Moçambique há um centro de saúde da sede e outros centros de saúde na zona continental. 4 na zona continental e um na zona insular. Não há problema de disponibilidade de serviços de saúde. (HL35)
Postos de saúde na região do Alto-Molocué	Os centros de saúde são muito poucos. O distrito tem 42 mil habitantes (ultimo censo: 2007); olhando a estes dados e à quantidade de postos, acha que precisariam de novas infraestruturas. Hospital rural e um centro de saúde cobrem o município. Precisariam de um aumento, mais um posto ou mesmo um hospital. (HL21)
Postos de saúde na região de Quelimane e na Zambézia	Em termos de infraestruturas de apoio não estão muito muito abaixo e falta... muitos locais carecem de hospitais. Felizmente estão a ter resultados, em alguns pontos turísticos já existe, mas não é o satisfatório. Precisam muito de farmácias privadas, esses locais, clínicas privadas, de modo a poder cobrir o setor público, que não consegue abranger uma vasta gama de população. Com farmácias e clínicas privadas podiam diminuir o congestionamento e superlotação nos hospitais, não só, também ter um atendimento personalizado. (HL25); há aqui o da sagrada família 17 de setembro (HL27, HL28); Coalane (HL27); caminhos de ferro (HL27); Está (bem servida de serviços de saúde), acha que está (HL27); hospital provincial (HL28); centro de saúde 4 de dezembro (HL28); centro de saúde 1 de junho (HL28); centro de saúde de Mecajunho (HL28); este que está aqui, o centro de saúde de Santo Egidio (HL28); Há Clínicas privadas em Quelimane, por exemplo a de Esperança. Tem várias especialidades. (HL28)
Postos de saúde na região de Milevane	Em Naula há dois postos de saúde: um na sede de Naula e outro a 40 km. Hospitais só nas capitais de distrito, os hospitais rurais. (HL29)
Postos de saúde na região do Gurué	Hospital rural na cidade (HL28, HL31, HL32); Tem outros postos, como centro de saúde de Macuaru, centro de saúde Nipive, centro de saúde de Incize.(HL28); postos de saúde nas localidades, nos postos administrativos (HL31, HL32); O governo e ONGs (como Visão Mundial e Children First) estão a impulsionar a saúde. (HL32)
Condições de acesso à saúde (classificação)	6 (VT3)
Condições de acesso à saúde (indicadores)	Não tiveram de recorrer à saúde. (VT1); Moçambique é partir à aventura. Está a tomar o Malarom que trouxe da Suécia. Se não estiver com isso aqui... as pessoas de cá têm muito risco de passarem bem mal. Se der recomendações na tese, tem de apontar a saúde. É muito bonito, sim, é uma aventura, mas toda a aventura tem riscos e podem ser elevados. O retorno da aventura é alto, mas o preço que poderia pagar potencial também é alto. Em Maputo o turista pode obter todos os comprimidos para curar a malária. Tem de viajar com um termómetro. Se sentir febre, detetar rápido. Eles vendem na África do Sul um negócio para fazer teste de malária, para administrar pessoalmente. Para estes lugares rurais, onde vai demorar e onde não tem farmácia nem centro de saúde, convém levar. (VF2); razoáveis (VT3)
Instituições de saúde e os serviços prestados (classificação)	4 (VT3)
Instituições de saúde e os serviços prestados (indicadores)	O hospital. Sabem onde está, passaram ao lado durante o passeio. (VT1); não muito bons (VT3)
Redes de telemóvel na provincia de Nampula	Mcel é do estado, tem prioridade nas redes, mas a rede com mais cobertura não é necessariamente esta. Há também a Vodacom e a Movitel, que só tem um ano e está a apostar muito (HL4); Com o celular chinês pirata, 65% das pessoas devem ter telemóvel na cidade e no campo nem 50%. (HL4); Depende da preferência e concorrência, que eles vão em função da rede e qualidade do serviço. Mas ele acha que é a vodacom, agora, a mcell anda com muitos problemas. É um facto que se vem a repetir, nos dias de festa nacional, a rede fica muito congestionada. Então a vodacom. Mas acha que fica congestionada não por causa do número de cliente. A qualidade da rede devia ir em função do número de clientes que paga esse serviço. Agora a vodacom e a movitel é (o que é melhor?). (HL5); Mcel é a primeira, era líder em termo de cobertura. Depois veio a Vodacom e tentou. Veio a última, a Movitel, é a mais nova (um ano) e a com mais cobertura no país, tem rede em todo o lado, mesmo nos sítios mais recônditos. (HL6); na cidade são três redes: Mcel é a primeira operadora nacional e é a do estado (amarela, branca, verde), Vodacom (a segunda operadora nacional) e Movitel. É a mcel que tem mais cobertura. (HL7); menciona as 3. A mais forte? Mcel diz que é líder, mas alguns dizem que é Vodacom. E agora entrou a nova. (HL8)
Redes de telemóvel no distrito de Alto-Molocué	Agora em geral o melhor é movitel, porque abrange mais área. (S1); Acha que aqui o telemóvel já é muito usado, mas não sabe que redes. (HL13); mcell, movitell e vodacom. A movitel é a que funciona melhor. (HL14); as 3 funcionam aqui. Qual funciona melhor? Depende. Há vezes em que a mcell fica sem funcionar uma semana, mas a que funciona diariamente é a movitel. Desde que montaram a rede não houve muitas complicações. Pode ser uma estratégia para ter mais clientes. Antes de existir todos queriam mcell. (HL15); mcell, vodacom e movitel. A rede é boa no município. (HL21)
Redes de telemóvel no distrito de Quelimane e provincia da Zambézia	É difícil dizer (HL9); já tem as 3 redes que o país tem. A rede com mais problemas é a mcell, mesmo com boa cobertura. Mas as outras não têm problemas. Só nos distritos é que há redes que não estão em todo o lado, mas na cidade não há problema. É diferente de aqui em Nampula. Numa montanha apanha-se uma rede de boa qualidade, mas lá, quando se vai para um mangal, não há rede, na doca seca também não... fora da cidade há sempre problemas assim, e mesmo nos bairros mais distantes. Mas no centro não há problema. (HL10)

		Redes de telemóvel em Milevane	Em Milevane só rede movitel. Vodacom apanha-se lá fora, a alguma distância (as irmãs apanham). Telefone fixo existe, mas depende da energia elétrica (só ligam o gerador à noite). (S3);
		Redes de telemóvel no distrito do Gurué	Todas as redes de telemóvel. (S4a)
		Internet na província de Nampula	O serviço de internet está um bocado a desejar, falha muito, até um mês inteiro. E fora de Nampula talvez só Nacala Chocas, Ilha e Monapo – ou seja, porto, capital província e zonas de turismo (HL4); Fora das cidades há certas populações ou comunidades que nem sabem o que é isso (HL4); A internet até é mais conhecida agora por causa dos telemóveis mais avançados. E depende das pessoas (HL4)
		Internet no distrito de Alto-Molocué	Têm internet, usa-se móvel, já tem alguma rede. (HL21)
		Agências de turismo em Nampula	Há uma agência de viagem em Nampula. Também podem existir as agências que tratam de atividades de recreação. Se chegam e querem ver um grupo cultural, há sempre disponibilidade. Até agora têm a agência de viagem que pode fornecer esses serviços. Mas de forma informal também pode contactar alguém e pedir para ver algum grupo cultural e chegar à comunidade e ver como se expressam culturalmente. (HL35)
B.9. Recursos turísticos	Património construído colonial (unidades de registo)	Porto de Quelimane (S2); Fortaleza da Ilha de Moçambique (HL1); Fortalezas da Ilha de Moçambique (HL4); Aeroporto de Nampula (HL1); Praia de Nacala (tem construções coloniais) (HL1); Sé Catedral de Nampula (HL1, HL5, HL8, HL11); estação do CFM em Nampula (HL1); Museu de etnografia de Nampula (HL1, HL5, HL4, HL6, HL8, HL11); estátua do Samora (Nampula, praça da Liberdade) (HL4); Ponte, Fortaleza e Museu da Ilha de Moçambique (HL6); Ilha de Moçambique (HL5, HL7, HL8, HL35); caminhos de ferro e os tipos de comboio (HL5); Muitos edifícios e casas do tempo colonial na cidade de Nampula estão a ser reabilitadas. (HL8) Também algumas igrejas de Nampula (HL8); As escolas, como a primária de Quelimane (HL9); A praia e estância turística de Zalala (Nicoadala, Zambézia) (HL9, HL17); a plantação dos coqueiros na Zambézia (HL9); Igrejas, aldeias, Museus (HL10); Igreja em cima de uma montanha em Mocuba (HL10); Museu em Quelimane (HL10); Museu em Pebane (HL10); praça da independência de construção colonial em Pebane (HL10); termas de águas quentes em Morrumbala (HL10); Academia militar de Nampula (HL11); a planta da cidade de Nampula (HL11); Câmara Municipal, hospital da cidade de Nampula Egas Moniz (HL11); Caminho de ferro de Nampula a Cuamba (HL11); Não sabe responder (HL13); igreja católica [deve ser nossa senhora de Fátima] de Alto-Molocué (HL14, HL17); mercado colonial de Alto-Molocué (HL14); igrejas (HL15); missões (HL15); mercados (HL15); administração no Alto-Molocué (HL15, HL17, HL23); escolas no Alto-Molocué (HL15, HL21); A igreja católica/missão de Malua, no Alto-Molocué (HL15, HL16, HL17, HL23); Monges maristas do Monte Rurupe, no Alto-Molocué (HL16); irmãos maristas de Nivava, Alto-Molocué (HL16); Residências, lojas e igrejas deixadas pelos colonos, nem todas em uso (HL17); o posto administrativo de Maquivala (HL17); Edifício da direção distrital no Alto-Molocué (HL18); o atual conselho municipal no Alto-Molocué (HL18, HL21); edifícios na vila usados como hotéis, lojas, mercados, no Alto-Molocué (HL18), temos (HL19); posto de polícia, no Alto-Molocué (HL21); barragem, no Alto-Molocué (HL23); Milevane, no Alto-Molocué (HL16, HL23);um/ dois hospitais, no Alto-Molocué (HL21, HL23); um pequeno mercado, no Alto-Molocué (HL23); 3 ou 4 lojas, no Alto-Molocué (HL23); Fortaleza de D. Carlos, Milange (HL25); catedral velha de Quelimane (S2, HL10, HL25, HL26, HL27, HL28); casa dos noivos no Gurué (HL25); Santinha, Gurué (HL25); base militar do Mongué, em Milange (HL25); cemitério de Condossano, na Maganja da Costa (HL25); igreja de são Cristo de Rei em Pebane (HL25); a igreja da sagrada família em Quelimane (HL26); a atual sé catedral em Quelimane (HL26); Tem uma outra (igreja) no Chuabo Dembe em Quelimane (HL26); igreja de Nossa Senhora do Livramento em Quelimane (HL26); a igreja do Qualane em Quelimane (HL26); Escola 25 de setembro em Quelimane (HL26);edifícios antigos no Chuabo Dembe, Quelimane (HL26) atual UCM, que era colégio Paulo VI, em Quelimane (HL27); estátua do Gungunhana (talvez destruída) em Quelimane (HL27); a cidade de Quelimane em si (HL28); As igrejas, as escolas secundárias, as estradas, as pontes (HL28); Casa presidencial no Gurué (HL28, HL31, HL32, HL33); Uma escola secundária na vila do Gurué (HL28, HL33); uma paróquia na vila do Gurué, como esta que está aqui (sagrada família, Quelimane) (HL28); a configuração da cidade do Gurué e os prédios que estão lá (HL28, HL33); A missão de Nauela (HL29, HL30); e a própria instalação que era do governo local (HL29); A casa onde estava o chefe do posto (HL29); Centro comercial em Mugema (HL29); Estradas e as picadas da região (HL29); Existem certas infraestruturas deixadas pelos portugueses e pelos missionários devem ser reconsideradas. São tantas. (HL30); as lagoas das empresas de chá no Gurué, do tempo colonial (HL31); casa dos noivos no Gurué (HL31, HL32, HL33); a santinha no Gurué (HL27, HL31); lago da UP6 no Gurué (o governo ainda não fez nada em relação a isso) (HL33); casa do governador na UP5 (HL33); Dois quartéis (HL33); base da FRELIMO em Muximua, Invinha (HL33); catedral do Gurué (HL33); Casa do padre e o lago em frente (no Centro da cidade do Gurué) (HL33); praça com a estrela (dos heróis) (Gurué) (HL33)	
	Património construído colonial (descrição)	Quanto à antiga missão de Malua, quando fomos tinha a igreja, o internato feminino e masculino, tinham comunidade feminina, as vitorianas, que tinham vindo da Madeira. A casa reformada pelo Milénio era esse internato. A casa dos padres é a que está ao lado da igreja, que está só coberta de chapas e assim. Antes já havia era a casa das irmãs, onde faziam a escola dos professores e agora passou para a escola dos maristas que foi reabilitada. (S1); Museu de etnografia tem ao lado que tem ao lado stands de artesãos; ao pé da escola secundária de Nampula (HL1); No Museu de etnografia de Nampula podemos encontrar várias obras do período colonial (HL4); o património colonial está na Ilha de Moçambique, até mesmo a nível de Moçambique (HL7); Ele acha, do seu ponto de vista, que um atrativo forte no que diz respeito ao turismo é esse património colonial porque, primeiro Moçambique foi uma colónia de um país e há países que não viveram a mesma situação. E foram colonizados por uma colónia forte que se prezou em fazer infraestruturas e um país forte na parte que diz respeito à arquitetura e urbanização na altura, e agora continua forte ou evoluiu. Essa parte de atrativo resume-se em isso, foram infraestruturas sinónimo de grandes estruturas. (HL5); Museu, também por conservar aquilo que é da cultura e colonial (HL5); os tipos de comboio usados que estão em extinção, principalmente para quem vive na Europa, constitui um atrativo também. (HL5); Aqueles que ele acha, não que não haja mais. (HL5); Igreja católica (Catedral) (HL5); Turismo na província fala-se sempre mais da Ilha mãe, de onde nasce o nome do próprio país. Quem vem do exterior foca sempre mais a Ilha do que o resto, porque a Ilha apresenta uma história bem relevante e conhecida. Porque é dali que nasce o nome de Moçambique. Agora turismo na cidade não há tantas características patentes: não apresenta praia, e por isso os turistas têm a tendência de ir onde há praia. Um dos pontos destacados na província é a Ilha de Moçambique, é onde se encontra as primeiras infraestruturas, deixadas pelos colonos, é onde estão os primeiros edifícios. A cidade de Nampula é praticamente onde se dirige tudo. E a província está dividida em distritos, e dos distritos o mais importante a nível do turismo é o da Ilha. Onde os turistas se dirigem mais, é onde praticamente nasce a cultura macua, assim pode dizer. A tendência é ir lá, para saber porque o nome surgiu lá. Foi o primeiro lugar ocupado pelos portugueses. Os grandes colonizadores do país foram diretamente à Ilha, foram lá recebidos. Foi lá que centralizaram toda a história, tinha como ponto fulcral a história de Moçambique. Outra vez o nome: um senhor de nome Mussa Bin Bique (dominava a ilha) foi questionado e disse o nome dele e ali nasceu o nome do país. Acha então que um dos factos para a s pessoas se dirigirem mais para a Ilha é esse, querem viver diretamente aquilo que foi. Nampula é um ponto de encontro onde os turistas chegam e dali vão para outros destinos	

da província, principalmente a Ilha. (HL7); O caminho de Nampula a Cuamba, também caminho de ferro, é considerado um caminho panorâmico (e turístico), nos mapas “que marcam os caminhos”, isto já desde o tempo colonial (porque as montanhas não mudaram). (HL11); Só existe na Ilha, que ela saiba, onde ainda existem coisas construídas pelos colonos (HL8); As escolas, como a primária de Quelimane, linda mas construída pelo colono, também jardins. (HL9); A praia de Zalala também, no distrito de Nicoadala, uma praia linda, que foi arranjada pelo colono. Tem casuarinas, para defender as areias da erosão e dá frescura. (HL9); Tem ainda a plantação dos coqueiros, mas que agora já não existe, uma praga destruiu-os. Era um património que vinha do tempo dos colonos e que aumentava a economia da Zambézia e daquela zona. As pessoas sobreviviam com a venda dos cocos, mas nestes últimos anos acabou (HL9); Igrejas, aldeias, Museus. Igrejas – antiga catedral e outra que está em Mocuba, em cima da montanha, e vai-se lá no tempo de missas especiais. Museu – um em Quelimane e outro no distrito de Pebane, Pebane também tem a praça da independência de construção colonial e onde as pessoas dizem que se fazia o massacre. As pessoas mais procuradas eram executadas ali. No distrito de Morrumbala tem uma zona turística com termas, águas quentes. (HL10); Atraem os turistas. (HL14); no distrito de Alto-Molocué: igrejas, missões, mercados, administração, escolas. A igreja católica de Malua. Os turistas quando vão a Mutala, onde se extrai as pedras preciosas, vão a Malua ver a igreja, uma igreja muito antiga. (HL15); No Alto-Molocué há ali um lindo recinto, ali no Malua, aquela igreja grande... muitos gostam de lá chegar para visitar. Aquilo é património colonial, assim também Milevane tem outro ambiente quase igual, com dois edifícios lindos bem grandes, que podiam ser de interesse turístico. Milevane ainda é distrito de Alto-Molocué só que é um bocadinho fora da sede, para o Gurué. Milevane é em Nauela, e Nauela é distrito de Alto-Molocué, mas como a gente conhece, a região é quase a mesma. Esses são lugares bonitos, Malua e Milevane. E tivessem condições de reabilitação, seria bom interesse turístico. (HL16); E também lá na montanha vivem lá os monges (maristas), no monte Rurupe. A gente faz uns 15, 20 quilómetros, espetacular. Montanha bonita, lá os monges têm casas modernas, do tipo medieval, feita de, e separado..., e estão fazendo um lindo mosteiro, em mesmo (?) acabado, dá para visitar e passear. (HL16); Outro lugar colonial seria nos irmãos maristas, aqui no Nivava, então também dá para passear lá, porque há árvores de frutos, e criação, dá para chegar. Então, esses lugares que se (?) dão mais ou menos a ideia de poderem dar um interesse turístico. Nivava, os irmãos maristas, não há montanha, a que se vê (que se vê a caminho de Malua a partir do Alto-Molocué) é dos monges maristas, de Rurupe. (HL16); Algumas residências, lojas, que de certo modo não estão a ser usadas algumas. As outras já estão sendo usufruídas. Fala concretamente do Quigigi e algumas zonas onde passou. Tem constatado que alguma parte das infraestruturas deixadas pelos colonos estão sendo usadas e outras não. E as que não estão a ser usadas talvez pela situação geográfica ou pelo sítio onde estão localizadas. Porque muitas dessas encontram-se se calhar a 50, 60 km da sede de distrito. Mas aquelas que se encontram no corredor e nas sedes de distrito, lugares de estratégia, muitas igrejas (?) estão sendo usadas. E as outras partes ligadas a essa parte de construções do tempo colonial, pode-se notar mesmo as casas que o governo aproveita. São tipicamente do tempo colonial. Não viajou muito para ver alguns monumentos mas é notório em algumas zonas, em algumas instâncias turísticas, alguma coisa do que o colono deixou, edifícios. (HL17); Exemplos de edifícios: estância turística de Zalala, tem alguma coisa que o colono deixou, já visitou. Fala de Zalala porque a própria praia encontra-se no posto de administrativo de Maquivala, e a sede tem alguma coisa que o colono deixou. E sem ser colonial? Existe, muitas delas são as que estão a ser usadas. Talvez dizer que não prestou atenção, mas a maior parte dos edifícios são já feitos no tempo colonial, e a maior parte atrai pela beleza. Podemos ver alguns edifícios no Molocué, como o edifício dos padres, concretamente a igreja (na paróquia central), um edifício se calhar construído há muito tempo. Malua também sim. Não é do Molocué, então não sabe dizer com certeza, mas parece-lhe que os edifícios lá em cima, como da administração, parecem do tempo colonial, porque alguns deles trazem lá datas antigas de edificação. Por exemplo, quando se segue esta via que vai dar à vila, há um edifício, que tem uma data de 1950 ou uma coisa assim. (HL17); O edifício da direção distrital de Alto-Molocué, que é um dos mais velhos do distrito, que foi construído há muitos anos atrás pelos portugueses. E depois um dos mais antigos é o atual conselho municipal, que está a ser usada e foi reabilitada, e a mesma estrutura está a ser usada como conselho municipal da vila. E mais outros que usaram os edifícios, servindo como hotéis, lojas, mercados. (HL18); O edifício do conselho de Alto-Molocué é do tempo colonial, e o conselho tem outro que funciona como posto de polícia, e também é colonial. E no resto da vila não há mais nada, em termos coloniais. Têm umas escolas e dois hospitais, mas são recentes. Só isso. (HL21); Na vila do Alto-Molocué, só administração, hospital, um pequeno mercado e mais 3 ou 4 lojas, o resto é de depois da independência. E agora ainda está a melhorar mais, a aumentarem as construções, depois da elevação a município. Na altura quase que não havia, era normal estudar fora nas missões. Para saber mais sobre a história da vila é preciso perguntar aos mais velhos, falar com o régulo perto dos padres. O sr. Castro é que é a biblioteca do distrito. É o único que pode dizer como foi construído, como apareceu, como foi a primeira comunidade. (HL23); Só para a catedral há relatos que dizem que o filho de Vasco da Gama foi sepultado na catedral velha. Porque esta tem sepulturas lá e tem restos mortais de governadores e outras pessoas de alto gabarito. E tem uma história bastante fascinante, mas está no estado que está, abandonada, desprezada. Foi construída em 1800 (HL25); Há também a casa dos noivos no Gurué, mas está também num estado avançado de degradação. No Gurué há também a santinha, que se encontra no caminho a subir para a casa dos noivos, muito antes da casa, que é uma imagem da nossa senhora de Fátima que está numa gruta. É um local onde as pessoas vão passear, mas também fazem cultos religiosos e tudo mais. (HL25); E temos a base militar do Mongué, em Milange, é um sítio onde foi travada a guerra, e onde pereceram vários heróis da libertação nacional. (HL25); Temos também em Milange mesmo a fortaleza de D. Carlos, que é um sítio de património que também está em estado de degradação, e já pensaram em escrever uma carta para a UNESCO, no sentido de preservar aquele local como património histórico, mundial até, uma vez que está lá escrito o nome de D. Carlos, que acredita que foi um dos filhos de rei. [tivemos um rei chamado D. Carlos...] Deve ser ele. (HL25); Não só a fortaleza, como também temos o cemitério de Condossano, na Maganja da Costa, que é também um património histórico. Contam histórias: estava um guerreiro na Beira alutar e depois de render, depois de vários momentos de luta, ele foi morrer em Maganja. Não morreu onde estava a lutar, mas foi morrer em Maganja, naquele local. Então chama -se cemitério de Condossano. (HL25); Temos também a igreja de São Cristo de Rei. Esta igreja de Pebane foi construída muito antes de 1936 e tem uma característica arquitetónica muito interessante. Foi a primeira escola lá da vila de Pebane e as aulas eram dadas por padres irmãos. (HL25); Basicamente, em termos de monumentos, são estes que podemos destacar e citar. Provavelmente existem mais e estão a trabalhar no sentido de poder descobrir mais, e temos o nosso PES... [soa a pexe], identificação e mapeamento de mais locais históricos e turísticos que possam ser aproveitados. Provavelmente encontrarão mais, mas são estes os locais que eles destacam (HL25); Temos um vasto património histórico, desde a catedral velha que foi construída em 1800, o forte D. Carlos em Milange, temos vários locais que podem suscitar interesse turístico, que podem atrair mais investimentos turísticos. (HL25); Na cidade de Quelimane são muitos, daqueles que ele conhece. 18 anos de vida deu para conhecer muitos. Um deles é este aqui, bem perto de nós, a igreja da sagrada família, que foi construída naqueles tempos. Tem alguma experiência nessa parte de construção e artes, porque faz parte do grupo C, então aquelas obras que foram construídas naquele tempo em que a arte estava mais virada em agradar a Deus, toda a arte tem uma certa relação. Tem também a Sé Catedral, lá na avenida marginal, outra é a atual sé catedral. Tem uma outra no Chuabo Dembe, outra é a nossa senhora do Livramento. São muitos. Também a igreja do Qualane. Escola 25 de setembro. (HL26); Tem também o Chuabo Dembe, onde tem essa primeira igreja, a de Nossa Senhora do Livramento. (...) E também tem casas, tem umas construções arquitetónicas, umas casas antigas. E, aquela região viviam pessoas, mas os que viviam mais lá eram portugueses, porque eles habitavam mais a parte perto do rio. Lá tem umas casas engraçadas, e tem umas estátuas em volta da casa, nos cantinhos, uma casa muito engraçada. Um lado um bocadinho triste, mas muito engraçado. (HL26); Atrás da cadeia provincial tem um espaço, tem

			<p>uma estátua, do Gungunhana, mas acha que já está caída, acha que está muito abandonado (HL27); Mineral, minas, formações rochosas existem, no Gurué tem um sitio que chamam de senhora de Fátima que tem umas estátuas de nossa senhora. (HL27); A cidade, esses prédios que estão por aí, ali são próprio antigo, foram construídos pelos colonos. As igrejas que ainda, as escolas secundárias, assim como as estradas, as pontes, foram feitos pelo colonial, pelos colonos. Sé Catedral antiga que está na cidade (Quelimane). (HL28); No Gurué, também tem um monte muito verde, o monte Namúli. Tem lá um edifício que quando chega lá o presidente acompanhante lá para visitar. Fora da vila do Gurué. Casa hóspede ou assim. É preciso ir de carro, há uma distância que se percorre. (HL28); Na vila tem uma escola secundária que foi construída pelos colonos, assim como uma paróquia, como esta que está aqui (sagrada família, Quelimane). Foi construído pelos colonos, assim como a configuração da cidade. Os prédios que estão lá não foram construídos por moçambicanos, mas sim por colonos. (HL28); As estruturas, a igreja que temos aqui (que foi construída pelos padres; a missão de Nauela) e a própria instalação que era do governo local. E indo para Mugema havia construções porque era um centro comercial: havia lojas, havia casas de funcionários que trabalhavam lá. Era um centro que comprava, investia para a produção do milho. Então essas infraestruturas, coisas grandes acha que não havia nada. A casa onde estava o chefe do posto (aquela casa, a secretaria em Nauela) e lá no Mugema esse centro comercial. Também as estradas, as picadas aqui. (HL29); Existem certas infraestruturas deixadas pelos portugueses e pelos missionários devem ser reconsideradas. São tantas. Como Nauela. Não se devia deixar perder isto, era bom trabalhar na sua recuperação. Podiam ser requalificadas. Por exemplo, era um centro pastoral, mas com os recursos humanos, a coisa não vai muito além, talvez pensando numa outra realidade, fazendo outra opção. (HL30); Presidência, paisagem natural belíssima, talvez por isso foi ali construída. Já não é usado, foi usado pelo Samora Machel. Agora em estado de degradação avançado. Quem fazia a manutenção era a empresa do chá (a maior plantação de chá está no Gurué), mas com a falência aquilo ficou assim. (HL31); As lagoas, em quase todas as empresas de chá, construídas no tempo colonial. Já são visitados por aqueles que gostam destas paisagens (HL31); Casa dos noivos. Em estado avançado de degradação, o guarda teve de abandonar o local por falta de condições de se manter ali. Era um destino de muita gente. (HL31); A santinha. Imagem da santa maria atrai muita gente também. As pedras e as montanhas ali em volta, uma pequena queda de água. (HL31); casa dos noivos (está muito degradado), casa presidencial (up3, mas está mal) construído colonial mas no tempo do Machel quando visitava Gurué ficava lá porque tinha uma boa paisagem. (HL32); A casa presidencial fica na UP4, a do governador na up5. O presidente ficava na casa up4 para não serem incomodados. Up5 é mais perto. (HL33); Dois quartéis: um perto do bairro novo, o antigo quartel, já após guerra civil. Outra base é a da Frelimo em muximua (Invinha) que já não tem nada, só ficou como lugar histórico. Pensou-se em transformar em hospital, universidade, mercado, mas ficou parado, uma mata, está dentro do município e por isso só se faz a limpeza. (HL33); Na cidade (Gurué): centro, catedral, casa do padre, lago, praça com a estrela (dos heróis) e para o lado da catedral temos a escola secundária do Gurué, para o lado contrário vai ter ao aeródromo e antes disso está a escola secundária, o lar dos estudantes e o quartel. (HL33); a Ilha de Moçambique foi a primeira capital de Moçambique. Foram contabilizados 52 monumentos históricos, entre os quais museus, casas de escravos, zonas de funcionamento de escravos, entre outros (HL35)</p>
	Mercados e feiras (unidades de registo)		<p>Feira de Domingo em Nampula (HL1, HL4, HL5, HL6, HL7, HL8); Faina Resta em Nampula (HL1); Museu Etnográfico em Nampula (HL4, HL7, HL8); Mercado central (HL5); Mercado do matadouro (HL5); mercado dos Belenenses (HL5); mercado rua sem saída (HL5); [confunde com exposições dos produtos de cada um] Na cidade normalmente tem sido algo esporádico; às vezes marca-se para um fim de semana, o conselho municipal de Nampula é que faz isso, e faz-se no salão nobre, e serve para ver qual a aderência do mesmo produto e daí faz-se aquele contacto direto de compra e troca de produtos (HL7); Ilha de Moçambique (HL8, HL35); Moçambique (?) não tem feiras, só mercados mesmos, um mercado central que vende tudo e cada bairro tem um que vende um pouco de tudo. (HL9); (mercados especializados) Existem, mas especializados em roupa (HL9); Feiras só nos distritos (HL10); mercado colonial na cidade de Quelimane (HL10); feiras em momentos de festivais e eventos especiais (HL10); feira do festival de Zalala (HL10); feira do festival da Lagoa Azul (HL10); Feira de terça-feira, longe do Alto-Molocué (HL13); Os mercados são perto do centro dehoniano. (HL13); Mercado central ali perto, na vila de Alto-Molocué (HL14, HL16); mercado de Mutala (Muthala?), Alto-Molocué (HL14, HL16); uma feira em Nauela, Alto-Molocué (HL14); Dalvalana (???), Alto-Molocué (HL14); uma feira comercial (construída pelos coloniais) no Alto-Molocué (HL14); Há feiras todos os dias da semana na região, fora da vila de Alto-Molocué (HL15); feira de Muhiro, Alto-Molocué, no fim de semana (HL15); Feira de Carmano no Domingo em Nauela, Alto-Molocué (HL15); feira de Imbauane, Alto-Molocué, às terças (HL15, HL16); feira de Novalala, Alto-Molocué (HL15); Moralelo, Alto-Molocué (HL15); o distrito (do Alto-Molocué) mesmo fez uma planificação de feiras de modo a que cada localidade ou posto tem feiras [...] Há feiras todos os dias da semana (HL16); o mercado central, Alto-Molocué (HL16); 7 de junho (?) (mercado na sede de Alto-Molocué) (HL16); Mataliwa, Alto-Molocué (HL16); Mutuasse, Alto-Molocué (HL16); Maculini, no Nivava, Alto-Molocué (HL16); Também em Nauela há muitas feiras. (HL16); Feiras no norte da Zambézia: no distrito de Ile, Alto-Molocué e parte do Gilé (HL17); feira de 3 de fevereiro (mercado), Alto-Molocué (HL18); temos (HL19); Feira da FAI em Quelimane (HL9, HL25, HL26); mercado central de Quelimane (HL25, HL26, HL28); mercado de peixe (Chabeco, Quelimane) (HL25, HL26); exposição junto à piscina em Quelimane (HL25); Tem um outro mercado, menos importante, com um edifício onde as pessoas vendem as coisas (HL26); feiras de mostra de cultura Zambeziana em Nicoadala, em Quelimane, mesmo Maquivala (HL27); mercado Akima em Quelimane (HL26, HL28); mercado do Lixo em Quelimane (HL26, HL28); mercado Maiava em Quelimane (HL28); mercado Brandão em Quelimane (HL26, HL28); feira no Insidia perto de Quelimane (HL28); em Chirandane perto de Quelimane (HL28); Namuinho (do lado de Nicoadala) (HL28); Feiras do Incize, Gurué (HL28); feira de Mussatoro, Gurué (HL28); Feira de Lioma, Gurué (HL28); Feira na Marama, Gurué (HL28); São um fenómeno que surgiu depois da guerra. (HL29); Feira no Cormano (HL29); Dentro do distrito de Molocué há feiras toda a semana (HL29); Mercado central, Gurué (HL31); Feiras – uma por dia, Gurué (HL31); feiras em várias localidades do Gurué: Lioma, Ruasse, Magige, Massise, Motuba, Macuharu (HL31); Quase todas as localidades do Gurué têm feiras semanais (HL32); Produtos agrícolas principalmente (HL32); Mas não há venda de artesanato, Gurué (HL32)</p>
	Mercados e feiras (descrição)		<p>Feira de Domingo em Nampula é a feira com mais artesanato, como esteiras, e chega ao caminho de ferro (HL1); Mercado de domingo, onde podemos encontrar várias culturas, com o seu significado; é o mercado que vende artesanato. Esse mercado não é sempre no mesmo sitio. Já foi no pavilhão, agora está mais em Muhala expansão [bairro belenenses] (HL4); Mercado da faina (HL5); Geralmente que se dedica a essa parte de venda de produtos, de artesanato e mais alguma coisa, durante a semana, no domingo tem tido o seu espaço para vender na feira. Até porque é profissão deles. Então não podiam ficar sem vender um dia, um dia sem produzir. Nos domingos eles se cruzam num sitio específico para venda de produtos. É de salientar que nas feiras feitas cá dificilmente vende-se produtos alimentícios, é roupa e artesanato que se vende lá. Tem umas certas barracas onde se vende comida para quem está lá a desempenhar. Mas aqui em Nampula a feira não se identifica com a venda de produtos, como no mercado central. Aí não se vende roupa, é mais coisas de casa ou alimentos. Na feira é mais artesanato. O artesanato é um atrativo turístico também, porque aqui na região e em Moçambique, por ter a cultura que tem. Os turistas compram esse artesanato e acabam identificando-se com a cultura que é deles. Então, o artesanato também um património, aliás, um atrativo turístico. A feira de Domingo é no bairro de Belenenses, uma zona vasta onde também se faz o mercado. (HL5); A feira de Domingo em Nampula funciona como mercado e feira ao mesmo tempo, tem uma componente muito forte de</p>

artesanato a nível nacional e é a única dominical no país (HL6); A feira dominical de Nampula tem um espaço reservado na cidade. E os turistas aproveitam e compram diversos produtos de origem moçambicana, sobretudo macua, no caso de materiais feitos de palha e barro, e também olham muito para o pau-preto. E se calhar comprar noutros pontos é um bocadinho difícil. (HL7); Na feira dominical de Nampula vendem algumas coisas que identificam a cultura local, coisas feitas em palha, pau-preto (HL8); (mercados especializados) Existem, mas especializados em roupa. Saiu da Zambézia em 1998, mas tem visitado. Diz que uma feira mais especializada em roupas e sapatos mudou entretanto do aeroporto para a FAI. (HL9); Museu Etnográfico em Nampula, onde se encontra várias artes com significado histórico para os turistas e locais (HL4); o museu de Nampula é um ponto reservado ao tipo de turistas que aprecia artesanato. É o único edifício criado para ser museu em todo o país. É onde os turistas também ocorrem “em massa” e apresenta arte maconde, originária do distrito de Mueda (Cabo Delgado). Os macondes representam bem a cultura moçambicana e a sua arte consiste em objetos bonitos esculpidos em várias formas e apresentam o seu trabalho ali no museu. (HL7); Vendem artesanato no museu de Nampula (HL8); Na ilha de Moçambique encontram-se objetos em pau-preto e capulanas, que na Ilha são muito coloridas e tipicamente macuas, que identificam a cultura. E também encontra-se o mussiro, uma pasta branca que aplicam na pele e a torna macia (HL8); Só nos distritos mesmo. Na cidade há um mercado do tempo colonial. Só nos distritos que tem havido feiras, em dias diferentes da semana. Dias especiais em que a população leva os seus produtos para vender. Há alguma feira mais importante, mais conhecida, que venda produtos mais tradicionais? As feiras têm acontecido em momentos de festivais e eventos especiais. No festival de Zalala há feiras dos produtos tradicionais. O festival da Lagoa azul etc. (HL10); Também vendem em mercados, mas também em feiras: a de 3ª, longe daqui, é preciso deslocar-se de chapa [deve ser caixa aberta] ou mesmo a pé (quando não pode pagar o carro) e é muito distante. Os mercados são perto. O que se vende nos mercados: comida, roupa, a maioria das coisas, copos, pratos, quem tem dinheiro vai mesmo comprar. (HL13); Tem muitas feiras, todos os que trabalham nas feiras da região trabalham todos os dias da semana, mas não na vila, fora da vila. Por exemplo, onde extraem pedras preciosas, os turistas vão no fim de semana, que é a feira do Muhiro. E no Domingo Nauela, feira de Carmano, nessa via que vai para o Gurué. E indo pela estrada nacional lá em frente tem uma feira em Imbauane trabalham nas esteiras às terças. Novalala, Moralelo, (HL15); Está cheio para feiras. Quase ... o distrito (do Alto-Molocué) mesmo fez uma planificação de feiras de modo a que cada localidade ou posto tem feiras. Por exemplo, aqui tem, para quem vai lá lá há uma feira, que é tipo mercado. Aqui mesmo na sede tem tantos mercados: o mercado central, há também o 7 de junho (?), mercado muito frequentado, e indo pela periferia, há no Muthala, há uma boa feira que funciona nos sábados, e no Mataliwa há outra que só funciona nas sextas feiras. Indo para Mocuba, no Inbawane, há uma feira, essa à terça-feira, a de Mutuasse é na quinta-feira, e há uma lá no Maculini, no Nivava bem à frente, nas quinta-feiras. Mas são muitas. Também em Nauela há muitas feiras. (HL16); Quando é o dia da feira fica muito cheio. Cada feira tem o seu dia, é para permitir que os que vendem andem de feira em feira. Há feiras todos os dias da semana, segunda, terça, quarta, há sempre feiras, de acordo com o plano. E por isso há todos os dias aqueles carros (a recolher as pessoas), levam mercadoria. Quando sabem, hoje é lá, levam para lá, mudam no dia seguinte é para (outro sítio) conforme os dias, assim andam com os produtos comerciais. (HL16); Mercados e feiras (produtos muito locais ou artesanato, ou as mais importantes da província): tem notado muito nesta parte norte da Zambézia. Fala concretamente do distrito de Ile, onde já passou, Molocué e também parte do Gilé, eles também têm essa parte de mercados e feiras, também atraindo. (HL17); Feiras diversificadas. Um dos mercados mais antigos do distrito é também o que tem mais gente na vila. E a feira de 3 de fevereiro situada a norte da vila, é uma das feiras mais antigas, que agora já é um mercado. E que contem muita história do distrito, criada no tempo colonial. Até hoje a feira foi reabilitada, com muita informação colonial e moderna. Há aquelas bancas antigas que até hoje são reabilitadas. É a feira mais antiga do distrito (HL18); A feira da FAI (Feira...). Mercados e feiras é um bocadinho complexo falar sobre essa componente, por causa da natureza das feiras. Tem, tem realmente. Aqui em Quelimane temos a FAI, temos o mercado central (que é o maior), o mercado de peixe (Chabeco, junto à piscina?); junto à piscina fazem feiras de outro tipo, com o evento, a exposição, em que se apresentam vários produtos, vários distritos, várias empresas, uma mostra de um pouco de tudo o que há na província em termos de serviços. (HL25); Mas nós precisamos realmente de feiras permanentes. Isto ainda não se desenvolveu um programa, mas existe planos no sentido de organizar feiras permanentes e vende -se um bocadinho de tudo, divulga-se as potencialidades, gastronómicas e artesanais, há um trabalho que precisa de ser feito para termos feiras em datas permanentes, é um desafio que temos. Todas as ocasiões de eventos, nós sempre tivemos feiras: festival de Zalala, dia mundial do turismo também, onde convidamos esses grupos para fazerem as suas vendas e divulgações dos produtos nessas feiras. (HL25); a natureza da cidade de Quelimane, para começar não tem aquele hábito de criar espaços propícios, certos para feiras. Esse termo de feira é uma expressão muito ampla. Para eles é um bocado estranho falar de feira. Mercado está bom, mercado aqui nem que são muitos. Porque aqui criou-se o hábito de procurar um espaço, as pessoas sentam lá e vendem os seus produtos, aquilo que se chama de mercado é a troca de produtos. Então aqui tem mercado central, mercado do lixo, aqui ao lado, na avenida Eduardo Mondlane, perto de umas padarias. O mercado central é próximo do centro da cidade e onde se vendem as coisas de melhor qualidade. Tem um outro mercado, menos importante, com um edifício onde as pessoas vendem as coisas. Tem o mercado do Akima, no lado do bairro 1º de maio, atrás da esquadra em frente da igreja da sagrada família. Ao fundo tem umas escadas e está lá o mercado. Os mercados são assim, a uma distância curta entre si. Tem também aqui o mercado Brandão, nome típico cá do bairro. Tem mercado do FAI, esse é especificamente mercado, só de venda de roupa, a caminho do aeroporto. Tem mercado do Chabeco, só vende peixe, próximo do aeroporto. Estes são os mais importantes. (HL26); Costumam fazer quando existem eventos, tipo dia da cidade, quando há alguma comemoração, há algumas feiras. Em Nicoadala, em Quelimane, mesmo Maquivala. As feiras são de gastronomia, artesanato, cultura local, bebidas, danças. Coisas assim típicas do povo zambeziano. (HL27); Em Quelimane podem-se encontrar mercados locais (HL28); Mercado Brandão está continuando por esta avenida (onde está a casa dos padres), passando pelo bar Lisboa, em direção à cidade, onde está o semáforo. (HL28); Mercado Central, em direção à cidade, antes de chegar ao semáforo. (HL28); Mercado do Lixo é o que está ao lado da casa dos padres. (HL28); As feiras estão fora da cidade (HL28); Feiras do Gurué, pode-se encontrar antes de chegar à vila, uma feira que se chama de Incize, e que funciona aos sábados. Depois uma feira antes do Incize, que trabalha nas quintas-feiras, que se chama feira de Mussatoro, palavra local para administrador. Feira de Lioma, um posto administrativo do distrito do Gurué. Feira na Marama, fora da cidade, e que quer dizer bochecha, porque houve uma altura de má nutrição e as pessoas ficavam cheias de bochechas grandes. (HL28); Mercados: depois da produção vendem algumas partes. Além do excedente que resta para o consumo, algumas partes vendem. E por essa razão, há três distritos que são considerados celeiros da Zambézia, que é Gurué, Milange e Molocué. Muito mais o Gurué. Quando lá não houver produção, toda a Zambézia está com fome. (HL28); São um fenómeno que surgiu depois da guerra. Há um mercado que está a 60, no redor da casa dos seus pais. É uma feira grandíssima. Logo depois da guerra funcionava aos domingos. Aos domingos os líderes comunitários, os padres e os pastores de todas as Igrejas viram que muita gente, e sobretudo a juventude, não ia à igreja por causa da feira. Então mudou para os sábados. De facto fica muito cheio, é muito concorrido. Funciona todos os sábados, feira popular, vende-se de tudo, e muita gente. A partir de junho, julho, agosto, no tempo em que não há chuvas, das 4h às 16h. Chegam de transporte vendedores do Molocué, Malema e Gurué. Depois circulam: aos sábados é no Cormano, aos domingos vão noutro lugar. Então praticamente toda a semana andam de feira em feira, dentro do distrito de Molocué. (HL29); Há um único mercado de grande dimensão, o mercado central. Depois existem as feiras: mercados periódicos, onde se fazem as compras do dia a dia, aproveita-se para vender aí os produtos manufaturados, etc. Há pelo menos uma por dia. Há muitas feiras: Lioma, Ruasse, Magige, Massise, Motuba, Macuharu, e outras, tem muitas. Estas são localidades, não são bairros. (HL31); Quase todas as localidades têm

		feiras semanais. Produtos agrícolas principalmente, que acha que não é atrativo para os turistas, só para consumo, ainda que chame gente de fora por isso mesmo. Mas não há venda de artesanato. Só se for para ver a realidade local e quotidiana. (HL32); na Ilha de Moçambique acontecem duas feiras. A ilha está dividida entre a zona insular e continental. Nas segundas e quintas-feiras há feira zona insular e aos domingos na zona continental. São feiras comuns, onde se pode encontrar um pouco de tudo. Tem agricultura, artesanato, gastronomia (típica da Ilha) (HL35)
Experiência gastronómica, Pratos e Bebidas típicas na província de Nampula		Folha de batata-doce com chima (farinha cozinhada com água sem temperos) de milho (um prato que pode existir nos restaurantes) (HL1); Arroz e frango tocossado (sem pôr muito óleo, com tomate, cebola,...) (HL1); Matapa é com as folhas, tempero, amendoim, etc. Ela reforça que os turistas não vão muito nesses pratos, mas que têm interesse em conhecer. (HL1); Mandioca (que usa-se também a planta em si para a matapa, a mandioca em si come-se de várias formas, semelhante a batata, e faz-se farinha) (HL1); é muito difícil ter esta gastronomia, o que deriva da cultura local (HL4); Matapa de mandioca com chima de caracata (mandioca seca que dá uma chima preta), mais para os macuas (HL4); Mais no litoral pode-se encontrar peixe água e sal e chima de mandioca (HL4); A cultura dos Angochianos é diferente: eles já não usam tanto a matapa de mandioca, mas o peixe com o molho de coco (HL4); Na província e no país, porque o que pode ser consumido numa província pode ser consumido noutra por causa da diversidade cultural e dos intercâmbios. (HL5); Há bastante matapa e folhas de mandioca, frango à zambeziana, peixe frito não, porque é universal. Tem muitos tipos de matapa, mas a que identifica a nossa província é a matapa de folhas de mandioca, é muito consumido particularmente aqui em Nampula. O resto é frango, dependendo do jeito como se prepara. É lógico que tem as suas preferências, aprendeu a gostar de certas coisas. (HL5); Caracata (chima com farinha de mandioca) com caril tocossado (galinha água e sal, manga, etc) (HL6); caril de amendoim, de coco (HL6); arroz de coco, arroz em Nampula não se faz sem coco (HL6); sanana ou mucate – bolo de arroz e doce de banana feito de coco e de batata-doce também, de coco, abóbora, todos os doces daqui levam coco (HL6); Chima (farinha de milho) (HL7); na zona costeira fala-se mais de caracata e tocossado. A caracata é feita com mandioca (que vem do Brasil, originalmente, e que se foi espalhando por esta parte de África, principalmente na zona costeira) e tocossado, sobretudo de galinha macua, que é uma galinha diferente da que vem afluindo à cidade; uma galinha de diferentes cores, não é branca como a outra. O resto já vem de fora, são coisas patentes noutros lados (HL7); Tocossado (caril água e sal – o mais comum é de peixe, tomate e sal, acompanhado de chima), caracata (massa preta de farinha de mandioca) também sempre acompanhado. E frango cafral que é diferente do frango que veio importado de outros países - Galinhas macuas, com uma forma diferente, colorida ou preta. A carne é mais dura e o osso também é. Em Nampula come-se mais essa galinha ou peixe, sempre acompanhado de chima ou caracata. (HL8); Enquanto que no interior, na zona montanhosa, é mais chima com frango tocossado, como na província de Nampula. (HL9); Na Ilha de Moçambique: tocossado de peixe, arroz de oloco (feijão sorgo, aquele verde). (HL35)
Experiência gastronómica, Pratos e Bebidas típicas no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)		Massa macangada/mandioca com verdura/matapa das folhas de mandioca. (HL13); chima de mandioca (HL14); chima de milho (HL14); chima de mapira (HL14); Matapa (HL15); folhas de quiabo (HL15); Verdura, folhas de mandioca, folhas de abóbora, couves (HL15); Cogumelos (HL15); Mocuane (HL15); caracóis (HL15); chima de mandioca (HL15, HL18); chima com feijão manteiga (HL16); galinha (HL16); verdura de mandioca com amendoim (HL16); cabanga (farelo de milho) (HL18); sura (coqueiro) (HL18); oteca (mapira e farinha de mandioca) (HL18); vinho de cana (HL18)
Experiência gastronómica, Pratos e Bebidas típicas no distrito de Alto-Molocué (descrição)		Massa macangada/mandioca com verdura/matapa das folhas de mandioca. Preparam a massa pilando para a chima e com as folhas fazem caril. (HL13); Matapa, folhas de quiabo (é o prato mesmo típico desta região nestes tempos de crise), verdura, folhas de mandioca, folhas de abóbora, couves. Essas folhas de quiabo são cozinhadas com sal-gema ou soda e uma espécie de cinza criada pelo apodrecimento da mandioca que é depois queimada e coada, de onde sai água de cinza. Essa água serve para cozinhar as folhas de quiabo, e também de mandioca. A esse preparado junta-se coco, camarão, tomate, ... numa casa em tempo de crise dá um caril muito bom. Também se comem cogumelos, que as pessoas já sabem selecionar. Para além desses Mocuane e das folhas de abóbora, utilizam também caracóis como prato típico. Por exemplo, há pessoas que preferem trocar metade do milho por caracóis. É um prato preferido. Aqui são os caracóis grandes, não o pequeno. Os pequenos comem-se no litoral. Depende da região. Também chima. Existe de farinha de milho e de mandioca. Chima de mandioca é o prato mais preferido, com qualquer tipo de caril: caracóis, verduras, ... e gostam muito desse tipo de chima. (HL15); aqui o prato típico, seja no restaurante, seja na vida familiar, é mais chima com feijão, feijão manteiga. Quando a gente tem pequena visão, não é. (HL16); Mas o que mais se come também é como criação são galinhas, há muitas galinhas. Então quando numa família há festa, por exemplo, aí, para dar sinal de festa, mata-se uma galinha e acompanha-se com arroz ou produzido na machamba, ou compra na loja. (HL6); Depois também se consome a verdura com amendoim, mas isso não é muito frequente. A verdura de mandioca, bem pilada, preparada, com amendoim, esse também é um prato aqui apreciado. Digamos, há este tipo de folhas, essa verdura de mandioca, de abóbora, de nhewé. Então, a família normal consome esse tipo de verduras, mas cada família tem a sua arte de preparar de modo a que sejam apetitosos esses pratos. (HL16); Massa de mandioca, a farinha de mandioca. Descasca-se a mandioca, seca-se e depois moe-se e produz-se a farinha. Daí faz-se a chima. As bebidas tradicionais: cabanga feita de farelo de milho, e depois tem a sura, vem do coqueiro e a oteca, feita da mapira e farinha de mandioca. São as bebidas do distrito. Tem ainda o vinho de cana. (HL18)
Experiência gastronómica, Pratos e Bebidas típicas no distrito de Quelimane e província da Zambézia (unidades de registo)		Verdura de mandioca com coco e papaia (HL9); matapa de folhas de mandioca com água de lenho e coco (HL10); peixe que chamam de todo mas é caracol de pequeno (HL10); Mandioca seca (magagada) com coco (HL10); Uma excelente gastronomia zambeziana (HL25); caranguejo (HL26, HL27); amêijoia (HL10, HL26); frango à Zambeziana (HL9, HL10, HL27, HL28); mucuane de mandioca (HL27); mucapata (HL9, HL10, HL26, HL27, HL28); Massa de farinha de mandioca, acompanhada por verduras, de mandioca, de aboboreira, de feijão nhemba, e às vezes com carne de galinha preparada muito tradicional (HL17); todué (HL27); que são umas coisinhas muito pequeninas que os outros chamam de caracol pequeno, muito bom (HL27); majembe (HL27); a massa de mandioca (HL27); o molho de tomate (HL27); oteca (HL17); cabanga (HL17, HL26, HL27); cachaço (HL17, HL26, HL27); sura (HL17, HL26, HL27, HL28); muchekele (HL17); o fator de termos uma excelente gastronomia zambeziana (HL25);
Experiência gastronómica, Pratos e Bebidas típicas no distrito de Quelimane e província da Zambézia (descrição)		Mucapata (prato de feijão verde pequeno – feijão oloco – com arroz, molho de coco) acompanhado com frango à Zambeziana (grelhado e quando se grelha esfrega-se com manteiga ou com o mesmo molho com que temperaram, e misturado com molho de coco). Existem outros, como verdura de mandioca com coco e papaia, mas aqueles são os mais tradicionais. (HL9); Mucapata e galinha à Zambeziana é mais costeira sul.(HL9); Enquanto que no interior, na zona montanhosa, é mais chima com frango tocossado, como na província de Nampula. (HL9); mucapata (feijão buere em que se abre a parte de fora e tira-se de lá de dentro, depois poe a ferver na água) que pode acompanhar o frango, matapa de folhas mandioca, por ser zona de palmares tem água de lenho e coco, peixe tradicional de lá que chama de todo, mas é caracol pequeno, amêijoia (por ser no litoral). (HL10); Comida tradicional é a que mais os locais preferem. Não sabe para os turistas. Quando os locais estão perante ela, é um ato em que temos de merecer respeito. Fala da comida que conhece e usa mais tradicionalmente é a massa, a farinha de mandioca. Seca-se e pila-se e faz-se uma massa só daquela. Para eles, acompanhados

			<p>por verduras, de mandioca, de aboboreira, de feijão nhemba, e às vezes com carne de galinha preparada muito tradicional, são das mais valia e dá para provar mesmo. (HL17); Bebidas: vários tipos. Cabanga, sura, cachaço e oteca. Sura é feita de coqueiro. Quando está a florir, eles amarram forte as flores de modo a não terem fruto, cortam e lá num recipiente todas as manhãs eles vão colher. Em média num coqueiro pode-se colher de 1,5 a 5 litros de sura. E quando é período da manhã, é boa, é doce, é nutritiva. Mas quando o sol vai subindo, já passa a ser uma bebida alcoólica. Principalmente no verão, que se pode tomar das 4h às 5, 6, 7h. mas a partir das 8, 9h já não é aconselhável a tomar por aqueles que não bebem qualquer tipo de bebida alcoólica, porque vai embriagar. Cabanga é feita a partir de farelo de milho. Na forma tradicional, pega-se no milho, vai-se a uma moageira ou até pilão tradicional, pila-se, extrai-se os farelos, pondo de lado o milho. Mergulha-se o farelo em água durante dois, três dias, depende, para poder apodrecer um pouco. Ao apodrecer poe-se nas panelas maiores possíveis e põe-se ao lume. Normalmente a cozedura tem de demorar mais de acima de 8h, para uma boa bebida, para cozer bem aquele farelo e evitar questões de diarreias ou outras doenças. Depois de cozido, tira-se e deixa-se arrefecer. Mais tarde as senhoras pegam, que são as próprias que fazem a bebida, vão, juntam um pouco de água, e vai espremendo. Enquanto espremem, vão selecionando a parte de farelo que não presta e a parte que segue com a água. Vai sob a forma de tapas. E é conservada num recipiente próprio de fabrico tradicional que chama aqui de cantaros, panelas de barro muito grandes. Deixa-se lá um dia, depois de pôr um pouco de açúcar. Quando se coloca o açúcar, qualquer um se pode servir, porque não embriaga ninguém. Mas depois de ficar um dia pelo menos lá, aquele açúcar passa a fermentar, e aí já está boa para tomar e embriagar, alegrar a pessoa. Antigamente era principalmente usado para questões de cerimónias tradicionais, festas, e se alguém tem uma machamba e quer construir a sua casa, convidava as pessoas depois de tudo, passavam a tomar e iam embora. Mas agora já passou a vender-se, já se faz para venda. E existe uma outra bebida que ele pode provar no Gilé, onde está a trabalhar. Chama-se tradicionalmente muchekele, e é feita a partir do sumo do caju. Depois de pilar, acabam de espremer, tira-se o sulo (???), deixa-se num recipiente. Se for para dar à criança para tomar, pode-se dar naquela hora. Mas se for para embriagar, tiram e vão pôr numa cabaça própria, tapa-se e um dia depois já está a fermentar. (HL17); Quando se fala de Quelimane e da Zambézia a primeira coisa que se fala é de mucapata. É um prato típico da Zambézia, só se faz aqui. É uma mistura de batata-doce e folhas de mandioca, pilam e fervem por muito tempo, senão fica o gosto da folha, tem de deixar de ser folha para ficar assim... Fazem com leite de coco, que chamam de canja, o líquido do coco. Fazem com camarão e misturam batata. É uma coisa típica só da cidade de Quelimane.(HL26); Bebidas típicas tem aquilo que no Brasil chamam de caipirinha, aqui chama-se de cachaço. É uma bebida típica de aqui, fazem com cana doce. Fazem pedaços pequenos e fervem. Primeiro fazem a fermentação e depois poem açúcar e água e deixam fermentar. E depois fervem para que liberte o gás, o álcool, e sai o álcool puro. Com muito mais facilidade que as outras bebidas. (HL26); Também têm a sura, é uma bebida que sai do coqueiro. Cortam a ponta do coqueiro quando está a tirar as primeiras folhas e depois amarram e poem uma garrafa, tiram como seiva. Eles conservam aquilo por um tempo e deixam fermentar. (HL26); Há também a cabanga, com farelo do milho. Pilam o milho para que saia aquela estrutura de fora do milho, que faz o milho ser escorregadio. Depois de pilar separam com peneira. Separam o col (?) e juntam açúcar para fermentar, fervem e depois coam, e depois o líquido, deixam as cascas juntamente com o líquido. É também uma bebida típica somente da Zambézia. (HL26); Aqui tem dois tipos, tem tradicional e tem essa industrial, mais mecanizada. Essa industrial está mais ligada a exportação de peixe que os locais não comem: camarão, garoupa, aquele peixe mais grande que aparece na mesa do restaurante é da pesca industrial. (...) E a tradicional é praticada mais para a região costeira. (...) Ate tiram peixinhos bem pequenos, que nem estavam na fase da reprodução, mas fazer o quê, é para alimentação. E também tem uma coisa engraçada, ameijoa, aquelas coisinhas aí que vêm. Tiram também nas praias, e procuram na areia. Também procuram na areia o caranguejo. O caranguejo por incrível que pareça morde, tira dedo. Então eles fazem com um pauzinho, mete na casinha do caranguejo e na altura em que ele morde o pauzinho, eles tiram e ele sai inteirinho. Pegam na parte do braço que morde e tiram. Também é um prato típico daqui, o caranguejo. (HL26); Todué, que são umas coisinhas muito pequeninas que os outros chamam de caracol pequeno, muito bom (HL27); sura que vem do coqueiro e vem mais dessa zona da Madal e Duval (???) (HL27); A bebida é sura, extraída do coqueiro (HL28); Prato típico que se encontra lá é mucapata (mucapata), todo (?), galinha à Zambeziana. (HL28)</p>
	<p>Experiência gastronómica, Pratos e Bebidas típicas na localidade de Milevane (unidades de registo)</p>		<p>Massa ou polenta e feijão, vários tipos de feijão (HL29); E uma vez ou outra galinha (HL29); Ou uma vez ou outra caça (HL29); tipicamente são as verduras (HL29); dependendo da época por exemplo, esse tempo é de consumo de muito feijão-verde. Cada feijão tem o seu tempo (HL29); arroz usado ao nível popular sobretudo nos dias de festa, enquanto o produto típico é massa. (HL29); Bebidas locais feitas a partir dos produtos típicos (HL29); cachaça de cana ou cachaço (HL29); bebidas locais de milho ou mapira (HL29); Doces ou mesmo alcoólicas (HL29)</p>
	<p>Experiência gastronómica, Pratos e Bebidas típicas na localidade de Milevane (descrição)</p>		<p>O povo de Nauela consome massa ou polenta e feijão, vários tipos de feijão. E uma vez ou outra galinha, porque todas as famílias criam galinhas. Ou uma vez ou outra caça no tempo das queimadas. Mas tipicamente são as verduras, dependendo da época por exemplo, esse tempo é de consumo de muito feijão-verde. Cada feijão tem o seu tempo. Massa é de milho ou de mapira, um cereal local. Um pouco de arroz, arroz usado ao nível popular sobretudo nos dias de festa, enquanto o produto típico é massa. (HL29); Há umas bebidas locais feitas a partir desses produtos típicos, como o milho. Vende-se nessas feiras e também muita cerveja. Há cachaça de cana, ou cachaço, e umas bebidas locais de milho ou mapira. Doces ou mesmo alcoólicas. Não há grande variedade. A cerveja entre a população pensa que entrou pouco, mais em tempos de festa e pessoas com poder de compra. A população não recorre à cerveja. Mas às bebidas locais, sim, encontra-se e partilha-se nas festas. (HL29)</p>
	<p>Experiência gastronómica, Pratos e Bebidas típicas no distrito do Gurué (unidades de registo)</p>		<p>Repolho e feijão nhemba, boere ou manteiga. (HL28); ratos (HL28); Peixe seco e verduras (HL31); O que se serve nos restaurantes é o frango, arroz refogado, chima, galinha cozida, por vezes peixe frito, que não são pratos típicos (HL31); Mas o que é mesmo típico não é servido, por causa da mistura de povos, que querem outras coisas (HL31); mais consumidas as bebidas industriais (HL31); o cachaço (HL28, HL31); cabanga (HL31); oteca (HL28, HL31); Pratos típicos locais pode haver, mas não são reconhecidos (HL32); mucapata (HL32), galinha à Zambeziana (HL32); receitas não há nada (HL32?)</p>
	<p>Experiência gastronómica, Pratos e Bebidas típicas no distrito do Gurué (descrição)</p>		<p>Lá (no Gurué e nos restaurantes?) consome-se repolho e também feijão nhemba, boere ou manteiga. Teoricamente é um prato típico. As pessoas vão nas matas e caçam ratos. Porque há aquele com o prato típico do distrito. (HL28); Também tem a bebida típica, o cachaço, e a oteca. São mesmo típicas de lá. (HL28); O que se serve, por exemplo, no mercado central, não são pratos típicos. Típico é o peixe seco (por estarmos no interior) e verduras. Mas o que se serve nos restaurantes é o frango, arroz refogado, chima, galinha cozida, por vezes peixe frito. Mas o que é mesmo típico não é servido, por causa da mistura de povos, que querem outras coisas. A bebida típica tende a desaparecer com as indústrias de cerveja engarrafada importada de Maputo e Nampula. O que é típico daqui são as bebidas destiladas de cana-de-açúcar, mas que vão perdendo valor porque vão aparecendo industrializadas a preços baixos e teor de álcool elevado ("engrossam-se rápido"), e as pessoas preferem. Mas continua-se a beber nalguns bairros o cachaço, que é a bebida típica do Gurué. Também temos a cabanga (continua-se a tomar, mas é mais nos dias de cerimónia, funerais) e a oteca (fermentada de farelo de milho ou mapira), também continua mas também se está a perder muito porque eram povos de Namarrói que fomentavam o seu consumo. (ficou assim) (HL31); Pratos típicos pode haver, mas não são reconhecidos. Mas a nível da província sim. Temos a mucapata (Quelimane), galinha à Zambeziana, mas não é no distrito do Gurué. (HL32)</p>

	Povoações / localidades típicas no distrito de Nampula (unidades de registo)	Anchilo (HL1); Nairucu (HL1); aldeias da província como Natala no distrito de Mecuburi (HL4); distrito de Angoche (HL6, HL11); distrito da Ilha de Moçambique (HL5, HL6, HL11); distrito de Moma (HL6, HL11); distrito de Nacala-Porto (HL5, HL6, HL11); Alguns bairros da cidade (HL7); As aldeias no distrito, com as casas de palha com matope (HL8); Chocas (HL5, HL11); Murrupula (HL11); Iapala (Ribaué) (HL11); Musse ou Mussa ou Riani (HL11); Quirim, (?) (HL11); Alua (HL11); Lalaua (HL11); Nacavala (HL11); Monapo (HL11); Mecuburi (HL11); Nampula e arredores (HL11); O caminho de Nampula a Cuamba (HL11); Panorama antes de atravessar o rio Lúrio para entrar na província de Cabo Delgado (HL11);
	Povoações / localidades típicas no distrito de Nampula (descrição)	No Anchilo em si a vida é um pouco difícil porque estão longe da cidade para poderem comprar coisas, têm mais dificuldades. E vivem então um pouco como era antes? Não, porque está em vias de desenvolvimento. E lugares menos desenvolvidos, mais tradicionais, mais como era antes? Utilizando as panelas de barro, etc... Lá também utilizam, mas já não é toda a gente. Encontra-se uma ou duas famílias que usam panelas de barro, lume, lenha e tijolos e assim. (HL1); Procuram mais ver aquelas coisas mais antigas. Por exemplo em Nairucu também, é um sítio onde as pessoas vão para perceber se a vida dos nossos avós se existe ainda ou não. O que se vive lá é diferente de na cidade. Lá ainda existe aquela cultura antiga. Se eu tenho duas panelas dessas modernas prefiro não usar, prefiro usar aquelas dos meus avós porque sei usar melhor. Também os turistas gostam de ver como se cozinha naquelas panelas, se faz a massa de mandioca, etc. (HL1); Aldeias de Nampula como Natala no distrito de Mecuburi (onde se encontra a dança de serripuit, que já faz parte da maneira de ser. Aldeia fica a 90 a 120 km na direção da faina, mais para o interior da província) (HL4); Lugares mais conservadores da cultura... Ilha de Moçambique, é o ponto forte que têm, acha que por ser um sítio que os colonizadores deles chegaram, foi o primeiro porto onde chegaram e acha que foi a razão pela qual marcou tanto para os colonizadores como para eles (os colonizados). Podem existir outras, mas a Ilha está em primeiro lugar. (HL5); Sítios mais tradicionais, mais macua: A Ilha de Moçambique, Pemba. Primeiro, geralmente tem sítios, ou lugares, ou aldeias aqui no Norte, no litoral que constituem atrativos turísticos. De todos esses sítios acha que a Ilha marca a diferença. Depois de Ilha pode vir Pemba, Nacala e para os de Nampula, por não terem uma praia a poucos quilómetros, faz com que, sempre que queiram ir dar um mergulho, se desmarquem para esse tipo de sítios. Como em todo e qualquer lugar do mundo, basta ter praia para ser conservado. É um sítio que uma vez por ano, muitas vezes, mas uma vez por ano existe uma data em que as pessoas lá se encontram. Tem também recordando Chocas Mar, Nacala, por causa de portos e navios e quem é daqui para ver esse tipo de transporte só quando se deslocam e no porto de Nacala é um sítio onde se pode encontrar barcos grandes. Para eles, nem precisa de subir, só ver de longe e saber que aquilo está por cima da água, a pessoa emocionasse. Tem pessoa de Nampula, não é longe, Nacala está a 200 km, Pemba, Chocas mar quase à mesma distância, Ilha de Moçambique, Pemba mais longe mas a 300, 400 km, e tem pessoas que até agora não viram esse tio de coisa, praias e navios. Então sempre mesmo ele quando vai a esses sítios, não vai sempre mas quando vai fica emocionado. Por ser uma coisa que não se repara todos os dias. Sente-se emocionado, sempre com aquela vontade de estar ali a reparar, ir com uma câmara e tirar fotos, para vir mostrar em casa a pessoas que nunca viram, ou se viram não foi do jeito que viram. (HL5); distrito de Angoche, Ilha, Moma, Nacala-Porto. São distritos com uma rigorosa tradição (HL6); A cidade é composta por 7 bairros, 7 postos administrativos urbanos: Muhala, Natiquiri, etc. Dentro dos bairros fala-se mais de Namicopo, na zona norte da cidade, e é um dos mais povoados. De seguida vem o de Namutequeliua, um dos mais históricos e dos mais próximos do centro. Acredita que são os mais conhecidos, mas admite que há parcialidade, e que ele até é do último bairro. Para além disso fala-se mais daquele bairro, por ser vasto, antigo e muito próximo da cidade em si. Toda a cidade encontra-se em expansão. Há um bairro denominado Rex, como quem vai para Nacala, que surgiu há pouco tempo e que está num momento de expansão considerável. Fala-se de Muhala expansão, um dos mais urbanizados e que apresenta construções de raiz. São estes os mais famosos. Os mais tradicionais: Namutequeliua, Muhahivire, Namicopo. Esses bairros tornaram-se famosos porque os portugueses criaram equipas de futebol nestes bairros: Benfica (Muhahivire, ainda hoje todos são adeptos) e Sporting (Namutequeliua, ainda hoje todos são adeptos). Antes dos portugueses aos elementos da equipa de Namutequeliua chamava-se de Namutecos; depois mudou para a identidade portuguesa, com as equipas portuguesas. (HL7); isso é mais fácil de encontrar nos distritos, em que encontramos aldeias com casas de palha com matope (massa de lama); as casas são mais ou menos iguais e cobertas de palha. Na cidade é difícil de encontrar (HL8); Incluiria sempre as pinturas rupestres, e também aqueles lugares sempre nomeados, como a Ilha, Chocas, Nacala (tem também as suas praias; pensa que se está a organizar um pouco do ponto de vista turístico), Murrupula (conhecida como local nascimento do Guebuza). Nampula também, com o cemitério velho onde estão sepultados muitos soldados da guerra da independência, a Academia Militar e o s arredores um pouco de Nampula, com montanhas, paisagem interessante. O caminho de Nampula a Cuamba, também caminho de ferro, é considerado um caminho panorâmico (e turístico), nos mapas "que marcam os caminhos", isto já desde o tempo colonial (porque as montanhas não mudaram). Angoche, Moma (onde se faz extração das Areias pesadas). Típico também parece o panorama antes de atravessar o rio Lúrio para entrar na província de Cabo Delgado. Paisagem interessante. (HL11); Aldeias mais tradicionais: é um pouco difícil falar de aldeias, ... talvez povoações. Porque aldeias, como <i>villages</i> típicos... aldeamento é típico da última fase colonial e da Frelimo. Meter casa ao longo da estrada, uma atrás da outra. Eles não tinham aldeamentos de gente reunida fisicamente em pouco espaço, mas sempre casas separadas. É verdade que e estas casas se sabia que fazia parte de um conjunto, mas aldeia espalhada e não como agora concentrada e murada... (HL11)
	Povoações / localidades típicas no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)	Casa da cultura (HL13); Do lado de Nauela (HL13); na área municipal só existe a vila, de resto temos localidades fora. (HL19); Quais os bairros mais interessantes: quase todos (HL21)
	Povoações / localidades típicas no distrito de Alto-Molocué (descrição)	[diz que há localidades mais tradicionais, mas também fala das casas destruídas no tempo das chuvas e da pobreza]. Mais tradicionais - fala da casa da cultura, onde as pessoas se costumam reunir para fazer coisas tradicionais. Essa casa é dentro da vila. (HL13); Aqui existem, mas estão longe, do lado de Nauela. Sempre que as pessoas vão lá a esses chefes pedir algo. Vão sempre com favores. Se querem construir algo aqui, têm de ir lá pedir, ver onde pode construir, antes de o fazer. (HL14); Localidades típicas... aqui na área municipal só existe uma única localidade, a da vila, de resto temos localidades fora. (HL19); Quais os bairros mais interessantes: quase todos. São 10 bairros no total e todo o município requer uma visita, para verificar onde pode haver coisas interessantes. O mais populoso é o 1 de maio. Mas tem um mais interessante, com coisas bonitas, o pista nova (é o bairro com a pista atual e a escola dos professores). E outro bonito é a zona de expansão, e já foi implementado um trabalho lá para que haja arruamento. (HL21)
	Povoações / localidades típicas no distrito de Quelimane e na província da Zambézia	Ile, Pebane (especificamente Naburi?) com culturas muito diferentes da cidade, são as mais tradicionais que vê, sem ter ido lá, vendo as pessoas que de lá saem (HL9); localidade de Bajone, localidade de Namunho, Madale, Chinde. Alguns já estão registados como distrito (HL10); Aqui, por causa de ser cidade, há mistura de pessoas, muitos vêm aqui para fazer vida, por questões financeiras ou de estudo. A maioria da população de Quelimane vem dos distritos, é raro ouvir dizer que alguém é natural daqui, que os avós cresceram aqui, a origem, a raiz é da cidade, é muito difícil. Para começar, a cidade de

		<p>Quelimane originou como se fosse porto, era de onde saíam os escravos, os antepassados, saíam a partir do porto. Os que sentavam para organizar isso acabavam criando a cidade. Vinha alguém para esse fim e acabava criando um espaço fixo para viver. É raro que alguém tipicamente de Quelimane. Pode ser daqui só por ter nascido aqui, mas os avós não são aqui. As culturas são mais do Norte, vem de lá para cá. A língua que se fala aqui é uma fusão de muitas outras línguas, o Chuabo. Por exemplo, o lomué, do Norte, com o Manhawa, e daí veio o Chuabo. É normal ver-se um bairro com várias línguas, e há muitas culturas diferentes entre si. Há multiculturalismo. Cada um manifesta a sua cultura, não há uma cultura única. Só se for o carnaval, é a única coisa cultural única de Quelimane. Aquelas culturas tipo Inhambano, que é um tipo de dança, são culturas que estão mais especificadas na região norte, só porque as pessoas vieram e se estabeleceram aqui não deixam de praticar, mas são típicas de fora, do Norte, não daqui. (HL26); Sim, existem. Se formos para Pebane, existem. Muito típico. Podemos encontrar lá senhoras de capulana, [...?51 min], maneira tradicional e moçambicana de vestir e tudo o mais, que podemos encontrar muito em Pebane. Mesmo em termos de dança, aquela maneira típica da costa, podemos encontrar lá. Agora em termos de folclore, de grupos folclóricos, nós podemos encontrar em Namarrói. Que tipo de grupos? A dança das cobras. Normalmente eles hipnotizam as cobras, são daquelas mesmo venenosas, e depois eles enrolam ao pescoço e começam a dançar. Dançam em eventos populares, e já participaram nos festivais de dança nacional. E um grupo específico que têm, e quando organizam o festival de Zalala, normalmente esse grupo aparece e é muito famoso pela sua característica única. São muitas, mas estão todas hipnotizadas, há um ritual a ser seguido antes de dançar (HL25); aqui na Zâmbia acha que Namarrói, porque tem a dança das cobras. Depois desse (...) até agora é valorizado. Tem, mas não sabe dizer (HL27)</p>
	Povoações / localidades típicas na localidade de Milevane	<p>Em Nauela, só os regulados. Os portugueses dividiram a localidade em regulados, então aquilo é que seria o típico, cada regulado com o seu povo. E hoje tentam restaurar. Mas locais típicos de grandes dimensões não há. A não ser aquele lugar, a sede do posto, e Mugema, o centro comercial. De resto talvez os postos de saúde, que consideram centros, e em Nauela existem 2 centros, um na sede e outro em Muhio, a 40 e tal km. (HL29); Há muita variedade de cultura. No próprio povo. Indo na comunidade como missão não, mas indo às comunidades, aos regulados, há de encontrar o típico da região: é a dança, a comida mais ou menos como já se falou em Nauela em geral. A dança pode diferenciar um pouco, mas não é grande coisa. Praticamente ao nível de Nauela temos a mesma cultura e o mesmo costume. (HL29)</p>
	Povoações / localidades típicas no distrito do Gurué (unidades de registo)	<p>Para o Gurué encontram-se localidades do distrito... está dividido em 4 postos administrativos, e cada tem as suas localidades. Postos administrativos do Lioma, Mepuaguiua, Gurué-sede e Uasse. Só pode falar de algumas localidades do posto administrativo onde estava, que era Mepuaguiua: curropande, Incize, morrube, Nipive, Nama... são localidades mais típicas? São localidades que estão fora da cidade (HL28); O bairro Serra, um bairro muito antigo que se estende até às montanhas, e se encontra gente nativa do Gurué (HL31); Outro bairro é o Contape, também são nativos do Gurué mas na sua maioria vindos do Lioma, um dos postos administrativos do Gurué (HL31); durante 16 anos houve guerra e a nível do distrito algumas localidades foram ocupadas pela RENAMO, e até 2005 eram localidades difíceis do governo entrar, colaboravam pouco com o governo (recolha dados, vacinação). Mas ultimamente já mudou, já se pode entrar, já há colaboração. Já podem recolher dados. (HL32); existia, mas as mudanças que o governo fez ao nível do poder, as populações perdem o sentido de tribo. (HL33)</p>
	Povoações / localidades típicas no distrito do Gurué (descrição)	<p>Para o Gurué encontram-se localidades do distrito... está dividido em 4 postos administrativos, e cada tem as suas localidades. Postos administrativos do Lioma, Mepuaguiua, Gurué-sede e Uasse. Só pode falar de algumas localidades do posto administrativo onde estava, que era Mepuaguiua: curropande, Incize, morrube, Nipive, Nama... são localidades mais típicas? São localidades que estão fora da cidade (HL28); O bairro Serra, um bairro muito antigo que se estende até às montanhas, e se encontra gente nativa do Gurué, e onde se pode contactar mais com a realidade local e com a cultura. Há uma dança chamada repeti que nos momentos de festa pode-se ouvir. Ele faz parte de uma família muito alargada implantada neste bairro. O avô veio de fora e fixou-se naquele bairro e era detentor de muitas terras de habitação e agricultura, então toda a família ficou ali. É uma referência, é uma família vasta com afinidades políticas e ligações em todo o distrito. Outro bairro é o Contape, também são nativos do Gurué mas na sua maioria vindos do Lioma, um dos postos administrativos do Gurué (são três: Lioma, Gurué sede e Mepuaguiua). É o primeiro posto mais desenvolvido, porque é economicamente forte, então muita gente de lá, pelo comércio, veio para a cidade e fixou-se nesse bairro. Também se pode ver um pouco de cultura típica local. (HL31); durante 16 anos houve guerra e a nível do distrito algumas localidades foram ocupadas pela RENAMO, e até 2005 eram localidades difíceis do governo entrar, colaboravam pouco com o governo (recolha dados, vacinação). Mas ultimamente já mudou, já se pode entrar, já há colaboração. Já podem recolher dados. (HL32); existia, mas as mudanças que o governo fez ao nível do poder, as populações perdem o sentido de tribo. Os programas do governo levam à perda da cultura do Gurué. O povo é obrigado a seguir o que o governo quer. (HL33)</p>
	Povoações / localidades típicas noutros pontos do país (unidades de registo)	Pemba (HL5)
	Povoações / localidades típicas noutros pontos do país (descrição)	<p>Depois de Ilha pode vir Pemba, Nacala e para os de Nampula, por não terem uma praia a poucos quilómetros, faz com que, sempre que queiram ir dar um mergulho, se desmarquem para esse tipo de sítios. Como em todo e qualquer lugar do mundo, basta ter praia para ser conservado. É um sítio que uma vez por ano, muitas vezes, mas uma vez por ano existe uma data em que as pessoas lá se encontram. Tem pessoa de Nampula, não é longe, Nacala está a 200 km, Pemba, Chocas mar quase à mesma distância, Ilha de Moçambique, Pemba mais longe mas a 300, 400 km, e tem pessoas que até agora não viram esse tipo de coisa, praias e navios. Então sempre mesmo ele quando vai a esses sítios, não vai sempre mas quando vai fica emocionado. Por ser uma coisa que não se repara todos os dias. Sente-se emocionado, sempre com aquela vontade de estar ali a reparar, ir com uma câmara e tirar fotos, para vir mostrar em casa a pessoas que nunca viram, ou se viram não foi do jeito que viram. (HL5)</p>
	Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais na província de Nampula (unidades de registo)	<p>Arroz (Nairucu) (HL1); arroz (HL4, HL5, HL6); Mandioca (HL1, HL4, HL5, HL6); feijão (HL5, HL6); feijão cuti (HL1, HL6); feijão manteiga (HL5); muitos tipos de feijão (HL5); milho (HL1, HL4, HL6, HL8); amendoim (HL4, HL6); batata-doce (HL4, HL5); algodão (mais comercial) (HL5); tomate (HL5); pimenta (HL5); alface (HL5); pepino (HL5); ervilha (HL6); caju (HL8); cabritos (HL1, HL4, HL6, HL8); suínos (HL1, HL5); galinhas (HL1, HL4, HL5, HL6); patos (HL1, HL4, HL6); vacas (HL4, HL5, HL6); peru (HL4); quenca (HL5); Gatos (HL5); cães (HL5); Os instrumentos usados, dependendo da condição do agricultor: a enxada, a catana, charrua, puxadas por animais ou por trator (HL5); A nível nacional a província de Nampula é considerado o celeiro de Moçambique; o distrito de Nampula e de Malema principalmente (HL6); não sabe quais são as culturas mais cultivadas nem os animais mais criados (HL7); a agricultura no distrito da Ilha de Moçambique faz-se na parte continental (HL35)</p>

	Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais na província de Nampula (descrição)	Batata-doce, mais raro (HL4); vacas, menos comuns, por serem mais caras (HL4); peru, mais raro (HL4); Cria-se mais a galinha, o pato, aqueles animais de fácil aquisição (HL4); Primeiro vai em função daquilo que consomem em termos de alimentos. Disse antes matapa de mandioca, depois a prática agrícola de algodão, que tem sido mais para a parte comercial. Quem pratica agricultura para consumo aliás, quem vai para a machamba para plantar mandioca, para consumir, há quem vai para a machamba cultivar algodão e vender, é mais consumido. Mas também têm arroz, não muito, não em grandes quantidades. Tomate, pimenta, uma série de diversidade. Tem batata também, doce, como aquela rein??. Alfaca, pepino, feijão, feijão manteiga, muitos tipos de feijão, mas o manteiga é muito cultivado e consumido. Acha que se tem muita aderência é porque é sinónimo de muito cultivar. Acha que são esses, sem querer limitar, porque o clima que se vêem em Moçambique favorece muito ao cultivo. Mas são esses, e muito mais, mas não vem à cabeça. E normalmente são plantados naqueles pequenos terrenos que as pessoas têm, as machambas. (HL5); Os instrumentos usados: Tem aqueles instrumentos que... a enxada, dependendo da condição do agricultor, a catana, charrua é para quem tem poder financeiro, que são puxadas por animais ou por trator, dependendo da condição financeira. Mas a maior parte dos agricultores neste país usa enxada mesmo, porque, independentemente de usar charrua, eles usam também enxada, a charrua não faz udo, e há sítios onde tem de usar catana, para cortar certos arbustos ou algo que não esteja bem naquele sítio, e depois deve usar enxada. (HL5); vai em função daquilo que se consome. Tem animais que podem ser criados no quintal de casa, tem animais que pela dimensão que não podem ficar no quintal, com o exemplo da vaca e do suíno, que dificilmente ficam no quintal, e se o fazem é por não terem um sítio que pode desalojar ou isolar do convívio familiar, mas em casa mesmo é criado galinhas, quenca, cachorros, há também quem cria gado. Todos aqueles animais que aqui e em todo o sítio são criados ou vivem ao lado do Homem. Aqui não muda nada. Galinhas, gatos, cães, é isso. (HL5); galinhas que chamam de macuas (HL6); Em África a agricultura tradicional é a atividade mais praticada, o motor de desenvolvimento, sobretudo na Austral. Nampula não foge a essa regra. E este tipo de agricultura é mais praticada pela família mais economicamente desfavorecida, e é preciso transporte para ir da cidade ao campo onde se pode produzir. É o que faz com que as pessoas não pratiquem pela população da cidade. (HL7); vive longe do meio rural, por isso não sabe quais são as culturas mais cultivadas nem os animais mais criados (HL7); a agricultura no distrito da Ilha de Moçambique faz-se na parte continental, porque a ilha não oferece condições para isso. O que se produz na parte continental consegue alimentar minimamente a parte insular. Existe alguma dificuldade porque a zona continental não oferece condições minimamente ótimas para a produção agrícola. Produz algumas coisas, como tomate e algumas hortícolas, mas não consegue responder às necessidades da ilha. Por isso muitos operadores turísticos compram os produtos em Nampula para abastecer os seus estabelecimentos. (HL35)
	Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)	Existem, há muitos campos agrícolas e sítios onde se pratica agricultura, onde naturalmente o turista pode vir para passear. Tem muita influência na região. (HL12); Coqueiros (HL13); laranjas (HL13); limoeiros (HL13) [costumo ouvir falar e ver, mas não está certo] (HL13); cajus (HL14); feijão manteiga (HL14, HL18); milho (HL14, HL15, HL18); arroz (HL14); mandioca (HL14, HL15, HL18); feijão buere (HL14, HL15, HL18); amendoim (HL15); feijão (HL15); mapira (HL15, HL18); feijão nhemba (HL15); feijão jogo (HL15); cana (HL18); bovino (HL14); patos (HL14, HL15, HL18); coelho (HL14, HL15); cabritos (HL14, HL15, HL18); ovelha (HL15); porco (HL15); galinhas (HL15, HL18); pombos (HL15, HL18); cães (HL18); gatos (HL18);
	Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais no distrito de Alto-Molocué (descrição)	Não está a ver. Cachoeiras? [confunde com cajoeiros] sim, existem cá. São plantados, no Gilé também. Agosto-Novembro é quando dão, são descascados, postos no pacto e vendidos na rua. E quedas de água? Não sabe. Depois diz que existem [acho que ele acha que são cajoeiros] em Mutala, Mulevala. Só. Em que rios é que passa? Tem o rio Molocué. Mas essas cachoeiras existem com água desse rio? Sim. (HL14); Quanto a técnicas, antes de lavar a terra, as pessoas deitam o primeiro lixo, deixam a secar e depois queimam para estrume. Só depois lavram a terra. Depois cada um faz de acordo com o produto que querem cultivar. amendoim, feijão, etc. também depende do terreno. Se for para mandioca é preciso fazer canteiros. Para feijão é só lavar e por a semente. Também depende de cada pessoa. Produtos: feijão, mapira, milho, mandioca, feijão boere, nhemba, jogo, depende da pessoa. Em suma, o que as pessoas gostam de plantar, os mais comuns, são amendoim, milho, feijão boere e mandioca. Animais: Coelho, ovelhas, cabritos, porco, galinhas, pombos, patos. Os animais praticamente todos ficam num sítio fechado e ao amanhecer abrem para se alimentar. E ficam assim. No caso de cabritos e bovino, eles poem uma pessoa específica para pastar. No caso da galinha, deixam-na andar livremente. Porque normalmente após 3 dias numa casa a galinha já se vai acostumar, ambientar. Ao anoitecer, ela dorme é naquela casa. (HL15); No distrito produz-se mais a mapira, a mandioca, o milho (apesar de não ser muito produzido, porque o clima daqui não combina com essa produção), o feijão -manteiga, o feijão-buere, a cana (isto e a mandioca são muito usados nas bebidas). É um dos melhores distritos na produção de mandioca e feijão-manteiga, pelo menos ao nível da província. Animais domésticos: os mais usados são os cães, para a caça. Os gatos. O cão ajuda em casa, mas o gato não sabe qual é o uso. Mas o pai dele criou o gato como se fosse um filho, brinca com as crianças, ... outro animal mais criado é o cabrito, criam para alimentação, comércio. O pato, a galinha, pombos. (HL18)
	Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais no distrito de Quelimane e na província da Zambézia (unidades de registo)	Varia entre a zona costeira sul, a zona costeira norte e o interior (HL9); arroz na zona costeira sul (HL9); mandioca na (zona) costeira norte (H9); milho e mapira no interior (HL9); batata (HL10); Morrumbala produz mais galinha (HL10); Gilé produz cabrito e galinha (HL10); uso da enxada de cabo curto (HL17); feijão (HL17); Porcos, cabritos, galinhas, e também alguns coelhos na zona alta da Zambézia (HL17); patos na zona baixa (HL17); Técnica do arrozal no bairro da cerâmica de Quelimane (HL25); arrozais em Maganja da Costa na localidade de Nante (HL25); milho em Milange e Gurué (HL25); chá no Gurué (HL25); arroz em Quelimane (HL10, HL26); amendoim (HL27, HL28); mandioca (HL10, HL17, HL27); batata-doce (HL10, HL27); feijão nhemba (HL27); apagura (HL27); Milho (HL10, HL17, HL28); mapira (HL10, HL28); feijão-boere (HL28); arroz (HL17, HL28); Mucuba e Ile mais porco. (HL9); Milange tem mais vaca. (HL9); Cabritos mais na zona costeira sul. (HL9); Galinhas, patos mais na zona das montanhas. (HL9); Na parte costeira sul o pato-marreco, que dificilmente se encontra no interior; branco e que dá muitos ovos (HL9); bovinos (especialmente na zona alta da província) (HL25); caprinos (HL17, HL25, HL27, HL28); galinhas (HL10, HL26, HL27, HL28); patos (HL10, HL26, HL27); avestruzes (HL26); porcos (HL27); perus (HL27); cangas (galinhas do mato) (HL26, HL27); bois (HL26, HL28); há três distritos que são considerados celeiros da Zambézia, que é Gurué, Milange e Molocué. Muito mais o Gurué. Quando lá não houver produção, toda a Zambézia está com fome. (HL28)
	Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais no distrito de Quelimane e na província da Zambézia (descrição)	Varia. Na zona costeira sul cultiva-se mais o arroz, e consome-se mais arroz que chima. Enquanto costeira norte consome mais a farinha de mandioca, que cá se chama de caracata, e lá chama de caraca. No interior é mais farinha (chima) de milho e de mapira (parecido com milho, mas com grão mais pequeno). Mucapata e galinha à Zambeziana é mais costeira sul. Enquanto que no interior, na zona montanhosa, é mais chima com frango tocossado, como na província de Nampula. (HL9); Distrito (de Quelimane) conhecido pela produção de arroz. Também produzem mandioca, mapira, batata-doce, batata, milho. As mais essenciais que produzem em grande quantidade. Animais: normalmente só galinha e pato. Tem distritos com produção mais específica: Morrumbala produz mais galinha. Gilé produz cabrito e galinha. (HL10); Agricultura tradicional: é mais predominante para essa sua área. Estão mais habituados a usar a enxada de cabo curto. Depende das zonas. No sul litoral da Zambézia, onde predominam as planícies, no tempo do verão, usa-se para remover a terra. Já chegado ao inverno, tempo chuvoso, alguns fazem sementeiros nos lado de fora, nas pequenas subidas, para depois de crescer a planta do arroz poderem transplantar com ela. E por aqui já é usado para poder fazer canteiros para por outro tipo de cultura: mandioca, milho, feijões, de acordo com o projeto que a pessoa fez com a

		<p>sua machamba. (HL17); Animais que se criam por aqui: porcos, cabritos, galinhas. Na zona alta da Zambézia. Mas na zona baixa, para além desses que eu mencionei, pode-se ver lá patos. Na zona norte domestica-se também alguns coelhos, mas os mais predominantes são essas aves. Os porcos e cabritos também. Porque muitas zonas tiveram oportunidade de pedirem por empréstimo uma certa quantidade de cabritos para poder produzir. Depois de produzir dele próprio, passam para outra família. E assim como fazem, para poder multiplicar. (HL17); As técnicas são possíveis de ver na cerâmica, a 10 km da cidade. É possível ver a técnica do arrozal, como é que a população planta o arroz. Também se pode na Maganja da Costa, especificamente na localidade de Nante, onde há uma técnica diferente de plantação de arroz. Para as outras culturas, como a do milho, é possível ver em Milange e no Gurué, a técnica da colheita do chá, no Gurué. (HL25); a criação de gado é feita por privados. Há muitas quintas. As pessoas criam os seus gados nesses lugares. E há muito, especialmente na zona alta: Milange, Gurué, Mocuba, há muita criação de gado. Bovino, Caprino. (HL25); Apesar das pessoas virem para aqui não deixam de fazer as coisas como se fosse tradição. Fazer machamba na província é como se fosse tradição, ninguém deixa de fazer. Apesar de ter uma vida económica sustentada, não deixam de fazer machamba. Aproveitam a região menos povoada de Quelimane para fazer machamba. Principalmente o arroz, porque a primeira coisa que não há de faltar na mesa é arroz. Porque milho vem de uma região já distante. Este é um lugar perto do rio, propício para o arroz. Então a primeira cultura na cidade é arroz, é o que se faz mais. Animais de criação: aqui é raro criar animais, mas quem tem mais tempo faz as suas crias, ou seja, uns círculos, uns quadrados, uns espaços específicos para criar animais, e cria-se mais aves, patos, galinhas e até mais cangas. São galinhas do mato. Também avestruzes. E também alguns gados, como o bovino. Mas isso já é mais para o distrito, gado bovino, gado suíno, gado caprino. São coisas daqui, coisas da sua terra. (HL26); E em Quelimane, o que se produz muito é... por exemplo, aqui no Licuane, produz-se milho, amendoim, mapira, feijão-boere e muito mais arroz. É que sai em grande escala. (HL28); Em Quelimane até que se pode encontrar bois, alguns empresários têm isso. Depois tem cabritos e galinhas. (HL28); depois da produção vendem algumas partes. Além do excedente que resta para o consumo, algumas partes vendem. E por essa razão, há três distritos que são considerados celeiros da Zambézia, que é Gurué, Milange e Molocué. Muito mais o Gurué. Quando lá não houver produção, toda a Zambézia está com fome. (HL28)</p>
	Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais na localidade de Milevane (unidades de registo)	Há um cereal que quase já não se cultiva (HL29); milho (HL29, HL30); feijão manteiga (HL29); feijão boere (HL29); todo o tipo de feijão (HL29, HL30); mapira milho (HL29); mandioca (HL29); arroz (HL29); soja (HL30); geruselim (HL30); amendoim (HL30); galinha (HL29); porco (HL29); Cabritos (HL29); Coelhos (HL29); podia ser, têm o terreno e dá para tal (HL30)
	Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais na localidade de Milevane (descrição)	Quando se diz tradicional entende aquilo que era típico do povo, fala talvez há 50, 60 anos atrás, talvez quando era criança e hábitos que estão a desaparecer e alguns cereais que estão a desaparecer e que praticamente ninguém cultiva poucos cultivam. Ele lembra-se que a sua mãe lhe falava de um cereal que existia que está a desaparecer, só um ou outro cultiva. Agora, o que se cultiva hoje é o milho (muita gente cultivava e agora muita gente cultiva, sobretudo no passado;) nesse centro de Mugema havia comerciantes que compravam o que as pessoas cultivavam, até levavam os carros até em casa do agricultor. Milho, feijão manteiga, feijão boere, todo o tipo de feijão. Hoje cultiva-se sobretudo para sobrevivência. Sobretudo o milho, muitos cultivam e não tem muita saída e se tem é um preço muito menor. Então o que se cultiva mais é o feijão manteiga, no passado só se cultivava uma vez por ano. Mas agora é parte do sustentamento. Se formos às comunidades podemos apreciar que as pessoas andam minimamente apresentáveis. Não há indústria, não há nada. É o feijão, que passam a cultivar 3 vezes ao ano. Porque é base de sustentamento e de alimentação. E cultiva-se também mapira milho e a mandioca também. Mas nesta região a mandioca não é tanto para consumo, como em Ile e Nampula onde é base da alimentação. Aqui, para além de algum consumo fresco, boa percentagem para tempero das bebidas. Enquanto no Ile e em Nampula é para consumo. A terra lá não favorece para o cultivo do milho e da mapira, ao contrário daqui. E também favorece para cultivo de arroz nas baixas. Então no passado cultivava-se um produto que já não se lembra o nome. Mas agora o que se cultiva milho, mapira e vários tipos de feijão. (HL29); Normalmente as pessoas têm alguma coisa em casas que criam e normalmente a primeira coisa que se encontra nas famílias é a galinha. Também porco. E ultimamente, com incentivos do ministério, também cabritos. Coelhos poucas famílias, não têm tradição, talvez pela exigência desse tipo de criação. Bois e vacas também não. Antigamente sim, o governo tinha distribuído vacas, mas só aos chefes dos regulados. Mas hoje desapareceram. Há pessoas novas, por exemplo os seus sobrinhos, que têm 19 anos, se não fossem a Milevane não conheceriam vaca. A pesca é praticamente inexistente, a não ser uma ou outra pessoa que tem o seu pequeno lago, que aderiu ao convite do governo e cria peixe. Mas não é muita gente. (HL29); o feijão, o milho, soja, geruselim, amendoim, sai muita coisa. O terreno em si em Milevane favorece. (HL30)
	Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais no distrito do Gurué (unidades de registo)	Milho (HL28, HL31, HL32); mandioca (HL28, HL31); feijão (HL28, HL32); soja (HL32); arroz (HL32); mapira (HL28); cebola (HL28); galinhas (HL28, HL31); suínos (HL28); bovinos (HL31, HL32); caprinos (HL28, HL31, HL32)
	Práticas agrícolas ou pastoris tradicionais no distrito do Gurué (descrição)	Predomina o tipo de milho, mapira, mandioca, feijão, cebola. Esses é que predominam muito. Mas pode dizer que conseguem fazer todas as práticas, só que estas que disse são as mais elevadas. (HL28); Para o Gurué quanto à produção de animais o que predomina muito é a galinha, suíno, cabritos, enquanto bois é raro se encontrar. (HL28); Gurué tem um terreno muito fértil. É uma zona planalta (HL28); depois da produção vendem algumas partes. Além do excedente que resta para o consumo, algumas partes vendem. E por essa razão, há três distritos que são considerados celeiros da Zambézia, que é Gurué, Milange e Molocué. Muito mais o Gurué. Quando lá não houver produção, toda a Zambézia está com fome. (HL28); A agricultura é o forte do distrito e da província. Falamos de milho e feijão. E agora é o maior produtor de soja, até porque tem um preço elevado (bom para o produtor) e há empresas a fomentar a produção. Falamos da Reduago, Quiqfrango (?). Empresas de criação de frango que querem produzir a soja da ração. Incentivam a população a cultivar. Assistem em termos de adubagem e em todo o processo de produção, e depois vão vender à empresa. Também tem algumas zonas de produção de arroz, mas não em grande quantidade. Quanto à pecuária, de grande porte não existem. Mas animais pequenos sim, mas não em abundância. Mas agora estão a tentar fomentar gado bovino e caprino. Durante a guerra desapareceram, para alimentação ou assim. (HL32)
	Centros de artesanato (unidades de registo)	Feira de Domingo de Nampula (HL1, HL5, HL6, HL7, HL8); Museu Etnográfico (HL4, HL5, HL6, HL8; HL11); Antes havia na Cerâmica em Nampula (HL4); lá para Expansão há quem faça os cestos e as esteiras (HL4); Pemba (HL5); se calhar há nos bairros de Nampula, porque se a feira é forte em artesanato é porque há vários centros, mas não são conhecidos (HL6); mais praticada nos distritos de Nampula, e depois vendido aqui. Mas a atividade na cidade é que é mais difícil de se verificar. (HL7); Ilha de Moçambique (HL8, HL35); escola de artes e ofícios dos irmãos/padres capuchinos em Quelimane. (HL9); Um centro em Quelimane com arte de palha do palmar (HL10); Chocas-mar (HL11); Nacala (HL11); Aqui em Nampula é a arte maconde que se vende mas agora também arte vinda do Quénia (HL11); Em Nampula máscaras também existiam, mas eram toscas, não muito elaboradas. (HL11); Organizados em associações no Alto-Molocué – cestos, peneiras, etc. os locais das associações podem atrair os turistas. (HL12); não sabe (HL13); Perto de Milevane, Alto-Molocué, as irmãs (HL14); O centro em Alto-Molocué (HL14); Em volta fora do Alto-Molocué não há nada (HL14); só nas feiras em volta da vila de Alto-Molocué (HL15); feira de Mutala, Alto-Molocué (HL15); feira de Novanana, Alto-Molocué (HL15); feira de Moralelo, Alto-Molocué (HL15); Só que parte de escultura parece-lhe ser um

			<p>pouco morta na Zambézia. Só se pode manifestar em alguns utensílios, como almofariz, pilões, cestos, peneiras, na província da Zambézia, ou pelo menos em alguns distritos. (HL17); E há também alguma parte talvez onde é mais frequente ver escultura, é em Nicoadala (HL17); escola de artes e ofícios de Mugeba (HL17); escola comunitária de artes e ofícios de Quelimane (HL17); nas zonas costeiras na Zambézia (HL18); existe nas feiras (HL18); existem (HL23); Indústria doméstica (HL25); Aqui (Quelimane) também está muito desenvolvido o artesanato, na base local. Está desenvolvido, mas precisa de desenvolver mais. (HL25); existe um pouco por toda a província, cada um com a sua característica (HL25); Não tem ainda propriedades para dizer que a Zambézia tem algo de específico, que se destaca como a arte maconde de Cabo Delgado. Mas cá na província ainda não tem uma especificidade. A maioria do material é feita com palha: cestos, chapéus, ... é basicamente este tipo de artesanato em que as pessoas usam mais palha e barro. (HL25); casa da cultura. Ao lado da sé catedral atual (Quelimane) (HL26); Bindarte, Quelimane (HL26); Naquele lado da esquadra (em Quelimane), a primeira esquadra, tem um senhor que se senta para fazer essas coisas (HL26); Mas artesanato tradicional (Quelimane) eles têm a arte de fazer cestaria. A coisa que se faz aqui não é mais artística, é coisa de utilidade, é mesmo prática do dia a dia, como é o caso de cestos para ir à feira ou o mercado, faz-se cestos de palha. (HL26); É cestaria, é chapéu, é artesanato. Tem esteiras (...) Outra coisa é a cabaça, eles usam cafulo, que é o suporte do coco, o que está fora. (...) Outra coisa engraçada é a panela de barro. É feita de argila. (...) No artesanato tem também a colher que se usa industrialmente para cozinhar. A tendência do africano é usar coisas diferentes, faz imitações da técnica industrial, mas da sua natureza, porque não tem material próprio para fazer. (...) A vedação das casas é uma coisa muito engraçada. (HL26); existem, mas infelizmente não conhece (HL27); Artesanato que existe por aqui: brincos, colares, pulseiras, copos de cafulo, aqui chama de cata, pode-se tirar com ela água, é um sítio que conserva a água. (HL27); Materiais: Cafuros, de madeira. Cafuro é a casca do coco. (HL27); aqui pode mencionar no Incidua, o sítio onde se faz cestos de palha que as senhoras vão colher ao mercado, trançam algumas (...) que servem como cobertores de casa. Cortam palha de coqueiro, tiram as folhas, trançam e depois vendem (HL28); Nicoropale, Gurué (HL28); Lioma, Gurué (HL28); Incize, Gurué (HL28); Como centros não existem, só existe familiar. (HL29); principalmente artesanato de cestaria, mas também instrumentos de trabalho (HL29); Invinha, Gurué (HL31); um pouco por todas as feiras (HL31); não temos (HL32); antes na casa da cultura, Gurué (HL33)</p>
	Centros de artesanato (descrição)		<p>Dentro e fora do Museu Etnográfico de Nampula há artesãos a vender, arte maconde e outros tipos de arte. (HL4); Antes havia na Cerâmica em Nampula, onde se fazia a panela de barro (HL4); lá para Expansão há quem faça os cestos e as esteiras (pode nomear o pai, que também o faz) (HL4); Em todo o sítio que tem praia, por ter praia é um atrativo turístico e as pessoas investem mais nesse tipo de sítio, em diversos sentidos. E artesanato é mais comercializado lá, porque a maioria dos locais não tem cultura de comprar artesanato, acha que por ver sempre. O turista ou quem vem visitar o país, e acha que se calhar por o país de onde ele sai não ter a cultura, acaba se cativando por aquele tipo de instrumento, artesanato. Então só eles podem reparar uma peça de pau-preto e ver como algo normal, natural. (HL5); Na zona do bairro do Belenenses passa o Muhala e o rio? Não esta a ver, mas até onde percebe esse Muhala tem uma parte natural e outra parte que é mais de esgoto que outra coisa. Essa empresa que anda aí, a Gabriel Couto, há de melhorar isso. Mas não queria impor um patamar de um rio que não conhece. (HL5); O museu é um ponto reservado ao tipo de turistas que aprecia artesanato. É o único edifício criado para ser museu em todo o país. (HL7); na Ilha de Moçambique existem. Pode apontar uma galeria de arte com a maior parte das obras antigas e novas produzidas na Ilha. Mas, de uma maneira isolada, pode-se encontrar algum artesanato ao caminhar pela Ilha. (HL8); A arte mais típica da Ilha de Moçambique é a capulana, em termos de traje, que os artesãos locais usam para fazer vários objetos, como pastas e sapatos. Para além do traje típico composto por missangas, feitos com aqueles objetos que apanham no mar e a prata (apanham algumas moedas do tempo passado e fazem a reprodução para engrandecer a sua indumentária) (HL35); Só conhece um na cidade de Quelimane, mas nos distritos não sabe. Deve existir porque acha que está numa fase de mais desenvolvimento. O de Quelimane é um espaço semelhante mas a produção artística é diferente: eles lá fazem mais arte com palha do palmar (Quelimane é cidade do palmar): chapéus, relógios, pastas, sapatos, cestos, etc. (HL10); somente atrás do museu, havia a Ilha mas hoje em dia... as coisas eram bastante baratas, conchas, corais. Essas coisas encontram -se bastante nas Chocas praia e Nacala. Também Mecufi, mas isso é Cabo Delgado. (HL11); Aqui em Nampula é a arte maconde que se vende, mas agora também arte vinda do Quênia, aquelas estátuas de madeira alta, estilo masai. Também máscaras existiam, mas eram toscas, não muito elaboradas. (HL11); Aqui em Alto-Molocué só pode ser nas feiras, nessas feiras de à volta, de Mutala, de Novanana, de Moralelo, esses praticamente é que são bons para artesãos. (HL15); Só que parte de escultura parece-lhe ser um pouco morta na Zambézia. Só se pode manifestar em alguns utensílios, como almofariz, pilões, cestos, peneiras, na província da Zambézia, ou pelo menos em alguns distritos. E há também alguma parte talvez onde é mais frequente ver escultura, é em Nicoadala, onde tem visto muitos objetos de escultura. Nicoadala é na Zambézia, já para quem vai para Quelimane. Tem um cruzamento para Quelimane e outras províncias. Fala de Sofala. (HL17); Não pode bem responder aí, porque os que tem ouvido falar por aí muitas vezes são centros que tem nada a ver com artes e ofícios. Só conhece a escola de artes e ofícios de Mugeba, é lá um dos centros de artesanato, e a escola comunitária de artes e ofícios de Quelimane, (...) dos padres. (...) tem uma parte que trata de artes e ofícios. E aí também focam a parte de artesanato. Fazem, para além de cadeiras, mesas, utensílios com base no barro: blocos, vasos, moringas, cântaros, muitos outros objetos. (HL17); É muito vasto. As artes no distrito de Alto-Molocué, há várias: pintura, ... o artesanato custa a definir. Nas zonas costeiras há centros, na província são na costa (HL18); Alguns têm a arte natural, sabem adaptar-se, conseguem fazer alguma matéria-prima. Alguns levam o caniço e fazem esteiras, outros pegam no tronco e fazem pilões, cestos, ... e isso é mais fácil verificar nas feiras, onde eles fazem o negócio. Alguns fazem estátuas, por exemplo de Samora e alguns que estão no poder (HL18); Indústria doméstica, o artesão produz onde está e vende em casa, na praia ou em locais de destaque: ruas, passeios, tudo o mais (HL25); existe um pouco por toda a província, cada um com a sua característica: as obras de artesanato que encontra na cidade de Quelimane, não serão as mesmas que vai encontrar no Gurué ou em Pebane. Então, cada um adota a zona de artesanato, a região em que vive (HL25); O primeiro que vê aqui é a casa da cultura. Ao lado da sé catedral atual. Fazem artesanato, pintura. Tem também um senhor que ele gosta de arte e faz arte e pintura, o Binda. Chamam-lhe Bindarte. Naquele lado da esquadra, a primeira esquadra, tem um senhor que se senta para fazer essas coisas. Mas artesanato tradicional eles têm a arte de fazer cestaria. A coisa que se faz aqui não é mais artística, é coisa de utilidade, é mesmo prática do dia a dia, como é o caso de cestos para ir à feira ou o mercado, faz-se cestos de palha. São coisas que sentam e fazem. Porque outros não têm aquela criatividade, aquela arte de poder fazer aquela coisa, compram. Alguém faz, vende no mercado e alguém compra. É cesto, até tem uns chapéus de palha, meios grandes, aqueles chapéus que nem portugueses, que têm aquela estrutura para cima e depois espalhados circulares. Então aqueles eles fazem com a intenção de se proteger do sol. Para quem vai para a machamba, a cobertura é maior. É cestaria, é chapéu, é artesanato. Tem esteiras. As esteiras por exemplo, quando há uma cerimónia, não festa, a tradição é usar coisas tradicionais. (...) Então tem essa coisa, acha que nunca se vai perder, que é a esteira. Eles juntam, é como se fosse um bambu, mas leve. Então eles juntam e amarram as pontas. Acaba por ser uma coisa como se fosse uma capulana, mas feita de caniços, de bambus, de pauzinhos, leves, fácil de carregar. Então poem no chão para que as pessoas possam sentar, sem que seja diretamente no chão. Aquilo é uma coisa, é o artesanato, é o que caracteriza a província da Zambézia. Então é uma esteira que as pessoas sentam lá quando é cerimónia. E a natureza de sentar lá é um bocado complicada, não é como aqui que estamos sentados num banco confortáveis. Lá é complicado sentar. Tem de dobrar os pés, tem de estar como sentado no chão. Mas tem lá esteira por debaixo.</p>

			<p>Não é só usado para sentar assim, mas também para colcha da cama. Antes de levar a própria colcha, porque as camas daqui são manualmente feitas, usam madeira. A estrutura da cama usa uns pauzinhos na horizontal e depois a esteira, antes de aparecer a colcha, para conservar melhor, e suportar. Outra coisa é a cabaça, eles usam cafuro, que é o suporte do coco, o que está fora. Depois de usar o que está lá dentro, o coco e a água de coco, raspam e envernizam para ficar assim bonito e castanho. Depois furam num dos lados. É uma coisa circular. Depois de cortar por cima só coco, acabam furando de um lado para o outro e serve mesmo para beber. Outra coisa engraçada é a panela de barro. É feita de argila. Fazem uma estrutura como se fosse uma panela, mas cilíndrica, só deixam abertura por cima. Vai ao fogo e não dissolve, não se estraga. Vai lá com água por dentro. Eles fazem com argila, depois queimam, mas volta-se a pôr água e não dissolve, não derrete. Fica uma panela como se fosse industrial, não derrete mesmo, faz-se fervura ali e tudo. E também tem umas maiores para conservação de água. Poe lá água, aqui sai do fontanário e no distrito sai do poço, construído normalmente um pouco longe do povoado, por questões de segurança e para não se deitar coisas lá. Essa água tem de ficar limpa, fica a filtrar. É depois recolhida com uma cabaça e depois vão por nessas panelas, que chamam bilha, que fica num canto da casa. Ali a água tende a ficar fria, até que chega a um ponto que dá para confundir com uma água gelada que acabou de sair do gelador há alguns minutos. No artesanato tem também a colher que se usa industrialmente para cozinhar. A tendência do africano é usar coisas diferentes, faz imitações da técnica industrial, mas da sua natureza, porque não tem material próprio para fazer. Então, aquela colher de madeira que fazem aquela estrutura igual, mas em madeira. Então dá para confeccionar com ela a comida, ainda que seja de madeira. A vedação das casas é uma coisa muito engraçada. Pegam no caniço que sai do mangal, tiram as folhas, juntam muito, e pendem. As pessoas compram e juntam em molhos e fazem uma estrutura de paus que vão pondo um à frente do outro, acabam cercando a casa, que fica toda ocultada, é cercaria mesmo. Fica uma coisa muito bonita, quando se olha de fora, porque alinha ali por cima (HL26); No Gurué há um tipo de bambu que se corta e faz-se peneiras e até cestos. Afia-se, corta-se, depois faz-se cestos e chapéus de palha. Cadeiras, camas e até portas, com o bambu que se corta, em vez da própria madeira. Este tipo de bambu só existe lá no Gurué. Pode-se ver em Nicoropale, em Lioma e Incize, são centros de artesanato. (HL28); Como centros não existem, só existe familiar. Um ou outro que faz alguma coisa de cesto ou esteira e vai vender. Mas um centro onde se pode apreciar não. A não ser nas feiras onde vão vender. Um centro não existe, é uma pobreza. Normalmente é cesteria, esteiras, cabos para enxadas e machados. Grande variedade de cestos, grandes e pequenos, cestos para conservar as bebidas tradicionais, que se faz num cesto grande e estilo a tambor, seria tambor local. (HL29); Aqui a questão de cestos, chapéus palha, mesmo panelas de bairro, etc estava mais centrado nos lados do Invinha. Outras zonas também têm mas não é muito forte. Mas em todas as feiras encontra-se um pouco essa atividade, quer dizer que está espalhada por aí. Mas aqui no Gurué sede, era uma prática no passado (panelas e pratos de argila), mas depois com o crescimento económico e entrada de produtos mais industrializados, o artesanato fica mais para a população mais rural. (HL31); existia mas mais tarde perdeu a credibilidade. Na casa da cultura (Gurué) as pessoas iam apresentando, mas o governo deixou de financiar os artesãos e eles foram desistindo. (HL33); "cestonomia" também está parado. Pratos típicos, existiam, eram de pau preto... (HL33)</p>
		<p>Eventos da comunidade local representativos da sua cultura (tradições presentes nesses eventos) na província de Nampula</p>	<p>Dia da celebração da subida de Nampula a cidade (HL1); há muitas festas em que as pessoas se reúnem o centros da cidade de Nampula, festas do património e cultura de Nampula (HL1); Não só no centro da cidade de Nampula mas em todo o lado. Mas primeiro apresentam-se todas as pessoas lá no centro. Depois espalham-se. (HL1); O dia da independência também é forte. (HL1); Também vai mais à praia quem tem transporte próprio, um grupo de pessoas (famílias, escolas, instituições) que quer ir fazer estes passeios em dias de festa - por exemplo o dia do professor (dia 12 de outubro), às vezes há escolas que preferem que este dia seja passado na praia, então contribuem, alugam e vão para lá. Outros, por não terem condições para tal, ou as famílias dos professores preferem ter outro programa (por um do casal não ser professor). Aqui, quando são essas festas grandes em que vão nas praças e depois vão às barracas ou se contribuíram vão para as barracas próprias, almoçam, bebem, até ultrapassarem as capacidades deles. Às vezes voltam à família e há confusão, divórcios até. Não é um ambiente que as pessoas acatem, o convívio entre famílias ou grupos em comemoração (nas datas festivas ou não) pode ser visto de forma diferente do que deveria ser e transformam noutras coisas, e provocam outras coisas à própria família. Também tem escolas que preparam, contribuem para o dia 12, alugam uma barraca onde preparam as refeições, comemoram sem sair da cidade. Depende da escola. Festas que ajudam à troca de experiências. Mesmo quem não vai a essas festas, vai à praça. Antes de comemorar o próprio dia, é preciso apresentar na praça, onde decorre a deposição da coroa de flores, mensagens, tudo o necessário para aquele dia. Dali é quando às vezes se tem parte recreativa para as crianças, e mesmo os próprios professores e os membros daquela zona às vezes preparam danças para ajudar a comemorar aquela data. Depois ficam a almoçar e até jantar (mas isso ela não sabe direito porque não fica a ver). (HL2); Depois de atingir uma certa idade (10 em diante no caso dos homens). O rapaz, depois da circuncisão, fica lá 30 dias, à espera de estar melhor de saúde. Depois chama-se o curandeiro para prosseguir com a cerimónia, onde há danças e várias canções. Só para dizer que já estamos satisfeitos porque a pessoa está melhor e está a ganhar nova vida. Nova vida porque a pessoa é ensinada, tem um certo tipo de ensinamentos, e a partir daí a pessoa já é crescida e que a vida que vai levar daqui em diante é diferente da que tinha antes. Se morrer alguém, já é capaz de ir para lá e fazer-se presente e até fazer o tratamento necessário e tudo o que for preciso. Também quando as mulheres chegam à primeira menstruação, que a gente chama donzela, sabemos que ela já é grande. Também é preciso levá-la e sentar com ela, dar o ensinamento, dar o acompanhamento (HL4); Porque há tradições diferentes dentro da Província e da cultura macua. Por exemplo, na terra da mãe dele, há muito tempo, eles não faziam a circuncisão, só levavam a criança a fazer o ensinamento, mas não faziam o que a saúde recomendava. Mas com o tempo as coisas foram mudando e já se faz tudo. Mas se for para o distrito de Nacala, eles fazem a circuncisão desde sempre, e na ilha de Moçambique também. Ou seja, a cultura não era igual entre o litoral e o interior. A cultura dos Angochianos é diferente. (HL4); Quando há um evento usa-se a dança que identifica as pessoas daquele lugar (HL4); Aqui têm a dança do tufo, onde as mulheres pintam a cara com o mussiro. A dança de sopra. E tem uma particularidade, isso faz-se em quase todo o litoral, a dança tufo... é isso, tufo e sopra, que é isso de saltar com ...?..., tufo é uma dança que quem dança são mulheres com a cara pintada e vestidas de capulana. É isso que identifica a região. Existem mais, na região norte. [...] Isso é em função, quer dizer, se é cultura e faz-se esse tipo de dança ou não, dança desse jeito, é porque essas danças são praticadas, é uma tradição, e essas danças são praticadas nessas festas tradicionais. (HL5); Festas tradicionais, por exemplo, eles aqui, os homens em geral, quando moços saem da circuncisão e dos ritos de iniciação, são feitas cerimónias onde se dança muito esse sopra, mas acha que dependendo da organização da cerimónia isso cá na cidade já está quase em extinção, como em qualquer sítio onde é cidade, mas lá para fora são, eles ainda se prezaram nesse tipo de atividades. Mas cá é normal alguém sair dos ritos de iniciação e nem acontecer nada, vão simplesmente para casa. (HL5); A província de Nampula tem poucos eventos culturais, talvez mais no litoral. Depois das aulas têm-se feito lá. Mas ligado a ritos de iniciação. Quando se está nesse período de restrição, há muitos eventos onde se pode ver a cultura em grande estilo. Principalmente em Angoche, Moma, Nacala-Porto e em alguns bairros da cidade de Nampula. Aí podemos ver grandes eventos em que se sente a cultura mesmo. Só nesses atos. Mas eventos normais da cultura... dificilmente. (HL6); Festas em Moçambique em geral dão-se mais nas datas comemorativas, como o dia 3 de fevereiro (dia dos heróis nacionais), data que é comemorada com atividades relacionadas com o tema. Não acha que haja uma data própria para comemorar a Cultura, mas essas datas comemorativas são aproveitadas pelo povo para manifestar o seu interesse pela cultura, e celebram a sua cultura, apresentando as suas atividades culturais. Mas não há mais nada, e talvez por isso se diga que a cultura local está a morrer com a contemporaneidade, a tendência é imitar o que é de fora dali. Talvez por falta de conhecimento da própria cultura. Acha que o que falta é fazer livros que falem sobre a cultura local, que seria a partir daí</p>

			<p>que os jovens iriam conhecer a sua cultura e os seus antepassados. Continuando assim vai morrer a identidade própria dos locais. (HL7); Faz-se mais na Ilha de Moçambique, porque os identifica e é lá que encontramos mais a cultura do norte, e eles valorizam-na muito. Então, muitas vezes as festas cá da cidade têm-se feito lá, como epicentro da própria província. O dia da cidade de Nampula, por exemplo, alguns dirigentes têm feito a festa lá. A festa do Baluarte (o dia da própria Ilha) tem-se feito lá e tem muita aderência: vem gente de todo o lado, de várias províncias, para a Ilha. Mesmo algumas conferências fazem-se lá. E nessas festas há manifestações de cultura local: exposição dos trajes africanos e artesanato (HL8); a Ilha de Moçambique tem um festival cultural que acontece sempre no último trimestre de cada ano. Também tem tido feiras, como a feira gastronómica, denominado de tohotiva (?), que acontecem 3 vezes em cada ano. Lá podem encontrar algumas expressões da gastronomia típica e de traje tradicional, sem esquecer os eventos tradicionais que ocorrem nas localidades, como é o caso das cerimónias de ritos de iniciação e outros (casamentos, batismo, comemorações típicas que representam a convivência local da Ilha de Moçambique) (HL35); não sabe responder a isso, talvez a educação e cultura tenha essa informação turística. Não sabe porque hoje em dia há uma homogeneização já muito avançada e não há possibilidade... e não há também grande organização à luz do turista, como se vê no Quênia e noutros lados para mostrar ao turista a cultura local. Certamente na Ilha de Moçambique há algo de típico, que é o tufo. Aqui depende se há gente que comece a organizar, danças tradicionais, clássicas, antigas. Aqui no bairro de Napipine (Nampula) mora um dos mais famosos musicistas moçambicanos que produzem música de tipo tradicional. Chama-se Warila (ser pouco frequente, em português). (HL11); no fim do ano passado foi celebrada em Nampula a semana nacional da cultura. Organizam-se de vez em quando eventos com danças, etc. pode ser que façam eventos anuais, mas isso pode-se perguntar ao ministério da cultura. (HL11);</p>
	<p>Eventos da comunidade local representativos da sua cultura (tradições presentes nesses eventos) no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)</p>		<p>Há poucos, devido à dispersão, não estão concentrados na vila. (HL12); festas da população (HL13); festas familiares (HL13); festas tradicionais (ritos de iniciação) (HL13, HL15); casa da cultura (HL13, HL14, HL15); Festa da cidade (HL14); Visita de um administrador (HL14); o lugar onde fazem os comícios (HL15); 1 de junho, aniversário do distrito e dia da criança (HL15, HL22); festas privadas (casamentos,...) (HL15, HL18); dança, artes marciais, teatro,... apresentam muitas atividades culturais nas festas. (HL15); mata-se galinha em alturas de festa (HL16); a circuncisão masculina e feminina. (HL18); Quase todas as festas mostram a cultura local (HL22); 29 de novembro, o dia da juventude (HL22); 12 de agosto também se fala da juventude. (HL22); festa do dia 25 de junho (HL22); festa do dia 25 de setembro (HL22); passagem de Ano (HL22); Natal (HL22); 7 de abril (dia da mulher [moçambicana]) (HL22); 14 de fevereiro (HL22); O que tem acontecido ao nível do governo tem sido atividades na praça dos heróis moçambicanos, como desfiles e comício (HL22); Nessas datas há influência desses grupos culturais, que contribuem com as suas atividades culturais, como a dança, teatro, humor (HL22); Grupos de dança tradicional: Elata e Niqueidje (HL22)</p>
	<p>Eventos da comunidade local representativos da sua cultura (tradições presentes nesses eventos) no distrito de Alto-Molocué (descrição)</p>		<p>Há poucos, devido à dispersão, não estão concentrados na vila. Mas em outras zonas tem todos os eventos culturais, mas desde que convocados com antecedência. (HL12); festas da população (3 fevereiro [dia dos heróis nacionais] reúnem-se as pessoas e dão uma caminhada) e há também as festas familiares, como o Natal (só ir à Igreja e depois voltar a casa e conviver), coisas tradicionais que se fazem na festa não sabe bem. Aqui mais marcante é o fim do ano; quando fala de festas tradicionais, fala de ritos de iniciação (reunião no mato para dar conselhos, etc. e quando voltam há uma festa grande. Uma passagem para a idade adulta) (HL13); [diz que há localidades mais tradicionais, mas também fala das casas destruídas no tempo das chuvas e da pobreza]. Mais tradicionais - fala da casa da cultura, onde as pessoas se costumam reunir para fazer coisas tradicionais. Essa casa é dentro da vila. (HL13); Todos os anos existem quando a vila completa mais um ano, ou quando vêm aquelas figuras, como o administrador. E nessas festas fazem-se danças tradicionais do Alto-Molocué, como o niqueidje. Quem dança mais essa dança são as senhoras. (HL14); Praticamente têm um lugar específico para festas. Eles já dão nome nesses lugares. Têm a casa da cultura, e também as pequenas discotecas alugam para festas. Não deixando ainda o lugar onde fazem os comícios, também alugam para festas. Mas se for uma festa mais especial e reuniões, é sempre na casa da cultura. Neste distrito, (as festas que são partilhadas por todos, aqueles dias especiais são) o dia que se comemora o aniversário do distrito é o 1 de junho; e essa festa é para todos. Também existem essas festas privadas, que só entram convidados, como os casamentos. (nessas festas as coisas mais tradicionais que acontecem são) a dança, artes marciais, teatro. Há muita coisa mesmo sobre cultura, apresentam muita coisa. (HL15); Mas o que mais se come também é como criação são galinhas, há muitas galinhas. Então quando numa família há festa, por exemplo, aí, para dar sinal de festa, mata-se uma galinha e acompanha-se com arroz ou produzido na machamba, ou compra na loja. (HL16); Existem várias. Tem o casamento, a circuncisão masculina e feminina. Na circuncisão masculina a gente conta como momento de mudança na vida do indivíduo, de comportamento. Se o menino era chamado de criança, passa a ser chamado de adulto, depois da circuncisão. Recebe alguns conselhos, dos mais idosos como tratar e respeitar os mais velhos, é isso. É um pouco semelhante com o das raparigas. Quando saem de lá têm uma festa, uma cerimónia. (nas festas) há danças, há bebidas tradicionais, que se usam mais naquela altura. A comida que se usa lá mais é a tradicional. Gostam mais de matar a galinha nas festas tradicionais, que simboliza que há festa tradicional. Gostam mais de galinha e massa de mandioca. Usam mais a comida e bebida tradicionais. (HL18); Quase todas as festas mostram a cultura local, mas têm de facto aquelas festas que acham que são mais pertinentes. Têm as que dizem mais à juventude, porque o mundo está muito virado à juventude, e à mulher. Por exemplo, têm o 29 de novembro, o dia da juventude. 12 de agosto também se fala da juventude. Tem também outras festas como a passagem do Ano e o Natal, que também têm atraído muita gente. (HL22); Têm também o dia da Vila (1 de junho), que coincide com o dia da criança. É uma festa que leva dias, também por causa da coincidência. (HL22); Existem outras festas, criadas por esta e outra razão, mas esta são as que ele sente que são datas históricas e nunca serão deixadas para trás. Há ainda o 7 de abril, é uma data que nunca se esquece, tem sido uma festa, uma data em que se homenageia a mulher. Mas claro que custa a levar em diante essas datas, por escassez financeira (é preciso dinheiro para promover uma festa, então muitas vezes passasse o dia como se não houvesse festa nenhuma, por falta de recusa). Mas são festas que sempre cativam as pessoas, impulsionam-nas. (HL22); O que tem acontecido ao nível do governo tem sido atividades na praça dos heróis moçambicanos, como desfiles e comícios. Em algumas vezes, tem também espetáculos, alguém os promove, ou conselho municipal ou a comissão de promoção de eventos. Tudo o que é para chamar pessoas. No 14 de fevereiro deste ano, as pessoas organizadas foram para um lugar e conviveram, com o que cada um tinha. É assim que têm passado estas festas. No dia da juventude, esta organiza-se e contribui com o que tiver e organiza uma festa. Escolhe o lugar onde quer fazer a festa: pode ser na vila, pode ser mais afastado, mas um lugar com ambiente para convivência. É assim que têm passado as festas. Têm grupos corais, são vários. Nessas datas também há influência desses grupos culturais, fazem parte, contribuem com as suas danças, com as suas atividades culturais, como a dança, teatro, humor. Eles também participam ativamente. Temos grupos culturais que estão fora do município, mas muitas vezes participam com eles ou pretendem participar. Em certos momentos não participam por falta de meios de transporte para se deslocarem do campo para a cidade e ao contrário, e também a alimentação. E esta verba não existe. Então acabam não participando, mas não podem. Mesmo quem está dentro da vila pode não ter condições para participar, porque o evento pode exigir que se apresentem bem, e depois não têm fundos para um fado ou assim. Mas grupos culturais têm, têm animado as festas. O conselho municipal tem promovido alguns concursos de grupos de dança. Há uns dias houve um concurso de canto coral onde participaram os cantos de religiões e os grupos singulares dos bairros. Muitos participaram neste evento e foram apurados os vencedores. É um bom momento para juntar a cultura local. (HL22); Têm aqui um grupo tradicional de dança que se chama dança elata. Esta é a própria, tradicional. Têm ainda um grupo chamado niqueidje, outros que espelha a cultura local. Mas esses outros aí aparecem graças ao desenvolvimento. Agora fala do canto coral, é uma experiência nova, que estão a cantar com os outros. Está</p>

		a falar de teatro. Aquilo que é nosso. Exatamente. O grupo de dança elata, niqueidje, esses sim. (HL22)
Eventos da comunidade local representativos da sua cultura (tradições presentes nesses eventos) no distrito de Quelimane e província da Zambézia (unidades de registo)	Em festas e eventos na cidade de Quelimane, tem uma dança típica que se chama inhambaro e que as senhoras gostam mais, para representar a cultura local da cidade (HL9); A dança (do Inhambaro) faz-se mais (...) Nos feriados, ou quando recebem uma pessoa grande e que apresentam a sua dança. (HL9); Dança inhambaro tradicional da Zambézia e vários eventos culturais. Só no dia dos feriados? Não, não é nesses dias. Até nos distritos, nesses dias de feiras, tem acontecido essa dança, que eles apresentam. Também quando há uma visita do chefe da zona, do régulo ou do presidente, entidades públicas, políticos, ou em qualquer tipo de evento e feira que tem lá acontecido, eles têm apresentado essas danças culturais. (H10); Festival da Lagoa Azul (HL10); Festa da cultura acontece em ocasiões um pouco raras. muitas vezes quando estão a empossar um chefe de localidade, receber visitas maiores, presidente, governadores (HL17); Existem zonas que usam lata, existem zonas que usam salmos (?), miheila, niqueidje, depende de cada zona, o tipo de dança que predomina naquela zona. Porque também existem danças só praticadas por mulheres e outras só praticadas por homens. (HL17); Carnaval (HL10, HL25, HL27); festival de Cultura (HL25); festival de Zalala (HL10, HL25); quando há uma cerimónia, não festa, a tradição é usar coisas tradicionais. (HL26); <u>ritos de iniciação (HL17, HL26)</u> ; Depois tem as danças tradicionais, acabam sendo como cerimónias, as pessoas já programam. (HL26); funeral (HL26); feiras de mostra de cultura Zambeziana em Nicoadala, em Quelimane, mesmo Maquivala (HL27); 1º de janeiro, ano novo (HL28); 1 de junho, dia da criança (HL28); o 25 de junho, dia de independência de Moçambique (HL28); 25 de setembro, início da luta armada (HL28); 25 de dezembro, dia da família e Natal (HL28);	
Eventos da comunidade local representativos da sua cultura (tradições presentes nesses eventos) no distrito de Quelimane e província da Zambézia (descrição)	Há muitas discotecas principalmente na altura do carnaval. Quelimane é chamada de pequeno brasil por causa do carnaval. Este é o melhor carnaval do país. O carnaval de lá acabou há duas semanas e atrai muita gente, vem gente de todo o lado do país e mesmo de fora, como da África do Sul. No centro da cidade em todo o lado há música, e o local onde fazem é na marginal do rio dos Bons Sinais. No carnaval fazem competição entre empresas e bairros, por não haver escolas. Os bairros fazem as suas próprias máscaras. Um grupo do bairro do bar onde ele estava ganhava todos os anos na parte do desfile por causa das coisas que eles improvisavam para o carnaval. Por exemplo, podiam disfarçar todos de escravos. No primeiro dia faz-se o desfile e depois nessa noite é que se começa a dançar. Eles classificam o desfile e a dança e o melhor grupo. Também há desfile no último dia, o enterro do carnaval. As pessoas fazem de tudo: máscaras assustadoras, outros bonitas, de animais (jacarés), homens mascarados de mulheres (nuncafuri), fantasia de feiticeiro que assusta, fantasias de todo o tipo, encontra-se um pouco de tudo. Usam mais as máscaras tradicionais e não tanto as mais artificiais, retratando um pouco a cultura local. Esse grupo ganhava por causa disso: um avião um barco, faziam um pouco de tudo. Mas mais máscaras tradicionais. Mas encontra-se todo o tipo de coisas, como gente que se veste toda de branco. Está toda a gente à vontade, tudo fantasia, não há gente a ser presa por qualquer coisa que seja. (HL10); Do que viu nessa parte, concretamente no Gilé, tem existido mais em ocasiões um pouco raras. 2003, 2004, em que viveu lá numa das localidades, a festa de cultura existia muitas vezes quando estão a empossar um chefe de localidade, receber visitas maiores, presidente, governadores. Então aí é quando é mais notória a cultura, e para eles é uma data festiva. Que em alguns momentos, também eles nos seus bairros, quando estão a receber alguns rapazes vindos dos ritos de iniciação, eles recebem com uma festa tradicional, mesmo meninas vindas dos ritos de iniciação, eles recebem com uma festa tipicamente tradicional, que espelha a cultura tradicional daquele lugar. Fala do que viu do outro lado, na localidade de Mamala, no distrito de Gilé. Agora do Molocué e outras zonas, viu mas não precisou na sua íntegra (?). Lá, nessas, se for para a parte de ritos de iniciação dos homens, eles esperam o dia em que estão a vir os homens, de lá onde foi a circuncisão tradicional, quando eles estão a vir, eles recebem, preparam alimentação, bebida, e depois da refeição e da bebida passam a dançar. Depende do tipo de dança, eles escolhem, depende da zona em que está inserida. Existem zonas que usam lata, existem zonas que usam salmos (?), miheila, niqueidje, depende de cada zona, o tipo de dança que predomina naquela zona. Porque também existem danças só praticadas por mulheres e outras só praticadas por homens. (HL17); Antigamente (a cabanga) era principalmente usado para questões de cerimónias tradicionais, festas, e se alguém tem uma machamba e quer construir a sua casa, convidava as pessoas depois de tudo, passavam a tomar e iam embora. (HL17); Há o carnaval, que ocorre em fevereiro. Há o festival de Cultura que ocorre em meados de maio, junho, onde todos os distritos apresentam os seus grupos culturais e as suas manifestações culturais nesse caso. O local não é fixo, é votado, mas são locais em que há uma quebra de rotina, as pessoas vão passando por vários distritos. Hoje pode ser em Quelimane, mas em 2014 ser em Mocuba, em 2015 no Gurué. Então é votado em função dos anos, dar a oportunidade aos outros distritos de poder apreciar esse festival. Também temos o festival de Zalala. Esse é o maior, o mega -evento, em que divulga-se as potencialidades turísticas e fazem a festa. Onde aparecem os músicos locais, fazer um espetáculo, e alguns nacionais, de outras províncias, e até internacionais. Então, esse festival de Zalala ocorre em outubro. Caminhamos para a 6ª edição do festival, este ano. (HL25); As esteiras por exemplo, quando há uma cerimónia, não festa, a tradição é usar coisas tradicionais. A bebida não vai ser cerveja, não vai ser uma coisa industrialmente feita, como é tradição tem a intenção de invocar espíritos, tem a intenção de chamar aqueles que já foram, os antepassados. Então não podem entrar lá coisas modernas. Porque eles não usavam aquilo naqueles tempos. Têm de usar bebidas tradicionais. Então tem essa coisa, acha que nunca se vai perder, que é a esteira. Eles juntam, é como se fosse um bambu, mas leve. Então eles juntam e amarram as pontas. Acaba por ser uma coisa como se fosse uma capulana, mas feita de caniços, de bambus, de pauzinhos, leves, fácil de carregar. Então poem no chão para que as pessoas possam sentar, sem que seja diretamente no chão. Aquilo é uma coisa, é o artesanato, é o que caracteriza a província da Zambézia. Então é uma esteira que as pessoas sentam lá quando é cerimónia. E a natureza de sentar lá é um bocado complicada, não é como aqui que estamos sentados num banco confortáveis. Lá é complicado sentar. Tem de dobrar os pés, tem de estar como sentado no chão. Mas tem lá esteira por debaixo. (HL26); Primeiro ficaram com a tradição dos colonos. As pessoas juntam-se mais para sacramentos de Igreja. (HL26); Tem também os ritos de iniciação, são tradições, é algo típico de África. A pessoa quando cresce chega a uma idade para encerrar as coisas da vida e então tem de haver uma cerimónia, que junta os adolescentes, para ser explicado o que vai acontecer daqui para a frente, explicam como se comportar no lar, como encarar situações da vida. Então há cerimónia, e quando acaba é festa. As pessoas juntam-se e comemoram, é festa. (HL26); Depois tem as danças tradicionais, acabam sendo como cerimónias, as pessoas já programam. Dia tal tem uma cerimónia, as pessoas executam danças, como o Inhambaro e o Macuaera, são danças daqui. Aqui tudo é festa. Apesar do funeral ser uma coisa triste, chega um tempo que passa a ser uma coisa alegre. Passados uns dias, as pessoas juntam-se para recordar a personalidade da pessoa que foi. Então sentam lá, dança-se, bebe-se, como se fosse uma coisa feliz. Mas na verdade está-se a recordar uma coisa triste. É uma cerimónia que se chama 7 dias (sétimo dia), senta-se lá, as pessoas dançam como se fosse uma coisa feliz. Tem muita coisa então... Os ritos de iniciação são uma coisa... não são todos que têm a oportunidade de participar, nem ele participou. Daquilo que os pais contam é uma tradição séria nos tempos. Quem não passasse nos ritos, por exemplo se fosse mulher, não era considerada propícia para casar, não era capaz de sustentar um lar, não tinha conhecimentos básicos da vida. Era que nem uma pessoa que não existisse, não está capaz de enfrentar as coisas da vida. Porque lá são as pessoas mais velhas, que têm	

		<p>noção da vida, já encararam uma vida inteira, já sabem enfrentar certas dificuldades. É como se fosse uma transmissão da informação, tudo o que eles viveram, sentam lá, contam histórias, contam tudo o que se passa numa vida, o que é problema e como encarar. Os ritos nos rapazes culmina na circuncisão masculina. Nas meninas não. Houve um tempo em que havia circuncisão feminina, ou uma coisa assim. É assim também. Quem vai nos distritos termina com a circuncisão masculina, mas há pessoas que já não vão aos ritos, mas fazem a circuncisão. As pessoas já se separam por si. Quem foi aos ritos com aquele que não foi é fácil de distinguir. As pessoas que voltam de lá têm a tendência de... o respeito, é diferente daquilo que se aprende na escola. Aquilo que se aprende na escola são coisas muito científicas, são pessoas não têm muita certeza do que estão a falar em termos tradicionalmente. Falam tudo científico e filosófico. Mas o que se explica lá é tudo tradicional, tem regras que não se explica na escola. Por exemplo, há uma tradição que diz que um não pode circular na casa do outro assim, começar da porta e girar até acabar na porta. Não pode e isso é uma coisa que não se fala na escola. Outra: não se pode pedir sal à noite, porque dizem que o sal expulsa espíritos, é como se levasse a proteção para depois aparecer à noite. Outra coisa é que o pilão não pode dormir no vizinho, não pode ficar emprestado na casa do vizinho durante a noite. Porque o dono pode precisar, não sabe, são coisas que se explicam lá. A pessoa volta dos ritos com essa informação toda. Volta com mitos e lendas, mas que servem para educar. Na verdade, não dormir o pilão no vizinho eles estão a tentar ensinar a responsabilidade em devolver a coisa ao dono a tempo. Pode não ser que precise à noite, é para educar. É uma tradição dos ritos de iniciação. (HL26); A praia de Zalala até que eles gostam muito da praia, tem um dia propício para festejar, o festival de Zalala. Eles vão lá, num fim de semana, a cidade fica vazia, porque todos vão para lá, comem e dormem lá. Dura três dias, é como se fosse tradição. E não se vai para dormir numa cabana ou hotel, dormem na areia, ao relento, a sentir a brisa do mar. E não se fica sozinho, são milhares de pessoas. E não se sente (a passagem do) tempo, conversa-se, é som, é música, é festival de Zalala, está todo o mundo lá. É em outubro ou novembro, na altura do calor, em altura de férias, para todos poderem ir. (HL26); Costumam fazer (feiras) quando existem eventos, tipo dia da cidade, quando há alguma comemoração, há algumas feiras. Em Nicoadala, em Quelimane, mesmo Maquivala. As feiras são de gastronomia, artesanato, cultura local, bebidas, danças. Coisas assim típicas do povo zambeziano. (HL27); (no carnaval) Costuma-se fazer máscaras, mas típico da Zambézia, não são universais, que as pessoas fazem, cortam as folhas de coqueiro, bananeira, fantasias mesmo tradicionais. Então é uma cultura zambeziana, o carnaval. (HL27); as festas, as mais consideradas, é o 1º de janeiro, ano novo, o 1 de junho, dia da criança, o 25 de junho, dia de independência de Moçambique, 25 de setembro, início da luta armada, 25 de dezembro, dia da família e Natal. Sabe que são datas que se comemoram muito. Como se comemora: é um feriado em que os estudantes não vão à escola, vão à praça, arranjam a sua escola, limpam-na. Muita coisa acontece, uma praça (...), umas danças assim tradicionais. Em Quelimane o processo é o mesmo (HL28)</p>
	Eventos da comunidade local representativos da sua cultura (tradições presentes nesses eventos) na localidade de Milevane (unidades de registo)	A cultura local tradicional está a desaparecer (HL29); Batismo (HL29); Páscoa (HL29); danças e bebidas tradicionais, que estão a desaparecer (HL29); Quando há festa dificilmente é uma festa popular, a menos que seja religiosa (HL29)
	Eventos da comunidade local representativos da sua cultura (tradições presentes nesses eventos) na localidade de Milevane (descrição)	É pena que havia toda uma cultura (danças, etc.) que está a desaparecer. Lembra-se em 1975, era criança, pela primeira vez viu a cultura local. Uma roda ao redor do fogo que se ia alargando. Com instrumentos que se amarrava nas pernas e na cinta. O ritmo era bonito. Mas essas coisas desapareceram. Agora o que existe nas festas são essas músicas que tocam por aí nos aparelhos, de modo que a dança e o canto local aos poucos está desaparecendo. Se fazem nas bebedeiras os velhos reunidos, são só mesmo os velhos. A juventude e os outros não estão lá. Então está a desaparecer. (HL29); Em que festas se reúnem mais as pessoas? Sobre tudo as dos batismos. Agora nesse tempo da Páscoa haverá muitas festas. Batuques, cantos populares. Dos jovens, sobretudo dos jovens, da igreja e da comunidade. Quando há festa dificilmente é uma festa popular, a menos que seja religiosa, em que a gente ouve canto, são jovens que vão lá, dançam um pouco, às tantas depois desaparecem. É uma coisa, digamos, muito restrita. Vão lá porque os novos fizeram casamento ou porque há batismo ou aniversário. Então vão lá, dançam. São sobretudo os jovens, na sua maioria. Então nesses aí é como recuperar a cultura, o canto, mas não é... uma coisa nova. Então vão lá, tocam o batuque à maneira moderna ou usam um aparelho e poem a tocar. Mas festas existem, sobretudo no tempo do batismo, nas festas religiosas. Ou então quando, por qualquer motivo... Mas são coisas que infelizmente estão a desaparecer. No passado, quando havia essas bebidas locais, havia festa, as pessoas dançavam até amanhecer. Mas isto coisas que aconteciam quando era criança, há 40 anos atrás, há 30 anos atrás. Que hoje dificilmente acontecem. Se hoje está lá alguém com o seu batuque de dança tradicional, hão de ir sim dançar mas é pouca gente. Juventude quase que não. Juventude está lá quase só a apreciar. Vão lá pessoas idosas, 60, 50 anos. (HL29)
	Eventos da comunidade local representativos da sua cultura (tradições presentes nesses eventos) no distrito do Gurué (unidades de registo)	1 de junho, dia da criança (HL28); o 25 de junho, dia de independência de Moçambique (HL28); 25 de setembro, início da luta armada (HL28); 25 de dezembro, dia da família e Natal (HL28); Pequenos eventos para demonstrar satisfação pela colheita (HL31); ritos de iniciação (HL31, HL32, HL33); festas de final de ano (HL28, HL31); receção de uma figura nacional (HL32); funerais (HL32); existência da casa da cultura (HL32); dependem da cultura, na cidade há mistura de culturas tradicionais. (HL33)
	Eventos da comunidade local representativos da sua cultura (tradições presentes nesses eventos) no distrito do Gurué (descrição)	No Gurué as festas, as mais consideradas, é o 1º de janeiro, ano novo, o 1 de junho, dia da criança, o 25 de junho, dia de independência de Moçambique, 25 de setembro, início da luta armada, 25 de dezembro, dia da família e Natal. Sabe que são datas que se comemoram muito. Como se comemora: é um feriado em que os estudantes não vão à escola, vão à praça, arranjam a sua escola, limpam-na. Muita coisa acontece, uma praça (...), umas danças assim tradicionais. (HL28); No Gurué no tempo de férias, as crianças gostam de brincar ao mata-mata com umas bolas que se amarram para aí. Além disso, no tempo dele gostavam muito de brinquedos de carro, cortavam alguns bambus, punham rodas e depois lá à frente usava uma garrafa partida como se fosse vidro. (HL28); No passado o que ele via é que após colheitas as pessoas organizavam pequenos eventos para demonstrar satisfação pela colheita, se foi boa ou má, coisas assim. Mas a cultura depois é influenciada e as práticas vão-se perdendo. Mas as práticas comuns notam-se ainda nas iniciações. Após o primeiro ciclo menstrual de uma rapariga, as senhoras ficam 21 dias a aconselhar a futura mãe, dão-se todas as dicas sobre o que é a

		<p>vivência, quais os valores que deve ter enquanto futura mulher, dona de casa e mãe. Isto ainda hoje existe. Há danças, cânticos e comida própria: galinha, caraca (nome macua, aqui chamada de tatarua, massa de mandioca), verduras. E há também as festas de final de ano, as famílias se reúnem e dançam, cantam, saltam à corda e tudo o mais. (HL31); Acontecem maior parte vezes na recepção de uma figura nacional. Grupos culturais vêm dançar, atuar. A maior parte desses eventos acontecem nas comunidades, as mais tradicionais, como o rito de iniciação, funerais (dançam e outras coisas). Difere muito por ter muitas culturas no distrito: lomué, yao, etc. (HL32); Casa de cultura serve para apresentação de teatros e ensaio de uma banda musical. (HL32); dependem da cultura. Aqui na cidade há mistura de culturas tradicionais. Na cultura daqui há os ritos de iniciação femininos e masculinos, mais fora do que dentro da cidade. Dentro há mais um sentido de modernidade, a circuncisão é feita no hospital, e lá fora as coisas ainda são feitas de forma diferente. Tradicionalmente, o jovem, quando atinge os 18 anos, é levado a um monte ou mata, onde fica um tempo de formação. É o tempo propício que cada tribo acha necessário para se formar como um homem e aprende como encarar os seus problemas na sua própria tribo, e volta quando formado. Com as mulheres acontece o mesmo: aquando do primeiro ciclo menstrual, é levada da povoação e aprende como assumir o seu próprio lar, como respeitar o seu marido dentro do lar e como cuidar dos filhos. É típico da cultura tradicional do Gurué. (HL33)</p>
	Eventos e festividades religiosas na província de Nampula	<p>Natal (HL1, HL4, HL6); Fim do Ano (HL1); Páscoa (HL1, HL6); Festa do Santuário de Meconta em outubro (HL1); Festa do Santuário do Coração de Jesus em Rapale (HL1); Existem também procissões, para lá dos rituais religiosos. Há procissões, festas e feiras – de toda a arquidiocese de Nampula saem jovens em peregrinação para este santuário, festas dedicadas a este santuário. Lá existe o convívio de jovens, cada grupo vai lá e apresenta qualquer coisa. Passam uma noite e um dia lá, rezando (o objetivo principal) e brincando, muita coisa se faz. (HL1); Mas não há quem nem seja nem cristão nem islâmico? Chamamos de pagão e ainda há muita gente assim. Este número nunca há de faltar. Mas esses quando morrem a família decide como é o funeral. Se a maioria da família for cristã o rito é cristão, muçulmano vai como muçulmano. Mas esses sabem que por muito que não sigam os ritos, de qualquer forma seguem uma ou outra, de acordo com a família. Ou decide alguém mais preponderante, se for mais equilibrado. A forma do enterro define se foi enterrado como cristão ou muçulmano. Se for com caixão, e levar uma cruz em cima, já se sabe que foi enterrado como cristão. Os muçulmanos poem as madeiras diretamente na vala. O que não se faz é pôr corpos de qualquer maneira, mas se assim for é o conselho municipal que toma conta e poem numa vala comum. Já não há famílias só com a religião tradicional, há sempre uma ligação a alguma destas. (HL4); os macuas têm mais dias anualmente em que devem reunir-se e fazer uma cerimónia, que consiste na deposição do farelo (makéia) numa árvore que conhecem e veneraram para pedir algo ao espírito; não tem dia marcado, é decidido pela família toda (HL4); Dependendo da religião. Mas o que tem acontecido assim naturalmente, há semanas houve uma festa muçulmana. Viu na televisão, eles estavam a mostrar a união que eles têm, fé em Deus, a irmandade deles, estavam a caminhar numa rua em presença até mesmo do governo mesmo, porque tinham de monopolizar, cercar uma certa rua para eles caminharem. Então estava lá a polícia, a polícia de trânsito, de tranquilidade pública. Tem acontecido festas religiosas. Outro exemplo, a Igreja (União dos Santos?) já organizou também eventos na cidade, onde conseguiram parar a cidade, todos os caminhos deram lá. Tem acontecido. (HL5); ritos de iniciação (HL4); para os muçulmanos há o Ide, o Ramadão e o Idrifitie (Id al-Fitr). Nas sextas também têm eventos, dependendo de cada mesquita, onde têm a missa (o licorete), onde vão vários xens, alguns crentes e onde se faz uma espécie de debate e cantam-se músicas típicas muçulmanas (HL6); no Norte é mais patente o Islão. As únicas festas são aquelas do Ide Mubarak e Ide Ifitre (Id al-Fitr), o Ide grande e o Ide pequeno, são as mais relevantes (HL7); como católica, comemora na própria igreja, a festa começa e termina lá. No 13 de maio usam uma parte da cidade com auxílio da polícia de trânsito e andam pela cidade. Nos distritos e na cidade encontra-se mais a religião muçulmana. (HL8)</p>
	Eventos e festividades religiosas no distrito do Alto-Molocué	<p>Quase sempre nas igrejas e depois acaba em casa das pessoas. Às vezes dormem na igreja e depois vão para casa. (HL13); todos os anos há batismos nas igrejas. A festa depois passa para a casa, há sempre uma música e as pessoas dançam. (HL14); Só acontecem nos próprios lugares, nas comunidades. Por exemplo, se existir uma na comunidade, as pessoas vão comemorar no próprio lugar, depende do programa, onde as pessoas querem festejar, mas normalmente é na mesma comunidade onde rezam. Páscoa, Natal. Durante a Quaresma, amanhã (dia 2 de março, sábado) os jovens da comunidade desta região têm um retiro, vão numa igreja na missão de Malua, muito antiga, como forma de celebrar a Quaresma. Na páscoa também comemoram, passam uma noite aqui com a comunidade na paróquia. Os crentes vão passar aqui a noite pascal e também o dia 25 de Natal. (HL15); primeiro temos a festa do Natal, que coincide com a passagem do ano; outra festa é a Páscoa. Depois da Páscoa temos as primeiras comunhões, que movimentam muitas pessoas por aqui. E surge um momento próprio para casamentos religiosos, por exemplo agora nessa Páscoa haverá muitos casamentos, e com isto vem muita movimentação. Outra é o receber da confirmação, tem sido uma festa para os católicos. Há também os momentos dos muçulmanos, como o Ide. Mesmo o Estado dá tolerância de ponto, reconhece. No distrito de alto-Molocué há pouco hábito das pessoas se concentrarem muito tempo na igreja, essas festas são passadas muito fora, principalmente em casa das famílias. A igreja serve apenas para passar aquele momento, o resto é passado fora, em família ou em grupos. As pessoas organizam-se e vão passar a festa em conjunto, mas é mais entre família. A festa dos casamentos depende do estado financeiro e dos hábitos. A festa é realizada na igreja. Depois da cerimónia religiosa, passam o resto da festa em casa. Mas há pessoas que acham que devem passar noutra sítio, como o salão da casa da cultura. Mas é preciso ter algum dinheiro para isso. Porque se faz festa assim convinda individualidades, e para isso é preciso estatuto financeiro. Mas o que é da cultura é sair da igreja e fazer a festa em casa com família e convidados, e partilhar o que lá tiver. A casa da cultura é no governo, tem um edifício para quem sobe no 10%, naquela subida ali em cima (HL22)</p>
	Eventos e festividades religiosas no distrito de Quelimane e província da Zambézia	<p>Em Quelimane... primeiro temos os cristãos, que fazem as festas nas igrejas, dançam, etc. [não foi o que ela disse; não percebi se queria dizer que se destaca mais, ou o contrário; depende de uma única palavra que não percebi] a seguir os muçulmanos, que fazem as suas festas, o ide e assim, e fazem a sua festa. Agora outras religiões, eles têm as suas festas, mas como são poucos não se notam. É ao contrário daqui: mais cristãos que muçulmanos? Nos dois lados há muitos cristãos e muçulmanos. Depende de outra coisa: nas zonas costeiras há mais muçulmanos e no interior cristãos. Resultado da História. O comércio por muçulmanos vem de longe, e a sua influência é maior na costa. E as festas de uns e de outros notam-se bem em Quelimane, comemora-se das duas partes com muita vivacidade. (HL9); Festas religiosas: têm acontecido muito mais na religião católica: sexta-santa, natal, muitas festas religiosas mesmo. Costuma ser só dentro da igreja? Não, eles têm feito procissões com a estátua de Maria e passam por todo o bairro e vão entrando na casa das pessoas, lançam água benta, etc. (HL10); Festas religiosas: muitas das vezes, quando se recebe alguém que está a sair de um batismo... fala isso do que viu, é católico. Então aí quando recebem alguém que vem de uma comunhão, batismo, casamento, aí procuram instrumentos tradicionais para alegrar, além da comida que é tipicamente local, procuram as danças tradicionais, dependendo da zona em que se está inserido. Nas zonas onde já estive oportunidade (de ver) é o salmos. E aí umas das vezes há batuques, a tábila, na parte dos homens cantam, as mulheres respondem, todos em coro. E têm um instrumento feitos de latas de leite com pedrinhas, organizadas com madeira para não sair. E aí vão tocando. Outros dançam, acompanhando. É a maneira como se comemoram as festas religiosas. Mesmo na igreja, esses instrumentos não faltam, uma vez que estão em zonas que não existe pianos, nem guitarras próprias. Então arranjam tambores. Têm de escavar uma árvore, depois arranjam a pele de um animal qualquer, pode ser de salamandra, de cabrito, de alguns animais como gazela. Claro, de tamanhos diferentes, para que os ritmos ou os sons sejam também diferentes, para acompanhar. (HL17); Tem uma montanha no distrito do Ile, no posto administrativo de Mulevala, na localidade de Namigonha, tem uma montanha chamada Muhogole</p>

			<p>É muito vulgar e parece-lhe que a Itália, a Europa conhece muito bem, pelo que ouve a história e dizem que nas datas de 1987 e 1989, as datas são essas, que foi vista a imagem da virgem Maria. E por isso mesmo está lá erguido um santuário, parece que o maior da província. (HL17); São feitas muitas procissões, principalmente pela congregação do Santo Egidio. Têm feito muitas peregrinações e as pessoas têm saído para vários distritos próximos, para Namacurra e para o monte lero, algumas saem de cá para Milange. De facto há este tipo de saídas para o culto religioso. Só ainda não temos um calendário que diga que o evento é x. Ainda não começamos a trabalhar nesse sentido, mas provavelmente, como já nos mostrou que é necessário, vamos fazer a questão de. (HL25); Primeiro ficaram com a tradição dos colonos. As pessoas juntam-se mais para sacramentos de Igreja. (HL26); natal (H27); aqui o que tem mais peso é a Páscoa. Vai ser dia 31 deste mês. Mais 24 para 25 de dezembro, dia da família. São as duas datas mais elevadas, em termos de cerimónias religiosas. Ida à igreja, festa de família, realizam-se casamentos, batismos, primeiras comunhões, crismas. Casamentos tradicionais: o noivo vai à casa dos pais da noiva, e pede em casamento, e aí se aceitarem, o noivo volta a casa e prepara-se. Compra algumas galinhas, arroz, chima, algumas bebidas locais, por exemplo cachaço. Chega lá, isso tudo consome-se e aí é concedida a mulher, a família hoje, é a tua esposa e é o teu esposo. E daí o homem muda da casa dos pais para a casa da noiva. Se for um casamento matrilinear, uma sociedade matrilinear. Na Zambézia só pode ser dessa forma. Se for um casamento tradicional. (HL28- Zambézia???)</p>
	Eventos e festividades religiosas no distrito do Gurué		<p>Funerais tradicionais no Gurué: primeiro, depois da pessoa desaparecer fisicamente, alguns homens saem, vão no cemitério, lá não se compra lugar, vão ao cemitério que pertence à família e antes de ir ao cemitério medem a altura do falecido para a campa. Cava-se uma coisa de dois metros. Depois volta-se a casa e carrega-se o falecido, e junto com as mulheres acompanham, chegam ao cemitério, poe-se o morto, depois paus em volta, depois cobre-se com capim, terra e depois areia. O terceiro dia vai-se visitar a campa, colocando mais flores. (HL28); Não responde (HL31); a maioria é cristã. Diferente de Nampula, Cabo delgado e zonas costeiras, pela influência mercantil árabe. No interior são cristãos por influência portuguesa. (HL32)</p>
	Histórias e lendas locais na província de Nampula		<p>Os mais velhos contam as histórias passadas aos mais novos para transmitirem o conhecimento do próprio africanismo. As festas, como o dia do idoso, são as alturas ideais para essas histórias serem partilhadas. “Para nós é mais uma biblioteca para sabermos.” As histórias e não só são mais locais, e são sobre a história de moçambique, e também outros acontecimentos e lendas variadas. (HL1); Nestes últimos anos há uma grande vontade de conhecer histórias sobre a Ilha, um tema recorrente por exemplo, porque os jovens africanos não conhecem a história do seu país e o entrevistado considera que a dada na escola é demasiado colonialista (HL1); Há uma série de histórias que são contadas para passar o tempo aos mais novos, crianças e jovens (HL4); Perto da cidade há uma serra chamada serra da mesa, que tinha lá um lago. Esse lago era muito visitado pelos jovens para se refrescarem, mas era perigoso (tinha uma cobra que não se via). Quando as crianças morriam ali o seu corpo desaparecia durante dias. Só voltava a aparecer quando o régulo e a sua mãe apareciam e iam pondo. O lago já desapareceu porque já tinham morrido demasiadas pessoas. E esta é uma história que o entrevistado já viveu, é real (HL4); Mas há muito tempo as pessoas iam para lá pedir. Por exemplo, as pessoas queriam um carro mas não tinham dinheiro. Iam para lá por o seu farelo e pedir um carro. E se conseguir venho cá mais vezes. E era um sítio de veneração também. Essa cultura permanece, mesmo que na cidade ainda possa mudar. (HL4); Na casa do régulo não se podia entrar de qualquer maneira. Era preciso ter autorização. Chegando à casa, havia lá um banco que não podia sentar lá qualquer pessoa. Se sentasse qualquer pessoa havia de ter qualquer dor, ou dor de barriga, ou assim, e quando se levantasse a dor desaparecia. Naquele banco só se podia o régulo e talvez o filho, porque na cultura macua morrendo o régulo quem podia sucedê-lo era o seu filho. Quando ele morria ele era enterrado com duas mulheres vivas. A campa pode ter uma média de dois ou mais metros por causa disso. Normalmente isso era um segredo, ninguém sabia quem ia acompanhar o régulo, só elas, e mesmo quando as iam buscar elas ainda não sabiam. Depois eram apresentadas as danças, que dependiam do sítio, porque não eram só as pessoas da cidade a prestarem homenagem, quase todos os distritos e bairros tinham de estar presentes, e cada um apresentava o que era a sua tradição. Porque há tradições diferentes dentro da Província e da cultura macua. Mas com o desenvolvimento as coisas mudaram, na sua morte é enterrado sozinho. Além disso, desde que o régulo anterior morreu em 2004, qualquer um pode ir à casa do régulo, e se ele der uma ordem, pode não ser cumprida. (HL4); há quem diz por exemplo que se alguém pedir algo a outra pessoa, a alguém da idade do entrevistado, não dá e pode ter repercussões no futuro, ou ter má sorte. Também tem uma lenda interessante só que tem feito muito sentido cá, numa camada social dos 4 a 8 anos, em que se lhe diz: quando cresceres teu filho há de nascer sem mal, por exemplo. Se se diz isso a uma criança, pode até não traumatizar, mas naquele tempo sente-se aflito, e obriga... se ela não queria fazer o que estás a pedir, acaba fazendo.. isso. (HL5); Quando se chega a uma sociedade, é logo pedido o “documento” (tradução livre do macua), a prova de que a pessoa passou pelos ritos de iniciação. Se a pessoa não passou pelos ritos não pode saber certas coisas, certas histórias (HL6); Há um distrito em Nampula que quando alguém se mete com a mulher do dono e ele não estiver, a possibilidade é de ficar colado a ela até ele voltar, e só ele pode desfazer isso. Em algum momento as pessoas tentam provar e ele já teve a oportunidade de ver isso acontecer. São lendas que acabam por ser verdade em algum momento. (HL6); Considera-se que o povo de Angoche não gosta de trabalhar, na educação, que só dão valor à pesca e ao cultivo de arroz. Agora já se encontram algumas pessoas que estudam, mas só para obter alguma qualificação, mas depois só fazem trabalhos pessoais, não trabalham na educação, saúde, etc. por isso se diz que são preguiçosos. Mas eles têm tudo, o Samora até dizia que esse povo não sofreu. Eles têm machambas, têm tudo mesmo o que eles querem de acordo com a tradição deles. Têm uma cidade aceitável, por coincidência é o distrito mais urbanizado e organizado do país, e eles fazem tudo isso sozinhos sem ajuda do governo. Têm governo, mas não precisam do governo para nada. Diz-se que são preguiçosos, mas são lendas que existem. E são o único distrito do país com um dialeto próprio, o cuti, enquanto todos os distritos de Nampula falam macua. (HL6); São poucas famílias que reúnem essa oportunidade de sentar os mais jovens junto dos mais velhos. Os mais novos já não acham válido o que os mais velhos dizem (HL7); Dizem que na Ilha, na própria praia tem uma ilha. Quando alguém tenta lá chegar, não consegue, logo vira. (HL8); isso acontece normalmente nas comunidades. As demonstrações para com os turistas só acontecem quando existem eventos típicos locais. Como no Muipiti Festival, em que a comunidade local também participa, mas com os seus hábitos e costumes, e essa componente não pode ficar de fora. O mesmo acontece com a feira gastronómica, a Tohotiva, em que sempre há uma conjugação de aspetos culturais existentes na ilha. (HL35); já há autores que escrevem sobre elas. Sobre lendas tradicionais, como contos, Nampula tinha bastante e o padre Alexandre Valente de Matos (antigo missionário que morreu em Portugal e foi sepultado em Mutuali, a caminho de Cuamba) registou muitas lendas e contos macuas. Sobre História local há um certo Alberto Viegas que vai escrevendo pequenas curiosidades. Uma estudante portuguesa escreveu sobre os Namarrache, um tipo de terra ao lado de Angoche. Por falar de Angoche: Major Melo Machado “Entre os Macuas de Angoche - Historiando Moçambique”. (HL11); Na Província há lugares associados a lendas, mas entende por lendas lugares de caráter mítico ou religioso. Há vários lugares famosos nas montanhas que são meta de peregrinação, lugares associados ao culto tradicional. (HL11)</p>

	Histórias e lendas locais no distrito de Alto-Molocué	<p>Em todo o lado são contadas entre os jovens na escola ou aos mais novos, contam entre irmãos, etc. contam aquelas histórias que os antepassados contavam; os avós transmitem histórias de como era antes e é obrigação dos jovens transmiti-las (quando pergunto pelas histórias associadas a lugares ela diz que há histórias que contam que na realidade acontecem, em outras casas, não sabe dar mais informação. (HL13); Lugares ligados a lendas: há o lugar de Mulevala que tem uma montanha pequena, e recorda-se de um ano da guerra em que disseram que Maria desceu dos céus em Mulevala. E os padres dehonianos foram lá construir uma paróquia grande. (HL14); praticamente os antepassados dele e os amigos contavam umas lendas e histórias muito bonitas mas agora não se lembra de nenhuma, porque são contadas às crianças, e dos 12 para cima já não contam. Vão com coisas reais que acontecem dia após dia. Também podem ser histórias de uma região, por exemplo um réguo contar a história da região, como ela surgiu,... Por exemplo, como é que se iniciou o bairro pista velha. Antigamente era uma pista onde aterravam os aviões. Por isso se chama assim. Há ainda um lugar onde dizem que Maria, ou Jesus, pisou e ficou uma pegada. Existem lugares históricos, muito lugares. Dizem que tem uma montanha, uma pedra, onde tem o desenho de um pé. Outra montanha tem a imagem de Maria. Há uma história em que dois meninos deixaram a mãe a levar e eles foram passear numa montanha. Quando chegam vêm alguém parecido com Jesus, que eles dizem ser Jesus. Tentaram falar com ele e não sabe dizer se respondeu. Mas quando foram chamar os pais para verem, não o encontraram, só encontraram a imagem. Isto fica em Murrua (Gilé ou Muthala). As crianças diziam que o que viram antes se movimentava e fazia aqueles gestos; quando voltaram, estava parado, tipo estátua, que ainda está lá. A imagem do pé também está no seu sítio, mas num lugar diferente, em Mulevala. (HL15); as mais contadas são as histórias coloniais e a da vida de cada idoso. Sobre os edifícios que estão lá na vila que foram construídos pelo colono português. Quando saíram passamos a usar aqueles edifícios como já havia sido falado. Quanto à tradição oral contam quase histórias míticas. Histórias de animais, histórias da vida no passado, mas também usam histórias para mudar o comportamento dos mais jovens. Recordar qual é a vida natural ao jovem moderno. As histórias mais contadas são deste tipo. Quando eles contam as suas histórias contam num sentido geral, geral do distrito. É difícil encontrar um idoso a contar uma história particular. Antes o distrito era assim, vivia-se assim, brincávamos assim, etc. é difícil localizar. Existem (histórias sobre lugares), até que uma das histórias que me contaram foi de que houve um tronco numa localidade onde vivia o seu avô, em Novana. Era uma árvore grande, faziam uma oração tradicional, levavam a farinha, que aqui chamam de mucutchu, e pediam que os espíritos maus saiam da família. Mas os locais que mais destacam usam mais em geral, não em particular. (HL18); sabe das histórias que são mais da cultura local. É só que agora estão num processo de evolução, mas o que é da cultura, eles sentados contavam as histórias que eram dos antepassados. E isso tem mais acontecido no redor da fogueira, no período da tarde, depois do jantar. A família concentra-se e é a altura em que os mais adultos, os anciãos, vão transmitir algumas experiências aos seus filhos, mas vão contar algumas histórias, algumas lendas que são muito mais da cultura local. Essas histórias (sobre lugares) existem, os anciãos têm histórias que pessoas como ele não retiveram. Eles sabem porque se chama Alto-Molocué, por exemplo. Existem, mas é difícil começar a falar delas. (HL22); existem. São aquelas que os nossos avós e os nossos pais sentavam e contavam: aquilo aconteceu assim. Nauela altura, no tempo de leões, as pessoas protegiam-se com casas com pedras e espinhos, para evitar os leões. (HL23)</p>
	Histórias e lendas locais no distrito de Quelimane e na província da Zambézia	<p>Por exemplo, uma das que lhe contaram é que a cidade de Quelimane se chama assim porque quando os portugueses apareceram as pessoas estavam a trabalhar e os portugueses perguntavam o que estavam os outros a fazer e eles respondiam “olima” (na língua materna é cultivar [ela disse colimar?] e depois diziam Ka lima (“continuem cultivando”), e por isso ficou Quelimane. Mais alguma? O porco tem cauda curta. Quando distribuíram as caudas e pediu a alguém (à vaca) que fosse por ele, e esse pegou a cauda mais cumprida para si próprio e a mais curta para o porco. Aprendeu esse conto em Quelimane e a lição é não mandar os outros na nossa vez. (HL9); Foi acampar no distrito de Morrumbala e contaram esta história: lenda de nome fujium – à entrada do distrito de Morrumbala há duas montanhas que se cruzam, e tem uma pedra no meio que parece uma porta, e dizia-se que há um tempo aquelas duas montanhas abriam-se e via-se pessoas a saírem, e quem visse aquilo morria ali mesmo ou então não podia contar a mais ninguém. Não se pode chegar à igreja colonial no topo da montanha no distrito de Mocuba sem se fazer uma certa coisa antes, senão caminha-se sem fim, sem conseguir chegar lá. No distrito do Ile tinha uma montanha que muita gente queria chegar; davam duas frutas no início, e quem comesse as duas não conseguia chegar ao topo. A galinha de Morrumbala não tem fígado. É esse tipo de histórias. [as pessoas contam as histórias como se fossem reais. Sobre isso:] muita gente diz que sim, que estas lendas são verdade. O primo disse que foi a Mocuba e que se não passasse por aquilo tudo não podia chegar ao topo. E ele presenciou duas lendas quando era pequeno. A lenda do chupassangue, em que se a pessoa não se deitasse cedo, ele vinha chupar o sangue. E a o homem do caixão, que passava por todo o bairro e batia à porta. A pessoa tinha de abrir a porta mas não responder. Se respondesse tinha de segui-lo, morria. Quase toda a gente fazia aquilo. E para ele não chegar a casa era preciso desenhar uma cruz de farinha. Mas depois descobriu-se que, como era uma altura de fome, havia sempre alguém a recolhê-la. Foi uma lenda que deu problemas por haver quem se aproveitasse. Havia ladrões que carregavam uma caixa pintada de branco ou com um pano dessa cor, batiam à porta de noite, aproveitavam-se do facto de as pessoas não poderem responder, entravam e simplesmente carregavam coisas de dentro de casa. A que não se revelou foi a de chupassangue, ainda não há uma explicação, mas ele acha que era uma fase de muita bandidagem, então era para levar as pessoas a deitarem-se mais cedo e não irem para discotecas e tal. [e a história de por o farelo e ter o que se quer com toda a certeza] Ele também acredita nisso, é um pedido que se faz a um espírito. Dizem que não se pode gastar o primeiro salário, que se tem de pedir ao espírito para ter mais e como forma de agradecimento. E também gente que está desempregada e pede e consegue emprego. É daquelas lendas que sabe que as pessoas fazem, só uma ou outra ignoram, mas o resto faz com tanta certeza, como não têm pela religião, até esquecem Deus, poem-no de parte. Fazem nas mangueiras, embondeiros, ate fazem umas casinhas. Na terra dele fazem uma comida em grande quantidade, servem primeiro o espírito e deixam numa mesa. Comida e bebida tradicional. Tem de ficar um dia ali, e só no dia seguinte é que comem. A comida tem de ser feita antes de amanhecer e depois do entardecer. Vão com farinha, começam a pronunciar o nome de falecidos, a fazer o pedido e deixam a dormir com velas durante a noite. E na manhã seguinte chamam crianças para comer. E depois é só esperar que se realize. Ele sabe de quem fez isso e realizou-se. Faz-se também quando se está a fazer uma grande infraestrutura. Fez-se a cerimónia quando se ia construir a ponte que liga sofala e Zambézia em Quelimane. Primeiro do lado da Zambézia, e depois do lado de Sofala, seguindo os ritos próprios de cada lugar. É para a construção correr bem e não haver muitos acidentes. Mesmo os políticos acreditam. [explico que pensamos que seria só lenda na cabeça das pessoas, da mesma forma que na Europa hoje em dia] Agora na escola aprendem o que são lendas e esquecem um pouco que aquelas coisas existem de verdade. [as religiões parecem um pouco ser só emprestadas, porque as pessoas acreditam no que acreditavam antes] Esta é a verdadeira fé talvez, mas também é preciso acreditar nisso porque dá algum medo de fazer coisas que nos dizem que não se deve fazer. Mas isso também é o que tem de bom acreditar nas religiões e nas lendas. Pode-se ignorar em frente de amigos, mas no fundo há um medo que existe dentro de nós, em que evitamos fazer certas coisas [e digo que é o mesmo no ocidente, com as histórias de fantasmas]. Acontece que num bairro com uma casa fantasma, as pessoas do bairro não entram, mas se alguém novo que não saiba entra lá não tem problema nenhum. Mas depois sai e dizem-lhe que é assombrada, ele passa a não entrar lá. Acredita que o que as pessoas veem lá é fruto da imaginação e do medo. Mas acredita que existe. Um dia quando era pequeno estavam a brincar na igreja e um miúdo começa a bater à porta com muita força. Então soprou um vento que o empurrou com muita força, até pensou que era o amigo, mas ele estava longe dele; nunca mais mexeu na porta. (HL10); varia de lugar para lugar. A Zambézia é vasta, com muitas tradições e culturas, e muitas histórias. Viveu lá no Gilé e a história que por lá ouviu era difícil de juntar, cada um</p>

			<p>dizia da maneira como escudou e esta a ser mudado, mas o contexto era o mesmo. Que antigamente o Gilé era posto administrativo do Molocué e passou a ficar independente mais tarde, como distrito. Então, as histórias de lá só podem ser do local em que se está na hora. Agora, não sabe em que aspeto se focar no geral, reparando na província. Reparando na província pode não (?) ter muito a dizer. Lugares com mitos de facto existem. Existem alguns lugares que mesmo ao passar à noite, em dado momento, precisa de muita atenção, porque pode sair a correr e pode não sair a correr. Existem até lugares, até como alguns pântanos, em que as pessoas vão deixar as suas cerimónias, pedidos, para cerimónias tradicionais. Então estes lugares para eles são lugares de muito respeito. Então, em Alto-Ligonha, que é onde ele vive, existem vários lugares. O primeiro é quase na vila, ao pé de um riacho. Tem lá um pântano muito profundo, mas no tempo de guerra, as pessoas conseguiam fugir para lá e o inimigo não encontrar, por causa do lugar, era um lugar misterioso, onde todos os que fugissem para lá era difícil serem agarrados, e aí passou a ser para os nativos um lugar de muito respeito. E aí temos outro lugar que as pessoas vão para fazer peditórios. Por exemplo, antes precisa-se de uma infraestrutura, antes de assentar lá. Tem de ir para lá com o líder mais velho comunitário da zona, vão para lá, com farinha, fazer seus pedidos, a invocarem, a pedirem sucessos, na produção e muitas outras situações. Para eles saem mesmo com sucessos. e para esses lugares não vai qualquer um, fazer brincadeira. Não é fácil. (HL17); A localidade de Bala, na vila sede da Maganja da Costa. Chama-se a república da Maganja da Costa. É um sítio em que travaram com maior resistência ao antigo regime, que nós tínhamos aqui, os colonos. Então essa região é conhecida e temida. Até hoje dizem que as pessoas daquela zona são de uma característica resistente a certas coisas e realmente é um sítio que tem uma história para contar. E também o distrito de Namarrói, em que as populações, ao invés de semear o café que lhes foi dado, por causa da zona, que é fértil, os camponeses pegavam nas sementes, coziavam e semeavam -nas assim, e os colonos pensavam que a terra é que não era propícia para aquele tipo de cultura, enquanto as pessoas sabotavam a cultura para não serem mandadas a fazer aquilo. São esses os lugares em que as pessoas estão ligadas a essas histórias, vivem-nas, há uma memória em relação a essas histórias. (HL25); Mas o que se explica lá (nos ritos de iniciação) é tudo tradicional, tem regras que não se explica na escola. Por exemplo, há uma tradição que diz que um não pode circular na casa do outro assim, começar da porta e girar até acabar na porta. Não pode e isso é uma coisa que não se fala na escola. Outra: não se pode pedir sal à noite, porque dizem que o sal expulsa espíritos, é como se levasse a proteção para depois aparecer à noite. Outra coisa é que o pilão não pode dormir no vizinho, não pode ficar emprestado na casa do vizinho durante a noite. Porque o dono pode precisar, não sabe, são coisas que se explicam lá. A pessoa volta dos ritos com essa informação toda. Volta com mitos e lendas, mas que servem para educar. Na verdade, não dormir no pilão no vizinho eles estão a tentar ensinar a responsabilidade em devolver a coisa ao dono a tempo. Pode não ser que precise à noite, é para educar. É uma tradição dos ritos de iniciação. (HL26); Aqui é a tendência que as histórias passam de mãe para filho ou de avó para mãe, as coisas vão descendo. Há aquela tradição de depois de jantar, em vez de se ver televisão, as pessoas sentam-se em volta da fogueira e conta-se aquelas histórias que dão medo. Mas no fim da história a tendência é pôr moral nas pessoas. Conta-se uma situação perigosa que no final a pessoa vem a safar-se. Mas ficam com aquele medo de fazer aquela coisa. Porque contaram à noite, a pessoa olha para trás e está tudo escuro. O conteúdo da história é assustador, coisas de feitiço, é natureza. É raro alguém sentar para contar um filme, um pai contar um filme a um filho, ou contar a novela ou contar a Branca de Neve ou a Rapunzel. É impossível. Aqui conta-se as histórias antigas, lendas e mitos com tendência de assustar mas no fim fazem a moral da história. As outras histórias, como o coelho e a lebre, ouvem mais na escola, mas em casa era uma vez uma senhora feiticeira, por exemplo. Nunca é história de ficar a rir, é sempre de ficar com aquele medo. E eles contam com uma naturalidade, como se não tivessem medo da coisa que estão a contar. Enquanto para os mais novos já é um sufoco, apertado no fundo. Ele conta, para mostrar superioridade, com aquela naturalidade, assim normal. Mas na hora em que acabou a história, a pessoa fica: “como é que ele conseguiu contar uma situação como essa e estar à vontade? Eu estou mal e ele está à vontade, ele deve ter muitos segredos dessas coisas”. E assim passam a ter muito respeito por essas pessoas. E tradição. Tradição na cidade de Quelimane é cumprimentar. Eles dizem assim: mulamutthuo mukakabué (?). Todos daqui, não é mal-educado, em geral todos cumprimentam, por exemplo, todos cumprimentam um mais velho. Não lhe ensinaram, mas sabe que é tradição. Porque vê todos a fazer todos os dias. E não pergunta porquê, não se pergunta porquê. Outros têm aquela criatividade, pessoas que estudaram mais filosofia, perguntam mais porque é que se faz isso, procuram a ciência das coisas, mas para eles é tradição, cumprimentar os mais velhos, não se sabe porquê, é respeito, é tradição, é a natureza da tradição aqui em Quelimane. Tudo o que se conta, todas as histórias que eles contam para os mais novos, não se pode perguntar ou criticar, não se pode por o seu ponto de vista naquela situação. A pessoa ouviu, acatou a história e vai contar igual para os filhos, não pode alterar nada. Só se a história não combinar com a realidade, mas a pessoa tem de acreditar. É assim, não há como, não pode mudar a história. (HL26); Já é mais para fora, aqui (em Quelimane) não há muito. Património arqueológico por exemplo são os montes que se encontram nos distritos. É o que têm de riqueza. Nos distritos por exemplo de Gurué e Morrumbala tem lá montes, só não conhece os bem nomes. E são esses lugares arqueológicos... eles vão lá, invocam esses espíritos. Por exemplo, não choveu, as pessoas vão lá, até parece que lá vão encontrar a chuva. Vão lá, sentam na frente do monte e rezam para que chova. Não tem lá ninguém, mas pedem que chova. E se chover, vão lá agradecer. Levam comida para lá, deixam lá, ninguém come, fica lá, é tradição. Os montes por cá servem para isso. É como se os espíritos estivessem lá nos montes, então onde as pessoas vão. (HL26); Dizem que para a terra deles se chamar Quelimane teve um branco que encontrou um grupo de trabalhadores quelimanda, fazendo a terra. Então quelimanda, também chega e pergunta como se chama a região. Ninguém percebia portugueses. Então o chefe daqueles outros camponeses vira e diz: calimani niu. Calimani significa quilimani. Então o branco percebeu Quelimane. Outra lenda de Nicoadala, aconteceu o mesmo, chega e pergunta o que se passa nesta região, qual é o problema, e eles dizem Nicoadala, “estamos a morrer de fome”, Mucudadala. Mesmo aqui na entrada da cidade há uma zona que chamam de padeiro, porque naquela região vivia um grande padeiro que fazia um bom pão. Então diziam: “vamos lá ao padeiro” e assim ficou. (HL27)</p>
	Histórias e lendas locais na localidade de Milevane		<p>Existiam. Quando era criança existiam muitas. Depois do jantar, antes de deitar, os avós ou entre crianças se reuniam e contavam. Era até um sucesso. Hoje muito francamente se uma pessoa diz a uma criança de 8 ou 9 anos para contar uma história não tem. E havia muitas histórias, do coelho, do camaleão, do cágado, e havia muitas mesmo. O coelho em África e em Nauela é considerado o animal mais esperto. Então tem muitas com coelho. Depois lendas. Se for ter com o meu sobrinho de 15 e 18 anos, e peço uma lenda, é capaz de não contar, nenhuma mesmo. Estão a desaparecer, agora hoje é um fenómeno que surgiu agora há 5, 6 anos em que as crianças, depois de jantar, vão nas pequenas construções precárias, alguém compra o seu aparelho, o filme e vai lá projetar o filme. Lá no campo. Aí há concentração, ver um filme é uma novidade. Então não há juventude ou criança que vá escutar a história do avó ou do tio. Havia muita lenda e história, e conselhos. Eram lendas que ensinavam a vida de cada dia, não era uma lenda vazia. E normalmente contavam uma lenda ou uma história e o pai ou avó ou tio ou tia diziam isto significa isto e isto. Iluminava aquela lenda. Era assim, era uma sabedoria, hoje infelizmente... Há algum lugar aqui que tenha uma lenda? Que ele saiba na região pensa que não. Assim de imediato não. Quando era criança fizeram um passeio ao rio Malema que atravessa o distrito de Malema e parte do Namúli. Foram a um lugar com uma queda, o rio vinha grande e depois estreita. Havia uma lenda que dizia que se alguém salta aquilo aumentava. Com 12 anos, 15 anos, ele aceitava. (HL29); existem, mas varia de acordo com a cultura e a região. Mas aqui têm pequena sorte de que a parte do Norte (Zambézia para cima) a língua que predomina é o macua e mesmo as lendas e histórias não variam muito. Deve haver aquelas histórias com animais, para ensinar as crianças, e as com espíritos? Sim. É uma forma de educação tradicional, estão muito focados nisto. [em Nampula falavam muito das práticas tradicionais com espíritos e na Zambézia nem tanto, se calhar não entenderam da mesma forma] Cá existem, talvez não falaste desse assunto. É bom perguntar ao povo. Se</p>

		calhar falaste com a camada da população que não viveu isto. As pessoas mais idosas podiam esclarecer isso. Como o padre Elias fez, o que ele escreveu foi com o povo. As respostas que recebes agora são superficiais. [mas em Nampula consegui perceber que as pessoas, mesmo no meio universitário e na cidade, consideram os espíritos algo sério; nos outros sítios não] mesmo cá existe. Exemplo: uma pequena doença que surge pode ser explicada pelas ações da pessoa, ou então o tio que morreu no ano passado não está contente, porque não deitou farinha, não pensou nele, não organizou uma festa. Somente quando apareceu e foi dizer que quem pensa nisso é subdesenvolvido, é obscurantismo. Mas aquilo faz parte da cultura dos lomués e dos macuas. Dizem que a vida começou no monte Namúli, é lá que está a nossa origem. Esquecemos mesmo Deus, Deus é uma coisa que está ligada com os espíritos. É sempre um segurança; mesmo os que estão na vida sacerdotal quando chegam em casa nota-se uma certa diferença. Porque estas conversas são evitadas, mas quando chegam em casa, fala-se dos espíritos, que estão por detrás de alguma doença ou mal-estar. A culpa pessoal não existe, existe a do outrem. Exemplo: quando os seus avós não dormem bem, de manhã vão pôr farinha. E estão contentes. Enquanto aos padres é a oração. (HL30)
Histórias e lendas locais no distrito do Gurué	No Gurué, as histórias, pelo menos quando lá estava, gostavam de perguntar aos mais velhos o que aconteceu há muito tempo. Perguntavam se as estradas e as pontes eram feitas como são feitas agora, com máquinas. E eles respondiam que antes eles eram usados como transporte, todo o material eram eles que carregavam. Por exemplo, carregavam ferros, que agora não podem ser carregados por 5 homens e naquela altura eram carregados por dois. Duma forma ilegal. E os mais jovens registavam estas coisas. Isso no tempo de férias, quando acabassem as férias quem viajava, voltava para o local e ficava a estudar. Daí, noutras férias, também praticavam um desporto, troca de experiências. Eles saíam, formavam equipas do bairro, depois escreviam um aviso a outro bairro que iam visitá-los para troca de experiências. E aí faziam uma série de anedotas: “tenho uma casa branca, sem portas nem janelas” e eles tinham de adivinhar. Estava-se a referir ao ovo. E depois contavam outras: “quando estava a viajar para a Alemanha, fiz minha massa, e pus na tigela. Se sai-se de Moçambique para a Alemanha, ela ficava bem quente”. Ai, eles ficavam sem resposta e depois davam a resposta: “é o piri-piri, pode-se pillar aqui e chegar a Alemanha que continua picante”. (HL28); Existem e contam-se como um método de educar para os mais novos dos mais velhos. Mas com as novas formas de entretenimento (novelas, etc) as crianças ficam menos tempo a ouvir os velhos. Mas há sempre aquele interesse. Mas há muitos novos, e poucos velhos, e eles já não querem ouvir os velhos, preferem as coisas novas. (HL31); nome do Gurué – diz-se que vem dum régulo e quando os portugueses visitaram-no ele não conseguia pronunciar o seu nome e deram-lhe o nome de Gurué. Mas ele não sabe os detalhes, e parece não saber bem a história. História do chá – primeiro era cultivado no Malawi e teve um português que vivia aqui e que falou com um amigo de lá e que lhe deu a planta e ele trouxe. O Gurué é conhecido em todo o país pelo chá. Namúli – diz-se que é o lugar da origem por existência de uma caverna, fenda matriz, seio materno, existência de um grande ovo que simboliza nascimento exemplar do mundo ou cosmonia. Ainda a existência de um grande lagoa no cimo que simboliza grande fecundidade e a existência numa pedra de grande pegada do primeiro homem e mulher. O segundo mais alto do país, depois do monte Binga em Manica. (HL32); existem, mas antes eram contadas, e agora, com as mudanças culturais, não são contadas, só nas iniciações, em que se incute a ideia de usar histórias e criá-las para corrigir os filhos através delas. Essa formação é feita lá pelos mais velhos, usam as histórias para os educar, para facilitar a entrada na idade adulta. E, por isso, estas histórias são contadas e feitas fora da cidade. Se há algum sítio ligado a uma história: sim, mas... (HL33)	
Histórias e lendas locais noutras Províncias	Na província do Niassa há uma, que diz-se chitega (que se calhar é lenda...). Quando chegares lá a essa província é sempre importante ver se as pessoas são casadas ou não. Se te meteres com um (a) casado(a), é provável ficar paralisado. (HL6)	
Património arqueológico no distrito de Nampula (unidades de registo)	Não sabe (HL1); Ilha de Moçambique (HL4, HL6, HL8, HL10); Serra da Mesa (Nampula) (HL5); Museu de Etnografia de Nampula (HL5); geralmente cá em Moçambique, até onde ele sabe, as pinturas rupestres foram feitas em quase todo o sítio, onde as pessoas passavam, e agora onde existe é nas montanhas (porque as pessoas passavam menos lá) (HL5); Existe esse tipo de sítios (com ruínas), mas se existe é um sítio que tem menos aderência. Então agora não lhe vem à cabeça. (HL5); Mecuburi. (HL6, HL11); na cidade é complicado. Se não, não está em condições de detalhar. (HL7); lapala (Ribaué) (HL11); Musse ou Mussa ou Riani (HL11); Quirim, (?) (HL11); Alua (HL11); Lalaua (HL11); Nacavala (HL5, HL11); Monapo (HL11); Murrupula (HL11);	
Património arqueológico no distrito de Nampula (descrição)	Os vestígios de presença humana existem na Ilha de Moçambique, onde, num lugar onde eram deitados corpos, se podem encontrar enterrados como crânios, partes de crânios, rotulas, e outros vestígios que podem apontar para quem eram essas pessoas. Dantes era frequente encontrar esses elementos, que foram sendo retirados devido à tradição do curandeirismo, que usa esses ossos para curar. (HL4); É difícil identificar lugares com património arqueológico fora da Ilha porque não se valoriza o que há e os moçambicanos não conhecem a utilidade desse tipo de património, só valorizam aquilo que está ligado ao dia a dia (HL4); Museu e pinturas rupestres – tem uma zona para quem vai a Nacala, uma montanha, em Nacavala, com pinturas rupestres. Mesmo aqui na cidade na serra da mesa. Tem uma particularidade, geralmente cá em Moçambique, até onde ele sabe, as pinturas rupestres foram feitas em quase todo o sítio, onde as pessoas passavam, e agora onde existe é nas montanhas. Acha que uma montanha seria uma ..., então aquilo permanece por muito tempo, acha que noutra sítio se calhar desapareceram. Há em Nacavala, serra da mesa e muitos mais sítios, mas só por ser montanha e porque é uma coisa que não estamos lá todos os dias da semana. Nesses sítios existe. Porque teve oportunidade de passar por lá. Existem mais outros sítios, só que não tem hábito também de subir ou escalar montanhas, então... é isso. Mas sítios onde tenham descoberto restos de uma casa, escavaram, descobriram, acha que não. Onde tem esse tipo de coisas era muito, era longe de onde vivem pessoas, porque um certo sítio que está, por cada disputa de lugar para construir, aqui onde vivem, antes mesmo de se destruir a casa ou de estar em ruínas, ninguém, há sempre um comprador. Existe esse tipo de sítios, mas se existe é um sítio que tem menos aderência. Então agora não lhe vem à cabeça. (HL5); não se fala muito mas há em Mecuburi. Não se publica muito, mas é um local histórico e tem placa lá. (HL6); só na Ilha de Moçambique (HL8); Lugares das pinturas rupestres mais famosas na província: lapala (localidade de Ribaué), Musse ou Mussa ou Riani (tem um grande abrigo, comprido, com sinais mais ou menos recentes, que culminam com uma gruta separada mais ou menos em cima, com aquela gravuras clássicas que nós estamos acostumados, ou seja, pinturas figurativas com homens, mulheres e animais, para além dos habituais pontos e linhas, em ocre, preto e branco), Quirim, (?), Alua, Lalaua (que não viu), Nacavala, Monapo, Murrupula, Mecuburi (em dois pontos) e algumas outras. (HL11)	
Património arqueológico no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)	Aqui não, ou não tem conhecimento (não sabe muito daqui) (HL13); Um banco colonial em ruínas (HL14); no distrito não sabe (HL15); Em Quelimane, na cidade quase, existem (HL15); pensa que não. Se existe ainda não viu (HL22)	
Património arqueológico no distrito de Alto-Molocué (descrição)	No Molocué, há um banco feito no tempo da guerra. A Renamo partiu aquele banco. E até hoje está assim parado. (HL14); No distrito não sabe. Mas indo para Quelimane, esses lugares, na cidade quase, existem. (HL15)	

		Património arqueológico no distrito de Quelimane e província de Zambézia (unidades de registo)	Há umas construções, mas já degradadas em Quelimane (HL9); Igreja catedral antiga de Quelimane (HL9); Imagens na pedra em montanhas em Morrumbala (HL10); perto igreja numa montanha em Mocuba, com uma praça que gira (HL10); Angoche (HL10); Moma (HL10); Montes Namúli, com pinturas rupestres e pegadas (HL25); cavernas na região do Gurué e do Ile (HL25); Nos distritos por exemplo de Gurué e Morrumbala tem lá montes, só não conhece os bem nomes. E são esses lugares arqueológicos... eles vão lá, invocam esses espíritos (HL26); se existem em Quelimane, não sabe (HL27); Em Quelimane ainda não tem essa experiência. (HL28)
		Património arqueológico no distrito de Quelimane e província de Zambézia (descrição)	Há, sim, mas estão degradadas. Há umas construções, mas já degradadas em Quelimane, também com a erosão. Havia uma igreja catedral que é a primeira que se construiu no princípio da colonização. Está fechada, e já não visita há muito tempo, nem sabe se ainda existe. (HL9); Há nesses distritos que ele foi referindo. No de Morrumbala, nessas montanhas há imagens na pedra. Perto dessa Igreja também existe. Uns desenhos estranhos... “A nossa praça é muito engraçada”. Uma praça que gira. As crianças têm curiosidade em ver o que está no meio, ele também tinha. Mas um dia chega na praça, dá voltas naquilo. Diziam que lá tem restos do presidente Samora. Eles queriam ver, mas quando dão a volta, encontram uma pedra brilhante e nada mais. E a curiosidade desapareceu. Não visitou muito o museu de Quelimane. Quando era criança tinha algum medo de visitar, de chegar nesse tipo de sítios. Também influencia quando uma pessoa tem na família quem tenha espírito de levar os outros a visitarem esses sítios. Mas ele só lá foi uma vez, então já se esqueceu de algumas coisas que viu, foi muito novo. Mas tem esses vestígios também. Mas tem mais nos distritos. Por exemplo em Angoche (até restos mortais), Moma, Ilha. Mas as pessoas nunca visitam muito porque esses sítios coincidem com as lendas que afastam as pessoas. E as pessoas são tão ignorantes que quando se quer visitar, recusam-se por terem medo de morrer. (ele explica que ele e o amigo gostam de visitar tudo e que há pessoas que não têm esse tipo de curiosidade. E que até visitou o museu, que parecia tão grande, mas afinal não tem quase nada) (HL10); Muito pouco. Mas provavelmente na região mesmo do Gurué, nos montes Namúli, pode-se encontrar alguma coisa, alguma matéria sobre isso, porque diz -se que é nos montes Namúli existe as pinturas rupestres e muito provavelmente essas pegadas que existem nas montanhas e mesmo cavernas que existem na região do Gurué e Ile, provavelmente tenham alguma matéria do património arqueológico que possam contribuir. Acreditamos que sim mas é também um desafio da nossa parte poder investigar mais sobre essa componente. (HL25); Já é mais para fora, aqui (em Quelimane) não há muito. Património arqueológico por exemplo são os montes que se encontram nos distritos. É o que têm de riqueza. Nos distritos por exemplo de Gurué e Morrumbala tem lá montes, só não conhece os bem nomes. E são esses lugares arqueológicos... eles vão lá, invocam esses espíritos. Por exemplo, não choveu, as pessoas vão lá, até parece que lá vão encontrar a chuva. Vão lá, sentam na frente do monte e rezam para que chova. Não tem lá ninguém, mas pedem que chova. E se chover, vão lá agradecer. Levam comida para lá, deixam lá, ninguém come, fica lá, é tradição. Os montes por cá servem para isso. É como se os espíritos estivessem lá nos montes, então onde as pessoas vão. (HL26)
		Património arqueológico na localidade de Milevane (unidades de registo)	Em Nauela pensa que não, que ele saiba. Noutros sítios pode haver (HL29)
		Património arqueológico no distrito do Gurué (unidades de registo)	Um museu (HL28); Não sabe (HL31); a base do Muximua, da Renamo [agora não tem nada] (HL32)
		Património arqueológico no distrito do Gurué (descrição)	No Gurué antigamente, quando estava lá, contaram que havia um pintor que ficava lá pintando os desenhos dele. Quando viram que aquilo era aproveitado começou a ensinar as crianças. As melhores pinturas ficaram numa casa que chamam por museu. Algumas pinturas antigas que não se sabe como foram feitas ficaram lá. (HL28)
		Património arqueológico noutras províncias	Em Pemba também tem (HL6)
		Parques naturais (unidades de registo)	Não sabe, mas pode existir (HL1); Parque Natural no posto administrativo de Muíte (distrito de Mecuburi, Nampula) (HL4); Na cidade (de Nampula) não tem. Fora da cidade acha que ... também não está a ver. Não que não exista, falar que não existe. (HL5); não sabe (HL6); Gorongosa (HL6, HL28); Niassa (HL6); [outros referiram estes dois mas não registei] conhece 3 a nível nacional, e infelizmente nenhum está na província. (HL7); em Quelimane não tem (HL9); Em Nampula não tem. Mas parece que abriu, mas não sabe onde mesmo, só sabe que é a caminho de Nacala. (HL8); Não há (HL13, HL22, HL23); Reserva nacional do Gilé (HL9, HL10, HL14, HL15, HL17, HL18, HL25, HL26, HL27, HL28); noutros distritos para além do Alto-Molocué (HL15); Morrumbala (HL17); Lugela, com águas quentes (HL17); em Quelimane não sabe se existe, mas acredita que na Zambézia, nos outros distritos, crê que existe. Mas em Quelimane, que saiba, não (HL27); A reserva do Gurué, não chega a ser uma reserva porque não é tão conhecida, é um pouco local. Pode-se encontrar fora da cidade, responde pelo nome de Corone, significa árvores grandes. Algumas madeiras saem de lá, esses toros que são carregados pelos chineses. (HL28); Inhambane (HL28); Niassa (HL28); Marrumeu, Sofala (HL28); reserva do Beline (Maputo) (HL28); Que saiba, ao nível de Nauela, não (HL29); Também não sabe (HL31), não há aqui (Gurué) (HL32); não há reservas, a exploração agrícola dificulta (HL33)
		Parques naturais (descrição)	Parque Natural no posto administrativo de Muíte (distrito de Mecuburi) a 400/380 km de Nampula, com elefantes e leões. Esse parque ainda não está sob a custódia do governo, e as pessoas, em busca de terrenos férteis, entram naquele território e as suas machambas e casas sofrem o ataque dos animais (HL4); aqui na cidade não tem. Existe um parque mais para o artificial aqui na cidade.. Fora da cidade acha que ... também não está a ver. Não que não exista, falar que não existe. É uma cidade muito extensa, e a província é a mais vasta do país, e se falar estaria a limitar. Existe, mas (qualquer coisa da província, talvez que não sabe porque não conhece a província toda) (HL5); tem mais na Gorongosa (Sofala) e acima de tudo Niassa, tem muitos e até alguns que os naturais nem conhecem, e os de fora é que vão ver, até grandes estrelas de fora e o Carlos Queiroz tem uma reserva lá. É uma potência. Já teve oportunidade de visitar, mas a primeira vez que foi, foi com uma europeia, e é um parque totalmente natural, nos lados de Mavago e até tem uma pista de aterragem. Tem muitos parques/reservas. (HL6); tem também a reserva do Gilé, mas diz que por causa da guerra não tem tantos animais assim (...) acabaram fugindo (HL9); Fala-se mais do parque de Gilé. Tem outras reservas, mas já não sabe os nomes. No Gilé encontra muitos animais que não encontra noutras reservas: elefantes, rinocerontes, galinha-do-mato (galinha angolana, preta com pintas brancas, mas que se encontra em muitas matas, mas mais no Gilé). Lá faz-se também a caça e tem preços estipulados. (HL10); Gilé (um parque muito vasto, com animais criados nesse parque, como elefantes, búfalos, leões, leopardos, gazelas, muita coisa, muitos animais) (HL14); existem reservas, mas estão noutros distritos, como no Gilé, como noutros lugares, como a Gorongosa. (HL15); Parques e reservas naturais: só pode falar da do Gilé, que é famosa, tem lá muitos animais selvagens e muitos turistas vão para lá para poder ver e

		<p>apreciar o ambiente. Teve oportunidade de passar, mas não parou, porque é preciso entrar mais para o interior. Mas pelo o que ouviu, tem lá animais de grande e pequeno porte. Tem antílopes, e dentro da reserva passa um rio que também tem muitos animais: hipopótamos, crocodilos e outro tipo de aves que lá existem, à procura do lugar para se alojarem. Então dizem que são aves bonitas e boas. <u>Está há dez anos no Gilé</u> e nunca teve oportunidade de poder ver, conhecer a reserva. Mas os que vão para lá dizem que vale a pena poder ver. E outros sítios que ouve assim há em Morrumbala e Lugela, há (...) de águas quentes. Lugares onde se querem assar a mandioca não precisa a assar ou cozinhar, só amarra bem com uma corda, e poe na água a ferver e 5 minutos depois a água já está cozida. Parque só do Gilé, e também há outros lugares onde as pessoas vão para poder passear, poder divertir. Até que o governo do Gilé tem pessoas que controlam a fauna bravia. Por causa da reserva estar localizada próxima, ou as pessoas irem próximas das reservas para poderem efetuar a caça. Então, o governo tem de controlar, senão as pessoas vão lá à procura desses animais de pequeno e grande porte e matam para vender a sua carne ou a maior parte para consumo. Então, urge a necessidade de haver esse controlo dos animais. Existem búfalos, algumas gazelas, leões. Senão têm cuidado, podem ser devoradas por leões, porque a caça dessas pessoas tem sido na hora noturna. Tem lá, não sabe bem se zebras, mas leões existem. E no verão dizem que é mais fácil poder observar. (HL17); quase não existe no distrito, mas na província sim. O parque do Gilé, o mais destacado da província. É um dos melhores do país. O maior do país é o da Gorongosa. (HL18); Na Zambézia tem parque do Gilé e outros lugares que não conhece bem, mas Gilé é o que ouve falar mais. E outros lugares. Mas parques naturais é Gilé. E a natureza dos animais que se veem lá são esses que têm visto na televisão. É lá onde estão mais essas coisas, no Gilé (HL26); Reservas na Zambézia tem no Gilé (HL28); Reservas na Zambézia tem no Gilé. (HL28)</p>
	Património Natural	<p>De turismo existe ainda um lugar que ainda não viu, que tem águas térmicas, mas isso é património natural. É no distrito dela (Namacurra) (HL9); No distrito de Morrumbala (águas termais de Binda), no distrito de Lugela (águas termais de Monhamade), no distrito de Mocuba, no distrito de Nicoadala, Maganja da Costa, Pebane e Gilé. São 12 fontes termais na província. (HL25); UP11 e 12 têm uma boa paisagem. [barulho de chuva: ele diz que mesmo num dia assim pode-se visitar] (HL33)</p>
	Observação da flora e fauna na província de Nampula	<p>Nairucu (lá há muitos animais que os turistas e visitantes em geral (até locais) apreciam muito. Tem vários animais e o lugar em si é muito concorrido) (HL1); Pode existir alguma animal ou planta protegido ou característico, mas não conhece (HL1); Um sítio em que se as pessoas forem por causa dessa flora e fauna há de constituir um atrativo. Acha que (há um sítio chamado?) palmas, onde constitui também um atrativo turístico. Acha que aqui faz com que a flora e fauna não seja devastada, mas aqui mesmo em Nampula existe só que não está a ver.(HL5); (animais selvagens na província) Existe o javali, elefante, ..., são esses. (E onde se podem encontrar) Deve se ir primeiro onde existe essa fauna, mas onde tem maior abundância é em Cabo Delgado e nas fronteiras, nos parques zoológicos. Nas fronteiras, acha por ser um sítio onde há poucos habitantes, então os animais têm estado nesse tipo de sítio. (HL5); mais nos distritos – Mecuburi, Ribaué, por aí (HL6); os jovens frequentam mais os jardins, lugares mais reservados para passar o tempo, mas outros tipos de lugares, não conhece. (HL7); em Nampula acha que não têm (HL8); a Ilha de Moçambique está no litoral, podemos encontrar a fauna e a flora marinha e também está disponível em termos de produto, porque há operadores turísticos que oferecem a opção de mergulho. Então podemos ver as tartarugas marinhas, as estrelas-do-mar, ... é um produto já existente, é só contactá-los (HL35)</p>
	Observação da flora e fauna no distrito de Alto-Molocué	<p>Não há muita fauna nem flora no distrito de Alto-Molocué – não houve conservação no passado. (HL12); não sabe, acha que não (HL13); não se recorda bem (HL14); é nessa reserva do Gilé. Ai, os turistas vão lá para ver esses animais, os selvagens e os restantes. Aqui no distrito é difícil ver os selvagens. Podem existir, mas um pouco longe, fora da cidade. (HL15); nas florestas, é onde os animais são mais predominantes, onde se pode ver mais animais. No distrito, nas localidades, são mais fáceis de encontrar. É que já cá na vila os terrenos estão ocupados, as árvores são abatidas, as florestas desaparecem. Podem-se encontrar animais selvagens, como a cobra, macacos, coelhos. É raro encontrar leão e elefante. Canga do mato (é uma ave, espécie de galinha mas maior), porco do mato. Mas não se encontram muito perto da vila, onde há mais movimento entre a vila e o meio rural. Muitos lutam para ir para a vila, a vila está ocupada em cerca de 75%. (HL18); esses lugares turísticos existem. Por exemplo, ao nível do distrito, na zona urbana, é difícil encontrar; mas um pouco afastado da zona municipal é possível. Por exemplo, o monte Rurupe, onde estão os padres. É um lugar bem turístico, eles têm muita coisa, até porque eles aproveitam a água da montanha. As pessoas saem daqui de carro e vão visitar o que eles têm lá. Tem muita coisa boa. Têm também uma barragem na vila. Antes funcionava para produzir eletricidade, mas agora não. Mas é um lugar bom. Muitas vezes quando há festas as pessoas organizam-se e vão para lá. Apesar que o lugar não oferece boas condições, era preciso investir muito dinheiro para organizar o lugar para ser turístico. Mas dentro das condições existente, é já um lugar turístico, bom, calmo. Agora animais ainda não viu lugares aqui, um sítio para apreciar animais. Sente que existe mas não sabe. (HL22); sim, há lugares bonitos, como Ilhanete, uma localidade no distrito do Gilé, mas faz travessia entre depois de Ligonha e Alto-Molocué. Antes de chegar ao posto de Ligonha, chega-se a um sítio onde diz que chama para Colômbia [uma placa para lá?], onde tem minas. Então chama-se Ilhanete, onde tem tantos animais é onde ... [atravessa o Ligonha?]. Atravessa e vai para o Gorongosa, atravessa e faz a travessia, para o outro lado. (?) é a mata grande que faz a travessia desses animais. E a mata faz travessia entre o Gilé e o Molocué, onde está essa reserva, essa travessia dos animais. (HL23)</p>
	Observação da flora e fauna no distrito de Quelimane e província da Zambézia	<p>Não sabe (HL9); não sabe, mas acha que existe. (HL10); não sabe especificar, porque muitos animais que tem visto ou procura saber, são animais que saem da reserva, principalmente no verão, e eles vão aproveitando. Fala de animais de pequeno porte, como porcos do mato, de algumas serpentes, a jiboiá, porque é comestível em alguns lugares, ratazanas, esquilos, alguns macacos. São animais, que fora da reserva, se podem encontrar. Em que lugares? É difícil ver esses animais fora desses lugares (reservas). Para poder só pode ser mesmo no mato, e lá no mato vão lá pessoas com suas intenções, ou caça ou um determinado fim é difícil dizer que se vai ver assim... só os macacos é que são frequentes nalguns lugares. (HL17); (pode-se ver noutros sítios). Na cidade não tem. Nos distritos tem natureza que se vê por acaso, não tem um lugar específico. Ir a um lugar e ver um papagaio verde, não tem disso. Vai-se lá ver mas não há um lugar propício. Só se tem oportunidade de ver os animais quando se vai para o distrito, andar por aí, são lugares onde se vê. Não há lugares em que tenha desaparecido a selva e que se cria um lugar fechado com os animais. Só junta-se, num lugar que já tem muita quantidade de animais, por exemplo o Gorongosa, em Sofala. Então juntam essa quantidade de animais e fecham. Para ver é preciso ir lá para o mato, não há na cidade. Na Zambézia há é aquários. Por exemplo, na piscina municipal tem aquários. Tem possibilidade de ver peixes que nunca viu naquele aquário. São coisas que preservam. (HL26); Tem também o Chuabo Dembe, (...) É um lugar meio desértico, no mangal. Esse rio dos Bons Sinais passa também por lá. (...) Um lugar paradisíaco. Calmo, dá para ver pássaros que as pessoas nunca viram, e tem uma brisa daquelas. (HL26); O parque do Gilé, mais lá adiante, para quem vai... Gurulé tem um... Mas os outros distritos aí por além: Gilé, Ile. O que se vê lá: animais, plantas. De que tipo: cobras, rãs, (...), hipopótamos. Aves. (HL27); Esses animais só se podem ver nessas reservas porque há muita caça descontrolada. Só os animais podem viver tranquilos nessas reservas. Mas se virem um animal assim de qualquer maneira é abatido de</p>

		qualquer maneira. Mas se for numa reserva só quem pode autorizar é o ministro da agricultura. (HL28)
Observação da flora e fauna na localidade de Milevane	No distrito nunca ouviu falar, nem da boca de visitantes, nem visto. Ao nível da província, o Namúli, as quedas do Gurué, mas Quelimane nunca foi pessoalmente mas já ouviu falar do Lago Azul, e não andou muito noutros lugares. Quedas do rio Malema, do Licungo. (HL29)	
Observação da flora e fauna no distrito do Gurué	Devido à presença das fábricas e da produção de chá, a floresta foi devastada para fazer face à necessidade de combustível lenhoso. Então grande parte da floresta foi devastada e o que existe hoje é a implantação de novas áreas feita pelas fábricas para ter mais lenha. Então animais selvagens típicos só podemos encontrar nas montanhas, mas nas planícies não porque a atividade agrícola é forte e pressiona os recursos florestais. Come-se muito rato (de tamanho mais normal, não do tamanho de coelho come se vê e come em Quelimane). (HL31); podemos falar de flora, mas fauna acha que não. Flora existe, mas em sítios de difícil acesso por causa do relevo. Mas há muita exploração de madeira, podemos vir a ter problemas de desflorestação. (HL32)	
Observação da flora e fauna noutras províncias	É mais na província do Niassa (HL6)	
Geoformas no distrito de Nampula (unidades de registo)	Areias pesadas em Moma (HL1, HL5, HL7, HL11); Outros (HL1); Nampula está entre ser uma paisagem montanhosa e o planalto (HL1); Pedras preciosas na zona de Napipine (HL5); pedras preciosas na vila de Namiti (HL5); pedras preciosas em Marrupa (HL5); pedras preciosas em Namiti (HL5); pedras preciosas em Angoche (HL5); Nacala tem uma zona (de mineração de pedras preciosas) que se descobriu agora, ao pé da barragem da água potável (?). (HL5); (Sítios com rochas com formas diferentes) Não está a ver [...] Mas tem, acredita que tem. (HL5); Mineração no distrito de Mogovolas, no lugar de Mavugo. (HL4) ou Mavuco (HL5); Cabeça do Velho (HL8) Montes Nairucu (HL8); pedras preciosas em Moma (HL5, HL8); pedras preciosas em Nacala-Velha (HL8); não lhe ocorre (HL35)	
Geoformas no distrito de Nampula (descrição)	As areias pesadas em Moma eram do fundo do mar; agora muitos visitantes levam para casa (HL1); Mineração no distrito de Mogovolas, no lugar de Mavugo. São recolhidas pelos locais, mas são vendidas aos estrangeiros, que lucram com a venda no exterior (HL4); Rocha e minerais, houve muita exploração, e até agora se explora de pedra preciosa na zona de Napipine e na vila de Namiti, Marrupa, (...) Houve muita exploração. Havia umas pessoas, não sabe se garimpeiros, iam para o mato, dedicavam-se a essa atividade, Moma e Namiti. Angoche e Mavuco, tá tudo na mesma zona. Mas tem outros sítios. Nacala tem uma zona que se descobriu agora, ao pé da barragem da água potável (?). O país tem mais. (Sítios com rochas com formas diferentes) Não está a ver porque tem aquele ditado que diz que quem tem não sabe dar valor. Ele não tem aquela cultura. Se está a responder um inquérito está a responder em nome de muitos da sua idade, e não tem aquela cultura de sair e passear, ir e fazer turismo. Não conhece esses sítios. Está a responder em função dos sítios que frequentou e a cidade em que vive. Mas tem, acredita que tem. (HL5); Em Moma tem a segunda empresa de extração em Moçambique, a Kenmare; a segunda é a Vale, em Tete. Distrito mais populoso e diz-se que é um lugar de referência ao nível nacional por ter muitas nacionalidades, muitos estrangeiros que vão para lá diretamente. Também turistas vão para lá (HL7); Quanto a rochas existe a Cabeça do Velho, que tem mesmo forma disso. (HL8) Montes Nairucu (várias montanhas e uma lagoa, uns dizem que natural, outros artificial) (HL8); Encontra-se nos distritos algumas pedras preciosas que os estrangeiros vêm buscar para vender lá fora – Moma, Nacala-Velha (HL8);	
Geoformas no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)	Não há (HL13); Há pedras preciosas, tanto no Molocué como no resto da Zambézia. (HL14, HL18); No Molocué havia minas, só que já foram retiradas, tal como no Gurué. Em 2004 foram fechadas. (HL14); Pedras preciosas no Gilé (HL14); Pedras preciosas em Alto-Molocué (Aroupinha) (HL14); minas de pedras preciosas (HL14); Minas em Mutala (HL15, HL22); minas em Moiane (HL15); minas a caminho de Quelimane (HL15); pedra preciosa em Chapala (HL22); Há minas (HL23)	
Geoformas no distrito de Alto-Molocué (descrição)	Há pedras preciosas, tanto no Molocué como no resto da Zambézia. No Molocué havia minas, só que já foram retiradas, tal como no Gurué. Em 2004 foram fechadas. Essas pedras podem ser encontradas no Gilé, Alto-Molocué (Aroupinha) (HL14); As pedras preciosas são extraídas, que quase não é extrair, extrair seria com... quase onde se cava. Localidade de Mutala (a 60 km) e de Moiane (essa parte do Gilé, em direção do Gilé). Também existe um a caminho de Quelimane onde se extrai pedras. (HL15); pedras preciosas no distrito do Molocué. Encontram-se em alguns pontos, mas não sabe o nome. Muitas vezes, quando querem ouro, vão a um determinado local e começam a escavar. Às vezes partem as montanhas. (HL18); possui recursos minerais, mas um pouco distante, não na zona municipal. Na zona de Chapala, a 20 e tal km, tem um lugar onde se extrai pedra preciosa. Alguns estão a desenvolver por causa desses minerais. Tem também um lugar em Mutala, uma localidade. Têm uma extração de recursos minerais – ouro. (HL22)	
Geoformas no distrito de Quelimane e província da Zambézia	Há umas minas que são frequentadas por garimpeiros ilegais no Gurué e no distrito de Milange, mas há mais sítios assim. Tiram pedras preciosas. No Gurué exploram ouro. O governo não aposta na exploração, mas vai gente presa se for apanhada a garimpar. Eles fazem isso, mesmo sabendo que é perigoso, porque a pedra pode desabar em cima deles, e também por isso que o governo proíbe. Quem visite também pode ser preso, por pensarem que é garimpeiro como os outros. E formações rochosas que as pessoas costumem notar? Não tem conhecimento. Em Nampula tem mais. Na Zambézia também tem mas (começa a falar de algo relacionado com investigação marinha: as pessoas vão mais para Inhambane, Pemba e Maputo, por serem poucas, e por isso não se estuda no resto; tem um amigo que tinha tirado ciências marinhas na UM e fez estágio no Porto dos Bons Sinais (Vasco da Gama chegou sem problemas, por isso o rio chamou-se assim) em Quelimane e soube que em 10 anos vão abrir poços de petróleo ali. Mas foi para Pemba, porque há falta de pessoas com essa formação e vão para esses sítios que estão a ser explorados há mais tempo). (HL10); Minerais: a província é rica. Há ouro, tantalite, turmalina, águas marinhas, quartzo rosa, mais outros que não conhece os nomes. E aqui no Molocué dizem que há na zona de Muthala, tem extração de ouro, no Gilé tem na área de Uape, extrai-se ouro. A zona mineira é Muiane, onde se extrai tantalite, e outros tipo de pedra também saem. E essa extração é por uma parte tradicional, mesmo ouro. Para quem seguir para o Alto-Ligonha, daqui a 70 km, tem uma zona chamada colombia. Uma zona muito interessante, ele já pôde chegar lá, extrai-se ouro. E esse ouro a sua extração é de forma tradicional, depois de encontrar própria areia, leva-se para o rio e passa-se a separar o ouro da areia ou das pedrinhas. E é o ouro puro, tem um teor muito aceitável, quer dizer que tem mais mercado. E é um dos lugares mais concorridos para a compra do ouro. E agora, pelo o que ouviu, está a sair uma pedra vilão. Eles pegam o vilão, depois delapidam o vilão e lá encontram ouro. O vilão vendem em quilos, enquanto que o ouro vendem em gramas. Cada grama está a 1300 meticais. (HL17); Não sabe (HL26); minas de tantalite no Gilé (HL28); em Tete minas de carvão mineral (HL28)	
Geoformas na localidade de Milevane (unidades de registo)	Em Nauela já houve alguns lugares em que a exploração começou sem continuação (HL29); minas no centro do Gilé (HL29); minas em Moameia, no Gilé (HL29); Ile (HL29); Mulevala (HL29); Molocué onde faz fronteira com Alto-Ligonha (HL29)	

Geoformas na localidade de Milevane (descrição)	Em Nauela pensa que houve alguns lugares em que começaram a explorar algumas pedras preciosas, alguns minérios, mas não foram à frente. Um senhor português veio, ficou aqui em Milevane, e fez algumas explorações, só depois levava para a África do sul para o laboratório. Outros lugares de exploração fora de Nauela o Gilé, é muito rico em pedras preciosas, Gilé como centro do distrito. Depois Moameia também, no Gilé. No Ile também e em Mulevala. E também recentemente no Molocué onde faz fronteira com Alto-Ligonha, há muita gente que vai lá explorar, de forma artesanal, manual são os lugares que se falam mais por ir lá muita gente [não turistas nem visitantes, suponha]. (HL29)
Geoformas no distrito do Gurué	Não se fala da exploração de recursos minerais neste distrito (HL31); não tem ideia (HL32); não há exploração mineira no Gurué, apenas água mineral, a 12 km, no mikiline. (HL33)
Cascatas no distrito de Nampula (Cachoeiras, Cataratas)	Ouviu falar de uma ou duas, mas não sabe onde nem o nome (HL1); não (HL4); Geralmente onde tem rocha há mais probabilidade de ter cascata. Mas aqui mesmo em Nampula não tem, até porque se tivesse seria um sítio muito frequentado por ter aquele ar puro e seria um atrativo turístico. Aqui na cidade, em Nampula até que pode ter, mas aqui na cidade não tem uma coisa parecida a poucos quilómetros, não tem (HL5); não há (HL6); sem informação (HL7); havia uma, acha que em Muhala expansão, mas já não vai lá para confirmar que ainda exista (HL8); só pode-se encontrar na zona costeira (...), Nampula assim como Cabo Delgado (HL28)
Cascatas no distrito de Alto-Molocué (Cachoeiras, Cataratas)	Não viu também (HL13); em Mutala e Mulevala, a partir do rio Molocué. (HL14); Não sabe. Depois diz que existem [acho que ele acha que são cajoeiros] em Mutala, Mulevala. Só. Em que rios é que passa? Tem o rio Molocué. Mas essas cachoeiras existem com água desse rio? Sim. (HL14); Pode existir, porque é frequente nas montanhas, nos sítios mais elevados. Se assim for, no monte Rurupe existe. E não só. Tem uma montanha não muito elevada chamada Minié, que tem cataratas no tempo chuvoso. No verão logo desaparecem. (HL15); quase não existem. Existem rios: o Molocué, que é o maior do distrito. O rio Momahe, que é o segundo maior do distrito. E o Lutassa, Mutchasa [um diz uma coisa e o outro outra]. São esses os maiores do distrito. Depois tem os riachos. Há quedas de água ao longo desses rios, mas não são muitas. Se existem estão um pouco afastadas da vila, na vila mesmo praticamente não existe. (HL18); não (HL22); ainda aqui não têm. Até porque o rio que existe aqui é periódico, não é constante. No verão seca, e no inverno. [a colega discorda, porque o rio não seca completamente, mas ele diz que as pessoas conseguem fazer a travessia a pé, mesmo que não seque completamente, e por isso é sazonal; ela diz que só de Manica para baixo é comum os rios periódicos, que secam completamente]. (HL23)
Cascatas no distrito de Quelimane e província da Zambézia (Cachoeiras, Cataratas)	Nada, na zona de Quelimane, é uma zona plana. Nas zonas montanhosas não sabe. (HL9); lá (em Quelimane) não tem muitas, porque uma parte da província está na planície e só na zona montanhosa é que elas existem mais. Mas Mocuba tem uma, chamada de praia. Em Gurué, Morrumbala, nesses distritos mais no mato. Existem a partir de Mocuba para cima, onde começa a zona montanhosa. Tem uma familiar que tem um quintal grande em Mugeba e que tem três pedras de onde sai uma nascente e nunca para de sair aquela água. (HL10); não pode mentir também. Mesmo na montanha que referiu antes (Muhogole, Mulevala) tem uma nascente com queda de água, mas não pôde presenciar. Mesmo aqui no Alto-Ligonha há um lugar onde tem uma nascente numa rocha e existe queda de água. Só que não é tão mais vulgar como aquelas dos outros países. Lá são umas quedas muito normais. As nascentes não estão muito em cima, estão a uma altura muito normal. (HL10); As do Gurué, dos montes Namúli, que partem da nascente do rio Licungo, e tem ali a sua queda mesmo, a um km ou dois da fábrica de chá, temos a cascata do Gurué (HL25); não são tipicamente cascatas. Por exemplo, no distrito de Mocuba, naqueles pequenos montes acaba por existir uma ondulação da água e as pessoas dão nome de cascata, mas não são coisas grandes como se vê no Brasil, com muita corrente. São simples quedas de água. E eles aproveitam para ver aquilo que nunca viu, como as do Brasil, e aproveita-se para tomar banho. Mas não são... esse nome de cascatas, se falar para alguém esse nome, não vai imaginar nada. Essa é uma coisa nova, até nem dão esse nome de cascatas, é simplesmente um lugar onde a água está a cair e acabou. (HL26); no Gurué existe. Noutros sítios também deve existir, mas no Gurué sabe que existe (HL27); só pode-se encontrar na zona costeira (HL28)
Cascatas no distrito do Gurué (Cachoeiras, Cataratas)	Quedas na UP4 (HL31, HL33); na UP3 (no mesmo da casa presidencial) (HL32);
Cascatas noutras províncias (Cachoeiras, Cataratas)	Só pode-se encontrar na zona costeira (...), Nampula assim como Cabo Delgado (HL28)
Lagos na província de Nampula	Não sabe (HL1); os lagos artificiais são os mais comuns. Um deles é o da serra da mesa (que já não existe, e foi criada pelo partir das pedras da serra e pela água que foi escorrendo da serra). (HL4) Lago Atoto (bairro Namicopo, atrás do aeroporto), usado para regar campos e para tomar banho como na piscina, que é cara para os locais (100 meticais) (HL4). Não há lagos naturais na cidade e na província (HL4); Lago Nicuta (ou Licuta), ao qual se acede por um desvio depois de Murrapaniua e antes da faina. Também é um lago perigoso, com cobras, onde já houve mortes (HL4); Lago Vieira (Faina), numa área que pertencia a um português com o mesmo nome, e agora é da viúva dele, onde se cria o gado dele ainda hoje. Este lago também é perigoso, mas também as pessoas vão lá tomar banho, e lavar roupa (HL4); Antes da serra da mesa há também a represa onde as pessoas tomam banho (HL4); Na região há o lago Niassa, na província acha que não tem. Até pode ter, mas se tivesse, com a carência de não ter uma praia perto, haveria de se frequentar. Não está a ver, mas pode ter. (HL5); não sabe (HL6); aqui na cidade não. Nos distritos há, mas não são falados, e como está na cidade, não sabe. E o do Nissa já está fora (HL7); há um nos Montes Nairucu (HL8)
Lagos no distrito de Alto-Molocué	Não (HL13, HL23); acha que não há no Molocué (HL14); Mas na Zambézia em geral o Gurué tem um lago, são lagos criados com peixe (HL14); um em direção ao Senhor Júlio [deve ser o que está entre o bairro e a cidade], o lago do distrito (HL15); lago no Gurué (HL15); Lago em Milevane (HL15); Existem vários dentro da cidade como um pouco fora da cidade. (HL15); também não existe, só uma lagoa, aqui perto. (HL18); não. Tem um artificial, um pouco à frente deste edifício. A única na zona municipal. (HL22);
Lagos no distrito de Quelimane e província da Zambézia	Nada (HL9); existem, mas não conhece o nome. Tem lago no distrito do Gurué, no de Milange, na localidade de Bajone na Maganja da Costa, no distrito de Pebane, no de Nicoadala (Lagoa Azul, muito bonito e turístico, muita gente vai para lá) (HL10); aqui (no Alto-Molocué) ele não pôde presenciar. Só tem um artificial construído em 2007 ou 2008 pela CMC. Eles construíram quando queriam conservar água para o tempo de verão quando estão a trabalhar não terem problemas de água. Então acabaram entulhando de um lado de um vale para evitar a passagem de água, fizeram uma barragem. E quando a chuva ia caindo foram acumulando a água e tem uma boa profundidade aquele lago. Então permaneceu como lago. Eles têm usado para informar os alunos como é composto um lago. Apesar de ser pequeno, mas ali tem uma extensão de 100 metros quadrados ou mais. Então têm levado lá os alunos para informar que lago fica desta maneira, e eles conseguem perceber. E fora daí não teve oportunidade de ver um lago. Há também um lago, que chamam de lago azul. Em Nicoadala, a 40 km de Quelimane. É também um sítio turístico e dizem que é muito bonito. Tem boas águas limpas, é

		uma lagoa muito grande. (HL17); Há lagoas muito interessantes: lagoa azul de Nicoadala, lagoa Ruburia na Maganja da Costa (HL25); tem a lagoa azul em Nicoadala. É um lugar bonito, é a única lagoa que conhece. Se tem outras estão lá nos distritos e não teve oportunidade de conhecer. Essa é que já teve oportunidade de ver. (HL26)
	Lagos na localidade de Milevane	Grandes lagos não (HL29); lago no Gurulé (HL29); lago para quem sai de Quelimane, em Nicoadala, o Lagoa Azul (HL29); Há um pequenino sem importância a 200, 300 metros, dentro da propriedade dos padres, que está esquecido e devia ser recuperado. No vale. Tem peixe. Mas abandonaram e ninguém cuida, precisaria de um pouco de manutenção. Deve haver mais na Zambézia, mas são os de relevância. (HL29)
	Lagos no distrito do Gurulé	Lagos das fábricas de chá (HL31); Lago da UP6 (tem sítios para sentar, fazer piquenique, etc, mas pertence ao grupo Gulamo) (HL32); Lago do município (HL32); outros lagos que ele não conhece porque ainda não pôde visitar tudo (HL32); Lago UP6 (depois do aeroporto, o governo ainda não fez nada em relação a isso (HL33); O lago na UP2 que não está a ser explorado, porque a exploração está na mão dos indianos (antes na mão do Namarroi?) e não querem saber de turismo; esse lago está a 20 km. (HL33); A casa do padre Luciano: é também um sítio turístico. O padre gostou do lugar, até queria comprar o lago, pediu ao município. O primeiro presidente aceitou, mas o seguinte não, não queriam perder o sítio, que ficasse reservado a privados, de acesso restrito. Mas se o padre ficasse com ele teria mais condições para melhorar o lugar. (HL33)
	Lagos noutras províncias	Lago Niassa. Um em Mecanhelas, muito grande. (HL6); (Lagos) naturais só na província do Niassa, com o Lago Chirua, Lago Chiuta e lago Aniamba naramba. Artificiais podem-se encontrar em Tete, a barragem de Cahora Bassa, que produz a corrente elétrica que se usa aqui. (HL28)
	Montanhas na província de Nampula (unidades de registo)	Não há nenhuma muito conhecida, pois não nenhuma que tenha uma grande afluência de visitantes (HL1); Serra da mesa (HL4, HL5, HL7); Terrinicopé, no lado de Nasicula (HL4); Cafria, uma montanha de Memba (HL4); Uma montanha no posto administrativo de Nahipa, distrito de Mecuburi (HL4); Tem muitas, acredita que tem muitas, que são atraentes. (HL5); Conjunto de montanhas que chamam de cabeça do velho (HL6, HL8); Muacuandela (HL6); Montanhas com dono como Quitele ou a serra da mesa (HL6); monte Temu (HL7); Nairucu (HL7, HL8); um pouco espalhado em toda a província de Nampula (HL11)
	Montanhas na província de Nampula (descrição)	Não há nenhuma muito conhecida, pois não nenhuma que tenha uma grande afluência de visitantes (HL1); Serra da mesa era antes povoada apenas com macacos, e sem casas à volta, mas com o desenvolvimento encontra-se rodeado de casas e tem um tanque no topo para o abastecimento das zonas de muhala expansão e Muhahivire expansão (HL4); Terrinicopé, no lado de Nasicula (no lado do Muhahivire expansão, a 40 km de Nampula, dentro do distrito), uma montanha onde as pessoas iam venerar, mas que ainda está no mato (HL4); Cafria, uma montanha de Memba, a alguma distância da vila, com alguma dimensão e habitada por macacos e chimpanzés, que afastam as pessoas da montanha e estragam a produção agrícola (HL4); Uma montanha no posto administrativo de Nahipa, distrito de Mecuburi (habitada por macacos e outras coisas e onde as pessoas vão pedir aos espíritos) (HL4); Tem muitas. A primeira montanha que temos daqui de onde estamos acha que é a 2 km. Há muitas montanhas, pelo menos aqui na zona norte, talvez por ser planalto, na zona sul não sabe, mas aqui está cheio, com muitas montanhas. (HL5); (Montanhas mais conhecidas, mais atrativas:) A serra da mesa, porque vai influenciando aquilo que tem de atraente, como por exemplo as pinturas rupestres e não sei quê. [...] essa montanha está a dois, um quilómetro e meio. Por não estar muito longe, constitui um atrativo forte, porque se não tem transporte, pode-se ir a pé até lá, ir para lá. Então isso, há quem vá da cidade para lá, para namorar, passar um dia diferente com a namorada. (HL5); Conjunto de montanhas que chamam de cabeça do velho, porque parece uma deitada, e que pode ser visto de alguns pontos da cidade e a caminho do Alto-Molocué. Nampula tem muitas montanhas, mas esse conjunto é o único que chama à atenção. As montanhas estão a degradar-se com a expansão da cidade e aumento de construções, mas nessa ninguém toca, é uma coisa importante para os locais. (HL6); Muacuandela, uma montanha onde os criminosos eram atirados de lá de cima para se fazer justiça e por ser muito alta ninguém mexe nela; também é muito famosa (HL6); Há montanhas com dono em que ninguém pode mexer, como algumas da cabeça do velho. Por exemplo, no distrito de Ribaué, tem uma montanha chamada Quitele, um nome duma senhora que vai lá ao monte pedir para resolver algum problema local (como quando não chove). A montanha é dela, por isso tem o nome dela. Toda aquela zona da expansão era do régulo de Nampula, a serra da mesa, outra montanha era do filho, mas agora já se está a degradar por causa das construções. (HL6); monte Temu (HL7); Nairucu, um monte onde se faz extração de água mineral, em Rapale (HL7); um pouco espalhado em toda a província de Nampula, encontram-se montanhas interessantes, de formas bastante curiosas. Exemplo de Mecuburi, Murrupula (há uma grande caverna) (HL11) Mas agora os nomes... estão no livro. Há montanhas consideradas famosas, porque são objeto de lendas. Montanhas especiais com caráter semelhante ao atribuído ao monte Namúli na Zambézia. Página 53 do livro do Ciscato, centros de culto. Ver o livro: Muhicua. Muhi é negativo, cua é esconder. Onde se tornam claras as coisas. Ohiacone; etc. (HL11) (
	Montanhas no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)	Montes Rurupe (HL12, HL13, HL14, HL15, HL16, HL18, HL22, HL23); Namúli (HL15); Pihí (HL18); na zona de Nauela (HL22); a partir do Nivava (HL22); tem muitas nos distritos (HL23)
	Montanhas no distrito de Alto-Molocué (descrição)	Na direção dos padres/monges do outro lado (aponta para a porta da saída – Rurupe) (HL12); É a única de que ouve falar dentro do distrito. (HL13); Rurupe, Mulevala. São as maiores da zona. (HL14); Monte Rurupe, indo para o Gurulé está o Namúli em que os jovens do centro iam visitar e ver a montanha. Dizem que é o mais elevado da província. É lá onde surgiu a raça moçambicana, os negros africanos. (HL15); E também lá na montanha vivem lá os monges (maristas), no monte Rurupe. A gente faz uns 15, 20 quilómetros, espetacular. Montanha bonita, lá os monges têm casas modernas, do tipo medieval, feita de, é separado..., e estão fazendo um lindo mosteiro, em mesmo (?) acabado, dá para visitar e passear. (HL16); existem, mas muito poucas mesmo. No distrito têm uma montanha, de nome Pihí. A que está mais ao alcance da vila é o monte Rurupe. (HL18); existe no distrito, é o que há mais. A partir do Nivava. Muita gente aproveita-se daquelas montanhas, fazem machambas lá. Na zona de Nauela está cheia de montanhas. Mas no município não (HL22); Esses lugares turísticos existem. Por exemplo, ao nível do distrito, na zona urbana, é difícil encontrar; mas um pouco afastado da zona municipal é possível. Por exemplo, o monte Rurupe, onde estão os padres. É um lugar bem turístico, eles têm muita coisa, até porque eles aproveitam a água da montanha. As pessoas saem daqui de carro e vão visitar o que eles têm lá. Tem muita coisa boa. (HL22); Tem muitos no distrito. Depressões e geoformas em forma de montanhas e formações montanhosas como o Rurupe. Rurupe é onde estão os monges maristas. (HL23)

Montanhas no distrito de Quelimane e província da Zambézia (unidades de registo)	Começa a partir de Mocuba para cima, nos distritos de Mocuba, Maganja da Costa, Alto-Molocué, Gurué, Morrumbala, Gilé. (HL10); Alguma que as pessoas mais visitem? A do distrito de Mocuba, com a igreja, e a do Gurué. (HL10); Monte Namúli (HL17, HL25, HL28); montes no distrito de Ile, no posto administrativo de Mulevala, na localidade de Namigonha, tem uma montanha chamada Muhogole (HL17); monte Tumbini (Milange) (HL25); monte Iero (Mocuba) (HL25); Gurué (HL26, HL27); Morrumbala (HL26, HL27); Gilé (HL26); Ile (HL26); Milange (HL27); Quando falamos da província estamos a falar do relevo que Moçambique apresenta, o relevo de Moçambique é apresentado em escadaria. Só se reflete esse relevo mesmo aqui na província, em que temos planícies, planaltos, montanhas. Neste caso oferecem praias e montanhas, e há possibilidade de os turistas fazerem uma interligação beach-bush, praia e selva. (HL25);
Montanhas no distrito de Quelimane e província da Zambézia (descrição)	Montanhas existem muitas. Em quase toda a província, a parte norte é de montanhas. Têm as vulgares, há os montes Namúli, do Gurué, são vulgares (palavra que para o entrevistado significa o contrário). As outras também, com um pouco de historial. Tem uma montanha no distrito do Ile, no posto administrativo de Mulevala, na localidade de Namigonha, tem uma montanha chamada Muhogole. É muito vulgar e parece-lhe que a Itália, a Europa conhece muito bem, pelo que ouve a história e dizem que nas datas de 1987 e 1989, as datas são essas, que foi vista a imagem da virgem Maria. E por isso mesmo está lá erguido um santuário, parece que o maior da província. É uma das montanhas muito famosas. Tinha um folheto de Itália porque o padre italiano Finásio é que está por detrás desse projeto de construção. Tem escolas, internato, muita coisa mesmo. Incluindo escola de artes e ofícios, só que eles lá dão carpintaria e serralharia mecânica. Conhece porque o pai é natural dessa região, de uma localidade, e já pôde estar lá, no passado, e visitar familiares. (HL17); Monte Namúli (o 2º pico do país) (HL25); Montes Namúli, monte Tumbini (Milange), monte Iero (Mocuba), onde são feitas peregrinações uma vez por ano, tem uma imagem onde dizem que houve um acontecimento. São esses que se podem observar. Os dois primeiros dão para fazer uma boa escalada, um turismo pedestre, escalar e ter a oportunidade de desfrutar a beleza paisagística no cimo da montanha. (HL25); Tem no Gurué, não sabe os nomes direito. Tem no Morrumbala, no Gilé, tem no Ile. Chamam ao monte do Gurué monte Gurué, é assim que eles chamam. (HL26); Também têm nesta província um monte que ocupa o segundo lugar no país, o Monte Namúli, com 2419 metros de altitude (HL28)
Montanhas na localidade de Milevane (unidades de registo)	Aqui é o que existe demais. (HL29) Namúli (HL29); o Inago (HL29); Nepo (Nauela) e uma série de montanhas pequeninas. (HL29)
Montanhas na localidade de Milevane (descrição)	Aqui é o que existe demais. Em qualquer lado que estiver, vai estar cercado de montanhas. Mas existem aqueles maiores, como o Namúli, o Inago (faz fronteira entre Nauela e Malema; seria a continuação da formação Gir(?) - Namúli. Esta formação sai do Gurué e prolonga para cá até Milange. Seria fronteira entre outra província. Em Nauela temos essa montanha aqui perto que não é grande coisa, o Nepo, e uma série de montanhas pequeninas. (HL29)
Montanhas no distrito do Gurué (unidades de registo)	Monte Namúli (HL25, HL28, HL31, HL32)
Montanhas no distrito do Gurué (descrição)	No Gurué existe um turismo de montanha (HL25); o monte Namúli (o 2º pico do país) (HL25); No Gurué, também tem um monte muito verde, o monte Namúli (HL28); Na Zambézia, no Gurué, há o Namúli, que ocupa o segundo lugar nacional, com 2419 metros (HL28); (começa a falar da dificuldade de visitar sítios como o Namúli, principalmente no tempo chuvoso). (HL32); O mês em que se vê mais é em agosto e setembro, no tempo de verão, em que não há chuva. Chega-se diretamente ao Namúli, tirar fotografias, temos recebido muitos turistas. (HL33)
Montanhas noutras províncias	Um conjunto semelhante à cabeça do velho em Chimioio. (HL6); No Maputo tem o monte Conduine, com 901 metros de altitude. Depois Manica, com o monte mais alto do país, o Bingas, com 2436 metros de altitude. (HL28)
Praias fluviais (unidades de registo)	Não sabe (HL1); os rios da cidade de Nampula não têm praia (HL4); Aqui (em Nampula) são pouco frequentadas, mas existem. (HL5); não conhece (HL7); acha que aqui em Nampula não têm nem nos distritos. (HL8); não conhece (HL9); Praia no rio Licungo em Mocuba (HL10, HL17); Os rios não têm praia (HL13); No Alto-Molocué não, só no Gilé é que existem, do rio Molocué (HL14); Praia seria um sítio onde as pessoas vão tomar banho ou brincar, mas no distrito de Alto-Molocué não há. (HL15); no distrito de Alto-Molocué não existem (HL18), não existem (HL22, HL23); Mocuba (rio Beira) (HL25); Namacurra (HL25); nem faz ideia. A única praia que tem aqui é Zalala. (HL26); não conhece (HL27); Praias não há aqui (HL39); Praia no rio Licungo (Gurué) (HL31, HL32); a caminho da UP4 (Gurué) (HL31)
Praias fluviais (descrição)	Aqui (em Nampula) são pouco frequentadas, mas existem. Porque praia para eles aqui, principalmente longe de Nampula, tem sido algo que valorizam. Então mil vezes ir para praia. E as praias de rio não são muito investidas a nível turístico, construir restaurante. E tem outra particularidade, os rios da zona norte, há uma grande abundância de crocodilos. Se não vai ninguém para passear é pouco investido. Mas dos rios que frequentou, até nem tem uma água ali para beber, estás na margem, porém... (HL5); acha que existem sim. No distrito de Mocuba tem o rio Licungo e tem uma zona que fica a parecer praia, muita gente vai para lá. (HL10); No distrito não há praias, mas há rios. O rio Molocué, a um quilómetro do centro. Rio Mucaca, rio Mumane e Mulutchace. O principal é o primeiro, os outros são riachos. A praia seria um sítio onde as pessoas vão tomar banho ou brincar, mas no distrito não há. (HL15); Mocuba, que é sobre o rio Licungo. No tempo de verão as pessoas vão lá para se puderem divertir e mais ou menos forma de praia. (HL17); Existe em Mocuba, em Namacurra. Em Mocuba a praia fluvial chama-se rio Beira. (HL25); Praias não há aqui. Rios, os grandes rios são o Malema (fronteira Gurué – Nauela), o rio Licungo, o rio Molocué, o rio Ligonha (fronteira Zambézia – Nampula). Dentro do Molocué tem o rio Namiro, que tem antes também (?) o rio Namirué. Dentro de Nauela tem o rio Moloué, Malapa, Luã (que em cima faz fronteira entre Gurué e Nauela e em baixo faz fronteira entre Gurué e Ile. São os pequenos rios que existem por aqui. Aqui são grandes. Mas são esses que temos. Mas algum desses tem praia? Não. (HL29); No rio Licungo, em zonas que o leito é mais aberto e dá para recrear (no Gurué). A caminho da UP4 tem. (HL31); o rio de referência é o Licungo, e passa em muitos distritos da Zambézia, um dos maiores da província (da Zambézia) (achava que era o que fazia fronteira com Niassa, mas é o Lúrio, que também desagua no oceano) (HL32)
Praias marítimas (unidades de registo)	Praia de Nacala (HL1, HL2, HL4, HL5, HL7, HL8); Praia de Fernão Veloso em Nacala (HL6); Chocas-mar (Nampula) (HL2, HL5, HL6, HL7); praia do Imbo (Nampula) (HL2); praia do Lumbo (Nampula) (HL2); praia de Moma (Nampula) (HL4, HL8); praia de Memba (Nampula) (HL4); praia da Ilha de Moçambique (HL4, HL5, HL7, HL8, HL35); praia de Mecuta (Nampula) (HL4); praia de Namcarambo (Nampula) (HL4); praias de Angoche (Nampula) (HL4, HL6, HL8); Pamba (Cabo Delgado) (HL5); Praia Nova (Angoche) (HL6); Tamole (Nampula) (HL6); ilha de Cuti (Nampula) (HL6); Praia do Wimbe

			<p>(Pemba) (HL6); praia do Tofo (HL6); praia do Bilene (HL6); Praias que não são muito conhecidas a nível nacional, mas o são a nível regional (HL6); praia de Mossuril (Nampula) (HL8); praia em Namacurra (HL9); Zambézia tem praia do Luabo a Pebane. (HL9); Praia de Zalala (HL6, HL9, HL10, HL17, HL25, HL26, HL27, HL28); Bajone (HL10); praia na Ilha do Fogo (Pebane) (HL10); Madal (Nicoadala) (HL10); o fator de termos várias praias, vários kms de praia (HL25); Agulué, aqui na Madala (HL27); Macuse (HL27); praia do Supinho (HL27); praia de Pebane (HL9, HL10, HL17, HL28); Lagoa Azul (HL28); há possibilidade de os turistas fazerem uma interligação beach-bush, praia e selva. (HL25); o fator de termos várias praias, vários quilómetros de praia, e várias ilhas: as ilhas primeiras, a ilha de fogo. (HL25);</p>
	Praias marítimas (descrição)		<p>A praia do Imbo não era tão bonita como antes (HL2); As praias de Chocas-mar e a de Nacala, Lumbo nem tanto, talvez por estar mais escondido (HL2); Também vai mais à praia quem tem transporte próprio, um grupo de pessoas (famílias, escolas, instituições) que quer ir fazer estes passeios em dias de festa - por exemplo o dia do professor (dia 12 de outubro), às vezes há escolas que preferem que este dia seja passado na praia, então contribuem, alugam e vão para lá. Outros, por não terem condições para tal, ou as famílias dos professores preferem ter outro programa (por um do casal não ser professor). (HL2); A praia de Moma (a 190 km de Nampula) é boa praia porque não tem muitas rochas (HL4); Praia de Nacala também é boa (HL4); Praia no distrito de Momba (Nampula) é boa, mas tem muitas rochas. Mas pode-se tomar banho e ir ao restaurante Costa do Mar, localizado na parte mais turística, que é melhor para tomar banho (HL4) Mecuta fica a 8 km da vila de Momba (Nampula), uma hora e meia, duas, a pé (HL4); Depois de Ilha pode vir Pemba, Nacala e para os de Nampula, por não terem uma praia a poucos quilómetros, faz com que, sempre que queiram ir dar um mergulho, se desmarquem para esse tipo de sítios. Como em todo e qualquer lugar do mundo, basta ter praia para ser conservado. É um sítio que uma vez por ano, muitas vezes, mas uma vez por ano existe uma data em que as pessoas lá se encontram. Tem também recordando Chocas Mar, Nacala, por causa de portos e navios e quem é daqui para ver esse tipo de transporte só quando se deslocam e no porto de Nacala é um sítio onde se pode encontrar barcos grandes. Para eles, nem precisa de subir, só ver de longe e saber que aquilo está por cima da água, a pessoa emocionasse. Tem pessoa de Nampula, não é longe, Nacala está a 200 km, Pemba, Chocas mar quase à mesma distância, Ilha de Moçambique, Pemba mais longe mas a 300, 400 km, e tem pessoas que até agora não viram esse tio de coisa, praias e navios. Então sempre mesmo ele quando vai a esses sítios, não vai sempre mas quando vai fica emocionado. Por ser uma coisa que não se repara todos os dias. Sente-se emocionado, sempre com aquela vontade de estar ali a reparar, ir com uma câmara e tirar fotos, para vir mostrar em casa a pessoas que nunca viram, ou se viram não foi do jeito que viram. (HL5); Praia do Wimbe (Pemba), se calhar a melhor praia do mundo, praia do Tofo, praia do Bilene, praia de Zalala. Praias que não são muito conhecidas a nível nacional, mas o são a nível regional. (HL6); Angoche (Nampula) é um distrito com potencial turístico grande: praias das mais bonitas, ilhas virgens, etc. o pessoal lá que não vai muito com o turismo. Têm a Praia Nova, que é sensacional, e quem curte a praia são os de fora, mas a população de lá não. Tem praias virgens muito boas, mas o povo não há de ir. (HL6); Chocas-mar (Nampula) é uma referência nacional, para onde os turistas se deslocam muitas vezes (HL7); Nacala é a capital económica da Província de Nampula (HL7); Zalala; é bonita e está bem preparada desde o tempo colonial. Tem casas preparadas para as instituições que estão instaladas na cidade, para quando vão à praia. Tem muita sombra, muita casuarina. (HL9); Tem praia na zona dela (distrito de Namacurra), até tem casuarina mas não está explorada. (HL9); as praias; Zalala é bonito, pode andar muito sem chegar à água, uma extensão enorme (HL9); As próprias praias já não sabe, porque não visita há muito tempo. Zambézia tem praia do Luabo a Pebane. (HL9); Zalala (a mais conhecida) (HL10); Zalala, do outro lado de Nicoadala. Praia muito linda e com lugar para tudo. Mesmo para turista. Também na Zambézia é um ponto de referência para turismo. Praia de Pebane. São lugares onde as pessoas apostam dentro da província da Zambézia para passar as horas de lazer. (HL17); Quando falamos da província estamos a falar do relevo que Moçambique apresenta, o relevo de Moçambique é apresentado em escadaria. Só se reflete esse relevo mesmo aqui na província, em que temos planícies, planaltos, montanhas. Neste caso oferecem praias e montanhas, e há possibilidade de os turistas fazerem uma interligação beach-bush, praia e selva. (HL25); Quando se fala de Quelimane e da Zambézia, fala-se de Zalala, não há como. Até quando alguém atinge uma idade superior a 11 anos, e se disser que nunca foi, é estranho. Porque está a 32 km para lá, no distrito. É o que na Zambézia se tem mais de referência quando se fala de praia. (HL26); A praia de Zalala até que eles gostam muito da praia, tem um dia propício para festejar, o festival de Zalala (HL26); Onde está o Zalala Beach, tem uma praia muito bonita, com águas muito limpas e tem também uma grande pensão, o Zalala Beach Lodge. A praia chama-se praia do Supinho. É uma praia muito bonita (HL27); na Zambézia há a praia de Zalala, que está nesse lado do distrito de Nicoadala. Depois praia de Pebane. Depois também se encontra a Lagoa Azul, uma praia que responde por esse nome. É de água salgada. Pebane é um distrito da Zambézia, Zalala e Lagoa Azul pertencem a Nicoadala, também é na Zambézia. (HL28); Em Nampula, o que tem acontecido lá muitas vezes é que é conjugada a cultura tradicional (podemos observar que a Ilha é muito típica, tem muita tradição) com a parte da praia. Alguns eventos têm acontecido na praia e conjugam as duas coisas. (HL35)</p>
	Passeios fluviais		<p>Não se usa andar de barco no rio em Nampula (HL1); Em Nampula, nas margens, num passeio de Domingo, existem passagens para passear (HL1); mas há rios – mutequeliua, um rio um pouco sazonal e com caudal muito pequeno dentro da cidade, mas já maior mais à frente, o rio utomote é igual. O rio muhala já não varia muito com a estação, sai do Muhahivire e é um rio que faz estrago. As pessoas usam aquele rio como se fosse uma latrina, um pouco por costume. Quem vive perto desse rio é gente do litoral, e não do interior. [há rios que nascem basicamente dos esgotos da cidade] As pessoas do litoral, perto da praia, estão acostumados ao defecalismo ao céu aberto, enquanto no interior é diferente, estão acostumadas a fazer latrinas. Estão habituadas a fazer na praia e até a falarem umas com as outras. Esse bairro tem gente de Moma e Angoche, e costumam fazer defecalismo em redor do rio. Por isso, pode-se ver o rio de longe, mas é melhor não andar nas margens. Se for a encontrar o rio mais longe já se pode ver que o rio é grande, e as pessoas usam a água para beber, pensam que é boa. Isto talvez faça com que haja muitas doenças. E o rio muhatala. O rio Napipine é muito pequeno no bairro, mas muito maior depois. Tem ainda o rio Murrapaniua (os nomes dos bairros vêm dos rios, e não ao contrário: Napipine, Muhala, mutequeliua, etc). (HL4); Pode-se andar ao longo do rio, mas só há distância, por causa do defecalismo. Para isso pode-se ir ao distrito de Momba (Nampula) e até andar e ver o rio Mecuburi e até à ponta (HL4); não há. Se não há investida nesse tipo de sítio e quem vai lá só toma banho e toma sozinho ou com alguém que ele veio, não (...) (HL5); Na zona do bairro do Belenenses passa o Muhala e o rio? Não esta a ver, mas até onde percebe esse Muhala tem uma parte natural e outra parte que é mais de esgoto que outra coisa. Essa empresa que anda aí, a Gabriel Couto, há de melhorar isso. Mas não queria impor um patamar de um rio que não conhece. (HL5); Em Nampula, se calhar precisa de algo turístico, talvez com restaurantes, uma estância turística. O rio Lúrio não tem uma estância turística, mas é um bom sítio para passear (HL6); Mesmo o rio Zambeze. Em Tete temos um afluente do Zambeze, [o Revuboe], em cujas margens se pode passear na zona de Moatize e Tete, em Tete. Já tem uns sítios turísticos, ainda que pequenos, mas dá para passear aí. Rio Rovuma é também muito bonito. É mais um com o problema de não ter muitas estâncias turísticas, mas são rios que dá para passear, fazer um piquenique, acampar. São estes rios, mas não tem tantos rios quanto estâncias turísticas. (HL6); na cidade não tem grande rio, não sabe se é possível (HL7) Teve oportunidade de visitar o distrito de Mogovolas (Nampula), e lá há muitos rios, senão riachos e podemos dar voltas por aí. (HL7); não conhece muito (HL9); Fazem-se ao longo do rio Zambeze, mas é preciso ter alguém da agricultura a acompanhar. Porque são perigosos, tem crocodilos, precisa mesmo de ir com assistência. No rio Licungo também. E em mais alguns distritos faz-se passeios. (HL10); Tomam banho, fazem uma espécie de praia, por não haver no distrito de Alto-Molocué praia;</p>

			<p>lavam roupa. Dá bem para passear perto do rio. (HL13); acha que nada (HL14); no distrito de Alto-Molocué pode-se passear, é seguro no tempo de verão (tempo seco), mas no inverno não. (HL15); É frequente. O rio Licungo, para além de Mocuba, também no Gurulé, verifica-se isso, tem alguns passeios feitos para as pessoas não puderem se despistar muito. No Mocuba o que falta ali é talvez a higiene em si. É difícil, não existem passeios propícios para além da praia. E quando é verão, o leito diminui, e as pessoas usam-no mesmo para poder passear e voltar, e no inverno não é possível, porque já está cheio de crocodilos, a corrente está maior, então as pessoas temem essa parte. Só mesmo no verão. (HL17); nas margens... É que a maioria das margens no distrito de Alto-Molocué estão perto das florestas, o que faz com que o movimento populacional seja muito baixo. Então é difícil dizer onde é mais seguro ou interessante. (HL18); sítios assim têm. Aqui mesmo dentro do município de Alto-Molocué, tem uma zona chamada Soformiga, lá na margem. É um lugar bom, com umas boas pedras, para passear. Na zona o aeródromo, no lado direito, tem também um lugar bom para passear. (HL22); Têm também uma barragem na vila. Antes funcionava para produzir eletricidade, mas agora não. Mas é um lugar bom. Muitas vezes quando há festas as pessoas organizam-se e vão para lá. Apesar que o lugar não oferece boas condições, era preciso investir muito dinheiro para organizar o lugar para ser turístico. Mas dentro das condições existente, é já um lugar turístico, bom, calmo. (HL22); existem. No rio Molocué, no verão, as pessoas fazem sempre lá turismo, desportos aquáticos. A barragem fica depois da ponte em relação ao conselho municipal, um pouco para cima; não tem nada a ver com o lago da pista velha. É um sítio turístico no verão. Tem água no tempo do verão, antes já secou. As pessoas a lavarem. Está depois da ponte um pouco para cima, até que falta a travessia. No tempo de cheia ninguém passa aqui e ninguém lava. É perigoso neste tempo chuvoso. (HL23); Rios tem o dos Bons Sinais, que também vai para o distrito de Nicoadala, desagua lá (HL26); Tem rio e tem lugar para passear. Todo o mundo que chega a Quelimane tem oportunidade de conhecer aquele lugar, a marginal. Tem também o Chuabo Dembe, onde tem essa primeira igreja, a de Nossa Senhora do Livramento. É um lugar meio desértico, no mangal. Esse rio dos Bons Sinais passa também por lá. Tem uma região lá onde também vive-se, naquele lado mesmo vive-se. Então é um lugar onde só vai-se. É mesmo perigoso, porque não habita-se, mas as pessoas vão lá na mesma. Um lugar paradisíaco. Calmo, dá para ver pássaros que as pessoas nunca viram, e tem uma brisa daquelas. E tem-se liberdade de se fazer tudo, é um lugar bonito, não tem casas, nem poluição ou barulho. É um lugar onde se fica à vontade, dá para esquecer tudo. Um lugar relaxante. E também para que vive lá, tem uma faculdade de Ciências Marinhas da UEM. E também tem casas, tem umas construções arquitetónicas, umas casas antigas. E, aquela região viviam pessoas, mas os que viviam mais lá eram portugueses, porque eles habitavam mais a parte perto do rio. Lá tem umas casas engraçadas, e tem umas estátuas em volta da casa, nos cantinhos, uma casa muito engraçada. Um lado um bocado triste, mas muito engraçado. (HL26); Não conhece (HL27); junto de rios só pode ser junto do rio dos Bons sinais, que é esse rio que está na marginal. Porque não produz muitas ondas, é que se pode passear com ele. Enquanto a de Zalala produz muitas ondas, dificulta muito. (HL28); Junto ao rio é a praia de Pebane. Tem sítios para passear nas bermas junto ao rio. (HL28); Talvez ao longo do rio Licungo, do rio Malema. Umas pedras assim lugares de passeios como esse lugar a que foi quando era novo e que tem a cascata. Tem lugares nesses rios. Cascatas no rio Licungo, no Gurulé. Na antiga fábrica do chá, não muito longe da cidade. Descendo um pouco para a cadeia e subindo. E para o rio Malema, é ao longo do rio. Passando pelas regiões de Mucunha, descendo até no distrito de Nampula. Nas povoações pensa sempre há lugar para passear. (HL29); Acontece muito, sobretudo no verão, tem muito passeio (no Gurulé). A partir do ano passado, o conselho de estado da juventude passou a promover o Festival do Licungo, onde estão barracas, toma-se banho, come-se e bebe-se, celebra-se durante 5 dias, como maneira de promover passeio ao rio, que oferece boas águas e bom ambiente. (HL31); (Tinhame falado as Ups: Up 11 e 12 pela paisagem, a Up6 por causa do lago e da possível visita à fábrica e up4 perto cascata) De resto as outras têm algum interesse em particular? Ele não sabe porque ainda não visitou muitos sítios, só tem anotações, por falta de transporte. Colega falou de um rio que separa Milanga, Malema e Gurulé, com paisagem bonita, mas é um bocado longe. Fala-se de muitos sítios, mas é preciso transporte. (HL32); não há estâncias. Há sítios, mas é preciso investir (HL32); nas quedas, lá na UP4 (Gurué) (HL33)</p>
	Passeios marítimos (unidades de registo)		<p>Nacala-Porto (Nampula) (HL1, HL5); Pemba (HL5); Chocas-mar (Nampula) (HL5, HL6, HL8); Ilha de Moçambique (Nampula) (HL5, HL6, HL35); Mossuril (Nampula) (HL6); Praia do Wimbe (HL6); Praia do Tofo em Inhambane (HL6); praia de Zavala (HL6); praia de Bilene (HL6); nos mesmos sítios com praia. A tendência é passar tempo perto do mar (HL7); Namacurra (HL9); Madala (HL9); Gazela (HL9); Maganja (HL9); Pebane (HL9); na praia de Zalala (HL6, HL10, HL17, HL26, HL28); praia de Pebane (HL10); viagem de barco do porto de Quelimane até Pebane ao longo do rio e costa (HL10); Existe a comunidade, a pequena aldeia dos pescadores, perto da praia de Zalala (HL27);</p>
	Passeios marítimos (descrição)		<p>O passeio às praias, a Nacala-Porto (Nampula) por exemplo, faz-se muito em dias de festas e em Domingos (HL1); Depois de Ilha pode vir Pemba, Nacala e para os de Nampula, por não terem uma praia a poucos quilómetros, faz com que, sempre que queiram ir dar um mergulho, se desmarquem para esse tipo de sítios. Como em todo e qualquer lugar do mundo, basta ter praia para ser conservado. É um sítio que uma vez por ano, muitas vezes, mas uma vez por ano existe uma data em que as pessoas lá se encontram. Tem também recordando Chocas Mar, Nacala, por causa de portos e navios e quem é daqui para ver esse tipo de transporte só quando se deslocam e no porto de Nacala é um sítio onde se pode encontrar barcos grandes. Para eles, nem precisa de subir, só ver de longe e saber que aquilo está por cima da água, a pessoa emocionasse. Tem pessoa de Nampula, não é longe, Nacala está a 200 km, Pemba, Chocas mar quase à mesma distância, Ilha de Moçambique, Pemba mais longe mas a 300, 400 km, e tem pessoas que até agora não viram esse tio de coisa, praias e navios. Então sempre mesmo ele quando vai a esses sítios, não vai sempre mas quando vai fica emocionado. Por ser uma coisa que não se repara todos os dias. Sente-se emocionado, sempre com aquela vontade de estar ali a reparar, ir com uma câmara e tirar fotos, para vir mostrar em casa a pessoas que nunca viram, ou se viram não foi do jeito que viram. (HL5); estão ali lugares bonitos e restaurantes, para quem vai só tomar um refresco, e estar ao lado da namorada ou com quem vem, só para passear e conhecer gente nova, tem muito sítio para passear e estar ao pé do mar (HL5); Chocas-mar (Nampula) tem estâncias (HL6); a Ilha de Moçambique tem estâncias e abriram coisas novas há pouco tempo (HL6); Mossuril (Nampula), que tem uma praia em si, Chocas-mar é outra que fica no mesmo distrito (HL6); a ver o mar com elementos turísticos. Temos a praia do Wimbe, onde tem muitas estâncias, o Pemba Beach Hotel, carrucha. Praia do Tofo em Inhambane, praia de Zavala, praia de Bilene, praia de Zalala. Acha que praia é o que têm de mais, e se há lugares turísticos para passear é na praia. (HL6); nos mesmos sítios com praia. A tendência é passar tempo perto do mar (HL7); em Nacala-Porto (Nampula) há muitos sítios turísticos, muitos restaurantes, agora estão a construir uma espécie de castelo, tem vários sítios bonitos. (HL8); Namacurra, onde o rio vai desaguar no mar, as pessoas podem passear, de barco ou chegar até na praia, entre a de Zalala e a de Macusa. Depois tem outro lugar na Madala, e na Gazela também; também Maganja, Pebane, onde também se pode ir de barco. (HL9); Na praia de Zalala agora é que está a ter um desenvolvimento turístico, e tem um hotel (é do Manuel de Araújo, o presidente do município de lá, mas não se lembra do nome) que faz esse tipo de passeios. Vê muita gente a pegar no seu barco e a ir passear. (HL10); Também vê à frente de Quelimane, ao longo do rio, como tem aquele porto. E as pessoas vão e vêm. Na praia de Pebane, também. E pode-se fazer a viagem de barco do porto de Quelimane até Pebane ao longo do rio e costa. (HL10); É muito bonito, existe, é muito notório. Porque primeiro, ao longo do mar estamos a falar na parte da praia de Zalala, tem lá casuarinas, eucaliptos, pinheiros, as pessoas usam à volta desses pinheiros, dentro dos pinheiros, para se poderem divertir, para poderem passear. E é uma costa muito boa também, e a boa distância do mar, as pessoas aproveitam para passear seguindo o mar, não é tão perigoso assim.</p>

		<p>Alguns aproveitam para ver como a pesca é feita, da forma tradicional, a partir desses leitos. (HL17); Na praia de Zalala. Mas as pessoas não têm esse hábito de passear ao lado do mar, não é tanto. (HL26); Na praia de Zalala concorre-se muito no tempo de verão. É a praia que acolhe muitas pessoas no tempo de verão, todos os fim de semanas o passeio é só lá. Muito passeio só ocorre para a praia de Zalala (HL28); têm acontecido na Ilha de Moçambique. Até faz parte do pacote turístico completo do hotel Vila Sanz dar uma volta de barco à volta da Ilha. Mas também há operadores que fazem a viagem da Ilha de Moçambique às ilhas adjacentes, que fazem parte do território da Ilha, como a ilha de Goa e Sena. (HL35)</p>
Pesca na província de Nampula (unidades de registo)		<p>Faz-se de forma razoável, não muito, nos mares e nos rios (HL1); Peixes mais pescados: camarão; nos rios há o mucadis e barbatanas também (HL1); Nos rios usam redes e anzóis. (HL1); O entrevistado acha que ninguém pesca por lazer, mas que pode existir (HL1); é nas zonas costeiras que abundam os turistas por causa dessas pescas que as pessoas apreciam, para além da praia e outros elementos (HL2); O peixe chega seco ou é seco em Nampula (HL2); Pesca em Angoche e na ilha de Tamolo (HL2, HL6, HL11); Em Nampula é difícil ver-se a pesca desportiva, mas é frequente a artesanal, praticada em sítios de praia/mar, para fins de venda ou consumo. Mas a desportiva não é praticada pela população, normalmente quem a pratica são os turistas, algo que já fazem no sítio de onde vêm. (HL4); Mossuril (HL4); Morna (HL4); Ilha de Moçambique (HL4, HL6, HL7, HL35); Dependendo do instrumento de pesca, há muitos sítios para pescar (HL5); Até onde sabe não tem nenhuma política de proibição de pesca, basta não ser comercial. (HL5); Chocas-Mar (HL6, HL7), Nacala-Porto (HL7, HL11); praia de Kinga no distrito de Mulevala (HL7); na cidade não (HL7); por toda a Zambézia (HL11)</p>
Pesca na província de Nampula (descrição)		<p>Em Angoche têm todo o tipo de peixe, camarão, lagosta, coisas que são mais exportadas (HL2); O peixe chega seco, mas também muito chega fresco e é seco em Nampula. Por vezes os passageiros dos chapas sofrem com o cheiro, porque são aí transportados em sacos, rumo a lugares onde não se pesca. Chega muito peixe fresco. Angoche é um dos grandes fornecedores de peixe. E quando se pesca mais lá, muito chega a Nampula através de compradores que o trazem ainda fresco e circulam e vendem cá, além do peixe seco. (HL2); Angoche, ilha de Tamolo em que pessoas que não se de Angoche, estão lá de trabalho, vão pescar muito por lazer (HL6); Ocorre normalmente em Mossuril, (que apresenta características favoráveis para o turismo), Morna e Ilha de Moçambique (é o primeiro sítio que atrai os turistas e tem as condições mínimas para essa atividade) (HL4) (na ponte) (HL6); Dependendo do instrumento de pesca, há muitos sítios para pescar, mas geralmente tem sido peixe mesmo, porque, não sabe também se é possível pescar com um anzol uma lula. Mas há sítios de pesca, e se é para turista, e é lógico que cada um tem a sua preferência. Geralmente cada um vem com um anzol e vem pescar. Até onde sabe não tem nenhuma política de proibição de pesca, basta não ser comercial. Até porque esse é um dos atrativos do turismo, a pessoa vem e não se vai limitar, vai pescar dois, três, quatro peixes, em função do tempo que tem. (HL5); Chocas-mar, nas rochas (HL6); No litoral: Nacala-Porto, Ilha, Chocas-mar, praia de Kinga em distrito de Mulevala (HL7); Talvez nesses sítios onde existem praias. (HL8); Na Ilha de Moçambique representa uma das grandes atividades económicas do distrito e não tem problema de procura. Os operadores turísticos usam-na para fortalecer a sua atividade. É uma atividade muito importante para o desenvolvimento tanto da própria economia da Ilha de Moçambique assim como do turismo em particular. Quanto à pesca desportiva, ainda não foi explorada. (HL35); pensa que deve haver bastante em toda a Zambézia, Angoche, Nacala... Quanto a pesca desportiva já não responde (HL11)</p>
Pesca no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)		<p>Não existe aqui. (HL12); no rio onde passeiam (HL13); pesca-se quando o rio enche (HL14); pesca-se um peixe chamado Nocopo (HL14); pesca-se no rio Molocué, o maior rio do distrito (HL15); Usam diferentes instrumentos: redes, canoa, anzóis. (HL15); no distrito faz-se nos rios com redes mosquiteiras e folhas tradicionais (HL18); A pesca no distrito está num nível muito baixo (HL18); há pontos com pesca mais desenvolvida na província, como Quelimane (HL18); em pequena escala nos rios (HL22)</p>
Pesca no distrito de Alto-Molocué (descrição)		<p>Aqui é sempre praticada quando o rio enche, e as pessoas vão com anzóis, redes. Vão pescar sempre. Um peixe com nome local, Nocopo. Tem pequenos e tem grandes. (HL14); Há quem pesque nesses rios. Ele gosta de pescar no Molocué, os outros são pequenos e têm poucos peixes. Usam diferentes instrumentos: redes, canoa, anzóis. (HL15); No distrito usa-se mais nos rios. O povo vai lá e pesca. Mas é descontrolada. Usam rede mosquiteira, o que causa o desaparecimento de quase todos os peixes, o que faz com que haja fraca pesca. Matam o peixe. Têm o mito de levar as folhas tradicionais e deixar na água, e os peixes morrem. A pesca no distrito está num nível muito baixo. Mas existem alguns pontos na província onde a pesca é mais desenvolvida, como em Quelimane. (HL18); não. Pode ser em pequena escala, nos rios, mas propriamente dita não temos. (HL22)</p>
Pesca no distrito de Quelimane e província da Zambézia (unidades de registo)		<p>No rio Zambeze (HL6); Nas zonas costeiras. Quelimane, Macuti (ou Macusa?), Maganja, Pebane. (HL9); Pensa que em Quelimane não há nada desse género (pesca desportiva) (HL9); Na zona onde nasceu (Namacurra) pode-se fazer pesca por divertimento, (...) Essa zona faz ligação entre rio e praia (HL9); Existe, mas lá (Quelimane) não tanto. Acha que existe só no porto de Quelimane. (HL10); Existe pesca legal e ilegal. A pesca ilegal faz-se muitas vezes noturna, porque é contra a lei. Os legais existem, só que é difícil ver, estão lá no alto-mar, só se vê os barcos a virem, já no porto. E talvez aqueles legais de pequena espécie, micro-projetos. À volta do mar, à volta da praia, esses são visíveis a efetuar essa atividade. (HL17); Pesca em Zalala (HL17, HL28); Há pesca tradicional, praticada na zona costeira e para consumo interno (HL26); pesca industrial, para exportação (HL26); Não se vê pesca por desporto, aqui não se faz isso. Só para alimentação. Se calhar quem faz isso são os turistas, os que vêm de fora, é que fazem isso. (HL26); Também é feita aqui. Pesca artesanal (HL27); ocorre em Pebane (HL28);</p>
Pesca no distrito de Quelimane e província da Zambézia (descrição)		<p>Nas zonas costeiras. Quelimane, Macuti (ou Macusa?), Maganja, Pebane. A atividade principal das pessoas nessas zonas é a pesca, o meio de sobrevivência. E desportiva: é muito pouco, as pessoas pescam para viver. Pensa que em Quelimane não há nada desse género. Mas esses sítios servem para a pesca desportiva? Sim. Na zona onde nasceu pode-se fazer pesca por divertimento, ela também fazia. Essa zona faz ligação entre rio e praia, portanto pode-se fazer bem isso. (HL9); É muito bonito, existe, é muito notório. Porque primeiro, ao longo do mar estamos a falar na parte da praia de Zalala, tem lá casuarinas, eucaliptos, pinheiros, as pessoas usam à volta desses pinheiros, dentro dos pinheiros, para se poderem divertir, para poderem passear. E é uma costa muito boa também, e a boa distância do mar, as pessoas aproveitam para passear seguindo o mar, não é tão perigoso assim. Alguns aproveitam para ver como a pesca é feita, da forma tradicional, a partir desses leitos. (HL17); Especificamente para o caso do Malawi, os ingleses que lá aparecem e os sul-africanos, vêm muitas das vezes via Pebane Fishing Lodge. É um estabelecimento em Pebane, que é uma das áreas prioritárias para o desenvolvimento do turismo, estamos a falar do Pebane e do Gurué na província, segundo o plano estratégico de desenvolvimento do turismo essas duas áreas fazem parte das áreas prioritárias para o desenvolvimento do turismo, do tipo AB. São áreas/destinos emergentes que precisam de mais componente de infraestruturas para se poderem tornar realmente destinos turísticos. Mas são zonas que têm potencial turístico invejável. As praias de Pebane são praias lindas, de areia branca, águas límpidas em alguns casos. Estamos a falar também de um vasto potencial em termos de pesca desportiva. A pesca desportiva é a atividade principal do Pebane Fishing e é a partir dessa atividade que eles conseguem capitalizar os turistas de África do Sul, passando por Malawi, e mesmo os turistas ingleses que vêm para o Malawi para outros fins. Como sabemos que o Malawi favorece o turismo de montanha, então esses turistas aproveitam para quebrar o seu tempo e o seu itinerário para consumir outros tipos de produtos oferecidos cá em Moçambique que é o de praia. E nesse caso o Pebane Fishing tem tido esses lodges com agência de viagem tanto da África do Sul como do Malawi. (HL25); Pesca, para além de Pebane faz-se mesmo aqui em Quelimane. A praia de Zalala tem potencial para a pesca desportiva. E mesmo nas lagoas, a lagoa azul, a lagoa Rubúria, na Maganja da Costa. (HL25); Aqui tem dois tipos,</p>

		tem tradicional e tem essa industrial, mais mecanizada. Essa industrial está mais ligada a exportação de peixe que os locais não comem: camarão, garoupa, aquele peixe mais grande que aparece na mesa do restaurante é da pesca industrial. E a tradicional é praticada mais para a região costeira. Por exemplo, o distrito de Pebane, perto do oceano, a pesca não leva nenhum instrumento industrialmente feito, é de canoa, aqueles barcos de madeira, um bambu com uma linha que no fim tem um arame que dobram para fazer um anzol, é uma coisa naturalmente daqui, e poem a isca e deixam lá. E também tem a pesca com rede, que fazem nas praias. Naquela região, assim não muito próximo do coiso, não muito para lá, naquela zona costeira, eles fazem com redes e passam nos cantos, vão lá, equipam a rede e passam. Ate tiram peixinhos bem pequenos, que nem estavam na fase da reprodução, mas fazer o quê, é para alimentação. E também tem uma coisa engraçada, ameijoas, aquelas coisinhas aí que vêm. Tiram também nas praias, e procuram na areia. Também procuram na areia o caranguejo. O caranguejo por incrível que pareça morde, tira dedo. Então eles fazem com um pauzinho, mete na casinha do caranguejo e na altura em que ele morde o pauzinho, eles tiram e ele sai inteirinho. Pegam na parte do braço que morde e tiram. Também é um prato típico daqui, o caranguejo. E a rede também usam para aquelas partes do rio que desagua para aqueles caudais do oceano, vão naquelas zonas onde a água corre e deixam cair a rede. Porque os peixes têm tendência de vir com aquela onda e ficar na rede. Eles deixam à tardinha até à noite, sai muito peixe. Aí é onde têm possibilidade de ver esse peixe grande, vem a partir desse tipo de pesca. Não se vê pesca por desporto, aqui não se faz isso. Só para alimentação. Se calhar quem faz isso são os turistas, os que vêm de fora, é que fazem isso. Mas essa cidade principal de se pescar é alimentação. (HL26); também ocorre na praia de Zalala e de Pebane. Muito mais em grande quantidade na de Zalala, captura-se muito peixe, camarão e caranguejo (HL28)
	Pesca na localidade de Milevane (unidades de registo)	Lá em baixo há uma lagoa, bem tratada, tem peixes e tudo, podia atrair os turistas ou mesmos os donos do lugar, podia fornecer boa coisa. (HL30)
	Pesca na localidade de Milevane (descrição)	Não é costume, não há praticamente ninguém. Agora faz pouco tempo, 5 ou 10 anos, que o ministério da agricultura tenta incentivar mas não costume. Se as pessoas querem pecuária vão lá aos rios. Não têm grandes rios por aqui, mas vão lá pescar. Mas pecuária como atividade do dia a dia há pouco. Estava a confundir... A pesca poucas vezes, os animais... (HL29); A pesca é praticamente inexistente, a não ser uma ou outra pessoa que tem o seu pequeno lago, que aderiu ao convite do governo e cria peixe. Mas não é muita gente. (HL29)
	Pesca no distrito do Gurué (unidades de registo)	Pesca tradicional com redes com furos pequenos (HL28); Rio Licungo (HL31); pesca é para alimentação e não para fins comerciais (HL32); tanques de aquacultura apoiados pelo governo (HL33)
	Pesca no distrito do Gurué (descrição)	Como a pesca tradicional, em que se usa uma rede com furos pequenos, começa a recolher todo peixe, grande e pequeno. E assim logo diminui a densidade. E aquilo prejudica outra geração que vem, que não vai encontrar peixe, acabou de ser consumido. (HL28); Ao longo do rio Licungo. Sai pende, mucaje, e outras espécies. (HL31); as pessoas pescam, para alimentação das comunidades, não para fins comerciais. Nunca ouviu falar de pesca desportiva por aqui. (HL32); nas lagoas, em que o governo implementou projetos de aquacultura, em que o governo dá o peixe e cada um desenvolve. Alguns tanques já foram financiados: um senhor no Mangone) 10 000 peixes, mas com a chuva a água saiu e o peixe fugiu para o rio Licungo e ele está à espera de novo financiamento. Outros povoados já implementaram este projeto. Também as escolas da CPLD, também vão receber amanhã peixe para criar em tanques. (HL33)
	Pesca noutras províncias	Lago Niassa (HL6)
	Caça regulamentada	Não sabe de locais de caça regulamentada (HL1); na cidade de Nampula é complicado (HL1); Na província de Nampula o agricultor pode ir à machamba para capinar e aproveitar para caçar mas só para alimentação individual (HL1); Não há muito afluxo para ir caçar em Nampula (HL1); aqui em Nampula não se caça tanto por desporto, quase nem tem locais para essa prática (HL2); em Nampula a caça é frequente é para alimentação, eliminar ameaças às pessoas ou agricultura ou para obter alguma parte do corpo do animal. Há ainda quem caça para só para diversão, mas não ocorre em sítios reservados. Só vão a uma mata um pouco fora da cidade, ou vão à sua machamba (HL4); O seu avô também era caçador, caçava gazelas, e outros animais, tudo o que é comestível. Não havia lugar reservado, ele apenas sondava e via o melhor sítio para caçar, onde havia animais. Era onde cercavam, e podiam ficar um mês, só para apanhar uma gazela. Em macua se diz "nahe", que significa a carne que é comestível. (HL4); aqui na cidade está um pouco longe da mata mas não conhece. Acredita que há caça legal, mas, como na pesca, basta não ser comercial... (HL5); Há um lugar chamado Muhavula, muito rico em caça, a 30 km da cidade de Nampula, no meio das machambas. Tem muitos animais para caçar, não de grande porte, mas tem várias espécies de aves. (HL6); é mais no Niassa, onde há muitos parques de caça, com caça grossa. São os sítios que conhece. Toda a província do Niassa caça-se, bem mesmo. Podemos falar da Gorongosa, mas Niassa é onde se caça mesmo. Tem muitos sítios para caçar, para caça desportiva é o melhor. (HL6); na cidade de Nampula não, por não haver mata. Só nos distritos, e para isso há pessoas próprias que exercem esse tipo de atividades (HL7); Não em Nampula, talvez em Cabo Delgado (HL8); Em Quelimane não, é muito habitado, não há espaço. No Gilé sim, no Ile, no interior pode-se fazer a caça. (HL9); reserva do Gilé. E noutras reservas. Há uma no distrito de Nicoadala. E há também quem faça caça no mato, ilegal(?) (HL10); Há lugares nas montanhas onde as pessoas vão caçar (não muito claro se é legal ou não, apesar de ela dizer que é permitido); e vão caçar uns animais grandes do tamanho de cabritos, mas não sabe nomes. (HL13); Rurupe (ou perto) tem uma mata grande, tão vasta que o povo sempre vai lá caçar (HL14); Na província da Zambézia: Gilé, Ile, Mopeia (HL14); existe, mas um pouco afastado da cidade do Alto-Molocué, lá fora, por exemplo, nesses lugares onde se extraem pedras, de mutala, de Novanana. (HL15); Até que o governo do Gilé tem pessoas que controlam a fauna bravia. Por causa da reserva estar localizada próxima, ou as pessoas irem próximas das reservas para poderem efetuar a caça. Então, o governo tem de controlar, senão as pessoas vão lá à procura desses animais de pequeno e grande porte e matam para vender a sua carne ou a maior parte para consumo. Então, urge a necessidade de haver esse controlo dos animais. Existem búfalos, algumas gazelas, leões. Senão têm cuidado, podem ser devoradas por leões, porque a caça dessas pessoas tem sido na hora noturna. Tem lá, não sabe bem se zebras, mas leões existem. E no verão dizem que é mais fácil poder observar.(HL17); um dos lugares é nas reservas. É um dos lugares com as melhores caças legais na província. Na reserva de Gilé, na reserva do distrito de Milange e no distrito do Gurué há também uma reserva. (HL18); No distrito de Alto-Molocué existe lá no campo mesmo. É legal e faz-se em grande escala. Agora fala-se que estão a desaparecer algumas espécies, mas caça-se porco do mato, gazela, ... os de grande porte não, mas aquelas pequenas espécies sempre existem. (HL22); sim, na mata, onde o senhor (?) vai apanhar café. Para caçar aqui tem de fazer documento, então aí tem permissão para caçar. Vão caçar para uma parte (a tal mata) que pertence ao Gilé, mas também no Alto-Molocué, onde caçam gazelas, quando apanham, isto ao nível do distrito. (HL23); Hoje quer-se criar uma coutada de Chinde e Mecaone, mas existe fazendas de bravio nesses locais, e é possível verificar a fauna e flora nesses lugares. (HL25); O Gilé (HL25); Mas é uma atividade que precisa ainda de ser muito desenvolvida, ainda não têm muitos registos de turistas desse nicho de mercado. (HL25); Tem nos distritos, lá em Nicoadala. Tem caça por exemplo de

			<p>pássaros, é uma caça divertida até, levam uns fios de sisal curtos e enrolam, cruzam os fios e põem uns pauzinhos para ficar circular, e põem uma rede e põem lá arroz, por exemplo. Atrai o pássaro e acaba por meter os dedos naquela linha, logo entrelaça-se e não consegue sair. Até quando a pessoa volta para lá encontrou o pássaro. Aquele pássaro tanto pode ser para alimentação como não. É uma coisa juvenil, divertimento, como se fosse caça desportiva. Por diversão, pegam no pássaro para meter numa gaiola, só para terem em casa. Ele bonitinho, logo de manhã, acordar e ver o pássaro, fazer aquele barulho, é engraçado. Põem na gaiola com água e comida para ver em casa. Outro tipo é com um galho cortado de árvore e põem numa região propícia para pássaros e escondem-se num sítio onde os pássaros passarão, provavelmente a caminho da casa deles. Vai alguém por detrás dos pássaros e afugentam-nos. Ao fugir não olham para onde vão, e aí levantam os galhos, onde os pássaros acabam batendo. Alguns sobrevivem, mas a maioria morre, porque vêm em conjunto. A caça mesmo já é mais para lá, nos distritos de Gurué e Gilé, a caça furtiva, com espingarda. Já não é praticada por muitos, mas por pessoas especializadas. Tradicionalmente alguns fazem, correndo certos riscos, por não terem materiais propícios para isso, por exemplo, estão a dar corrida a uma gazela e podem perdê-la facilmente. Não é uma coisa muito ligada à população, são pessoas locais especializadas naquela área que fazem a caça mesmo denominada caça, com objetivos de trazer para casa um animal mesmo assim. São pessoas que já têm experiência para isso, não é alguém hoje para hoje faz. Para os locais, de pássaros sim, é a caça que se mais faz, mas de animais grandes só nos distritos e pessoas especializadas, fazem muitas vezes nos parques. E tradicionalmente tem aves um pouco maiores, não conhece o nome mas é parecido com avestruz, que nem avestruz. Este voa. É um passarinho assim e voa. Então, eles vão nos mangais, um lugar onde não se habita, e esses pássaros vão à procura de minhoca. Então eles vão naqueles locais e a tendência de pegar o pássaro não é alvejar quando ele está em baixo, é difícil pegar. Eles assustam, e quando ele está no ar é quando eles acertam. Se alinhar para baixo, voa e já falham. Uns fazem para alimentar, outros fazem para vender, são coisas que mais se fazem em termos de caça. (HL26); é feita. Mas em Quelimane não sabe dizer, mas nos outros distritos acredita que sim. (HL27); Sítios onde as pessoas podem caçar com licenças: nas reservas. Capturar um animal só o ministério da agricultura pode autorizar. Lá não se captura animal de qualquer maneira. Porque é uma coisa controlada pelo estado. Enquanto que essa caça tradicional, eles só se espalham pela mata e começam a capturar. (HL28); No Gurué pratica-se no tempo de queimadas. As pessoas vão nomato à procura de ratos, ratazanas e gazelas. Esses são animais que se procuram muito. É uma caça tradicional. E a caça mais legal podia ser aquela em que quando os caçadores saem para o mato só podem capturar um animal que dá para capturar, e não um tão pequeno, como crias. Mas a tradicional encontrou, tudo só fica a recolher. (HL28); No passado existia muita caça, sobretudo no tempo das queimadas. Pouca gente tinha armas, um ou outro tinha autorização. Então as pessoas recorriam aos meios locais. Faziam redes e um grupo de 5 ou 6 pessoas ia lá caçar, conseguia alguma coisa de animais. Hoje, tanto em Nauela como no Molocué, o número aumentou, as florestas estão a diminuir. Agora as pessoas estão a invadir as matas. O que no seu tempo era mata agora é povoação, machamba, aldeia. De modo que a caça está diminuindo. As crianças, mesmo os sobrinhos adolescentes, nunca viram uma gazela. Um coelho talvez sim, mas nunca viram leopardo, porco do mato, etc. animais que estão a desaparecer. A menos que se viaje longe. Na montanha, aí pode fazer a caça. Existe a caça, mas não é tanto como no passado. Antes era uma atividade de 10 homens, uma aldeia, iam lá à caça e traziam animais. Hoje não, pouca gente faz caça, a não ser pequenos animais: coelho, etc. a mata de Milevane é motivo de caça e as pessoas aproveitam o que têm aqui, no tempo das queimadas. Procuram conservar a mata, mas quando saem, as comunidades ficam, queimam, para conseguir os pequenos animais. A nível legal basta ter uma licença. Aqui fora não há sítios de caça. Fala isso porque conhece um senhor com uma licença e ele com ela está livre de ir no lugar. E também porque é difícil situar o lugar em que pode caçar. A mata está a desaparecer em Nauela e Molocué. O número aumentou depois da guerra, muita gente saiu das concentrações populacionais e foi ao campo, e a mata está a ser destruída. Então quem tem licença de caça não tem lugar situado, arranja-se. Não há um lugar marcado para a caça. Aqui não. Talvez noutros lugares. Na Beira sim, deve haver lugares assim, porque ainda há muita mata em Sofala. Há dias saiu no jornal, falava de caçadores ilegais. Na Zambézia tem a reserva do Gilé, que sem condições não aceitam. Mesmo com licença não aceitam. (HL29); Aqui (Gurué) não (há um técnico de turismo, mas está cá há pouco tempo, ainda não teve tempo nem recursos para atuar, e pode ser que daqui a uns tempos comece a funcionar em pleno quando tudo tiver a postos, mas é uma área ainda por controlar) (HL31); não existe por aqui. No Niassa sim. Não há lugares para caçar, nem animais para caçar, porque foram caçados na guerra. Outras reservas (Limpopo, Gorongosa, Gilé – que tem leões e elefantes) estão a repovoar, e os animais vêm da África do Sul. Na guerra civil alimentavam-se com animais, mesmo macacos. Mas é difícil fazer isto porque nas reservas já viviam pessoas lá, e é custoso tirá-las de lá. No Limpopo até agora existe lá gente, mas é uma reserva transnacional ligada ao Kruger Park e Gunarejo (?) do Zimbabuê. (HL32); faz-se mais no Niassa (HL33); não há no Gurué (HL33)</p>
	Causas ambientalistas na província de Nampula		<p>Em Nampula há programas como a “Defesa ao Ambiente”, do governo, que proíbem o derrube das árvores, o despejo de lixo de qualquer forma, entre outras ações (HL1); em Nampula elas existem mas não se fazem presentes, ou quando o fazem é por oportunismo. Também há situações como a erosão em Mutequiliua em que as autoridades fazem-se presentes ao tentar mobilizar as pessoas a saírem daquele lugar para irem se instalar noutro. (HL4); A Direção Provincial de Obras Públicas, a Direção Provincial de Agricultura e a Direção Provincial de Recursos Minerais defendem o ambiente (HL8); Existem na Ilha de Moçambique, porque há bairros abaixo do nível do mar e por causa das guerras passadas, a Ilha ficou muito habitada e a densidade populacional subiu em relação à área existente. Por isso mesmo, o saneamento nesses bairros tem tido alguns problemas. O governo, o conselho municipal e o gabinete de conservação da Ilha de Moçambique, que velam pelas questões de saneamento do meio, economia, sociedade e passo a passo, vão resolvendo o problema do saneamento na Ilha de Moçambique. (HL35)</p>
	Causas ambientalistas no distrito de Alto-Molocué		<p>No distrito de Alto-Molocué fazem-se reuniões num lugar, constrói-se uma palhota e discute-se o assunto. (HL13); acha que não existem organizações ambientais (HL14); Organizações no distrito de Alto-Molocué: Intacua floresta (?), Visão Mundial. Atuam nas zonas rurais e também dentro da vila. (HL15); Nícoa é uma organização que trabalha em conjunto com o conselho municipal do Alto-Molocué em situações do ambiente. Passam nos bairros, ver as áreas mais críticas e se forem críticas junto com a Nícoa têm realizado algumas atividades, em questões de gestão ambiental, resíduos e sua recolha; e depois depositamos no sítio certo. Têm tido um pouco de dificuldade, mas também o próprio conselho tem trabalhado nessa área do ambiente. Mas há outras situações muito críticas que não podem ser resolvidas só pelo conselho, então colabora-se com a Nícoa. (HL21)</p>
	Causas ambientalistas no distrito de Quelimane e província da Zambézia		<p>Não sabe responder (HL9); no distrito de Mocuba a INTACUA, que está a tratar da doença dos palmares, um vírus que atacou. E estão a tratar do meio ambiente. Então é a organização mais ativa na Zambézia. (HL10); Direção provincial do Ambiente, edifício do prédio do Montegiro, hotel Chuabo. Mesmo a direção das pescas, por causa dessas pescas com redes mosquiteiras. A direção provincial do Ambiente sensibiliza a população, as comunidades, para não fazer o defecalismo a céu aberto, evitar as queimadas descontroladas, abate descontrolado das árvores por causa da erosão, não fazer queimadas por causa da caça. Um dos métodos de caça que fazem mais são as queimadas. Sensibilizam para que as pessoas não façam esse mal ao ambiente (HL27); há causas ambientais no caso de queimadas descontroladas, aquele fumo quando vai para a atmosfera cria uma poluição atmosférica, que aquilo também resulta em consequências no dia a dia. Queixam-se do calor, mas é um problema deles, das queimadas e dos combustíveis que criam fumos que quando chegam à atmosfera já é um problema. São problemas ambientais. Tem havido pessoas que sensibilizam as populações a não</p>

		praticarem as queimadas descontroladas. Mas com a rebeldia, desvalorizam aquela ideia, não cumprem. (HL28)
	Causas ambientalistas na localidade de Milevane	Pensa que nada (HL29)
	Causas ambientalistas no distrito do Gurué	Não está a ver organizações que defendem o ambiente. A maioria das organizações estão viradas para a agricultura e investigação das culturas agrícolas: ITA, IAN, Visão Mundial. (HL32)
	Causas ambientalistas noutras províncias	Em Cuamba tem irmãos a trabalhar na preservação do ambiente, numa organização chamada Moçambique ...?... [som telefone deixa impercetível nome 00:40:30] (HL6)
	Lazer na província de Nampula (Bares, discotecas) (unidades de registo)	Há muita coisa e a escolha depende da condição financeira (HL4); Há quintas boas, em que a pessoa vai e sente que já está mais próximo da sua realidade (HL4); Quinta Nairucu (HL4, HL7); Quinta dos Céus (Anchilo, atrás de uma montanha) (HL4); Quinta Fausto (HL4); Um pequeno churrasco a caminho do controlo (HL4); Quinta Nasa (HL4); Mp3 (HL6, HL8); Retiro ou Complexo África (HL6, HL7, HL8); o Seiquesabe (HL6, HL8); Quinta Churrasco (HL6); Quintanásio ou Quintanaso (HL6, HL7); restaurante Bamboa (HL6); Escondidinho, na Ilha de Moçambique (HL6); Hotel Maiaia em Nacala (HL6); Bambu (bar) (HL7); Clube Sporting (HL7, HL8); Macuambé Macué (HL7); no bairro Muhala Expansão de Nampula (HL7); Megaparty (HL8); café Carlos (HL8); Há ainda aqueles pequenos sítios que “nos dignificam” – por exemplo, próximo da sua casa, mesmo na estrada, tem um sítio para estar, debaixo de uma árvore, construíram a barraca. Perto dos caminhos de ferro tem um sítio chamado apeadeiro, também de lazer. O turista pode gostar deste tipo de coisa ou não. (HL4); Talvez mais no fim de semana, que é quando os locais podem ir às discotecas e quintas fora da cidade, e que acha que podem atrair os turistas. (HL6); a Ilha de Moçambique tem duas discotecas, uma na zona continental outra na insular. (HL35)
	Lazer na província de Nampula (Bares, discotecas) (descrição)	Quinta Nairucu (HL4); Quinta dos Céus (Anchilo, atrás de uma montanha) (HL4); Quinta Fausto (HL4); Um pequeno churrasco a caminho do controlo (HL4); Quinta Nasa (HL4); Bares e discotecas mais adequadas para os turistas: Mp3, Retiro (uma discoteca que existe desde o tempo dos pais dele, uma que todas as pessoas que visitam Nampula querem ver, mas agora está um pouco parada, mas toda a gente que vem de Maputo tem de chegar lá), o Seiquesabe, Quinta Churrasco (um sítio com um bom ambiente, mas não é uma discoteca), Quintanásio, restaurante Bamboa. Na Ilha tem o Escondidinho que é uma referência. Em Nacala temos o hotel Maiaia (HL6); Bares: Bambu, como que vai à Faina, e um na escola portuguesa, o Clube Sporting; a escola já fechou, mas o bar é um dos lugares destacados para esses turistas. (HL7); A caminho de Rapale (a 20 km da cidade; é um distrito mas ainda dentro da cidade) há o complexo África (discoteca), que antigamente chamava-se o Retiro, mudou o nome há dois anos. Onde as pessoas se dirigem para várias atividades, e para conviverem. Um dos pontos onde se dirige todo o tipo de turistas, para também saberem mais sobre onde devem ir, como podem fazer, o que podem fazer, e todo o tipo de informações úteis aos turistas [um ponto de informação informal] (HL7); discotecas: Há no de Nairucu às vezes, na faina há um chamado Macuambé Macué, em macua “montanha”. Também Quintanaso. (HL7); no bairro Muhala Expansão de Nampula tem esse lugar ao longo da estrada que muitos percorrem para divertimento, muito mais nos fins de semana e datas comemorativas. (HL7); Discotecas: Mp3 (Hotel Girassol), complexo África, Seiquesabe, Megaparty. Mais frequentadas: Mp3 e Seiquesabe. (HL8); Bares mais frequentados em Nampula é o Sporting, ao lado da escola portuguesa, e o café Carlos. (HL8); a Ilha de Moçambique tem duas discotecas, uma na zona continental outra na insular. Durante a semana funcionam 3 vezes por semana. A maior parte das pessoas na ilha são funcionários do estado e só ao fim de semana tem tempo livre. (HL35)
	Lazer no distrito de Alto-Molocué (Bares, discotecas) (unidades de registo)	Tem sítios para se reunirem, reuniões que são convocadas (HL13); alguns bares (HL13); Festas que levam ao convívio (como o carnaval) (HL13); casa da cultura (HL14); Manabuca (HL14); Praticamente têm um lugar específico para festas. Eles já dão nome nesses lugares. Têm a casa da cultura, e também as pequenas discotecas alugam para festas. Não deixando ainda o lugar onde fazem os comícios, também alugam para festas. Mas se for uma festa mais especial e reuniões, é sempre na casa da cultura. (HL15); Discoteca Escondidinho (dentro da vila) (HL15, HL18); Complexo Bambu (dentro da vila) (HL15, HL18); discotecas são poucas mas bares são muitos (HL18); Bares há muitos. (HL18); existem bares e discotecas, (HL21) mas não existe o suficiente, há muitas modalidades, podiam assistir a mais coisas. Se calhar ter outro tipo de divertimento que possa chamar à atenção. (HL21)
	Lazer no distrito de Alto-Molocué (Bares, discotecas) (descrição)	Tem sítio, sabe que as pessoas de cá são um pouco ignorantes, porque podem aparecer pessoas a dizer que há uma reunião e algumas pessoas não aparecem, podem ficar poucas pessoas, por exemplo convocarem toda a gente e só irem 10. Mas tem sítios para se reunirem. Aqui acha que tem uns bares onde as pessoas têm convívio, só que não é muito. Tem dias, e tem meses que há festas que levam a esse convívio, como o carnaval que dura um mês e as pessoas ficam a conviver toda a noite, a dançar, a fazer ginástica. Mas sem ser festa só ficam esses bares para as pessoas beberem, ficarem a conviver. (HL13); a casa da cultura é um lugar de convívio na vila. Manabuca é um dos lugares com espetáculos, música,... (HL14); Têm duas discotecas: o Escondidinho e Complexo Bambu. (HL18)
	Lazer no distrito de Quelimane e província da Zambézia (Bares, discotecas) (unidades de registo)	O hotel Chuabo agora virou Igreja do Terço (?) (HL9); bairros de mais convívio: o Torone, Chirambane, Cameua (?) (HL9); Discotecas, agora tem mais que antes. Só havia duas no centro e as dos bairros chamavam de baile. Mas agora muitos desses bailes já não funcionam, muito por causa das lendas. (HL10); Mas agora há mais discotecas e bares. Nos bairros há mais bares que discotecas, na cidade é que há mais discotecas que nos bairros. As do bairro já fecharam. (HL10); Há muitas discotecas principalmente na altura do carnaval. Quelimane é chamada de pequeno Brasil por causa do carnaval. Este é o melhor carnaval do país. O carnaval de lá acabou há duas semanas e atrai muita gente, vem gente de todo o lado do país e mesmo de fora, como da África do Sul. (HL10); Bar Camumati bada (Quelimane) (HL10); bar um de junho (Quelimane) (HL10); discoteca reserva (Quelimane) (HL10); bar Sporting (Quelimane) (HL10); discoteca Sporting (Quelimane) (HL10); bar Benfica (Quelimane) (HL10); bar do rei dos frangos (Quelimane) (HL10); bar da coquinha (Quelimane) (HL10); na entrada mesmo da cidade tem uma discoteca que está no bairro que é famosa (Quelimane) (HL10); o bar Abucu (Quelimane) (HL10); muitas discotecas a caminho de Zalala (Quelimane) (HL10); Para as festas das noites, a cidade oferece muitas diversões (Quelimane) (HL10); É seguro andar à noite? Não quando se está no bairro. Mas no centro (de Quelimane) é, mas é aconselhável não andar com bens materiais nas mãos. (HL10); Discotecas em Quelimane (HL25); música ao vivo em alguns bares em Quelimane (HL25); discotecas e bares em Mocuba (HL25); discotecas e bares no Gurué (HL25); Noutros sítios divertem-se, mas é mais nos restaurantes e nos bares, não tem discoteca como tal a funcionar. (HL25); (há) discotecas. Mas aqui as pessoas são mais de criar o ambiente, fazer o ambiente. Estão num sítio, com amigos, fazer algo aqui, reunir no sítio onde se está. (HL27); lugares de lazer na praia de Zalala (HL28); discoteca da Refeba em Quelimane (HL17, HL28); o bar Lisboa em Quelimane (HL28); discoteca Savana em Quelimane (HL28); Agrico em Quelimane (HL28)

Lazer no distrito de Quelimane e província da Zambézia (Bares, discotecas) (descrição)	Mas em Quelimane mesmo os bairros quase todos são de muito convívio. É normal até às 23h pessoas a circularem normalmente, é diferente daqui (HL9); Discotecas, agora tem mais que antes. Só havia duas no centro e as dos bairros chamavam de baile. Mas agora muitos desses bailes já não funcionam, muito por causa das lendas. Havia uma discoteca que estava à frente de um cemitério, então diziam que nem todas as raparigas que estavam na discoteca eram humanas, algumas eram fantasmas, e quando alguns rapazes saíam com elas, no dia seguinte acordavam no cemitério, por cima de uma campa. Isso aconteceu, então muita gente deixou de ir às discotecas do bairro, passaram a ir às do centro. E muita gente deixou mesmo de ir à discoteca, por medo, pensavam que acontecia isso em todas as discotecas. Mas agora há mais discotecas e bares. Nos bairros há mais bares que discotecas, na cidade é que há mais discotecas que nos bairros. As do bairro já fecharam. Há muitas discotecas principalmente na altura do carnaval. Quelimane é chamada de pequeno Brasil por causa do carnaval. Este é o melhor carnaval do país. O carnaval de lá acabou há duas semanas e atrai muita gente, vem gente de todo o lado do país e mesmo de fora, como da África do Sul. No centro da cidade em todo o lado há música, e o local onde fazem é na marginal do rio dos Bons Sinais. No carnaval fazem competição entre empresas e bairros, por não haver escolas. Os bairros fazem as suas próprias máscaras. Um grupo do bairro do bar onde ele estava ganhava todos os anos na parte do desfile por causa das coisas que eles improvisavam para o carnaval. Por exemplo, podiam disfarçar todos de escravos. No primeiro dia faz-se o desfile e depois nessa noite é que se começa a dançar. Eles classificam o desfile e a dança e o melhor grupo. Também há desfile no último dia, o enterro do carnaval. As pessoas fazem de tudo: máscaras assustadoras, outros bonitas, de animais (jacarés), homens mascarados de mulheres (nuncafuri), fantasia de feiticeiro que assusta, fantasias de todo o tipo, encontra-se um pouco de tudo. Usam mais as máscaras tradicionais e não tanto as mais artificiais, retratando um pouco a cultura local. Esse grupo ganhava por causa disso: um avião um barco, faziam um pouco de tudo. Mas mais máscaras tradicionais. Mas encontra-se todo o tipo de coisas, como gente que se veste toda de branco. Está toda a gente à vontade, tudo fantasia, não há gente a ser presa por qualquer coisa que seja. Bares? Tem lá um muito famoso, que é o bar Lisboa, que está na entrada da cidade de Quelimane, a uns 5 km depois da placa de entrada. Outro bar é o camumati bada (em português: ainda não conseguiste), bar um de junho, dentro do hotel com o mesmo nome, discoteca reserva (na marginal do rio), bar sporting, discoteca Sporting, bar Benfica, bar do rei dos frangos, bar da coquinha, na entrada mesmo da cidade tem uma discoteca que está no bairro que é famosa e as pessoas vão muito para lá me vez de ir à cidade, por causa das distâncias. Tem outra num bairro a caminho da praia de Zalala, o bar Abucu, e muitas discotecas também. Para as festas das noites, a cidade oferece muitas diversões. É seguro andar à noite? Não quando se está no bairro. Mas no centro é, mas é aconselhável não andar com bens materiais nas mãos. (HL10); No Molocué tem vários bares. São pensões que têm bares. (HL17); Agora discotecas, ouve falar de um aqui (no Alto-Molocué) (HL17); No Mocuba há várias (discotecas): Refeba, o desportivo. (HL17); Em Quelimane (...) há Estúdio, vários outros lugares. E são mais aderidos no fim de semana, sexta e sábado, no Domingo já estão a repousar em casa para na segunda estarem (...) na escola ou no serviço. (HL17); Na cidade há diversão noturna. É possível ver nos fins de semana em alguns bares é possível encontrar uma música ao vivo. Temos discotecas, tocam variados tipos de música. Também em Mocuba é possível encontrar alguma diversão noturna, alguma discoteca, alguma coisa que os turistas possam fazer à noite. No Gurué também se encontra discotecas, lugares em que as pessoas se possam divertir. Noutros sítios divertem-se, mas é mais nos restaurantes e nos bares, não tem discoteca como tal a funcionar. Mas nesses 3 municípios é possível encontrar alguma diversão noturna. (HL25); Em Quelimane pode-se encontrar lugares de lazer na praia de Zalala. Quando é tempo de calor, toda a gente quase aqui na cidade percorre via Zalala, procura lugar para refrescar. (HL28); Em Quelimane há a discoteca da Refeba, ao pé da escola Patrício Lumumba, depois o bar Lisboa, discoteca Savana, e também perto do bar Lisboa o Agricon. (HL28)
Lazer na localidade de Milevane (Bares, discotecas) (unidades de registo)	Passeio pelas montanhas (HL29); passeio nos rios (HL29); Passeio nos lagos (HL29)
Lazer na localidade de Milevane (Bares, discotecas) (descrição)	Um pouco pelas montanhas. Nos rios, uma vez ou outra, quando vamos passear um pouco aos rios. Ou então nas montanhas. Não que tenha grande coisa. Ou subir as montanhas, ou nos rios, sobretudo no tempo do verão. Ai, as pessoas recolhem lá, e nos lugares em que há lagos então vão nesses lagos. Florestas, não há grandes florestas, então é nas montanhas ou nesses pequenos rios. Jardins não existem, ao estilo da Europa não. (HL29)
Lazer no distrito do Gurué (Bares, discotecas) (unidades de registo)	Rio Licungo para tomar banho (HL28); Complexo brisa (HL31; HL32); Cine-Gurué (HL31); Monteverde (HL31, HL32); bar da pensão Gurué (HL31, HL32); bar Namúli (HL31); a Malicha (HL31); Discoteca perto das atividades económicas (HL32);
Lazer no distrito do Gurué (Bares, discotecas) (descrição)	No Gurué procura-se o rio Licungo, porque é um rio que está a correr, tomam banho lá. Vão para lá às 3 e depois de almoço só pode voltar quando o sol já baixou. São esses os lugares de lazer. (HL28); Existem, o Complexo Brisa, o Cine-Gurué, o Monteverde, o bar da Pensão Gurué, o bar Namúli, a Malicha e outros sítios. Uma área que ainda não está aos níveis de exigência... outras coisas de lazer: só sabe dizer piscina, mas não está a funcionar. Essencialmente frequenta-se os bares e vai-se às discotecas no fim de semana. (HL31); Discoteca na Brisa e aqui em cima (atividades eco). Bares na brisa, pensão gurue, monte verde. (HL32)
Outras missões e localidades na região consideradas adequadas para mostrar aos visitantes na província de Nampula	Nairucu (HL1); Ilha de Moçambique (HL1); Nacala (HL1); missão na Beira (?) (HL2); Anchilo (uma zona onde muitos missionários vão, é um local onde fazem encontros entre várias dioceses, entre vários grupos da diocese, etc.) (HL2) (que fica a 20 km, e tem lá também um local muito fresco para descansar da agitação da cidade; mas não é um lugar natural, foi criado. E está entre duas montanhas e tem uma temperatura favorável) (HL4); É difícil, porque as pessoas olham mais para aquilo que é o espaço, o sítio onde se reúnem as condições para fazer turismo. Mas aqui à volta as pessoas vivem agrupadas, em comunidades, e assim é difícil ter o espaço necessário. Por exemplo, na serra da mesa não havia nada, era onde estava a mãe do régulo, as pessoas iam lá pedir. Agora está diferente, mesmo que o desenvolvimento seja paulatino, vai-se fazendo e muito mudou. (HL4); O padre Ciscato vai lá dar aulas sobre a cultura local. Entre Nampula e Anchilo está a casa nova dos dehonianos. Muito perto da missão do Anchilo é onde ela dá aulas. Demora meia hora de carro pessoal, e uma hora a chegar de chapa (é preciso esperar que encha, tem de encher até haver gente de pé e não dar quase para fechar a porta), que custa 15 meticais, mais 10 de outro chapa. Não enchem para compensar, porque em princípio com menos gente já compensava. (HL2); no posto administrativo de Jaiane encontra-se o rio Monapo, que fornece a água consumida em Nampula (HL4); O rio Nahavare, situado entre duas montanhas e onde a circulação é difícil, é conhecido como um “rio com azar”, porque há muitos acidentes até mortais ali. (HL4) Chipene, no distrito de Memba, tem um ambiente saudável para o turismo. No ano passado foi descoberto para o turismo. Está alguém lá a explorá-lo. (HL4); não gosta de limitar, mas acredita que existe. (HL5); O corredor de desenvolvimento ainda não está bem, mas é um local que também merece. (HL6); Malema, o celeiro da Província, onde todas as hortícolas,

		milho, mandioca aparecem. Um sítio que merece uma visita por causa da agricultura. É o distrito mais distante, na zona oeste. (HL7)
	Outras missões e localidades na região consideradas adequadas para mostrar aos visitantes no distrito de Alto-Molocué	Há mais sítios para visitar, mas não sabe responder, até confunde com visitar hospital. (HL13); existem lugares bonitos que dá para visitar, mas a muitos nunca chegou. A outros chegou, como Milevane (muito bonito para visitar), os montes Rurupe também são bonitos, praia de Zalala, Ilha de Moçambique. (HL15); padres de Nauela, Mutala. São estes os lugares que ele vê para os turistas visitarem. Em Nauela há bom cultivo de coisas, podem apreciar as machambas. Em Mutala lá há matas onde se pode apreciar os animais, domésticos: coelho, gado caprino. (HL14); No Alto-Molocué há algumas coisas a visitar, como o lugar de padre de Pava casa dos monges maristas, é um lugar bom para visitar e apreciar. Lá há muita coisa criada: coelhos, patos, perus. Ainda os monges de Rurupe, é um bom lugar, bem grande (HL14); Lugares interessantes para mostrar aos turistas no distrito: existem. Por causa do fundo de desenvolvimento local, as pessoas com o seu esforço vão criando um lugar que atraia investimento e turistas. Quando têm visitas levam-nas àquelas pessoas para mostrar que pelas nossas próprias mãos somos capazes de criar ambientes diferentes. Têm aqui um complexo para quem vai para as bombas, o complexo Marapopa (?). é um complexo grande, chega-se lá, dá para passear e ver muita coisa. Mesmo a fábrica de processamento de caju é um lugar visitado, que as pessoas gostam de lá passear. É um lugar complexo, um lugar que dá para chegar e ver. Muita gente que vem cá prefere visitar a fábrica. (HL22); onde estavam as da Imaculada, e os ?, têm aqui Milevane; Nivava onde estão os maristas e o lugar do Milénio. Lugares históricos que o turista pode ir conhecer. (HL23);
	Outras missões e localidades na região consideradas adequadas para mostrar aos visitantes em Quelimane e na Zambézia	Mocuba, essa pedreira (HL9); as praias; Zalala é bonito, pode andar muito sem chegar à água, uma extensão enorme (HL9); Em Nicoadala, distrito a 30 km de Quelimane, porque é uma zona de muitas árvores e muita floresta, é bom para o turista apreciar, tem pequenas subidas sem ser montanhoso (HL9); No distrito de Pebane há vários locais turísticos mas muita gente não conhece. Ele só conhece esses lugares, como a Ilha do Fogo, porque o pai trabalhava no porto e ele levou-o lá. Há localidades que precisam de visita. A localidade de Chinde, com estruturas do tempo colonial. Lá tinha a maior indústria do país, ou talvez mesmo da África Austral, de cera de açúcar. Mas não está a funcionar, só daqui a 3 anos é que vai recomeçar a funcionar. Por tudo isso precisa de ser visitado. (HL10); Madal (HL27); Beira (HL27); Maquival (HL27); Maquival tem a fama da praia de Zalala. Madal tem (...) e não só, é um sítio onde sai muito peixe e tem muitas feiras lá (HL27); aqui não conhece bem (HL28); Zambézia: Pebane (mar, casa do?), Quelimane (rio bons sinais), Gilé (minas e outros lugares), Ile (minas), Mulevala (imagem senhora de Fátima). O governo, vendo que são sítios mais concorridos, até tem feito novas divisões administrativas: o Ile vai passar a ser dois: Ile e Mulevala. O governo quer elevar esses sítios históricos para até as pessoas valorizarem aquilo que têm. (HL33)
	Outras missões e localidades na região consideradas adequadas para mostrar aos visitantes em Milevane	Há umas que estão na costa em Pebane (com praia). Também Malama e Naburi, também na costa, na praia. E umas fora para quem vai a Milange. E Molumbo. São lugares interessantes, antigas missões. São lugares interessantes. São muitas, que estão na mão dos diocesanos, que estão a recuperar. Mas estes são aquelas que ele acha que têm interesse para visitar, as de Pebane (mesmo na costa, mesmo na praia, quanto muito 2 km), Naburi (poucos km da praia), Malama (idem). (HL29)
	Outras missões e localidades na região consideradas adequadas para mostrar aos visitantes no Gurué	No Gurué, o distrito está dividido em postos administrativos, e estes por localidades. Vai falar do posto administrativo que conhece melhor, o Mepuaguia. Neste posto pode-se encontrar a localidade de Nepiri, de Enrobe, Nicize, Nicoropale, Cocola e Namarama. Namarama quer dizer pessoas com bochecha. Por causa da guerra as pessoas consumiam produtos que não são, ficavam com mal-nutrição, coma anemia, e ficavam com bochechas assim inflamadas e atribuíram assim esse nome. Na província, localidades que vale a pena mostrar: no Gurué, os turistas têm preferido o monte Verde. Têm aparecido turistas, principalmente no fim do ano, têm aparecido em quantidade. (HL28); Fala da capelinha mais perto do centro, uma antiga (HL32)
	Atividades do dia a dia local que podem despertar curiosidade no turista na província de Nampula (unidades de registo)	O artesanato (HL1, HL4, HL5); informar sobre o que é a cultura macua. Tal pode ser visto no museu de Nampula (HL4, HL6); lugares onde antes as pessoas iam pedir, pôr o farelo (HL4); Mostrar esses pequenos rios, ver como eles aqui são pequenos e como depois se tornam grandes (HL4); O que atrai mais o turista é a parte cultural. E em Moçambique é difícil haver com regularidade. Há dias em que acontece isso. (HL6); Atividades na casa da cultura, mas este é um sítio que muitos não conhecem e não tem uma estrutura de casa. É um sítio que nem tem condições para apresentar um espetáculo, nem percebe porque se chama assim (HL6); Na província só há atividades mais interessantes nas zonas costeiras, isso porque tudo o que lá se faz têm orgulho de fazer, por isso há sempre atividades: danças e outras atividades culturais que merecem destaque, que interessam aos turistas. (HL7); na cidade encontramos o tufo, uma dança cultural, muito bonito, que o povo macua faz. (HL8); o que se pode ver na Ilha. Podemos entrar no museu, podemos usufruir da fortaleza de São Sebastião, visitar os monumentos da escravatura, provar a gastronomia típica (que é muito diferente e apreciada), e a cultura em geral que representa a Ilha. Pode-se ver o tufo, que é uma das danças típicas muito diferentes, temos untssope (?) e também o convívio com a população, é uma experiência diferente. (HL35)
	Atividades do dia a dia local que podem despertar curiosidade no turista na província de Nampula (descrição)	O artesanato (mostrar como fazem os objetos) (HL1); o artesanato, em que se pode mostrar como fazem a arte maconde, como usam o pau-preto (HL4); no museu de Nampula encontram-se as várias culturas, de cada distrito de Nampula, arte maconde, com variações, e dança tradicional e internacional, como a capoeira (HL4); artesanato. Só pode ser. Porque primeiro esse artesanato dificilmente é esculpido algo em poucas horas. Quer dizer que aquilo faz-se ... vende-se uma vez por semana. Então faz-se dia a dia, e também tem peças que pode-se fazer em pouco espaço de tempo. Mas falando concretamente tem umas pulseiras ou colares que faz-se missangas. Tem mais também chinelos. (HL5); o que acontece atrás do museu, com os artesãos a trabalhar, os ensaios das danças tradicionais, as pinturas, etc. lá é todos os dias (HL6);
	Atividades do dia a dia local que podem despertar curiosidade no turista no distrito de Alto-Molocué (unidades de registo)	Diz que há falta de coisas para mostrar, não se faz nada (HL13); a cultura (HL15); os trajes (HL15); a música e as danças (HL14, HL15); As músicas, a maneira como dançam. (HL15); artesanato (HL18); fotografia por jovens (HL22); ver a realidade (HL22);
	Atividades do dia a dia local que podem despertar curiosidade no turista no distrito de Alto-Molocué (descrição)	Aqui no Molocué há muita coisa praticada, como danças, que ocorrem. (HL14); A cultura – A maneira de vestir no distrito. Porque nos vários lugares há vários tipos de traje. Existem muitas diferenças neste aspeto. Muitos, quando vêm, admiram também a maneira de vestir em Moçambique. A maior parte das mulheres vestem a capulana e o lenço. As músicas, a maneira como dançam. (HL15); Alguns têm a arte natural, sabem adaptar-se, conseguem fazer alguma matéria-prima. Alguns levam o caniço e fazem esteiras, outros pegam no tronco e fazem pilões, cestos, ... e isso é mais fácil verificar nas feiras, onde eles fazem o negócio. Alguns fazem estátuas, por exemplo de Samora e alguns que estão no poder (HL18); Pensa que existem muitas que possam interessar aos turistas, dependendo do que cada um faz. Por exemplo, há jovens que são fotógrafos e conseguem fazer muito com as suas máquinas. Os turistas também precisam de ver como eles fazem, e eles precisam de alguém que os apoie. São essas coisas que os turistas precisam de ver. Os turistas também precisam de ver manutenção de estradas, como num dia a estrada tem poeira e no outro é asfaltada. O turista está a passar e a usufruir, mas

		também precisa de ver a realidade. E podiam aconselhar. E com esses conselhos têm melhorado as atividades do dia a dia. Muita atividade do dia a dia precisa dos turistas, para galvanizar os objetivos. (HL22)
	Atividades do dia a dia local que podem despertar curiosidade no turista no distrito de Quelimane e na Zambézia (unidades de registo)	A Machamba e os negócios (HL9); Bicicleta em Quelimane (HL9, HL10); A caça (HL9); um lugar no Gilé com exploração do ouro (HL9); Táxis de bicicleta em Quelimane e Milange (HL10, HL17, HL25); Jogo de futebol no bairro (HL10); danças tradicionais (HL10); Atividades artesanais também, como os de palha (HL10); taxistas de Mota no Molocué (HL17); turismo de montanha e pedestre (HL25); colheita do chá (HL25); passear (HL27); conhecer a cidade (HL27); provar os pratos típicos que cá se fazem (HL27); Mas do dia a dia de Quelimane acha que não (HL27); Em Zalala, as pessoas tomam banho, pescam, andam de canoa e de barco (HL28)
	Atividades do dia a dia local que podem despertar curiosidade no turista no distrito de Quelimane e na Zambézia (descrição)	Em Quelimane, o dia é passado na machamba, nos negócios, e andam muito de bicicleta, não há outro meio de transporte. Todos de bicicleta, para ir à escola, à machamba, etc. é uma coisa que se pode apreciar. Noutros sítios da Zambézia? Machambas, essa caça, e um lugar no Gilé com exploração do ouro; as pessoas cavam bem pelo ouro para o vender nas cidades. (HL9); Jogo de futebol no bairro, não têm campo e jogam mesmo na areia, pode-se assistir e sair de lá com comentários. (HL10); Pode-se assistir a corridas de bicicletas. Quelimane é conhecida como a cidade das bicicletas, porque é a cidade com mais bicicletas do país. Lá, o táxi é de bicicleta, em todo o lugar da cidade pode-se encontrar, entre as 5h e as 20h, e podem até acompanhar até a casa, e se a pessoa quiser pode dar boleia ao taxista. Eles fazem até viagens para outros distritos: Nicoadala. Podem levar a Zalala e a Madala. Parece que há mais bicicletas que [pessoas]. Os condutores de carro ficam stressados com a quantidade de bicicletas na estrada. É uma atividade que pode atrair. (HL10) As danças tradicionais também. O que ele gosta mais é do ritmo do tambor, aquilo faz flutuar a sua alma. (HL10); Atividades artesanais também, como os de palha. Acredita que não há turista que não saia sem o seu chapéu e cesto de palha. Se fizer isso, não visitou a cidade. (HL10); Uma atividade interessante no Molocué é a dos taxistas de mota, muito interessantes. (HL17); E para a parte de Quelimane ou de Milange, os táxis são feitos de bicicleta. É uma atividade muito interessante para nós. E faz com que muita gente viva s com base no pedir tenta fazer dinheiro 'fazendo táxi, há pessoas que por causa dessa atividade interessante, conseguem fazer dinheiro que sustenta eles, num dia só conseguem um valor que dá para sustentar a família deles por ¼ dias. É uma atividade interessante que ele viu nesta província. (HL17); Andar de bicicleta, nestes táxis de bicicleta, é uma atividade que está a moda aqui na província. Para a zona montanhosa, as escaladas que podem ser dadas nas montanhas. O turismo pedestre, fala-se muito que as pessoas devem andar para tirar o fôlego. Outra coisa que se deve aproveitar muito é a técnica da colheita do chá. Tenho sempre isso em mente, e acredito que tem de ser uma aposta para as chazeiras mudarem um bocadinho a sua atividade ou conciliarem a sua atividade com a atividade turística, para poderem passar um pouco essa experiência aos turistas, poderem saber as técnicas da colheita do chá, como é que o chá vai até à indústria, quais são os procedimentos que são feitos àquela planta até sair um chá refinado como nós vemos, o processo de empacotamento. Essas experiências haverão de ser muito boas serem desenvolvidas, assim como é desenvolvido em Portugal com o enoturismo, onde as pessoas participam nas atividades, até fazer -se o vinho, poderíamos usar para a questão das chazeiras a mesma filosofia do enoturismo. Há outras atividades, mas estas são as algumas das que podem ser aproveitadas. (HL25); Eles, quando chegam, primeiro controlam o ambiente, as atividades locais que são feitas, e se lhes interessar vão aproveitar para conhecer. Ver as atividades como são feitas, todo aquele processo. Ver o que predomina. Chega à praia de Zalala, encontra pessoas a pescar. Primeiro vêm e se começarem a gostar e forem atrevidas, vão pegar no anzol e começar a pescar. Em Quelimane os turistas quando vêm primeiramente correm para lá, para o Zalala Beach Lodge, vão-se refrescar. Estão de férias de serviço e de escola e querem apanhar fresco. Mas e dia a dia das pessoas? Em Zalala, as pessoas tomam banho, pescam, andam de canoa e de barco. Então quando eles chegam lá, interessam-se por uma das modalidades. Ou em natação, ou em pesca, ou em passeio pela canoa, pelo barco. O que apeetece a cada um. Ele quando vai lá gosta de fazer natação (HL28)
	Atividades do dia a dia local que podem despertar curiosidade no turista na localidade de Milevane (unidades de registo)	Feiras (HL29); Centro comercial do Mugema (HL29); Só se for essas montanhas aí, tem um lugar histórico guerra tem uma árvore grande que o povo considera como sagrada. (HL29); uma montanha que faz uma espécie de alpendre natural, mas entre pedras (HL29); fora do trabalho não vê: só trabalho, convívio, atividades artesanais, e outros (HL29)
	Atividades do dia a dia local que podem despertar curiosidade no turista na localidade de Milevane (descrição)	Em Nauela pensa que não tem lugares a não ser feira. Feira sim. Um turista num sábado ou num domingo pode perder o seu tempo porque de facto é um fenómeno novo. Na feira lá há gente, cada coisa que se vende, cada tudo ali. Pode-se perder 2, 3 4 horas lá sem se dar conta. Fora disso é o centro comercial no Mugema, que também não é grande coisa, e aqui, também não é que haja... só se for o lago, se tivesse uma limpeza, um barquinho, seria um largo importante, interessante. Uma vez apareceu um senhor com um projeto para fazer centro turístico aqui em baixo, um lago ali. Esperaram e não sabem se há de aparecer. Mas se aparecer, um centro turístico aqui por um parque e por um lago grande com um barco só para diversão acha que seria interessante. Fora disso tudo, sítios interessantes para diversão não está a ver. Só se for essas montanhas aí, tem um lugar histórico guerra tem uma árvore grande que o povo considera como sagrada. Quando o padre Elias esteve cá levava sempre as pessoas para aquele lugar, com a árvore, onde se diz que mataram crianças durante a guerra. Outro lugar que pessoalmente gosta é uma montanha que faz uma espécie de alpendre natural, mas entre pedras, se construíram pedras... É bonito. A gente no passado durante a guerra serviu como refúgio. Lá não se apanha sol nem chuva. Mas é só pedras, foi construído só entre pedras que se colocaram, parece que foi alguém que estava a colocar, mas são pedras grandes, de modo que é uma coisa natural. É interessante. Ele foi lá uma vez com os nudistas [turistas]. De facto com iniciativas, indo lá ver aquela coisa ali, seria um local muito interessante, mesmo para passar algum tempo, um lugar muito fresco. [a pergunta era sobre atividades, coisas que as pessoas fazem típicas da realidade africana/moçambicana] fora do trabalho não vê. Aqui as pessoas amanhecem a família preocupa-se em cuidar do campo e as crianças vão para a escola. Voltam, reúnem-se ali, a conversar, a fabricar cachaço, a fazer as atividades artesanais familiares, para não ficar a fazer nada vai fazendo a sua esteira. Mas são coisas que fazem espontaneamente nas famílias. A mãe vai pilando, o pai fazendo o seu cesto e aquilo. É o que faz a vida de cada dia. (HL29)
	Atividades do dia a dia local que podem despertar curiosidade no turista no distrito do Gurué (unidades de registo)	Pequenas indústrias, para além da indústria do chá (, a colheita, o transporte, os tratores, os trabalhadores, a fábrica e todo aquele processo), o processamento do feijão (HL31); a agricultura (HL31); ver área da saúde, infraestruturas, atividades económicas, comércio (HL31); não está a ver (HL32)

		<p>Atividades do dia a dia local que podem despertar curiosidade no turista no distrito do Gurúé (descrição)</p>	<p>Podem ver pequenas indústrias, para além da indústria do chá (, a colheita, o transporte, os tratores, os trabalhadores, a fábrica e todo aquele processo), o processamento do feijão (manual: seleção, classificação e todo o processo. Não é completo, é para exportação.), a agricultura (as machambas, etc.). Uma boa parte da mão de obra ativa são professores e vê-se de manhã a irem para o trabalho. Também área da saúde, infraestruturas, atividades económicas, comércio (venda na rua do que se produz, etc.) (HL31)</p>
		<p>O que os entrevistados mostrariam aos turistas na província de Nampula</p>	<p>Os animais, as montanhas, o património da nossa cultura (os vestígios da cultura moçambicana – painéis antigos, e outras coisas, que não viu mas que há lugares com esses objetos que os antepassados usavam), as coisas que o entrevistado mostraria, porque fazem parte do que viveram os seus avós e todos eles (HL1); Mostrar o que faz parte da sua cultura, a cultura macua, a sua realidade. É o essencial. Depois de mostrar a cultura, o turista podia dizer o que queria ver, qual é a sua necessidade, o seu propósito. E daí encaminhar, dentro das suas possibilidades. (HL4); A ilha de Moçambique, Angoche (praias), Lago Niassa, reserva Niassa, discotecas (HL6); Aquilo que é “nosso”, sobretudo o que é da cultura local, sobretudo porque a cultura está a desaparecer. O importante tinha de ser mostrado: o traje africano, e até o próprio local, a cultura em termos de práticas favoritas, de realizações, de atividades, é mais ou menos isso. É dessa forma que quando os turistas vêm ficam de alguma forma admirados, porque tem existido coisas interessantes, que eles chegam a acreditar que não é possível fazer-se. Por exemplo, no artesanato. Talvez porque pensam que por causa da má condição económica em África e em Moçambique não há quase nada de realizações, então ficam admirados quando veem essas coisas bonitas a serem feitas. (HL7); As praias que há na região de Nampula (HL8)</p>
		<p>O que os entrevistados mostrariam aos turistas no distrito de Alto-Molocué</p>	<p>Acha que nada. No Molocué só quando vieram padres de Portugal. E quando chegaram aqui começaram a ver danças, e alguns filmes também. Só que se esqueceu dos filmes. Se alguém viesse, um desses turistas, ele pedia para saber de onde vinha, ver fotos desses sítios, para o turista mostrar o modo de viver ao povo da Zambézia e a sua cultura. Mostraria filmes, teatros. Quanto a passeios, existem. Lembra-se quando veio alguém de Portugal e pediu aos jovens de cá para passear um pouco, ver como está Molocué, como se localiza, passeio. Quando eles vêm assim eles pedem e os jovens aceitam. EFEP na vila, anuotete (?) na vila, Nevava (a casa dos irmãos maristas, que tem o seu pomar, muito vasto, com criação de gado, principalmente bovino, é um lugar bonito, tão vasto, que quem chega lá há de gostar) (HL14); o modo de viver na vila, no distrito e a nível nacional. Como levam a vida cada dia, como sobrevivem. (HL15); para ele sente que os turistas deveriam ver o pequeno sistema de abastecimento de água, como estão a tentar água em casa. Também o sistema de captação de água, que está parado por falta de fundos de manutenção. Outro lugar são os lugares dos pequenos empreendedores, pessoas que por iniciativa própria fazem algo de renome, que dá para ver. Por exemplo, logo na entrada temos um lugar chamado céu azul; é um jovem empreendedor que está a criar as suas infraestruturas. Há muita coisa boa que dá para ver. (HL22); mostrar como a vila está, e dependendo deles, se estiverem interessados em saber mais é quando a gente leva para mostrar essas coisas: missão, Milevane, como é que foi, contar estas histórias, acompanhar numa visita ao monte Rurupe. É bonito, tem uma capela no cimo, que ela nunca subiu porque é muito medrosa. Mas tem mais do que isso. O dono é que vai investigar. Ele gostaria de chegar a um dado sítio, ouviu que há isto, então pode pedir a alguém para acompanhar. Diz que quer ir conhecer lá, chega lá, apresenta-se lá, é autenticado e alguém o vai acompanhar. Reserva um... na reserva do Gilé. (HL23)</p>
		<p>O que os entrevistados mostrariam aos turistas no distrito de Quelimane e na Zambézia</p>	<p>A cidade que tem belas paisagens. À entrada da cidade e a caminho da praia de Zalala há muitos coqueiros, são zonas das companhias, do Boror e Zambézia. São sítios bonitos de se ver e acampar. No distrito de Morrumbala também da para acampar, tem entre as rochas águas muito quentes, onde se ferve mandioca (posta dentro de um plástico) em 5 minutos e outros alimentos, também tem água morna, que pode ser usada no banho quando se acampa, já que a zona é mais fresca, e fria. No Chuabo Dembe, em Quelimane, também é bonito para visitar; é um mangal que transformaram em sítio de diversão, tem uma doca seca. Dentro da cidade tem uma salina. As companhias e as praias. A lagoa azul de Nicoadala, Mocuba e a cachoeira. Há muita coisa mesmo. (HL10); A cidade, as praias, os restaurantes para provar a comida local (HL27)</p>